

Geovani de Jesus Silva

Tempos cotidianos de professoras/es
fora da escola: outras histórias

Belo Horizonte

2014

Geovani de Jesus Silva

**Tempos cotidianos de professoras/es
fora da escola: outras histórias**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Doutora Inês Assunção Castro Teixeira

Belo Horizonte
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais
2014

Tese defendida e aprovada em 29/07/2014, pela banca examinadora constituída pelas/os professoras/es:

Profª Drª Inês Assunção de Castro Teixeira (UFMG)
Orientadora

Prof. Dr. Miguel Gonzalez Arroyo (UFMG)

Prof. Dr. Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (UFMG)

Profª Drª Jaqueline Grammont Machado de Araújo (UFSJ)

Profª Drª Valquíria Padilha (USP)

Belo Horizonte
2014

Às professoras e aos professores de Porto Seguro, que se dispuseram a participar desse trabalho, mesmo com tempos livres tão escassos.

Às minhas professoras e professores da Educação Básica, especialmente: Bel (da alfabetização), Gessy (da 4ª Série), Helena (da 5ª a 8ª), Ildelina (do Magistério), Raquel (do Magistério), ao professor Raul (do Magistério), que marcaram minha vida quando estudante e deixaram em mim, cada uma/um a sua maneira, um jeito nobre de ser professor.

A Bete, minha irmã, companheira de uma vida inteira, e na sua crença, de outras vidas também.

Às minhas filhas, irmãs, amigos e amigas que acompanharam de perto a feitura desta pesquisa.

A João Paulo Fantin (in memoriam), amigo, colega e sujeito dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À minha família: vó (in memorian), mainha, painho, tia, que mesmo sem saber ler e escrever, e/ou com pouca escolarização, me ajudaram a chegar nesse lugar, e em especial, às minhas irmãs (Bete, Cida, Flávia, Helene, Doia, Graça, Dalva), pelo apoio, preocupações, afagos e todas as coisas proporcionadas a mim, incondicionalmente, por toda a minha vida.

Às minhas amigas e aos meus amigos, em especial, Sueli Bianco, Edmundo, Branco, Neilton, Wander, pelo apoio, debates e demais suportes que me sustentaram nos tempos de estudo, bem como Pedro, Romana, Kal, Wilton e William que estiveram sempre à disposição.

A Célia e Kadu, por terem preparado uma residência em BH, para receber estudantes de outros lugares, como eu, e também a Fabiana, Diego, Luiz e Rose, pela companhia, quando eu sofria de banzo, com saudade da Bahia.

Às minhas colegas da Universidade Estadual de Santa Cruz, que apoiaram a minha saída para os estudos e me substituíram, enchendo seus tempos de mais trabalho, já que o governo do estado exige qualificação, mas não contrata substitutos para quem se qualifica.

Às/aos amigas/os e assistentes de pesquisa: Amanda, Daniel, Bernardo, Alexandre, que contribuíram imensamente para a produção desse trabalho.

A Teka por me ajudar na organização dos grupos focais dentre outras tantas contribuições.

Às/aos funcionárias/os da secretaria do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, e da biblioteca, por toda a atenção dispensada.

Às/aos professoras/es do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, em especial Nilma Lino, Shirley Miranda, Julio Emílio, Ana Galvão, Luis Alberto, Dute, dentre outras/os pela interlocução, indicação de leituras, dentre outras contribuições.

À Prof^a Inês Assunção de Castro Teixeira, pela cumplicidade, amizade, atenção, e por contribuir profundamente para minha formação enquanto pesquisador.

A Dr. Miguel Arroyo, Dra. Luciana Marques, Dr. Juarez Dayrell, pelas riquíssimas contribuições nos tempos de qualificação.

Às professoras e aos professores que participaram desta pesquisa, pela disposição, pelas histórias e pela autorização que me deram para falar sobre seus tempos cotidianos, nossas histórias.

RESUMO

O trabalho analisa as configurações do tempo de professoras e professores da Educação Básica fora da escola, a partir de elementos dos processos sócio-históricos que as constituem. A pesquisa tem como pressuposto a ideia de que a noção de tempo é uma construção histórica e cultural, que traduz uma síntese simbólica relativa ao fluir os movimentos da vida, da natureza, do mundo, dos acontecimentos (Norbert ELIAS, 1998), que envolve, entre outros aspectos, ritmos, durações e o trabalho da memória, das lembranças e as projeções dos indivíduos e grupos ao longo das suas histórias individuais e coletivas. Trata-se, ainda, de experiência e aprendizagem. Dentre os tempos sociais, o estudo focaliza o tempo livre, entendido como os tempos liberados das exigências profissionais e do trabalho assalariado. Entre eles, os períodos anteriores, posteriores e os interstícios das atividades laborais, como também os curtos e médios períodos de sua interrupção, tais como os feriados, finais de semana, e ainda os recessos e férias, respectivamente. Estas seriam ocasiões nas quais os indivíduos podem vivenciar atividades sob sua própria escolha, para sua satisfação e necessidades pessoais, dentre outras alternativas apresentadas em seus tempos cotidianos. Nos tempos livres incluem-se as atividades de lazer, descanso, regeneração, as necessidades biológicas, o cuidado de si, dentre outras, as quais variam de indivíduo para indivíduo e de um grupo social para outro (Erich WEBER, 1969; Norbert ELIAS e Eric DUNNIG, 1992). O estudo dos tempos de professoras e professores fora da escola, que em princípio, mas não de fato, seriam seus tempos livres, é pouco explorado nas pesquisas educacionais brasileiras, uma das razões pelas quais este trabalho discute tal questão. Procura-se oferecer contribuições e trazer à luz o problema da escassez de tempos livres nos tempos cotidianos dos docentes, fenômeno que afeta seus corpos, suas mentes, seus desempenhos no trabalho e onde seja, um fenômeno que traz prejuízos, tensões, conflitos e consequências nefastas à condição humana e existencial dessas/es trabalhadoras/es, questões evidenciadas nas descobertas da pesquisa. A pesquisa se inscreve numa perspectiva sociológica, nos âmbitos da Sociologia do Trabalho e da Sociologia das Profissões e de uma Sociologia do Tempo, que tem alcançado uma relativa consolidação na literatura sociológica. Os sujeitos da pesquisa foram professoras e professores das redes públicas e particular de ensino de Educação Básica da cidade de Porto Seguro (Bahia, Brasil), os quais investigamos através da aplicação de questionários, da realização de entrevistas semi-estruturadas individuais, gravadas, e de grupos focais. Usamos também, como procedimento

metodológico para a recolha de informações, correspondências/mensagens internautas, sendo que o período de campo transcorreu entre janeiro e dezembro de 2013. O trabalho está organizado em três planos analíticos: o primeiro contém um espectro geral dos tempos das/dos professoras/es fora da escola, tempos teoricamente livres, ou seja, elabora-se um traçado geral dos fazeres e viveres daquelas/es professoras/es nos seus tempos cotidianos fora da escola. O segundo discute as formas de comportamento no tempo livre, ou seja, os processos de suspensão, compensação e regeneração (Erich WEBER (1969)). O terceiro plano busca compreender os desafios, tensões e conflitos inscritos nos viveres dos tempos cotidianos das/dos professoras/es fora da escola, bem como as estratégias e táticas mobilizadas pelas/os docentes pesquisadas/os para conciliar os tempos de trabalho com seus ditos tempos livres. Nos compassos e viveres dessas muitas outras histórias de professores e professoras, tornou-se evidente, entre as descobertas da pesquisa, que ambos vivem subsumidos, tensionados, em conflito entre a escassez do tempo livre e a sobreposição de trabalhos sem fim. Seus períodos fora da escola, que seriam tempos livres, se transmutam em períodos tantos de trabalhos outros. Conclui-se, entre outras descobertas do estudo, que os tempos cotidianos desses/as professores/as, fora da escola, não são propriamente tempos livres, porque são tempos de outros trabalhos. É uma experiência marcada pela atividade laboral, pelo desafio de articular as várias situações, momentos, durações e ritmos do dia a dia às cadências e exigências do trabalho docente. É, sobretudo, uma arquitetura temporal imbricada na condição histórica dos tempos modernos, tempos mercantis, com seus desdobramentos nas temporalidades da escola e da docência, nos quais os mestres e mestras vão tecendo o tempo que os tece em modos de viver e de ser, em presentes, pretéritos e devires históricos individuais e coletivos.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Tempos Docentes; Tempo Livre; Professoras/as; Tempos Cotidianos.

ABSTRACT

This work analyses the configurations of basic education schools teachers and their time outside school, taking into account aspects from the socio-historical processes that constitute them. The research has as its assumption that the notion of time is a historical and cultural construction, which translates a symbolic synthesis related to how life happenings, nature, world, events flow (Norbert ELIAS, 1998), which involves, among other aspects, rhythms, durations and how the memory, remembrances and individuals and groups projections work throughout their individual and collective memories. Moreover, it deals with experience and learning. Among social periods of time, this study focuses on free time, which is understood as those free periods from any professional demands and paid employment. Among those periods, there are previous, subsequent and interstices ones of working activities as well as short and medium periods of interruption, such as holydays, weekends, vacation, respectively. Those would be occasions when individuals could experience activities chosen by them, in order to have satisfaction, fulfill their personal needs, among other alternatives they may have in their everyday life. Some actions are included in free time such as leisure activities, resting periods, regeneration, biological needs, taking care of themselves, among other actions which vary from individual to individual and from one social group to another (Erich WEBER, 1969; Norbert ELIAS and Eric DUNNIG, 1992). The study of teacher's time outside school – in principle, it is not their free time in fact – is little explored by Brazilian educational researches, one of the main reasons why this work discusses the problem. It intends to contribute and bring to light the problem of scarce free periods of time in teachers' everyday life, a phenomenon which affects their bodies, their minds, their performances at work and other places. Besides, it is a phenomenon which is prejudicial, causes tensions, conflicts and has terrible consequences to both human and existential condition of these professionals. Such problems rose during the research. The research is circumscribed in a sociological perspective – Sociology of Work, Sociology of Professions and Sociology of Time fields – which has achieved a relative consolidation in sociological literature. The subjects of the research were both public and particular teachers of Porto Seguro's (Bahia, Brasil) basic education schools, who we investigated through questionnaires, taped individual semi-structured interviews and focal groups. In addition, in order to gather information, we used as a methodological procedure electronic mail/messages, taking into account that the field research occurred from January to December 2013. In this sense, the text is organised in three analytical parts: the first one contains a general spectrum of teacher's periods of time, theoretically periods of free

time, in other words, it is elaborated a panorama of their doings and livings in their free time outside school. The second part discusses their behaviours in their free time, that is, the processes of suspension, compensation and regeneration (Erich WEBER (1969)). The third part attempts to understand the challenges, tensions and conflicts of teacher's everyday periods of time outside school as well as strategies and tactics used by those teachers in order to conciliate working periods with their free times. Considering these teachers' lives and stories, among the research's findings, it was clear that they live subsumed and under stress, conflicted with their scarce free time and the overlapping of endless work. Their periods of time outside school, which would be considered free time, transmute in periods of time to do another tasks. It is concluded that these teachers' everyday periods of time outside school cannot be considered free time *per se* because they correspond to another types of work. It is an experience marked by labour activity as well as challenge of articulating several situations, moments, durations and rhythms of everyday life in order to accomplish teaching workload. Mainly, it is a temporal setting related to historical condition of contemporary working times, with its developments in school and teaching temporalities, in which teachers are dealing with time, time that shapes their way of living, in present and past times, with individual and collective historical moments.

KEYWORDS: Time; Teachers' Periods of Time; Free Time; Teachers; Everyday Periods of Time.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
AC – Atividade complementar.
ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.
APLB – Associação de Professores Licenciados da Bahia (Costa do “Descobrimento”).
ANPOCS – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
BAHIATURSA - Empresa de Turismo da Bahia S. A.
CAPES – A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
COEP – Comitê de Ética em Pesquisa.
CPS – Congresso Português de Sociologia
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
EJA – Educação de Jovens e Adultos
FAE – Faculdade de Educação.
FAFICH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
GAME/UFMG – Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais –Universidade Federal de Minas Gerais.
GESTAR – Programa Gestão da Aprendizagem Escolar.
IBGE –Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
ICATUS – International Classification of Activities for Time-Use Statistics.
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira.
INSS – Instituto Nacional do Seguro Social
PEA – Instituto de Pesquisa Aplicada.
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
MPB – Música Popular Brasileira
OCDE – Organização para Cooperação do Desenvolvimento
OIT – Organização Internacional do Trabalho.
ONU – Organização das Nações Unidas.
PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio.
PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa.
PSF – Posto de Saúde da Família
REDA – Regime Especial de Direito Administrativo
RED ESTRADO – RedLatinoamericana de Estudios sobre Trabajo Docente.
SCIELO – Scientific Electronic Library Online.
SIPD – Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares do Instituto.
SPM –Secretaria de Políticas para as Mulheres.
TLCE – Termo de Livre Consentimento Esclarecido
UNIFEM – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres.
USP – Universidade de São Paulo
SPSS – Software Statistical Packge for the Social Science
Libras – Língua Brasileira de Sinais

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: População de Porto Seguro – 1991 a 2013	48
Gráfico 02: Número de homicídios para 100.000 hab. - 2013	50
Gráfico 03: Número de docentes da Rede Pública de Ensino	52
Gráfico 04: Número de docentes da Rede Particular de Ensino	53
Gráfico 05: Rotinas em família por período semanal – por sexo	88
Gráfico 06: Professoras/es em relação a rede de ensino onde atua – por sexo	89
Gráfico 07: Jornadas das/os professoras/es pesquisadas/os – por sexo	90
Gráfico 08: Renda pessoal mensal das/dos docentes – por sexo	92
Gráfico 09: Origem da renda – por sexo	93
Gráfico 10: Trabalhos da docência – por sexo	95
Gráfico 11: Trabalho doméstico – por sexo	95
Gráfico 12: Trabalho complementar de renda – por sexo.	95
Gráfico 13: Trabalho administrativo da casa – por sexo.	96
Gráfico 14: Descanso semanal – por sexo.	98
Gráfico 15: Provisão das necessidades humanas por sexo	99
Gráfico 16: Prática de alimentação em horas convencionais por sexo	100
Gráfico 17: Relacionamentos Amorosos – por sexo	104
Gráfico 18: Prática sexual – por sexo	106
Gráfico 19: Cuidados com a saúde por sexo	108
Gráfico 20: Cuidados com o corpo – por sexo	108
Gráfico 21: Atividades físicas – por sexo	108
Gráfico 22: Sociabilidades virtuais e presenciais – por sexo	110
Gráfico 23: Lazer intelectual por sexo - por sexo.	112
Gráfico 24: Lazer domestico por sexo	112
Gráfico 25: Lazer na cidade por sexo	112
Gráfico 26: Prática de Jogos em Geral – por sexo	112
Gráfico 27: Opção religiosa por sexo - por sexo.	114
Gráfico 28: Prática religiosa - por sexo.	115
Gráfico 29: Frequencia semanal da prática religiosa - por sexo.	116
Gráfico 30: Realização de atividade religiosa semanalmente - por sexo.	117
Gráfico 31: Participação em formação continuada – por sexo.	119
Gráfico 32: Participação em atividade sociopolítica – por sexo.	120
Gráfico 33: Realização do trabalho da docencia fora da escola – por sexo	126
Gráfico 34: Tempo médio semanal dedicado a atividade da docencia – por sexo	127
Gráfico 35: Realização de trabalho doméstico – por sexo	156
Gráfico 36: Horas semanais dedicadas ao trabalho domestico – por sexo	162
Gráfico 37: Horas semanais dedicadas as/aos filhas/os – por sexo	164
Gráfico 38: Compartilhamento do trabalho doméstico em casa – por sexo	169
Gráfico 39: Tempos dedicados aos amigos semanalmente – por sexo	182
Gráfico 40: Acesso a internet – por sexo	186
Gráfico 41: Frequencia do acesso a internet – por sexo	187
Gráfico 42: Acesso às redes sociais - por sexo	190
Gráfico 43: Frequencia do acesso às redes sociais - por sexo	191
Gráfico 44: Redes Sociais mais acessadas pelas professoras - por sexo	192
Gráfico 45: Redes Sociais mais acessadas pelos professores - por sexo	192
Gráfico 46: Expectação televisiva – por sexo.	203
Gráfico 47: Horas semanais dedicadas a expectativa televisiva – por sexo.	204

Gráfico 48: Costume de ler fora da escola - por sexo	206
Gráfico 49: Gênero de leitura apreciados – por sexo	207
Gráfico 50: Horas semanais dedicadas a leitura – por sexo	208
Gráfico 51: Costume de assistir a filme – por sexo	209
Gráfico 52: Horas dedicadas para assistir a filmes - por sexo	210
Gráfico 53: Costume de ir ao teatro - por sexo	211
Gráfico 54: Costume de ouvir música – por sexo	213
Gráfico 55: Frequencia em que ouve música – por sexo	215
Gráfico 56: Costume de ir à praia – por sexo	218
Gráfico 57: Frequencia a praia – por sexo	220
Gráfico 58: Participação em festa – por sexo	224
Gráfico 59: Frequencia em festas – por sexo	225
Gráfico 60: Consultas médicas – por sexo	261
Gráfico 61: Frequencia em consultas médicas anualmente – por sexo	264
Gráfico 62: Professoras/es que já se afastaram do trabalho, po motivo de saude – por sexo	265
Gráfico 63: Horas diárias de sono – por sexo	269
Gráfico 64: Práticas de atividades físicas – por sexo	271
Gráfico 65: Frequencia da prática das atividades físicas – por sexo	273
Gráfico 66: Cuidados com o corpo – por sexo	280
Gráfico 67: Frequencia em que os docentes cuidam do corpo – por sexo	282

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Número de alunas/os matriculadas/os – 1997-2003	51
Tabela 02: Tempos dedicados ao trabalho escolar	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – DELINEAMENTO, ORIGEM DO PROBLEMA E PERCURSOS METODOLÓGICOS	25
1.1. O problema de pesquisa	26
1.2. A noção de tempo na contemporaneidade	27
1.3. Relação entre tempos de trabalho e tempos livres	33
1.3.1. As formas sociais do tempo livre	36
1.4. Recentes reformas da Educação Básica e os tempos docentes: breve discussão	39
1.5. Tempo Livre e as relações de gêneros	44
1.6. Contexto sócio-histórico da pesquisa: Porto Seguro, a Região, a Educação Básica	46
1.7. A abordagem, o percurso metodológico e os sujeitos da pesquisa	54
CAPÍTULO II – NOS TEMPOS COTIDIANOS DOCENTES: O ESPECTRO DO TEMPO LIVRE	78
2.1. A rotina	83
2.2. Tempos de trabalho na escola: excessivas jornadas	88
2.3. Tempos livres: um espectro	93
CAPÍTULO III - O TRABALHO SEM FIM E A SUSPENSÃO DO TEMPO LIVRE	124
3.1. Trabalhos da Docência realizados fora da escola	126
3.2. Tempos das tarefas domésticas: a reprodução da força de trabalho	155
3.2.3. Tempos de trabalho para complementar a renda	173
CAPÍTULO IV - SOCIABILIDADES, PRÁTICAS CULTURAIS E LAZER NOS TEMPOS LIVRES DOCENTES	176
4.1. Sociabilidades	179
4.2. Lazer e outras práticas culturais	196

4.3.	Entre mulheres e homens: quem pode se divertir mais?	232
4.4.	Sentimentos quanto aos tempos do lazer: satisfação, insatisfação falta/ausência	246

CAPITULO V – NAS FACES DO CORPO: 242
A ESCASSEZ DO TEMPO LIVRE E SUAS CONSEQUENCIAS

5.1.	Tempos de corpos que não cessam	244
5.2.	Tempos de um corpo presente/ausente	254
5.3.	Tempos de cuidado e tratamento do adoecimento dos corpos	260
5.4.	Formas ativas e passivas de regeneração do corpo	268
5.5.	Tempos do corpo na casa, tempos do embelezamento	274
5.6.	Tempos de um corpo em festa: o carnaval	283

CAPITULO VI – TEMPOS FORA DA ESCOLA/TEMPOS LIVRES DOCENTES: 286
TENSÕES E DESAFIOS

6.1.	Desafio de conciliar excessivos tempos de trabalho e de escasso lazer	287
6.2.	Desafio de conciliar tempos de trabalho e tempos da família	297
6.3.	Desafios de conciliar tempos de trabalho e tempos de estudos	305
6.4.	Desafios de adequar tempos livres e “ <i>tempos financeiros</i> ”	308

CONSIDERAÇÕES FINAIS	311
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	316
ANEXOS	324

INTRODUÇÃO

A noção de tempo é uma invenção da humanidade, uma construção social, uma síntese simbólica apreendida desde os primeiros anos de vida dos indivíduos e transmitida de geração em geração.

As experiências temporais variam de grupo humano para grupo humano, de um momento histórico para outro, são múltiplas em suas manifestações, o que indica a construção de formas sociais do tempo. Essa construção ocorre, fundamentalmente, através da memória. Mulheres e homens vão sintetizando os acontecimentos do transcurso de suas vidas, os quais vão se tornando referência um para o outro, constituindo uma sucessão de fatos de longa e de curta duração. Sendo assim, as pessoas vão tecendo suas biografias, suas histórias, compõem suas experiências temporais e nelas incorporam sentimentos, sentidos, saberes, fatores afetivos, emocionais e cognitivos. É nessa processualidade sócio-histórica e cultural que cada época, sociedade e indivíduo constroem noções diferentes de tempo.

Desse modo, buscaremos investigar as configurações da experiência do tempo de professoras e professores fora da escola, bem como os processos sócio-históricos e culturais em que essas se inscrevem, qual seja, quais circunstâncias as produzem.

É importante destacar que o trabalho não pretendeu apenas descrever o que as/os docentes fazem e o que deixam de fazer em seus tempos livres, mas, também, considerar os elementos que circunscrevem suas experiências. Ou seja, discutir e analisar as condições sócio-históricas, econômicas e culturais em que vivem; as sociabilidades construídas nesses tempos; a dinamicidade e o ritmo dos acontecimentos vividos em seus tempos livres; os processos de compensação através do lazer e outras atividades culturais, bem como de regeneração do corpo, após as jornadas de trabalho, dentre outros. De outra parte, nessas temporalidades também se inscrevem clivagens de gênero, de condição laboral, de situação conjugal, dentre outras, que são indubitavelmente matizes que alteram as construções temporais dos indivíduos, que produzem nuances nos ritmos e cadências de suas experiências.

Além disso, compreendemos que nos processos de modernização e de desenvolvimento do capitalismo, os ritmos e durações temporais se tornaram objeto de compra e venda, sendo controlados e vigiados, associando-se à lógica do relógio e do mercado. O tempo mercantilizado chegou a todas as categorias laborais, alcançando as/os trabalhadoras/res docentes, que

vivem imprensadas/os entre os tempos da escola e os tempos de sua vida privada, entre o excesso de tempo de trabalho e a falta de tempo livre, situações que as/os fazem deparar com um conjunto de desafios, tensões e conflitos associados às suas experiências temporais.

Nos compassos das trajetórias docentes, não podemos deixar de ressaltar que tanto o trabalho quanto a vida das professoras e dos professores são marcados pelo desafio de conciliar e articular os seus diversos tempos, sob a noção de medição e regulação, de sentimentos, experiências que são construídas socialmente, sempre associadas aos tempos da escola. Essas experiências são dinâmicas, redimensionadas e ressignificadas constantemente em suas práticas sociais e culturais, seja na escola ou fora dela. As/os docentes vão construindo um ritmo próprio, individual e coletivo, em seus tempos cotidianos de curta e longa duração, composto por atividades plurais, repetitivas e inéditas, previsíveis e imprevisíveis.

Também nessas trajetórias não se pode ignorar a centralidade dos tempos de trabalho escolar na vida das/os docentes, imbricados nos tempos da família, do lazer, dentre outros, mesmo porque não é possível isolar a docência dos indivíduos que a exercem, nem mesmo instaurá-la fora das suas trajetórias humanas, das suas relações com os outros e dos seus lugares de vivência. Contudo, professoras e professores vivenciam tempos intensos de trabalho, que têm causado não somente a expropriação dos tempos livres, mas também a exaustão do seu corpo. Desse modo, os tempos que seriam para o lazer, para a família, para o ócio, para o cuidado de si e de outros, lhes são usurpados, tirando-lhes o direito de viverem tais experiências temporais fora da escola, situação que se transforma em desafios a serem enfrentados cotidianamente pelos/as docentes.

Podemos afirmar que esta problemática está imbricada em processos e dinâmicas sócio-históricas, porque professoras e professores são criadas/os por suas histórias, ao mesmo tempo em que são as/os criadoras/es delas. São sujeitos socioculturais que vivem permanentes tensões, emoções, escolhas, renúncia, tanto no campo pessoal, quanto profissional, construindo constantemente conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmos. Também porque a noção e as formas de cômputo temporal são construções sócio-históricas, nas quais o trabalho docente é construído e interpretado por elas e eles.

De outra parte, analisar a articulação entre os tempos docentes fora da escola, bem como seus desdobramentos, é importante para compreender o quanto eles são densos e contraditórios. Fora da escola, professoras e professores se preparam para exercer a função docente: planejam, organizam, ressignificam a sua prática; sofrem e se alegram com os resultados obtidos; revigoram-se e se fortalecem para cumprir outras jornadas (do trabalho doméstico-

co, da gestão familiar, do cuidado de si, dentre outras), além de atividades complementares de renda, tão comuns entre as/os docentes, devido à baixa remuneração pelo seu trabalho.

Quanto à escolha desta temática, decorreu de muitos fatores, o primeiro deles, a reflexão sobre minha própria experiência temporal. Em minha infância, quando vivia no campo, sem utilizar relógios, minha mãe e minha avó se utilizavam de elementos da natureza como marcadores temporais: o cantar do galo indicava o amanhecer; se o orvalho do capim secava, já eram dez horas; se o sol estava no meio do céu, já era meio dia; se a passarada retornava da direção para onde fora pela manhã, já era o entardecer. Além dessas indicações, a plantação era organizada pelas fases da lua, e os dias de santo marcavam o início do plantio ou da colheita. Naquela época, queria muito entender aquela relação dos meus pais com as cadências do tempo, mas não fazia ideia de que elas eram construções milenares, que marcaram as primeiras experiências de grupos culturais, relativas à noção de tempo. O relógio não nos fazia falta. Vivíamos sem nos preocupar com as horas que passavam, muito menos com a folhinha, como era chamado o calendário, que estava sempre atrás da porta.

Quando comecei a estudar em uma escola multisseriada, no campo, a professora proporcionou-me outra experiência do tempo: passei a cumprir horários estabelecidos para a organização escolar, mesmo sem saber da sua importância. A noção de tempo na escola onde aprendi as primeiras lições era diferente daquela vivida em casa. Ali era marcado pelo calendário, os horários e o relógio: havia tempos para entrar e sair, para ler, escrever, brincar, para decorar parlendas e músicas, dentre outros; existia uma sineta que anunciava o início e o término da aula e do recreio. Talvez esse tenha sido o primeiro instrumento de controle temporal a que tive acesso, além de um rádio de banca, que era ligado em casa, logo ao amanhecer, e desligado no momento de dormir, com o objetivo não só de ouvirmos músicas e notícias, mas também saber as horas.

Não posso deixar de lembrar os tempos vividos fora do trabalho e da escola. Eram tempos livres de qualquer ocupação. As idas e vindas da escola, realizadas sem carro, no percurso de aproximadamente três quilômetros, transformavam-se numa festa. Aliás, carro era muito raro naquela estrada, somente havia pastos e animais. Também guardo com saudade os tempos memoráveis vividos com a minha avó, uma mulher além do seu tempo, que nos proporcionou saberes imprescindíveis para uma vida inteira, além dos tempos de brincadeiras no outeiro da nossa casa, das festas juninas e tantas outras festas que o meu pai inventava. Paraphrasing Mário Quintana (2005), no campo *eu nem olhava o relógio, seguia em frente, jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas*.

Nos idos anos 80, minhas irmãs maiores já estavam em séries adiantadas, as quais já não existiam na escola do campo. Além disso, a escola ficou sem professora. Naquela época, o proprietário da fazenda comprometia-se em manter as professoras em uma casa próxima à escola, enquanto o município responsabilizava-se pelos salários e manutenção do prédio escolar. Apesar de cumprirem com tais responsabilidades, nem sempre era fácil encontrar alguém com disponibilidade para trabalhar numa escola do campo. Sendo assim, a ausência de professor/a, para mim, e a inexistência de séries mais avançadas, para minhas irmãs, contribuíram para várias mudanças em nossas vidas.

A princípio, cogitou-se a ideia de morarmos na cidade de Itapetinga, localizada cerca de 90 km da fazenda em que nossos pais trabalhavam, e onde minhas irmãs mais velhas já se encontravam, acompanhadas por minha tia, uma mulher que doou a sua vida pelas/os sobrinhas/os. Embora essa distância não seja tão grande, criava obstáculos para as visitas, numa época em que os animais eram o principal meio de transporte. O medo dos meus pais, em manter as/os filhas/os pequenos distante, foi primordial para a decisão de que todos deveriam morar mais próximos à fazenda. Assim, em 1980 nos mudamos para Itaimbé, lugarejo localizado a 12 km, uma distância apropriada, já que todos faziam o percurso ida e volta, a pé. Passamos a ser acompanhadas/os e educadas/os por minha tia, durante o ano letivo; nas férias, voltávamos à fazenda, para auxiliar nossos pais no trabalho de cuidar da terra, plantar e colher.

Gradativamente, a minha noção de tempo mudou. As experiências das minhas irmãs e dos meus irmãos mais velhas/os eram outras. Viveram anos na cidade, trouxeram na bagagem relógios, uma TV e um conjunto de marcadores temporais que eu não conhecia, sintetizavam os acontecimentos em noções temporais que fui apreendendo aos poucos; no início, sem fazer muita relação, mas depois tudo parecia fazer sentido. Minha tia passou a lembrar dos nossos aniversários, impor uma rotina diária, conversar sobre os acontecimentos, contar histórias sobre os remanescentes da nossa família, construindo novas temporalidades, recheadas de sentimentos, afetos e sentidos.

Adiante, na escola, havia um horário estabelecido para tudo. Eram outros ritmos, talvez pela própria configuração da escola urbana. Não era mais uma sala multisseriada, as/os alunas/os estavam no mesmo nível de ensino e em faixas etárias muito próximas. A dinâmica dos estudos também não era muito parecida, eram outros ritmos, a intensificação das atividades mudou significativamente. Fui construindo outras experiências do tempo, principalmente porque era comum a preocupação de todos com o horário e as horas, tanto que a professora, além de demonstrar como o relógio funcionava, ensinava rotineiramente como ler as horas no

relógio de ponteiro. A maior surpresa foi perceber que a maioria das/os colegas portava um relógio de pulso, parecia que as pessoas viviam em função dele.

Lembro-me da voz alterada da professora, pedindo para não perder tempo com conversas e com brincadeiras, e aquilo tudo era tão novo, que eu me anulava no canto da sala, observando aquelas pessoas e seus comportamentos. Como disse Florbela Espanca¹, eu não sentia o deslizar do tempo através de mim, era eu que deslizava através dele, forjando em mim uma preocupação com os minutos que passavam e com aqueles que ainda viriam, era um misto de aprendizagem e amargura.

O meu corpo começava a sentir outras mudanças temporais. A passagem da infância para a adolescência e a necessidade de autossustentação chegaram juntas. Naquela época, uma das minhas irmãs já era professora, e outras duas estavam por concluir o Magistério, fator preponderante para que eu também escolhesse ser professor. Tornei-me professor por volta dos 14 anos, era leigo. Comecei a dar banca² em casa, para alunas e alunos de séries distintas; pelo trabalho, recebia por hora ou por mês. Os meus tempos eram dedicados à escola, ao trabalho, à igreja e ao teatro amador. As novas responsabilidades fizeram-me conviver com outras experiências temporais, mais arrojadas, com a presença constante do calendário, da agenda. Sob o controle do relógio, passei a vender tempo e a controlar os tempos das aulas e das/os alunas/os que frequentavam a banca.

Ao migrar para o Ensino Médio, tive novamente que mudar de localidade. Trabalhava dois turnos na escola pública, estudava em outro e, em um quarto turno, fazia os trabalhos da casa, pois morava sozinho, além de realizar as atividades do Ensino Médio e da docência. Comecei então a reclamar da falta de tempo: *não tinha tempo para estudar, para o lazer; tinha a impressão que as atividades da docência consumiam o meu tempo*. As tensões foram ainda maiores após a constituição de uma família própria, pois era muita coisa e muitos acontecimentos para organizar no tempo de que eu dispunha. A chegada das filhas exigiu-me mais trabalho e mais dedicação de tempo à família, sob uma pressão indescritível.

Minha biografia é marcada por sucessivos deslocamentos. Para cursar o Ensino Superior, tive que mudar de cidade novamente, pois a universidade pública mais próxima estava a aproximados 300 km da minha casa. Nesse período, houve uma intensificação e ampliação das minhas jornadas laborais. Estava sempre entre a escola, a casa e a universidade, realizando a minha formação acadêmica docente, refletindo sobre o magistério e trabalhando muito

¹Intertextualidade produzida a partir do poema de Florbela Espanca, “Diário do último ano”, publicado em 1930.

para sustentar a mim e à família, de quem já estava separado. Até então era a minha experiência temporal, sem pensar na dos outros. Talvez eu pensasse, não posso afirmar, que todos sofriam com o tempo, que as experiências temporais eram homogêneas. Por outro lado, eu não tinha tempo para pensar nas experiências temporais dos outros.

Após concluir o Ensino Superior, fui trabalhar em Porto Seguro, como coordenador do trabalho pedagógico em uma escola pública da Educação Básica³, cujo quadro docente era composto por 28 mulheres e 13 homens. Nos primeiros anos eu concordava com a lógica temporal da escola, com a rigidez, com cobranças de cumprimentos de prazos para as metas planejadas. Comportava-me como um supervisor dos tempos docentes, sem me preocupar com as condições de trabalho e os sentimentos daquelas pessoas, sem refletir sobre a minha própria experiência do tempo, que era tão semelhante.

Com o tempo de convivência com as/os colegas professoras/es, passei a prestar atenção em seus relatos sobre o tempo⁴. Elas/es diziam: *“Gostaria que houvesse escolas que funcionassem na madrugada, assim teria tempo para trabalhar mais um turno”*; *“Parece que o meu tempo está encurtando: mal chego a casa e começo a fazer as coisas, já é meia noite, mal durmo, é hora de levantar para trabalhar de novo”*; *“Gostaria que o tempo parasse”*; *“Não tenho tempo para ler, para diversão, para sair”*; *“Às vezes fico a pensar que passo o tempo todo cuidando dos filhos dos outros, mas não cuido dos meus próprios filhos”*.

A partir de então, comecei a compreender que sofríamos do mesmo mal: escassez de tempo para outras coisas e excesso de trabalho. O sentimento expresso pelas/os colegas também era o meu, mesmo tendo uma quantidade menor de trabalho da docência do que elas/es, pois só levava as atividades de um turno para corrigir em casa, tinha poucas aulas para preparar.

Eu estava sempre com os problemas da escola comigo. Era uma época de poucas/os professoras/es com formação superior, a maioria delas/es só tinha o Normal Médio ou era bacharel. Assim, organizar o trabalho pedagógico era uma luta constante. Além disso, eu era um professor que trabalhava três turnos, era pai solteiro de duas meninas, e muitas vezes não chegava a casa a tempo de dar-lhes um beijo antes de dormir, de ensinar-lhes a atividade de

²Banca é a aula particular para alunas e alunos, nos seus contraturnos escolares, quando elas e eles têm dificuldades nos componentes curriculares dos seus cursos. Ela tanto pode ser realizada em grupo, quanto individualmente.

³Trato aqui de minha experiência como coordenador pedagógico no Bairro Baianão - Periferia de Porto Seguro (Bahia), no período de 1998 a 2010, em uma escola com 15 salas de aula, a qual funcionou até 2005, com quatro turnos seguidos, por falta de escolas no bairro.

⁴ Trata-se de relatos registrados em meu diário de bordo da coordenação, escrito no período do atendimento às/aos professoras/es, para elaboração do planejamento e/ou para discussão sobre suas práticas.

casa, de sair para nos divertirmos, porque o trabalho estava exaurindo as forças do meu corpo: eu estava constantemente cansado.

Essa experiência profissional com outras/os docentes proporcionou-me uma profunda reflexão sobre a minha relação com o tempo, incorporando-lhe nuances que estavam explícitas, mas não conseguia enxergar. Eu e as/os colegas vivíamos na correria, de escola para escola, de uma sala de aula a outra, transitando de um conteúdo a outro, de casa para a escola e da escola para casa, em cadências marcadas pelos relógios, horários e calendários. Não íamos a casa almoçar, nos alimentávamos ao mesmo tempo em que planejávamos aulas, principalmente porque a escola trabalhava em quatro turnos ininterruptos. Éramos movidas/os pela necessidade e sentimento de que era preciso aproveitar o tempo e compatibilizar as tarefas profissionais com as nossas responsabilidades de mães, pais, cidadãos, consumidores, dentre outras. Estávamos todas/os no mesmo barco; a diferença é que a experiência de um era sempre mais complexa do que a de outros. Enquanto na minha casa existia uma pessoa tomando conta das minhas filhas até eu chegar, havia filhos e filhas de outras/os trancadas/as em casa, sozinhas/os. Do mesmo modo, enquanto eu saía daquela escola e ia imediatamente para a escola do Ensino Médio, outras/os iam para suas casas, descansar ou fazer trabalhos da casa, da faculdade, da própria docência. Nosso tempo cotidiano era composto por muito tempo de trabalho e pouco tempo livre.

Não obstante, mesmo diante da escassez de tempo livre, de algum modo ainda havia momentos de entretenimentos e práticas culturais, quer seja entre amigas/os e familiares, na praia, no próprio bairro, dentre outros. Eram tempos curtos, impresados, fraturados, mas existiam, não sabíamos como eram construídos e de que outros tempos eram tomados. Mesmo exauridos por causa do trabalho, havia sempre histórias a contar sobre o final de semana, sobre uma noite, um feriado, um final de tarde, um dia na praia. Dessa maneira, havia, de certo modo, uma articulação para que outros tempos fossem vividos.

Esses viveres, observações e reflexões revelaram-me a relevância de debruçar-me sobre a problemática do tempo, investigá-lo enquanto categoria inerente ao trabalho e à vida de professoras e professores. Dessa maneira, estamos, pois, a perguntar como se configuram a experiência dos tempos cotidianos de professoras e professores fora da escola, bem como os processos sócio-históricos e culturais em que essas se inscrevem, a saber, as dinâmicas sócio-históricas que as circunscrevem e produzem.

Quanto a sua estruturação, o trabalho constitui-se de seis capítulos. O primeiro discute o delineamento, a origem e o percurso metodológico, situando o problema nos estudos da Sociologia do Tempo. Na primeira seção apresenta uma reflexão teórico-conceitual que apre-

senta a noção de tempo como uma construção histórico-social; na segunda, discute a abordagem, os caminhos metodológicos e apresenta os sujeitos da pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos os traçados gerais dos tempos cotidianos fora da escola, das professoras e professores pesquisadas/os, tomando como plano teórico-conceitual, as categorias utilizadas por Eric Dunning e Norbert Elias (1992), para classificar preliminarmente as atividades de tempo livre. Primeiro apresentamos as rotinas e em seguida as jornadas excessivas de trabalho como seu eixo estruturador, em seguida, o espectro vai se formando ao inserirmos nas rotinas as atividades praticadas pelos sujeitos da pesquisa em seus tempos cotidianos, dentre outras, as atividades de lazer e de outras práticas culturais e o provimento das necessidades humanas.

No terceiro capítulo, a partir do pensamento de Jurgen Habermas (1982), Theodor Adorno (2009), Hebert Marcuse (1967) dentre outros, apresentamos como as atividades laborais, sejam relacionadas ao trabalho principal, como aquelas relacionadas a casa, a complementação de renda, dentre outras, suspende abruptamente aos tempos que convencionalmente deveriam ser livres, ou seja, tempos liberados do trabalho, contudo são ocupados por mais trabalho, condicionados pelas necessidades humanas, pelo consumo, pelos negócios de lazer, pela indústria cultural, dentre outros fatores. Descoberta que nos faz inferir que esses tempos, segundo os autores, nunca foram livres, nem de escolha dos indivíduos, estão sempre determinados, presumidos e governados.

Nos dois capítulos a seguir, completando a discussão dos tempos cotidianos docentes, apresentamos as atividades de tempo livre vivenciadas pelos sujeitos pesquisados, sob três formas diferentes, contudo, relacionadas entre si: no quarto capítulo apresentamos e discutimos as atividades de possível compensação das sequelas e desgastes provocados pelo trabalho, e no quinto capítulo discutimos a forma do tempo livre como regeneradora das energias laborais, ou seja, os tempos livres teriam duas funções específicas: regenerar as forças para o trabalho e compensar o desgaste provocado pelo mesmo. O principal teórico nessa discussão foi o Erich Weber (1969) que discorre criticamente acerca da classificação de atividades de tempo livre proposta pelo Joffre Dumazedier (2004), o qual, na década de 1970, apresentou duas principais funções do tempo livre: a compensativa e regeneradora, não as únicas, pois o mesmo evidenciou que em cada sociedade e em cada tempo histórico teremos atividades de tempos livres distintas e plurais, ratificado por Eric Dunning e Norbert Elias (1992), posteriormente. O objetivo desses capítulos não é descrever e classificar as atividades dos tempos livres docentes, mas problematiza-las, de modo a compreender até que ponto elas podem compensar os tempos dedicados ao trabalho sem fim e regenerar as forças despendidas no mesmo.

O sexto e último capítulo traz uma discussão sobre os desafios e as tensões a que os sujeitos da pesquisa são submetidos, em seus tempos cotidianos, ao conciliar e articular os tempos de trabalho com os tempos para outras coisas, um dilema estabelecido nos tempos sociais docentes, uma experiência temporal ambivalente: excesso e falta.

Desse modo, nesse trabalho, buscamos apresentar e discutir um panorama da experiência dos tempos cotidianos docentes, em especial, seus tempos livres fora da escola, bem como registrar e refletir sobre os desafios enfrentados por esses sujeitos nas tramas dessa experiência. É importante ressaltar que esse estudo não esgota a complexidade de questões e discussões nele apresentadas, pelo contrário, suscita outras questões, demanda outras investigações.

CAPITULO 1

DELINEAMENTO, ORIGEM DO PROBLEMA E PERCURSOS METODOLÓGICOS

Uma das transformações provocadas pelos processos constitutivos da sociedade mercantil e industrial foi a passagem de uma orientação temporal centrada na tarefa, em que o indivíduo trabalhava para sua sobrevivência, independente de horário marcado, sem separar trabalho e vida, para uma orientação temporal centrada no relógio, na quantidade de tempo atribuída à execução de cada tarefa. Esse fenômeno mudou os modos de vida e a percepção temporal. De um lado, os indivíduos passaram a conviver com o condicionamento tecnológico e com a medição do tempo; de outro continua a exploração da mão-de-obra, agora subjugada a ritmos regulares de trabalho, às severidades das doutrinas mercantilistas e a baixos salários, conforme Edward Thompson⁵ (1998).

Nesse percurso, a partir da segunda metade do século XX, diversificaram os conteúdos e as formas sociais do tempo. Desse modo, entre rupturas e continuidades, alargou-se progressivamente a noção de tempo. Essas mudanças, na expressão de Aniko Husti (1992), são a confirmação de que a noção de tempo é uma invenção humana, elaborada por indivíduos diferentes, em função de sua vida, do seu trabalho, da sua história e cultura, em períodos históricos distintos.

Nesse contexto, as agências de socialização, dentre outras a igreja, as escolas e a família, passaram a orientar os modos de orientação no tempo, para que os indivíduos não “perdessem tempo”, iniciando, assim, um processo de “desapossamento”, ou seja, os indivíduos, com a sua temporalidade controlada, deixavam de ser donos de seus próprios tempos. Sendo assim, a relação com o tempo abrange não somente as relações de produção, mas primeiramente as trajetórias humanas, uma vez que em todos os domínios da vida inscrevem-se temporalidades, desde o nascimento de um indivíduo, uma instituição, um grupo que se desenvolve ao longo de períodos, durações, épocas.

Desse modo, na expressão de Norbert Elias (1998, p. 45), o tempo é uma “síntese simbólica de nível superior”, é “experiência e aprendizagem”, que se constitui através dos conhecimentos humanos socialmente construídos: saberes coletivos acumulados, transmitidos, reinventados, transformados por longas cadeias de gerações humanas. A noção de tempo indica as

sequências e fluxos temporais com que lidamos, a exemplo da noção dos dias, meses e anos, denominações relativas a aspectos culturais de determinação temporal, como também se refere à experiência, remetendo-se aos horizontes temporais do passado, presente e futuro. Demarcações estas não absolutas, mas relativas aos transcurso temporais individuais e coletivos, nos fluxos da vida social e da história.

Ademais, a vida é inegavelmente marcada por temporalidades, por ciclos vitais, pelos ritmos e cadências dos aconteceres e dos viveres geracionais. Sendo assim, as temporalidades circunscrevem as maneiras de ser e agir dos indivíduos, vida e tempo se confundem, se formam, se misturam.

1.1. O problema de pesquisa

O problema de pesquisa emerge da nossa experiência enquanto docentes, inquietos e insatisfeitos com nossos tempos, pois assistimos cotidianamente os tempos de trabalho devorando os tempos que convencionalmente chamamos de tempos livres, fazendo-nos vivenciar tempos dilemáticos, de um lado, para as obrigações do trabalho profissional, tempos cronometrados, determinados, controlados, intensos, os quais ocupam a maior fração dos tempos cotidianos docentes; do outro, os tempos chamados livres, mas tomado por trabalho, por obrigações da casa, de filhos e filhas, dentre outros. São tantos tempos dentro desses últimos que nos parecem curtos, efêmeros, fluidos e escassos. Desse modo, foi pensando em como articular, equilibrar, conciliar essas duas esferas dos tempos sociais que se originou a questão de estudo desta pesquisa, qual seja, descrever, analisar e compreender as configurações da experiência dos tempos cotidianos de professoras e professores fora da escola, bem como os processos sócio-históricos e culturais em que essas se inscrevem, a saber, as dinâmicas sócio-históricas que as circunscrevem e produzem.

A pesquisa se inscreve numa perspectiva sociológica, nos âmbitos da Sociologia do Trabalho, da Sociologia das Profissões e de uma Sociologia do Tempo, que tem alcançado uma relativa consolidação na literatura sociológica, e envolve professoras e professores das redes pública e particular de ensino da Educação Básica, da cidade de Porto Seguro (Bahia, Brasil). Considerando a heterogeneidade e diversidade dos seus tempos, buscamos ouvir histórias de professoras e professores e analisar as suas inter-relações, reconstruindo, nos termos

⁵ Preferimos, em todo o texto, utilizar o primeiro nome seguido do último sobrenome das autoras e dos autores, no intuito de evitar a generalização excessiva, ou seja, a consideração do masculino como representação de toda a população, desconsiderando a mulher, conforme explica Elsie Fanger (2006).

de Krzysztof Pomian (1990), uma arquitetura temporal baseada em experiências plurais, construídas tanto em um plano sociocultural, quanto em outro individual.

O primeiro plano envolve a linguagem, os instrumentos e modos de controle e medição do tempo, a vivência em sociedade, as relações entre as diferentes modalidades temporais e a memória cultural, aspectos apreendidos nos processos de socialização. Já o segundo observa a construção individual, a representação que cada um tem dos seus tempos, bem como o sentido que lhes designa. Contudo, ambos se conectam, pois suas raízes estão na estrutura temporal dos grupos sociais a que pertencem, conforme destaca António Viñao Frago (1994).

Considerando o problema em questão, nos propomos a seguir, discutir as condições históricas, socioculturais e econômicas em que se configuram os tempos cotidianos de professoras e professores fora da escola, na contemporaneidade.

1.2. A noção de tempo na contemporaneidade

O plano sócio-histórico mais amplo, em que se configura a noção de tempo, é o da modernidade e seus desdobramentos nas sociedades contemporâneas (a segunda metade do século XX e primeiras décadas do XXI), período no qual os ordenamentos econômicos e políticos e a própria subjetividade ganham novos contornos ao lado de antigos processos e estruturas sociais que persistem. Dentre outras mudanças, as telecomunicações avançaram de tal forma que a disseminação das informações tornou-se mais rápida: é o tempo real. Tudo ocorre a um ritmo cada vez mais rápido. O século XX parece deixar sua marca indelével quando comparado aos outros séculos precedentes, que foi a sua “tendência contínua e acelerada de mudança tecnológica, com efeitos multiplicativos e revolucionários sobre praticamente todos os campos da experiência humana”, conforme nos adverte o historiador Nicolau Sevcenko (2001, p. 23).

No que concerne à problemática do tempo, surge na modernidade atual uma nova concepção, de um tempo não mais acoplado ao espaço, mas independente deste (Anthony GIDDENS, 1991; 2008), e sobretudo, uma noção de tempo mercantil, comprado, circular, linear, aritmetizado, mensurável e vendido no interior das relações capitalistas de produção, um tempo que começa a racionalizar-se, laicizar-se igualmente (Jacques LE GOFF, 1996 e Edward THOMPSON, 1998).

Esse tempo traz, em si, uma distinção entre o antes, o agora e o depois. A temporalidade já supõe, tanto de forma individual quanto coletiva, para a sociedade em seu conjunto, um projeto de antecipação do que está por vir. Todas as velocidades revelam-se não só ultra-

passáveis, mas também ultrapassadas. De repente, a velocidade excepcional produz o instante desconhecido, algo momentâneo e fugaz, inserido no novo mapa do mundo e do movimento da história, anulando e inaugurando fronteiras reais e invisíveis, imaginárias e virtuais. Em qualquer momento, em qualquer lugar, em todo o mundo, a eletrônica relaciona e prende, ata e desata pessoas, coisas, ideias, palavras, gestos, sons e imagens (Otávio IANNI, 2000). Essas mudanças têm alterado as estruturas econômica, social e política, do mesmo modo que tem mudado as cadências rítmicas, a condição de vida das pessoas e as rotinas do seu cotidiano, como argumenta Nicolau Servcenko (2001, p. 60-61).

De outra parte, não podemos confundir a modernidade com os signos e objetos do moderno. Um determinado país pode apresentar elementos e temas modernos, mas a modernidade só ocorre quando ao mesmo tempo há a consciência crítica do moderno. Entender a modernidade enquanto realidade social e cultural produzida pela consciência de transitoriedade do novo e do atual, é compreender que ela atravessa os diferentes modos de vida, com uma permanência transitória e incerta, em face ao progresso linear e supostamente infinito (José de Souza MARTINS, 2008).

A modernidade é sustentada pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela intensa e crescente miséria globalizada. Ao mesmo tempo em que ela “denuncia” a degradação e as desigualdades, de maneira cínica e suave, compõe novas expressões do capitalismo e dos modos de governança, constituindo, assim, uma inserção gradativa dos signos da modernidade nos espaços de vivências dos indivíduos. A acessibilidade a esses signos vai depender dos processos políticos, econômicos e socioculturais já desenvolvidos em cada sociedade. Contudo, trata-se de um processo interdependente, mesmo que uns dependam mais que outros, conforme José de Souza Martins (2008).

Em se tratando do processo de “modernização brasileira”, o fenômeno diverge do contexto cultural normativo e simbólico em que emergiu e se consolidou o projeto de modernidade das sociedades centrais. O processo de “modernização” do país se dá de forma dependente dos países centrais, ou seja, as suas relações e estruturas econômicas e políticas foram determinadas pelas relações e estruturas imperialistas, o que significa que a autonomização é sempre adiada, devido à dependência do mercado internacional, conforme destaca Renato Ortiz (1999).

Nessa mesma direção, José de Souza Martins (2008) afirma que a modernidade no Brasil apresenta-se de forma inconclusa, pois mesmo com a localização do país em um patamar de desenvolvimento emergente, a miséria, o desemprego, o subemprego e a pobreza por

ele se alastram, enquanto valores, mentalidades, cultura e modo de ser e agir são implantados por países desenvolvidos, tornando o Brasil um país dependente.

Para o autor, a modernidade brasileira é constituída por uma certa temporalidade – é o provisório permanente, o transitório como modo de vida. Os tempos modernos vividos aqui são posteriores, mesmo que pareçam concomitantes aos tempos vividos nos grandes centros, pois se trata de um simulacro, de uma cópia dos contextos sociais, culturais, econômicos e políticos, em um longo processo anômalo de inautenticidade. É uma modernidade constituída por um hibridismo cultural, pela conjunção do passado e do presente. Trata-se de um processo inconcluso e inacabado, que produziu no Brasil uma consciência social dupla, uma modernidade estrangeira que nos chega como expressão do ver, não do ser, uma modernidade desconfortável para muitos e confortável para poucos, uma modernidade que arranca a autenticidade brasileira e instaura a dependência social, política, cultural e econômica.

Contudo, não podemos negar que a modernidade promoveu formas de interconexão social em grande parte do globo terrestre, bem como alterou várias características da nossa existência cotidiana, sejam as mais amplas e estruturais ou as mais íntimas e pessoais. De um lado, criou possibilidades maiores para os indivíduos viverem melhor, do ponto de vista do controle sobre a natureza, pela via da ciência e da técnica; por outro, permaneceram as desigualdades e o uso instrumental dessa ciência e técnica.

Do mesmo modo, não podemos deixar de lembrar que, em todas as suas fases, a modernidade brasileira se abriu aos ventos de fora, uma abertura ilimitada e sem freios, baseando-se no simulacro do polo criador e difusor de novidades, o que nos leva a interpretar que “a modernidade é sempre imitativa”, na expressão de Milton Santos (2000, p. 1). Além disso, continua o autor, trata-se de processo complexo e contraditório que une, de forma desigual e combinada, países *ativos*, de onde emergem grandes mudanças, e países *passivos*, onde se prolifera a pobreza, a desigualdade, a alienação, constituindo um lado perverso do progresso e do desenvolvimento. Ou seja, para garantir a financeirização, internacionalização e acumulação do capital e da vida social, os processos de modernização atuais reconstituíram um fenômeno que não é tão novo no cenário mundial, nos termos de Milton Santos (2001), o ápice do processo de internacionalização do capitalismo, denominado globalização.

Nesse contexto, a categoria social do tempo é um quadro de referência do qual a humanidade se serve para construir, em meio a uma sequência contínua de mudanças, limites reconhecidos pelo grupo, através de comparações de uma certa fase, com fases pertencentes a outros fluxos de acontecimentos. Em outras palavras, a noção de tempo, portanto, advém da capacidade humana de relacionar duas ou mais sequências diferentes de transformações, sen-

do que uma delas sempre vai servir de escala de medição para a outra, conforme Norbert Elias (1998).

Na expressão do autor, nós somos construtores de sínteses intelectuais. As mulheres e os homens identificam em sua memória acontecimentos passados e constroem mentalmente uma imagem que os associe a outros acontecimentos mais recentes e que estejam em curso. Por esse motivo, sempre que nos referimos ao tempo, sintetizamos em antes, depois e agora; mais cedo, mais tarde, um dia; passado, presente, futuro; no mesmo momento; naquela época, dentre outras expressões que vão demonstrar que é a percepção de eventos sucessivos que produzem o que chamamos tempo, e para apreendê-lo é necessário um poder de síntese acionado e estruturado pela experiência transmitida de geração em geração. Desse modo, a experiência do tempo é resultado de um longo processo de aprendizagem que foi modificando-se e continua a modificar-se em nossos dias (Norbert ELIAS, 1998).

Sendo assim, se tudo ficasse imóvel, não poderíamos falar de tempo, pois ele só existe por causa da experiência humana, suas expressões são aprendidas, são relacionais, são construídas, são parte integrante do universo sócio-simbólico e se modifica à medida que a sociedade também se modifica, conforme Norbert Elias (1998).

O tempo, para o autor, “não é um fluxo, é uma relação” traduzida em um conceito que expressa o fluir da vida dos seres, os acontecimentos, suas lembranças e projeções. É uma síntese simbólica de nexos estabelecidos entre certos tipos de eventos. Trata-se de uma representação conceitual relativa aos fluxos e contínuos que nos circundam, aos quais os grupos culturais deram inteligibilidade, através de noções e formas de determinação temporais e de palavras que as nomeiam.

Quanto às formas de determinação temporal, Norbert Elias (1998) destaca três aspectos: Primeiro, é que o tempo não pode ser separado da visão de mundo que os grupos culturais elaboram e que os orienta. Nesse sentido, as noções e modos de determinação do tempo fazem parte da imagem global que os indivíduos possuem acerca de seu mundo e das circunstâncias em que vivem. O segundo aspecto refere-se ao fato de que a determinação temporal dos diferentes grupos culturais supõe que ela esteja submetida ou a cargo de uma autoridade integradora, tendo em vista sua função de coordenar as atividades de multidões de indivíduos e grupos. O terceiro aspecto da determinação temporal é o da sua crescente precisão, matematização e introjeção nos indivíduos, quanto mais se diferenciam e complexificam as sociedades.

O autor afirma que a globalização não é um fenômeno novo, porém apresenta-se no cenário mundial com uma nova roupagem, com a finalidade de articular um cenário “amplo

de desenvolvimento desigual, combinado e contraditório da modernização atual”. Trata-se de uma mutação fundamental ao capitalismo, realizada pela/na modernidade, uma estratégia, uma força para atuar tanto no sentido da articulação, integração e homogeneização, quanto também para afirmar e desenvolver desigualdades, tensões e antagonismos.

Ademais, Otávio Ianni (2000) argumenta que, nessa época, as coisas, gentes e ideias entram em descompasso com os espaços e tempos instituídos. O andamento das relações, processos e estruturas, das vivências e existências, dos indivíduos e coletividades, das nações e nacionalidades, das culturas e civilizações ficou para trás, ultrapassado pelo andamento simbolizado pela eletrônica, instituindo outros pontos e redes, outros ritmos e velocidades.

A propósito dessa aceleração, os processos de globalização no mundo modificaram as noções de tempo e os modos de ser das coisas, decorrente das crescentes mudanças no campo das comunicações, tecnologias, dos intercâmbios de ideias e de tantos outros parâmetros herdados sobre a realidade social. Nos termos de Otávio Ianni (1994), é nesse contexto que se revelam formas múltiplas dos tempos sociais, articulados, tensionados, dinamizados pelos efeitos da globalização. O tempo, segundo o autor, passa a ser uma mercadoria, um material a ser moldado, tanto quanto possível, aos fins humanos. As possibilidades de criação das formas sociais do tempo se multiplicam, o tempo eletrônico tece cada vez mais a vida de todo mundo. Cada segundo, ou fração de segundo, é aproveitado para a produção, para a informação, pois tempo se transforma em dinheiro. Os processos de reelaboração das formas do tempo são compreendidos como estruturas de dominação e apropriação, seus ritmos e andamentos são múltiplos, congruentes e contraditórios, ou seja, as múltiplas formas do tempo, segundo o autor, “produzem-se como condição e resultado do trabalho social, do modo pelo qual opera a fábrica da sociedade global” (Otávio IANNI, 1994, p. 74).

Um dos fatores da arquitetura da globalização atual é a convergência dos momentos, ou seja, sem a unicidade do tempo, a unicidade da técnica não teria eficácia. Não se trata apenas do uso do tempo como vetor da produção capitalista. A hora do relógio é a mesma, contudo convergem também os momentos vividos. Segundo Milton Santos (2001), nunca antes se teve tanto acesso ao acontecer dos outros, de forma instantânea, o que a globalização atual chama de tempo real.

Sendo assim, o cotidiano dos indivíduos se transformou em campo de pesquisa, para entender os hábitos de alimentação, lazer, consumo, comportamentos diversos que vão proporcionar a invenção de novas técnicas e novas formas de uso do tempo: lojas, cafés e restaurantes que não fecham; supermercados que funcionam até as 22h; salões de beleza que atendem de acordo com o tempo do cliente; empresas que alteram o seu tempo de funcionamento,

passando a funcionar em tempo integral, alterando o cotidiano das pessoas que deixaram de trabalhar somente durante o dia, para trabalhar, também, durante a noite e a madrugada. Na concepção de Milton Santos (2001), na globalização atual asseguram-se exclusividades e privilégios de uso do tempo para um pequeno grupo, enquanto a maioria da população se ocupa com o trabalho.

Sendo assim, a globalização atual imprime várias noções de tempo, especialmente uma noção hegemônica associada à fonte de valor, pois ainda que nossa experiência de tempo seja múltipla, a noção hegemônica na modernidade é a do tempo mercantil, instituído pela disponibilidade de novas tecnologias da informação e novas técnicas de gerenciamento, impactando e transformando a natureza dos mercados de capitais, instituindo um mercado de capital global unificado, que funciona em tempo real. Desse modo, “o tempo é crucial para a geração de lucros em todo sistema. É a velocidade da transação, às vezes com programação computadorizada automática para tomada de decisão quase instantânea que gera ganhos e perdas” (Manuel CASTELLS, 1999, p. 462). Também é a circularidade temporal do processo que desencadeia uma sequência de compras e vendas que caracteriza o sistema. Nesse sentido, é apropriado dizer, tal como já foi dito, que tempo gera dinheiro.

Ademais, com a compressão do tempo de cada operação, ocorre a aceleração da movimentação de recursos, através do desempenho intensificado das/os trabalhadoras/es. “O tempo é gerenciado como um recurso, não da maneira cronológica linear da produção em massa, mas como um fator diferencial em relação à temporalidade de outras empresas, processos ou produtos (...). Sob essas condições o tempo não é apenas comprimido: é processado” (Manuel CASTELLS, 1999, p. 466).

Nesse contexto, também se acentua a “*fetichização* do tempo, isto é, transforma-se em mercadoria transacionável, sujeita a um valor de troca”. A temporalidade local é substituída pela temporalidade mundial, e o desenvolvimento das técnicas e das ciências se sustenta pela máxima de que *tempo é dinheiro, tempo perde-se e se ganha*, conforme argumenta Emília Araújo (2012, p.9).

Diante do exposto, uma vez que a globalização atual criou outras métricas, outras formas de organização e estruturação dos ritmos, principalmente em relação ao trabalho, intentamos a compreender, nesse contexto, como se configuram os chamados tempos livres e qual sua relação com os tempos do trabalho na vida social.

1.3. Relação entre tempos de trabalho e tempos livres

O trabalho, como o conhecemos hoje, é uma invenção da modernidade. Na concepção de André Gorz (2007), trata-se de uma atividade reconhecida por sua utilidade para outras pessoas, tem remuneração específica e é fundamental nos processos de socialização. Essa concepção advém do capitalismo industrial que, ao inserir a produção aos moldes da racionalidade econômica, fez do trabalho um meio para adquirir rendimentos individuais, ampliando a sua duração, e tornou a vida calculável, competitiva e acelerada, além de recusar todo e qualquer tipo de ócio ou lazer. A partir de então, o trabalho deixou a esfera privada e foi para a esfera pública, acompanhado de um processo de desumanização das/os trabalhadoras/es, vistas/os como acessórios das máquinas, separadas/os das suas singularidades, de seus desejos próprios e personalidade, tornadas/os simplesmente uma força de trabalho.

Segundo o autor, o trabalho se tornou elemento central na vida cotidiana, estabelecendo-se como ponto principal de dominação, principalmente a partir do seu processo, que consequentemente mecanizou as/os trabalhadoras/es através da coerção ao rendimento, ao controle do tempo e imposição de ritmos e cadências próprios do modo capitalista de produção, além do domínio sobre a força e o fazer humano.

Sob essa ótica, o trabalho tornou-se um meio de vender o tempo e a força de trabalho, em troca do suficiente para comprar mercadorias e produtos que são definidos pelo próprio sistema capitalista. O indivíduo tornou-se alienado ao seu trabalho, bem como às suas necessidades de consumo, por isso acredita que precisa sempre trabalhar mais, continua André Gorz (2007).

Sendo o tempo, para o autor, o elemento central de domínio nas relações de produção capitalistas, seria exatamente pela apropriação do seu próprio tempo que as/os trabalhadoras/es poderiam se emancipar e realizar atividades autônomas, através da ampliação do tempo livre e da redução do tempo de trabalho. Reduzindo este último, o/a trabalhador/a poderia, fora dele, desenvolver suas potencialidades pessoais, criar, renovar-se, qualificar-se e ter a liberdade de fazer aquilo que nos tempos de trabalho seria impossível realizar. Nesse contexto, as/os trabalhadoras/es seriam inventoras/es e donas/os do seu próprio tempo.

Contudo, numa perspectiva mais ampla, liberdade, autonomia, autolimites, não estão na cartilha do modo capitalista, pois os indivíduos tornaram-se alienados ao trabalho e ao consumo, porque estes fazem girar a economia, estão inseridos na vida cotidiana do/a trabalhador/a, como algo que dá sentido a sua vida, ao esforço do seu trabalho. Desse modo, o/a trabalhador/a, através do consumo, vislumbra a significação da sua vida sacrificada. Consumindo

os produtos que circulam no mercado, ele/a tende a mostrar que leva uma vida melhor: “o carro é símbolo de liberdade e de evasão; a casa própria, símbolo de soberania aplicada no mundo exterior; os eletrodomésticos, símbolo de um modo de vida confortável”, conforme André Gorz (2007, p. 120).

Dessa maneira, o processo alienador do modo capitalista, com promessa de que o indivíduo tudo podia ter, a partir da venda da sua força e do seu tempo, estimulou-o a trabalhar mais, a intensificar os seus ritmos e a ampliar a sua jornada de trabalho. Assim, as/os trabalhadoras/es, esgotadas/os das suas forças e capacidades físicas, psíquicas, intelectuais, sem a liberação do tempo, deixaram de ser senhoras/es dos seus corpos, do emprego que fazem de si mesmas/os, das escolhas de suas próprias atividades, dos seus objetivos e das suas obras (André GORZ, 1982, p. 11).

Num prisma histórico, conforme Cássio Aquino e José Martins (2007, p.481), a sociedade moderna imputou do tempo livre o ócio, ou seja, “não contempla a orientação para ser/existir num tempo de ‘nada fazer’”, o que se refere ao privilégio de uma vida folgada, livre de qualquer sugestão externa do que fazer, algo qualitativamente distinto e muito mais grato, também segundo Theodor Adorno (2009). Nesse tempo, os indivíduos experimentam “a sensação de vivenciá-lo sem nenhum tipo de pressão ou compromisso com a produtividade, um tempo de compromisso consigo mesmo”. Contudo, o consumismo o deteriorou, o mercantilizou, o coisificou e o empobreceu de significados, completam Cássio Aquino e José Martins (2007, p. 481-482).

Nesse cenário, “o tempo livre está acorrentado ao seu oposto”, na expressão de Theodor Adorno (2009, p. 63). Nele se prolonga a não liberdade, pois não há condição de escolha, nem no trabalho nem em sua consciência; os afazeres já estão sumariamente determinados e apresentam traços essenciais da sociedade que os organizou segundo o regime do lucro, graças às invenções tecnológicas e à indústria cultural.

Sendo assim, para o autor, a distinção entre tempo livre e tempo de trabalho nada mais é do que uma estratégia de um completar o outro, ou seja, o segundo segue como sombra do primeiro, simultaneamente. De um lado, assegura Theodor Adorno (2009), está o tempo de trabalho, no qual o indivíduo deve estar concentrado, não deve se distrair, conversar, cometer disparates, pois esse é o tempo da produção, do rendimento e da atenção redobrada. De outro, o tempo livre, no qual o indivíduo deve relaxar, vivenciar outras experiências, consumir, sentir-se bem, para que possa, depois, trabalhar melhor, com mais disposição. Entretanto, “por debaixo do pano, são introduzidas, de contrabando, formas de comportamento próprias do trabalho, o qual não dá folga às pessoas” (p. 64).

Por esse motivo, o tempo livre fica cada vez mais escasso para as/os trabalhadoras/es. Em cada época a sociedade vai imprimindo novas formas de ocupá-lo, seja com mais trabalho, seja com a indústria cultural, que proporciona um conjunto de entretenimentos que ocupam milhares de pessoas. Para centenas de indivíduos a ocupação do chamado tempo livre é com mais trabalho. Para outros, é com o fascínio dos eventos, passeios, parques, shoppings, brinquedos eletrônicos, dentre outros. Isso significa que as pessoas vivem subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, contudo o “tempo livre” é modelado, ou seja, há uma intenção em propiciar aos indivíduos momentos de lazer e outras práticas culturais, para lhes cobrarem mais disposição e produção, do mesmo modo que cada dia que passa eles se desdobram em trabalhos sem fim.

De outra parte, o sistema capitalista inventou formas de ocupar o tempo livre, proporcionando o consumo e a produtividade, conforme assinala Theodor ADORNO (2009). Qual seja, o sistema capitalista inventou formas de ocupar o tempo livre, proporcionando o consumo e a produtividade, conforme assinala o autor, bem como porque nele tem sido prolongada a ausência da liberdade.

Nessa mesma linha de pensamento, Jurgen Habermas (1984) declara que o tempo livre aparece falsamente como um assunto privado, como um tempo à disposição individual, mas na realidade é uma categoria residual, uma prolongação do trabalho, e suas funções se limitam a ser um complemento e uma regeneração do trabalho. Trata-se de um tempo dominado pelo consumo.

Segundo Herbert Marcuse (1967), o tempo livre é uma parcela do tempo social, reduzida, impressada a um pequeno âmbito marginal do indivíduo, como um de fim de jornada de trabalho, um domingo e outros tempos interstícios. Na concepção do autor, os tempos livres estão para a felicidade, para a satisfação pessoal e para o consumo, ao qual é inevitável a sua vinculação. Trata-se de uma parte subtraída dos tempos de trabalho, destinada mais especificamente ao relaxamento e à recreação das energias laborais.

A sociedade industrial avançada impõe amplas exigências econômicas e políticas sobre o indivíduo, fazendo-o trabalhar e consumir cada vez mais. Tal fenômeno, na concepção de Herbert Marcuse (1967), expropria o tempo que deveria ser livre e oferece alternativas de relaxamento e diversão ideologicamente determinadas, em função da distinção de gostos, por grupos economicamente distintos. Ou seja, cada um compra as atividades de tempo livre que a sua condição financeira lhe permite.

Na concepção de Theodor Adorno (2009), Jurgen Habermas (1984) e Herbert Marcuse (1967), a noção de tempo livre não se dá separada dos tempos sociais, inclusive do trabalho,

ela é apreendida como uma totalidade abstrata. Em relação à liberdade, diz respeito à condição de escolha das atividades pelos indivíduos, não a liberação de tempos para que façam o que bem entendam, sem as pressões e coerções externas, sem as determinações do mercado e da sociedade, como pressupõe o conceito na antiguidade clássica. Os autores também ressaltam que os tempos livres se mesclam aos tempos de trabalho, encontram-se neles alienados e são manipulados pelas formas de consumo da indústria cultural.

De outra parte, George Friedmann (1972) considera que o desgaste proporcionado pelo tempo de trabalho cria a necessidade de evasão, um impulso desesperado para o lazer. Segundo o autor, as condições modernas de trabalho oprimem as pessoas de tal modo, que a fuga para uma atividade de lazer torna-se necessária para uma vida melhor. O autor acredita que o tempo fora do trabalho é imprescindível para a humanização, todavia a sedução avassaladora do consumo capitalista e da indústria cultural tem seduzido de tal modo os indivíduos que estes tendem a preencher os seus tempos livres com atividades remuneradas, para sustentar as suas necessidades de consumo, causando tensão, preocupação, estresse, não raro infelicidade.

1.3.1. As formas sociais do tempo livre

No início da industrialização, quando as jornadas de trabalho eram demasiadamente extensas e se realizavam em péssimas condições, a luta pelo tempo livre significava apenas uma reivindicação para obter tempos para o relaxamento e regeneração das energias laborais. Tanto o é que, inicialmente, o conceito de tempo livre aparece vinculado ao conceito de recreação e lazer, o qual diz respeito, sobretudo, à regeneração das forças gastas nos tempos de trabalho, à recreação das energias, para que o homem se sinta restabelecido para realizar novas tarefas, conforme Erich Weber (1969). Surge, então, **a função regenerativa** do tempo livre, que tem como finalidade recuperar as forças depois de uma jornada de trabalho, ou seja, o tempo do sono, do descanso, do livre entretenimento.

Nessa perspectiva, o tempo livre se reduz a uma mera pausa para recreação das energias, para o descanso, sem outro sentido que não fosse passar o tempo sem nada fazer, desvincular-se das atividades laborais, “matar o tempo”. Por isso, muitos autores usaram tempo livre como sinônimo de ócio, ou seja, tempos de contemplação, do nada fazer ou do fazer criativo, atitude de desinteresse, carência de pretensão, um pensar em nada. Todavia, nem todas as atividades de tempo livre consistem em ócio, mas o ócio é uma parte dos tempos livres.

Com o avanço da industrialização, os tempos livres do trabalho passaram a ser objeto de especulação do mercado. Desse modo, iniciou-se uma corrida para ocupação dos tempos livres, por um conjunto de atividades já determinadas pelos negócios de tempo livre – viagens, parques, entretenimentos eletrônicos, ampliação das atividades esportivas, dentre outras –, no intuito de compensar as/os trabalhadoras/es dos desgastes físicos e mentais decorrentes das jornadas laborais. Surge, então, **a forma compensativa**, que busca, especialmente no lazer proporcionado pela indústria cultural, fora e dentro de casa (esportes, jogos, dentre outros), uma compensação psíquica para as sequelas e tensões do trabalho. O lazer integra as atividades de tempo livre como um meio de satisfação das necessidades das pessoas, em qualquer nível cultural, uma vez que as libera das obrigações sociais impostas socialmente, conforme Erich Weber (1969).

Por fim, além do turbilhão de atividades de lazer e de outras práticas culturais que foram gradativamente se inserindo nos tempos livres, outras obrigações cotidianas que ficaram de fora os foram devorando. Eis que surge a **forma suspensiva**, quando se executa, durante o tempo livre, um trabalho, sem a determinação exógena e sem a exigência profissional, ou seja, os trabalhos domésticos, o trabalho voluntário, aceitação de cargos em grupos religiosos, associações, dentre outros, conforme Jurgen Habermas (1982) e Erich Weber (1969).

Ainda conforme Theodor Adorno (2009), o tempo livre depende da situação geral da sociedade e de suas bases culturais. Elas mantêm as pessoas sob um fascínio, sob certo encantamento, deixando-as subjetivamente convictas de que agem por sua própria vontade. Entretanto, essa vontade é modelada, seja pela indústria cultural, seja pelas necessidades impostas no cotidiano. Nesse sentido, ao invés do tempo livre proporcionar ao/a trabalhador/a situações que o/a fortalece ao retornar ao trabalho, são introduzidas em seu cotidiano formas de comportamento próprias do labor, as quais não lhe dão folga. Assim, elas e eles acabam por continuar a trabalhar no tempo destinado ao descanso e lazer, redefinindo a distinção entre trabalho e vida, propiciando um processo violento de expropriação.

De outra parte, considerando que as sociedades estão em constante processo de mudança, e que as temporalidades humanas são marcadas por rupturas e continuidades, conforme Norbert Elias e Eric Dunning (1992), não podemos compreender os tempos livres somente a partir da sua finalidade funcionalista. Elas são importantes para compreendermos que, em um dado momento histórico, e até hoje, muitos indivíduos buscam no tempo livre a recriação das energias laborais, a compensação psíquica do desgaste físico e mental provocado pelo trabalho, contudo se deparam com a suspensão dos tempos livres, por obrigações profissionais e cotidianas. Desse modo, é inegável a relação do tempo livre com o trabalho, entretanto aquele

não está para este somente como válvula de escape, mesmo porque outros aspectos atravessam essa relação binária. Depois disso tudo, os autores asseguram que os tempos livres não estão apenas para pessoas que trabalham, mas para todos, pois se constituem como uma construção pela necessidade humana, por isso cada sociedade produz suas atividades de tempo livre de acordo suas bases socioculturais, em cada época.

Em linhas gerais, o tempo livre é o conjunto de ocupações a que os indivíduos podem entregar-se com pleno consentimento, seja para descansar, divertir-se, desenvolver sua participação voluntária, seu autodesenvolvimento, através de formação e informação interessada ou desinteressada, depois de liberar-se das suas obrigações profissionais (Eric DUNNING e Norbert ELIAS, 1992).

Desse modo, se incluem no tempo livre os períodos dedicados ao trabalho privado e à gestão familiar: o cuidado de si, o cuidado da família e a provisão da casa, dentre outros. Incluem-se, ainda, os momentos como: do repouso, de dormir, tricotar, das futilidades, do não fazer nada em particular. Também estão os momentos dedicados às necessidades fisiológicas: comer, beber, dormir, fazer sexo, dentre outras. E, ainda, várias formas de sociabilidade: ir a um clube, bar, restaurante, conversar livremente com vizinhos, dentre outras; as atividades miméticas ou jogo: atividades de lazer, seja como ator ou como espectador, dentre outras atividades já determinadas, inventadas e recriadas pelos indivíduos na vida social, como um espectro de cores, que se espalha construindo novas formas (Norbert ELIAS e Eric DUNNING, 1992).

Em síntese, ressaltamos que as categorias teóricas escolhidas contribuíram profundamente para a investigação em pauta. De um lado as discussões sobre a expropriação e cooptação do tempo livre dos indivíduos, principalmente devido à suspensão dos tempos liberados do trabalho, decorrente da inserção de mais trabalho para sustentação do consumo instalado na sociedade contemporânea, bem como para expansão da indústria cultural e dos negócios de lazer, conforme Theodor Adorno (2009), Jurgen Habermas (1982; 1984; 1987) e Herbert Marcuse (1967), porque os sujeitos dessa pesquisa são, majoritariamente, trabalhadores efetivos do magistério público, logo vivem ocupados pelo trabalho assalariado, o qual compromete a maior parte dos seus tempos, além de outras obrigações cotidianas. De outra parte, supomos que esses indivíduos buscam, em algum momento de suas vidas, relaxar, descansar, buscar tempos de lazer e outras práticas culturais, não apenas para regeneração das energias laborais e compensação das sequelas provocadas pelo trabalho, conforme Erich Weber (1969), mas também pela necessidade de viver tempos para si próprios, de tensões agradáveis, de excitação, de satisfação pessoal, por isso constroem, inventam, escolhem dentre as alternativas

apresentadas pela indústria cultural e negócios de lazer, transgridem as normas vigentes, dentre outras possibilidades de atividades compostas e a compor o espectro do tempo livre, conforme Norbert Elias e Eric Dunning (1992).

No contexto da educação, as/os trabalhadoras/es são outras/os, bem como desenvolvem trabalhos diferentes daqueles desenvolvidos na fábrica, nas indústrias, nas construções civis, dentre outros tantos espaços. Há nas tramas das relações laborais outras especificidades, contudo os dilemas enfrentados acerca da conciliação dos tempos de trabalho com os tempos livres parecem comuns, como apontam as lutas sociais nos últimos tempos, pelos movimentos sociais e sindicatos de categorias profissionais distintas, inclusive da educação, por diminuição dos tempos de trabalho e ampliação dos tempos livres.

No campo da educação, especificamente, as sobrecargas de trabalho na escola e sua progressiva continuidade na casa de professoras e professores se dá após as reformas educacionais que vêm ocorrendo no país, desde a década de 1990, as quais vêm arrastando para as escolas, novas demandas de trabalho, funções além da docência, dentre outros desafios.

1.4. Recentes reformas da Educação Básica e os tempos docentes: breve discussão

Por volta da segunda metade do século XX, a América Latina foi tomada pelo pensamento liberal que gradativamente foi se espalhando por todo o continente, e abruptamente abortou o projeto nacionalista que se articulava na época, através de golpe militar e manutenção das elites no poder. Depois de mais de duas décadas, após o processo de abertura política e redemocratização dos países, essa corrente de pensamento se apresenta com uma nova configuração, uma fase do capitalismo orquestrada por países ativos europeus e pelos Estados Unidos, intitulada de neoliberalismo. Essa nova corrente política é marcada, dentre outras, pelas seguintes características: globalização da economia; fim das fronteiras econômicas; fim dos direitos sociais; desmonte do estado; inserção de empresas multi e transnacionais; competitividade; maximização dos lucros, através das tecnologias e engenharias racionalizadas.

A política neoliberal é constituída por uma dupla dinâmica: de um lado é uma alternativa de poder, constituída por estratégias políticas, econômicas e jurídicas, orientadas para encontrar uma saída dominante para a crise capitalista; por outro lado, sintetiza um projeto ambicioso de reforma de nossas sociedades, “promove a construção e a difusão de um novo senso comum que fornece sentido e legitimidade às propostas de reforma impulsionadas pelo bloco dominante”, como explica Pablo Gentili (1999, p. 65).

No que se refere à educação, conforme o autor, o neoliberalismo também passou a conduzir as políticas educacionais, por meio de reformas. Desse modo, a educação passou a ter um papel estratégico para o neoliberalismo. Sua função, dentre outras, é ampliar o mercado consumidor; gerar a estabilidade política nos países com a subordinação dos processos educativos voltados para o interesse do mercado internacional; priorizar formação abrangente e o ensino tecnológico e profissionalizante.

Nesse contexto, para adequar a política neoliberal, instaura-se no Brasil e em toda a América Latina, a partir da década de 1990, um conjunto de reformas. As primeiras orientações do bloco dominante foram divulgadas e impulsionadas pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jotiem, em março de 1990. O objetivo principal da conferência, cujo tema geral foi “A educação para a equidade social”, era orientar as reformas educacionais dos países mais pobres e populosos do mundo (Dalila OLIVEIRA, 2004).

A autora argumenta que, para cumprir com os compromissos firmados na conferência, os países em desenvolvimento tiveram que mobilizar estratégias para elevar o nível de escolaridade e de profissionalização da população, sem aumentar, na mesma proporção, os investimentos. Numa perspectiva mais ampla, Dalila Oliveira (2004) adverte que as reformas educacionais possuem um duplo enfoque: “a educação dirigida à formação para o trabalho e a educação orientada para a gestão ou disciplina da pobreza” (p. 1131). Para dar conta dessa tarefa, os países em desenvolvimento tiveram que buscar novas estratégias de gestão, consultoria e financiamento do banco mundial.

Desse modo, a partir da segunda metade da década de 1990, surge no Brasil uma nova regulação das políticas educacionais, conforme Dalila Oliveira (2004). Dentre os fatores que indicam tais mudanças, é possível destacar: a centralidade atribuída à administração escolar nos programas da reforma, elegendo a escola como núcleo do planejamento e da gestão; o financiamento da educação, com a criação de um fundo específico para isso; a regularidade e ampliação dos exames nacionais de avaliação, bem como a avaliação institucional e os mecanismos de gestão escolar que insistem na participação da comunidade. Um dos retrocessos, segundo a autora, é que o campo pedagógico, mais uma vez, passa a ser orientado pelos conceitos da administração: produtividade, eficácia, excelência, eficiência, dentre outros. Sendo assim, as reformas trouxeram consigo uma “padronização e massificação de certos processos administrativos e pedagógicos”, sob o argumento da organização sistêmica, do controle dos gastos e custos, garantia da suposta universalidade, da gestão escolar baseada na combinação de formas de planejamento e controle, associados à descentralização administrativa, dentre outras (p. 1133).

Numa outra perspectiva analítica, a crise sistêmica pela qual a educação vem passando nos dias atuais, deve-se não somente à imposição da reforma neoliberal, pois a problemática é mais complexa. Há, por exemplo, no interior das escolas, outros conflitos e tensões, oriundos de fraturas existentes no currículo e no método. As/os docentes, com suas certezas abaladas, convivem com o drama da continuidade e ruptura, ou seja, fazer o que sabem ou/e ousar em novas experiências. O desgaste, a falsa autonomia, as relações com indivíduos de gerações diferentes, sejam alunas/os e/ou professoras/es, fazem com que os atores vivam uma tensa inquietude. Destaca-se, ainda, neste cenário, que a expansão da educação básica aumentou o contingente de matrícula, mas as estruturas dos prédios escolares, as condições de trabalho, o salário das/os trabalhadoras/es da educação tiveram pífias elevações, quando essas ocorreram. O problema da educação nacional, em todos os seus níveis, tem constituído uma questão estrutural que os gestores públicos têm se recusado a discutir, a enfrentar com a radicalidade necessária.

A expansão da educação básica, realizada nos moldes da globalização atual, do ponto de vista de Dalila Oliveira (2004), sobrecarregou professoras e professores em grandes medidas, pois determinou a reestruturação do trabalho docente, passando a existir uma nova forma de organização do trabalho, de planejar, de avaliar, de elaborar projetos, além de papéis distantes da formação docente, a saber: agora, mais do que nunca, é preciso conhecer a diversidade social, cultural e econômica das/dos discentes e suas famílias; é necessário compreender os seus problemas e conflitos sociais; participar de atividades para a promoção da cidadania e para implementação de políticas públicas; é preciso responsabilizar-se pela formação das/os discentes em todos os âmbitos. Além disso, as/os docentes estão ocupando funções das famílias e dividindo a socialização das crianças e jovens com as influências da mídia, com a internet e outras instituições cada vez mais presentes na vida social e nas sociabilidades infantis e juvenis.

Esta sobrecarga analisada pela autora desencadeia dois fatores que se tornaram comuns na profissão docente: de um lado, a ampliação das jornadas, ou seja, para aumentar os seus rendimentos, professoras e professores, em sua maioria, ampliam o número de aulas, turmas, disciplinas, transitam por diversas escolas, assumem atividades paralelas à docência, como nos explica Inês Teixeira (1998). De outro, ocorre a intensificação dos ritmos do trabalho, que segundo Michael Apple (1998), é acompanhada de dois processos históricos em desenvolvimento: a desqualificação do/da trabalhador/a e a separação entre concepção e execução no trabalho. Para o autor, a intensificação tem algumas características: destrói a sociabilidade, aumenta o isolamento e dificulta o lazer. Apple afirma que a crise financeira levou à escassez

de pessoal. Assim, uma gama mais diversificada de tarefas, de responsabilidade de outras pessoas, passou a ser desempenhada por uma só pessoa, simplesmente porque aquelas outras não estão mais na instituição. Nesse sentido, Apple atesta que os indivíduos precisam aprender uma gama maior de habilidades, porém elas e eles parecem não ter tempo para conservar-se em dia com sua especialidade. Nesse ponto, ele salienta que a intensificação traz uma grande contradição: ao mesmo tempo em que os indivíduos devem ter mais habilidades, não conseguem manter-se atualizados em sua especialidade.

De outra parte, a intensificação do trabalho, na expressão de Andy Hargreaves (1998), representa uma quebra, muitas vezes abrupta, na orientação para o lazer e para regeneração do corpo, esperada por todas/os as/os trabalhadoras/es, pois reduz o tempo de relaxamento após um dia de trabalho. A intensificação cria uma sobrecarga persistente que provoca redução na qualidade do serviço, fabrica corpos cansados, esgotados de jornadas duplas, triplas e até quádruplas, no caso das/os profissionais que são responsáveis pelo trabalho da casa, especialmente as mulheres.

A sobrecarga de trabalho não é somente na escola, segundo Andy Hargreaves (1998), o tempo de preparação pode propiciar ganhos significativos, devido ao planejamento do trabalho, à avaliação e acompanhamento das/os alunas/os. Contudo, os tempos destinados por lei, para esse fim, são irrisórios⁶, o que leva muitas/os docentes a trabalharem o dobro ou triplo do tempo especificado na legislação nacional. Dessa forma, trata-se do que Theodor Adorno (2009) chama de expropriação do tempo livre.

Nesses cenários, envoltas/os a tanto trabalho, como professoras e professores conseguem regenerar as suas forças e compensar o seu corpo do cansaço diário? Como se sentem em seus tempos fora da escola, teoricamente seus tempos livres cotidianos, e que desafios são enfrentados para vivê-los? Como professoras e professores, com jornadas de trabalho diferentes, vivenciam os seus tempos livres cotidianos e quais as implicações dessa ampliação e intensificação do trabalho docente em suas vidas, sobretudo em seus tempos livres, estando elas/es fora da escola?

De outro modo, a experiência cotidiana dos tempos de professoras e professores é contraditória e complexa, devido à própria processualidade histórica e cultural em que se inscrevem as relações de gênero. Enquanto a maioria dos homens se preocupa somente com a produção, com o trabalho fora da esfera da casa, nos dias atuais as mulheres se envolvem com a produção e a reprodução. Elas assumem a jornada de trabalho na escola e continuam a traba-

⁶ A lei 11.738/2008 define que 1/3 da carga horária das/os professoras/es deve ser destinado ao tempo de preparação.

lhar quando chegam a casa, perpetuando o processo de desigualdades entre homens e mulheres. Nos termos de Helena Hirata (2008) e Elsie Fanger (2006), mesmo depois de lutas e conquistas do movimento feminista, há rupturas e continuidades, especialmente quanto à divisão sexual e equânime do trabalho.

Tratando-se de um estudo sobre o magistério no Brasil, a problemática do gênero é crucial, pois atualmente as mulheres são maioria na Educação Básica, perfazendo um total equivalente a 81,5% do total do professorado brasileiro, atuando especialmente na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Esta situação só vai se alterando nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, nos quais o percentual de homens na docência alcança os 36%⁷. Tais mudanças também tiveram por efeito, acentuar a discriminação sexual. Christina Bruschini e Tina Amado (1988) argumentam que enquanto as mulheres ocupavam as vagas de professoras das séries iniciais, os homens ampliavam as suas carreiras, como professores das séries finais ou como diretores e inspetores das unidades escolares onde as mulheres lecionavam, mesmo porque delas era exigido para lecionar, apenas o domínio da leitura e da escrita. Somente anos depois, com a instituição da Escola Normal, ocorreu uma das poucas oportunidades, se não a única, de as mulheres prosseguirem seus estudos além do primário. Ela abrigou tanto mulheres que pretendiam lecionar efetivamente, como outras que buscavam apenas dar continuidade aos estudos e adquirir boa formação geral antes de se casarem. Quanto ao ensino secundário propedêutico, destinava-se aos homens, evadidos do magistério em busca de outras oportunidades e altos salários. Eles pretendiam prosseguir os estudos em nível superior, o qual não era permitido às mulheres.

Desse modo, a categoria de gênero é fundamental para a análise da docência enquanto profissão, bem como para a compreensão das tensões ocorridas atualmente na vida pessoal e profissional de mulheres e homens na sociedade moderna. Gênero é um conceito relacional, entre opostos e iguais, constituindo relações de gêneros e poder. Ademais, os estudos de gênero representam uma grande saída diante dos impasses provocados historicamente, acerca da condição da mulher e das teorias que procuram as causas originais da dominação do sexo masculino. Entretanto, estudar gênero não significa estudar apenas mulheres, mas também os homens e as orientações e performances de ambos, bem como suas intersecções.

⁷ Os dados são da pesquisa realizada pelo INEP, através do Educacenso/2009, que identificou o total de 1.977.978 professoras e professores atuando na Educação Básica brasileira. Além disso, deve-se destacar, contudo, que essa realidade nem sempre foi assim. A feminização do magistério é um fenômeno do século XIX, através da Lei de 15 de outubro de 1827, a qual concedeu à mulher o direito à educação, com a criação de escolas de primeiras letras para meninas. Anos depois, surgiram também as primeiras vagas para as mulheres no magistério primário, porque até então era uma profissão masculina.

Partindo do exposto, a partir da perspectiva dos gêneros, é de suma importância discutir e refletir sobre as diferenças, semelhanças e intersecções reveladas na configuração dos tempos livres docentes, bem como os elementos e circunstâncias imbricados nessas relações.

1.5. Tempo livre e as relações de gêneros

A partir da busca de respostas ao desafio teórico de compreender o gênero como uma categoria de análise, aflora seu potencial para problematizar não apenas o que se refere à família e ao sexo, mas também às esferas econômica, política e cultural da vida e das temporalidades das/os professoras/es. Mobilizar a categoria de gênero nos remete a todas as formas de construção social, cultural e linguística, implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade, conforme nos advertem Joan Scott (1995), Judith Butler (2003), Guacira Louro (1997), dentre outras.

Nesse sentido, a preocupação não é fazer uma descrição superficial da experiência cotidiana dos tempos livres de professoras e professores, mas extrair em profundidade, dessas experiências, as relações de poder, mostras de desigualdades, igualdades e equidades nas relações sociais e nas práticas culturais desses atores. Entendemos o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Joan SCOTT, 1995, p. 78-79). Essa categoria pode ser um meio de se decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de professoras e professores viverem os tempos livres fora da escola.

Ainda no contexto dos gêneros, como se constitui, na experiência cotidiana do tempo, a relação entre corpo, trabalho e temporalidades? De outra parte, que sentimentos as/os docentes designam, sentem e interpretam a sua relação com o corpo?

Pensar nos gêneros remete diretamente à corporeidade, assim como pensar nas temporalidades remete-nos à corporeidade, aos gêneros e vice-versa. Primeiro porque, na expressão de David Le Breton (2010; 2012), a existência da mulher e do homem é corporal, uma vez que existir significa mover-se, agir, ser, subsistir, transformar-se. Sendo assim, o corpo é uma construção social e cultural, assim como é fluxo e movimento, objeto de representações e imaginários relativos ao gênero, aos ciclos da vida e outros sistemas simbólicos de ordem temporal e outras tantas.

O autor declara que todas as ações que tecem a trama da vida cotidiana, desde as mais fúteis às aquelas mais importantes, envolvem a mediação da corporeidade, o que faz do corpo um vetor semântico pelo qual mulheres e homens constroem a sua relação com o mundo, através do trabalho, da expressão dos sentimentos, dos ritos de interação, da produção da aparência, da relação com a dor, com o sofrimento, dentre outros. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva, tornando-o o eixo da relação com o mundo, o lugar e tempo nos quais a existência toma forma através da expressão singular do indivíduo, lugar de rompimento e de diferencial, ou seja, é pela corporeidade que o indivíduo constrói suas experiências (David LE BRETON, 2012).

No mundo contemporâneo vê-se diversas construções da corporeidade humana. Nesta pesquisa, nos atentaremos, de um lado, às relações entre corporeidade humana, práticas laborais e processos de compensação e regeneração do corpo, ou seja, o corpo como motor que executa o trabalho. Contudo, esse corpo necessita recompor as suas forças, em tempos e atividades apropriadas para isso, conforme Erich Weber (1968). Por outro lado, interessam-nos as relações implicadas na corporeidade inscrita no trabalho docente, na corporeidade implicada na condição docente – as faces do corpo na condição docente, nos termos de Marlene Araújo (2004). De igual forma, é necessária a discussão da produção da aparência, o controle em relação às necessidades físicas, a obrigação de manter o corpo inserido no padrão social e cultural vigente, seja de forma estética e/ou física, sem distinção entre mulheres e homens, na vida social em geral e no exercício da docência, em especial. O corpo passou a ser modelado, manipulado, trabalhado, enfeitado e imitado, o que faz do Brasil o terceiro mercado consumidor de cosméticos do mundo, consoante Mirian Goldenberb (2007).

O conjunto das considerações acima nos faz pensar que a experiência dos tempos livres cotidianos de professoras e professores fora da escola está atravessada por um conjunto de desafios, tensões e conflitos, os quais demonstram que elas e eles vivem em um misto de excesso e falta do tempo, como já destacou Inês Teixeira (1998). Também vivem imersas/os num turbilhão de trabalhos sem fim, como os estudos sobre a ampliação e intensificação (Inês Teixeira (1998); Andy Hargreaves (1998); Michael Apple (1998)) já evidenciaram. Professoras e professores vivem em meio à precarização do trabalho, devido à falta de políticas de valorização da escola pública e do/a trabalhador/a docente, sobretudo no decorrer das reformas decorrentes da globalização atual, conforme Dalila de Oliveira (2003; 2004), Graça Druck (2002), dentre outros, demonstraram em suas pesquisas. Desse modo, é possível supor que a cada dia que passa as/os docentes tem menos tempo livre.

Segundo Danilo Martuccelli (2007), um dos maiores desafios dos indivíduos, na contemporaneidade, tem sido a articulação temporal das diferentes esferas da sua vida, a qual tem se revelado, não unicamente, como “uma experiência marcada por desequilíbrios temporais e que se inscreve como uma conjuntura particular” (Khatya ARAUJO e Danilo MARTUCCELLI, 2012. p. 161). O indivíduo tem sido marcado por uma sobrecarga de trabalho, por isso pouco circula livremente e sem preocupações pelos espaços e lugares de vivência, pouco convive com os familiares ou tem estabelecido novos vínculos sociais e novas práticas culturais. Seus tempos livres cotidianos tornam-se cada vez mais raros. O excesso permanente de atividades torna-o cada dia mais distante da sua própria vida e da vida das pessoas mais próximas. Constantemente ele está acumulando funções, submetido ao cansaço, ao estresse, à urgência, em meio a uma falta crônica de tempo (Khatya ARAUJO e Danilo MARTUCCELLI, 2012).

1.6. Contexto sócio-histórico da pesquisa: Porto Seguro, a Região, a Educação Básica

O projeto de modernidade e de desenvolvimento da Bahia, além de tardio e inconcluso, concentrou-se nos grandes centros urbanos, em pequenas porções, somente nas cidades que apresentavam maior poder econômico, a saber: Salvador e Feira de Santana, no Recôncavo Baiano; Valença, na Região do Dendê; Ilhéus, Itabuna e Canavieiras, na Região Cacaueira; Vitória da Conquista, no Sudoeste Baiano; e o complexo de cidades da Chapada Diamantina. Enquanto isso os demais municípios viviam muito distantes do desenvolvimento (Claudia VASCONCELOS, 2008). Entre essas cidades abandonadas, estava Porto Seguro, localizada no extremo sul da Bahia, com uma área de 2.408,37 quilômetros quadrados e com grande potencial natural. Suas praias, ainda virgens na época, não encheram os olhos dos governantes baianos, devido às péssimas condições de acesso – de barco ou por trilhas desbravadas pelos nativos –, bem como porque os projetos de desenvolvimento econômico da época não viam Porto Seguro como um mercado promissor.

Enquanto isso, um fôlego desenvolvimentista tomava conta das regiões supracitadas, principalmente na década de 1950, impulsionado pela conjuntura política e cultural então vigente no país. Nessa época também surgiram correntes de pensamento que almejaram traçar caminhos distintos para a superação dos problemas sociais e do atraso econômico brasileiro – questões fulcrais, especialmente nas décadas de 1950 e 1960. Houve intensos processos de industrialização e urbanização, e Salvador passou a experimentar um período de efervescência desenvolvimentista. Conservava o seu patrimônio histórico tradicional, mas ao mesmo tempo

suspensão prédios gigantescos e estruturas modernas monumentais, conforme Claudia Vasconcelos (2008).

Essas transformações repercutiram de forma incisiva nas práticas culturais, e a mentalidade do desenvolvimento atingia um segmento expressivo da sociedade baiana, contudo, no interior do estado, Porto Seguro seguia abandonada até a década de 1970, quando se inicia a construção da BR 101, pois não havia acesso rodoviário para circulação de veículos de grande porte. Desse modo, até meados do século XX, a cidade permaneceu como um povoado de pescadores, criadores de animais, agricultores e madeireiros que tinham acesso exclusivo à cidade, pelo mar, (Romeu FONTANA, 2001).

Na segunda metade da década de 1960, antes mesmo da rodovia, a cidade recebeu os seus primeiros turistas, os hippies, que “redescobrem” Porto Seguro, fazendo das suas praias e vilas paradisíacas da época, lugar de veraneio, bem como de residência. Dai então a cidade passou a atrair outros visitantes do Brasil e do mundo, principalmente devido aos 80 km de praias que contornam o município, além de se distanciar da repressiva e autoritária ditadura militar que assolava o Brasil. Porto Seguro tornou-se o roteiro preferido de pessoas que queriam fugir dos grandes centros, e muitas delas decidiram permanecer na cidade, iniciando, assim, a construção de uma população híbrida, formada por pessoas nativas, estrangeiros, baianos de cidades distintas, trabalhadoras/es e investidoras/es do sul e sudeste brasileiros, segundo Romeu Fontana (2001).

A construção da BR 101, na década de 1970, por sua vez proporcionou a Porto Seguro a condição de se tornar um dos polos turísticos mais visitados do Brasil. Nessa época a região continua a contar com uma base econômica assentada exclusivamente na exploração das atividades madeireiras e pesqueiras, mas já se iniciavam as primeiras inserções turísticas. Mesmo sem possuir uma razoável estrutura receptiva em funcionamento, a cidade passou a receber milhares de visitantes do mundo inteiro (Ubaldo FILHO, 1976). Nesse período, sua estrutura colonial permanecia intacta e não oferecia nenhum recurso básico de saneamento. Inclusive, até início da década de 1980, a iluminação da cidade era a motor, e as ruas eram de chão batido ou muçurunga⁸.

Segundo o historiador Romeu Fontana (2000), na primeira metade dos anos 1970, na efervescência da inauguração da BR 101, instituiu-se a primeira programação turística para o verão, com festas nas praças, shows de artistas renomados de Salvador e de outras cidades brasileiras, e por fim a grande festa de carnaval. Podemos considerar que essa programação

⁸ Nos dias de hoje é possível encontrar ruas de muçurunga na Vila de Caraíva, lugar onde, por determinação da comunidade local, as ruas não podem ser asfaltadas, para não perderem a sua originalidade natural.

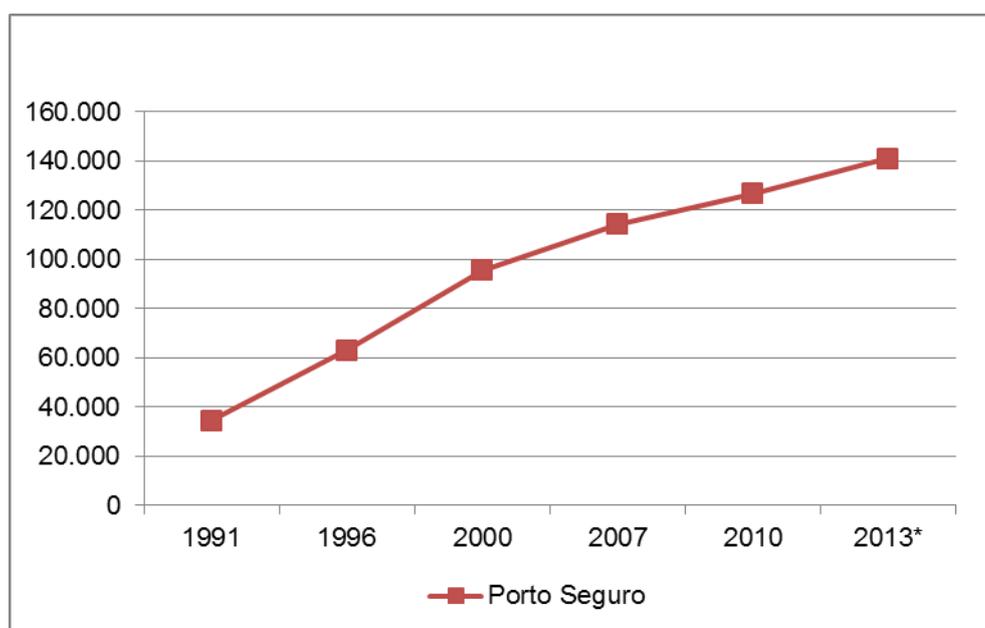
inicial foi o ponto de partida para que os holofotes do Brasil e do mundo se voltassem para a cidade. Na expressão do autor, a cidade passou de aldeia de pescador, para aldeia global.

A inauguração do trecho rodoviário da BR 101, que ligou a cidade de Porto Seguro à capital baiana, dentre outras cidades, abriu as portas para a atividade turística, propiciando um desenvolvimento nunca antes esperado. O município baiano que vivia isolado, sobrevivendo da pesca, da agricultura de subsistência, passaria, num espaço de 20 anos, a ser o segundo maior polo turístico do estado da Bahia, conforme Cristina Araújo (2005).

No final da década de 1980, quando começa uma corrida mercantil voltada para a exploração das cidades com potencial turístico, para o desenvolvimento de centros comerciais do agronegócio, o turismo consolidou-se como atividade econômica da *Costa do Descobrimto*. Assim, inicia-se o processo de urbanização de Porto Seguro, com uma intensa transformação da cidade: construção de prédios, hotéis, restaurantes, bares, lojas, shoppings, centros de lazer, barracas de praia, centros de cultura, dentre outros.

Nos anos 1990, a cidade já era um dos maiores centros de lazer e entretenimento do Brasil, e recebia, em média, cerca de 500 mil turistas por ano. Porto Seguro se transformou no point do lazer nacional, e em 1991, de acordo com dados do IBGE⁹, moravam na cidade pouco mais de 34 mil habitantes. Em 1995, já passavam dos 60 mil. No início dos anos 2002, a população já beirava os 100 mil. Atualmente, a população é de aproximadamente 146 mil habitantes, conforme tabela e gráfico a seguir:

Gráfico 01: População de Porto Seguro – 1991-2013



*Estimativa
Fonte: IBGE Cidades

⁹ www.ibge.gov.br

Podemos observar no gráfico e tabela acima, que até o ano 2000, enquanto o crescimento acumulado da população na Bahia foi de 10,1%, e no Brasil de 15,6%, em Porto Seguro foi de 176,16%. Com o passar dos anos, a população não parou de crescer. Em 2013, registrou-se o crescimento acumulado de 306,8%, enquanto o Estado da Bahia apresentava um crescimento acumulado de 26,7%, e o Brasil de 36,9%.

O processo de migração relaciona-se ao fato de que algumas lideranças políticas, por interesses eleitoreiros, espalharam aos quatro cantos da região, a notícia de que em Porto Seguro havia terrenos e emprego para todos. Além de tentadora, a informação se difundiu em meio à maior crise ocorrida na região cacauífera¹⁰. Nos fins da década de 80 a vassoura-de-bruxa quase dizimou a cultura do cacau na Região Sul da Bahia, fator que, inevitavelmente, impulsionou o processo migratório ocorrido em Porto Seguro. Atualmente, os arredores da cidade se transformam em núcleos residenciais com diversos bairros populares e periféricos gigantescos, situados em lugares estratégicos, fora do centro da cidade, escondidos dos olhos dos visitantes.

Atualmente, a cidade é o segundo polo turístico e de entretenimento do Brasil e a terceira maior rede hoteleira do país, com aproximadamente 37 mil leitos em hotéis e pousadas, ficando atrás apenas das redes hoteleiras do Rio de Janeiro e Salvador, segundo a Empresa de Turismo da Bahia S. A. – BAHIATURSA (2013). Porto Seguro está entre os roteiros mais procurados da Bahia. De um lado, mostra-se ao turista como vila organizada e acolhedora; de outro, esconde uma periferia com população estimada em mais de 90 mil habitantes.

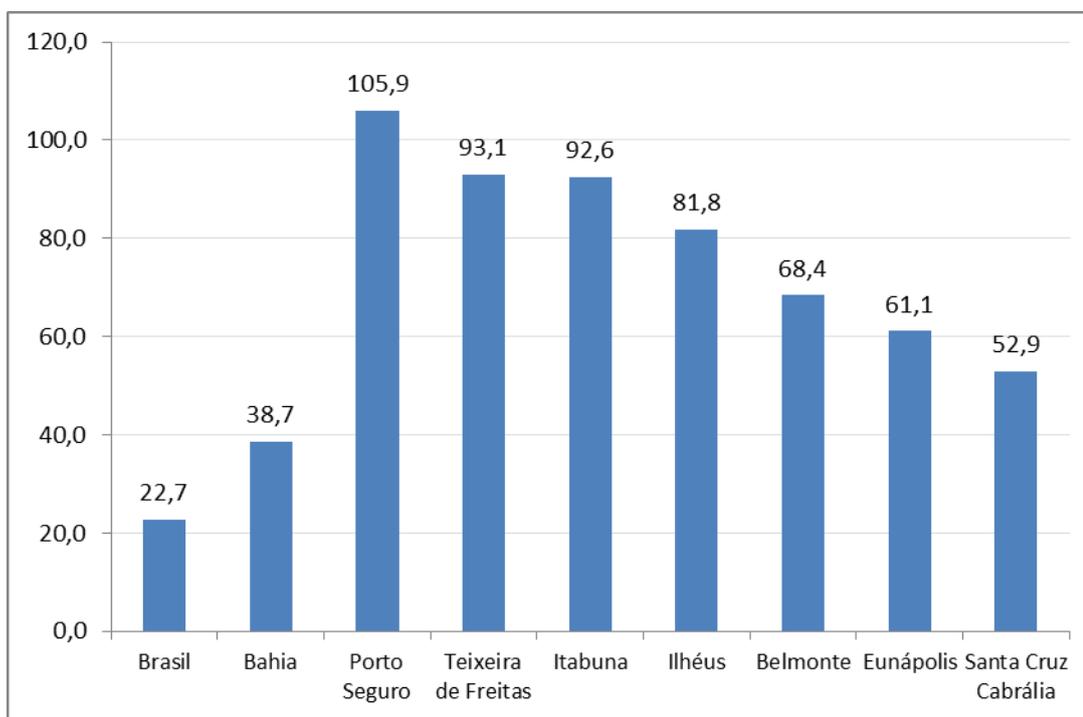
Em decorrência desse processo, vários problemas sociais, políticos e estruturais foram se constituindo ao longo das duas últimas décadas dos anos 2000: o crescimento desordenado; desemprego na baixa temporada turística; índice de desenvolvimento humano municipal igual a 0,676 (vigésimo quinto no ranking estadual); incidência da pobreza igual a 52,17% (IBGE, 2012), dentre outros. Esses dados permitem concluir que o processo de desenvolvimento da cidade veio acompanhado de mazelas que estão longe de serem resolvidas. Tudo isso ao lado da concentração de riquezas nas mãos de um grupo restrito de investidores de outros estados e países.

De outra parte, dentre as principais cidades do sul e extremo sul baiano, Porto Seguro é a cidade mais violenta, com registro de 105 homicídios para cada 100 mil habitantes, pro-

¹⁰ A "vassoura-de-bruxa", a mais destrutiva doença do cacauífera, contribuiu fortemente com a derrocada da cacauicultura e da economia regional, a partir de 1989, o que provocou grandes impactos econômicos e sociais negativos para a região Sul da Bahia.

blema que merece investigação, permanecendo no ranking de 1º lugar há uma década, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 02: Número de Homicídio para 100.000 habitantes



Fonte: Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil – 2013

No âmbito da educação, o que se observa é que o processo migratório, além de outros fatores, exigiu mudanças urgentes em toda a configuração das redes municipal e estadual de ensino. Além disso, entre o final dos anos 1990 e 2010, a quantidade de escolas existentes e as recém-construídas não davam conta da quantidade de matrícula. Desse modo, para dirimir o problema, a prefeitura municipal passou a alugar salas de aula, mas a situação dessas salas era deplorável, muitas residências foram transformadas nas chamadas “escolinhas” alugadas para a prefeitura, enquanto docentes e discentes sofriam nas salas superlotadas.

Mesmo com o aluguel dessas salas de aula, não foi possível suprir a necessidade, então se iniciou um processo de funcionamento das escolas em sistema de rodizio, ou seja, as escolas funcionavam em quatro turnos diários¹¹, alterando os ritmos temporais das/dos alunas/os, das/os docentes e consequentemente das famílias. Sem falar na correria de professoras e professores entre uma escola e outra, que funcionavam sem intervalos entre os turnos. Não havia como descansar, respirar, pois os turnos emendavam-se.

¹¹ As escolas municipais funcionavam com um turno matutino, de 07 às 11 horas; outro turno intermediário, de 11 às 15 horas; o vespertino, de 15 às 19 horas e o noturno, das 19 às 22h. Esse sistema iniciou em 1998 e perdura até hoje, atualmente em uma escola apenas.

A partir do final dos anos 1990, o número de discentes matriculados nas redes municipal, estadual e privada aumentou exorbitantemente, acompanhando o crescimento populacional, conforme tabela abaixo:

Tabela 01: Número de alunas/os matriculadas/os - 1997 - 2003

ANO	REDES DE ENSINO			
	Municipal	Estadual	Particular	Total
1997	12.703	2.100	----	14.803
1999	22.728	2.943	2.208	27.879
2001	52.619	5.214	3.780	61.613
2003	50.771	8.546	3.010	62.327

Fonte: INEP

O crescimento acelerado e desordenado da rede de ensino entre 1997 e 2003 alterou profundamente as relações e condições de trabalho, iniciou-se uma corrida de docentes para assumir 40h, 60h e até 80h semanais, por causa da falta constante de professoras e professores e conseqüentemente para aumentar os seus rendimentos, dentre outros aspectos. De outra parte, a qualidade da educação foi comprometida, além das tensões e conflitos que desencadearam no interior das escolas, devido à superlotação de salas, péssimas condições de trabalho, aspectos que contribuíram para migração de vários discentes para escolas particulares.

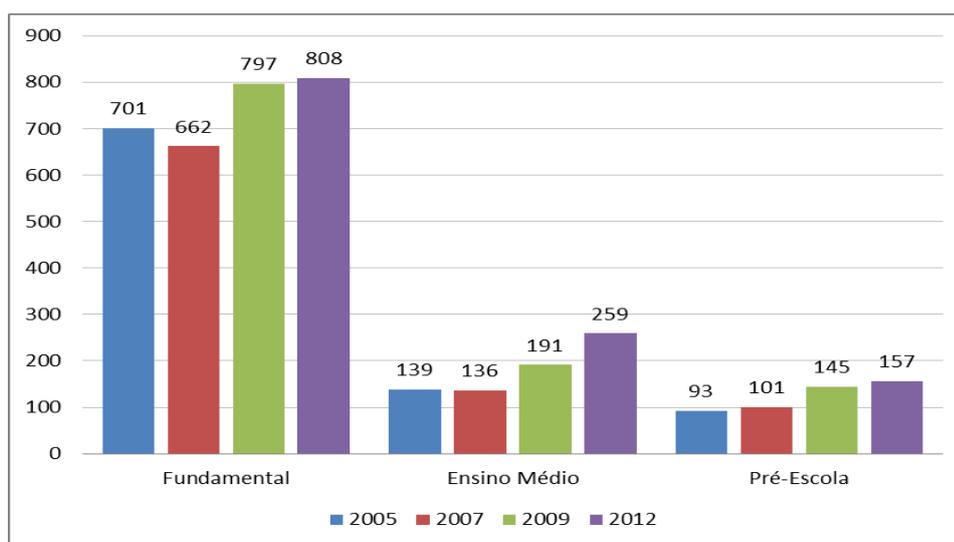
Ademais, o crescimento da população escolar desencadeou uma procura incessante por professoras e professores, pois na cidade não havia docentes suficientes, devido à falta de instituição de formação dessas/es profissionais, bem como de salários que atraíssem as/os docentes para a cidade¹². Até o final da década de 1990, existia apenas o Normal Médio – antigo Curso de Magistério – para formar docentes. Havia poucas pessoas com nível superior, o que impulsionou a Secretaria Municipal de Educação a colocar anúncio em jornal, para captar profissionais de outras cidades. Muitos chegavam, poucos ficavam, pois pagar aluguel, se alimentar, deslocar-se para as escolas na periferia dos distritos e do campo era muito dispendioso, e o salário oferecido não cobria as despesas. A falta de profissionais para atuar na docência era tanta que houve um tempo em que o município e o estado contrataram bacharéis de qualquer área, para ministrar aulas, sem nenhuma experiência docente. Houve até concurso público que absorvia esses bacharéis, com a condição de que, uma vez efetivados, eles fizessem uma complementação pedagógica no prazo máximo de três anos. Além desses, era co-

mum outras pessoas com qualquer formação de nível médio ministrar aulas, sem falar das/os professoras/es leigos que atuavam no campo e nos territórios indígenas.

Esse quadro só começou a mudar a partir do ano 2000, quando foi construída, a 45 km de Porto Seguro, a primeira faculdade particular que oferecia o curso de Pedagogia. Em 2003 a prefeitura assinou um convênio com a Universidade Estadual de Santa Cruz, e 50 professoras/es efetivas/os, sem formação superior, graduaram-se no curso supracitado. Também em 2003 foi inaugurado o Instituto de Educação Superior Nossa Senhora de Lourdes, uma instituição privada que tinha como objetivo formar professoras/es de Língua Portuguesa e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente através do curso Normal Superior.

Na rede pública, podemos observar no gráfico abaixo, que houve um decréscimo no ano de 2007, no Ensino Fundamental. Contudo, nos últimos anos, o número de docentes continuou aumentando. No Ensino Médio e na Educação Infantil houve um progressivo aumento do número de docentes de um ano para o outro, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 03: Número de docentes na Rede Pública de Ensino – 2005 a 2012

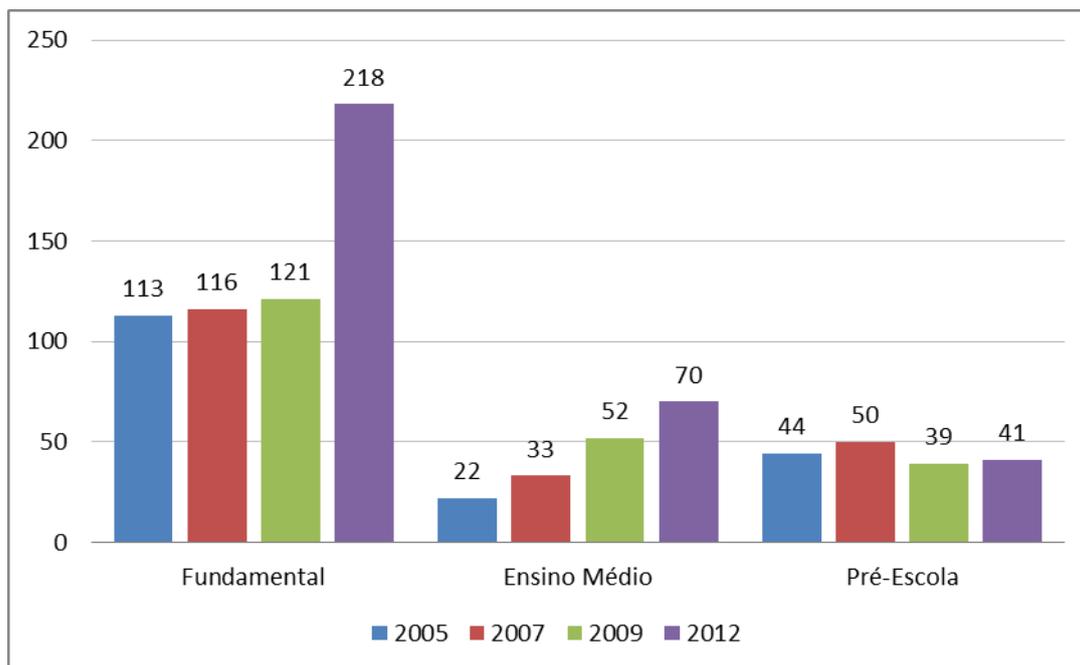


Fonte: INEP

Já na rede particular de ensino, podemos constatar que entre os anos 2005 e 2009 havia um número estável de professoras/es, e em 2012 houve um aumento considerável do número de docentes atuando nas escolas privadas, conforme gráfico abaixo:

¹²Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro (2013).

Gráfico 04: Número de docentes na Rede Particular de Ensino – 2005-2012



Fonte: INEP

1.7. A abordagem, o percurso metodológico e os sujeitos da pesquisa

Durante muito tempo, as pesquisas em educação se preocuparam com a análise de contextos localizados e os seus impactos, em geral, na educação e na instituição escolar. Após a segunda metade do século XX, os pesquisadores demonstraram interesse em investigar o processo educativo como um todo, não excluindo dele nenhuma variável, desde os fatores intraescolares, como o currículo, à gestão escolar, à organização do trabalho pedagógico, à história da educação, às políticas públicas educacionais, dentre outras questões relacionadas ao campo sociológico da educação: as trajetórias escolares e desigualdades sociais de escolarização, a condição e a formação docente, os tempos e espaços na configuração do trabalho e da identidade docente, a cultura na escola e cultura da escola e saberes escolares, os artefatos culturais (tecnologias digitais, mídia, artes visuais, museus, etc.), envolvendo questões humano-sócio-educacionais, bem como relações de gênero, etnia, classe social, dentre outras.

Desse modo, os temas das pesquisas ampliaram-se consideravelmente, propiciando investigações em contextos específicos da educação e exigindo uma ampliação das abordagens metodológicas, pois aquelas utilizadas pela sociologia e psicologia já não respondiam às demandas apresentadas. Constatou-se que, para compreender e interpretar os problemas da área da educação, seriam necessários enfoques interdisciplinares e tratamentos multidimensionais.

Assim, erigiu-se no campo da pesquisa em educação várias possibilidades de investigação, inclusive a análise da própria experiência do pesquisador, bem como pesquisa com a colaboração dos participantes, conforme explicita Bernadete Gatti (2002) e Marli André (2001).

Nesse contexto, portanto, se inserem estudos sobre os tempos na escola e fora dela, a organização dos tempos escolares em períodos históricos distintos, a intensificação e ampliação de jornadas de trabalho, dentre outros realizados especialmente a partir do final da década de 1980, com a finalidade de investigar o modo como os indivíduos constroem, entendem e usam os seus tempos cotidianos, atribuindo a noção de tempo sentido e valor, a qual está subjacente aos processos históricos em que se inscrevem a reprodução das sociedades e a mudança social, segundo Emília Araújo (2010). Também nesse contexto, surgiu a nossa proposta de investigar as configurações dos tempos cotidianos docentes da rede de ensino de Porto Seguro, fora da escola, os processos sócio-históricos e culturais em que elas se inscrevem, quais sejam em que se circunscrevem e produzem.

O objetivo desta pesquisa, além de construir um espectro das atividades de tempo livre das professoras e professores pesquisadas/os, foi investigar, em sua experiência cotidiana, os desafios históricos e estruturais, socialmente produzidos e culturalmente representados, que possibilitam ou impossibilitam a vivência dessas atividades em seus tempos cotidianos. Os processos e descobertas analisados na pesquisa ofereceram-nos elementos para a compreensão da vida de professoras e professores, bem como da sua condição humana, sobretudo fora da escola, a partir da reflexão acerca das suas temporalidades. Os resultados aqui apresentados não têm caráter utilitário nem de aplicabilidade prática, contudo poderão ser elementos fulcrais para a reflexão sobre as condições de tempo livre das/os trabalhadoras/es docentes fora da escola, e também sobre as tensões, conflitos e outros elementos a elas associados.

1.7.1. A abordagem metodológica

A pesquisa se insere nos procedimentos de pesquisa qualitativa, porque buscamos explorar diversas questões da vida das professoras e professores pesquisadas/os, identificando o sentido dos seus tempos cotidianos fora da escola, tanto das ações individuais como coletivas. Além disso, buscamos nos familiarizar com os sujeitos e suas preocupações, seus sentimentos vivenciados no cotidiano, mesmo porque também são nossos, já que fazemos parte da mesma rede de ensino e residimos na mesma cidade. Não se trata de uma mera descrição minuciosa do cotidiano, das ações e dos fenômenos observáveis, mas de uma ação interpretada e refletida junto com os sujeitos, conforme sugerem Jean-Pierre Deslauriers e Mechèle Kérisit (2008).

Optamos por realizar uma pesquisa de natureza socioantropológica, que levasse em consideração a prática dos sujeitos situados em lugares, estruturas e processos sócio-históricos dotados de sentidos, interesses e intenções. Trata-se de uma tessitura de dois elementos: o primeiro diz respeito à natureza do problema – sejam quais forem os propósitos da investigação, a natureza do objeto está diretamente ligada à vida social, às estruturas e processos dos indivíduos e suas ações; o segundo supõe vínculos sociais e vivências intersubjetivas, transcorridos nos encontros, nas relações sociais, conforme Inês Teixeira (2011).

O primeiro desafio foi a construção e delimitação do objeto, de modo que ele emergisse da realidade social dos sujeitos e se transformasse em uma questão sociológica, momento em que foi necessário tecer uma série de questionamentos sistemáticos, para assegurar a transferência das questões reais, dos problemas sociais concretos, para o problema sociológico, inserindo nele diferentes clivagens sociais e categorias teórico-analíticas.

O ponto de partida para a construção do objeto foi o exercício reflexivo acerca da experiência cotidiana do tempo, desde a infância, a partir da integração nos grupos de socialização, depois articulando essa experiência em sociabilidades distintas, aprendendo a lidar com os cálculos temporais e com as exigências externas acerca do cumprimento do tempo, e por fim os sentimentos acerca dessa configuração temporal, da construção de outros tempos, e a tomada de consciência de que o tempo é uma construção social carregada de subjetivação, sentidos e valores. A nossa experiência enquanto docente também contribuiu profundamente na delimitação do problema, pois vivenciamos os mesmos desafios que as/os colegas de profissão, ao conciliar os tempos de trabalho docente com os tempos de família, os tempos de formação acadêmico-profissional, dentre outros.

Outro elemento importante foi a leitura e análise de trabalhos desenvolvidos por outros pesquisadores, sobre a temática, a confrontação de teorias utilizadas por eles e aquelas escolhidas por nós, no momento de assentamento do problema de pesquisa. Os trabalhos consultados possibilitaram um contato com novas referências bibliográficas, definiram a linha investigativa que desejávamos seguir, bem como nos ajudaram a concluir que o objeto da pesquisa era comum e diferente ao mesmo tempo, porque se tratava de uma pesquisa sobre os tempos cotidianos docentes, mas com um diferencial, investigar especificamente os tempos livres fora da escola, onde se buscava encontrar os desafios e tensões enfrentados pelos sujeitos no processo de articulação das suas temporalidades, construindo, dessa forma, um objeto inédito.

O problema de pesquisa foi construído gradativamente, elaborado e reelaborado, fomos incorporando ao objeto questões analíticas que iam surgindo após as leituras, as conver-

sas nos encontros de orientação individual e coletiva, os debates em aulas, minicursos¹³ e eventos, bem como no período em que estávamos no campo. Desse modo, o objeto foi constituído tanto a partir das leituras, quanto das “informações colhidas, exploradas, traduzidas e reconstituídas”, como sugerem Jean-Pierre Deslauriers e Mechéle Kérisit (2008, p. 27).

Durante toda a pesquisa buscamos conhecer e analisar a literatura publicada sobre pesquisas realizadas até o momento, cujo objetivo foi identificar conceitos básicos, autores com trabalhos semelhantes, diferentes e precursores ao nosso, bem como explicitar o contexto teórico e o estado de conhecimento empírico no qual o problema se insere¹⁴. Sendo assim, a pesquisa bibliográfica não se limitou apenas ao início da pesquisa, mas antes e durante, pois o seu papel é de suma importância ao longo de todo o estudo. Ao continuar as leituras em fun-

¹³ Dentre os minicursos, destacamos dois: sobre a relação com o conhecimento nas ciências sociais na atualidade, com Hugo Zemelman, em 2010, e sobre a Sociologia da Individuação, com Danilo Martucceli, em 2012.

¹⁴ Como procedimento para levantamento de pesquisas sobre o nosso objeto, fizemos uma investigação no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, em periódicos nacionais e internacionais, livros, sites de eventos, dentre outros. A busca foi realizada a partir da inserção de cinco descritores: tempo e docência; tempos de professores/as; tempos livres de professores/as; tempos livres; tempos cotidianos docentes. A primeira consulta foi realizada no Banco de Teses da CAPES, onde foram consultados 746 trabalhos, sendo 636 dissertações e 110 teses. Inicialmente foi realizada a leitura dos resumos de cada trabalho. Desses trabalhos, 33 se aproximavam da nossa pesquisa, porque discutiam tempos de professores e professoras, contudo no espaço escolar. A segunda etapa foi a leitura do texto, na íntegra, a fim de selecionarmos os trabalhos que contribuiriam com nossa investigação. Obedecemos aos seguintes critérios de inclusão: o trabalho deveria discutir o tema da pesquisa, a partir de uma concepção sociológica do tempo (logo, todos aqueles que o discutiam em outra perspectiva teórica, foram excluídos); o núcleo do objeto deveria ser os tempos de professoras e dos professores, portanto os trabalhos que tratavam de tempos de alunos, de coordenadores pedagógicos ou em relação à organização do trabalho escolar também foram excluídos; ainda no núcleo do objeto, deveria tratar dos tempos livres fora da escola (dessa maneira, os trabalhos que discutiam trabalho escolar, tempo livre na escola, também foram dispensados). Dentre esses apenas 02 contribuíram mais diretamente com a nossa pesquisa: A tese de doutorado da professora Inês Assunção de Castro Teixeira, intitulada *Tempos Enredados: teias da condição docente*, defendida no ano de 1998, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a qual discute e analisa a experiência do tempo de professoras/es que atuam no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, buscando investigar as processualidades históricas da construção do tempo na vida desse indivíduos, na condição de professor. A dissertação de mestrado intitulada *As opções do tempo livre dos professores e professoras e a sua relação com a prática docente*, da professora Ruth Pavan, defendida no ano de 1999, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Em seguida, começamos a analisar as publicações nos periódicos brasileiros e estrangeiros, na biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* – SCIELO. Tivemos muitas dificuldades em encontrar trabalhos disponíveis entre 1990 e 2000, porque alguns periódicos só integraram a plataforma SCIELO a partir de 2000. Sendo assim, selecionamos algumas revistas da área das ciências humanas e sociais, tanto para abri-las em seus próprios sites, quanto para consultar os números mais antigos nas bibliotecas da Faculdade de Educação – FAE e da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH/UFGM. Dessa maneira, conseguimos acessar 28 artigos, dos quais selecionamos 10, para estudo e análise, utilizando os mesmos critérios citados acima. Quanto às revistas estrangeiras, tivemos acesso a 04 revistas de Portugal, 12 da Espanha, 02 do México e 02 da Argentina, onde encontramos 45 artigos, dos quais selecionamos 16 produções, sendo a maioria da Espanha. Analisamos também as publicações em anais de eventos em educação, a saber: Red Latinoamericana de Estudios sobre Trabajo Docente (REDESTRADO), Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Congresso Português de Sociologia (CPS), onde encontramos 12 trabalhos publicados, dos quais selecionamos 08 que se aproximavam do objeto dessa pesquisa. Para realizar a análise dos artigos e pesquisas publicados, também obedecemos aos critérios de inclusão e exclusão, descritos anteriormente. Os trabalhos encontrados nesse estado da questão não se encontram em uma seção específica da tese, optamos por utilizá-los na discussão teórico-analítica, ao longo de toda a tese.

ção do movimento do nosso objeto, exploramos caminhos diversos, ao mesmo tempo em que, ao analisar cada um deles, pudemos delimitar categorias provisórias de análise e encontrar pistas para interpretação, como nos asseguram Jean-Pierre Deslauriers e Mechèle Kérisit (2008). A pesquisa bibliográfica foi de suma importância, porque nos colocou em contato com outros pesquisadores que escreveram sobre o objeto, para, a partir da sua produção, ver mais além, retirar do objeto em questão aquilo que já foi defendido e acrescentar questões que ainda estão por investigar, além de também contribuir com a indicação de novas referências bibliográficas acerca da temática.

1.7.2. Os instrumentos de investigação

Para a realização da pesquisa empírica, utilizamos um conjunto de instrumentos com o objetivo de descrever e decodificar os elementos imbricados no sistema complexo de significados das temporalidades docentes, produto das interpretações que as/os docentes fazem a respeito de como vivem, constroem os seus tempos e os sentem. Por seu turno, permite também desvelar processos sócio-históricos circunscritos na experiência cotidiana dos tempos docentes, conforme Robert Bogdan e Sari Biklen (1994) e Cecília Minayo (2010).

Desse modo, para a realização da pesquisa de campo, utilizamos os seguintes instrumentos de investigação:

a) Questionário

A escolha do questionário teve como objetivo apresentar um traçado geral dos tempos cotidianos docentes fora da escola, por ele ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (Antonio Carlos GIL, 1999, p. 128). O questionário utilizado na pesquisa foi semiestruturado, o qual, segundo Maria Cecília Minayo (2010, p. 108), “combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde os sujeitos têm a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”.

Essa técnica já é muito utilizada nas pesquisas sobre tempo, por isso buscamos conhecer alguns questionários antes da elaboração do nosso. A nossa primeira inspiração foi a classificação de atividades elaboradas pela *International Classification of Activities for Time-Use Statistics* - ICATUS, criada pela Organização das Nações Unidas – ONU, para proceder as

pesquisas de uso do tempo em alguns países, e que inclusive serviu de inspiração também ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, para proceder a pesquisa piloto sobre o uso do tempo no Brasil. Também tivemos acesso e analisamos o questionário utilizado pelo IBGE, na pesquisa piloto supracitada, e a pesquisa realizada por um grupo de pesquisa da USP, sobre usos e distribuição do tempo de jovens urbanos, bem como o questionário elaborado pelo Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais – GAME/UFMG – e os questionários utilizados pela professora Inês Teixeira (1998), em sua tese de doutorado, além de outras pesquisas, acerca da temática, realizadas na FAE/UFMG.

Após a leitura e análise desses questionários, iniciamos a construção do nosso instrumento desta pesquisa. Inicialmente, elaboramos as questões, baseadas nos seguintes elementos e atividades: informações pessoais dos indivíduos; trabalho doméstico; trabalho remunerado para complementação da renda; atividades extensivas da escola; atividades de cuidado de pessoas da família; atividades de trabalho voluntário; atividades de estudo; atividades de sociabilidade; atividades de presença a eventos/locais culturais, de entretenimento e esportivos; atividades de hobbies, jogos e passatempos; atividades físicas e prática de esportes; atividades de uso de meios de comunicação de massa, atividades de cuidados pessoais e da própria saúde; tempos de descanso, dentre outros.

No primeiro exercício, chegamos a 200 questões, as quais foram analisadas uma a uma, e nesse processo, fizemos exclusão, inclusão e junção de questões similares. No intuito de organizar as questões, decidimos pensar em 03 blocos: O primeiro referiu-se a uma exposição geral acerca das atividades desenvolvidas em cada dia da semana. O segundo referiu-se às atividades desenvolvidas nos tempos cotidianos docentes fora da escola. Esse bloco foi dividido em 07 partes, a saber: Tempos com trabalho de professor/a fora da escola; Tempos para o cuidado com as/os filhas/os; Tempos com o trabalho doméstico; Tempos para religiões, lazer, práticas culturais e esportes. Tempos para o cuidado com o corpo e a saúde; Outros tempos. Por fim, o último bloco tratava, especificamente, da identificação dos sujeitos. Depois da elaboração do instrumento, marcamos a validação do mesmo, ou seja, convidamos 03 professoras e 03 professores para responderem a primeira versão do questionário.

No início falamos do objetivo da pesquisa e daquela etapa que estávamos propondo, que seria o momento da validação do instrumento, da necessidade deles e delas apontarem as lacunas, as repetições, os equívocos, dentre outros fatores importantes para a avaliação e reconstrução do mesmo. Depois distribuimos a carta de apresentação do instrumento e solicitamos que a lessem e dissessem se havia alguma dúvida, após a leitura. Como não houve nenhuma dúvida, foi distribuído o primeiro bloco do questionário, e à medida que elas e eles

iam terminando, iam recebendo os demais blocos, enquanto marcávamos o tempo dedicado por cada um dos voluntários, em cada bloco do questionário. A aplicação durou em média 04 horas de intensivo trabalho. Nesse período surgiram muitas dúvidas, interrupções, sugestões, todas anotadas para análise no momento de reelaboração do instrumento.

Após avaliação do questionário, foram apontados, pelos participantes da validação, os seguintes problemas: muitos quadros estavam incompreensíveis; o espaço reservado para a descrição das atividades era muito curto; algumas informações estavam se repetindo nas questões posteriores; faltou indicar se a frequência era por semana ou por dia, pois às vezes se referia à semana e às vezes se referia ao dia; as tabelas eram muito longas e cansativas. De um modo geral, o instrumento estava cansativo, contudo, segundo os participantes, os fez refletir sobre seus tempos fora da escola, dentre outras questões.

Sendo assim, trabalhamos no sentido de reconstruir o questionário, a partir das contribuições colhidas no grupo. Depois da reconstrução, marcamos novo encontro com o mesmo grupo, que dessa vez levou apenas uma hora para responder às questões propostas, avaliando-as como claras e objetivas.

Logo depois do processo de validação do instrumento, foi iniciada a sua aplicação. Convidamos, inicialmente, as professoras e professores selecionadas/os para comparecerem à sala que locamos, para que respondessem ao questionário, contudo não deu certo. Muitas/os docentes compareceram, mas um ou dois por semana, o que demandaria um tempo muito maior para aplicarmos 120 questionários, como propomos inicialmente. Além disso, era muito desgastante e cansativo para elas/es saírem da escola e passarem no local somente para participar da pesquisa, com tempos tão curtos e escassos. Desse modo, resolvemos conversar com as/os diretoras/es das escolas, para que pudéssemos aplicar o questionário na própria unidade escolar, com a proposta de passarmos um ou dois dias em cada escola, para aproveitar os tempos livres das/os docentes: as janelas, os intervalos entre um turno e outro, quando muitas/os delas/es permanecem na escola, se assim fosse aceito pelos sujeitos. A proposta foi aceita pelas/os diretoras/es, bem como pelas/os docentes. Assim, em dois meses, aproximadamente, concluímos essa etapa da pesquisa. Acompanhamos o processo de preenchimento do instrumento, e quando havia dúvida sobre alguma questão, explicávamos às/aos respondentes. Embora a duração média fosse de uma hora, como ocorria em grupo, os sujeitos conversavam muito sobre os assuntos do questionário. Sendo assim, muitas vezes a duração passava a ser entre duas e três horas. No momento da aplicação do questionário deixamos o gravador ligado sobre a mesa, e as conversas gravadas geraram reflexões interessantes, as quais se encontram no diário de campo.

Ao longo desse trabalho, todas as informações contidas em gráficos e tabelas foram coletadas pelos questionários, como também em percentuais apresentados no corpus do texto, sobre as temáticas em questão, bem como outras informações em percentuais inseridas em nota de rodapé, a depender da sua relevância para a discussão.

b) Grupos focais

Na concepção de Rosaline Barbour (2009), as pesquisas com grupos focais têm a finalidade de captar, a partir das conversas e trocas realizadas no grupo, conceitos, experiências, reações, atitudes e crenças, o que não seria possível perceber, usando outros métodos. Ou seja, nessa técnica “há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e por que pensam”. Daí, a importância do pesquisador extrapolar o roteiro, observar cuidadosamente as expressões e repostas, convidar os participantes do grupo à reflexão, pois são eles que constroem a história de si e dos outros, sofrendo influência do grupo, conforme explica Bernadete Gatti (2012, p. 9).

Pensamos nos grupos focais enquanto instrumento de investigação, porque gostaríamos de compreender as diferenças, divergências, contraposições e contradições em relação aos tempos livres dos sujeitos, ou seja, a partir das narrativas eles vão pensando sobre suas posições, retoma a fala, alterando-a, persistindo na mesma ideia, proporcionando um desvelamento do real, segundo Bernadete Gatti (2012).

Os grupos focais organizados para esta pesquisa ocorreram no período entre julho e novembro de 2013. Planejamos a composição de 07 grupos focais, com encontros previamente agendados, com duração mínima de 1 hora. Inicialmente pensávamos em reunir o mesmo grupo pelo menos três vezes, no entanto, ao refletirmos sobre os tempos docentes, bem como sobre as narrativas de muitas/os delas/es, sobre o esforço para participar do primeiro encontro, decidimos por marcar outro encontro somente se as discussões fossem incompletas ou se surgissem novas questões a partir do primeiro encontro. Os grupos foram formados por no mínimo três¹⁵ e no máximo seis professoras e professores de níveis de ensino e faixas etárias diferentes, permitindo, assim, como assegura Bernadete Gatti (2012), uma multiplicidade de pontos de vista, devido ao contexto de interação criado, possibilitando a captação de significados plurais.

¹⁵ Dentre os grupos focais, tivemos o de nº 2, realizado apenas com dois sujeitos, devido ao adoecimento da filha recém-nascida da professora Nádia, que por esse motivo não compareceu ao encontro.

No início, fizemos a recepção dos participantes que, ao chegarem, iam se sentando à mesa e preenchendo a uma ficha com questões referente à sua identificação pessoal, aspectos acadêmico-profissionais, socioeconômicos, étnicos e culturais. Em seguida, depois do grupo formado, explicávamos os procedimentos a serem realizados, principalmente referentes ao papel do moderador, ao respeito à fala do outro, destacando que, por ser um bate papo em grupo, seria importante ouvir a/o colega inteiramente, ou pedir uma parte da sua fala, quando quisesse inferir sobre algo. Depois dessa primeira conversa, começamos a sessão, a partir de um questionamento bem geral: *Gostaria que vocês me contassem o que costumam fazer em seus tempos cotidianos fora da escola.* Depois que todas/os esgotavam o tema, partíamos para outro questionamento: *Como vocês se sentem nesses tempos cotidianos fora da escola?* E em seguida: *Quais os desafios encontrados por vocês, em seus tempos cotidianos fora da escola?*

É importante ressaltar que no decorrer da discussão estávamos sempre atentos, pois qualquer frase significativa deveria ser retomada, ou seja, toda expressão que pudesse gerar explicação, contradição, conflito, era questionada, de modo que todos pudessem inferir sobre o tema.

Na segunda parte utilizamos uma caixa com várias questões e situações diversas sobre as temporalidades docentes fora da escola, a qual circulava pelo grupo, e cada participante poderia apanhar uma das questões e/ou situações e responder ou perguntar para alguém do grupo. As conversas em grupo duraram entre 01 e 02 horas, aproximadamente, e contribuíram bastante para compreendermos os tempos cotidianos docentes, principalmente no que diz respeito à identificação dos desafios, conflitos enfrentados pelos sujeitos, bem como às estratégias mobilizadas na articulação dos seus vários tempos na vida social.

Consideramos que os grupos focais foram de muita valia para coleta de informações, contudo, houve receio de alguns participantes falarem, diante do grupo, sobre transgressões ou questões mais pessoais. Isso ficou muito claro no relato de uma das professoras: *“Eu não me senti à vontade em falar algumas coisas no grupo. Por exemplo, já pensou se eu falasse ali que deixo de ir à aula para ir à praia com meus filhos, porque não tenho outro tempo? Acredito que meus colegas iam me chamar de relapsa e irresponsável”.* Desse modo, nos grupos focais, algumas questões muito pessoais, ou ainda, que transgridam as normas vigentes, podem não ser explicitadas, pelo fato do sujeito estar diante do grupo.

No momento do encontro gravamos em dois gravadores, para não correr o risco de perder nenhuma informação. Além disso, em uma folha avulsa registramos a sequência das falas com os nomes dos participantes, suas expressões no momento das suas falas. Para realizar a transcrição, primeiro ouvimos todo o áudio, e só depois disso começamos a transcrevê-

lo, passo a passo. Posteriormente fomos ouvindo o áudio novamente, acompanhando a transcrição e inserindo no texto as reações e comportamentos dos sujeitos, no momento em que as conversas foram gravadas, a partir das anotações realizadas.

As informações coletadas nos grupos focais foram inseridas no corpus do trabalho, na maioria das vezes, deixando na íntegra os diálogos completos dos participantes sobre uma determinada temática, bem como alguns excertos individuais. Outras informações também foram inseridas em nota de rodapé.

c) As entrevistas

Elegemos a entrevista semiestruturada como instrumento individual de coleta de informação, a qual “favoreceu não só a descrição dos fenômenos sociais estudados, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a nossa presença consciente e atuante no processo de coleta de informações (Augusto TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Partimos de uma questão geral sobre o tema da pesquisa, perguntando aos sujeitos o que, de um modo geral, elas e eles costumavam fazer em seus tempos cotidianos fora da escola. Dessa questão geral começaram a surgir outras, como, por exemplo, o que faziam entre segunda e sexta-feira, nos finais de semana, no período de recesso e de férias escolares. Também perguntamos qual era o tempo dedicado à família, às/aos amigas/os, às redes sociais e ao lazer, de um modo geral.

Preocupamo-nos com os cuidados no momento de elaboração do roteiro para a entrevista, como nos ensina Eduardo Manzini (2003), quanto à linguagem, à forma das perguntas, quanto à sequência das mesmas nos roteiros, do mesmo modo que também tivemos o cuidado de manter a mesma sequência lógica das perguntas utilizadas nos instrumentos anteriores.

d) As mensagens internautas através de e-mail

Utilizamos as mensagens internautas através do e-mail, como instrumento de investigação e de coleta de informação. No início da pesquisa cadastramos um endereço de e-mail no yahoo, intitulado temposdocentes@yahoo.com.br, e após a criação desse endereço, enviamos mensagem de texto para professoras e professores, através do banco de informações do sindicato da categoria, APLB-Sindicato, convidando-os para participarem da nossa pesquisa. Para o primeiro contato, elaboramos uma carta-convite, contendo os objetivos da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE, para que os internautas assinassem e

devolvessem o documento, assim que fosse possível, em local e datas previamente agendados. Para Daniel Mil (2011), o e-mail é um serviço disponível na Internet, estabelecido a partir do envio e recebimento de mensagens entre seus usuários, sendo que as informações tanto podem estar no corpo da mensagem como em arquivos anexados a essa mensagem ou, ainda, em ambos.

Segundo o autor, essa ferramenta pode ser empregada em procedimentos metodológicos para coleta de dados, especialmente quando são consideradas suas distintas possibilidades de estabelecimento da comunicação, da interatividade ou da distribuição de informação, inclusive, vez que possibilita comunicação rápida. Escolhemos essa técnica porque facilita a participação dos sujeitos, uma vez que não há necessidade de deslocamento, de preenchimento de formulários, nem de gravação de áudio, ou seja, no decorrer da coleta de dados, a qualquer hora do dia ou da noite, de acordo suas possibilidades de acesso, cada docente respondia as mensagens, sem comprometer os seus tempos já tão raros e efêmeros. Segundo Daniel Mil (2011), a utilização dessa técnica também pode significar ganhos para o pesquisador, em termos de dispêndio de tempo, dinheiro, trabalho, dentre outros, já sua desvantagem é a não observação dos aspectos corporais e gestuais dos informantes, intrínsecos na “presencialidade” do pesquisador e dos sujeitos pesquisados.

A coleta de informação iniciou com a mesma questão gerativa utilizada nos demais instrumentos de coleta de informações, qual seja: *“Gostaria que vocês me contassem o que vocês costumam fazer em seus tempos cotidianos fora da escola”*. A partir dessa questão, à medida que os sujeitos respondiam, elaborávamos outras questões, no intuito de ampliar a discussão, bem como trazer à tona novas discussões sobre os tempos livres docentes e suas implicações nos tempos cotidianos docentes. As vantagens desse instrumento é que o sujeito pode responder as questões gerativas, bem como se expressar livremente quando bem entender, nos tempos em que estiver *on-line*. No decorrer da pesquisa recebemos mensagens ao meio dia, após às 22h, bem como pela madrugada, após às 02h. A frequência maior de acesso sempre era depois das 22h. Além disso, outra vantagem desse instrumento é que o sujeito escreve livremente, sem se preocupar com as regras linguísticas, já que a internet possui linguagem própria, a qual foi mantida na íntegra no texto, apenas com algumas correções quando percebíamos que seria difícil o entendimento da frase.

e) Notas de campo em diário

No decorrer da pesquisa foi construído o diário de campo, onde registramos nossas observações sobre o objeto pesquisado, os sujeitos, aquilo que vimos e ouvimos, bem como o que pensamos no decurso da pesquisa, técnica denominada por Robert Bogdan e Sari Biklen (1994) como notas de campo. Trata-se de relatos em primeira mão, nelas facultamos um conjunto de pensamentos, acontecimentos e sentimentos que foram considerados importantes. Registramos, como sugerem o autor e a autora, ideias, estratégias e reflexões, bem como categorias que emergiram dos relatos dos sujeitos e das leituras realizadas

No diário também registramos os roteiros elaborados para as entrevistas, grupos focais e as mensagens de textos enviadas para os sujeitos internautas, bem como suas modificações no decurso da pesquisa e as impressões acerca das técnicas realizadas.

As notas de campo foram registradas de várias formas: primeiro, no momento de aplicação do questionário, foram gravadas as conversas com os sujeitos, as quais foram transcritas depois, na íntegra. Além disso, todos os nossos encontros com os sujeitos foram registrados em folhas avulsas, na forma de tópico ou com anotações simples. Em seguida, já em casa, registrávamos em um caderno escolhido especificamente para esse fim, separado em três partes: na primeira continha as ideias, as reflexões e perguntas, ou seja, um emaranhado de novidades que surgiram no decorrer da pesquisa, bem como um conjunto de questões sobre o trabalho, as técnicas, os sujeitos, seguidas de algumas reflexões; na segunda parte encontravam-se os aportes teóricos, citações importantes, referências encontradas nas leituras, comentários acerca de obras e autores, dentre outros aspectos; por fim, na terceira e última partes, continham as descobertas do/no campo, sua descrição, aspectos sobre os sujeitos, possibilidades de interpretação dos relatos, categorias analíticas, dentre outros.

1.7.3. A análise e interpretação das informações coletadas

Para cada técnica utilizamos um procedimento de análise diferente. No que diz respeito aos questionários, organizamos um conjunto de categorias analíticas baseadas na classificação de tempos livres de Eric Dunning e Norbert Elias (1992), quais sejam, atividades de lazer; de trabalhos particulares, voluntários e associativos; sociabilidades; práticas culturais; rotinas; cuidado de si, dentre outras. Em seguida, inserimos as questões fechadas do questionário, no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). Após essa etapa, fomos realizando os cruzamentos necessários e a construção dos gráficos. Depois dos gráficos pron-

tos, analisamos suas informações, minuciosamente, atentos aos dados estatísticos e às teorias já conhecidas, bem como outras que surgiram a partir da análise do material empírico.

Já as informações coletadas nas mensagens, grupos focais, entrevistas e notas de campo, foram analisadas buscando compreender as falas dos sujeitos a partir dos contextos nos quais estavam inseridos, permitindo chegar a um entendimento dos seus tempos fora da escola, vez que não existe ponto de vista fora da história dos indivíduos e dos processos sócio-históricos e culturais que os envolvem.

Para tanto, a interpretação das informações coletadas nesses instrumentos exigiu a elaboração de categorias analíticas, as quais foram capazes de desvendar as relações de professoras e professores com sua experiência de tempo. Para isso, foi necessário realizar uma leitura horizontal e exaustiva dos textos, a partir de uma relação interrogativa com eles, anotando as primeiras impressões, iniciando-se, assim, a busca de coerência interna das informações. Em seguida, realizamos uma leitura transversal de cada subconjunto e do conjunto em sua totalidade, fazendo os recortes do texto em unidades de sentido, por estrutura e por relevância, aproximando-se de uma análise hermenêutica, segundo Maria Cecília Minayo (2010).

Por fim, separamos os diálogos, excertos, expressões, dentre outras partes do texto, selecionadas para serem problematizadas a luz das categorias teóricas previamente selecionadas, além de outras que foram surgindo a partir da leitura e análise da empiria.

1.7.4. Sobre as questões éticas

Com o objetivo de cumprir com as normatizações éticas para a pesquisa com pessoas, as constantes na Resolução 466, de 12 DE DEZEMBRO DE 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que rege as pesquisas na Universidade Federal de Minas Gerais, através do COEP – Comitê de Ética em Pesquisa, elencamos alguns compromissos relevantes: a) compreensão de que a pesquisa é uma prática social imprescindível à construção do conhecimento; b) garantia da transparência dos procedimentos de coletas de informações e análise de dados; c) entendimento de que a relação entre pesquisador/a e pesquisados/as deve ser dialógica, respeitosa e ética.

Antes do início da pesquisa, demos entrada em um processo na Plataforma Brasil, para que tivéssemos aprovação do comitê de ética, a fim de realizá-la. Depois disso, os sujeitos assinaram o Termo de Livre Consentimento Esclarecido, que lhes foi apresentado antes de iniciar a pesquisa. Também foram informados sobre o acesso aos objetivos e ao teor do trabalho desenvolvido, bem como a explicitação da finalidade dos resultados finais, os quais serão

utilizados apenas para fins de divulgação científica, ao tempo em que lhes garantimos também a isenção de ônus, constrangimentos, coações, prejuízos e violação do termo assinado, danos morais, legais ou físicos. Ainda asseguramos o direito a não responder questões sobre assuntos que não estivessem seguros em tratar, ou solicitar a exclusão de narrativas já gravadas, ao mesmo tempo em que puderam solicitar, em qualquer tempo da pesquisa, que fosse desligado o gravador, ou que fossem omitidas informações por eles declaradas, resguardando, assim, a sua integridade. Tanto no percurso da pesquisa quanto na escrita, foram garantidos o sigilo e a proteção dos sujeitos.

1.7.5. Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram professoras e professores que atuam na Educação Básica, nas redes municipal, estadual e particular, no município de Porto Seguro, Bahia. Especificamente, 100 sujeitos responderam ao questionário, 22 foram membros dos grupos focais, 22 conversaram conosco pela internet e 09 participaram das entrevistas gravadas, conforme tabela anexa. Ressaltamos que foi facultado aos sujeitos, participarem de quantas técnicas eles/as desejassem, pois ampliaria ainda mais as possibilidades analíticas. Desse modo, tivemos 12 sujeitos que participaram de dois instrumentos diferentes.

De outra parte, priorizou-se na pesquisa uma maior participação de professoras do que de professores, devido à própria especificidade da Educação Básica no Brasil, onde, em todos os níveis de ensino dessa etapa, com exceção da Educação Profissional, contamos com 81,5% de mulheres atuando como docentes, e em Porto Seguro o percentual está acima da média nacional, ou seja, 85% do número de docentes são mulheres.

A escolha dos sujeitos foi não aleatória, baseou-se nos seguintes critérios: ser docente, de ambos os sexos, atuante no município de Porto Seguro, com pelo menos 20h semanais em escolas da Educação Básica, em qualquer um dos seus níveis e modalidades da esfera pública e particular, e disponibilizar-se para participar da pesquisa, escolhendo um ou mais instrumentos do seu interesse.

Optamos por utilizar, no corpus do texto, nomes fictícios para os sujeitos, no intuito de resguardar suas identidades.

a) **A seleção dos sujeitos**

Para selecionar os sujeitos que participaram das conversas pela internet, contamos com o apoio da Associação de Profissionais da Educação da Bahia - APLB-Sindicato – *Delegacia da Costa do Descobrimento*, que nos forneceu a lista de e-mails das professoras e professores filiadas/os. De posse dos endereços eletrônicos, enviamos uma carta convite, explicitando os objetivos da pesquisa e convidando-as/os para trocar e-mails pela internet, sobre os seus tempos fora da escola. Foi enviada a mensagem para aproximadamente 400 professoras e professores, das/dos quais 250 a responderam. Destas/es, aproximadamente 120 não se dispuseram a participar das conversas, apresentando os seguintes motivos: falta de tempo; não tinham muita afinidade com o computador ou não gostavam de acessar a internet; não dispunham de computador conectado em casa, dentre outros. No entanto, se dispuseram a participar de outras etapas da pesquisa, se fosse do nosso interesse.

De outra parte, 130 docentes dispuseram a participar dessa etapa. Desse modo, realizamos uma triagem para verificarmos se estavam dentro dos critérios estabelecidos anteriormente, para a seleção dos sujeitos. Dessa maneira, apenas 70 obedeciam aos critérios. Os demais ocupavam cargos de confiança, eram diretoras/es ou vice-diretoras/es de escola, estavam fora da função docente, dentre outras situações. Enviamos uma mensagem de agradecimento às/aos que não foram selecionadas/os ou não estavam dispostas/os, e iniciamos a conversa com os 70 sujeitos escolhidos. No primeiro mês, contudo, o número caiu para 30 participantes que respondiam às mensagens frequentemente. Encerramos as conversas no mês de dezembro de 2013, com apenas 22 participantes, sendo 17 mulheres e 05 homens.

Depois de selecionar os sujeitos para as conversas pela internet, enviamos outro e-mail, convidando as professoras e os professores da rede municipal para responderem ao questionário. Na mensagem, solicitava que deixassem o contato telefônico e o nome da escola onde trabalhavam, para que pudéssemos procurá-las/los posteriormente. Mais de 300 sujeitos responderam ao e-mail, se disponibilizando para a pesquisa, inclusive docentes que já estavam participando das conversas pela internet. Sendo assim, tivemos que fazer uma nova seleção, obedecendo aos mesmos critérios usados para selecionar os sujeitos internautas. Ao final do processo selecionamos 120 sujeitos para essa etapa da pesquisa, incluindo aqueles que trabalham nas redes estadual e particular. Esses últimos foram selecionados através de convite diretamente nas escolas, pessoalmente. Ao chegar às escolas, solicitamos ao diretor a autorização para encontrar com as/os docentes nas salas das/os professoras/es, e ali, à medida que

iam chegando, fazíamos o convite e marcávamos o encontro para responder ao questionário, na escola ou fora dela, a critério de cada sujeito.

No final, tivemos 40 sujeitos pertencentes ao quadro do Ensino Fundamental I, 40 pertencentes ao Ensino Fundamental II (desses, 10 eram de escolas do campo, incluindo da escola indígena), 20 pertencentes ao Ensino Médio e 10 pertencentes às escolas particulares, somando 120 sujeitos. Verificamos, no final da seleção, que a maioria dos sujeitos (80%) que atua nas escolas particulares também atua nas escolas públicas, devido ao progressivo aumento de alunos e a falta de docentes, especialmente nas disciplinas Física, Biologia, Química, Sociologia, Filosofia, dentre outras. Esse fator nos levou a excluir a comparação entre as redes, pois se tratavam praticamente dos mesmos sujeitos.

Dentre os 120 questionários respondidos e entregues, 20 foram excluídos, devido aos seguintes motivos: 08 dos participantes deixaram uma ou duas partes inteiras do questionário sem resposta, 12 deles optaram em responder ao questionário em casa, e não o devolveram até o final da pesquisa.

Para participar dos grupos focais, selecionamos 32 sujeitos, contudo 10 deles não compareceram para a discussão, os quais apresentaram as seguintes justificativas: muito trabalho em casa, adoecimento de filhas/os, cansaço, dentre outros. Sendo assim, participaram 13 professoras e 09 professores. Para realizar a seleção, recorremos ao banco de informações organizadas através dos questionários, pois nessa etapa da pesquisa precisaríamos agrupar pessoas por faixas etárias, situação conjugal, jornadas de trabalhos diferentes, tempo de experiência no magistério, dentre outras condições que pudessem possibilitar cruzamentos e interpretações plurais. Para cada grupo foram convidados entre quatro e seis docentes. Contudo, no dia agendado, por algum motivo, um ou outro sujeito não comparecia. No dia em que estavam agendados os grupos, não contávamos com a evasão e não queríamos formar grupos muito grandes, porque dificultaria a transcrição e entendimento lógico dos diálogos, por isso fizemos as discussões respeitando os presentes, independente da quantidade.

Por fim, foram selecionados os sujeitos que participaram das entrevistas, a partir dos mesmos critérios já mencionados. Para essa etapa, foram selecionados 09 sujeitos, sendo 06 professoras e 03 professores, para conceder entrevista gravada sobre os seus tempos livres fora da escola.

b) Sobre os sujeitos da pesquisa: uma pintura

A pesquisa teve a participação de 141 professoras e professores, dentre os quais 63,6% são do sexo feminino e 36,4%, do sexo masculino. Em relação à pertença étnico-racial, 63,1% desses sujeitos se declararam pardos, 15,2%, brancos, 17,4%, pretos, e 4,3%, amarelos. Desse modo, ao somarmos os percentuais de pardos e pretos, podemos inferir que a maioria das/dos docentes pesquisadas/os pertence à raça negra, o equivalente a 80,5% do conjunto. A faixa etária dessas/es professoras/es varia entre 21 e 60 anos, sendo que a maioria dos sujeitos (67%) encontra-se nas faixas entre 30 e 45 anos.

Em relação à situação familiar, optamos por perguntar com quem moram, ao invés de questionar o estado civil ou situação conjugal, levando em consideração a diversidade na configuração das famílias, desse modo, obtivemos o seguinte resultado: 47% dos sujeitos moram com companheiras/os e filhas/os; 16% moram somente com companheiras/os e não tem filhas/os; 17% somente com as/os filhas/os, ou seja, são especificamente mulheres mães solteiras; 1% com os pais; 13% sozinhos, e 6% moram com outros parentes (mencionaram irmãs/ãos, tias, avós, dentre outros).

No que diz respeito à faixa salarial dos docentes, constatamos que mais da metade, independente do sexo, recebe em média, entre 02 e 04 salários mínimos (60% dos homens e 52,3% das mulheres). Os demais, 25,7% dos professores e 29,2% das professoras recebem entre 4 e 7 salários; 5,7% dos docentes e 1,5% das docentes recebem entre 7 e 10 salários mínimos.

Quanto aos níveis e modalidades de ensino, em relação aos sujeitos pesquisados, 24% dentre os homens e 49,2% dentre as mulheres atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental I; respectivamente 37,4% e 32,8%, no Ensino Fundamental II; 37,1% e 18% no Ensino Médio. Já em relação às redes de ensino onde as/os docentes pesquisados/as atuam, no geral 93,9% trabalham somente nas redes estadual e municipal, sendo que 78,4 atuam nos centros urbanos e 15,5% no campo. Os demais, 6,1%, atuam na rede particular. Quanto ao tempo de atuação na docência, varia de 01 e 30 anos de atuação dentre os homens, já entre as mulheres varia entre 03 e 45 anos de atuação.

Passando para a formação acadêmico-profissional dos sujeitos, constatamos que, de uma parte, 2,8% dos homens têm apenas o curso normal médio, anterior magistério; 34,2% possuem o superior completo; 57,1% possuem curso de pós-graduação. De outra parte, 24,6% das mulheres possuem o superior completo; 58,4% são pós-graduadas e 15,3% estão cursando o ensino superior.

Optamos por apresentar uma pequena biografia dos sujeitos que participaram dos grupos focais, mensagens pela internet e entrevista, pois excertos das suas narrativas foram citados no corpus do texto. Contudo, vez ou outra, citaremos sua participação como respondente de questionário, nesse caso, quando o mesmo sujeito participou de mais de um instrumento de investigação. O retrato biográfico foi elaborado a partir da ficha de identificação, bem como a partir de textos enviados por e-mail:

Alice tem 36 anos, é solteira, autodeclara-se branca, mora com seus dois filhos e sua mãe, é formada em Pedagogia. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino, sendo que em 20 dessas horas fica à disposição da APLB-Sindicato, onde assume a função de secretária. É professora da Educação Infantil, natural de Itabela-BA, mora em Porto Seguro há 25 anos e pertence ao quadro efetivo do município desde 1998. Nesta pesquisa, participou dos grupos focais, das mensagens pela internet e respondeu ao questionário.

Alicinha tem 47 anos, autodeclara-se negra, tem dois filhos, é formada em Pedagogia, pós-graduada em Educação Inclusiva e Educação de Alunos/as Surdos/as. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. É natural de Camacan-BA e mora em Porto Seguro há mais de 20 anos, desde que se efetivou na rede municipal de ensino, como professora dos anos iniciais do ensino fundamental. Atualmente o seu maior desafio é trabalhar com alunos/as surdos/as, os quais lhe têm possibilitado gradativamente aproximar-se do seu mundo, dos seus valores, ideais, através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). A professora participou das conversas pela internet.

Jocélia tem 45 anos autodeclara-se negra, tem dois filhos, é formada em Pedagogia e possui jornada de trabalho de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino, onde atua no Ensino Fundamental I. É natural de Itabela e mora em Porto Seguro há mais de 20 anos. A professora participou das conversas pela internet.

Ana tem 32 anos, autodeclara-se negra, é separada, tem duas filhas. É formada em Pedagogia, mas é professora de Matemática do Ensino Fundamental II, por opção. Sempre gostou da área, mas na época em que fez sua faculdade, não havia o curso de Matemática em Porto Seguro. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. Ela é docente há 15 anos, é natural de Potiraguá-BA, e mora em Porto Seguro há 16 anos. Além do magistério também é vendedora de confecções, bijuterias, lingerie, dentre outros produtos. Participou dessa pesquisa como membro de um grupo focal, e conversamos pela internet.

Claudia tem 30 anos, é casada, autodeclara-se branca, é formada em Pedagogia e possui jornada de trabalho de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino, onde atua como professora do primeiro ano do Ensino Fundamental. É natural de Porto Seguro e participou do grupo focal.

Nil 48 anos autodeclara-se negra, tem quatro filhos, casada, formada em Pedagogia, possui jornada de trabalho de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino, onde atua no Ensino Fundamental II. É natural de Itabela e mora em Porto Seguro há mais de 20 anos. A professora participou do grupo focal.

Alba tem 38 anos, autodeclara-se negra, solteira, não tem filhos, é formada em Pedagogia com habilitação em gestão, fez especialização em Gestão Escolar e mestrado em Ciências da Educação. Ela é natural de Itamaraju-BA, mas foi levada pelos pais, aos dez dias de nascida, para Montes Claros, onde permaneceu até os seus quinze anos. Mora em Porto Seguro há 13 anos, e atua como professora desde quando chegou à cidade. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, no Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino. Na pesquisa ela participou das conversas pela internet.

Élida tem 45 anos, autodeclara-se branca, é separada, tem dois filhos e é natural de uma cidade do Rio Grande do Sul. É terapeuta ocupacional, mas está no magistério há 13 anos, o mesmo tempo em que mora em Porto Seguro, pois iniciou a carreira docente na cidade. Segundo ela, como as pessoas desconheciam a sua profissão, na época buscou uma ocupação de que gostasse tanto quanto a terapia. Começou a trabalhar, e somente sete anos depois fez a complementação pedagógica em Biologia. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino, onde atua como professora de Ciências. No entanto, como não completa a carga horária, também dá aula de História, Geografia, dentre outras. Nessa pesquisa foi uma das participantes das conversas pela internet.

A professora Flávia tem 37 anos, autodeclara-se branca, é solteira, não tem filhos, é formada em Pedagogia. Mora em Porto Seguro há 20 anos e exerce a docência há 15. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino, onde atua como professora do 4º e 5º anos do ensino fundamental. Participou das conversas pela internet.

Lúcia tem 35 anos, é casada, não tem filhos, autodeclara-se parda. É formada em Pedagogia e fez complementação para ensinar Geografia. Também fez especialização em Gestão Escolar, Educação de Jovens e Adultos (EJA), e no momento está fazendo mestrado em Ciências da Educação. É natural de Teixeira de Freitas-BA, morou em Porto Seguro por 07 anos, e desde 2003 mora em Eunápolis-BA. Todos os dias ela se desloca para Vera Cruz, distrito de Porto Seguro, para trabalhar. É professora há 17 anos, todos eles dedicados à rede municipal

de ensino de Porto Seguro, com uma jornada de trabalho de 40 horas semanais no Ensino Fundamental II. Participou dos grupos focais e das conversas pela internet.

Luz tem 43 anos, é casada, autodeclara-se negra, tem um filho, é formada em Letras e possui mestrado em Ciências da Educação. Está no magistério há vinte anos, é natural de Potiraguá, e mora em Porto Seguro há 10 anos. Sua jornada de trabalho é de 60 horas semanais, sendo que em 40 horas atua como professora na rede municipal de ensino; nas outras 20h, ela dá aulas de Língua Portuguesa em uma faculdade particular. Participou das conversas pela internet.

Maria tem 36 anos, mora com a filha, autodeclara-se parda, sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais. É formada em Pedagogia, com complementação em Biologia. Atua há 13 anos na docência, e atualmente é professora de Ciências no Ensino Fundamental II. É natural de Potiraguá, e mora em Porto Seguro há 13 anos. Participou dos grupos focais e respondeu ao questionário.

Lucy tem 34 anos, mora com o companheiro e os dois filhos, autodeclara-se parda. É formada em Pedagogia e atua há 08 anos no magistério. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. Atualmente é professora do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. É natural de Mascote - BA, e mora em Porto Seguro há 15 anos. Participou dos grupos focais.

Joyce tem 53 anos, mora sozinha, pois os filhos são independentes, autodeclara-se parda. É formada em Pedagogia e atua há 15 anos na docência. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. Atualmente é professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. É natural de Eunápolis e mora em Porto Seguro há 15 anos. Participou das conversas pela internet.

Mary tem 43 anos, mora com a filha, autodeclara-se parda, sua renda pessoal é de 04 salários mínimos, que advém somente da docência. Sua jornada de trabalho é de 40h semanais, na rede municipal de ensino. É formada em Filosofia, atualmente está cursando a licenciatura em Pedagogia. Atua como professora da Educação Infantil e tem 13 anos no magistério. É natural de Salvador, e mora em Porto Seguro há 15 anos. Participou dos grupos focais.

Jose tem 46 anos, mora com o companheiro, autodeclara-se negra. Sua jornada de trabalho é de 40h semanais, na rede municipal de ensino. É formada em Pedagogia e especialista em Educação Inclusiva. Atualmente atua como professora de pessoas surdas no Ensino Fundamental I, e tem 16 anos no magistério. É natural de Coaraci-BA, e mora em Porto Seguro há 15 anos. Participou dos grupos focais.

Dulce tem 48 anos, mora com o esposo, a filha e a neta, autodeclara-se parda. Sua jornada de trabalho é de 40h semanais, na rede municipal de ensino. É formada em Letras, atualmente atua como professora de Língua Portuguesa e Ciências no Ensino Fundamental II, e tem 20 anos de docência. É natural de Potiraguá, e mora há 10 anos em Porto Seguro. Participou dos grupos focais.

Janine tem 36 anos, autodeclara-se negra, tem duas filhas, é mãe solteira. É formada em Letras e trabalha com Inglês e Artes no Ensino Fundamental e Médio. Sua jornada de trabalho é de 60h semanais, sendo 20 horas na rede estadual e 40 horas na rede municipal. Mora em Porto Seguro há 20 anos, é efetiva do município há 15, e contratada pelo Regime Especial de Direito Administrativo - REDA há 05 anos, na Rede Estadual. Concedeu entrevista para a pesquisa.

Telma tem 34 anos, autodeclara-se negra, é casada, formada em Pedagogia e Letras, atua como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio. Sua jornada de trabalho é de 60h semanais, sendo 20 horas na rede estadual e 40 horas na rede municipal. É natural de Itabuna-BA, e mora em Porto Seguro há mais de 20 anos. Concedeu entrevista para a pesquisa.

Anita tem 47 anos, autodeclara-se negra, mora com os dois filhos e um neto. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. É formada em Letras e especialista em Língua Portuguesa. Atualmente atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, e possui 20 anos no magistério. Mora em de Porto Seguro há mais de 10 anos. Participou dos grupos focais.

Lívia autodeclara-se branca, tem 37 anos, dois filhos, é professora de História no Ensino Fundamental e Médio. A sua jornada é de 60 horas semanais, sendo 40h na escola estadual e 20h na rede municipal de ensino, onde trabalha como contratada pela prefeitura há mais de cinco anos. É natural de Itabuna, e mora em Porto Seguro há mais de 15 anos. Participou das conversas pela internet.

Kelle, 35 anos, autodeclara-se branca, é casada e tem uma filha. É formada em Letras, e possui uma jornada de trabalho de 60 horas semanais, sendo 40h na rede municipal e 20 horas na rede particular, atuando como professora de Geografia no Ensino Fundamental e Médio. Participou das conversas pela internet.

Vania tem 43 anos, autodeclara-se negra, mora com o esposo. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. Formada em Pedagogia, atua na docência há 18 anos como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. É natural de Mascote, e mora em Porto Seguro há 12 anos. Participou das conversas pela internet.

Sil tem 45 anos, autodeclara-se parda, mora com o esposo e filhos. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. Formada em Pedagogia, com complementação em História, atua como professora do Ensino Fundamental II, encontra-se na docência há 15 anos. É natural de Eunápolis, e mora em Porto Seguro há 20 anos. Participou das conversas pela internet.

Jaqueline tem 32 anos, autodeclara-se parda, é solteira, não tem filhos. A sua jornada é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. É formada em Letras e exerce a docência há 10 anos como professora do Ensino Fundamental II. É natural de Eunápolis, e mora em Porto Seguro há 11 anos. Participou dos grupos focais e das conversas pela internet.

Vivi tem 32 anos, autodeclara-se negra, mora com o esposo e filhos. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino. Formada em Letras, atua na docência há 15 anos como professora do Ensino Médio. É natural de Ilhéus-BA, e mora em Porto Seguro há 12 anos. Participou das conversas pela internet.

Joana é solteira, tem 42 anos, autodeclara-se negra, mora com o esposo, não tem filhos, é formada em Letras, atua como professora de Língua Portuguesa e Artes no Ensino Fundamental II. Sua jornada na rede municipal de ensino é de 40h semanais. É natural de Itabuna, trabalha na docência há 18 anos, e mora em Porto Seguro há 12. Participou dos grupos focais.

Zilma tem 43 anos, autodeclara-se branca, mora com o esposo e filhos, formada em Pedagogia com complementação em Matemática. Sua jornada de trabalho é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino como professora de Matemática no Ensino Fundamental II. Atua na docência há 20 anos. É natural de Goiânia, e mora em Porto Seguro há 25 anos. Participou das conversas pela internet.

Marcela tem 33 anos, é solteira, autodeclara-se parda, sua jornada é de 60h, sendo 40h semanais na rede particular e 20h semanais na rede municipal de ensino. É formada em Educação Física, especialista em Educação Física Escolar. Atua como professora de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio. Está há 07 anos no magistério. É natural de Itabuna, e mora em Porto Seguro há 05 anos. Concedeu entrevista para a pesquisa.

Irene tem 57 anos, é solteira, autodeclara-se negra, sua jornada é de 40h na rede municipal de ensino. É formada em Matemática e atua na mesma área no Ensino Fundamental II. Está há 20 anos no magistério, desses 14 em Porto Seguro. É natural de Ilhéus, e mora em Porto Seguro há 30 anos. Concedeu entrevista para a pesquisa.

Cecília tem 56 anos, é solteira, autodeclara-se parda, sua jornada é de 40h semanais na rede municipal de ensino. É formada em Matemática, especialista em Psicopedagogia. Atua

como professora do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Está há 21 anos no magistério. É natural de Ibicarai, e mora em Porto Seguro há 30 anos. Concedeu entrevista para a pesquisa.

Jonas tem 42 anos, autodeclara-se negro, formado em Matemática, casado, dois filhos. Sua jornada de trabalho é de 80 horas semanais, sendo 40 delas na escola estadual e 40 na escola municipal, atuando como professor de Matemática. É natural de São Paulo, mora em Porto Seguro há 20 anos, e está na docência há mais de 15. Participou das conversas pela internet.

Márcio tem 40 anos, autodeclara-se branco, é separado, tem uma filha e é formado em História e atua na mesma área no Ensino Fundamental e Médio. Sua jornada de trabalho é de 60 horas semanais, sendo 20h na escola particular e 40h na rede municipal de ensino. É natural de Itabuna, mora em Porto Seguro há 18 anos e trabalha na rede de ensino há mais de 15. Participou das conversas pela internet.

Jorge tem 28 anos, autodeclara-se pardo, mora com a mulher e o filho de três anos. Sua jornada de trabalho é de 80 horas semanais, sendo 40h em uma escola municipal e 40h em uma escola estadual. É formado em Pedagogia e especialista em Gestão Escolar e Estudos Afro-brasileiros. Atua na docência há 08 anos, como professor do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, coordenador pedagógico e professor de História no Ensino Médio. É natural de São José da Vitória-BA, e mora em Porto Seguro há 15 anos. Participou dos grupos focais e respondeu ao questionário.

Xavier tem 50 anos, autodeclara-se pardo, mora com a esposa. Sua jornada de trabalho é de 60 horas semanais, sendo 40h na rede municipal e 20h na rede estadual. É formado em Letras, Matemática, e especialista em Língua Portuguesa e Ensino de Matemática. Atua na docência há 15 anos, como professor de Matemática no Ensino Fundamental II e Médio. É natural de Itabela, e mora em Porto Seguro há 20 anos. Participou dos grupos focais e respondeu ao questionário.

Jaime é paulistano, 41 anos, autodeclara-se pardo, trabalha 40 horas semanais na rede municipal, é casado, tem dois filhos. É formado em Pedagogia, está fazendo pós-graduação em Ensino de Artes e Procedimentos. Atualmente trabalha no Ensino Fundamental I, especificamente no 3º e 5º anos. Reside em Porto Seguro há 17 anos, e é professor há 05. Participou das conversas pela internet.

Sílvio é natural de Potiraguá-Bahia, tem 48 anos, autodeclara-se negro, é casado, tem quatro filhos. Sua jornada é de 60h semanais, sendo 40 na rede municipal de ensino e 20 na rede estadual. É formado em Letras e trabalha na mesma área no Ensino Fundamental II e

Ensino Médio. Reside em Eunápolis e atua como professor em Porto Seguro, há 10 anos. Participou dos grupos focais.

Kaká tem 42 anos, autodeclara-se branco, é casado, tem duas filhas. É formado em Pedagogia, e atualmente está concluindo o curso de Educação Física. É de Niterói, mora e trabalha em Itaporanga há mais de 15 anos. A sua jornada é de 40 horas semanais, na rede municipal de ensino, atuando como professor de Educação Física no Ensino Fundamental II. Participou das conversas pela internet.

Flávio tem 26 anos, mora com a esposa, autodeclara-se pardo. Sua jornada de trabalho é de 40h semanais, na rede municipal de ensino. É formado em Letras e especialista em Língua Inglesa. Atua como professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Ensino Fundamental. É natural de Mascote, e mora em Porto Seguro há 20 anos. Participou dos grupos focais e respondeu aos questionários.

John tem 38 anos, autodeclara-se pardo, é casado, tem dois filhos, formado em Letras. É natural de Mascote, mora e trabalha em Porto Seguro há mais de 15 anos. A sua jornada é de 60 horas semanais, sendo 40 horas na rede municipal e 20 horas na rede estadual de ensino. Trabalha com Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio. Participou das conversas pela internet.

Edy tem 40 anos, mora com a esposa e os três filhos. Sua jornada é de 40h semanais, na rede municipal de ensino. É formado em Letras e atualmente está cursando o mestrado em Ciências da Educação. Atua na docência há 20 anos, como professor de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. É natural de Santa Luzia-BA, e mora em Porto Seguro há 25 anos. Participou dos Grupos Focais.

Naldo tem 33 anos, é casado, autodeclara-se pardo, tem uma filha, é natural de Itagi-BA. É formado em Matemática, e especialista em Ensino de Matemática. Trabalha na docência há 10 anos, dos quais 08 são dedicados à rede municipal de ensino de Porto Seguro, onde cumpre uma jornada de 40h semanais. Concedeu entrevista individual para a pesquisa.

Tárcio tem 28 anos, é casado, autodeclara-se branco, formado em Educação Física, tem uma filha, é natural de Belmonte-BA, mora em Porto Seguro há 06 anos, desde que foi aprovado no concurso público. É professor de Educação Física no Ensino Fundamental II, com jornada de 60h semanais, sendo 40h na rede municipal de ensino e 20h em uma academia. Concedeu entrevista individual para a pesquisa.

Daniel tem 38 anos, mora sozinho, autodeclara-se pardo. Sua jornada é de 70h semanais, sendo 40h na rede municipal de ensino e 30h na rede particular. É formado em Matemática, e especialista em Ensino de Matemática e Matemática Aplicada. Atua na docência há 15

anos, como professor de Matemática no Ensino Fundamental. É natural de Eunápolis, e mora em Porto Seguro há mais de 10 anos. Participou dos grupos focais e respondeu ao questionário.

Kleber tem 33 anos, mora sozinho, autodeclara-se pardo. Sua jornada é de 40h semanais, na rede municipal de ensino. É formado em Pedagogia, com complementação em Biologia. Há 13 anos trabalha na docência, atuando atualmente como professor de Ciências no Ensino Fundamental II. É natural de Itamaraju, e mora em Porto Seguro há 15 anos. Participou dos grupos focais.

Victor tem 28 anos, mora com a esposa e a filha, autodeclara-se negro. Sua jornada é de 60h semanais, sendo 40h na rede municipal e 20h na rede estadual de ensino. É formado em Pedagogia, com complementação em Geografia, e especialista em Coordenação Pedagógica e Planejamento. Atualmente atua como professor de Geografia no Ensino Fundamental II e Médio e coordenador pedagógico na Educação de Jovens e Adultos. É natural de Itabuna, e mora há 06 anos em Porto Seguro. Participou dos grupos focais e respondeu ao questionário.

Adilson tem 41 anos, mora com a esposa e os dois filhos, autodeclara-se pardo. Sua jornada é de 60h, sendo 40h semanais na rede particular e 20h semanais na rede municipal de ensino. É formado em Letras, especialista em Gestão Escolar. Atua como professor de Língua Portuguesa e Artes no Ensino Fundamental II. Está há 16 anos no magistério. É natural de Potiraguá, e mora em Porto Seguro há 07 anos. Participou dos grupos focais e respondeu ao questionário.

Sérgio tem 26 anos, mora no campo, é viúvo, não tem filhos, autodeclara-se pardo, atualmente está licenciando-se em Geografia, pelo Programa de Formação de Professores – PARFOR. A sua jornada é de 40 horas semanais, na rede municipal. Em um turno trabalha com Geografia, no Ensino Fundamental II, no outro trabalha com o 5º ano do Ensino Fundamental I. Mora em Caraíva, Porto Seguro, desde quando nasceu, e trabalha na docência há 10 anos.

No próximo capítulo, apresentaremos a configuração dos tempos livres das professoras e professores pesquisados/as, atividades múltiplas, sobrepostas, concomitantes, um espectro, conforme metáfora utilizada por Norbert Elias e Eric Dunning (1992).

CAPITULO 2

NOS TEMPOS COTIDIANOS DOCENTES: O ESPECTRO DO TEMPO LIVRE

A noção de tempo livre é comumente associada aos tempos liberados, de lazer, de não trabalho, de ócio, e outros semelhantes. Neste sentido, pode-se afirmar que os tempos livres envolvem o conjunto de atividades realizadas pelos indivíduos nos seus períodos fora do trabalho assalariado.

Do ponto de vista de Erich Weber (1969), nos tempos livres estão as atividades necessárias para sustentar o indivíduo para o trabalho: o cuidado de si, o descanso, a alimentação, o sono, o autodesenvolvimento, a preparação do corpo, dentre outras, mas também as temporalidades de curta e de média duração, em que os indivíduos se sentem livres das determinações do trabalho assalariado para fazerem alguma coisa que lhes proporcione prazer e satisfação, quais sejam, as atividades de lazer, tarefas diferentes da sua ocupação profissional, sem as exigências e controles próprios da profissão, bem como trabalhos voluntários, manuais e artísticos, além de conversar com amigos/as, ficar em casa sem fazer nada e outras atividades que podem proporcionar uma vida melhor, mais harmônica e relaxada.

De modo mais exato, o que convencionalmente chamamos de tempo livre é o tempo fora das jornadas de trabalho ou livre das obrigações cotidianas, no qual podemos inventar as nossas próprias atividades individuais e coletivas, dispor livremente de atividades proporcionadas pela sociedade de consumo, ou realizamos práticas sociais, não laborais. Segundo Erich Weber (1969), é aquele tempo em que atuamos por nosso próprio impulso e deliberação, seguindo nossos desejos e inclinações. Contudo, nas sociedades contemporâneas, esse tempo tem sido expropriado dos indivíduos.

Nesse contexto, o tempo livre é contraditório, ambivalente, tem sentidos plurais, se configura como tempos de descanso, de regeneração das forças, de compensação em relação ao trabalho, mas também tempos de criação, de reflexão. Já em relação à ordem capitalista vigente, trata-se de tempo de ocupação dos indivíduos com os negócios de lazer, tempos de abrir novos campos de trabalho com as indústrias de tempos livres e de diversão, tempos de indução, de alienação e de consumo.

Sendo assim, o tempo livre, que deveria ser próprio do indivíduo, tempo de liberdade desvinculado do trabalho produtivo, para que o indivíduo pudesse escolher o que fazer para

sua satisfação, realização e autodesenvolvimento, passa a ser alternativa e decorrência do tempo de trabalho, sua sombra, seu oposto, uma extensão mútua, um é tomado do outro, como explica Theodor Adorno (2009).

Por sua parte, o tempo livre, na concepção de Jurgen Habermas (1987), é definido a partir da sociabilidade espontânea, caracteriza-se pela liberdade de escolha, pela busca do prazer. Já o tempo de trabalho encontra-se nos sistemas dirigidos pelas ações estratégicas de poder e moeda, nos quais há controle, vigilância e produção. Desse modo, para o primeiro existir, ancora-se no segundo. Sendo assim, quando o indivíduo está a trabalhar, não pode pensar em lazer e outras práticas culturais, em entretenimento, em sociabilidades, porque existe o chamado tempo livre para essas coisas. E existem algumas opções para ocupar esse tempo, seja na sua própria casa ou fora dela, mecanismos criados pela indústria cultural, para esvaziar os indivíduos das suas tensões. Contudo, há um custo monetário para isso, pois nem todas as práticas de ocupação de tempo livre são gratuitas e/ou acessíveis a todos. Esse acesso se diferencia conforme as classes sociais, os gêneros, as gerações, as regiões de um país, assim como se diferencia conforme as políticas públicas culturais e de lazer existentes em maior ou menor grau, quando existem.

Sendo assim, os sujeitos, em relação ao tempo livre, não estão socialmente igualados e com as mesmas possibilidades de acesso aos recursos e bens de consumo, por isso “o tempo livre do trabalhador assalariado é quantitativamente e qualitativamente diferente do tempo daquele que detém o capital e que usa a força de trabalho para extrair a mais-valia”, conforme ressalta Paulo Maya (2008, p. 32).

Ademais, na concepção habermasiana, a lógica da produção de mercadorias atua sobre o tempo livre do/a trabalhador/a, reduzindo suas necessidades, sufocando seus desejos, criando novas necessidades com profundas implicações em sua personalidade e suas relações no mundo da vida. O/a trabalhador/a se aliena ao seu labor, perde a sua autonomia e a disposição, deixando que as atividades desenvolvidas no tempo livre estejam sob a influência da lógica da produção. Sendo assim, a concepção de tempo livre advinda da antiguidade clássica e das pautas de reivindicação dos primeiros movimentos por um tempo liberado pela redução das jornadas, para viver tempos desvinculados do trabalho produtivo, é uma falácia.

Nessa mesma linha de análise, Theodor Adorno (2009, p. 62) explica que “numa época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções e isto pesa muito sobre a questão do tempo livre”. Ou seja, subjetivamente as pessoas estão convictas de que são livres e autônomas para

agirem por vontade própria, entretanto essa vontade é modelada e induzida pelo desejo de consumo em seus tempos livres, reificado em sua consciência.

Não se pode negar, segundo o autor, que os tempos livres aumentaram sobremaneira devido às lutas sociais, aos avanços tecnológicos, ao desenvolvimento econômico e ao processo de urbanização das cidades, e poderá aumentar ainda mais. Contudo, paulatinamente, tem se afastado do seu conceito inicial¹⁶, tornando-se uma paródia.

Para esclarecer melhor essa problemática, e na tentativa de ilustrar como os indivíduos foram perdendo a sua liberdade de escolha acerca do que fazer em seus tempos fora do trabalho, bem como o modo pelo qual a indústria cultural foi se apropriando desse tempo livre e transformando-o em mercadoria, Theodor Adorno (2009) discute como alguns eventos e situações da vida cotidiana se transformaram em negócio. O autor analisa como os tempos livres foram se mercantilizando e qual tem sido o comportamento dos indivíduos diante dessas mudanças.

Inicialmente, Theodor Adorno (2009) chama a atenção para a questão do hobby¹⁷. O autor sublinha que, na modernidade, em qualquer entrevista das revistas que falam, principalmente, das celebridades, mas também de pessoas comuns, há uma pergunta sobre o hobby do indivíduo, como se este tivesse a obrigação de tê-lo. E aqueles que não o têm, são considerados estranhos ou fora de contexto, porque o normal é que todos tenham um hobby. O autor sublinha que a indústria cultural, além de definir um tipo de comportamento no tempo livre, ainda espera respostas que sejam satisfatórias aos seus interesses.

De outra parte, na compreensão do autor, os afazeres no tempo livre nem sempre vão estar dissociados do trabalho, mesmo porque as preocupações do trabalho seguem com o indivíduo. Estar livre do trabalho nada mais é do que se preparar, se regenerar para trabalhar novamente, como se vê claramente entre as/os professoras/es da pesquisa. Além disso, os afazeres no tempo livre também não podem ser prescritos, contidos em uma lista do que pode e não pode fazer. O comportamento do indivíduo, no tempo livre, deveria se configurar enquanto um privilégio de fazer aquilo que realmente deseja, sem a interferência externa, contudo esse não é o comportamento desejado pela ordem burguesa atual, nem tão pouco por muitos atores que já se encontram a ela alienados, vivenciam as temporalidades definidas por ela,

¹⁶Tempos desvinculados do trabalho, das obrigações administrativas, das labutas. Desse modo, somente os nobres poderiam desfrutá-los, enquanto escravos e servos sacrificavam o seu corpo no trabalho, para sustentá-los. Tempos destinados à contemplação das artes, da cultura, do desenvolvimento intelectual, artístico e político do cidadão. Tempos de descanso, relaxamento e cuidados do corpo, conforme Erich Weber (1969).

¹⁷Theodor Adorno (2009) explica que aquilo que se propõe a fazer fora da sua profissão oficial é tão sério, e o satisfaz de tal forma, que não gosta de chamar meramente hobbies. Cantar, ouvir música ler literatura, poesia,

“onde se prolongam as formas de vida social organizada segundo o regime do lucro”, conforme Theodor Adorno (2009 p. 64).

Outro aspecto importante a considerar, segundo o autor, é a ironia da expressão “*negócios de tempo livre*”, ou seja, práticas específicas do tempo livre, como acampar, viajar para outros lugares, fazer caminhada em trilhas, montanhas, dentre outros lugares. Atividades realizadas, geralmente, por aqueles que querem evadir da cidade, passear livremente a céu aberto, foram reorganizadas em função do lucro.

Nas sociedades contemporâneas, progressivamente, a luta das diversas categorias profissionais pela redução do tempo de trabalho e ampliação do tempo livre tem aumentado, do mesmo modo que este tem sido ocupado por um conjunto de atividades e técnicas da indústria cultural e dos negócios de tempos livres, de forma que os indivíduos não têm tido a liberdade tão sonhada para escolherem o que fazer em seus tempos desocupados do trabalho principal. Pelo contrário, têm sido tensionados e condicionados a consumir os produtos impostos pelo sistema capitalista industrial em sua vida cotidiana.

Neste contexto, é difícil afirmar que os indivíduos são efetivamente livres para escolherem o que fazer nos seus tempos livres, mesmo porque liberdade e condicionamento são inter-relacionais, ou seja, um não existe sem o outro (Frederic MUNNÉ, 1999). Segundo o autor, o indivíduo tem liberdade de escolha, diante de alternativas já postas. Sendo assim, ele apenas elege, dentre algumas ações, aquelas que são afins aos seus objetivos e motivos, então as alternativas são previamente determinadas, e por vezes muitas alternativas são inviáveis, sobretudo se as escolhas envolverem recursos financeiros, como fica visível, por exemplo, nos relatos das/os professoras/es da pesquisa.

Na experiência cotidiana das professoras e professores, os tempos livres são raros e efêmeros, encontram-se entre os períodos fixos do trabalho docente, aqueles anteriores e posteriores às jornadas de trabalho, o intervalo do almoço, os finais de semana, os feriados simples e ampliados, o recesso do mês de julho, as férias de final de ano, dentre outros tempos já definidos que circunscrevem os tempos de trabalho, na expressão de Erick Weber (1969), Theodor Adorno (2009), dentre outros. Muitas vezes, os tempos livres de professoras/es ficam acorrentados ao tempo de trabalho, principalmente no mundo atual, que reificou o tempo como um instrumento de poder e valor.

De outro modo, é inegável a relação entre tempo livre e trabalho, a final de contas, um é tomado do outro, contudo, segundo Eric Dunning e Norbert Elias (1992) faz-se necessário

filosofia e/ou sociologia, compor, são atividades integrais da sua existência; desse modo, classificá-los como hobby seria um escárnio.

uma discussão mais ampla acerca da conceituação teórica acerca das atividades de tempo livre, especialmente sobre o lazer. É sabido que, as primeiras manifestações pelo tempo liberado do trabalho foram realizadas por trabalhadoras e trabalhadores, do mesmo modo que também temos conhecimento de que a noção de tempo livre está relacionada ao trabalho porque os indivíduos que o reivindicava, necessitava diminuir as suas excessivas jornadas, descansar, relaxar, revigorar-se. Contudo, como assegura Theodor Adorno (2009), a noção de tempo livre de uma sociedade muda, quando os aspectos os aspectos sócio-históricos, políticos e culturais são modificados, podendo os indivíduos vivenciar rupturas e continuidades. Sendo assim, na expressão de Eric Dunning e Norbert Elias (1992) a processualidade histórica exige uma nova postura frente as discussões sobre o tempo livre, não se trata de renegar a sua condição funcionalista, mas problematiza-la. Além disso, compreender que mesmo sob o domínio da indústria cultural e dos negócios de lazer, as atividades de tempo livre podem proporcionar prazer, satisfação, excitação e tensões agradáveis aos indivíduos que trabalham e que não trabalham, pois se constitui em uma necessidade humana, tão quanto é o trabalho. Entretanto, assegura os autores faz-se necessário uma educação para o tempo livre, para que o indivíduo não caia nas armadilhas do consumismo e da expropriação.

Desse modo, no decorrer desse capítulo, tentaremos esboçar uma classificação preliminar das atividades de tempo livre vivenciadas pelas/os docentes em seus tempos cotidianos, mesmo em meio ao turbilhão de obrigações profissionais cotidianas que lhes são impostas, a partir da metáfora de Eric Dunning e Norbert Elias (1992), ou seja, para os autores, as atividades de tempo livre é um espectro, nele encontram-se ações sobrepostas, cadenciadas, justapostas, de curta e longa duração, já determinadas pelo mercado e negócios de tempo livre, outras inventadas e recriadas pelos indivíduo nas interações e convivências sociais. Essas atividades se multiplicam como feixes de luzes de cores diferentes, que juntas produzem múltiplas cores, um espectro.

Na concepção de Norbet Elias e Eric Dunning (1992), a noção de tempo livre numa perspectiva funcionalista, ou seja, com funções determinadas para o descanso e relaxamento, para a compensação dos tempos de trabalho, para regeneração corporal, não deve ser a única forma de compreensão do tempo livre, mas, essa visão, é importante para percebemos algumas das muitas possibilidades do comportamento no tempo livre, e, a partir da sua análise crítica, vislumbrar outras formas plurais de configuração desse tempo social. Isso ocorre, porque os indivíduos estão continuamente em fluxo, desse modo, nos processos socio-históricos, macro e microssociais, constroem uma infinidade de fazeres e viveres que dificilmente poderemos classificar.

2.1. A rotina

No contexto dos tempos cotidianos docentes, as experiências temporais do dia a dia são cada vez menos transmitidas e cada vez mais construídas, ou seja, é algo menos para se ter e mais para se fazer. Segundo Alberto Mellucci (2004), nos tempos cotidianos aparecem desde os menores acontecimentos da vida aos vistosos eventos coletivos e grandes mutações que atravessam a nossa cultura (Alberto MELUCCI, 2004). O autor salienta, ainda, que a categoria do tempo é fundamental para a construção da vida humana. É “na fina malha de tempos, gestos, relações, culturas, histórias que acontece tudo o que é importante para a vida social” (Alberto MELUCCI, 2004, p.13). E na experiência cotidiana, tudo aquilo que fazemos assume um sentido. Nela também se inserem as formas como nos percebemos indivíduos e os modos como as dimensões perceptivas, cognitivas e emocionais a modificam.

De outra parte, as ações das professoras e professores pesquisadas/os, como de qualquer indivíduo, são mediadas pela sua consciência e pela cultura, isto é, os seus fazeres, viveres e saberes, seus modos de construir suas histórias, biografias, como ressalta Edward Thompson (1998), podem ser transmitidos para quem e para onde seja, contudo a maioria deles é construída no local, circunscrito por sentimentos, fatores emocionais e afetivos.

Na experiência cotidiana, continua o autor, existem distanciamentos, desvios, rupturas e continuidades. Muitas vezes exigem passagens rápidas, adaptações frequentes, flexibilidade e capacidade de sintonização. Sendo assim, nessa experiência cotidiana existem tempos mensuráveis e tempos cuja medida é impossível de determinar; tempos diluídos e outros fortemente acelerados, que nos deslocam constantemente sobre ritmos distintos.

Quanto à composição da experiência cotidiana, o autor destaca que esta é formada por temporalidades interiores, aquelas que acompanham o afeto, as emoções, os sentimentos em geral, próprios do indivíduo, experiências que se inscrevem em seu corpo. Nelas coexistem diversos tempos, lineares, cíclicos e simultâneos, que possuem características opostas: são múltiplos e descontínuos, são plurais e uniformes, manifestados no corpo como sintomas e como comportamentos repetitivos. Ademais, tempos não são homogêneos e nem sempre são mensuráveis. A sua duração varia de acordo com os momentos e situações, e conforme o que nelas se vive podem parecer períodos mais longos ou mais curtos para os indivíduos. Sendo assim, em certos momentos os tempos podem parecer imóveis, noutros parecem fluir, escapar, com maior ou menor rapidez. De outra parte, a experiência cotidiana do tempo é composta por temporalidades exteriores, ou seja, tempos cadenciados pelas regras sociais, homogêneos, controlados, divididos e calculados para cada tipo de evento.

De outro ponto de vista, Anthony Giddens (1989), em consonância com os argumentos já apresentados, afirma que a experiência do tempo envolve as rotinas diárias, o transcurso da existência, as temporalidades do indivíduo, sua interação com os outros e com as instituições. Desenrola-se em ritmos e cadências diferenciados, muitas vezes irregulares: tempos fortes, fracos, contínuos e descontínuos, cíclicos e lineares, revelando acontecimentos diversos, atividades sociais e culturais, em compassos distintos.

Em outras palavras, e aproximando-se da discussão de Agnes Heller (2000), essa experiência de que fala o autor é cotidianidade, é organização dos trabalhos e da vida, são lazes e os descansos dos indivíduos, as suas atividades sociais sistematizadas e o intercâmbio entre eles, dentre outros fazeres e habilidades imprescindíveis para a vida e para as práticas sociais que vão se repetindo dia após dia, cadenciados entre si, repletos de significados.

Ainda sobre as rotinas, pode-se afirmar que elas abrangem todas as esferas da vida, incluindo aquelas de maior intimidade. Nos termos de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), referem-se ao conjunto de exigências que se exerce sobre os indivíduos, direta e indiretamente, os seus fazeres repetitivos, práticas constantes, em geral do mesmo modo. Elas “desempenham um papel em todas as situações em que as pessoas têm de subordinar por instantes, sentimentos e impulsos” (140).

Nos tempos cotidianos docentes, como de todos os indivíduos, as rotinas são imprescindíveis para a continuidade da vida social e das vidas individuais, para a organização das temporalidades e das práticas sociais em geral, havendo algumas trilhas traçadas, planejadas para cada dia da semana, do levantar ao dormir, como podemos observar nos relatos abaixo:

Na quinta-feira sempre resolvo algumas coisas na rua (banco, contas...). Na sexta-feira almoçamos em casa de amigos e à noite damos uma voltinha no centro. Sábado é dia de limpar a casa com meu esposo e lavar a roupa da semana, se não for letivo. Domingo, almoçamos fora e descansamos (...) Durante a semana, rotina normal de aula e planejamento, tarefas domésticas e o tempo com meu filho, que é muito importante. Antes de dormir, meu devocional diário: meditação e oração (Professora Kelle, mensagem pela internet, em 15 de abril de 2013).

Durante a semana minha jornada é a mesma de sempre: levanto às 05h30 da manhã para me preparar. As 6h40 da manhã é o horário que tenho que estar no ponto de ônibus, chego às 7h30 na escola e espero até 7h50 horário de início da aula. De 12h00 às 13h00 fico na escola por não ter como voltar para casa, as 17h20 vou para o ponto esperar o ônibus, espero entre 15 a 20 minutos, às vezes pegamos carona para chegar mais cedo em casa. Chego, normalmente, entre 18h00 a 18h30. Os contratempos ocorrem quando o ônibus quebra (dificilmente isso acontece) ou quando ele está lotado, às vezes não

para e temos que ficar mais tempo esperando o próximo, isso é muito chato, principalmente no retorno para casa, pois já estamos muito cansados (...) No final de semana estudos para o mestrado, planejamento, correção, preparação de aula, faxina geral, almoço com a família e às vezes saio com os amigos (Professora Lúcia, mensagem pela internet, em 19 de março de 2013)

Todos os dias, de segunda a sexta a minha rotina é sempre igual, acordo às 06h00 da manhã, preparo o café, chamo as crianças, arrumo para irem para a escola, tomamos café e saímos juntas, deixo elas na escola e vou pra minha. Às 11h40 apanho as crianças na escola e vamos para casa, lá termino de fazer o almoço, almoçamos, faço alguma coisa da casa, deixo na casa da vó e vou para a escola. Às 17h00 saio da escola, passo na casa da minha mãe para pegar as crianças e ao chegar em casa vou ajudá-las nas atividades, cuidar da casa, preparar alguma coisa para o almoço do outro dia, assistir um pouco de TV ou ouvir música enquanto faço as tarefas da casa, depois leio alguma coisa, preparo aula, corrijo alguma atividade e vou dormir. Nos finais de semana, quando o sábado não é letivo, vou à praia, mas é muito raro, no domingo quase sempre encontro com a família, almoçamos juntos, sempre em uma casa diferente, mas isso depois da faxina geral que dou na casa, pois na semana só dá pra fazer o que é mais urgente. Isso se repete toda semana. Nas férias essa rotina muda um pouco, porque fico em casa mais tempo (Professora Lúcia, mensagem pela internet, em 20 de abril de 2013).

As três rotinas apresentadas demonstram como a vida das/os professoras/es estão marcadas por temporalidades distintas: da família, da escola, do cuidado com os filhos e outras tantas atividades que se repetem a cada dia, a cada semana.

Observa-se, sobretudo nas rotinas docentes, nos tempos cotidianos, a centralidade do trabalho na experiência cotidiana. Ele é o eixo estruturador da vida desses indivíduos e consume maior parte dos seus tempos, sejam aqueles voltados para a docência, como também aqueles relacionados à casa e à família. As rotinas também evidenciam a coexistência de jornadas de trabalho fora da escola, que se superpõem a atividades simultâneas. Professoras e professores, sobretudo, estão sempre fazendo uma coisa e outra, repetidamente.

Na expressão de Anthony Giddens (1989, 37.), “as rotinas na vida cotidiana não possuem um fluxo de mão única”, elas vão e vem continuamente, podem até ser interrompidas, mas retornam ao mesmo fluxo, mesmo com algumas alterações. Essas rotinas são formadas através da intersecção de dias e estações passageiros, nos quais os atores vão repetindo suas ações, continuamente, nos percursos das suas vidas. Deve-se ressaltar, ainda, que os ritmos da vida social estão inscritos nos corpos dos indivíduos de forma diferenciada, respeitando sempre suas modulações individuais.

É também visível, que as rotinas e cadências temporais do dia a dia não são homogêneas. As/os docentes que têm filhas/os possuem rotinas diferenciadas daquelas/es que não as/os têm, bem como jornadas diferentes de trabalho, morar sozinhas/os e com companheiras/os são aspectos que podem diferenciar significativamente as suas rotinas.

A propósito disso, os tempos cotidianos docentes podem ser caracterizados, segundo Inês Teixeira (2003, p.169), por um conjunto de ambiguidades: “trata-se de tempos vividos e significados como excesso e falta, como alegria e dor, instituído e instituinte, prazer e desprazer, bem-estar e mal-estar, dentre outros pares de sentidos opostos que modulam e emolduram a plural arquitetura dos tempos docentes”. Segundo a autora, essa experiência varia de acordo os transcurros da carreira docente, das faixas etárias, dos ciclos de vida e da localização geracional da/do docente. As rotinas são, portanto, atravessadas por matizes de gênero, de geração, de tempo de magistério, de condição conjugal, entre outras diferenciações que vão delimitando formas de ver, de estar, de sentir e pensar a vida, o mundo, a docência.

Lembrando Michel De Certeau (1994), os tempos cotidianos se remetem a tudo aquilo que assumimos ao despertar, um desafio da vida, a dificuldade de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga e desejo. Eles contêm um conjunto de movimentos e ações repetidas que vão constituindo as trajetórias humanas, nas quais os indivíduos vão confrontando desafios, tensões e conflitos.

É na vida cotidiana, nos tempos cotidianos de suas vidas, que observamos os tempos docentes fora da escola, tempos livres de professoras e de professores que são não apenas construídos e reconfigurados, mas também usurpados. Neles estão os tempos de trabalho fora da escola, os períodos de lazer e do descanso, das atividades sociais específicas, da alimentação e do cuidado com o corpo e de intercâmbio ou superposição desses tempos, além de outros períodos não escolares. Esses tempos envolvem ações individuais e de grupos, estabelecendo uma mediação entre os indivíduos e os costumes, as normas e a ética, dentre outras integrações maiores (Agnes HELLER, 2000). As ações do cotidiano estão presentes na família, na escola e em todos os espaços da vida humana. Ninguém é capaz de excluir de sua vida a sua cotidianidade, na qual estão as atividades repetitivas e plurais, inseridas na vida do homem desde o nascimento e desenvolvidas ao longo do tempo nas diferentes práticas sociais e culturais.

Ainda quanto aos tempos cotidianos, Henry Lefebvre e Catherine Regulier (1992) vão afirmar que neles estão contidos o convívio com a família em que nascemos e aquela que constituímos, a revista que lemos, a televisão, o cinema, o teatro, a cozinha, as alternativas da moda, os meios de transporte, o trabalho, o esporte, o sexo, o tipo de consumo, a nossa economia, a música que escutamos, dentre outros.

Nos tempos cotidianos, segundo o autor e a autora, há uma densa malha de ritmos, os quais não são fragmentos, parcelas ou porções de tempo, pois se trata da repetição de um momento constituído por tempos fortes e fracos, longos e breves. Os ritmos dos tempos coti-

dianos supõem elementos temporais muito marcados, acentuados, contrastados, bem como um movimento que arrasta uma série de outros elementos e se acentua através do compasso e da memória. Também nos tempos cotidianos estão as ações reguladas pelos relógios: hora de levantar, de dormir, de comer, de brincar, de trabalhar, dentre outros, cronometrados e homogeneizados, como se os indivíduos agissem igualmente.

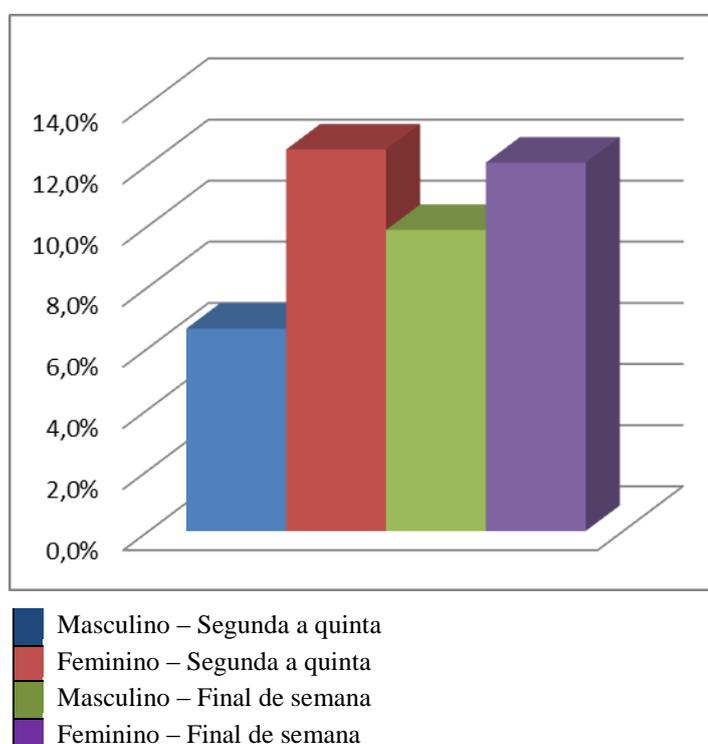
Tanto para Agnes Heller (2000) como para Henry Lefebvre e Catherine Regulier (1992), a vida cotidiana se compõe, na sua trivialidade, de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos, horas, dias, semanas, meses, anos; repetições cíclicas, tempo de vida mais natural e tempo de racionalidade. O estudo da atividade criadora conduziu à análise da reprodução, isto é, das condições em que as atividades produtoras e as relações sociais se reproduzem, recomeçam, renovam, ou ao contrário, se transformam por modificações graduais ou por saltos. Desse modo, a estrutura política de uma sociedade e a sua eficácia socioinstitucional seriam avaliadas de acordo com a capacidade de estruturação da vida cotidiana.

Ainda sobre os tempos cotidianos, conforme Lefebvre (1991), além de orquestrar todas as esferas da vida do homem e da mulher, eles também são o centro de atenção do Estado e da produção capitalista de bens de consumo que os gerem, seja direta ou indiretamente, pelos regulamentos e leis, pelas proibições ou intervenções múltiplas, pela fiscalização, pelos aparelhos da justiça, pela orientação da mídia, pelo controle das informações, etc. De certo modo, com os processos de modernização e de industrialização, os tempos cotidianos deixaram de passar, como se nada tivesse passando, foram constituídas organizações e instituições reguladoras para controlar racionalmente, de forma comercial e planificada, os períodos, os ritmos, as durações e fazeres dos indivíduos na cotidianidade. A industrialização do lazer, a planificação do ócio, a inserção da própria cultura de massa nas casas das pessoas e fatores semelhantes, contribuíram para a sua alienação.

Por isso, segundo José Machado Pais (2003), há maneiras diferentes de encarar as temporalidades na vida cotidiana, pois podemos buscar rotas distintas. Alguns estão à procura do retórico, do pormenor, da revelação, do deslocado, como quem peneira pacientemente o cotidiano, na expectativa de nele poder encontrar o exótico, o acontecimento, o inesperado, o excepcional, a aventura, a agulha no palheiro. Outros buscam hábitos, gostos, costumes, repetições para fins mercantis. Sendo assim, “a vida cotidiana pode ser tomada como um múltiplo eixo, identificável enquanto objeto de reflexão, enquanto barômetro de mudanças sociais e enquanto instrumento de tomada de consciência” (2003, p. 97).

A pesquisa revelou quão grandes são as preocupações que as/os docentes têm com suas famílias, sejam próximas ou distantes, seja em almoços e/ou jantares organizados nos finais de semana, seja uma simples programação em casa: assistir a um filme, brincar com as/os filhos, dentre outros. Os familiares estão sempre presentes nas rotinas daquelas/es professoras/es. Em seus relatos encontramos o equivalente a 236 menções a essas atividades com familiares no decorrer da semana e 177 nos finais de semana, o equivalente a 413 no total. Ou seja, aproximadamente 41% dentre todas as menções de ocupação dos tempos livres docentes, sendo que 6,6% das menções foram dos homens e 12,5%, das mulheres, no decorrer da semana. No final de semana o percentual de 9,8% das menções foram dos homens e 12,1%, das mulheres, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 05: Rotinas em família por período semanal – por sexo



2.2. Tempos de trabalho na escola: excessivas jornadas

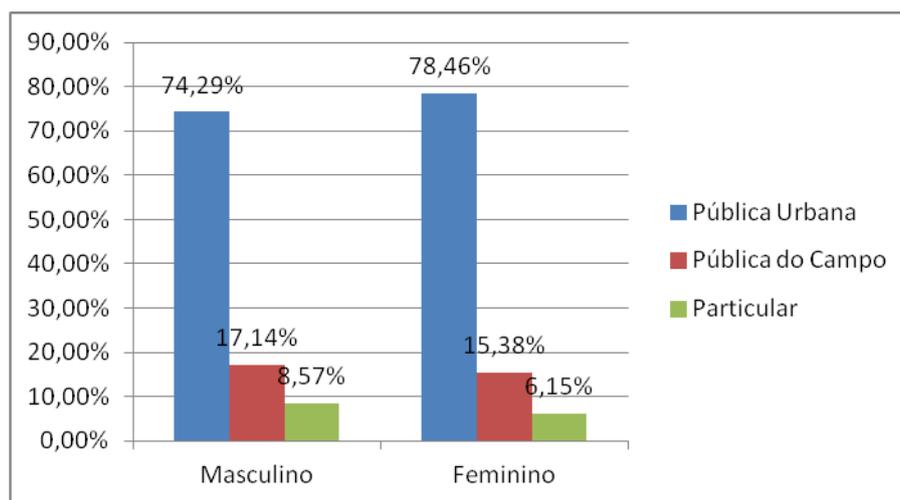
Na docência, como em outras atividades laborais, há uma luta árdua em torno dos horários, e os ritmos chamados de naturais vão se transformando, por razões tecnológicas e socioeconômicas. As atividades noturnas se multiplicam, como se o dia não fosse suficiente para realizar as tarefas; diminui a hora de descanso, em detrimento de um programa com a família; estende-se um final de semana inteiro trabalhando, para se liberar uma hora a menos durante a semana. De outra parte, a docência é um trabalho eivado de imprevistos, de riscos,

de incertezas e de tensões, porque se constitui, fundamentalmente, a partir de relações cotidianas, diárias, frequentes, diretas, entre sujeitos socioculturais distintos, inclusive do ponto de vista das temporalidades geracionais, conforme adverte Inês Teixeira (1998).

Essa forma como professoras e professores tentam lutar ao redor do relógio, para cumprir as suas atividades diárias, muitas vezes torna-se até mesmo desumana. Ademais, cumprir as métricas do tempo do relógio causa tensão, pois o cérebro e o corpo dos indivíduos estão o tempo inteiro se adaptando a novos ritmos (Henry LEFBVRE e Catherine REGULIER, 1992), entre outras razões para tal.

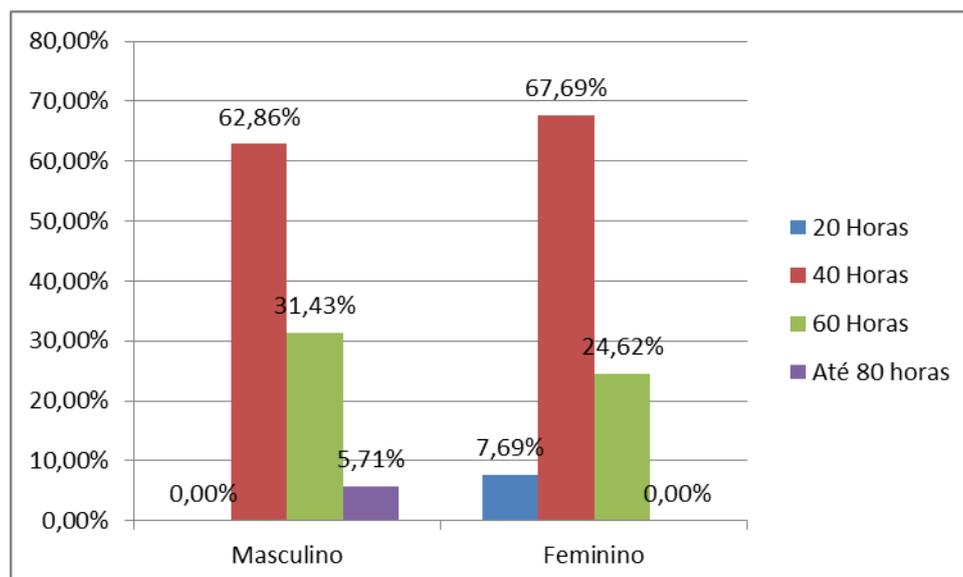
As professoras e professores pesquisadas/os trabalham em duas e até em três redes diferentes. Desdobram-se entre escolas públicas urbanas e do campo, das redes estadual e municipal, bem como entre as escolas da rede particular de ensino. Contudo, concentram-se mais na rede pública e complementam suas jornadas na rede particular, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 06: Os professoras/es em relação as redes de ensino onde atuam – por sexo



Em relação às jornadas de trabalho, constatamos que 67,6% das professoras e 62,8% dos professores assumem carga horária equivalente a 40 horas semanais, ou seja, mais da metade das/dos docentes pesquisadas/dos. De outra parte, verificamos também que, dentre as/os pesquisadas/os, os homens costumam ampliar a carga horária para 60 e até 80 horas mais que as mulheres, mesmo porque estas últimas assumem uma terceira e/ou quarta jornada de trabalho em casa, responsabilizando-se pelo trabalho doméstico, dentre outras obrigações. Nesse processo de ampliação das jornadas, enquanto 24,6% das mulheres possuem carga horária de 60h semanais, 31,4% e 5,7% dos homens possuem jornadas de 60 e 80 horas semanais, respectivamente, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 07: Jornadas das/os professoras/es pesquisadas/os – por sexo



Em relação aos docentes que assumem jornadas de até 80 horas semanais, há uma estratégia mobilizada por eles. Segundo o professor Jonas, se faz necessário uma boa relação com o coordenador pedagógico ou outro profissional que organiza os horários de aula, pois o docente necessita da concentração de maior parte da carga horária em um dos turnos de trabalho, ou seja, ocupa todos os tempos da semana mais um ou dois dias do segundo turno, sem intervalo¹⁸. Já sua inserção na escola privada se dá de duas formas: através da assunção de um turno de trabalho nos anos iniciais ou de uma determinada quantidade de aulas que podem ser em dias, turnos e horários alternados.

Em relação aos tempos dedicados ao trabalho docente e seus desdobramentos, a tabela abaixo ilustra o quanto eles são centrais e intensos na vida das professoras e professores pesquisadas/os:

¹⁸Por exemplo, se o docente possui 40h na rede municipal, 28 horas dessas, obrigatoriamente, deve ser dedicada ao efetivo trabalho na sala de aula. Desse modo, o coordenador distribui cinco horas por dia em um só turno, somando assim 25 horas. As três horas de aula restantes são distribuídas em dois dias do segundo turno, juntamente com as horas da reserva técnica, destinada às atividades extras. Com essa articulação, sobram três dias de um turno mais o terceiro turno inteiro para distribuição das próximas 40 horas na rede estadual e/ou particular.

Tabela 02: Tempos dedicados ao trabalho escolar

Tempos dedicados ao trabalho escolar (segunda a sexta-feira)	Jornadas de Trabalho (horas semanais)			
	20h	40h	60h	80h
Tempos dedicados ao efetivo trabalho em sala de aula	14h	28h	42h	56h
Tempos liberados da carga horária semanal para realização dos trabalhos da docência – Reserva técnica	06h	12h	18h	24h
Tempos dedicados ao trabalho docente fora da escola, além da reserva técnica, em média	05h	15h	20h	10h
Total de horas dedicadas à docência por semana, em média	25h	55h	80h	90h
Total de horas dedicadas à docência por dia, em média	05h	11h	16h	18h

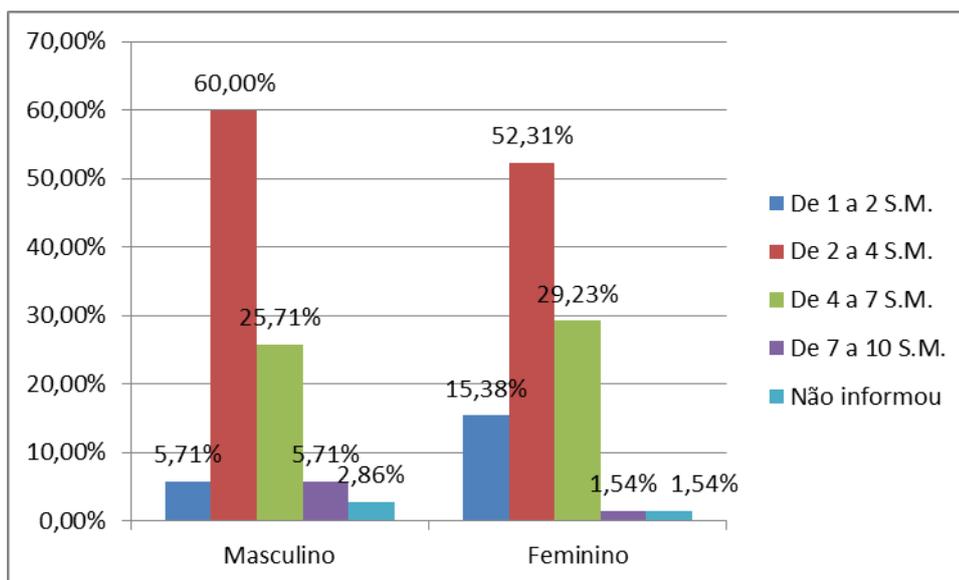
Além tempos dedicados ao trabalho escolar no decorrer da semana, há, também, os sábados¹⁹ letivos, especialmente nas redes municipal e estadual, para o cumprimento dos 200 dias letivos exigidos pela LDBEN 9394/96. Essa exigência, ao que se tem visto nos tempos cotidianos docentes, não tem proporcionado melhores resultados para educação, muito pelo contrário, a complementação dos 200 dias é realizada em sábados improdutivos, pois não há o comparecimento de discentes, enquanto professores e professoras ficam cumprindo horário na escola, muitas vezes realizando atividades não letivas, ou apenas para “cumprir tabela”, como explica a professora Lúcia (Mensagem pela internet, em 11 de maio de 2013). De outra parte, professores e professoras ficam imprensados entre os tempos na escola, da escola em casa e os tempos dos trabalhos da casa que não existe nenhuma possibilidade de outros afazeres científicos e culturais diferentes dos tempos de trabalho. Condição essa que também compromete a luta por melhores salários, condições de trabalho, pela qualidade da educação, dentre outras, pois já não há mais tempo para se reunir, para pensar a profissão, para fazer a assembleia, quando isso ocorre, é com a ameaça do “vai ter que pagar”. Desse modo, professoras e professores estão sempre a serviço da escola, quer seja em seu espaço de trabalho, seja em seu espaço privado, ora invadido e expropriado pelo trabalho.

Sendo assim, podemos inferir que poucos tempos sobram para o lazer e para as práticas culturais, porque professoras e professores trabalham muito na tentativa de ganhar mais, contudo, mesmo com a ampliação das jornadas, no intuito de aumentar os seus rendimentos mensais, muitas vezes transgredindo as normas trabalhistas, os limites do corpo, os salários

¹⁹ A base utilizada para análise foi os calendários escolares do ano letivo 2013, das redes municipal e estadual de ensino, os exigiram o cumprimento de 20 sábados letivos. Desse modo, temos mensalmente, em média dois sábados letivos: 08 horas a mais por mês para as/os docentes que possuem jornada de 20h semanais, 16 horas para aqueles que possuem jornada de 40h e 24h para aqueles que possuem jornada de 60 e 80 horas. Supomos que as/os docentes que possuem cargas horárias entre 40 e 80 horas semanais cumprem os dispositivos referentes aos que possuem jornadas de 40 ou 60h porque ampliam suas cargas horárias na rede particular, nas quais, geralmente, só trabalham no sábado eventualmente.

não chegam ao patamar necessário para suprir suas necessidades humanas, primeiro porque os indivíduos vivem subsumidos, de um lado pelo trabalho, de outro pelo consumo, mas também, porque os rendimentos continuam muito baixos, principalmente em relação a outras profissões, como ilustra o gráfico a seguir:

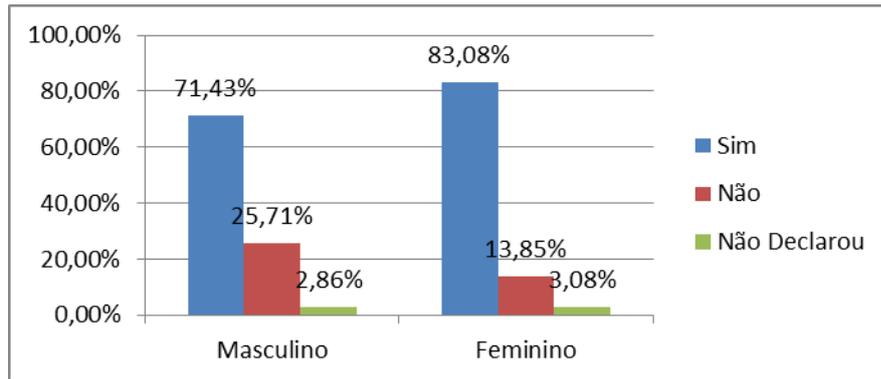
Gráfico 08: Renda pessoal mensal das/os professoras/es – por sexo



Constatamos que a renda mensal das/dos docentes é muito baixa em relação as suas jornadas de trabalho. A maioria (60% dos homens e 52,3% das mulheres pesquisados/as) recebe o teto máximo de 04 salários mínimos mensais, o equivalente hoje a 2.912,00 (dois mil e novecentos e doze reais), seguida de outras/os que recebem entre até 07 salários mínimos, o equivalente hoje a 5.096,00 (cinco mil e noventa e seis reais) por mês.

A pesquisa também revelou que não há muita diferença entre a renda familiar e pessoal, porque, geralmente, somente um dos adultos provedores possui trabalho assalariado, por isso assume toda a responsabilidade da família. De outra parte, 71,4 dos homens e 83% das mulheres informaram que a renda familiar advém exclusivamente da docência, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 09: Origem da renda – por sexo



Mesmo assim, é muito significativo o percentual referente a pessoas que conseguem realizar outras atividades de renda, frente as suas excessivas jornadas de trabalho na escola, e no caso das mulheres, somadas às da casa. Nas próprias escolas, formam uma rede de comércio itinerante, vende-se e compra-se nas mãos umas das outras, uma estratégia inconsciente que fortalece, entre elas, o mercado de bijuteria, produtos de beleza, lingerie, dentre outros. Já os homens aproveitam para trabalhar no período de alta temporada, no *trade* turístico, e durante todo o ano, com aluguel e vendas de imóveis, em academias dentre outras atividades paralelas à docência.

2.3. Tempos livres: um espectro

Para uma caracterização geral dos tempos das/os professoras/es fora da escola, o tempo livre presente nos tempos cotidianos docentes, envolvendo as várias atividades, que vão se multiplicando à medida que novos elementos vão integrando a experiência cotidiana dos indivíduos fora do trabalho, utilizaremos a classificação preliminar de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), denominada *espectro dos tempos livres*. Os autores assim a nominaram, porque as atividades que ocorrem nos tempos livres se confundem, se sobrepõem e se fundem com frequência, como um espectro das cores, que é formado pela sobreposição de luzes coloridas que vão formando milhares de outras cores diferentes. O espectro dos tempos livres docentes se traduz, indica e se compõe das principais atividades desenvolvidas por professoras e professores pesquisadas/os, durante a semana e nos finais de semana, bem como nos tempos livres regulares, porém eventuais, isto é, o recesso, os feriados e as férias.

O autor classificou as atividades de tempo livre em cinco categorias, a princípio, depois ressaltou que se tratava de elucidações teóricas, as quais, como no espectro das cores,

podem se multiplicar. Assim, ao estudar os tempos cotidianos docentes, apresentamos o espectro apresentado a seguir:

2.3.1. *Trabalhos sem fim*²⁰

Nesse segmento dos tempos fora da escola, tempos que seriam livres, temos a usurpação do tempo livre propriamente, pois este se transmuta em tempos de outros trabalhos, docentes ou não, envolvendo as tarefas realizadas no âmbito familiar, incluindo a provisão da casa, o cuidado das/os filhas/as e de outras pessoas, as transações financeiras e outras tantas atividades que exigem esforços, outros labores. Está também nesse segmento, o montante de tarefas da escola, realizadas em casa e em outros espaços de vivências docentes, bem como a atividade de renda complementar e outras. Segundo Norbert Elias e Eric Dunning (1992), esse segmento de atividade tende a ocupar uma maior parcela de tempo que as demais, pois existem tarefas repetitivas e necessárias que, com o passar do tempo, se inserem na rotina familiar. Além disso, exige atividade dura, que precisa ser realizada, quer o indivíduo goste ou não, como se observa nos gráficos que ilustram os trabalhos mais citados pelos sujeitos.

²⁰ Utilizamos a expressão *trabalho sem fim*, utilizada por Danilo Martuccelli e Kátia Araújo (2012) para expressar a realidade da sociedade chilena, estudada por eles em uma pesquisa, no intuito de denominar os tempos cotidianos docentes relacionados não somente aos trabalhos da casa, mas também o trabalho complementar de renda, que nem sempre ocorre no espaço privado, as distintas e inúmeras tarefas da docência que são realizadas fora da escola, dentre outros.

Gráfico 10: Trabalhos da Docência – por sexo

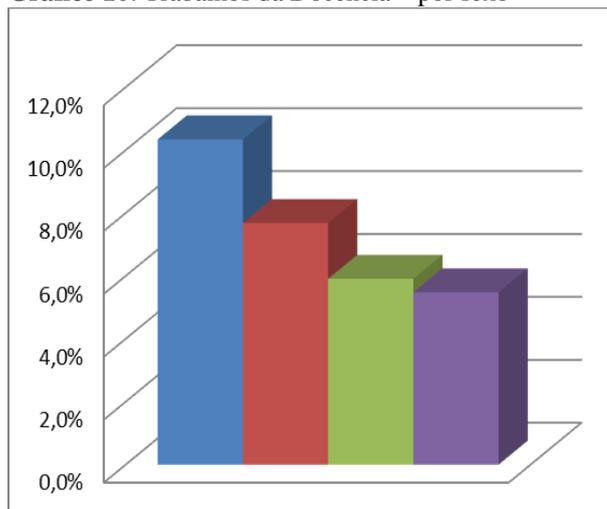


Gráfico 11: Trabalho Doméstico

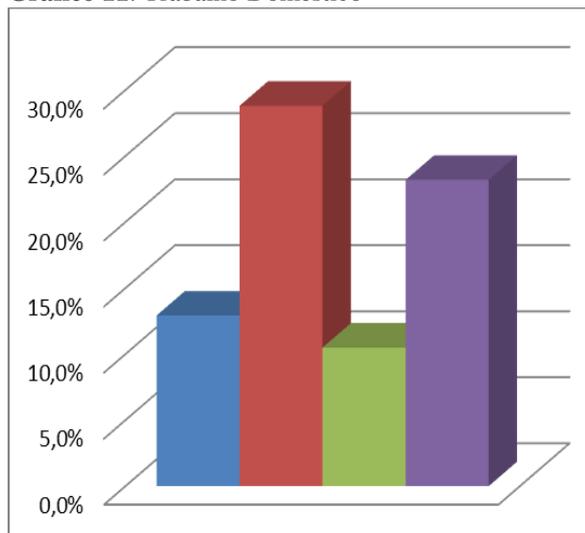


Gráfico 12: Trabalho complementar de renda - por sexo

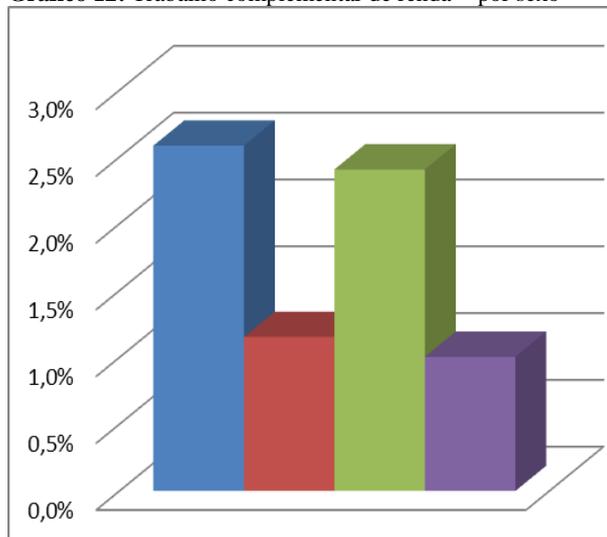
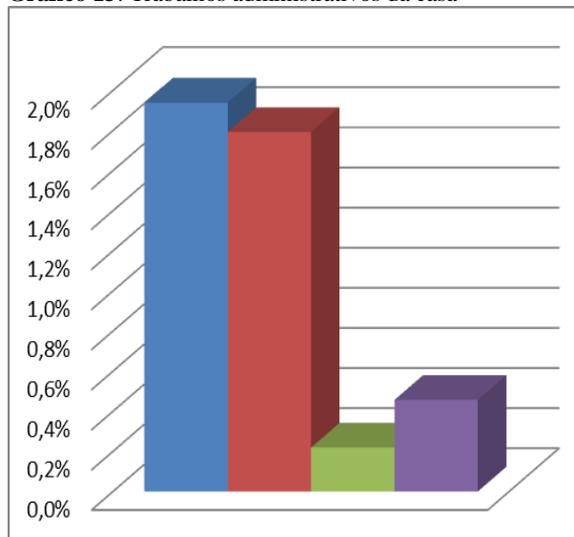


Gráfico 13: Trabalhos administrativos da casa



■ Masculino – Segunda a quinta
■ Feminino – Segunda a quinta
■ Masculino – Final de semana
■ Feminino – Final de semana

Em relação às menções ao trabalho doméstico, a pesquisa evidenciou 530 menções no decorrer da semana e 302 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 75,4% dos tempos livres docentes, sendo que 12,9% das menções foram dos homens e 28,8%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana, essa ocupação passa para 10,5% das menções dos homens e 23,2%, das mulheres. Conclui-se, portanto, que o trabalho doméstico é realizado especialmente pelas professoras, as quais, rotineiramente, desde o momento que acordam até a hora de dormir, se responsabilizam pelo labor doméstico, simultaneamente às suas obrigações com o trabalho assalariado, enquanto são geralmente reservados

para os homens, os trabalhos complementares, em geral entendidos como auxílio, como ajuda à mulher, e não como responsabilidades compartilhadas, tais como: a mulher lava os pratos e ele os enxuga, ela lava as roupas e ele as pega do varal, e assim sucessivamente.

Eles costumam fazer, também, aqueles trabalhos denominados por Eric Dunning e Norbert Elias como administração da casa: compras, pagar contas, resolver questões em banco, dentre outras funções, desde que não atrapalhem as suas rotinas masculinas, ficando o mais pesado para as mulheres (limpar, cuidar de animais e plantas, cozinhar, lavar e demais). Em relação aos trabalhos de administração da casa, constatamos que os homens os fazem mais do que as mulheres. A pesquisa evidenciou 40 menções no decorrer da semana e 06 menções no final de semana, ocupando apenas 4,4% dos tempos livres docentes, sendo que 2,6% das menções foram dos homens e 1,2%, das mulheres, no decorrer da semana, ao passo que, no final de semana, essa ocupação passa para 0,2% das menções dos homens e 0,5%, das mulheres.

Há, por parte dos homens, pouca disposição em fazer o trabalho doméstico ou até mesmo compartilhá-lo, pois da mesma forma que histórica e culturalmente foi reificado que essa responsabilidade era da mulher, foi também reificado que a função do homem era prover a casa (Lina COELHO, 2004). Esse tipo de comportamento tem alterado muito pouco, mesmo com a inserção massiva das mulheres no mercado de trabalho, em jornadas similares e até mesmo superiores às dos homens, perpetuando assim as desigualdades entre homens e mulheres, em benefício dos primeiros.

Já o trabalho complementar de renda é realizado durante os dois períodos, durante a semana e finais de semana, mais pelos homens do que pelas mulheres. Constatamos, também, que os homens desenvolvem atividades com registro profissional, ou seja, trabalham em academias, vendem imóveis, dentre outras, enquanto as mulheres são sacoleiras (vendem de porta em porta, e na própria escola, cosméticos, confecções, dentre outros produtos). Quanto às menções ao trabalho complementar de renda, evidenciamos 34 menções no decorrer da semana e 22 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 7,2% dos tempos livres docentes, sendo que 2,6% das menções foram dos homens e 1,2%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana, essa ocupação passa para 2,4% das menções dos homens e 1,0%, das mulheres. Podemos observar que esse tipo de trabalho não é realizado por um número significativo de professoras e professores, mesmo porque, ocupadas/os o dia inteiro com as jornadas docentes e o trabalho doméstico, não há espaço no seu espectro de tempos livres para essa atividade.

O trabalho da docência é realizado por ambos os sexos, contudo a pesquisa demonstra que os homens costumam realizá-lo com maior frequência durante a semana, mais do que as mulheres. Isto porque o professor está sempre mais livre em casa do que a professora, pois recai sobre ela toda a responsabilidade da casa, enquanto ele pode se debruçar sobre o trabalho da escola, bem como fazer atividades que lhe proporcionem lazer, descanso e relaxamento. Em relação às menções a esse tipo de trabalho, a pesquisa evidenciou 184 menções no decorrer da semana e 87 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 29,4% dos tempos livres docentes, sendo que 10,3% das menções foram dos homens e 7,7%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana essa ocupação passa para 5,9% das menções dos homens e 5,5%, das mulheres.

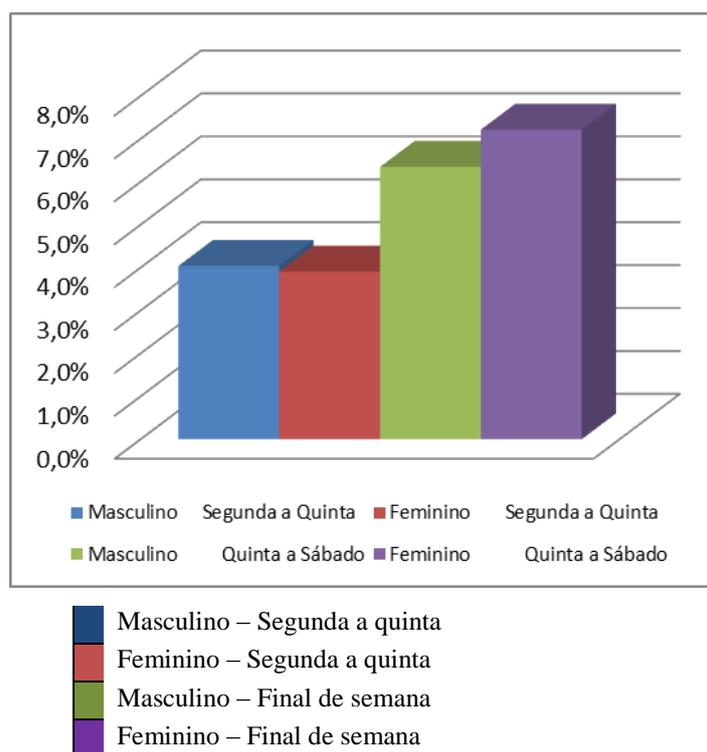
As modalidades de trabalho citadas, com exceção do trabalho complementar de renda, se cumprem nos tempos cotidianos, segundo André Gorz (2003), não como uma troca mercantil, elas têm em vista resultados distintos. No trabalho doméstico os próprios indivíduos, como beneficiários, garantem as bases necessárias imediatas à sobrevivência, já o trabalho docente realizado fora da escola é um tempo expropriado dos períodos que deveriam ser efetivamente livres.

2.3.2. Descanso e relaxamento

O descanso e o relaxamento realizam a função regeneradora do tempo livre, e quando isso não ocorre, o corpo sofre prejuízos, pois o estado de fadiga faz com que a energia se esgote, e as forças enfraqueçam. Repousar, tanto pode ser dormir quanto também não realizar nenhum esforço ou trabalho, mesmo que este seja diferente da atividade assalariada do indivíduo. É o nada fazer, tranquilizar-se, sossegar-se, na expressão de Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Pertencem ao nada fazer, atividades de lazer que não exijam deslocamentos e esforço, como jogos de mesa, palavras cruzadas, trabalhos manuais e artísticos, dentre outros.

Constatamos na pesquisa, que tanto para os homens quanto para as mulheres o descanso só ocorre no final de semana, especialmente no domingo, dia reservado para esse fim, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 14 – Descanso semanal – por sexo



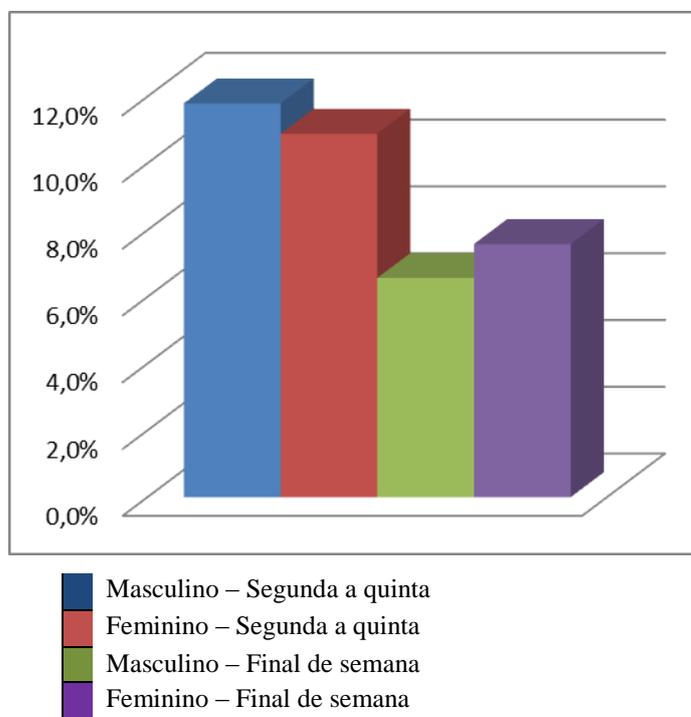
Em relação às menções ao descanso e relaxamento, a pesquisa evidenciou 86 menções no decorrer da semana e 108 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 21,4% dos tempos livres docentes, sendo que 4% das menções foram dos homens e 3,9%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana essa ocupação passa para 6,3% das menções dos homens e 7,2%, das mulheres. Desse modo, ações como dormir à tarde ou qualquer hora do dia, deitar no sofá ou se assentar para ver TV, sem se preocupar com a programação, *jogar conversa fora* com amigos, vizinhos, parentes, dentre outras práticas de não fazer nada, foram citadas pelos sujeitos pesquisados como aquelas realizadas mais nos finais de semana, porque durante a semana se encontram absorvidos pelos seus trabalhos na escola e outros.

2.3.3. Provisão das necessidades humanas

Incluem-se nessa categoria, da provisão das necessidades humanas, ações e práticas realizadas nos tempos livres, que atendem às necessidades biológicas e fisiológicas, socialmente padronizadas, tais como: comer, beber, fazer sexo, dormir. Estas práticas produzem uma satisfação agradável e se repetem diariamente em razão das necessidades humanas, em

ritmos já organizados: a hora de comer, de dormir, da higiene corporal, entre demais ações que ocorrem com determinada frequência e duração, de acordo com o organismo de cada indivíduo e com seus costumes e práticas culturais. Em relação a essas necessidades a pesquisa evidenciou 86 menções no decorrer da semana e 113 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 36,9% dos tempos livres docentes, sendo que 11,8% das menções foram dos homens e 10,9%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana essa ocupação passa para 6,6% das menções dos homens e 7,6%, das mulheres. Desse modo, tantos os homens quanto as mulheres realizam as ações relacionadas às necessidades humanas com maior frequência no decorrer da semana, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 15 – Provisão das necessidades humanas – por sexo

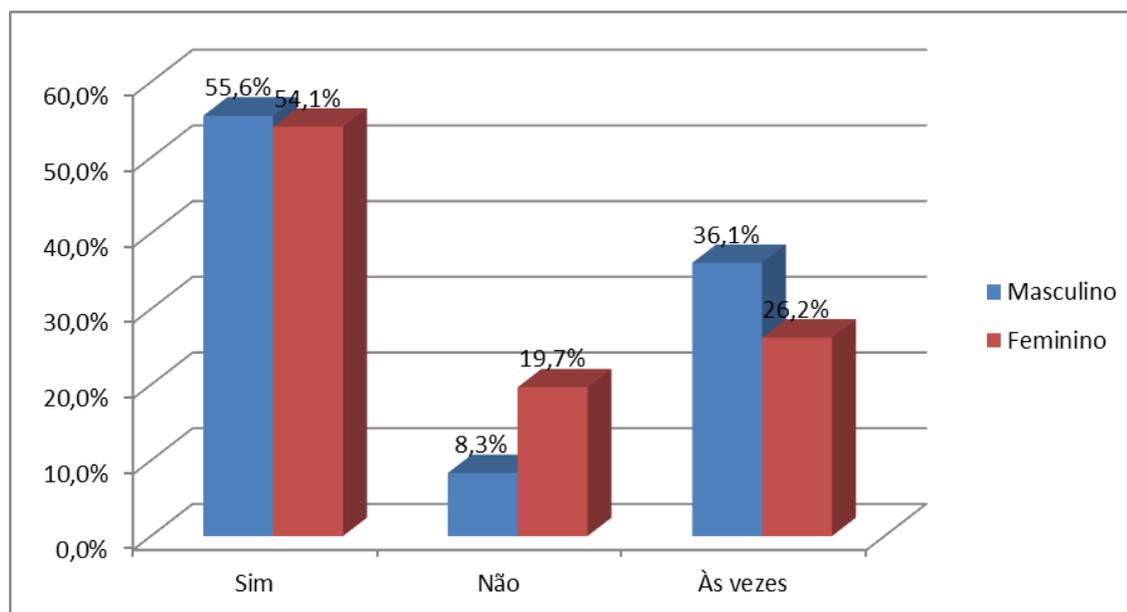


Alguns destes tipos de ações citadas pelos sujeitos podem se tornar uma atividade de lazer e entretenimento, quando saem da rotina, como, por exemplo, almoçar fora de casa, dormir em um hotel, fazer sexo em motel, dentre outras, pois, de acordo Norbert Elias e Erich Dunning (1992), no espectro das atividades do tempo livre, uma mesma atividade pode ter função diferente nos tempos cotidianos, realizando-se de modo distinto, variando entre um e outro contexto, uma e outra situação.

a) A alimentação

A pesquisa revela que mais da metade dos sujeitos pesquisados almoçam nos horários socialmente determinados, contudo há um número relevante de docentes que não têm a mesma prática, sendo que a maioria deles/as são mulheres, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 16: Prática de alimentação em horário convencional – por sexo



Em relação aos períodos destinados à alimentação, eles ocorrem, na maioria das vezes, na própria escola, pois esta é uma forma de “ganhar tempo”, já que o deslocamento até a casa consome, em média, 30 a 40 minutos, no conjunto das duas horas destinadas a esse fim, aproximadamente. As condições em que as/os docentes se alimentam também não são as mais saudáveis, pois são marmitas preparadas por elas/eles mesmos, quando não encomendadas em restaurantes nas proximidades da escola.

A prática de alimentação é tão comum no ambiente de trabalho que os colegas se ajuntam para comprar forno micro-ondas para deixar na sala dos professores. Mais corrido ainda é o almoço das/os docentes que vão almoçar em casa, pois nem sempre a alimentação está pronta por completo. O pouco tempo do horário de almoço também é para preparar as crianças para irem à escola, para resolverem algum problema em bancos ou comércio. Assim, “mal engolem a comida”, como declara a professora Telma:

Bem, eu praticamente todos os dias almoço na escola mesmo. Levo marmita ou compro uma lá em um restaurante próximo. Só que tem dias que eu preciso resolver problemas no banco, marcar uma consulta, comprar alguma coisa

no centro, aí eu faço isso no horário de almoço. Nesses dias a gente mal engole a comida em qualquer lugar, e imediatamente tem que voltar para a escola (Entrevista concedida pela professora Telma, em 20 de outubro de 2013).

Outras/os docentes costumam almoçar fora da escola, em restaurantes da sua escolha, assim “sobra mais tempo” para descansar. No entanto, é uma despesa enorme no final do mês, pois se paga em média 10 a 12 reais em uma marmita, e entre 20 e 34 reais em um quilo de comida. Almoçar na escola, e até mesmo em restaurantes próximos a ela, tem suas vantagens e desvantagens, como podemos observar no diálogo entre as professoras Mary, Jose e Alice:

Professora Mary - No meu tempo de almoço eu fico na escola. Eu descanso, não faço nada da escola. Saio pra almoçar, volto pra escola. Eu não tenho tempo suficiente pra chegar a minha casa e voltar pra escola, quando eu faço isso chego à escola suada, estressada. Eu não vou parar ali, pra esperar um ônibus que vem ali num sei daqui a quantos minutos e que eu vou chegar em casa, fazer e engolir a comida e correr de novo pra escola, pra ficar com criança de quatro anos. Eu vou chegar virada no saci, eu prefiro ficar na escola (...). Então eu prefiro ficar ali, porque eu tô mais descansada, almoço e volto pra escola, ou então resolvo o que tenho que resolver no centro, por ali mesmo, quando dá tempo, porque quando é coisa de banco o tempo não dá, às vezes não dá porque a fila é enorme. Uma coisa que me irrita, é quando eu vou pagar a escola da minha filha. Se eu for ficar na fila do banco, é um tempo enorme lá, que às vezes eu nem consigo, tenho que ir depois. Agora, também não faço mais nada da escola, eu não faço nada! Eu não atendo nem pai de aluno, se chegar na janela, bater ali, eu não atendo não, é meu tempo, é meu horário, Antes, até eu ainda ficava, abestalhada, eu ficava ali, saía a meninada, não tinha porteiro na escola, então quando dava 11h30 que faltava todo mundo, aí ficava sempre três, dois meninos pra você entregar depois. Aí eu fui acordando (risos), eu digo: *“Não fico, se a irmã que mora lá, que tem a casa lá, quando bate o sininho dela, ela larga tudo que ela tá fazendo e corre pra mesa dela, então não sou eu que vou ficar fazendo o papel de outra pessoa que teria que estar ali na escola e não está, porque ela não tem autonomia de dizer: Eu quero um porteiro pra lá.”* Por ser criança, o portão tá lá sozinho, mas ela não resolve situação nenhuma. Então eu resolvi fazer assim: 11h30 eu já saio da sala e tchau. Boto os meninos pra outra sala. *“Fiquem lá na outra sala que é mais próxima do portão, que os seus pais vão te ver e te chamar”*. E me mando para fora, vou lá pra secretaria e fico lá. Aí, aí é a hora que eu acesso a rede social, que eu leio os meus e-mails, né? Que eu fico ali, vou almoçar, volto, fico ali até umas 12h58, os meninos tão tudo chegando e eu ainda tô ali, não vou pra sala. Agora, deu 13h eu estou lá na sala. Fora desse horário, não tem chuva e nem tem sol, botou o menino pra dentro, tome conta quem botou, porque eu não vou me responsabilizar, não me responsabilizo. Mãe de aluno que chega lá dizendo: *“Ah! eu quero falar com a professora”*. Aí eu respondo: *“Oh, eu estou no meu horário de almoço, viu? A partir das 13h eu estou disponível”*. E se eu não estivesse na escola? Eu não iria atender, então não é porque a minha pessoa tá ali, (risos) que eu vou ter que parar, pra conversar coisa de escola, entendeu? Não faço não. Outra mãe chega meio dia e meia, aí pergunta: *“A professora já está aí? É porque eu preciso ir para o trabalho e queria deixar fulaninho na escola”*.

Ai eu digo: “Querida, tô no horário de almoço, só retorno às 13h”. Ai elas dizem assim: “Essa daí é pescoço, essa daí é carne de pescoço” (risos). A mãe de outro chegou lá: “Ah eu quero falar com a professora”. Aí chega a irmã: “Ah, a mãe de fulano tá aí, querendo falar com você”. Eu respondi: “São 12h45, eu tô no meu horário de almoço, agora eu não falo com ninguém”.

Professora Alice: Não, tem que ser assim mesmo!

Professora Mary: Claro, que tem que ser assim, e ainda mais lá na escola, se você abrir a guarda, usam e abusam, é tanto que eles nem pedem nada pra mim fora do meu horário. Deu meu horário eu digo: “Oh! eu vou ali, toma conta aqui”. Tem dias que fica criança lá até quase uma hora, esperando o pai, já ficou menino lá até dez pra uma da tarde, e que deveria sair 11h30.

Professora Jose: Na hora do almoço eu sempre faço alguma coisa, sempre eu estou ali querendo fazer alguma coisa, referente ao meu trabalho. Ou eu tô lendo alguma coisa, estudando alguma coisa, não ligo não, eu faço sim.

Professora Mary: Você tem consciência de que é uma hora a mais que você tá colocando na sua jornada de trabalho?

Professora Jose: Hum (pensativa) sei. Eu sei, mas eu já estou tão habituada não sei o porquê.

Professora Mary: Já faz que nem sente?

Professora Jose: É, faço que nem sinto, assim... (interrompida por Alice)

Professora Alice: ...e com isso você tá contribuindo com o sistema, sendo explorada (Grupo Focal nº. 04, em 14 de maio de 2013)

O diálogo entre as professoras revela que o intervalo do almoço também pode ser um tempo usurpado para o trabalho, seja ele para o trabalho doméstico e para os serviços da administração da casa, seja para o próprio trabalho docente. Pode ocorrer, naquele período que seria para o almoço, a continuidade do trabalho, se a/o docente permanece na escola. Neste caso, pode parecer que estar na escola é ficar disponível para o trabalho, por isso, como destaca a professora Mary, muitos pais levam seus filhos mais cedo ou costumam a buscá-los, esquecendo-se que as/os professoras/es têm apenas entre uma e duas horas para se alimentarem, descansarem e retornarem à labuta. A própria escola reproduz essa prática social quando aceita, principalmente em escolas da Educação Infantil, a chegada de crianças mais cedo, porque os seus responsáveis têm compromissos de trabalho ou de lazer. De outra parte, até mesmo quando as/os docentes vão para sua casa, logo após o almoço ou concomitantemente, estão já pesquisando temas das aulas, fazendo correção, pois os tempos liberados do trabalho para esse fim são insuficientes.

c) **Relações amorosas**

Com o advento do século XXI, a sexualidade, as relações amorosas, os relacionamentos ganham outros contornos, devido, sobretudo, às transformações culturais que modificaram em grande escala o papel familiar e reprodutivo da mulher, a sexualidade dos jovens, a concepção das relações amorosas e, principalmente, em virtude da separação entre reprodução e sexualidade, conforme ressalta Alberto Melucci (2004).

Essas mudanças, segundo o autor, provocaram a afirmação de uma cultura autônoma, que foi se desvinculando dos padrões tradicionais e modificando os comportamentos sexuais, mesmo com muitas continuidades. A experiência sexual, antecipada no tempo e ampliada em seus significados, fez emergir aspectos comunicativos e de socialização, enquanto anulou, quase por completo, a sua finalidade reprodutiva. Nesse sentido, não se pode negar o papel fundamental da nova cultura da mulher, que muito contribuiu largamente para a mudança do significado da sexualidade, tradicionalmente negada ou tolerada pelo imperativo da maternidade. A sexualidade feminina adquire autonomia, através da nova consciência formada e da rejeição da subalternidade e rigidez dos papéis familiares que fixaram às mulheres o destino de serem mães e esposas.

Prosseguindo suas considerações acerca dos sentidos amorosos, Alberto Melucci (2004) salienta que essas mudanças abriram precedente para que, principalmente as gerações mais novas, pudessem viver a sexualidade como escolha: fonte de prazer, instrumento de comunicação entre os corpos, desvinculada da reprodução. “A sexualidade humana tornou-se um campo de experiência aberto ao possível, uma área de investimento simbólico confiado àqueles que a vivem” (p. 145).

Nesse contexto, encontramos dentre as professoras e professores pesquisadas/os, várias situações afetivo-amorosas, as quais confirmam como tais mudanças apresentadas pelo autor abalaram de alguma forma os sentidos das relações:

Eu sou casada, tenho um filho de 05 meses e está sendo uma experiência nova (tanto o casamento, quanto a maternidade) e muito prazerosa (Professora Kelle, mensagem pela internet, em 18 de fevereiro de 2013).

(...) atualmente estou separada, aliás, o casamento não estava dando certo, estávamos brigando muito. Então, resolvemos dar um tempo, aliás, separar mesmo, mas como nós nos gostamos muito, sem falar que nos damos muito bem na cama (kkkkk), resolvemos então cada um morar em sua casa, mas

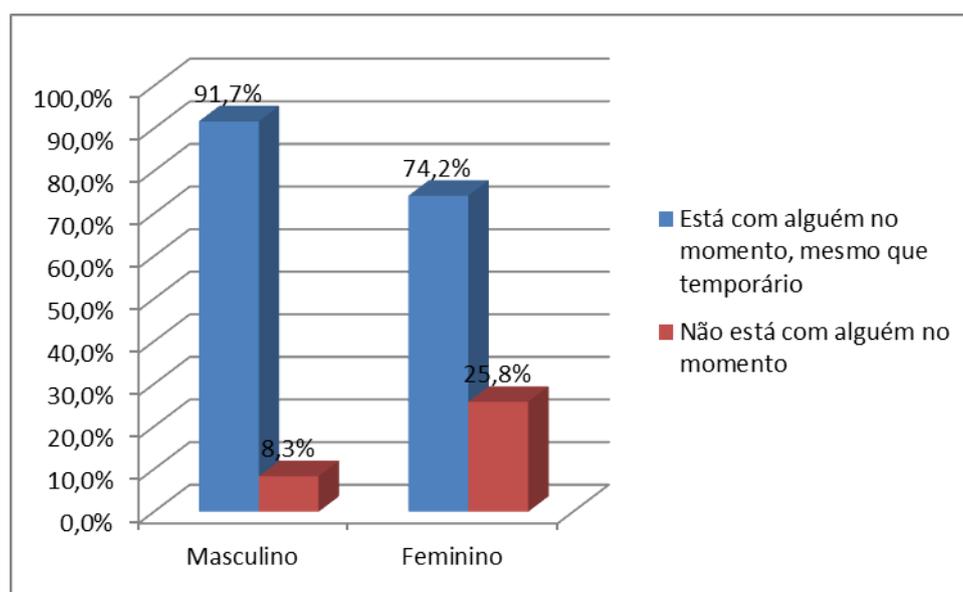
continuarmos juntos. Isso já faz quase um ano e está dando muito certo (Professora Lívia, mensagem pela internet, em 06 de fevereiro de 2013).

Você me perguntou sobre as relações amorosas, fora da escola, é lógico (kkk), bem, eu sou um cara muito recatado, já tive muitos relacionamentos, fui casado, tive um filho, aí depois eu me separei. Antes mesmo de separar eu sentia atração por pessoas do mesmo sexo, entendeu? Aconteceu que hoje a minha orientação sexual é homossexual, vivo com uma pessoa há mais de 10 anos, eu na minha casa ele na dele, é isso (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 23 de julho de 2013).

O campo da sexualidade apresenta-se como um laboratório, na expressão de Alberto Melucci (2004), no qual se pratica, se experimenta modelos culturais distintos, pluralidade que hoje é mais evidente nas relações entre casais. Além do casal tradicional, monogâmico e heterossexual, surgem novas opções, possibilidades de coexistências de outras relações: a homossexualidade, os solteiros que vivem em relações esporádicas, parceiros que vivem juntos, fora de uma relação matrimonial estável e outras.

Dentre as/os docentes pesquisadas/os, constatamos que a maioria delas/es mantém um relacionamento estável ou temporário, contudo existem professores (8,3%) e professoras (25,8%) que se mantêm sem relacionamento amoroso, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 17: Relacionamentos amorosos - por sexo



Em relação aos tempos reservados para as/os companheiras/os, mesmo vivendo tempos apertados, imprensados entre o trabalho da escola e o trabalho da casa, em seus tempos livres as/os professoras/es dispõem de tempo para conversar com a/o companheira/o, sair juntos para almoçar ou jantar, eventualmente, ir à igreja, ir à praia com as/os filhos e demais atividades que fazem em família.

Constatamos também que as professoras, por estarem sempre fazendo duas ou três atividades ao mesmo tempo, separam uma fração de tempo para estar com o esposo. Já este último dispõe de muito mais tempo para a companheira. Segundo eles, estão com elas na hora dos trabalhos domésticos, fazendo uma coisa e outra, auxiliando no que é possível, assistem à TV juntos, compartilham atividades que são realizadas mais no interior da casa do que fora dela.

Deve-se considerar, ainda, conforme Alberto Melucci (2004), que os ritmos urbanos, os conflitos no âmbito profissional e o estresse, o tempo cada vez mais crescente dedicado ao trabalho, as preocupações familiares, têm abalado as relações amorosas de tal forma que outras relações estão sendo inventadas, como, por exemplo, as relações amorosas virtuais, como nos relatou o professor Márcio:

Hoje eu passei o dia inteiro em casa. Geralmente todos os domingos são assim. Amanhã preciso trabalhar bem cedo, então o domingo é mais leve. Aproveitei para pesquisar umas coisas na internet, planejar umas aulas e também namorar (kkkkkk). Lógico, ninguém é de ferro. Minha namorada mora aqui em Porto mesmo, só que ela mora no centro e eu aqui no bairro, no Baianão. Então a gente fica namorando pela internet, pelo Skype, sabe? Assim, dá pra matar a saudade, a gente se ver no Skype, conversa pelo face, é muito bom. Quando a gente fica muito tempo sem se ver, porque ela trabalha na saúde e aí as nossas folgas nem sempre coincidem, então a gente aproveita qualquer tempinho, pelo celular, pela internet. Outro dia tava contando isso pra um colega e ele disse: “*Rapaz, como é que você aguenta? Não é a mesma coisa.*” Ai eu disse que ele tava enganado, porque o negócio é bom demais, dá pra rolar até sexo (kkkkkkkkkkkk). Desculpe tá falando essas besteiras, é para espairer, mas é verdade (Professor Márcio, mensagem pela internet, em 11 de agosto de 2013).

Paquerar, namorar, amar no ciberespaço tem sido uma realidade constante, principalmente entre aquelas/es que experienciam a escassez de tempo. O espaço virtual proporciona uma proximidade instantânea, através das redes sociais, de skype, de whatsapp e outros suportes virtuais. Pode-se dizer que os encontros presenciais são subtraídos, enquanto os contatos via rede aumentam significativamente entre pessoas de sexo, geração, situação social, econô-

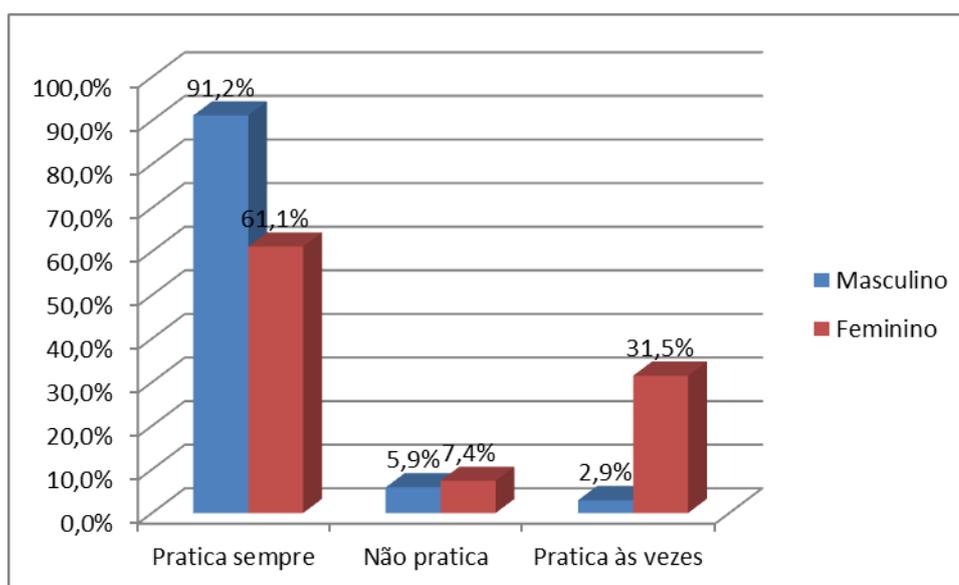
mica e cultural distintas. Muitas dessas pessoas se relacionam via rede durante longos períodos, com codinomes, para somente depois de certo tempo se conhecerem presencialmente.

O professor Marcio fala da sua experiência de namoro na internet, concomitante ao período no qual ele prepara as aulas e pesquisa algum assunto do seu interesse. Mesmo morando na mesma cidade, que é relativamente pequena, devido à falta de tempo, por causa das suas profissões, o casal não se encontra com frequência e utiliza os meios tecnológicos e a rede para estreitar os laços. É um namoro em tempo real, como disse o professor, possível de “*rolar até sexo*”, encontros que matam a saudade, afloram desejos, pulsões, paixões, em frações de tempo e em tempo real.

Nesse contexto, diante das mudanças que ocorreram no campo das relações afetivas e daquelas que não de vir, do ponto de vista de Alberto Melucci (2004), faz-se necessário encontrar novas palavras para dar nome ao amor, ou seja, as matizes do sentimento desvinculado das obrigações - longo, mas também passageiro, fixo, mas também temporário. São necessários novos termos para se compreender encontros distintos e plurais entre homens e mulheres, sem preocupação com a reprodução, mas com a satisfação pessoal, com o prazer que se fundamenta na escolha, na comunicação possível do encontro entre os indivíduos.

Em relação à prática sexual, mais especificamente, há uma diferença significativa entre os sexos. A pesquisa revelou que os professores (91,2%) praticam sexo com mais frequência do que as mulheres (61,1%), sendo que, dentre estas, aproximadamente 31,5% praticam sexo eventualmente, como ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 18 - Prática sexual - por sexo



2.3.4. O cuidado de si

No espectro dos tempos livres no cotidiano docente, no cuidado de si destacam-se três possibilidades: cuidados com a saúde, cuidados relacionados às atividades físicas e cuidados com o corpo, em termos estéticos, dimensões relacionadas entre si, porém distintas para efeito de análise. Houve 242 menções sobre essas práticas, ocupando 13,7% dos tempos livres docentes no decorrer da semana, sendo que 5,5% das menções foram dos homens e 8,2%, das mulheres. Já no final de semana essa ocupação com o cuidado de si diminuiu significativamente para 8,7%, sendo que 2,4% das menções foram dos homens e 6,3%, das mulheres.

Nos gráficos abaixo podemos observar a distribuição das atividades para o cuidado de si, separadas nas três possibilidades citadas acima. Em relação às práticas relativas ao cuidado com a saúde, dentre outras ações, destacam-se entre as mais citadas pelos sujeitos: ir ao médico; fazer acupuntura; ir ao posto de saúde; ir ao hospital; fazer exames de rotina; fazer terapia. No geral, obtivemos apenas 10 menções dessas práticas no decorrer da semana. O equivalente a 3% das menções foram dos homens e 7%, das mulheres. Já no final de semana, as menções baixaram para duas, citadas exclusivamente pelas mulheres (2,0%). Pode-se inferir que elas ocupam mais os seus tempos livres com o cuidado da saúde do que eles, mesmo subsumidas pelos períodos dos diversos trabalhos que desempenham.

Gráfico 19: Cuidados com saúde

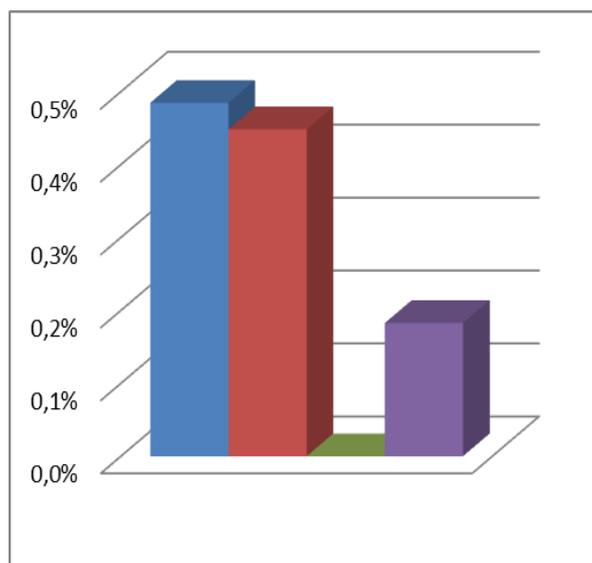


Gráfico 20: Cuidados com o corpo

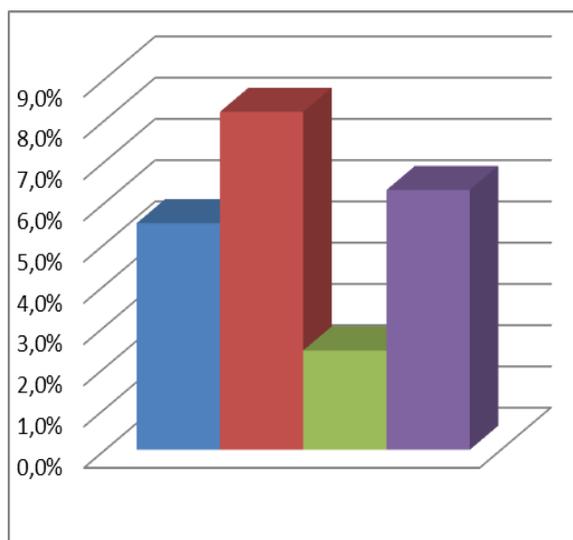
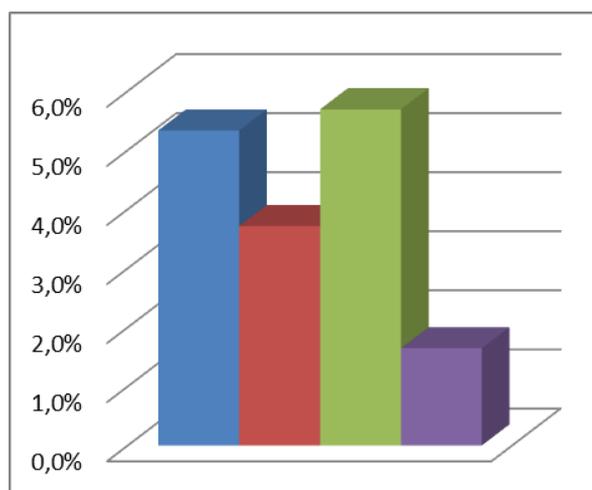


Gráfico 21: Atividades físicas



Legenda:

- Masculino – Segunda a quinta
- Feminino – Segunda a quinta
- Masculino – Final de semana
- Feminino – Final de semana

No que concerne às atividades físicas, entre outras, as práticas mais recorrentes foram: corrida; caminhada; natação; academia; musculação, capoeira, artes marciais; pilates; futebol, baba²¹. No geral, foram 91 menções no decorrer da semana e 41 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 9% dos tempos livres docentes no decorrer da semana, sendo que 5,3% das menções foram dos homens e 3,7%, das mulheres. Já no final de semana, essa ocupação passa para 7,3%, sendo que 5,7% das menções foram dos homens e 1,3%, das mulheres. Desse modo, constata-se que, de modo geral, os homens fazem mais atividades físicas do que as mulheres, nos dois períodos estudados.

Quanto ao cuidado do corpo para embelezamento, ou seja, fazer unha, cabelo em casa ou no salão, cuidar da pele, depilação, sobrancelha, higiene pessoal, dentre outras ações, obtivemos 162 menções no decorrer da semana e 80 menções no final de semana, o equivalente a 242 no total. Isto é, aproximadamente 22,4% dentre todas as menções de ocupação dos tempos livres docentes, sendo que 5,5% das menções foram dos homens e 8,2%, das mulheres, no decorrer da semana. No final de semana, 2,4% das menções foram dos homens e 6,3%, das mulheres. Observa-se, portanto, que as mulheres, mesmo em dias de trabalho pesado, não deixam de cuidar do embelezamento do corpo, enquanto os homens o fazem durante a semana, pois reservam o final de semana para outras atividades.

2.3.5. Sociabilidades

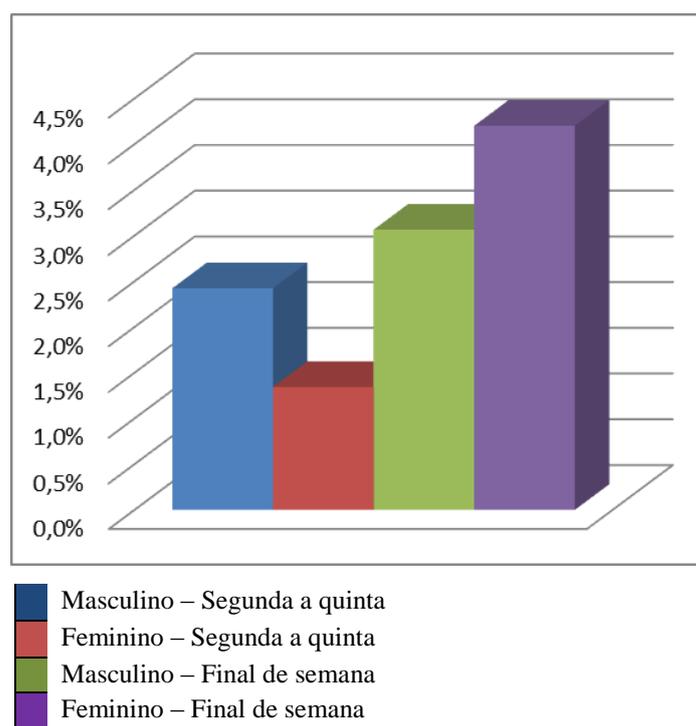
Nos tempos cotidianos e no espectro dos tempos livres docentes, a sociabilidade é uma dimensão que atravessa todas as outras, especialmente no que concerne ao lazer. Neste sentido, a sociabilidade pode ser considerada base fundamental das práticas humanas na vida social, na compreensão de Norbert Elias e Eric Dunning (1992). A sociabilidade é construída a partir de atividades que se relacionam com o trabalho, como, por exemplo: ir a um bar, a um clube, a um restaurante ou uma festa com colegas de trabalho; falar de futilidades; fazer excursão juntos ou visitá-los. No entanto, as/os docentes pesquisadas/os convivem também com outras pessoas: conversam com os vizinhos, participam de rodas de conversas sobre diversos temas com pessoas que encontram usual ou eventualmente, dentre outras ações formais e informais presentes em seu convívio social.

Dentre as atividades de sociabilidade, mais especificamente na ocupação do tempo livre, foram mencionadas pelos sujeitos: bate papo na internet; acessar as redes sociais; encontros com amigos, vizinhos, parentes; viagens com grupos; participação em grupos associativos; reunião em família, dentre outras. Podemos observar no gráfico abaixo que os grupos familiares, os amigos, as redes sociais e os grupos religiosos se destacam no tocante à ocupação dos tempos livres docentes. Desse modo, pode-se inferir que os sujeitos pesquisados, de um modo geral, vivem geralmente em família e entre amigos, que em geral são os próprios colegas de trabalho.

²¹Baba é uma partida de futebol que ocorre em lugar improvisado, em um terreno baldio, na rua, mas também em quadras e campos, na qual as regras são formadas na hora do jogo, não necessita de uniforme, muito menos times formados anteriormente, pois a formação do time geralmente se dá com quem estiver presente.

A esse respeito, encontramos 36 menções no decorrer da semana, e 60 no final de semana, ou seja, aproximadamente 11,0% dentre todas as menções de ocupação dos tempos livres docentes, sendo que 2,4% das menções foram dos homens e 1,3%, das mulheres, no decorrer da semana. Já no final de semana, 3,1% das menções foram dos homens e 4,2%, das mulheres. Nessa categoria, como em muitas outras, sobra para as mulheres somente o final de semana para certos tipos de convívio social, em conciliação com as demais atividades de tempo livre, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 22: Sociabilidades virtuais e presenciais– por sexo



2.3.6. O lazer²²

Essa categoria, segundo Norbert Elias e Eric Dunning (1992), apresenta uma enorme diversidade. Nela se inclui as atividades para diversão, entretenimento, tais como o cinema, o teatro, a leitura, os jogos, as atividades físicas, ouvir música, assistir TV, a pescaria e demais atividades de lazer que o indivíduo realiza, tomando parte como ator e/ou espectador. Isto, desde que não participe dessas atividades como trabalhador/a de uma dessas áreas, implican-

²²Norbert Elias e Eric Dunning (1992) vão utilizar a categoria atividades miméticas ou jogo. Segundo os autores, a utilização do termo mimético não se aplica em sua obra somente relacionada a jogo, mas ao conjunto de atividades lúdicas e prazerosas que podem proporcionar aos indivíduos excitação e tensão agradável, que possuam o caráter de lazer. Desse modo, preferimos denominar de atividades de lazer.

do todas as obrigações e restrições características do trabalho. Os autores chamam a atenção para o fato de que toda atividade de lazer é uma atividade de tempo livre, mas nem toda atividade de tempo livre é uma atividade de lazer.

Nos traçados gerais acerca do lazer, destacaram-se nos relatos dos sujeitos o lazer como um tipo de atividade intelectual, o lazer na cidade, o lazer doméstico e os jogos em geral. Especificando mais, essas atividades de lazer envolvem: leitura de poesia e literatura em geral e leitura de outros gêneros literários fora dos domínios da docência; acessar internet para se distrair, para jogar, para pesquisar temas fora do trabalho docente. Há, também, as práticas sociais de ouvir música, ir ao cinema, ir ao teatro, dentre outras ações que promovem nos sujeitos um desenvolvimento cultural e cognitivo, além de propiciarem momentos de prazer e satisfação pessoal. Encontramos nos relatos dos sujeitos 147 menções a essas atividades no decorrer da semana, e 90 nos finais de semana, o equivalente a 237 no total, ou seja, aproximadamente 28,9% dentre todas as menções de ocupação dos tempos livres docentes, sendo que 10,5% das menções foram dos homens e 5,2%, das mulheres, no decorrer da semana. Já no final de semana, o percentual de 8,5% das menções foram dos homens e 4,7%, das mulheres, índices registrados nos gráficos a seguir:

Gráfico 23: Lazer intelectual – por sexo

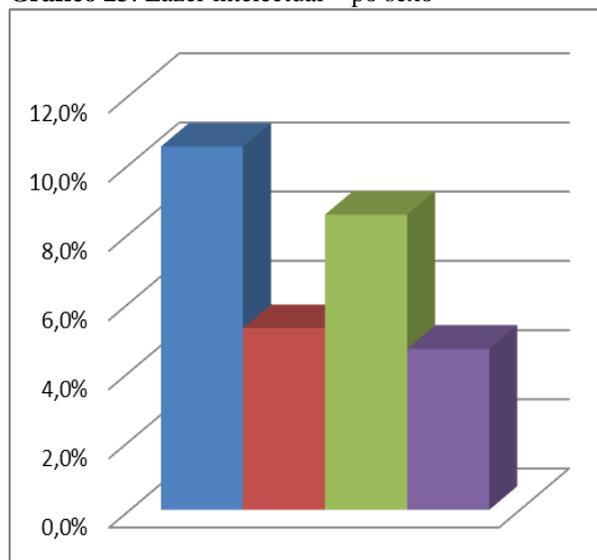


Gráfico 24: Lazer Doméstico – por sexo

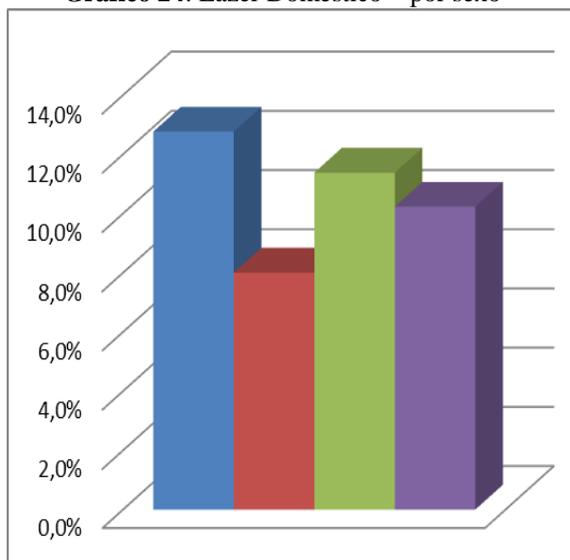


Gráfico 25: Lazer na Cidade – por sexo

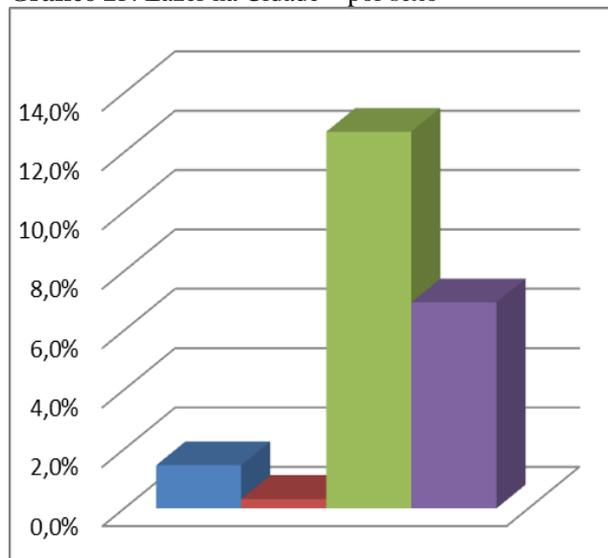
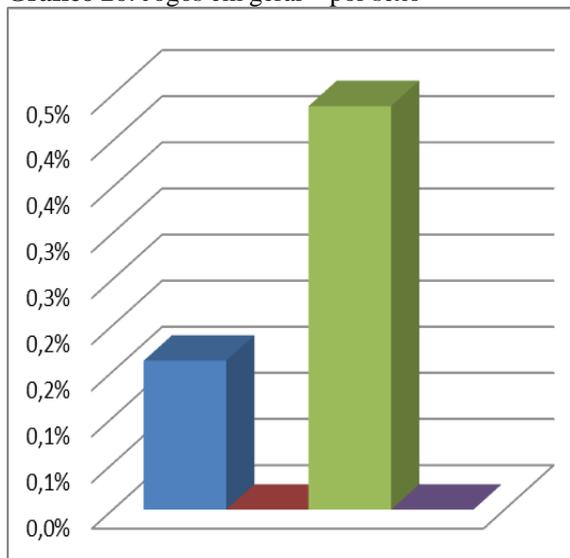


Gráfico 26: Jogos em geral – por sexo



■ Masculino – Segunda a quinta
■ Feminino – Segunda a quinta
■ Masculino – Final de semana
■ Feminino – Final de semana

Quanto ao que denominamos lazer na cidade, refere-se ao conjunto das atividades de tempo livre realizadas fora da casa, aproveitando as atrações e entretenimentos de Porto Seguro. Nessa modalidade, incluem-se as seguintes ações: ir à praia; ir ao bar, restaurante, pizzaria e similares; ir a uma festa; assistir a um show; andar no centro da cidade, sem compromisso; almoçar ou jantar fora; ir ao museu, à reserva ambiental, dentre outras. Nesse aspecto, houve 14 menções a essas atividades no decorrer da semana e 134 nos finais de semana, o equivalente a 148 no total, ou seja, aproximadamente 21,4% dentre todas as menções de ocupação

dos tempos livres docentes, sendo que 1,5% das menções foram dos homens e 0,3%, das mulheres, no decorrer da semana. Já no final de semana, o percentual de 12,7% das menções foram dos homens e 6,9%, das mulheres. Conclui-se, portanto, que os professores costumam curtir os atrativos de lazer da cidade muito mais que elas, as professoras.

No que concerne ao lazer doméstico, é aquele realizado no interior da casa das/dos docentes, de amigos e/ou de familiares. Compõem essa modalidade: as farras na sua própria casa; a farra na casa de colegas, na palavra usada pelas/os pesquisadas/os; churrasco na própria casa ou na casa de amigos; assistir TV; almoço e jantar em família e/ou com amigos, em casa ou na casa de outrem; assistir a um filme no DVD, computador e/ou similar.

Acerca da referida modalidade, houve 204 menções de atividades no decorrer da semana e 164 nos finais de semana, o equivalente a 368 no total. Ou seja, aproximadamente 42,4% dentre todas as menções de ocupação dos tempos livres docentes, sendo que 12,8% das menções foram dos homens e 8%, das mulheres, no decorrer da semana. Já no final de semana, esse percentual alterou: 11,4%, das menções foram dos homens e 10,2%, das mulheres. Neste aspecto, constata-se, novamente, que mesmo no interior da casa ou em casas de outrem, as mulheres costumam aproveitar bem menos os seus tempos livres.

Por último, a participação em jogos em geral, como os jogos de mesa, no computador, *play station*, celular, dentre outros, para os quais houve apenas 03 menções, todas pelos professores, uma delas no decorrer da semana, o equivalente a 0,2%, e 0,4% dentre todas as menções de atividades de tempo livre no final de semana, citadas pelos sujeitos.

Após análise da categoria lazer, podemos inferir que este não pertence às mulheres, pois elas pouco o têm praticado, e quando isso ocorre é no espaço privado, pois assim não são afastadas das suas obrigações e responsabilidades impostas historicamente. A análise dessa categoria revela complexidades que não só demonstram diferenças, mas, também, na expressão de Elsie Fanger (2006), desigualdades e exclusão, detectando que, enquanto a mulher está a postos para todos os tipos de trabalho, o homem se responsabiliza pelo trabalho remunerado e realiza práticas de lazer, obtendo tempos mais leves, como se houvesse práticas sociais somente de homens e outras só de mulheres, reificando a cada dia o comportamento tradicional da superioridade masculina. Observa-se, assim, que a divisão sexual do trabalho se estende para uma divisão sexual do lazer.

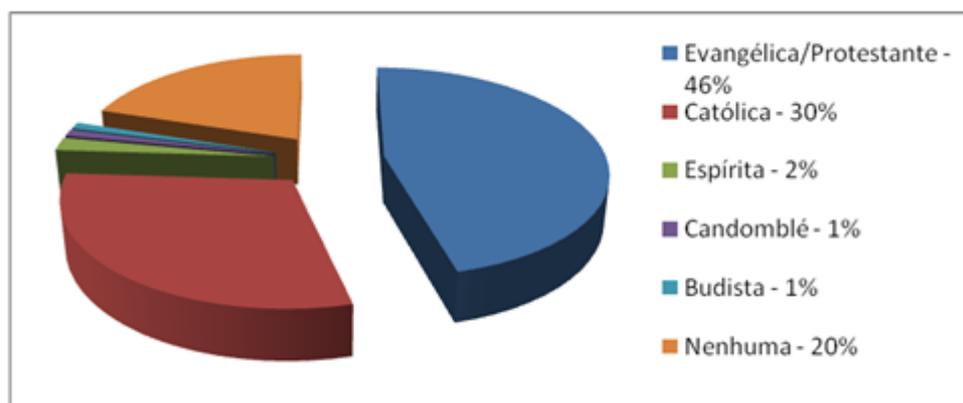
2.3.7. Autossatisfação e autodesenvolvimento

A categoria que ora apresentamos diz respeito ao conjunto de atividades realizadas no tempo livre, que podem trazer ao indivíduo a sensação de satisfação pessoal, desenvolvimento intelectual e formação cultural e profissional. Trata-se de atividades dos tempos livres cotidianos, relativamente sistemáticas e com frequência impessoal, bem como o trabalho voluntário, a participação em grupos associativos, as atividades religiosas e outras práticas sociais que envolvem o desenvolvimento de si mesmo e a satisfação pessoal, conforme explicam Norbert Elias e Eric Dunning (1992).

a) Atividades religiosas

A prática da atividade religiosa é um fator forte entre as professoras e os professores em Porto Seguro, sendo que a maioria delas e deles é de religiões evangélicas, refletindo a expansão das igrejas evangélicas no Brasil, em especial na Bahia, que segundo o IBGE (2010) é o 4º maior estado da federação em números de evangélicos, ficando atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em relação às opções religiosas das professoras e professores pesquisadas/os, constatamos que há uma predominância daquelas de matriz protestante, conforme gráfico abaixo:

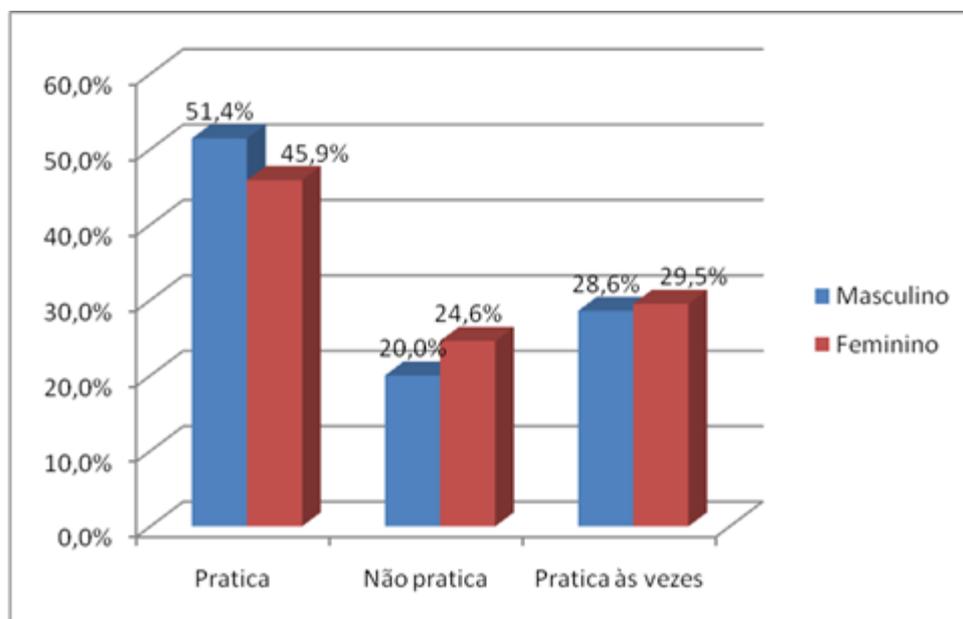
Gráfico 27: Opção Religiosa



Praticar a religião, para os sujeitos da pesquisa, significa participar dos encontros semanais para práticas religiosas, das visitas domiciliares, dos trabalhos sociais das igrejas, dos congressos e estudos bíblicos, dos diversos grupos de evangelização, tais como os de crianças, de adultos, de mulheres, de idosos e de casais.

Em relação à prática efetiva das religiões apresentadas, a pesquisa revelou que 80% dos professores e 75% das professoras praticam sempre ou às vezes, enquanto 24,6% dos homens e 20% das mulheres não praticam nenhuma religião, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 28: Prática religiosa – por sexo



A participação em uma religião não requer apenas a frequência a cultos; como já vimos, muitos são os trabalhos desenvolvidos pelas igrejas. Sendo assim, muitas/os docentes exercem cargos e obrigações além das suas jornadas de trabalho em casa e na escola, contudo afirmam que seus tempos das atividades ligadas à religião são tempos de dedicação e satisfação pessoal, razão pela qual não se sentem cansadas/os. Ao contrário, sentem-se aliviados, conforme relatos a seguir:

Sou Presbiteriana, vou sempre que posso à igreja, sou atuante, participo dos grupos e busco praticar minha religião sem fanatismos e respeitando a escolha das outras pessoas. Busco me basear na bíblia e não somente na religião. É algo que me faz bem e que me ajuda muito de forma geral (Professora Vivi, mensagem pela internet, em 15 de maio de 2013).

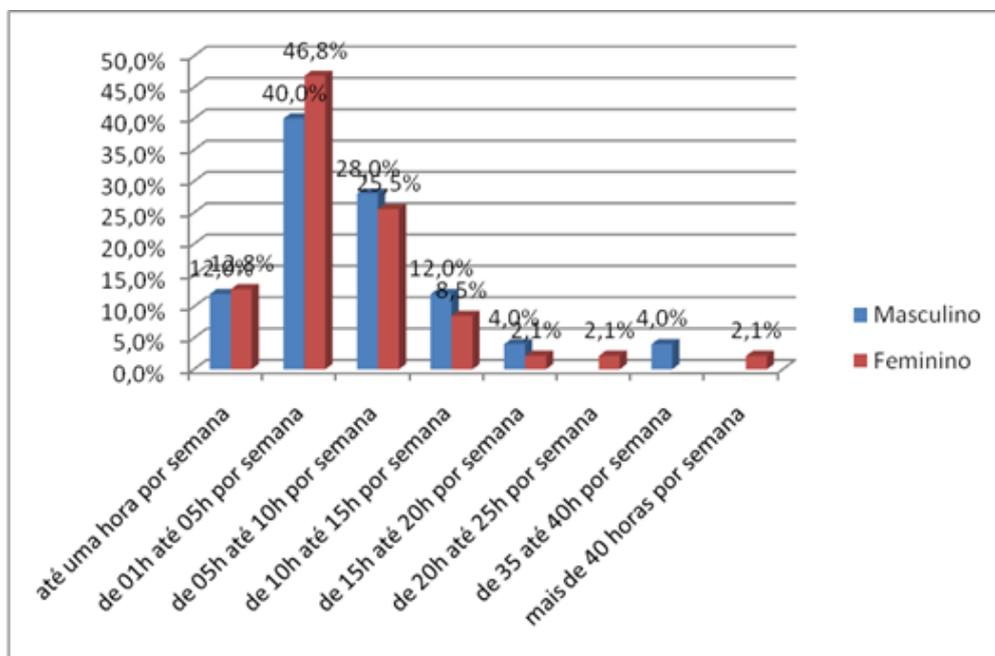
À tarde, depois do pôr-do-sol, fiz algumas leituras bíblicas, visitei alguns sites de cunho religioso, escrevi alguma coisa, compus um sermão e fui para a cama. No sábado, levantei bem cedo, após higiene matinal, escolhi uma roupa, reli o texto produzido na noite anterior, fiz algumas correções, imprimi. Cantei um pouco. No domingo fui à feira cedo, após a devoção matinal. Retornei às 10h mais ou menos. Passei o restante do dia com meu filho, ouvindo histórias e vendo TV. À noite fizemos sanduíche, comemos, ele foi dor-

mir e eu para a net consultar e-mails e acessar o face.Tá dito. (Professor John, mensagem pela internet, em 14 de janeiro de 2014).

(...) Na igreja Assembleia de Deus, no Fontana II. Ocupo também um cargo de professor da escola bíblica dominical para as senhoras (Professor Jaime, mensagem pela internet, em 16 de maio 2013).

Quanto à frequência da prática religiosa, percebemos que há uma quantidade enorme de horas demandadas para esse fim. Constatamos que 93% das professoras dedicam até 15 horas semanais à prática religiosa, equivalendo-se aos homens, que o fazem num percentual de 92%. De outra parte, 5,2% das professoras dedicam entre 15 e 40 horas semanais à prática religiosa, enquanto 8% dos homens dedicam o mesmo tempo. Sendo assim, mesmo tendo uma carga horária muito extensa, distribuída para o trabalho da docência fora da escola, com os filhos, com o trabalho da casa, as mulheres ainda conseguem se dedicar às práticas religiosas, as quais exigem a participação em cultos de até três horas de duração, ao menos duas vezes por semana, conforme o gráfico a seguir:

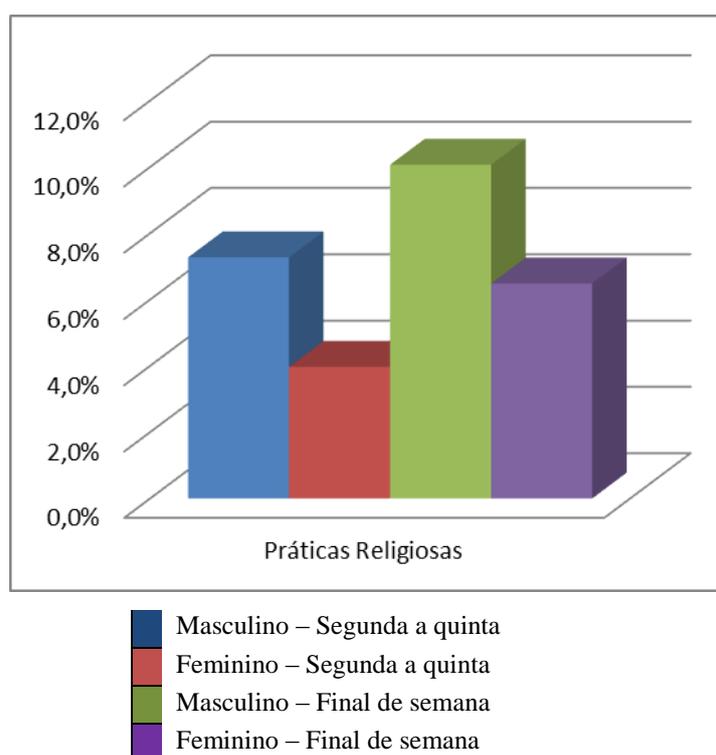
Gráfico 29: Frequência semanal da prática religiosa - por sexo



Atualmente tem sido uma prática constante de algumas igrejas em Porto Seguro, realizar seus cultos, além dos noturnos, também antes das sete horas da manhã, desse modo possibilitam às/aos docentes participarem da programação religiosa antes de irem para a escola.

Nessa modalidade, encontramos nos relatos dos sujeitos o equivalente a 107 menções a essa atividade no decorrer da semana e 117 nos finais de semana, o equivalente a 224 no total. Ou seja, aproximadamente 27,9% dentre todas as menções de ocupação dos tempos livres docentes, sendo que 7,3% das menções foram dos homens e 4,0%, das mulheres, no decorrer da semana. Já no final de semana, o percentual de 10,1% das menções foram dos homens e 6,5%, das mulheres. Desse modo, eles costumam frequentar mais atividades religiosas do que elas, além de assumirem, em sua maioria, os cargos exercidos nas igrejas. Encontramos apenas uma docente pastora e aproximadamente 03 coordenadoras de ações religiosas, o equivalente a 8,5% do total de mulheres que praticam frequentemente a religião. Contudo, sabemos que esse fator também pode ser decorrente da escassez de tempo da mulher professora, não necessariamente falta de oportunidade.

Grafico 30: Prática religiosas/Periodo semanal – por sexo



Ainda sobre as práticas religiosas, podemos observar, no relato da professora Luz, a sua dedicação ao trabalho que exerce no centro espírita, tanto na sua participação nos encontros e tratamentos espirituais, bem como no trabalho voluntário do qual participa, em um bairro da periferia da cidade. Mesmo trabalhando 60 horas, nos sábados e nos domingos sempre

está posta e satisfeita com o que faz. Segundo a professora, o trabalho melhorou a sua vida e aliviou o seu cansaço como um bálsamo²³.

b) Atividades de formação profissional

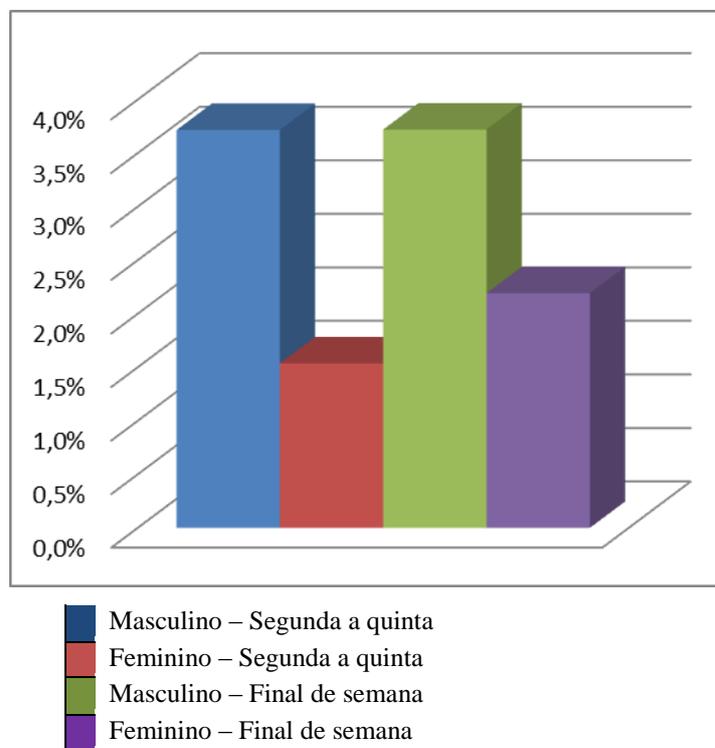
No espectro dos tempos livres no cotidiano das/os professoras/es, há um outro segmento de períodos de tempo nos quais, uma vez mais, seus tempos livres são usurpados. Trata-se dos longos períodos em que elas/eles se dedicam à sua formação profissional, inicial ou continuada. Esta formação profissional diz respeito à participação docente em eventos da educação: participar de cursos; de reuniões; fazer curso de graduação; de pós-graduação; reuniões pedagógicas; formação continuada, como, por exemplo, nos projetos *PNAIC*, *Proletramento*, *Formar em Rede*, *Gestar*, entre outros. Os cursos ocorrem geralmente aos sábados que são considerados letivos e eventualmente em dias letivos, agendados por área de conhecimento ou nível de ensino. Contudo, há uma expressiva quantidade de trabalhos, relatórios, preenchimento de formulários que são realizados nos tempos livres docentes, concernentes a esses cursos e projetos.

Sobre esta ocupação dos tempos livres com a formação profissional, encontramos nos relatos dos sujeitos o equivalente a 47 menções a essa atividade no decorrer da semana e 41 nos finais de semana, o equivalente a 88 no total. Qual seja, aproximadamente 11,1% dentre todas as menções de ocupação dos tempos livres docentes, sendo que 3,7% das menções foram dos homens e 1,5%, das mulheres, no decorrer da semana. Já no final de semana o per-

²³ Este é o relato da professora: “No dia 15 iniciei um tratamento espiritual no Centro Espírita. Esse tipo de tratamento consiste nas seguintes etapas: triagem (uma espécie de entrevista para autoconhecimento e início de reforma interior); recebimento de passe (recebemos, através de orações, o equilíbrio, a força, confiança, a luz necessária para compreendermos por que estamos aqui, por que passamos por determinados desafios e sofrimentos). “*Nossa, como minha vida melhorou depois disso!*”(…) Além disso, comecei a fazer parte de um trabalho social no Bairro Paraguai, todos os sábados pela manhã, no posto de assistência espírita, cujo nome homenageia uma das mulheres que mais admiro: Maria de Nazaré. Passo a manhã descascando batatas, lavando pratos, ajudando no preparo da sopa a ser servida para crianças carentes, e saio de lá com uma felicidade indescritível, uma sensação de que sou útil no mundo, sirvo para alguma coisa. É interessante, as crianças pensam que nós a ajudamos, mas é o contrário, somos ajudadas por elas, em todos os sentidos. Aqueles momentos ali me ensinam, dentre outras coisas, que não tenho mais nada a pedir, além da saúde e da força para continuar firme na caminhada. Têm sido um bálsamo em minha vida. Lá me desprendo do meu trabalho, é um momento em que meus pensamentos estão centrados em Deus, em mim e na minha família, nas pessoas que são tão necessitadas e às vezes não as enxergamos, por causa da correria da vida, do excesso de trabalho”. (Professora Luz, mensagem pela internet, em 12 de dezembro de 2013).

centual de 3,7% das menções foram dos homens e 2,2%, das mulheres, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 31: Formação profissional continuada – por sexo



b) Atividades sociopolíticas

Esse segmento do espectro dos tempos livres é composto por atividades relacionadas à participação em reunião/encontro de associação, reunião/encontro do sindicato da categoria, reunião/encontro em centros comunitários, de partidos políticos, ações de movimentos sociais em geral, dentre outras, conforme relatos das/os docentes a seguir:

(...) eu participo de uma Associação de Veteranos do Baianão e da Associação de Veteranos do Mirante, da modalidade de futebol, para pessoas acima de quarenta anos. Então rola muita programação, praticamente todo final de semana. (Professor Edy, Grupo Focal nº 01, em 30 de abril, 2013).

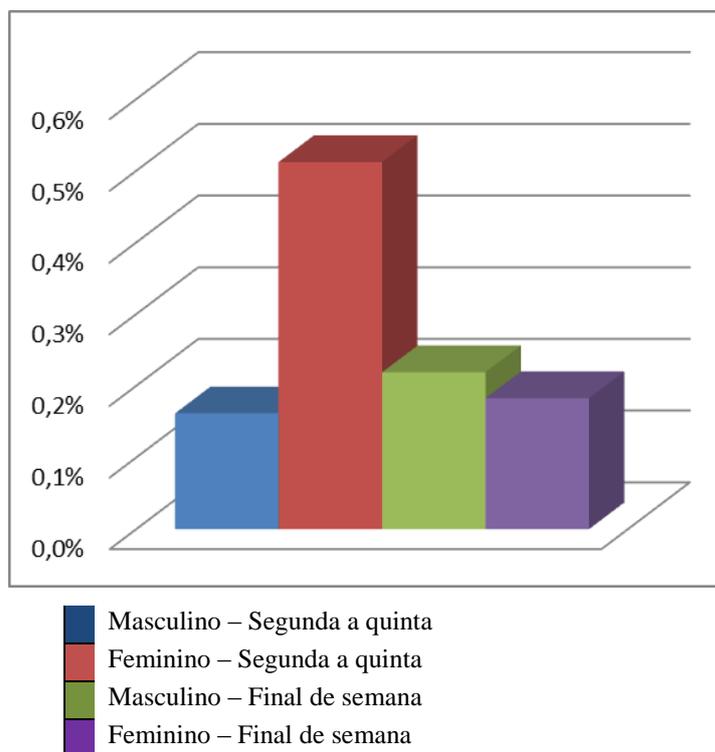
(...) eu não abro mão de participar das atividades do sindicato, primeiro porque eu acho que as coisas só melhoram para a categoria se for através da luta, da pressão, segundo porque é uma questão política, e o meu trabalho enquanto professor tem uma função política. Sou afiliado há mais de 10 anos e mesmo

com a falta de tempo faço o possível para participar de tudo (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 13 de setembro de 2013).

A participação mais expressiva é no sindicato da categoria – Associação do Profissionais da Educação da Bahia - APLB Sindicato, que é uma das entidades mais atuantes do estado da Bahia, com ações relevantes durante todo o ano. Como os tempos liberados para as paralisações e assembleias são retirados dos dias letivos e tradicionalmente têm sido repostos, esses tempos invadem e tiram tempos livres docentes, como as férias, os feriados e recessos. Entretanto, nem sempre a reposição é realizada, devido à expressiva quantidade de sábados letivos, tornando os tempos de luta, um certo tipo de tempos livres.

Em relação à ocupação dos tempos livres com essas atividades, os relatos dos sujeitos evidenciam 09 menções a essa atividade no decorrer da semana e 03 nos finais de semana, o equivalente a 12% no total. Qual seja, aproximadamente 1,1% dentre todas as menções de ocupação dos tempos livres docentes, sendo que 0,2% das menções foram dos homens e 0,2%, das mulheres, tanto do decorrer quanto no final da semana, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 32 – Participação em atividades sociopolíticas – por sexo



2.4. Tempos livres institucionalizados nos calendários: recessos, férias e feriados

Nos tempos cotidianos docentes, sob a forma de períodos livres institucionalizados nos calendários civis e escolares, existem alguns períodos em que os tempos livres podem ser considerados mais longos, dentre eles o recesso no mês de julho e as férias de final de ano, os quais podem ser considerados tempos livres do trabalho assalariado. Esses são, possivelmente, os únicos períodos nos quais os indivíduos conseguem se desvincular do trabalho escolar, alguns totalmente, outros em parte, pois há colegas que se preocupam com o retorno, com a condição dos alunos, além dos que aproveitam o distanciamento da escola para refletirem sobre suas práticas, para criarem novos métodos pedagógicos, para selecionarem material didático e se prepararem para o retorno ao trabalho. Também compõem esses tempos, além das férias, os feriados nacional, estadual e municipal e recessos, geralmente agregados a esses feriados ou em períodos, que nos calendários escolares de épocas pretéritas, eram também de férias.

Entende-se por recesso escolar uma suspensão ou curta interrupção do trabalho docente. No município de Porto Seguro, por se tratar de uma cidade turística, o recesso ocorre sempre no mês de julho, diferentemente de outras cidades baianas, onde o recesso ocorre em junho, no decorrer dos festejos juninos. Trata-se de não mais que 20 dias, nos quais algumas professoras e professores buscam relaxar e se desvincular do trabalho principal, enquanto outros procuram estudar e/ou trabalhar para complementar a renda, principalmente no turismo, como podemos observar nos relatos das professoras Lívia e Telma:

Não vejo a hora de chegar o recesso, ele é curto, mas dá pelo menos para espárecer um pouco, ficar um pouco com a família, sabe? Não dá para viajar, primeiro que a gente fica sem dinheiro, o recesso geralmente é na segunda semana de julho até a primeira de agosto, quando chega o dinheiro, acaba o recesso. Então fico em casa descansando, relaxando um pouco (Professora Lívia, mensagem pela internet, em 20 de junho de 2013).

(...) no recesso eu continuo trabalhando, é o período em que estou livre do trabalho da escola, então aproveito para aumentar um pouco as minhas vendas, fazer compras, no máximo visitar a família e ficar em casa descansando (Entrevista concedida pela professora Telma, em 20 de outubro de 2013).

Quanto ao período de férias docentes, uma conquista do movimento trabalhista de longa data, um direito trabalhista, é uma interrupção relativamente longa do trabalho, destinada ao descanso, ao relaxamento, à descontração. Em Porto Seguro, esses tempos são relativa-

mente longos, iniciam sempre no período natalino e só encerram após o carnaval, devido à quantidade de estudantes que trabalham no período de alta temporada turística. Nesse período as/os docentes sentem-se aliviados e fazem uma série de atividades, principalmente de lazer, como podemos observar no diálogo de Alice, Joana e Jaqueline:

Professora Alice : ah... o mês de janeiro foi muito massa... Eu fui pra praia bastante, em vários momentos. Foi muito legal assim... eu acho que a curtidão maior foi a praia mesmo. O mês de janeiro foi muito bom... muito praia... final de tarde... noite, assim... lua... Ah... essas coisas da natureza... contando que o mês de janeiro até um dia desses a gente estava quebrada... (risos).Então, eu só tinha programa sem gastos... eu não fazia mais nada, mas deu pra aproveitar bastante, nossa... eu fui muito pra praia... muitas pessoas diferentes... foi bem legal... ainda tá sendo... hoje aqui também... (risos)

Professora Jaqueline: Ah... janeiro pra mim... olha, eu fiz uma coisa que toda manhã eu gosto de fazer... é acordar tarde! Então eu acordei muito tarde... me diverti com os amigos na Passarela... fui à praia... não tomei sol! Mas fui. É... assisti a filme... fui a aniversários... a churrascos na casa de amigos (...)

Professora Joana: O meu mês de janeiro foi muito... minhas férias... foram as melhores férias até então né? Fui pro local que eu queria ir né? Principalmente junto da minha família... conheci muita gente legal... me diverti muito... ambientes diferentes... todo dia eu saía pra um lugar diferente... conhecia gente nova... foi maravilhoso... detalhes... (Grupo Focal nº 7, realizado em 10 de fevereiro de 2013)

Enquanto as professoras Joana, Jaqueline e Alice apresentaram os pontos relevantes das férias, como passeios à praia, as festas, viagens, sociabilidades, Jocélia aponta essas mesmas vantagens, mas também revelam que, por morar em Porto Seguro, quase não descansa, porque trabalha o ano inteiro, e geralmente quando está de férias, recebe muitas visitas de parentes e amigos que moram noutras cidades, conforme relata:

Tive visita de QUATRO pessoas de Goiás do dia 20 de Dezembro até dia 25 de Janeiro. Sendo que nesse período recebi mais de 30 pessoas no período do Natal e chegada do Ano Novo. Casa superlotada, detalhe: Só pude ir a praia um dia, pois não tenho ajudante, ou seja, sou eu quem faço tudo. Estas visitas demoradas tbem, fez com que me atrasasse na minha monografia da pós que teria que entregar. Só tenho este resto de semana para fazer isto (Professora Jocélia, mensagem pela internet, em 21 de janeiro de 2013).

Passando aos feriados, são todos os dias em que se suspende o trabalho e as aulas, por prescrição civil ou religiosa, durante o ano letivo. Na cidade de Porto Seguro, durante o ano, entre março e dezembro, período letivo, contamos com os feriados oficiais que são 08, 02 estaduais e 07 municipais. Esses tempos, que convencionalmente chamamos de livres, consti-

tuem tempos de muito trabalho e pouca diversão, pois são destinados a colocar o trabalho docente atrasado em dia, fazer faxinas mais amiúde, além de também receber visitas. É ilustrativo o relato da professora Lúcia, a esse respeito:

Meu feriado foi corrido, recebi visitas durante o feriado, uma amiga com dois filhos e uma sobrinha, quase fiquei doida, não consegui produzir nada, me estressei, e cheguei morta na segunda-feira na escola. Sinceramente preferia nem ter tido essa folga, me cansei mais do que quando tô trabalhando, agora tô tentando recuperar o tempo perdido (rsrsrs). Também, não foi só tragédia, me diverti um pouquinho no sábado, com a visita dos meus irmãos, foi muito bom a farrinha que fizemos (Professora Lúcia, mensagem pela internet, em 09 de setembro de 2013).

Como os demais, os tempos livres institucionalizados nos calendários, como feriados, recessos e férias, não são homogêneos para as/os docentes. E mesmo que se destinem a períodos de não trabalho, e ainda que possa sempre neles haver algum ganho de descanso e de tempos efetivamente livres, muitas vezes se misturam a tarefas não somente da casa, mas da docência, da complementação salarial e outras, no espectro geral dos tempos livres do cotidiano das/os docentes, que buscamos apresentar, num panorama geral, neste capítulo.

Nos três capítulos que seguem apresentaremos as três formas do tempo livre as quais já foram anunciadas nos capítulos anteriores: as duas primeiras a regenerativa e compensativa, partindo do princípio organizativo das atividades de tempo livre, como fez precursor Joffre Dumazedier (1994) para, através do pensamento crítico de Jurgen Habermas (1982), analisar criticamente a configuração dessas duas formas e elucidar como o trabalho, enquanto eixo estruturador do cotidiano na modernidade, suspende os tempos livres, devido as políticas econômicas, as novas formas de controle social, a supremacia da indústria cultural, dentre outros fatores que tem conduzido os indivíduos a experienciarem cotidianamente uma sensação de falta de tempo e necessidade de trabalhar mais. Esse fenômeno é explicado pelo autor como a forma suspensiva do tempo livre, o qual, na concepção do autor, torna-se uma fábula, ou experiências temporais esporádicas, imprensadas, escassas.

CAPITULO 3

O TRABALHO SEM FIM²⁴ E A SUSPENSÃO DO TEMPO LIVRE

Nos marcos das sociedades modernas, a noção de tempo tornou-se mercantil: compra-se e vende-se tempo de trabalho, como se houvesse sempre uma necessidade de consumi-lo, comercializá-lo e utilizá-lo. Sendo assim, seria insultante desperdiçá-lo ou vivenciá-lo de forma livre e prazerosa. Nesse processo de mercantilização do tempo, os ritmos da vida cotidiana se estruturam em torno do trabalho assalariado, que exige e suga dos trabalhadores, cada vez mais, as suas capacidades de produzir, conforme Edward Thompson (1984).

Até mesmo nos tempos livres, os indivíduos executam trabalhos sem a determinação exógena e sem as exigências do trabalho profissional²⁵. Na contemporaneidade, esse comportamento pode ser visto tanto na continuidade do trabalho produtivo fora da instituição de labor, quanto na realização de trabalhos reprodutivos não remunerados, como, por exemplo, o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos e de outras pessoas. E, também, trabalhos extras para complementar a renda, forma de comportamento ou de manifestação do tempo livre, que Erich Weber (1969) denominou de forma suspensiva do tempo livre.

Sendo assim, o autor assegura que o trabalho se apresenta como um elemento suspensivo do tempo livre, ou seja, os indivíduos assumem obrigações extras, seja para produzir mais recursos financeiros, seja para o provimento da casa, o cuidado de si e de outros, seja para as compras e atividades de gestão familiar, dentre outras. Há um processo de expropriação do tempo livre das pessoas, de maneira suave e invisível, de forma simbólica. Ou seja, o indivíduo diz estar livre do seu trabalho, mas tem sempre algo por terminar, por observar, por zelar, por fazer. O trabalho está sempre ligado ao seu corpo, seja nas atividades concretas, seja pelo telefone celular, internet, dentre outros aparatos que foram inventados para fins plurais.

De um lado, as pessoas estão sempre preocupadas com o que fazer de útil em seu tempo livre, já que são impedidas de realizarem qualquer atividade da sua vida privada, ao longo de suas jornadas nos locais de trabalho. Dessa maneira, aqueles que dispõem de recursos financeiros e de tempo ficam atentos à programação do dia, aos eventos, enquanto outros aguardam o seu tempo livre para resolver centenas de problemas acumulados em banco, cor-

²⁴ Expressão “*trabalho sem fim*”, foi utilizada por Danilo Martuccelli e Kátia Araújo (2012), para expressar a realidade da sociedade chilena, estudada por eles em uma pesquisa.

reios, comércio, dentre outros. De outro lado, muitas e muitos trabalhadoras/es se vinculam a outras empresas, fazem atividades remunerativas paralelas para aumentarem seus rendimentos, além de assumirem o trabalho de casa, Deste modo, enquanto para uns o tempo livre é regeneração e compensação do corpo, para outros é trabalho, é uma outra labuta.

Entende-se por forma suspensiva do que chamamos tempo livre, a continuação do trabalho profissional em casa ou em outros espaços de vivência da esfera privada, em tempos que não são destinados ao trabalho. Também essa forma se manifesta com as obrigações religiosas, trabalhos voluntários e participação em movimentos sociais que, mesmo trazendo uma suposta satisfação pessoal, exige esforço, dedicação e a realização de atividades físicas e/ou mentais. Na concepção de Jurgen Habermas (1982), se o tempo liberado do trabalho é ocupado por mais trabalho, mesmo que seja de natureza distinta daquele que produz o sustento do indivíduo, o tempo livre perde o seu sentido primeiro, aquele sentido utópico do ócio, da contemplação, do deixar que os acontecimentos passem, vez que a sociedade de consumo não deixa que isso ocorra, porque ela produz riquezas sobre o tempo livre, o que faz dele objeto de especulação e investimento. Desse modo, quando o tempo livre é ocupado com o trabalho, com obrigações, com determinações externas, infringem-se as prerrogativas do que convencionalmente chamamos tempo livre, suspende-se o desejo, a satisfação, o prazer e o tempo para si mesmo, porque não dizer, a satisfação das necessidades humanas. Sendo assim, o trabalho, seja qual for a sua procedência e/ou função, exige a suspensão da satisfação imediata dos desejos e transfere as energias de realização do indivíduo para as tarefas, para os tempos de ocupação, conforme Jurgen Habermas (1984).

No campo da educação, esta realidade e fatos enfatizados acima são uma constante presença. É possível observar, diariamente, as/os trabalhadoras/es sobrecarregadas/os de trabalho, especialmente na Educação Básica, na qual as/os educadoras/es passam mais tempo com seus alunos/as. Além disso, assumem mais salas de aula do que em outros níveis de ensino. A forma como o trabalho suspende as atividades de lazer e de outras práticas culturais, na experiência dos tempos cotidianos docentes, é visível, é alarmante. O trabalho está marcado no próprio corpo das/dos docentes, muitas vezes um corpo cansado, quando não exaurido, como se observa em várias situações: do discurso feito palavra e relato, ao gesto, aos movimentos corporais; às faces que habitam os territórios da escola, da sala de aula, como também na rua, nas casas, onde estejam.

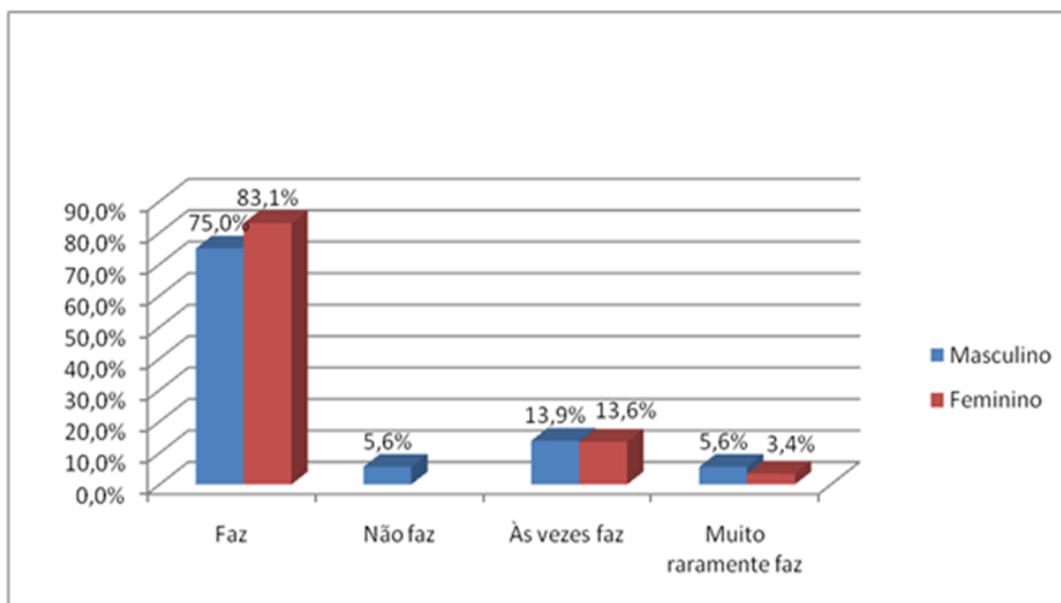
²⁵Segundo Erich Weber (1969), nos tempos livres os indivíduos podem realizar trabalhos que não obedecem regras externas, são os próprios sujeitos que regulam os tempos dedicados a eles, os quais podem ser para mais ou para menos, a depender da necessidade e/ou satisfação pessoal.

3.1. Trabalhos da docência realizados fora da escola

Na experiência dos tempos cotidianos docentes, configura-se uma impregnação de tempos e ritmos do trabalho que suspendem as outras atividades de tempo livre, especialmente aquelas relacionadas ao lazer e outras práticas culturais que, em relação ao trabalho, na concepção de Jurgen Habermas (1987), podem regenerar as energias do corpo. Esses tempos de trabalho, em sua maioria, são tempos não remunerados, desconsiderados pelas instituições escolares e instâncias gestoras dos sistemas educacionais, embora sejam exigidos como se fizessem parte inerente ao trabalho docente.

Quanto à realização desses trabalhos nos tempos livres, a pesquisa evidenciou que a maioria das/dos docentes o faz, independentemente de sexo. Contudo, mesmo que a responsabilidade pelas tarefas domésticas e da educação das/dos filhas/os tenha recaído historicamente sobre as mulheres, as professoras também costumam fazer mais o trabalho da docência fora da escola, em casa, conforme ilustra o gráfico abaixo:

Gráfico 33: Realização de trabalhos da docência fora da escola - por sexo.

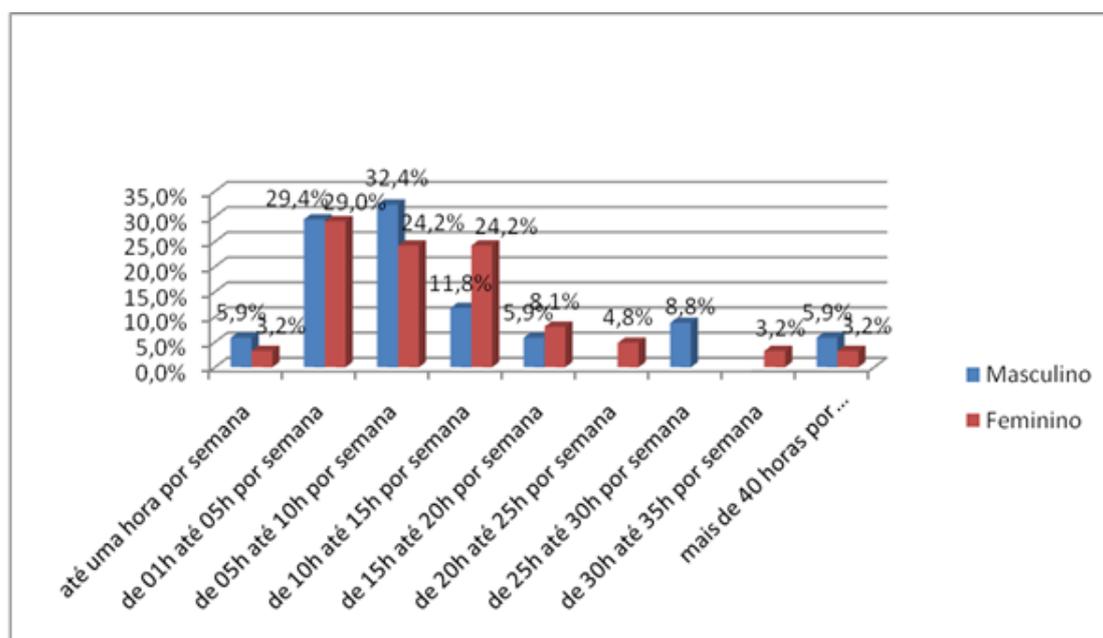


E quais tarefas seriam essas? São múltiplos e diversos os trabalhos da docência fora da escola. Questionadas/os sobre que atividades são realizadas por elas e eles, os sujeitos citaram o planejamento das aulas, a correção de atividades discentes, a elaboração de avaliações, o preenchimento de diários, a preparação de slides e de cartazes para as aulas, a confecção de jogos e lembrancinhas para as/os alunas/os, a escolha de dinâmicas de grupo, as pesquisas na

internet, a seleção de vídeos, textos, dentre outras tantas tarefas de suporte ou exigidas pela docência. Há, também, outros tipos de atividades, relacionadas à formação inicial e continuada, à elaboração de relatórios dos programas educacionais dos quais participam, à gestão e fiscalização dos recursos que vão direto para a escola, ou seja, tarefas que vão além da função tradicional da/do docente, demanda que vem aumentando após as reformas e programas governamentais que chegam às escolas e sobrecarregam professoras e professores após a década de 1990, conforme já demonstram as pesquisas de Bernadete Gatti (2009), Dalila Oliveira (2004; 2010), Isabel Lelis (2012), dentre outros.

Ainda quanto à dedicação de tempo fora da escola, com tarefas docentes, o gráfico abaixo indica que 79,5% dos professores dedicam até 15 horas por semana às atividades da docência fora da escola, enquanto 51,6% das professoras dedicam o mesmo tempo por semana. Ou seja, os homens dedicam mais tempo às tarefas da escola em casa e noutros espaços do que a mulher, mesmo porque eles dispõem de mais tempo livre do que as elas.

Gráfico 34 – Tempo médio semanal dedicado às atividades da docência fora da escola - por sexo.



A carga horária extraescolar acima apresentada, somada à carga horária intra-escolar docente, demonstra o processo silencioso, invisível, desconsiderado, da exploração das professoras e professores. Os tempos das tarefas docentes, inclusive de preparação e avaliação das atividades pedagógicas, relativos aos horários cumpridos fora da escola, não mensuráveis, não contabilizados e não remunerados, constituem-se em um tempo que amplia os períodos já extorquidos dentro das escolas. Não há separação, como em outras profissões, dos tempos de

trabalho e dos tempos privados do indivíduo. Dá-se, portanto, um processo de colonização do tempo, ou seja, um processo pelo qual os administradores absorvem e colonizam o tempo das professoras e dos professores com os seus próprios propósitos, nos termos de Andy Hargreaves (1998), tanto na escola quanto fora dela.

O gráfico acima conduz a uma, entre outras perguntas: Se os docentes dedicam tanto tempo às tarefas escolares, como ficam as outras atividades? Os tempos dedicados a esses trabalhos também estão articulados a outros tempos fora da escola, ou seja, os indivíduos fazem duas, três ou quatro coisas ao mesmo tempo, o que chamamos tempos concomitantes ou simultâneos. Do ponto de vista do antropólogo Edward Hall (1984), existem diferentes perspectivas temporais, e dentre elas o autor estabelece duas que se aproximam da experiência cotidiana dos tempos docentes.

A primeira perspectiva apresentada pelo autor é a monocrômica, concepção de tempo própria das pessoas que só conseguem fazer uma coisa de cada vez, preocupam-se com os prazos, com a progressão linear, com a realização de atividades num processo contínuo de seriação. Na educação, essa concepção se adéqua mais aos gestores, pois sua prioridade é controlar, vigiar atividade por atividade, o cumprimento dos prazos, assegurar que o trabalho seja realizado eficazmente. Essa concepção de tempo, na expressão de Andy Hargreaves (1998), é própria do mundo dos negócios, das organizações burocráticas, e organiza-se de forma cronométrica, linear e objetiva, além de não se preocupar com o contexto, mas com o resultado.

De contrapartida, as pessoas que agem mediante a segunda perspectiva, ou seja, a concepção policrômica de tempo, fazem várias coisas ao mesmo tempo, através de um processo de combinação. Segundo Andy Hargreaves (1998), nessa concepção as relações predominam mais do que as coisas, isto é, orientam-se mais para as pessoas do que para as tarefas e encontram-se usualmente entre as mulheres.

Ainda quanto às tarefas docentes fora da escola, a pesquisa revela que há docentes que não fazem trabalho de professor em casa, o equivalente a 5,6%, especificamente dentre os homens pesquisados, segundo ilustra o gráfico acima, como também existem aquelas/es que às vezes o fazem, e que muito raramente o fazem, somando um percentual equivalente a 36,5%, sendo 19,5% dentre os homens e 17% dentre as mulheres que responderam ao questionário. Vejamos no relato do professor Jonas, alguns motivos de não levar ou levar pouco trabalho para casa:

Eu não levo trabalho da escola para casa durante a unidade. Se for possível fazer a correção com eles eu faço, se não for, fica sem fazer. No máximo eu levo as provas e os testes, assim mesmo inicio a correção lá na escola. Eu

não quero adoecer. Sou professor de matemática, carga horária de 40h semanais, distribuída em 08 turmas com 40 alunos cada, ou seja, são 320 alunos. Se eu fizer um teste e uma prova por unidade, eu terei 640 avaliações para corrigir, se for uma avaliação de uma página; se for de 02 páginas, serão 1.280 páginas. Já pensou se eu fizesse como o regimento manda? É uma atividade valendo dois pontos, lá se vão 340 páginas; depois, no meio da unidade, outra atividade valendo mais dois pontos, lá se vão mais 340 páginas; depois um trabalho de pesquisa valendo quatro pontos. Se cada trabalho tiver 04 páginas, aí serão 1.360 páginas, mas vai ter mais, porque eles colocam o título do trabalho no Google e imprimem tudo que aparecer. Além das avaliações escritas existe uma serie de perguntas pra você responder referente a cada aluno, que é o que eles chamam de qualitativa. Quem inventou esse negócio queria era matar professor. A sensação que eu tenho é que eles devem pensar que a gente não tem família, não tem vida, não precisa se divertir, fazer sexo, namorar. É por isso que Porto Seguro está com mais de 10% do quadro doente. Quando a gente adoce e fica fora da sala de aula, além de perder os direitos relacionados à docência, ainda somos tachados de treiteiros e preguiçosos, eu tenho uma amiga que já passou por isso (Mensagem de Jonas, pela internet, junho de 2013).

A formulação do problema matemático de Jonas, para nos explicar como as atividades escolares se multiplicam, cumprindo prerrogativas regimentais e os novos modelos de avaliação propostos por um modelo “progressista” de educação, reafirma e contém novos elementos a analisar nos tempos cotidianos docentes – tempos escolares e fora da escola, períodos distintos, mas intimamente imbricados.

A fração de um terço da dispensa da carga horária, um elemento presente nos contratos de trabalho de alguns segmentos das/os professores da Educação Básica, é insuficiente para fazer todas as atividades da docência fora da escola. O cálculo elaborado por Jonas, professor de Matemática, nos conduz a outras situações. Às vezes pensamos que professor/a de Matemática ou de Língua Portuguesa trabalha mais em casa, porque as disciplinas exigem uma atenção maior, se é que essa hierarquização faz sentido. Esse pensamento está equivocado, pois quanto menos carga horária a disciplina tiver, mais atividades as/os docentes terão para corrigir. Vejamos: Matemática²⁶ tem 04 aulas por semana; logo, para fazer 32 horas, que é o máximo de horas para quem tem 40h semanais, a/o docente precisa trabalhar em 08 turmas de no máximo 40 alunas/os que chega ao total citado por Jonas. Se a disciplina de Jonas fosse Diversidade Afrodescendente ou Artes, que tem apenas uma aula por semana, ele teria que trabalhar em 32 turmas de 40 alunas/os, ou seja, teria que corrigir um montante de atividades de 1.280 alunas/os. Se fosse Inglês, Geografia, História, que tem duas horas por semana, ele teria um montante de atividades de 640 alunas/os. Dessa maneira, a forma como os

sistemas escolares organizam os currículos e distribuem as cargas horárias das/os docentes não leva em consideração os desgastes e acúmulo dos tempos docentes, pois as suas tarefas não cabem nos tempos disponibilizados por semana.

Estão contidas na mensagem do professor Jonas, algumas das razões que motivaram a sua decisão de não levar o trabalho da docência para casa: por ser professor de Matemática e possuir muitas atividades para corrigir; por não querer adoecer, como tem acontecido com alguns dos seus colegas; por ser contrário à forma como o regimento apresenta os critérios de avaliação, fragmentando o processo de modo que as/os docentes tenham sempre muita tarefa para preparar e corrigir, dentre outros aspectos.

Destacam-se, ainda, no relato, dois aspectos muito fortes: O primeiro se refere à complexidade do processo avaliativo e, ao mesmo tempo, à incerteza quanto ao ato de avaliar. Herdeiros de um processo de avaliação tradicional, que consistia na realização de testes e provas, gestoras/es e educadoras/es transitam para um sistema que convoca as/os docentes a sobrepor os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e avaliar suas/seus discentes de outra forma, utilizando outros instrumentos. O que nos parece é que o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96, que instaura o processo e a literatura contemporânea sobre o tema, não foram suficientes para a construção de uma nova cultura de avaliação. Desse modo, muitas instituições educacionais têm em seus regimentos o discurso da avaliação qualitativa, todavia realizam uma avaliação cada vez mais quantitativa, carregada de provas, testes, atividades somatórias, pesquisas sem conexão com o que é proposto no objetivo geral da unidade, dentre outras que não servem de parâmetro para indicar se as/os discentes estão aprendendo ou não. Podem servir para aumentar o trabalho das/dos docentes, para diminuir as suas possibilidades de passar mais tempo com a sua família, de namorar, de se divertir, de fazer sexo, como declara o professor Jonas.

O segundo aspecto diz respeito ao mal-estar que as/os docentes têm sofrido pelo acúmulo de trabalho que realizam, tanto na escola como fora dela. O professor denuncia que as/os suas/seus colegas estão adoecendo devido à carga de trabalho e às tensões próprias da profissão docente, fenômeno já identificado nas pesquisas de Manuel Esteve (1999) e Dalila Oliveira (2004), dentre várias outras.

A fala da professora Alice corrobora o pensamento do professor Jonas, quando diz: *“(...) eu ficava madrugadas e madrugadas fazendo coisas de escola, hoje não faço mais. Ficava dias e dias preparando festas, hoje não faço mais. Tem outra coisa: o meu domingo é*

²⁶A distribuição das horas semanais das disciplinas citadas foi coletada nas matrizes curriculares de cada nível de ensino, aprovadas pelo Conselho Municipal de Educação de Porto Seguro.

sagrado, é meu! Não penso em escola, não falo sobre escola, não faço trabalho de escola” (Professora Alice, notas de campo, p. 04, 10 de abril de 2013).

Quando a professora diz “*o meu domingo é sagrado, é meu*”, é como se fosse um grito, um basta, visto que em Porto Seguro, nos últimos dez anos, as/os docentes estão nas escolas praticamente de segunda a sábado, pois a Secretaria de Educação vem incluindo no calendário escolar nunca menos que 20 sábados letivos para completar os 200 dias exigidos pela LDBEN 9394/96²⁷. O que também decorre do fato de que, em Porto Seguro, as aulas só iniciam depois do carnaval, pois muitas/os alunas e alunos trabalham na alta temporada turística. Por outro lado, as aulas encerram sempre na primeira semana de dezembro, quando aquela garotada inicia a temporada de trabalho. De outra parte, até o ano de 2010 havia um grande número de docentes contratadas/os que eram convocados sempre depois do carnaval, por contenção de despesas.

Ainda sobre o trabalho da docência fora da escola, no mesmo relato a professora diz: “*Eu estou me organizando ao máximo para fazer tudo da escola na hora da AC, na escola. Prometi a mim mesma que não iria mais trazer nada da escola para casa*” (Professora Alice, notas de campo, p. 04, 10 de abril de 2013).²⁸

É importante lembrar que isso não significa que esses indivíduos não planejam, não estudam, não preparam suas aulas, dentre outras atividades docentes. Os resultados demonstram que, a cada dia que passa, as/os docentes estão realizando menos atividades em casa e mais atividades na própria escola, nos tempos destinados a essas tarefas, inclusive em sua carga horária de trabalho, mais conhecidos como tempos de reserva técnica. As/os docentes que se enquadram nessa realidade são especificamente aquelas/es que atuam no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, que já possuem uma reserva de 1/3 da sua carga horária total para realizarem o trabalho de estudo, preparação e correção de avaliação, dentre outros. Dessa reserva, eles/elas devem permanecer na escola 50% das horas destinadas, e os 50% das horas restantes podem ser utilizadas para trabalhos relativos à docência, em qualquer lugar. Já os docentes que atuam na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por atuarem

²⁷As informações sobre a inclusão dos sábados para o cumprimento dos 200 dias letivos foram coletadas nos calendários escolares de 2000 a 2013, cedidos pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro.

²⁸O que a professora chama de Atividade Complementar ou de Atividade de Coordenação (AC), é a carga horária destinada aos trabalhos de professor na escola e fora dela, equivalente a 1/3 da carga horária docente, garantida pela lei 11.738/2008. Contudo, além dessas horas serem irrisórias para a quantidade de atividades desenvolvidas pelas professoras e pelos professores fora da escola, não há em Porto Seguro uma política para garantia do direito para todos e todas. Ou seja, aqueles e aquelas que trabalham no Ensino Fundamental II têm essa garantia das horas reservadas, já as professoras e professores que atuam no Ensino Fundamental I não possuem essa reserva técnica, recebem sobre o seu salário base o equivalente a 17%, para realizarem essas atividades em casa e nos interstícios das suas jornadas.

por quatro horas ininterruptas na sala de aula, não desfrutam do direito da reserva técnica. Recebem-na em seus salários, na forma de benefício, para realizarem as atividades da docência fora do seu tempo de trabalho, geralmente na escola, após expediente, ou fora da escola, no tempo em que melhor lhe convir.

Quanto a isso, uma das queixas dos sujeitos é que muitas escolas não têm espaços nem recursos adequados para que as/os docentes possam desenvolver esses trabalhos, conforme podemos observar na fala da professora Élide:

(...) tenho que ter tempo para fazer meus planejamentos, pois no vespertino é Ensino Fundamental II e no noturno é EJA, sem falar que pego geralmente duas matérias em cada escola. Na Fiorotti não sei qual será a disciplina para preencher a carga horária e na EJA geralmente além de Ciências tem História. Na Escola Fiorotti não temos local apropriado para fazer planejamento, correção de provas, etc. devido ao espaço não favorecer e não ter uma sala de professores, já na outra escola improvisaram uma sala de professores dividindo a cantina com um armário. Não há condição nenhuma de trabalhar na escola, geralmente trago para casa (Mensagem de Elida, pela internet, p. 2 – 16/01/2013).

Dividindo-se entre duas escolas, entre várias disciplinas, inclusive fora da sua qualificação acadêmica inicial, a professora Élide declara que tem que ter tempo para o planejamento em casa, já que os tempos da sua reserva técnica não são usados para fazer os trabalhos na escola, por falta de espaço físico nas duas escolas em que trabalha.

Vale salientar que a instituição deve prover de condições mínimas para que o docente possa realizar o trabalho de atividades complementares (AC) na escola. Quando isso não ocorre, há uma cobrança de cumprimento de horário para nada fazer, como ressalta a professora Janine:

Tem outra coisa, às vezes o coordenador e diretor da escola dizem: *Professores, 1/3 da carga horária de vocês deve ser dedicada ao trabalho da escola, contudo vocês não podem esquecer que 50% dessa carga horária deve ser cumprida aqui.* Aí, meu caro, chega a hora do bendito AC. *Cadê sala para sentar e trabalhar?* Eu mesma respondo: *“Estão com os meninos do Mais Educação”.* Cadê coordenador para acompanhar? Quando tem, está correndo atrás de menino, atendendo pai ou preenchendo um monte de formulário. Aí, ficam dois três professores na escola, perdendo tempo, só para cumprir aquelas horas que, por lei, devem ser cumpridas na escola. Horas perdidas. Isso me dá uma angústia, uma tensão tão grande que eu só falto morrer (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de dezembro de 2013).

No relato acima, dentre outros que escutamos, a professora Janine fala da sua angústia para com as horas perdidas, tempo despendido para nada fazer, apenas para cumprir uma exi-

gência legal: permanecer na escola para realizar atividades da docência, em 50% da carga horária destinada para esse fim. Isso ocorre, como pontua a docente, por não haver espaço para trabalhar.

A maioria das escolas de Porto Seguro tem espaços muito pequenos, muitas delas eram residências que foram adequadas para transformar em escolas, outras foram construídas apenas com uma sala da direção e secretaria escolar, corredores e salas de aula. Desse modo, não há espaços de convivência para as/os docentes e discentes, muito menos salas para que as/os primeiras/os possam trabalhar na escola, mesmo porque essa regulamentação é da segunda metade dos anos 2000.

Os espaços pequenos das escolas ainda têm que ser divididos com os programas do governo federal, que chegam à escola, a exemplo do Programa Mais Educação, uma proposta de educação em tempo integral, e o PROJOVEM, que recebe jovens acima de 18 anos, com escolarização fundamental incompleta, dentre outros.

Esperar essas horas passarem, supomos que no caso da professora Janine, são horas contadas, cronometradas, arrastadas e sofridas, principalmente porque ela trabalha 60 horas e deixa duas filhas a esperar em casa, tem responsabilidades domésticas, é vendedora ambulante. Talvez essa seja a causa da sua tensão e angústia.

É comum, em algumas escolas, professoras e professores permanecerem na escola, em dois ou três dias na semana, por duas horas, além da sua jornada, como podemos observar no relato de Telma, dentre outros:

Na rede municipal eu trabalho com os anos iniciais do Ensino Fundamental e na rede estadual eu trabalho com Língua Portuguesa. Quem trabalha nos anos iniciais não tem tempo de planejar na escola, pois a gente fica na sala 8h ininterruptas, no caso de quem tem 40h. Aí, a reserva técnica de que nós temos direito, vem como benefício no salário, o equivalente a 17%, acho que é isso. O problema é que a gente tem que permanecer na escola dois dias na semana, após às 17h, situação pra mim muito difícil, sabe? Porque eu tenho que estar na escola do estado às 18h45. É uma correria. Eu acho que essas horas são improdutivas. Já pensou, depois de dois turnos de trabalho, você ser obrigado a permanecer na escola para planejar, discutir projeto? Mesmo com esse período de trabalho na escola, ainda sobra muito trabalho pra casa. Aliás, trabalho que não acaba mais, outro dia estava com mais de 800 textos para corrigir. (Entrevista concedida por Telma, em 20 de outubro de 2013).

Uma das razões do acúmulo de trabalho de professor/a em casa é a concepção tradicional de escola, de ensino e de aprendizagem, que se perpetua até a sociedade atual, na qual os indivíduos pressupõem que, para as crianças, jovens e adultos aprenderem, faz-se necessária a repetição de uma série de atividades que são desenvolvidas pelas/os discentes, tanto na

classe como na casa. Isso demanda uma carga de atividades a serem corrigidas pelas/os docentes, em casa, vez que na escola elas e eles se ocupam com as explicações, comparações, ilustrações e demais suportes pedagógicos para que as alunas e alunos possam responder às atividades solicitadas. Além disso, como se vê, reiteradamente, o trabalho da escola, antes de se tornar aula, está presente na experiência cotidiana dos tempos docentes diariamente, pois requer preparação, correção e registro, reflexão e preocupação. Após essas etapas, se repete tudo novamente, trata-se de um processo cíclico durante todo o ano letivo.

Além disso, e esse é um dos principais motivos de todo o acúmulo de atividades implicadas na docência, que extrapolam a aula e a escola, eliminando os tempos livres das/os professoras, deve-se não somente à natureza do trabalho pedagógico – do aprender-ensinar-aprender, da construção dos processos de formação humana. Deve-se, sobretudo, à desvalorização material do magistério da Educação Básica no Brasil. Sendo assim, elas e eles, professoras/es da Educação Básica, são levadas/os a dobrarem seus cargos e contratos de trabalho; a multiplicarem suas jornadas laborais dentro e fora da escola; a dobrarem seu número de turmas, os turnos e escolas onde trabalham e os respectivos números de alunos, para conseguirem um nível mínimo de salário e sobrevivência.

Desse modo, não há como ignorar a centralidade dos tempos escolares na vida das professoras e professores. Eles se amarram, se misturam, se imiscuem nos seus tempos livres, causando “tensas relações entre tempos da vida, da família, da docência nos professores e, sobretudo nas professoras, devido à pluralidade de papéis e de tempos desconstruídos em que se debatem” (Miguel ARROYO, 2011, p. 189; 191). A experiência temporal docente se inscreve nas especificidades e na diversidade dos tempos escolares. É impossível separar tempos das/os docentes dos tempos das escolas e dos tempos das/dos discentes. Os tempos docentes tencionam e articulam os tempos de professoras e professores, na escola e fora dela, como ressalta Inês Teixeira (1998), e tal como se observa, no diálogo abaixo, entre as professoras Lúcia, Nil, Claudia e o professor Sílvio:

Professora Lúcia: O tema que eu peguei foi trabalho de professor fora da escola.

Professora Nil: Porra! A gente sempre tá fazendo, não tem jeito!

Professora Lúcia: É constante.

Professora Nil: É constante! (ênfase). A gente se encontra com um professor fora da escola, com um colega, e vai falar sobre a escola. E aí, fulano, como é que tá sua escola? E os meninos? E aquilo assim, assim?

Professora Lúcia: Sem contar que as nossas vivências lá fora, pelo menos na minha prática, é isso, as minhas vivências lá fora, eu transformo em produto pra sala de aula, como o fazer pedagógico. Vejo um filme, aí eu penso: *Ah! Vou levar pra minha turma!* Vejo um livro, um texto, falo: *Ah! Vou le-*

var pra turma tal; Vejo uma música, vixe, isso é bom pra trabalhar tal assunto. É assim.

Professora Nil: A gente vive em prol da escola, em prol dos alunos, a gente quer o melhor, a gente busca o melhor.

Professora Lúcia: Quando estou em casa, têm atividades pra corrigir, aula pra preparar, provas pra corrigir ou pra preparar. Como eu sou professora de língua portuguesa, tenho que estar observando e atenta a detalhes.

Professora Ana: É diário, é planejamento.

Professora Lúcia: E a gente tá sempre pesquisando uma coisa ou outra, né? Pra escola. A gente vive em função da escola. Se a gente encontrar, né, na rua, com um aluno ou pai de aluno, pode ser sábado, domingo, horário fora do seu trabalho, você acaba falando da escola. Quantas vezes eu já parei, com aluno, na rua, pra conversar, conversar com pai de aluno? Várias vezes.

Professora Ana: E eu que moro aqui mesmo, os meninos tão toda hora na porta da minha casa. Professora vai ter aula amanhã? Professora, foi isso? Professora, aconteceu isso? Aí vai pai de aluno lá na minha casa, resolver problema de disciplina que aconteceu na escola – Aí diz: *É porque, professora, eu não posso ir tal hora, eu posso vir aqui?* E aí, se eu quero resolver a situação do menino, vou fazer o quê? Atender, né?

Professor Sílvio: É verdade. A mesma coisa acontece comigo, às vezes eu tô aqui na escola do município, aí tenho que tá recebendo pais da escola do estado, que quer vir saber de situações de lá. Outra hora, tem pais do município que chegam no horário do estado, pra saber sobre os meninos do município. Eu estava convalescendo no hospital e eu recebi denúncias de alunos – *Oh! Professor, fulano não tá vindo,* (risos). Sério, cara! Incrível isso! Eu lá, às vezes minha voz ruim, sem poder sair, eu mesmo sentia que minha voz tava embargada, e aí ainda continua, né? Minha voz já foi melhor, você conheceu a minha voz e hoje eu não tenho conseguido recuperar a qualidade, nessa condição da garganta, eu acho que tomo muito antibiótico, e tem a idade também. Sim, eu, lá no hospital, deitado, convalescendo, eu recebia às vezes quinze ligações num dia, até de aluno querendo saber se ia ter aula, (risos), se faltou energia no colégio. Então, quer dizer, até no momento em que você tá ali se recuperando, a escola não te deixa. Minha mulher começou a tirar o celular, dizendo: *Não, você não vai ficar com o celular, não!* Aí ela começou a atender, justamente pra evitar que eu me estressasse naquele período. Foi complicado! (Grupo Focal nº 05, em 20 de maio de 2013).

Todos os participantes deste diálogo nos apresentaram uma frase ou expressão forte acerca dos trabalhos da docência realizados fora da escola. No início da conversa, as expressões “*é constante e a gente sempre está fazendo*” confirmam que o trabalho fora da escola é diário, não tem fim. E é realizado por todos, mesmo que seja mais por uns, menos por outros, mas alguém sempre vai ter pelo menos uma prova, uma atividade para corrigir ou um plano para elaborar. Ainda no bate-papo inicial entre Lúcia e Nil, elas trazem outra característica própria da docência, mas que também ocorre entre outras profissões, ou seja, no encontro entre colegas, o conteúdo central da conversa é a escola: são os alunos, são os outros colegas, o fazer pedagógico, o cansaço, a luta pelos direitos, dentre outros. Isso pode significar que as/os docentes carregam na memória as características de cada discente, além de trazer sempre consigo os problemas e preocupações das escolas.

Vê-se, a esse respeito, para efeito de análise, que é preciso considerar não somente o tempo no sentido do *khronos*, dos períodos dedicados efetiva e concretamente às ocupações e afazeres docentes. É preciso considerar uma outra dimensão da experiência temporal docente: um tempo que é preocupação, um tempo que não caberia nas métricas dos calendários e horas de um dia, pois ele se inscreve na mente, nas preocupações, quando não nas angústias docentes, quando a professora e o professor se interpelam, se cobram, se culpabilizam ou mesmo se alegram com as lembranças que trazem consigo, permanentemente, dos meninos e meninas, das crianças e jovens com quem trabalham. Preocupações que os pais alimentam e ampliam, porque também eles têm expectativas e preocupações com suas/seus filhas/os, fazendo cobranças aos docentes.

Pode-se pensar, ainda, que o desabafo os deixa mais leves, mais descansados. Passar horas e horas falando daquele assunto pode ser terapêutico. Quem sabe, em meio àquela conversa, não surge um modo novo de lidar com os conflitos diários? De outra parte, esse comportamento possa advir da própria concepção sócio-histórica de docente: aquela/e que cuida, que se preocupa, que aconselha, a/o vocacionada/o, a/o missionária/o, e tantas representações que atravessam séculos e lugares, inibindo e dificultando o entendimento de que o professor é um trabalhador, um profissional da educação, como nos lembram Miguel Arroyo (1985), António Nóvoa (1987, 1991), Marisa Vorraber Costa (1995), dentre outros.

A segunda frase forte do diálogo acima está na fala de Lúcia, quando ela diz: “*eu transformo a minha vivência lá fora em produto para sala de aula*”. Ou seja, mesmo fora do ambiente escolar, professoras e professores continuam, em ação ou em pensamento, trabalhando em prol da escola, preocupadas/os com o fazer pedagógico e com as/os suas/seus discentes. As expressões citadas pelas outras professoras confirmam isso: “*A gente vive em prol da escola, em prol dos alunos, a gente quer o melhor, a gente busca o melhor; a gente vive em função da escola.*” Em outras palavras, a música que se ouve não é só para apreciar, é para transformar em material didático. O livro, a poesia, o jornal que se lê, não é só para o autodesenvolvimento, é para virar aula. O filme a que assiste não é para desenvolver o seu olhar estético, mas para vincular aos conteúdos. Sendo assim, os tempos livres docentes parecem se transformar em um laboratório de práticas de ensino, quase tudo vira estratégia pedagógica. Nesse sentido, é evidente que os tempos das aulas extrapolam a sala de aula, expandindo a escola e o trabalho docente para muito além de seus muros, chegando a qualquer lugar ou situação em que as/os docentes vivem, onde se encontram e conversam com quem seja. A qualquer momento pode-se ver um aluno, seus pais ou familiares, sobretudo em localidades menores, quando mestres e grupos familiares vivem nos mesmos lugares, como é o caso de

Porto Seguro. Em qualquer instante pode-se pensar em um daqueles garotos e garotas que povoam os tempos, a vida de professoras/es.

Outro fato importante apresentado pelas/os docentes no diálogo é a forma como essas/es profissionais são abordadas/os, seja na rua, em suas casas, em outros empregos, em qualquer dia da semana, mesmo que estejam gozando dos seus escassos tempos livres, ou ainda que estejam enfermos no hospital. Como declara Sílvio, a/o docente não está livre dessa situação. Nesta pesquisa, supomos que isso ocorra devido à proximidade dessas/es profissionais com os seus educandos, pois 80% das/os docentes investigadas/dos moram no mesmo bairro em que trabalham. Além disso, convivem no mínimo cinco anos com aquela garotada. Nesse contexto, cria-se um vínculo para além da relação de trabalho, especialmente na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, nas quais professoras e professores costumam permanecer com a mesma turma até três anos consecutivos.

Os relatos de Sílvio também ajudam a dimensionar a extensão e intensidade da presença e força da atividade docente sobre os tempos cotidianos de professoras/es, nos quais as enfermidades são inúmeras. Primeiro, quando ele diz: “*até no momento em que você tá ali se recuperando, a escola não te deixa*”. Em seguida, quando ele fala sobre o problema de garganta, que ele atribui à idade e aos antibióticos que já ingeriu, não aos anos de docência, trabalhando 40h na rede municipal e 20 horas na rede particular de ensino, além de ser um dos integrantes assíduos do movimento docente, como ele mesmo deixa claro em sua ficha de identificação e questionário. Tal situação comprova o que falávamos anteriormente, sobre as consequências da ampliação e intensificação das jornadas, que ocorrem por uma necessidade financeira, devido aos baixos salários, como já nos apontou Inês Teixeira (1998).

3.1.1. “O professor vive sempre um dia antes, para construir o trabalho de amanhã”: sobre os tempos de preparação

Os tempos de preparação, como diz Andy Hargreaves (1998), antecedem o trabalho na escola, ou seja, é um tempo despendido para elaboração, análise, impressão e organização das atividades: elaboração de planos e projetos de ensino, construção de objetivos. São períodos de adequação de conteúdos aos objetivos, repensando o currículo, elaborando sequências didáticas sistematizadas sobre um determinado tema, criação, seleção e montagem de atividades avaliativas, dentre outras tarefas docentes. São horas sentadas/os à mesa e ao computador, individualmente ou em grupo, dedicando-se aos tempos de preparação. Estes podem ser vistos, segundo o autor, “como uma maneira de oferecer aos professores condições de trabalho

concebidas para os ajudar a acompanhar a diversificação e as mudanças que se registram nas exigências do trabalho docente” (Andy HARGREAVES, 1998, p. 146). Sobre esses tempos, vamos observar o que professoras e professores falam no diálogo abaixo:

Professor Adilson: Eu costumo falar que o professor vive sempre um dia antes, vive sempre um dia antes para construir o trabalho de amanhã.

Professora Anita: Esse ano eu tô aproveitando mais as aulas vagas, pra preparar minhas aulas, pra fazer alguma pesquisa, pra analisar algo que eu quero pra semana seguinte. Só que o problema na minha escola é o espaço físico, na minha escola nós não temos uma sala de professores, nós temos a metade da cantina, porque foi colocado um armário no meio, e nós ficamos com aquele espaço, só que é pra tudo. Então, às vezes o aluno chega ali, quer colocar alguma coisa, outra hora nós não temos livros suficientes pra todos os alunos, temos que colocar os livros na sala dos professores pra tá distribuindo todas as vezes que começam as aulas. E isso às vezes atrapalha muito porque às vezes você não consegue se concentrar. Outra hora chega um colega que também tem um trabalho pra fazer, mas não tá a fim e começa a conversar. Mas eu estou aproveitando o máximo possível dessas horas aulas, pra tá, pelo menos, fazendo o planejamento, essas coisas, pra estar cumprindo na escola maior parte dos afazeres da escola, pra corrigir, entendeu? Pra ter mais tempo pra quando chegar a casa, pra mim e pra minha família.

Pesquisador pergunta ao professor Adilson: Na sua fala você diz que o professor vive um dia antes. Como é que é isso, como é viver esse dia antes?

Professor Adilson: Aquilo que eu falei, se você vai dar aula amanhã você tem que tá com tudo pronto hoje, você não pode esperar pra amanhã, se amanhã você já vai pra o trabalho em si. Por exemplo, se eu tenho aula amanhã, de literatura, então eu tenho que preparar hoje, pra ver se eu vou levar vídeo, ver qual é o material que eu vou usar, se eu vou usar algum projetor de slide, então sempre tem que ser antes.

Pesquisador: Na opinião de vocês, o que mais ocupa seu tempo, a preparação ou a ação, a aula propriamente dita?

Professor Adilson: É a preparação. (...) O trabalho preliminar, o trabalho fora da sala é o mais difícil, às vezes tem lá algum conteúdo que você não tem muito conhecimento ou alguma coisa que você não conhece, outras vezes dá trabalho pra encontrar um texto com uma linguagem mais fácil, que seja ilustrado, mesmo na internet. Então, esse é o mais difícil, o antes, o durante não, o durante é sossegado.

Professora Anita: Eu concordo plenamente! Agora mesmo a gente tá fazendo um projeto, e eu sempre costumo fazer projeto com a professora de Artes. Nós temos um projeto que é levar os contos infantis pras escolas do 1º ao 4º ano. A gente trabalha em (pausa) eu trabalhando com a leitura, né, com esse mundo letrado, e a professora de artes é mais interpretação, confecção de cenário essas coisas, né? A presença de palco e outras coisas. E aí, a gente vê, às vezes, o quanto é difícil conseguir o material (...) quanto é difícil encontrar material, nós estamos com outro projeto agora, sobre identidade. E nós vamos fazer o histórico da escola, e a gente não tem registro de nada, a gente não tem nada, então o que a gente vai fazer? Eu entro com Língua Portuguesa, com o projeto de memória, nós vamos, é (pausa) procurar as pessoas que já trabalharam na escola, às pessoas que moram no bairro há mais tempo, que acompanharam, né? Outras pessoas que trabalharam

mais tempo na escola, que acompanharam a construção da escola. Então, isso é feito tudo fora da escola, e em horário que não é de aula.

Professor Adilson: É uma forma de expansão do conteúdo, né? Não é só ficar naquele conteudinho lá do livro, às vezes até abre uma brecha pra você pesquisar, tem coisa lá que você não encontra com tanta facilidade. Às vezes a gente vai em um livro, às vezes na internet não encontra, aí você encontra num livro, mas no livro você gasta muito mais tempo, até paginar página por página, na internet você digita o nome do assunto e aparece várias possibilidades de pesquisa para você escolher (Grupo Focal nº 06, em 22 de maio de 2013).

Pensar nos tempos de preparação, sob a ótica dos atores do diálogo acima, é pensar no trabalho que antecede a atuação docente, um trabalho que não é visto pelas/os discentes e gestoras/es escolares e que não é remunerado em sua totalidade. Trata-se de um trabalho minucioso, de pesquisa, de procura, de concatenação de métodos, de escolha, de parcerias entre colegas. Como bem disse o professor Adilson, “*é viver sempre um dia antes*” para construir o trabalho de amanhã, pois quando as/os docentes chegam à escola, a ação já está preparada. Basta atuar e esperar a recepção da plateia, a qual, como em um espetáculo teatral, pode gostar ou não da atuação, sem levar em consideração, muitas vezes, os esforços e os tempos despendidos para aquele trabalho.

De outra parte, a professora Anita declara que a preparação requer espaço para trabalhar, e muitas escolas não oferecem esses espaços adequados para estudar e produzir. Como a mesma professora observa, sua escola tem uma sala de professores que é cantina, é depósito, é sala de atendimento a alunas e alunos. Além disso, ainda há as/os colegas que também têm trabalho a fazer, mas naquele momento de aula vaga querem conversar uns com os outros, dar risadas, pôr o papo em dia, relaxar da correria entre salas e salas, escolas e escolas, casa e escolas. Muitas/os docentes procuram fazer a preparação na escola, como aponta a professora Anita, para sobrar tempo para si e para sua família. Contudo, o espaço não ajuda, as/os colegas pedem atenção. Desse modo, torna-se quase impossível concluir as tarefas: tem sempre algo para levar para casa.

Na concepção dos sujeitos, o trabalho mais pesado, mais difícil, é o da preparação, mesmo contando com um conjunto de suportes ao seu dispor, materiais como: livros, computador, textos impressos e os virtuais dispostos na internet, os quais são mais ágeis, pois, segundo o professor Adilson, uma pesquisa em livros leva horas, devido ao processo de paginação, página a página, para realizar a consulta. Já na internet, ao lançar as palavras-chave ou descritores, a rede apresenta várias possibilidades de consulta, conforme nos disse o referido professor.

Muitas/os docentes, em seus relatos, mostraram-se indignados em relação à forma como a escola e as/os discentes se comportam diante do tempo despendido por elas/es, para preparação. Afirmam que, por muitas vezes, precisam modificar, alterar e até interromper aulas preparadas, devido a um conjunto de fatores relacionados à gestão, às/aos discentes, à disposição dos suportes que proporcionarão a concretude do seu trabalho. Essas mudanças de plano causam angústia, tensão, conflitos, dentre outros sentimentos que abalam intensamente a autoestima e a atuação das/dos docentes.

Após a dedicação de horas e horas, fora da escola, nos tempos de preparação, professoras e professores seguem para a escola, no intuito de colocar seus planos e projetos em prática, de atuar. Contudo, vejamos o que diz o professor Márcio.

Na semana passada eu deixei de ir à praia com a minha família, programa que acontece uma, duas vezes no mês, e olhe lá, para preparar umas aulas diferentes para os meus alunos. Então, fiquei na P baixando figuras sobre a Grécia antiga para preparar os slides no power point. Depois eu montei uma atividade bem legal para que eles pudessem analisar as construções gregas e construções atuais que possuem algumas características daquela arquitetura. Também fiquei procurando textos sobre como era a concepção da política lá e o que há de diferente ou semelhante na política cá. Além disso, eu preparei uma série de jogos envolvendo os deuses do Olimpo, para que pudéssemos jogar e aprender um pouco sobre eles. Gigio, que decepção! Trabalhei o sábado inteiro, o domingo até umas duas horas, para concluir. Acredita que quando eu cheguei à escola o data show estava na casa do diretor? Aí a coordenadora disse que havia outro data show, fomos pegá-lo, mas não é que não havia cabos? Como já havia passado mais de trinta minutos do início da primeira aula, eu desisti. Então eu disse, façamos o seguinte, já que a atividade principal não deu certo, pelo menos imprima essas atividades do meu *pen drive* para eu trabalhar com eles. A coordenadora pediu desculpas e disse que não poderia, porque a impressora tinha dado “pau”. Nossa, naquele momento eu senti um ódio tão grande, era um ódio de mim, por ter deixado de fazer tanta coisa, pra preparar aquelas aulas. O pior é que isso ocorre correntemente, será que é por isso que tem tantos colegas que apenas usam o livro e nada mais? (Mensagem de Márcio, pela internet, maio de 2013).

Ao analisar a mensagem de Márcio, podemos observar o quanto os processos de gestão da escola, as condições de trabalho, a disponibilidade dos recursos, dentre outros fatores têm implicações na atuação docente. Supõe-se que, como ocorre em toda escola, o professor fez a reserva do equipamento com a antecedência exigida, contudo, ao chegar à escola, já desgastado dos tempos dedicados à preparação, se depara com uma situação impensável: o data show na casa do diretor. Tal situação é inaceitável, porque os equipamentos da escola devem permanecer na mesma, e prontos para utilização das/dos docentes. Não ter um cabo de

um equipamento é irrelevante. Todavia, uma vez que esse suporte não está disponível, é compreensível que pelo menos o professor deveria, ao menos, ser informado. Por fim, quando parte para o plano B, tão discutido nas aulas de didáticas, também é impossível realizar, pois o outro equipamento está com avaria. Se pensarmos nessa cena, podemos visualizar professor e coordenador/a indo e vindo em busca de solução, alunas e alunos na sala, no pátio, andando nos corredores, por falta do que fazer, e o tempo da aula comprometido: *“já se passava 30 minutos da primeira aula”*. A sensação de impotência, de angústia e de revolta do professor segue com ele para casa, o que pode causar tensão, adoecimento, como ele mesmo conclui a sua mensagem: *“(...) Angústia, é o sentimento que sinto (...). Aí essa angústia se transforma em revolta. A revolta é de não ter ficado com meus filhos, de não ter me divertido, de não ter descansado”* (Mensagem de Márcio, pela internet, maio de 2013).

O relato acima demonstra o sentimento não só de Márcio, mas de milhares de professoras e professores, quando percebem que o seu “tempo foi perdido”, quando veem que o esforço despendido para uma ação foi desperdiçado, por falta de recurso na escola.²⁹

A mensagem de Márcio traz também outras questões. Ainda quanto à falta de respeito pelos tempos de preparação, os sujeitos apresentaram sua indignação quanto à forma como a escola se comporta mediante a liberação das turmas, extemporaneamente. Isto é, a/o docente se prepara, se desloca da sua casa, e quando chega à escola, a sua turma foi liberada, porque o seu colega que assumiria as aulas anteriores não compareceu. Elas e eles ainda contam que muitas vezes já chegaram à escola e suas turmas foram liberadas por falta de merenda, de água, ou de tantas outras justificativas. O pesar dessas/es docentes não é tão somente o fato de terem dispensado as suas turmas. O tempo despendido na preparação parece ser em vão, sem falar da naturalidade em que isso ocorre, sem nenhuma informação prévia, como relata a professora Telma:

Eu gosto muito de preparar as minhas aulas, né? Mas se tem uma coisa que me revolta é a forma como certos gestores agem. É assim, por exemplo, na quarta-feira eu só tenho aula, as duas últimas aulas. Não conto as vezes que chego à escola e pergunto: cadê minha turma? Aí respondem: Ah! Não teve merenda, aí suspendeu a aula mais cedo. Ou então: não veio nenhum professor das aulas anteriores. E ainda mais: faltou água. Olha, eu não fico boa não. Então eu digo: pô, vocês têm o meu telefone, por que não me ligaram? Sarcasticamente, dizem: Ah, se a gente ligasse a gente não iria te encontrar.

²⁹Esta mensagem de Márcio provoca outras reflexões, que não pretendemos esgotar. Assim, apenas a título de registro, seria importante investigar as razões pelas quais certos tipos de aulas que os docentes pensam que irão envolver as/os meninas/os, não lhes interessam. Essa diferença de expectativas, de sentidos e significações de uma aula, a polissemia da sala de aula, deve ser também analisada, para se entender os tempos das aulas, a docência e as interações docentes/discentes que a constituem.

Imagine que eu passei a noite planejando aula, dei aula a manhã inteira, fui correndo pra casa, me deslocuei até a escola, pra nada. (Entrevista concedida pela Professora Telma, em 20 de outubro de 2013).

O diálogo abaixo, entre Adilson, Anita e Dulce, ilustra também a questão da indiferença das/os discentes diante daquilo que foi preparado por elas/e, fato que as/o deixa completamente angustiados e tensos:

Adilson: Às vezes você se prepara tanto, chega lá e os alunos não fazem pergunta nenhuma, você vai, fica lá só (pausa)... Você tem tudo preparado, mas o aluno não lhe exige, não lhe exige, mas você tá preparado pra situação.

Professora Dulce: É (pausa) esse tempo que você gasta em pesquisar na internet, nos livros, você prepara sua aula, achando que você é o máximo, que vai ser uma boa aula. E quando chega lá, os alunos não estão nem aí e às vezes você volta decepcionada da sala de aula (risos), por conta que você não deu, assim, conta daquela aula de como deveria ser, que eles não dão muito valor. Então, a energia que a gente gasta, indo buscar em várias fontes pra preparar uma boa aula, mas que na verdade a gente sai da sala de aula insatisfeita.

Professor Adilson: Dependendo da turma eles nem pesquisam, nem fazem pergunta, dependendo da turma, nem fazem pergunta, e dependendo da turma, se você manda procurar o significado da palavra no dicionário de português, ou em qualquer outra matéria, você pode ter certeza que três ou quatro irão procurar, são poucos. O restante não vai procurar, não vai buscar, então têm uns que parece que já estão com o dicionário a postos, enquanto outros nem ligam. Então é complicado.

Professora Dulce: Às vezes eu questiono com os meus alunos o seguinte, por que às vezes você pede uma pesquisa e hoje tá muito fácil, tem a internet, e a maioria dos nossos alunos tem acesso, e os que não têm você vê sempre numa lanhouse. Mas eles falam que não podem pesquisar aquilo, que não deu tempo ou que esqueceram. Então às vezes você fica angustiado por isso, porque ele tem a ferramenta em casa. Por outro lado, têm uns que às vezes tomam até emprestado um troco de alguém pra ir fazer a pesquisa, porque não tinha internet em casa, e o pai ou a mãe não tem o dinheiro pra dar. Então é por isso que eu acho que a gente tem que analisar, valorizar, né? Conversar com eles, porque senão o comodismo toma conta da turma toda.

Professor Adilson: E assim, por exemplo, você preparou uma aula aí, chega lá, aí foi mais ou menos, não saiu tão... (pausa) O aluno não dá o retorno que você esperava, aí, na outra semana eu já não trabalho tanto, porque na outra semana eu só vou reformular o que eu alcancei e o que eu não alcancei. Às vezes você começa a fazer um trabalho e não termina, então eu trabalho muito nessa semana, na outra eu trabalho menos e na outra eu trabalho bastante, porque você vai mediando o que você consegue e o que você não consegue, e de repente o que você vai mudar, mas você gasta muito tempo nesse planejamento que você faz. (Grupo Focal Nº 06, realizado em 22 de maio de 2013).

Estes relatos das professoras e do professor são muito ricos e levantam várias questões, as quais extrapolam a própria temática dos tempos docentes nas salas de aula e na preparação das aulas, ou as retoma em novas bases. Entre elas está o problema do envolvimento, do interesse das/os meninas/os pelas atividades que as/os docentes preparam. Em outros termos, estamos diante da problemática das interações professores/meninos no trabalho docente, atividade sempre relacional, inscrita nas distintas temporalidades geracionais que constituem as relações docente/discente. As/os meninas/os, as novas gerações e as/os docentes, as gerações mais velhas ou intermediárias, nem sempre se aproximam, nem sempre se entendem, nem sempre se encontram e estabelecem vínculos com facilidade. Fazer a garotada se interessar pelo que as/os professores prepararam não é simples. E também, seria muito simplificador dizer que elas/eles não se interessam. Por que elas/eles não se interessam, esta é a questão. Vê-se que este é um ponto de tensão muito forte, presente nas vidas das/dos professores nos dias atuais, por várias razões que não caberia trazer aqui.

É importante salientar, ainda, que nem todos as/os professoras/es se preocupam com esses tempos de preparação, de um lado. E, de outro, nas cadências da docência, do trabalho docente na escola e extraescolar, a jornada de trabalho não é linear, nem homogênea. Há períodos mais fortes, com maior intensidade e ritmo de trabalho de preparação e de avaliação, por exemplo, do que outros: *“eu trabalho muito nessa semana, na outra eu trabalho menos e na outra eu trabalho bastante...”*. Essa intensidade e rítmica irá depender de vários fatores, entre os quais: dos calendários e currículos; do fato de o/a professor/a já ter ou não atividades anteriormente preparadas; e do tipo de retorno que as/os estudantes darão para uma ou outra atividade preparada e levada para elas/eles.

Também não são homogêneos nem lineares os períodos que as/os docentes dedicam às tarefas de preparação de suas atividades com os estudantes. Pode-se supor, conforme Inês Teixeira (1998, p.113), que *“quanto mais o professor for dedicado à profissão, mais ele exige de si e usa o tempo com mais intensidade, dedica os dias da semana, os sábados, os domingos e feriados”*. Alguns outros relatos das/dos professoras/es ilustram este fato, entre eles:

(...) quando você trabalha com seriedade você cansa, e eu estou sentindo esse cansaço, e é por isso que eu preciso de um tempo maior pra eu trabalhar na rede Municipal, porque requer tempo. É metodologia (pausa) Você tem que mudar a metodologia toda hora, então lá não existe metodologia, lá não existe uma metodologia só, eu explico três ou quatro formas diferentes por semana (Professor Daniel, Grupo Focal 02, realizado em 06 de maio de 2013).

Normalmente não saio no fim de semana. Principalmente no domingo, pois me preparo para a segunda-feira (últimos detalhes do planejamento semanal, etc.) (Mensagem da professora Kelle, pela Internet, p. 1, 31 de janeiro de 2013).

(...) É lógico que tem colegas que só fazem o mínimo de trabalho em casa, outros nem fazem. Claro que o trabalho desse professor não vai ser igual ao daqueles que varam a madrugada planejando, pesquisando para levar o melhor para o aluno. Eu sou professora de uma disciplina que nem livro didático tem. Então, ou eu planejo, ou brinco de ensinar (Entrevista concedida por Telma, em 20 de outubro de 2013).

Também nos tempos de ditos preparação estão os tempos de correção e registro, que se referem aos períodos dedicados à análise das avaliações, atividades, relatórios, projetos que ocorrem geralmente fora da escola. Na rede municipal de Porto Seguro, geralmente as/os docentes têm sempre uma quantidade de diários para “*pôr em dia*”, como costumam falar. A maioria das/dos docentes reclama que os diários chegam muito tarde, às vezes até no meio do ano. Então, o trabalho é dobrado, pois tudo aquilo que havia sido registrado em ficha deve ser passado para o diário oficial, pelas/os docentes.

Os tempos de correção e registro variam muito de disciplina para disciplina, e de um nível de ensino para outro. Geralmente as/os docentes que atuam em Língua Portuguesa têm uma carga maior de trabalho, devido à abrangência da disciplina, que inclui as atividades de interpretação de texto, produção de texto, conhecimento da língua e ortografia. O mesmo ocorre com as/os docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, que assumem sozinhos todas as disciplinas do currículo.

Nos diários, geralmente se registra nota, frequência, conteúdo trabalhado todos os dias. Se a/o docente se organizar para fazer o registro todos os dias, não haverá acúmulo de registro. Contudo, existem colegas que têm os dias tomados de aulas. Nestes casos, não há tempo de registrar tudo. Na rede particular de ensino o diário geralmente é eletrônico, e o registro é realizado pela internet, no site da escola, para isso é necessário o suporte da escola ou do próprio professor. Em outras escolas continua o mesmo sistema de registro, em diário impresso. Na Rede Estadual de Ensino o registro ainda envolve mais tempo de trabalho, pois não é um diário para cada disciplina, é um diário por turma, que nem sempre está disponível, conforme declaram as/os professoras/es. Desse modo, a maior parte do registro fica acumulado para o final da unidade.

A primeira etapa do trabalho é a parte de correção. Os trabalhos vão entrando em casa e se empilhando sobre estantes e mesas, como se fizessem parte da decoração. Têm prazo de

validade, precisam ser entregues antes do término das unidades de ensino, precisam virar nota. Para isso, professoras e professores entram madrugada adentro, fazendo suas correções. Essa prática centenária é um desafio nos tempos livres cotidianos de professoras e professores da Educação Básica. Trata-se, aqui, de uma evidente suspensão do tempo livre, ou a forma suspensiva do tempo, conforme Jurgen Habermas (1982). Os relatos abaixo reiteram esta situação:

As noites de quinta, sexta e sábado são utilizadas para estudar, corrigir textos, etc. Agora, por exemplo, estou com diversos textos à minha volta, esperando para serem corrigidos (Mensagem da Professora Luz, pela internet, p.2, 20 de fevereiro de 2013).

Às vezes tenho a impressão que não vivo fora do trabalho, uma vez que ele faz parte das minhas manhãs, tardes e noites. É incrível, moro numa cidade com praias lindas, mas só de pensar em tomar um ônibus para ir até lá, o cansaço se intensifica, e eu desisto (Luz, p. 4, 03 de março de 2013).

De volta para casa, só trabalho, para dar conta de entregar relatórios, provas corrigidas, resultados finais. Foram tantas provas para corrigir, que só consegui terminar no dia primeiro, às 21h00. Pois é, professor trabalha até no feriado. E quando é de Língua Portuguesa, parece que a situação piora (Mensagem da professora Luz, pela internet, p. 16, 01 de maio de 2013).

Os fragmentos das mensagens da professora Luz, situados em três meses diferentes, nos chamam a atenção para a quantidade de atividades para corrigir, e o tempo disponibilizado para isso. Além das correções, as/os docentes ainda são obrigadas/os a manter as notas registradas em diários próprios para esse fim. No caso das professoras dos anos iniciais, a situação ainda piora, porque a aprovação é automática. Então, é necessário construir portfólio para cada aluna/o, produzir relatório individual ao final de cada unidade e ano, preencher fichas de acompanhamento das turmas, semanalmente.

Muitas vezes o trabalho de semanas se desfaz em minutos. As atividades, quando retornam para as/os discentes, deveriam ser lidas e analisadas, mas, contrariando o que geralmente espera as/os docentes, a reação é outra, conforme ilustra o relato da professora:

Quando olho os pacotes de redação para corrigir, eu me pergunto: meu Deus, qual o verdadeiro sentido disso? Depois dos trabalhos corrigidos, levei pra sala de aula, discuti as questões que os alunos mais se equivocaram e os distribuí; em questão de segundos, o trabalho que levei dias para fazer estava em frangalhos, no chão da sala e no balde de lixo; fiquei minutos olhando para as minhas observações naqueles pedaços de papel e me perguntado: o que fiz do meu tempo? (Mensagem pela internet da professora Vivi em 10 de maio de 2013).

Os relatos das/dos docentes comprovam que o trabalho da docência fora da escola não dá trégua, ele ocorre durante a semana, nos finais de semana e em feriados. O tempo que seria livre está sempre abarrotado de trabalhos da escola, como alguns docentes já relataram anteriormente. Mesmo com 1/3 da sua jornada de trabalho despendido para a preparação, a partir da Lei 11.738/2008, professoras e professores não dão conta de todo o trabalho da docência.

Andy Hargreaves (1998) constatou em sua pesquisa que, com a disposição dos tempos de preparação dentro das jornadas docentes, professoras e professores aliviaram as tensões do trabalho, ficaram mais relaxadas/os. Além disso, considerou esse tempo como imprescindível para que o/a professor/a possa chegar a seu trabalho com mais disposição para trabalhar com as/os discentes e fazer o seu trabalho mais bem feito, pois teve condições de prepará-lo com paciência.

Apesar de todas essas constatações supracitadas, ouvimos de muitos sujeitos nesta pesquisa que o tempo é insuficiente para a demanda de trabalhos que a escola produz, inclusive o trabalho de correção e registro, que sempre fica para casa. Além disso, a instituição escolar não oferece condições físicas necessárias para que o trabalho seja realizado na escola, mesmo tendo os tempos despendidos para esse fim. Desse modo, não basta reservar os tempos para preparação, mas, também, se faz necessário criar condições de trabalho nesses tempos, para não se transformar em tempos de nada fazer, como declarou a professora Telma.

De outra parte, retomando a análise de Andy Hargreaves (1998), a importância dos tempos de preparação também apresenta o que ele mesmo chama de consequência ou perversidades desses tempos. Não se pode negar, segundo o autor, que eles podem contrariar os efeitos da intensificação, podendo até contribuir para sua inversão.

A primeira consequência é que esses tempos não promovem processos coletivos de discussão, de colegialidade e de comunidade entre as/docentes. Supomos que isso seria quase impossível, devido a alguns fatores que foram e serão discutidos nesta pesquisa: primeiro é que os tempos de permanência na escola não são homogêneos, cada docente organiza os seus horários de acordo os seus tempos extraescolares (de outros trabalhos, do trabalho da casa, do cuidado das/os filhos/as, dentre outros), de modo que não há compatibilidade dos tempos de preparação na escola. Em segundo lugar, esses tempos são organizados nas *janelas*, ou seja, nas aulas vagas, períodos em que as/os professoras/es ficam liberados, mas nunca mais do que três professoras/es de áreas diferentes, o que inviabiliza um trabalho coletivo na área em que a/o docente atua. Um terceiro fator a considerar é que a metade do tempo destinado à preparação é gerida fora da escola, em lugares de escolha das/os docentes. Sendo assim, só haverá

encontro para discussão se for promovido pelas/os mesmas/os. Por fim, há uma quantidade significativa de trabalho doméstico em casa que, geralmente, sobretudo por parte das professoras, é realizada primeiro, para somente depois, independente da hora, elas se assentarem para fazerem as tarefas da escola.

A segunda consequência desses tempos de preparação, ainda segundo Andy Hargreaves (1998), é a sua insuficiência para a demanda de trabalhos apresentada no cotidiano das/os docentes. Já a terceira perversidade é a forma de compensação desses tempos para as/os discentes, ou seja, professoras e professores titulares ficam preocupadas/os com as suas turmas no momento em que estão ausentes, pois, para suprir a sua falta, a escola propõe uma série de atividades desvinculadas dos planos elaborados pelas/os docentes, somente para substituí-los.

Por fim, uma outra perversidade é que esses tempos dedicados à preparação na escola, ao invés de promoverem condições de relaxamento e descanso em casa, podem promover mais trabalho, a depender da forma como os encontros nas escolas são coordenados. Se forem encontros para se discutir o trabalho docente e fazer as tarefas acumuladas, diminuem as tarefas a serem feitas em casa. No entanto, se forem encontros para dar mais tarefas para o/a professor/a, eles perdem o sentido e sua finalidade principal: realizar, na escola, pelo menos parte das tarefas que seriam levadas para casa.

Vale salientar que, quando a professora é casada, há uma cobrança maior por parte do companheiro. Ele está sempre exigindo atenção e reclamando quanto à dedicação da companheira aos tempos de preparação, em casa. Essas cobranças se acentuam ainda mais quando os cônjuges desenvolvem atividades laborais diferentes, como é o caso da professora Jose:

Professora Jose: (...) Além disso, ainda tem o marido, que o marido fala assim: *Pelo amor de Deus, você estuda demais!* (risos)

Todas (risos)

Professora Jose: E continua: *Pelo amor de Deus, você tem que parar com isso!* Só que eu acho que é pouco o que tô fazendo (pausa). Eu acho que eu tenho que fazer mais leitura, que pesquisar mais, eu tenho que fazer (pausa); eu tenho que desenvolver minhas leituras, só que ele não entende.

Professora Alice: Você se cobra?

Professora Jose: Eu me cobro, eu acho pouco! Ele diz que eu tô fazendo demais, mas pra mim, não é verdade.

Professora Alice: Eu acho que você deveria se cobrar menos.

Professora Jose: Ele diz isso: *Se você não parar de ler, você vai ficar doída!*

Professora Mary: Eu também acho que você se cobra demais. Cuidado pra não se estressar tanto e terminar tomando tarja preta, melhor tomar skol.

Todas: (Risos)

Professora Jose: Mas o problema é esse (pausa), porque eu acho que não é tanto, não é tanto o que eu faço, pra mim é pouco. Pra mim, a questão dele é outra, o trabalho dele exige, como que eu vou dizer? Sei lá, ele é eletricista,

então não exige dele tá estudando, o que ele vai fazer no dia seguinte, é o que ele sempre fez.

Professora Mary: Não é um trabalho mental, intelectual.

Professora Jose: Então ele acha que eu tô, né? Trabalhando demais. E não é, mas eu preciso daquele momento ali.

Professora Alice: Ele acha que em casa você dedica muito tempo ao trabalho?

Professora Jose: É isso, que eu trabalho na escola e em casa, muito tempo. Ele acha isso, e eu não acho (Grupo Focal nº 06, realizado em 22 de maio de 2013).

As expressões do companheiro de Jose, *you study demais* e *you need to stop with this*, demonstram o quanto professoras e professores da Educação Básica estão sobrecarregadas/os de trabalho, seja da escola ou da casa. A professora diz que o que faz ainda é pouco, por isso está sempre lendo alguma coisa, preparando aula, pesquisando na internet, principalmente porque é professora de pessoas surdas, e sua formação, segundo ela mesma disse, não lhe propiciou as condições necessárias para atuar com esse público: “*Eu trabalho com surdos, então, para além da linguagem de sinais, eu preciso encontrar um método para chegar mais próximo deles, explicar os conteúdos de modo que eles aprenda. Não é fácil!*” Talvez esta seja a justificativa da sua autocobrança: “*Ainda é pouco, eu preciso ler mais, eu acho que ainda não faço o suficiente.*” Esta cobrança é também decorrente das complexidades da escola pública hoje, das suas exigências e multiplicidade sociocultural. Ao formularem políticas de inclusão, os responsáveis não pensaram no processo de inclusão, não se pensou nas condições de trabalho e na formação das professoras e professores que agora assumem essa responsabilidade para si mesmas/os, ocupando ainda mais os seus tempos livres com preparação do trabalho docente, específico para públicos diversos.

3.1.2. Tempos dilemáticos, uma dramaticidade dos tempos docentes

Muitas são as vezes que professoras e professores estão fazendo alguma atividade, seja da docência, seja da reprodução social e/ou nos momentos de lazer e entretenimento, mas com o pensamento em outro lugar, conduzidos pelas preocupações. As mãos executam uma atividade, e o pensamento, outro. Essa situação, esse movimento, Inês Teixeira (1998) chamou de *tempos de preocupação*, ao explicar que as/os docentes, inúmeras vezes, mesmo estando em casa, ficam preocupadas/os com trabalho da escola. E estando na escola, preocupam-se com os trabalhos da casa. A preocupação é um sentimento constante nos tempos livres cotidianos, professoras e professores estão sempre pensando em afazes e problemas múltiplos, como relatam as professoras a seguir:

Eu me preocupo muito com os meus alunos, sabe? A situação em que eles se encontram, o descaso do governo, sei lá. Eles têm tão pouco. Vivem uma vida miserável, muitas vezes não têm nem o que comer, e a gente muitas vezes exige deles aquilo que eles não podem dar. Eu me preocupo com a aprendizagem deles. Às vezes quando chego em uma turma do 1º ano do Ensino Médio e lá tem alunos que leem muito mal, escrevem mal, aí eu me pergunto: O que a escola fez na vida desse menino? Acho que as preocupações dos professores são constantes. É a escola que não sai da nossa cabeça, é o trabalho que não sai da nossa cabeça, mesmo que queiramos. (Entrevista concedida pela Professora Janine, em 10 de dezembro de 2013).

Bem, outro dia, pra você ter uma ideia, eu fiquei sem dormir, insônia daquelas bravas. Como eu disse, eu sou professora alfabetizadora e, no final da II unidade, como é de praxe, fui fazer a avaliação dos meus alunos em relação à leitura e escrita. Quando terminei a avaliação e descobri que mais da metade da sala estava no nível pré-silábico, quase enlouqueci. Nossa, fiz tanta coisa, trabalhei duas unidades inteiras, e as crianças não avançaram. Fiquei mal. Eu só fui melhorar quando conversei com a minha supervisora e ela foi me acalmando, me dando umas dicas, mas mesmo assim passei um sufoco danado (Entrevista concedida por Telma, em 20 de outubro de 2013).

As preocupações com as/os discentes e a escola são as mais recorrentes, pois não se trata apenas de uma relação profissional, mas de um vínculo afetivo e de um compromisso construído por muitas/os docentes. Para Andy Hargreaves (1998), a ética do cuidado sempre foi uma fonte motivadora que orientou a profissão docente, há sempre uma preocupação com aquela/e a quem ensina, não somente com os aspectos cognoscitivos, mas também com suas práticas socioculturais e suas condições econômicas.

Esse tipo de sentimento e preocupação torna-se ainda mais grave, por suposto, em situações nas quais as/os meninos são pobres, quando as professoras estão diante de crianças e

jovens brasileiras/os a quem são negados os direitos mínimos de uma existência material digna, infantil, juvenil. As/os docentes vivem seus dramas, uma dramática da docência, que contém a pergunta se é possível *exigir tanto deles, quando eles têm tão pouco!* Estamos diante de um denso, de um tenso, de um delicado dilema humano presente na docência! E outros dilemas compõem a dramática da docência diante da pobreza. Ali aparecem mais do que preocupações, pois são dilemas e indagações sobre a própria escola: o que ela pode ser, o que ela deve representar para aqueles meninos, qual seu sentido em suas vidas? Essa sensibilidade, essa dramaticidade da condição docente diante da condição de pobreza, só poderia levar ao esgotamento do corpo, à insônia e seus congêneres. O corpo sente o drama, “*Aí vem uma dor de cabeça*”... O corpo vive o drama, está em sofrimento na humana docência, que acolhe a criança, a juventude em estado de pobreza.

E a conversa no Grupo Focal continua:

Professora Jose: O que me deixa triste e preocupada é ver esses alunos na escola, a gente ver aqueles meninos, assim, como se fossem abandonados, meu Deus do céu! E aí a gente fala assim: *esses meninos não querem nada, mas quando a gente fala que esses meninos não querem nada, quando a gente olha pra trás, a vida desses meninos é praticamente abandonada na escola.* Fica sem a família deles, pais trabalhando pra dar o alimento desses meninos e esses meninos ficam brincando o dia todo na rua. Se vai à tarde pra escola, tem de manhã pra tá na rua o tempo todo, a educação desses meninos, como está a educação desses meninos? Alunos do 9º ano que não têm noção do que sejam dez divididos para quatro pessoas. (...) Aí vem uma dor de cabeça quando a gente para pra pensar: *Meu Deus, onde é que está esse erro?* Todo professor quer fazer um bom trabalho, né? Professor nenhum quer fazer um trabalho ruim, né? Aí a gente para pra pensar: *Meu Deus. Onde vamos parar?* E o envolvimento com drogas, esses adolescentes aí, tão envolvidos, a maioria nas drogas, e como resolver esse problema? E isso me deixa triste, e cada dia que passa a sala de aula está ficando mais complicada.

Professora Alice: É, mas não é um problema só nosso.

Professora Jose: Isso...

Professora Alice: (interrompe) São vários fatores, a escola não tem que resolver isso sozinha.

Professora Mary: Você não pode abraçar isso só pra você não.

Professora Jose: Mas é isso...

Professora Alice: (interrompe) Lógico que você vai fazer sua parte. Ah, é um pensamento egoísta? Não sei...

Professora Jose: Eu sei... Mas isso no futuro próximo vai afetar todos nós, aí é que tá o problema.

Professora Alice: Já está afetando.

Professora Jose: Então, e aí? Porto Seguro tá grande, grande, demais. Os problemas só se multiplicam.

Professora Alice: E outra coisa, eu vou te dizer outra coisa: *quando você fala que os meninos são sabem nada. O que é esse não saber nada? É esse não*

saber nada em relação ao que a escola quer? Porque eu posso não ter escolaridade nenhuma e dar um show em você que tem mestrado e doutorado e sei lá o que mais, entendeu? Sendo assim, o que é esse não saber nada?

Professora Jose: Não, não é...

Professora Alice: (interrompe) Eu não sei, só acho que são coisas questionáveis, como você mesmo tá colocando, tem outros problemas sociais envolvidos.

Professora Jose: Com certeza, há problemas sociais (...) Se você falar na sala de aula, os meninos mandam você se calar.

Professora Alice: Sim.

Professora Jose: Acho que é a questão familiar mesmo, que grita mesmo, tá entendendo? Então...

Professora Mary: (interrompe) Tá, e aí? Quem resolve? A escola que tem que absorver tudo isso? Eu tenho que absorver tudo isso?

Professora Alice: É que ela se sente triste com essa situação.

Pesquisador: Vamos deixar Jose explicar?

Professora Jose: É que nós queremos fazer um bom trabalho. É o que nós queremos (pausa) Alice como professora, Geovani e Mary, com certeza, querem fazer um bom trabalho. Mas os meninos chegam assim dessa forma, com o pensamento totalmente distorcido.

Professora Alice: Com a violência, agressivos.

Professora Jose: Violentos, agressivos, passando drogas direto dentro da escola, e você fica assim: *Meu Deus! O que que eu vou fazer?* E se eu falar é capaz até de me matarem, ameaçarem, é complicado.

(...)

Professora Alice: (...) pra mim não vai existir qualidade, enquanto não tiver estrutura de trabalho e profissionais valorizados e qualificados. Isso tudo que vem ocorrendo é um conjunto, não é algo isolado pra tá avaliando e até rotulando, eu acho isso, é minha opinião.

Professora Jose: Mas o correto seria isso, porque é assim, a gente desce lá pra baixo (em relação ao centro da cidade), aí vêm capacitações e mais capacitações, aí você chega na sala de aula, está superlotada, entendeu? Você não tem o material, não tem recursos, aí é de pirar (Grupo Focal nº 06, realizado em 22 de maio de 2013).

As preocupações com as/os discentes que vivem entre a casa, a rua e a escola, enquanto seus pais trabalham para sua sobrevivência e esperam que a escola proporcione às/aos suas/seus filhas/os um futuro melhor do que a vida que possuem, são uma constante entre as/os docentes. Cada dia que passa em Porto Seguro, a escola recebe crianças e adolescentes que já tiveram ou tem alguma experiência com drogas lícitas e ilícitas, sendo que uma grande parcela está envolvida diretamente com o tráfico. A maior preocupação docente é como abordar esses indivíduos, como conviver harmonicamente com elas e eles e como ensinar algo que seja do seu interesse, sendo que muitas/os delas/es estão na escola por causa da obrigatoriedade legal, dos vínculos afetivos e dos processos de sociabilidades que desenvolvem no espaço escolar.

Ainda há, por parte das/os professoras/es, preocupações quanto às aprendizagens, como ressalta a professora Jose. Muitas/os discentes entram e saem da escola sem aprender o

que é básico para dar continuidade aos estudos. Contudo, outros saberes são construídos por elas/eles no interior das escolas, e muitas experiências são trocadas entre indivíduos de geração, classe e gêneros diferentes.

A professora Jose é enfática ao dizer que a sala de aula está *cada dia mais complicada*, ou seja, sua diversidade e os novos interesses das/dos discentes estão longe dos propósitos educacionais da escola atual, que busca atualizar-se, mas não acompanha o processo acelerado de mudanças das/dos jovens. Somente a formação continuada não dá conta dessas mudanças constantes, como diz a professora: *“A gente desce lá pra baixo (em relação ao centro da cidade), aí vem capacitações e mais capacitações, aí você chega, a sala de aula está superlotada, entendeu? Você não tem o material, não tem recursos, aí é de pirar”*.

É necessário que as/os docentes tenham maiores condições de trabalho, da estrutura física aos recursos didáticos, pois há uma ausência de suportes para que enfrentem tantas problemáticas apresentadas. A falta desses suportes tem deixado professoras e professores angustiadas/os, apreensivas/os e com o sentimento de impotência diante dos problemas que vão surgindo cotidianamente. Além da condição de trabalho, é necessário, segundo a professora Alice, um investimento maior na educação, pois esses problemas não vão mudar *“enquanto não tiver estrutura de trabalho e profissionais valorizados e qualificados. Isso tudo que vem ocorrendo é um conjunto, não é algo isolado pra tá avaliando e até rotulando”*.

Todas essas complicações, e muito mais do que isso, todas esses dilemas, angústias, questões, acompanham as/os professoras/es para suas casas, causam insônia, adoecimento: o corpo não consegue descansar porque há um retorno constante dos problemas na memória. Professoras e professores guardam os problemas consigo, muito além dos muros da escola. Problemas, interrogações, limites, dilemas, ficam ruminando dentro do pensamento, nos sentimentos, nas vidas dessas/es professoras/es, onde seja.

A força desse diálogo entre as professoras é incalculável. O teor desses dizeres é inelutável. É revelador: mostra a dor, literalmente. E seria impossível dimensioná-la nos limites desse trabalho. Além do mais, quando as/os colegas se encontram, nas possibilidades abertas pelo Grupo Focal, a escuta recíproca também fecunda sentimentos e ideias. E então, o que dizer diante desse diálogo, diante de tudo o que contém?

Um dos aspectos que ficam claros é a sensibilidade de muitas/os professoras/es para com suas/seus alunas/os pobres, uma atenção para com os diferentes tipos de saberes, para as diferentes expressões culturais, para a questão social. Também é claro o entendimento que elas e eles demonstram, de que a questão da escola para os mais pobres extrapola a própria

escola. É uma questão social, pois carrega marcas e processos presentes na desigualdade social que sempre marcou a história brasileira, desde a colonização.

Nos termos de Emílio Fanfani (2007), a nova questão social na América Latina coloca para a educação o fato de que vastos segmentos da população tiveram acesso à escola nas últimas décadas, mas acesso a qual escola? E o que se passa dentro dela? O que aquelas/es meninas e meninos das classes pobres, então excluídas/os dos sistemas de ensino, conseguem realizar e desenvolver na escola? Esses “excluídos do interior”, nos termos de Pierre Bourdieu (1998), estão presentes nesse rico diálogo, no qual também não falta a compreensão de que o que se passa na escola, com aquelas/es garotas e garotos, expressa um conjunto de problemas e fatores estruturais, que se manifestam no interior da escola, de várias maneiras: o problema das drogas, a ausência da família e de políticas públicas para apoiar aquelas/es. Trata-se, ainda, de interrogar, conforme as inquietações contidas nas palavras da professora Alice, de que saberes se trata. O que seria esse *saber nada* dos meninos, sobre o que tanto se fala, de um lado, e o que seria, por outro, esse saber que a escola quer?

E como esperado, neste diálogo reaparecem, uma vez mais, a precariedade da estrutura de trabalho, a desvalorização profissional, que se somam aos tantos projetos de capacitação docente, muitas vezes inócuos. Ao retornar à escola, o professorado encontra “*a sala de aula superlotada*”, as condições laborais não se alteraram, as escolas não têm recursos e material de suporte para a atividade pedagógica docente, tornando-se sem efeito as ditas capacitações.

O teor desses relatos, dessas palavras e expressões deste grupo, demonstra que ainda é pouco falar de um tempo de preocupação. Neles estão aspectos e elementos mais profundos a serem considerados. Trata-se mais de uma dramática que se expressa até mesmo no adoecimento do corpo, que se cansa, que sofre, que pede socorro, cuidado, atenção. Falar de um tempo de preocupação pode deixar de lado elementos fortes desses relatos, como os pontuados acima, que envolvem fortes emoções, sentimentos, tristezas, dificuldades, desafios tantos e tamanhos para aquelas/es docentes. Quando a condição docente se encontra com a condição de pobreza, um “*quase abandono*”, na expressão da colega Jose, a preocupação é muito mais do que isso: é uma dramática, é um tipo de sofrimento, de encontro com os limites e com as contingências, que extrapolam as vontades e possibilidades individuais dos coletivos docentes, porque se inscrevem nas questões sociais, dentre outras dimensões a considerar.

Vê-se, também, diante do trabalho da escola realizado em casa, que algumas/uns professoras/es se sentem usurpados. Principalmente porque os tempos dedicados a essas atividades poderiam ser para um lazer com a família, para o descanso, para a regeneração do corpo. Mas esse tempo já passou, não vai voltar, não há como revivê-lo. E as dúvidas aparecem, a-

tormentam e atordoam, fazendo interrogar os sentidos da própria profissão, como ressalta a professora Luz, nesse fragmento de sua narrativa:

Engraçado, estou com 43 anos e agora penso que, desde os 20 anos, quando comecei o trabalho na docência, consigo me visualizar apenas debruçada em livros, cadernos, problemas de alunos. Os momentos de lazer, momentos com a família, com os amigos, são apenas flashes. E isso é muito doloroso porque muitos amigos se foram sem que eu pudesse dar o último abraço (...). Às vezes penso que essa profissão é um sacrifício, além de ser a grande causadora de doenças do coração e da alma. Ela suga o meu tempo, as minhas energias, mina as minhas forças, a ponto de me fazer pensar: Pegar ônibus lotado para ir à praia ou ficar em casa, descansando? Ir ao médico agora, ou deixar para depois? Corrigir provas, ou brincar com meu filho? Planejar aulas ou ir ao cinema? Isso me deixa desesperada, frustrada (Mensagem de Luz, pela internet, abril de 2013).

Os trabalhos da escola acompanham professoras e professores para os seus diversos espaços de vivência. Mesas e estantes abarrotadas de livros, cadernos e atividades parecem características marcantes das suas casas. Ocupam esses espaços de vivência silenciosamente. As tarefas docentes nos tempos fora da escola tornam-se uma ação incorporada – habitam as temporalidades de seus dias, tomam seus corpos, como sua parte constitutiva, in-corporada, literalmente. Esses tempos das tarefas docentes, embora não sejam uma experiência de todas e todos as/os docentes de igual maneira e em igual medida, é parte do corpo que cumpre suas obrigações, mesmo com frustração, com angústia, com revolta. E embora tenhamos encontrado alguns/as docentes para quem esse não é um problema, nenhum sujeito da pesquisa afirmou ter prazer em fazer as atividades da docência fora da escola, todas/os disseram cumpri-las porque são obrigadas/os. Quanto aos que os sentem de modo mais tranquilo, ouvimos falas como: *“É leve, pois eu pouco faço esses trabalhos”*; *“Indiferente, pois se for possível fazer eu faço, se não for, problema”*; *“Desobrigada, pois não sou paga para isso”*

De outra parte, o trabalho doméstico também é necessário e útil, tanto para as professoras quanto para os demais membros da família, e para alguns indivíduos o trabalho de renda complementar é um instrumento imprescindível para sua subsistência, principalmente para que professoras e professores vivam melhor, já que seus salários são baixíssimos. Desse modo, na experiência dos tempos cotidianos docentes são reveladas as contradições que são construídas no processo de articulação entre os tempos de trabalho das/dos docentes. Segundo Tereza Torns (2002), o trabalho vai tomando conta da vida cotidiana dos indivíduos de tal forma que suas vidas passam a ser constituídas de atividades repetitivas, de labores e labutas, pode-se também dizer.

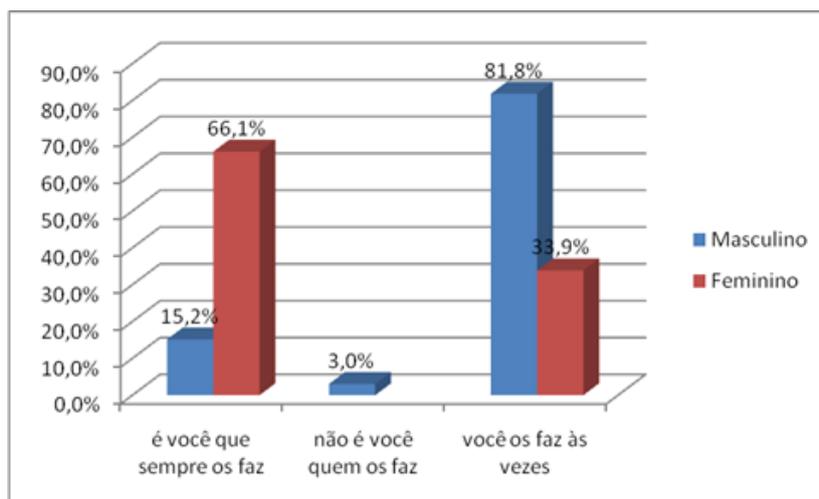
3.2. Tempos das tarefas domésticas: a reprodução da força de trabalho

Na sociedade brasileira atual, os trabalhos domésticos ainda continuam sendo uma tarefa das mulheres, embora seja visível um pequeno aumento da participação masculina. Durante séculos essas tarefas estiveram entregues às mulheres como sua responsabilidade primeira, uma herança patriarcal que chegou aos tempos contemporâneos, condicionando desigualdades incompatíveis ao processo de democratização que vem sendo construído no país nas últimas décadas, pois impõem às mulheres a obrigação para com a casa, mesmo quando elas trabalham fora. (Camba PORTO, 2010). Segundo Camba PORTO (2010, p.77), a casa, “palco das relações interpessoais mais íntimas, sempre foi e ainda é, o terreno das mais sutis e arraigadas desigualdades de gênero”. E a forma como está configurada a divisão sexual do trabalho reprodutivo tem reforçado essas desigualdades.

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, essa realidade não foi alterada, pois, além de trabalhar fora de casa, o trabalho doméstico, que deve ser responsabilidade de todos da casa, não somente das mulheres, como declara Camba Porto (2010), continua sendo tarefa feminina. A autora ressalta que, já que todos necessitam desse trabalho, o mesmo deve ser compartilhado entre os membros da família, para não sobrecarregá-las. A naturalização da concepção de que o trabalho doméstico é de responsabilidade feminina implica que o tempo dedicado a ele não seja visível na organização social dos tempos cotidianos, pois não é considerado um tempo útil, um tempo de trabalho com valor social, segundo Maria Betânia Ávila (2010).

Na experiência dos tempos cotidianos docentes essa realidade não é diferente. Mesmo trabalhando nas escolas, em jornadas de 40 e 60 horas semanais, além das tarefas docentes que realizam fora da escola, como vimos acima, as docentes desenvolvem em um terceiro ou quarto turno, o trabalho da casa. Em relação a essa questão, buscamos inquirir de quem era a responsabilidade dos trabalhos domésticos e constatamos, conforme gráfico abaixo, que todas as professoras os assumem, enquanto somente 15,2% dos professores os fazem. Estes, supomos, devem ser aqueles que moram sozinhos, não tendo outra alternativa senão fazer o trabalho doméstico ou pagar diarista.

Gráfico 35: Realização de tarefas domésticas - por sexo



As informações contidas no gráfico acima nos revelam que há um processo desigual na divisão sexual do trabalho doméstico entre professoras e professores, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios PNAD (2007 e 2010) indica. É um fato incontestável a desigualdade entre homens e mulheres, quanto aos usos do tempo para esses afazeres domésticos que, histórica e culturalmente, coube às mulheres, independente da sua idade, condição de ocupação e nível de renda. (Natália FONTOURA et al., 2010).

Apesar da participação dos homens no trabalho doméstico haver aumentado nas últimas décadas no Brasil e outras partes, ela ainda é muito inferior em relação à participação das mulheres. Efetivamente, o trabalho que é realizado por eles, no interior da casa, está sempre relacionado a tarefas mais nobres, e há uma escolha do que fazer, sendo que a parte mais pesada e repetitiva fica sempre para elas, conforme destaca Regina Maldozzo e outros (2008).

Uma das professoras, ao questionário, disse: *“Quando ele está de bom humor, até enxuga e guarda os pratos, cozinha, brinca com o filho. Limpar a casa, banheiros, lavar pratos e roupas, nunca, nem quando ele está mal intencionado”* (risos). A professora, em seu relato, parece aceitar a sua condição de trabalhar em casa e fora dela, como se fosse natural. Não percebe que há um processo de sujeição e de expropriação do tempo em favor dos familiares, especialmente do seu companheiro que, para fazer o trabalho doméstico, precisa estar de bom humor ou com alguma intenção. Subtende-se que ele *auxilia* nos afazeres domésticos, visando à liberação da sua mulher, do trabalho, para viver momentos íntimos, como a professora disse: *está mal intencionado*. E aqui o verbo é muito importante: ele *auxilia*, entendendo que é uma ajuda à mulher, e não uma responsabilidade sua, tal como dela.

O relato da professora acima evidencia a dominação masculina, mesmo em tempos modernos e depois de lutas incessantes das mulheres pela igualdade de gênero e pela divisão do trabalho para a reprodução social. Além disso, não estamos falando de uma categoria não escolarizada, trata-se de mulheres professoras, em sua maioria, no caso de Porto Seguro, graduadas e pós-graduadas. O que inquieta é que, além de todo esse contexto, ela ainda conclui o relato afirmando: “É sina”, ou seja, é o *destino* da mulher, como se ela tivesse nascido para isso, como se a sua trajetória humana estivesse marcada para viver submissa ao homem.

A jornada de trabalho e os respectivos salários e condições financeiras das professoras pesquisadas não lhes permitem alternativa senão a de fazer o trabalho doméstico antes, depois e entre um turno e outro de trabalho. Nesse sentido, segundo Maria Betânia Ávila (2010), o trabalho doméstico está configurado em dois tipos: um deles é o *trabalho doméstico antecipado* - que se refere àquelas tarefas realizadas com antecedência, para suprir as necessidades que virão na ausência do indivíduo. Este fato verificou-se na pesquisa, quando os sujeitos citam que *adiantaram o almoço semanal, prepararam o lanche das crianças e os separaram por dia da semana*, dentre outras tarefas que antecedem certas práticas domésticas. O outro é o *trabalho doméstico retroativo*, ou seja, aquele acumulado ao longo do dia e que só será realizado no final da jornada de trabalho da escola e à noite, antes de dormir. Trata-se de uma tarefa que poderia ter sido feito durante o dia, mas que foi suspensa ou adiada, devido ao trabalho remunerado.

Desse modo, na concepção de Maria Betânia Ávila (2010), há uma forma desigual de usufruir o tempo social, determinada pelas relações de gênero. Os homens muitas vezes são liberados do trabalho doméstico, como se isso fosse natural. Desse modo, eles são diretamente beneficiados, pois se não fazem esse tipo de trabalho, sobra-lhes tempo para diversão, entretenimento, atividades de autoformação e outras práticas culturais. Já no que diz respeito às mulheres, a maior parte do seu tempo fora da escola é ocupada pelo trabalho doméstico, que a reprodução da força de trabalho exige que seja realizado, permanentemente. Neste caso, estamos mais uma vez diante de *um trabalho sem fim*, que se prolonga em jornadas que atravessam o dia, seguem a noite até a madrugada, a depender da jornada de trabalho fora de casa.

No que diz respeito às atividades domésticas, as mais recorrentes, realizadas principalmente pelas professoras são: cozinhar, lavar, passar, cuidar das/os filhas/os, capinar o quintal, recolher o lixo, cuidar das plantas, dos animais. Algumas delas disseram, também, que têm que cuidar dos maridos, isto é: preparar pratos variados, deixar as roupas limpas sempre à disposição, dentre outras ações, conforme podemos verificar nos relatos abaixo, dentre outros:

(...) meu tempo é bastante ocupado, eu mesma cuido da minha casa, lavo e passo minhas roupas, faço meu almoço. Para isso busco trabalhar em horários que eu possa ficar livre para fazer o trabalho de casa, os serviços de bancos, ir ao médico e descansar, portanto, meus turnos preferidos de trabalho são sempre tarde e noite (Mensagem pela internet, da Professora Kelle, p. 2, em 15 de janeiro de 2013).

Faço todo o trabalho doméstico: arrumo casa, lavo e passo roupas à noite, faço alguma coisa para comer e geralmente almoço fora, já que passo o dia todo fora. Ultimamente meu marido me **ajuda**, mas **ajuda** com as coisas mais pesadas, pois não tenho ninguém pra me **ajudar** e fiz uma cirurgia recentemente. Só **ajuda** no final de semana, limpa a piscina, lava o pátio, lava os banheiros, tira teia de aranha (Mensagem da professora Lúcia, pela internet, p. 2, em 19 de janeiro de 2013). (GRIFOS NOSSOS)

A sobrecarga de trabalho doméstico na vida da professora Kelle está explícita na frase *meu tempo é bastante ocupado*. Tanto que a professora, desde o início do ano, tem como estratégia trabalhar nos turnos da tarde e noite: assim pode ficar em casa, pela manhã, para fazer o trabalho doméstico. Já em relação à Lúcia, esta deixa claro que o seu marido não faz os trabalhos domésticos, quando diz: *ultimamente meu marido me ajuda, mas com as coisas pesadas e somente no final de semana*. Mais uma vez temos aspectos das desigualdades de gênero, intrínsecos nas relações familiares, em relação ao trabalho doméstico.

Merece também destaque, nesse relato da colega Lúcia, o uso reiterado que ela faz do verbo **ajudar**, que grifamos em negrito. Esse tipo de concepção, que se expressa na ideia de ajuda e não de compartilhamento de responsabilidades mútuas, é recorrente em entrevistas de mulheres, professoras ou não, assim como de homens, quando se fala da divisão sexual do trabalho doméstico. Elas e eles falam, naturalmente, que se trata de uma ajuda. Assim, à mulher caberia as funções domésticas e o cuidado das/os filhas/os. Quanto aos homens, podem ou não ajudá-las, mais ou menos, um dia ou outro, muitas vezes conforme seu desejo ou humor, como vimos acima. Elas e eles nem mesmo se dão conta de que não se trata de uma ajuda, assim como alguns pesquisadores também não o fazem, deixando passar ao largo de suas análises as significações contidas na ideia de **ajuda**.

A professora Élide descreve o seu trabalho doméstico diário e, segundo ela, só o faz porque o seu padrão de vida caiu, o que significa que antes disso ela tinha empregadas/os domésticas/os. Já a professora Ana declara em seu relato que faz todos os trabalhos, inclusive aqueles destinados à reforma e manutenção da casa.

Meu tempo é dedicado à limpeza da casa diariamente, como: varrer a casa; passar pano; tirar poeira dos móveis; varrer o pátio; fazer comida para mim e meus filhos; cuidar dos cachorros, pois tenho seis; lavar louça; lavar roupas

(apesar de ter máquina) têm algumas que não coloco na mesma (lavo na mão). Ainda corto a grama, rastelo e coloco pra fora da minha casa mais ou menos 1.500m², pois como meu padrão de vida caiu, não posso pagar jardineiro (Mensagem pela internet, Elida p. 3 – 16 de janeiro de 2013).

(...) procuro fazer uma reforma na casa, uma pintura ali, e acaba que não posso tá saindo: tenho que dar conta, tem que estar perto de quem está fazendo isso, quando não sou eu mesma que faço, né? Esse ano mesmo, esse final de ano, eu mesma que pinte minha casa. Então é assim: quando não tô na escola, sou pedreira, pintora, tenho que me virar nos trinta, né? Mas o desejo é realmente de poder largar tudo e partir... fazer uma belíssima viagem (Professora Ana, Grupo Focal n.º. 2, em 06 de maio de 2013, p. 9).

Como podemos verificar, mesmo os trabalhos mais pesados, como os de jardinagem, limpeza de piscina, reforma da casa, dentre outros, são, por vezes, realizados pelas professoras. Mesmo tendo o desejo de fazer uma viagem, como ressalta a professora Ana, os trabalhos da casa não deixam: eles invadem todos os dias, suas horas, inclusive os finais de semana, como relatam as professoras abaixo:

Meu final de semana não teve muitas novidades: no sábado de manhã fiquei em casa, lavei roupas, fiz almoço, descansei, que é algo que gosto de fazer após o almoço (Mensagem pela internet, da Professora Kelle, p. 3, em 21 de janeiro de 2013).

À noite lavei os banheiros e a varanda dos fundos da casa, preparei um lanche, continuei a leitura do livro “Colegiado Escolar”. No sábado pela manhã, levantei tarde, as 9 horas. Fiz café, varri a casa, tomei banho e fui almoçar na casa da sogra; fiquei lá até as 13h. Fui à casa de Sil, de lá nós fomos visitar nossa sobrinha que está resfriada e depois nossa cunhada que também tá adoentada. Fiquei lá até às 19h. No domingo pela manhã, fiz faxina na casa e almoço. (Mensagem da professora Lúcia, pela internet, p. 2, em 12 de maio de 2013).

Os relatos acima também demonstram que a lógica temporal do trabalho doméstico é formada por uma sequência de tarefas variadas, sem interrupção, e pela realização simultânea de tarefas que se desenvolvem em um ritmo próprio e singular das professoras, em cada momento em que as realizam. Professoras e professores estão sempre conciliando os trabalhos de casa com os trabalhos da escola, e com seus estudos e projetos pessoais, embora isso fique muito mais forte no que concerne a elas, professoras.

Verificamos, ainda, que mulheres alternam os trabalhos da casa. Durante a semana priorizam aquilo que é mais urgente, como: alimentação, cuidado das/os filhas/os, limpeza mais superficial da casa, enquanto reservam para o final de semana, as faxinas, a lida com as roupas e os trabalhos que exigem a disposição de mais tempo.

A conciliação dos tempos de trabalho remunerado com os tempos de trabalho reprodutivo, que é obrigatório, indispensável e útil, causa nas professoras indignação e tensão, pois esses tempos são cansativos e repetitivos, como as professoras Ana e Telma salientam nos relatos abaixo:

Eu lembro que minha tia falou o seguinte, que ela viu uma reportagem, que faxina emagrece, quando se faz de bom humor, quando se faz alegre. Agora qual a pessoa que trabalha a semana inteira uma jornada de 40 horas de trabalho que vai fazer uma faxina de bom humor? E uma faxina demora... Você sabe que uma faxina demora o quê? Demora um dia inteiro, né? Se você for fazer tudo mesmo. Então, como é que você consegue fazer de bom humor? (Professora Ana, Grupo Focal nº 2, em 06 de maio de 2013)

Quando chega o final de semana eu fico é aflita, porque geralmente quase todos os sábados são da escola, quando não vou pra escola fico em casa, fazendo atividade da escola. Quando não é isso, fico fazendo faxina, o trabalho da semana se acumula e temos somente parte do sábado e o domingo para colocar a casa no lugar, adiantar o almoço, lavar roupa e todas as outras coisas. Isso me cansa mais do que o trabalho da escola! Quando chega a segunda-feira, que é pra voltar pra escola, eu estou morta! (Entrevista concedida por Telma, em 20 de outubro de 2013).

Esse cansaço e exaustão também estão presentes, dentre outros, no relato de Jose, que se sente estressada, cansada, exaurida de tanto trabalhar. A conciliação dos tempos de trabalho escolar com os tempos de trabalho doméstico e de preparação fora da escola deixa a professora Jose e muitas de suas colegas em uma situação de esgotamento total, diante de tantas tarefas, como relata abaixo:

Ai! A minha, a minha vida, misericórdia é muito corrida! Eu (pausa) além do trabalho que eu tenho na escola, em casa também, eu tenho que fazer alguma leitura, eu tenho que ler alguma coisa, e eu me sinto cansada, menino! Eu acho que eu tô assim, eu acho que eu tô no limite, porque eu sei que eu tenho que ler, eu tenho que estudar, eu tenho que, sabe? Ai... eu tô... Eu acho que eu tô estressada, (risos) sério! Porque eu tenho que chegar em casa, limpar a casa, só que assim, hoje mesmo tem um montão de pratos lá em casa pra lavar. É tanto que tem dia que digo: *Eu não vou lavar esses pratos não, não vou lavar não!* Aí às vezes vou pro computador, eu leio alguma coisa, aí vou pesquisar, e assim... Eu não tenho assim muita intimidade com o computador, mas aí eu vou e pesquiso, eu vou e encontro aquilo que eu quero fazer a leitura, e aí aqueles afazeres de casa vai ficando tudo lá, a casa suuuuuuuuuu-ja! (risos) Aí, daqui a pouco eu tô entre assistir a uma novela e tá lendo um livro (risos), porque eu não posso ficar grudada no computador e no livro o tempo todo! A parte que me interessa, um jornal, uma novela eu paro pra ver, depois volto pra leitura ou atividade que estou fazendo.

Professora Jose traz em seu relato a resistência em cuidar do trabalho da casa, pelo menos por um tempo curto, devido ao cansaço diário. Deixa a casa suja e não lava os pratos, não para descansar, mas fazer uma outra atividade, pois o ócio parece ser algo completamente fora de seus tempos cotidianos. Ela suspende ou termina uma atividade para fazer outra. É um nunca se acabar. Ela vai ler, preparar aulas, pesquisar na internet. Do mesmo modo, também deixa tudo e vai assistir a uma novela, a um filme ou a um telejornal. Nesse ritmo tão intenso, se compreende as razões pelas quais ela disse que está cansada: “*Eu acho que estou estressada e eu acho que estou no limite*”. Como seria diferente? A professora já não aguenta mais os tempos de trabalho, a sobrecarga e luta para conciliar nos seus tempos cotidianos, suas responsabilidades.

Também é importante ressaltar que, segundo o próprio conceito da forma suspensiva, esses trabalhos que são realizados nos tempos livres não obedecem a uma exigência externa, contudo há a exigência de si mesmo, como disse a colega Jose: *eu sei que tenho que ler, que tenho que estudar, que tenho que limpar a casa*. Desse modo, mesmo que essa labuta fique para depois, vai chegar uma hora que não pode mais adiar: ao olhar a casa suja, como disse a professora, ao se sentar à mesa do computador, caminhar pela casa, o corpo já condicionado, buscar fazer alguma coisa, suspender o tempo que parece livre, mas não o é.

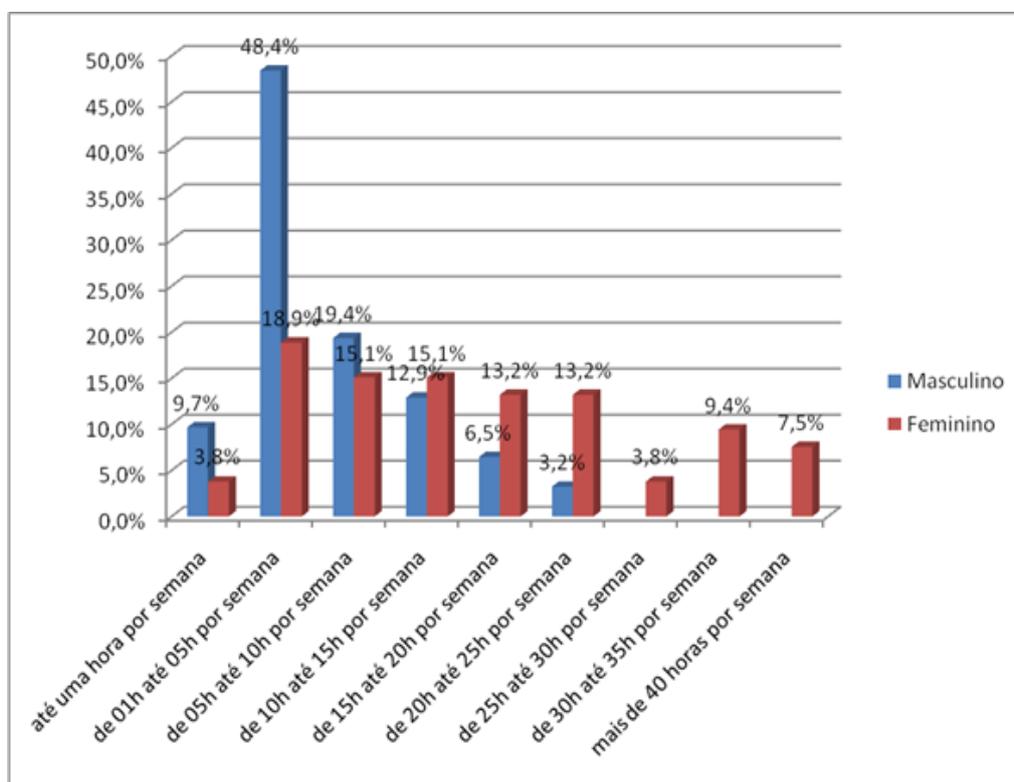
Outro aspecto importante é que esses trabalhos ocorrem concomitantemente a outros trabalhos desenvolvidos pelas professoras, e em alguns momentos eles são mais intensos, como no início do ano letivo, por exemplo, devido ao processo de organização da jornada escolar, quando chocam os períodos de estudo e de qualificação profissional com as tarefas da casa e da maternagem, quando elas são mães, tarefas que não se encerram nunca. Nessas ocasiões dos calendários escolares, e mesmo do calendário civil, em virtude da escassez de tempo das professoras, que já ficam longas jornadas nas escolas, dobrando turnos e mais, esses trabalhos de casa e outros da ordem da reprodução da força de trabalho são tarefas que se acumulam de tal forma que elas passam o dobro das horas realizando essas atividades. A professora Lúcia é um exemplo disso. Duas vezes ao ano vai para Assunção (Paraguai), fazer os estudos referentes ao seu curso de mestrado. Como não tem ninguém em casa para dividir com ela as tarefas, a não ser o seu marido, que eventualmente faz uma ou outra tarefa, a título de ajuda e não de responsabilidade compartilhada, o período em que fica fora faz acumular todo o trabalho da casa. Ao retornar do Paraguai, ela assume uma carga de trabalho docente intensiva, porque seu retorno é sempre após o período de férias e recesso. Assume, também, uma jornada intensiva de trabalhos domésticos, para *colocar a casa no lugar*, na expressão da pro-

fessora. Além disso, em certos momentos é preciso priorizar as tarefas, algumas vezes as da casa, outras vezes dos estudos, como ela ressalta:

O retorno das aulas a rotina alterou e muito, só tô com tempo para estudar, arrumar a casa geralmente superficialmente (faxina mesmo só de 15 em 15), pois tenho que correr para escrever a dissertação. O tempo tá passando muito rápido... Ou os meus afazeres aumentaram... rrsrsrs. (...) Quando retorno do mestrado, parece que o trabalho dobra, tanto o da casa, quanto o da escola (Mensagem da professora Lúcia, pela internet, p. 2, em 06 de março de 2013).

Mesmo sendo difícil a apreensão precisa das horas dedicadas ao trabalho doméstico, especialmente pelas professoras, pois são tarefas realizadas durante todo tempo, com durações curtas, mas sequenciais, buscamos analisar a frequência em que esses trabalhos ocorrem. Assim, constatamos que a estruturação das horas dedicadas aos trabalhos domésticos é bastante diferenciada entre homens e mulheres, pois enquanto 9,7% dos professores dedicam entre 15 a 40 horas semanais às atividades domésticas, 47,1% das professoras dedicam o mesmo tempo. Ainda constatamos que há professoras que dedicam mais de 30 horas por semana ao trabalho doméstico, o equivalente a 16,9% dos sujeitos pesquisados, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 36: Horas semanais dedicadas ao trabalho doméstico - por sexo.



Levando em consideração que aproximadamente 85% das professoras que participaram da pesquisa têm jornada equivalente a 40h na escola, supomos que os tempos que lhes sobram são para o trabalho da casa e da docência. Juntos, estes consomem mais tempo do que aquele dedicado ao seu trabalho na escola. Nesse sentido, é retirada dessas mulheres qualquer possibilidade de lazer, mesmo em sua própria casa. A suspensão do tempo livre com trabalhos da casa, nos termos de Erich Weber (1969), é uma constante, pois o trabalho é cumulativo, não há interrupção, ele não cessa, conforme relata a professora Ana: *“os afazeres domésticos parecem que, eu não sei de onde que surge, mas é algo que não tem fim, você termina de fazer e já tem que recomeçar e acaba tomando tempo... por demais”* (Professora Ana, Grupo Focal nº. 2, em 06 de maio de 2013).

Mas esses tempos de trabalho em casa, acima indicados, ainda não são tudo. O trabalho continua num sem fim de atividades, mesmo que não remuneradas, mesmo que tantas vezes invisíveis, fazendo dos tempos cotidianos algo paradoxal. De um lado, sobra tempo de trabalho, tempos largos, abundantes, ininterruptos. De outro, falta tempo para o ócio, para o lazer, para não fazer nada que possa representar algum tipo de esforço, de tarefa, de atividade laboral. Conforme Inês Teixeira e Geovani Silva (2012), a experiência e os sentimentos do tempo estão inscritos nos compassos da vida social de professoras e professores, sob a forma de paradoxos abissais, em pares de antinomias: excesso e falta, alegria e dor, são instituídos e instituintes. Mas esses tantos tempos de labor, de labuta, das lidas cotidianas fora da escola ainda não dizem tudo. Outros períodos de tarefas e responsabilidades habitam os tempos cotidianos das/os professoras/es, como é o caso das/os que têm filhas/os.

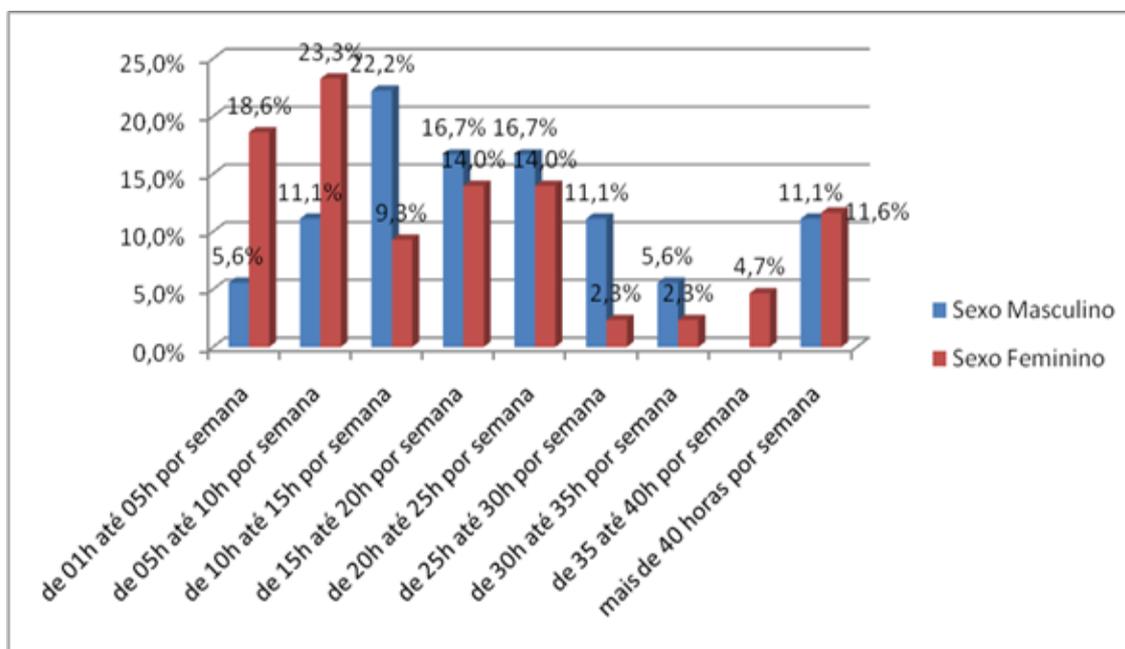
3.2.1. O trabalho com os filhos

Ainda na esfera da casa, procuramos saber se as professoras e os professores tinham filhas e filhos e como articulavam os seus tempos em favor da prole. A pesquisa revelou que 83,6% delas e 71,4% deles têm filhos e filhas. Em média, cada indivíduo tem dois filhos/as. Também constatamos que cerca de 65% das/os filhas/os ainda moram com seus pais e mães, estando sob os seus cuidados. Nesse caso, o trabalho doméstico praticamente triplica, conforme sublinha Maria Betânia Ávila (2010), pois geralmente começa mais cedo, para cuidar das/os filhas/os, prepará-las/los para levar para a escola, alimentá-las/los, dentre outros serviços de que necessitam.

Quanto à frequência em que pais e mães ficam com as/os filhas/os, alguns/mas docentes relataram que não importa se são dedicados muito tempo ou pouco tempo, é preciso pensar

em tempos de qualidade, pois há pais e mães que passam o dia inteiro com suas/seus filhas/os e não usam esse tempo como deveriam. Devido aos tempos lotados de aulas e outros afazeres, as/os docentes costumam aproveitar qualquer minuto para estar perto das/os filhas/os, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 37: Horas semanais dedicadas às filhas e aos filhos - por sexo.



Ao observar o gráfico, constatamos que os professores dedicam mais tempo às/aos filhas/os do que as professoras pesquisadas. A primeira vista, parece-nos contraditório, porque o cuidado das/dos filhas/os, histórica e culturalmente, em geral, foi imposto às mulheres. Vale ressaltar que a dedicação em questão, não se refere somente à garantia de suportes financeiros e materiais e aos cuidados do corpo, mas também a atenção, o ato de brincar, o auxílio nas atividades escolares, assistir a um filme ou programação de TV, juntos, dentre outras ações que as mulheres professoras muitas vezes são tolhidas de fazer, porque estão assoberbadas de trabalho da profissão e da casa, inclusive para proporcionar às/aos filhas/os o mínimo de conforto. De outra parte, os professores, na maioria das vezes, liberados do trabalho da casa, já encontram as/os suas/seus filhas/os alimentadas/os ou com alimentação preparada, apenas para lhes dar na hora certa, higienizadas/os e com roupas limpas, selecionadas para serem usadas, dentre outros cuidados já realizados pelas mulheres, cabendo-lhes apenas afagar, fazer companhia em casa e noutros espaços, prestar atenção em suas ações, o que se subentende que dedicam mais tempo a elas/es. Desse modo, podemos inferir que, quando a dedicação é labor, geralmente é da mãe, quando é lúdica ou de assistência, é dos pais, conforme ressalta Vânia:

Meu marido me **ajuda** muito em casa. Ele cuida das plantas, dos animais, me **ajuda** na cozinha e principalmente com minha filha. Nós temos uma filha de dois aninhos. Se precisar, ele passa a manhã inteira com ela, mas na hora que ela faz xixi ou outra coisa, ele chama logo, aí é comigo, posso estar fazendo o que for (Professora Vânia, notas de campo, 10 de junho 2013)

O relato nos mostra que, mesmo os homens cuidando dos filhos e filhas, existem muitas atividades que eles não consideram que sejam de sua responsabilidade. Higienizar, preparar a alimentação, dentre outras, são tarefas que historicamente foram das mulheres, tanto que a professora assume sua responsabilidade: *Aí é comigo!* Ou seja, essa responsabilidade está reificada em si mesma, a tradição fala mais forte do que pensar e agir de forma equânime, já que ambos trabalham fora de casa. Outro aspecto importante no relato da professora Vânia, é que ela reitera a ideia da ajuda, que pontuamos anteriormente. Esse entendimento, essa expressão verbal, também no caso de Vânia, parece dizer que o marido está lhe fazendo um favor, como se o papel de cuidar das/os filhas/os fosse exclusivamente das mães.

Ainda sobre as/os filhos, a professora Luz demonstra sua indignação em não ter acompanhado o desenvolvimento do seu filho, pois ao contrário de outras famílias, ela é provedora, não o esposo. Enquanto trabalha na escola, cuidando das/os filhas/os de outrem, como ela ressaltou, o seu esposo cuida da casa e do filho, conforme relato abaixo:

(...) meu filho falou pela primeira vez, e só o pai presenciou isso, deu os primeiros passinhos que eu não consegui ver, fez a primeira atividade da escola sem a minha presença. Meu marido é o pai e mãe dele, porque meu tempo é destinado a cuidar dos filhos de outrem (Mensagem da professora Luz pela Internet em 15 de junho de 2013).

Luz é professora há aproximados vinte anos. No início da sua carreira ela trabalhava 40h na escola e estudava no noturno. Naquela época, as suas preocupações eram com sua mãe, pai e irmãos. Depois que terminou o Curso de Letras resolveu se casar, e anos depois decidiu ter um filho. Ela sempre desejou educar o filho do jeito que sonhou, mas o menino, desde que nasceu, passa a maior parte do tempo com o pai, porque Luz trabalha 40h na Educação Básica e 20h em uma faculdade privada. A ampliação da jornada não foi uma escolha, foi uma necessidade, pois, ao contrário de muitas famílias, na dela o marido faz os trabalhos para reprodução social, e ela é a única responsável pelas despesas da casa.

O tempo mais duradouro que Luz teve com o filho foi na época da licença maternidade. De lá para cá, ela só tem tirado os domingos para a família, porque os outros dias estão

abarroados de trabalho da escola. A professora sente muito por ser alfabetizadora e não ter tempo de acompanhar o processo de alfabetização do próprio filho. Enquanto ajuda, direta ou indiretamente, a centenas de crianças a aprender a ler e escrever, seja quando as atende em sua sala, seja quando contribui com professoras e professores alfabetizadoras/es, em seus tempos de formação continuada, a educação do seu filho é acompanhada apenas pelo pai e pela professora. Às vezes ela consegue se sentar com ele para fazer uma atividade ou outra, mas é um acompanhamento considerado insuficiente pela mesma.

Analisando o relato da referida professora, é possível perceber um sentimento de culpa, o qual é uma preocupação frequente de professoras e professores, é um sofrimento obtido após a análise das suas ações, seguida de uma frustração diante dos seus atos e da violação da sua consciência moral. No centro do sentimento de culpa há sempre uma desilusão do indivíduo consigo mesmo. Dessa maneira, segundo Andy Hargreaves (1998), as/os docentes enfrentam as armadilhas de culpa, que consistem nos padrões sociais e motivacionais que delineiam e determinam a sua culpa, padrões estes que impelem e aprisionam muitas/os delas/es, do mesmo modo que também existem os trajetos de culpa, ou seja, as diferentes estratégias que as/os docentes adotam para lidar com ela.

O autor apresenta dois tipos de culpa: a primeira é a persecutória, que inibe a inovação, devido ao receio de prejudicar alguém; já a segunda é a depressiva, é a experiência emocional provocada por situações em que o indivíduo sente que ignorou, traiu ou não conseguiu proteger alguém. Ela é mais intensa quando tomamos consciência que podemos prejudicar ou negligenciar aquelas/es com as/os quais nos preocupamos, como revela o relato de Márcio:

Hoje eu cheguei a casa e a minha filha estava dormindo. Eu fui pertinho dela e dei um beijo. Aí eu percebi o quanto ela está crescendo sem a minha presença em casa. Eu trabalho 60 horas, mal a vejo na hora do almoço e nos finais de semana. Pensando nisso eu me sinto um caco, minha consciência dói em saber que minha filha está crescendo sem a minha referência (Mensagem de Márcio, pela Internet, 12 de maio de 2013).

A falta de tempo para a prole é hoje um dos principais problemas, desafios ou tensões nos tempos cotidianos dessas/es docentes. Sobretudo quando elas e eles, mães e pais, passam horas a fio diante de filhas/os dos outros, conviver com o sentimento de culpa e de impotência diante da criação dos filhos e filhas é um sentimento devastador, como afirma outra professora: *“Quando cheguei naquela questão do tempo para os filhos, Meu Deus! Como eu estou em dívida! Meu tempo para meus filhos são tempos de cobrança: Já fez o dever? Já escovou os dentes? Por que seu quarto está assim? Você precisa, você tem que ajudar a mamãe. É uma*

situação deplorável. Que culpa tem meus filhos das minhas escolhas?” Na relação entre mães e filhas/os não tem espaço para carinhos, brincadeiras, conversas, histórias. O tempo que sobra é para a cobrança das tarefas que ficaram estabelecidas. Desse modo, o encontro, que deveria ser uma festa, se transforma em um acerto de contas.

Outra professora contou que um dia desses ela chegou a casa, e a filha estava acordada até as 22h30, sentada no sofá, esperando por ela. Ao abrir a porta, já foi despejando a sua fúria sobre a criança, esbravejando porque ela estava acordada até aquela hora, então a criança parou e disse: *“Desculpe, mainha, outro dia acordei com você me beijando na cama, hoje pensei em te esperar para te dar um beijo”*. Segundo a professora, as palavras da sua filha doeram mais do que um tapa. Ela ficou sem palavras. Parou. Refletiu sobre seus tempos com sua filha única: chegava todos os dias, às 22h, e a criança já estava dormindo; pela manhã, já a acordava reclamando, para que fosse para a escola junto com ela; ao meio dia, almoçava às pressas e voltava para a escola, enquanto a filha ficava sozinha; às 17h voltava a casa para tomar um banho rápido e voltar para a escola. Nos finais de semana, raramente saía com a filha, principalmente por falta de tempo, havia centenas de atividades para corrigir e planos para fazer. A sensação de impotência, de dívida com o papel de mãe, de tristeza, invadiu aquela mãe. Segundo ela, não conseguia fazer outra coisa, senão chorar.

Ainda sobre a culpabilização, a incapacidade de fornecer o empenho com vista a cuidar dos outros é uma fonte significativa de culpa depressiva entre professoras e professores. Quanto mais elas e eles se preocupam com os outros, quanto mais pensam em sua falta de tempo para se dedicar aos outros, mais culpados se sentem. Andy Hargreaves (1998) nos lembra que quanto mais importante for a pessoa a ser cuidada, mais devastadora vai ser a experiência de culpa.³⁰

³⁰Um caso extremo de dificuldade e culpabilidade que encontramos nas relações com as/os filhas/os foi o da professora Anita. Ela tem um filho e uma filha, é separada do esposo, é responsável direta pela família e sempre trabalhou dois turnos, mesmo quando estava casada. A sua filha engravidou aos 15 anos, e seu filho teve um surto de esquizofrenia. É professora de Língua Portuguesa e trabalha 40 horas semanais na rede municipal. Atualmente ela vive em função do filho. Ela, relata no Grupo Focal: *Bom, o meu tempo fora de sala de aula é em casa, cuidando da casa, curtindo um pouquinho o neto, também pesquiso. Além dos livros didáticos, acesso a internet pra fazer minhas pesquisas, e hoje eu estou dando assistência ao meu filho, que a medicina diagnosticou que ele tem esquizofrenia, e ultimamente ele anda um pouco mais agitado (...). Eu sinto que quando eu estou perto dele, ele se sente mais seguro, passo a maior segurança, e às vezes ele fica aflito quando eu falo que eu tenho que sair, ele fica preocupado. Esse ano eu estou percebendo que ele está muito agitado, devido ao retorno à escola, Ele tá com muito medo, ele fica se questionando, se ele vai passar, se ele vai ser reprovado, se ele vai conseguir absorver os conteúdos, se ele vai passar mal na escola. Então esses questionamentos tão fazendo com que ele piore, porque além da esquizofrenia auditiva, que é o caso dele, ele também tá tendo a visual (...). Eu tenho vivido dias assim muitos conflituosos, muito conflito, preocupação. A minha vida está mais voltada pra ficar com ele, pra dar essa assistência, pra dar pra ele essa segurança, porque a gente tem que provar pra ele, todo dia e toda hora, a todo instante, que ele é capaz, que ele vai superar, que ele é forte, que ele tem condições de superar tudo isso. Esses últimos meses foram os piores momentos da minha vida (Grupo Focal nº 3, em 03, julho de 2013)*. Anita não tem sossego: está na escola, mas o pensamento está constantemente em casa, mesmo

As insatisfações, tensões e culpa de parte do grupo investigado estão ligadas à escassez de tempo para ficar com as/os filhas/os, paralelamente ao excesso de tempo de trabalho, dividido entre as jornadas na escola e fora dela, como este relato reitera: “*Por muitas vezes me sinto uma mãe incompleta, eu poderia fazer mais, contudo é complicado, porque trabalho o dia inteiro e somente a noite é que o meu tempo é para tudo*”. Essa sensação de incompletude se traduz como um sentimento de culpa, ou seja, um sentimento profundo de não estar a dedicar o tempo necessário ao outro, de não estar se empenhando o suficiente para o cuidado do outro.

Ainda conforme Andy Hargreaves (1998), a culpa de professoras e de professores é gerada socialmente e localizada emocionalmente. Suas consequências são muitas vezes negativas, e ela poderia ser atenuada, através da diminuição dos constrangimentos e das exigências feitas a esses profissionais. No caso brasileiro, e Porto Seguro não foge à regra, esse sentimento de culpa poderia ser atenuado, ao menos em parte, caso os níveis salariais das/os docentes e as condições laborais das escolas da Educação Básica fossem melhores, permitindo que elas e eles diminuíssem suas longas e excessivas jornadas de trabalho na escola e fora dela, e que trabalhassem em condições mais favoráveis. Muito embora a questão da culpabilidade seja algo mais complexo, pois envolve não somente o tempo físico, o *khronos*, mas também um tempo subjetivo, qualitativo, do *psiquismo* e das emoções, é possível supor que parte da culpa que muitos docentes experimentam, tenha uma relação direta com a qualidade de suas relações com suas/seus filhas/os. E, também, com as suas relações e trabalhos com os meninos e meninas, seus alunos e alunas no dia a dia da escola, como os relatos e outras pesquisas evidenciam.

Sendo assim, muitas/os docentes, quando indagadas/os sobre o que sentiam diante dos tempos disponibilizados aos seus filhos e filhas, disseram que o tempo era muito pouco, por isso aproveitavam ao máximo os momentos em que estavam juntos. Sendo assim, essas/es colegas procuram compensar um tempo dito quantitativo com um tempo melhor aproveitado, tal como veem e consideram.

Outras/os professoras/es disseram que o relacionamento com suas/seus filhas/os é ótimo, pois estavam sempre em sintonia com elas e eles, mesmo quando distantes fisicamente.

tendo sempre alguém com o filho. Não existe nenhuma lei que lhe conceda acompanhá-lo, então vive em uma eterna maratona, às voltas com ele, como ela mesma diz: “se meu dia tivesse 48 horas ainda era muito pouco”. O cansaço e o medo que aconteça alguma coisa com o filho andam lado a lado.

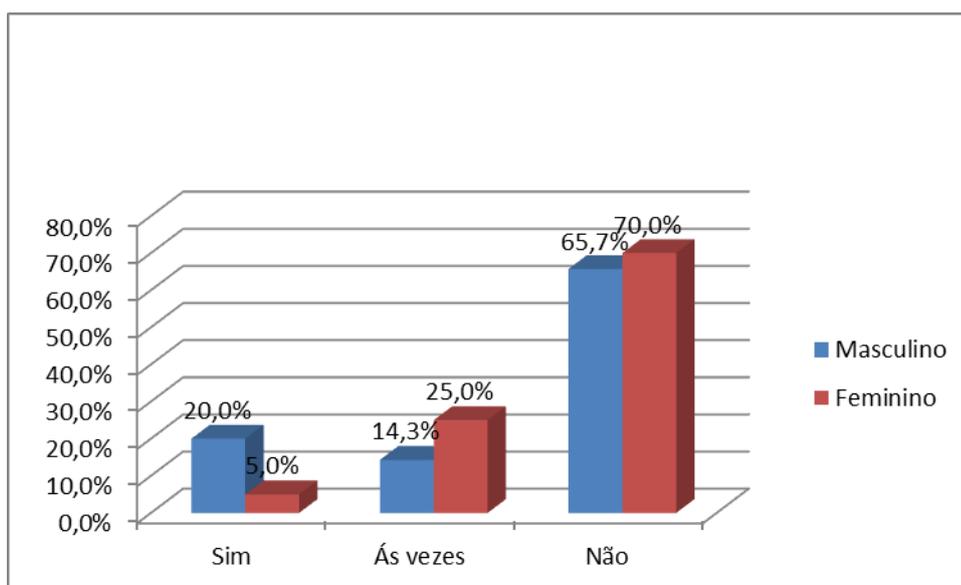
E ainda outras/os se mostram satisfeitos, felizes, afirmando que, se pudessem, não sairiam do lado delas/es. No entanto, pode-se dizer que, mesmo nesses casos onde não se observa o sentimento de culpa, há nos relatos uma clara sensação de que poderiam, deveriam e gostariam de dedicar mais tempo às/aos filhas/os.

Vale ressaltar, aqui, que o aspecto da escassez de tempo para encontrarem e conviverem com suas/seus filhas/os não é um fato exclusivo das/os professoras/es.

3.2.2. Compartilhamento do trabalho doméstico em casa

Quanto ao compartilhamento do trabalho doméstico no interior da casa e nos processos administrativos que o envolvem, procuramos saber como isso ocorre nos tempos cotidianos docentes. Nesse sentido, obtivemos os resultados expostos no gráfico abaixo:

Gráfico 38: Compartilhamento dos trabalhos domésticos em casa - por sexo



As respostas dos professores em relação ao compartilhamento dos trabalhos domésticos sempre fazem referência à esposa e a filhas/os, todavia cabe inferir que, certamente, é o contrário, as mulheres fazem todo o trabalho, e eles apenas as auxiliam, como elas e eles costumam dizer. Já as mulheres, especificamente 30% delas, dizem **receber auxílio** das/dos filhas/os, dos maridos, de uma diarista, da mãe e da sogra, mas 85% delas dizem **receber auxílio** das/dos filhas/os, mães e sogras, construindo uma rede de sustentação para manter a dinâmica do trabalho doméstico, na expressão de Maria Betânia Ávila (2010).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD (2012) também sinalizou que as filhas mais velhas cuidam dos irmãos menores, e que as mulheres acima de 10 anos de idade são responsáveis integral ou parcialmente pelos trabalhos domésticos, sendo iniciadas desde cedo nesse tipo de atividade. Outra informação importante é que, independente da condição da família, as mulheres dedicam um número de horas mais elevado do que os homens, para o trabalho doméstico, alcançando um percentual de 96% nos domicílios pesquisados.

As mães e as sogras das professoras também ficam com as/os netas/os, enquanto suas filhas e noras trabalham. Algumas mães passam a morar com as filhas, como ocorreu com a professora Alice, que trabalha 40 horas, gosta muito de se divertir, e isso só é possível porque sua mãe mora em sua casa e a ajuda a cuidar da casa e dos dois filhos.

O meu tempo, eu acho que seria mais corrido, assim, com mais atribuições, se minha mãe não estivesse comigo, que eu passo por esses dois períodos: com ela e sem ela. Por exemplo, ela vai viajar agora em maio, vai ficar um mês fora, aí eu sei que algumas coisas eu vou ter que (pensa) cortar. Não, porque eu não corto, mas pelo menos diminuir, cortar eu não corto. Mas eu vou ter que diminuir em algumas questões: sair, praia, noite, etc. (Professora Alice, Grupo Focal nº. 4, em 14 de maio de 2013).

Dentre os relatos das professoras, um deles nos chamou a atenção: a professora Luz trabalha 60 horas e ainda dá aulas particulares nos tempos livres. Como o seu esposo está desempregado, ele assume o trabalho da casa e o cuidado com o filho, conforme ela relata:

Minha segunda família é formada por mim, meu marido e meu filho, de 4 anos. Eles não são apenas minha vida, mas também a minha responsabilidade: meu marido cuida da casa, do nosso filho e organiza as coisas para as quais não tenho tempo, como pagamento de contas, problemas em banco, etc. Eu sou a provedora, a responsável pela manutenção financeira da família (Mensagem pela internet, da professora Luz, p. 2, em 20 de fevereiro de 2013).

Podemos inferir que a professora não tem condições de fazer o trabalho doméstico, devido a sua jornada de trabalho. Assim, em outro momento ela revela que paga uma diarista uma vez por semana, para fazer faxina e lavar a roupa. Desse modo, seu esposo apenas faz a manutenção durante a semana: cozinha, lava os pratos, limpa a casa e realiza os trabalhos administrativos em bancos e comércio. Em um dos seus relatos ela também diz que no domingo assume os trabalhos da casa, pois é como se fosse uma folga para seu esposo. Vale ressaltar que, se forem computadas as suas horas de trabalho fora de casa, com o trabalho da docência

em casa e as aulas extras para complementar a renda, a professora trabalha muito mais que o seu marido, contudo ainda se vê na obrigação de fazer o trabalho doméstico no final de semana. Se pensarmos do ponto de vista de uma divisão equânime do trabalho entre os dois, cada um está desenvolvendo sua parte, não se trata de uma inversão de papéis, mas de uma condição que pode ser temporária ou permanente. Todavia, poderíamos indagar: Se a situação fosse inversa, se fosse o homem que trabalhasse fora e a mulher na casa, diariamente, ele faria o trabalho doméstico nos finais de semana, para o descanso da companheira?

Pensando na condição das mulheres, a situação torna-se muito mais difícil, afinal de contas recai sobre elas a maior parte do trabalho doméstico e o cuidado das/os filhas/os (senão todo ele). Desse modo, elas ficam sobrecarregadas durante todo o ano letivo, tensas, preocupadas e, em muitos casos, doentes.

Diferentemente das mulheres de outras profissões, as docentes possuem quádruplas jornadas, ou seja, as duas jornadas escolares, a jornada do trabalho escolar fora da escola e a jornada de trabalho doméstico. E se as mulheres trabalham 60h, essa realidade se torna ainda mais complexa.

Conversando com os professores Xavier, Flavio, Edy e Jorge, sobre os jogos dos quais costumam participar nos finais de semana, uma manhã que dedicam a “bater uma bola”, “almoçar e conversar com os amigos”, “beber e fazer resenha”, como eles mesmos explicam esses momentos, falávamos sobre o que mudaria se eles fossem professoras, ao invés de professores. Vejamos o diálogo abaixo:

Pesquisador: E se vocês fossem professoras, vocês teriam esse tempo, esse momento em uma manhã ou tarde de sábado? Qual a opinião de vocês quanto a isso?

Professor Flavio: Eu penso que não, porque o papel da mulher tá mudando, mas não mudou ainda totalmente, a mulher ainda cumpre com suas obrigações domésticas, e os homens deveriam mudar isso também. Elas no final de semana praticamente não constituem uma folga, elas têm que lavar a roupa da semana, têm que fazer a faxina da casa, têm que cuidar dos filhos, têm que ver se tem alguma pendência que ela não pode resolver na semana, no final de semana. Então ela trabalha muito mais nesses dois dias, do que nos dias que ela tá na escola.

Professor Edy: Mulher tem que fazer almoço, cuidar da casa, cuidar dos filhos.

Professor Jorge: Com relação a minha esposa, realmente o que Flávio tá falando aí é verídico. Por exemplo, eu tô brincando de bola aqui, eu liguei pra minha esposa avisando que eu iria ficar aqui, que ia ter um churrasco, e tal. Vou ficar aqui com os amigos, e ela está em casa, tá cuidando dela e do me-

nino, das coisas. Com relação às atividades de casa, por exemplo, o tempo que eu chego em casa, ela ainda tá trabalhando e meu filho tá na escola. Aí eu **ajudo**, eu lavo prato, eu varro a casa pra ela, mas não se compara de nenhuma forma a tudo que ela faz, maior parte do trabalho doméstico fica a cargo da mulher. Dependendo do esposo, pode ter uma cobrança ainda maior, tem esposo que não gosta que a mulher saia, não ande com as colegas, claro que tá mudando isso, né? Foi o que Flávio falou, mas ainda existe, não é o meu caso, porque se minha esposa quiser, ela sai, eu fico com meu filho. Ela sai, ela **pode** sair com as colegas, com as irmãs, eu fico perfeitamente, porque eu sei que ela também precisa disso, entendeu? Mas não se compara ao homem, geralmente a carga maior de trabalho dentro de casa fica a cargo da mulher, não tem jeito, pode ter daqui pra frente, né? (GRIFOS NOSSOS)

Professor Edy: Lá em casa, tomando como exemplo lá em casa, às vezes eu até tento **ajudar** de alguma forma, mas é muito pouco, às vezes eu levanto e já coloco a água do café no fogo, já pra ganhar tempo, às vezes quando eu não tô muito (pausa). É normal isso acontecer, eu sempre faço alguma coisa em casa, eu lavo os pratos, mas uma vez ou outra. Assim, eu tento adiantar o feijão, cozinhar um arroz, fritar uma carne, às vezes ela já fez, aí eu esquento, até pra poupar mais, mas é dentro de uma proporção muito pequena. É incrível como as mulheres conseguem fazer isso como elas fazem, porque eu acho muito difícil: cuidar de casa, trabalhar fora, cuidar de filho, cuidar da gente.

Professor Xavier: é que geralmente a gente fica em casa olhando a mulher fazer as coisas, não sei como que elas conseguem fazer tudo, né? Também, dar conta daquilo ali, e ainda sair pra trabalhar fora, porque não é pouco não, viu, desde quando levanta pra tá cuidando das pessoas, né? Lá em casa mesmo, ela acorda de manhã, faz um café pra eu tomar, quando eu chego tá naquela batalha. Então é melhor nem imaginar estar no lugar delas (risos) nossa! (Grupo Focal 01, p. 10-11, 30 de abril de 2013).

O diálogo acima demonstra que os próprios professores assumem que há uma diferença nos usos e distribuição dos tempos entre homens e mulheres. Nessa direção, Tereza Torns (2002) evidencia que os tempos de trabalho, na experiência dos tempos cotidianos, são distintos entre homens e mulheres, como também apontam para uma nova dimensão da desigualdade de gênero, ou seja, os usos desiguais dos tempos.

Ainda segundo a autora, o trabalho reprodutivo se move em uma lógica sincrônica, a qual é difícil de mensurar ou precisar sem a percepção subjetiva da experiência vivida pelos indivíduos. É algo intrínseco do cotidiano mais feminino, com uma descontinuidade indescritível. Desse modo, as tensões em torno dos usos dos tempos para o trabalho reprodutivo, no caso das professoras, ocorrem devido a sua vinculação aos tempos de trabalho produtivo e à sobrecarga de tarefas que esse demanda para casa. O problema não são os tempos de trabalho doméstico em si, mas a conciliação desses tempos com outros.

3.2.3. Tempos de trabalho para complementar a renda

O trabalho de renda complementar é desenvolvido por 15% das professoras e professores participantes da pesquisa, contudo, e novamente, as mulheres se desdobram mais do que os homens nessas atividades, representando 80% das/dos que a praticam.

As atividades mais comuns realizadas pelas mulheres são: cabeleireiras; consultoras de Avon, Natura, Boticário; farmacêuticas; garçonete na alta temporada; aulas particulares em casa, dentre outras. Já os homens atuam como garçons, no período de alta temporada; educador físico, em academias; consultor de imóveis; vendedor de produtos agropecuários, dentre outros. Todos os sujeitos que declaram desenvolver outra atividade de renda complementar já trabalham 40h por semana, na escola, o equivalente a 08h por dia, fora os tempos dedicados ao trabalho da docência fora da escola, à reprodução social, ao cuidado de si, dentre outros. Desse modo, é possível pensar que conciliar esses tempos excessivos de trabalho na docência, na casa e outros, para aumentar a renda, é um grande malabarismo. Ainda que esses trabalhos extra para ampliar a remuneração sejam pontuais, mesmo ocorrendo geralmente em finais de semana, nos turnos livres, ou nos finais de turnos de trabalho na escola, trata-se de um excesso, de uma exaustão. Pode-se perguntar, aqui, sobre como esse excesso de tempo de trabalho repercute na docência, na qualidade de uma aula, nas relações com os educandos, as quais já são, em si mesmas, complexas, desgastantes, como algo do envolvimento humano, psíquico, intelectual, emocional?

Ainda quanto às atividades para elevar a remuneração, é significativo esse relato da professora Ana:

Eu trabalho 40h na escola, à tarde e à noite. Pela manhã fico em casa cuidando de minha filha menor e da casa. Nesse mesmo turno aproveito para organizar a minha atividade complementar, pois eu vendo confecções, peças íntimas, bijuterias, peças em ouro e prata, dentre outras coisas. É um sufoco conciliar isso tudo. Mesmo porque eu não gosto de faltar na escola. Eu preciso fazer compras, então já pedi que minha folga fosse sempre na sexta-feira, então posso viajar na sexta de madrugada para fazer compras. (...) Já faz mais de quinze anos que faço as duas atividades e nunca deixei de cumprir com as exigências da escola. Também, para isso, vou dormir de madrugada, não durmo, às vezes. Deixo de estar com as minhas filhas, minha família, mas se não fosse assim, hoje eu não teria a minha casa. O salário de professora é muito pouco para tudo (Mensagem da professora Ana, pela internet, em 10 de junho de 2013).

Enquanto a professora Ana trabalha com vendas, a professora Luz dá aulas particulares, para complementar a renda, como relata: *“Por falar em dinheiro, resolvi dar cursos ex-*

tras para alunos da faculdade, na sexta à noite e no sábado à tarde” (Mensagem de Luz, pela internet, p. 7, em 12 de outubro de 2013). Essa renda geralmente é para aplicar em algum projeto. No caso de Ana, foi a construção da sua casa; já no caso de Luz, foi para ajudar na construção da casa da mãe.

Em nenhum dos relatos encontramos professoras e professores pensando em trabalhar para viajar, curtir momentos com a família, pois a justificativa sempre está relacionada à subsistência. Como a professora Ana mesmo salienta, *“o salário de professora é muito pouco para tudo”*. Professora Luz dá aulas de produção e interpretação de textos para alunas/os que ingressaram no ensino superior e não sabem redigir, e para alunas/os que pretendem participar de seleções públicas, vestibular e ENEM. Ela conta:

Dezembro começou com atividades extras. Não sei se contei que eu e meu irmão decidimos construir a casa de nossa mãe, e para aumentar a renda coloquei umas carteiras escolares em casa, a fim de dar aulas particulares. Assim, estou dando aula para alunos que vão fazer vestibular ou concurso ou que desejam aprender a produzir textos mais elaborados (Mensagem de LUZ pela Internet em 06 de dezembro de 2013).

O professor Tércio é educador físico e trabalha numa escola municipal pela manhã e à tarde. À noite trabalha em uma academia. Segundo ele, *“viver somente com o salário da docência seria muito difícil”*, mesmo contando com a renda da sua esposa, que também trabalha fora, pois moram de aluguel e têm uma filha pequena (entrevista concedida pelo professor Tércio, em 10 de dezembro de 2013). É muito baixo o salário de um professor da Educação Básica, diante das necessidades elementares daquelas/es docentes, cidadãos/ãos, mães e pais de família. Ainda nesse subconjunto, das/dos colegas que completam sua renda com outros trabalhos remunerados, a professora Janine relata:

Ah, eu vendo quase tudo. Não dá para criar duas crianças com o dinheiro só do magistério, né? As minhas duas filhas estudam na escola particular, não que seja a melhor, mas pelo menos tem aula todos os dias. Nós temos os melhores professores da cidade na rede municipal, por exemplo, mas o problema é que no final do ano não tem 160 dias de aula. As aulas começam em março e terminam em dezembro, se você tiver sorte de ter um filho com um professor efetivo, porque se for contratado, em novembro eles dispensam todo mundo. Além disso, alimentação em Porto Seguro é o olho da cara, eles exploram os turistas e acabam explorando os moradores também, é tudo um preço só. Sim, como eu tava falando, eu vendo tudo: natura, calcinha, cueca nem tanto, porque homem só compra uma depois que a outra acaba (risos). Vendo tupperware, bijuteria, só não vendo minhas filhas, Deus me livre! (risos). Ah, Jequeti, Avon, enfim, é preciso vender de tudo, porque uma coisa que não te dá 10% dá pelo menos o perfume dos filhos. Aquilo que não deu

uma renda e tanta, deu pelo menos um calcinha, um batom (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de dezembro de 2013).

Os tempos cotidianos docentes fora da escola, e mesmo dentro dela, estão inscritos em seus corpos, nos seus pensamentos, em suas racionalidades e emoções, em experiências subjetivas diversas, nas quais tempos e sentimentos coexistem entrecruzando-se, sobrepondo-se, interrogando-se, enlaçados em sonhos, nas angústias, em alegrias e dores, em reflexões e dúvidas e muito mais. São diversos e mutantes, pois na docência e tudo mais, um dia não é igual ao outro.

Quando indagados especificamente sobre como se sentiam quando ocupavam os seus tempos livres com trabalho, nossas/os colegas, novamente, se diferenciaram, misturando-se os sentimentos. Alguns/as disseram que se sentem angustiadas/os; cansadas/os; revoltadas/os; obrigadas/os; exploradas/os; roubadas/os; tristes; sem alternativa, dentre outras mais. Vê-se que a experiência dos tempos cotidianos docentes acompanha afetos e emoções que vivem no corpo, na experiência subjetiva, onde tempos diversos coexistem, entrecruzando-se, sobrepondo-se, manifestados nos sonhos, nas angústias, nas alegrias e tristezas, na reflexão.

Por essas vias, vê-se com total nitidez, *a suspensão do tempo livre*, pois esse tempo se transforma em atividade laboral, conforme os termos de Jurgen Habermas (1982). Mas isso ainda é pouco, quando procuramos compreender os tempos docentes fora da escola, pois ainda se vê neles, configurações outras. Trata-se de frações de tempos livres forçadas, muitas vezes obtidas pela exigência familiar, pela transgressão dos tempos de trabalho e até mesmo pela exigência do próprio corpo. Podemos também observar que são atividades rotineiras, repetitivas, com poucas novidades, sendo a maioria delas com familiares e com colegas de trabalho, desse modo, há mais uma sensação de angústia por assistir os supostos tempos livres invadidos pelo trabalho e poucos tempos impresados para as sociabilidades, lazer e outras práticas culturais, do que a compensação das sequelas deixadas no corpo pelo trabalho sem fim, esses e outros aspectos das temporalidades docentes, discutiremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

SOCIABILIDADES, PRÁTICAS CULTURAIS E LAZER

NOS TEMPOS LIVRES DOCENTES

A partir da segunda metade do século XX, a centralidade do trabalho na estrutura social passa a ser questionada, criticada e discutida com mais rigor, o que vai, inclusive, recolocar alguns valores e temas na pauta de reivindicações dos movimentos sociais. É nesse contexto que as discussões sobre tempo de trabalho e tempo livre ganham fôlego, vislumbrando a possibilidade dos indivíduos viverem tempos desvinculados dos seus trabalhos, livres das jornadas laborais longas e intensivas e das exigências de mais produção.

Sabe-se, ainda, que desde outrora, como um dos resultados das lutas sociais, as jornadas foram diminuindo gradativamente, e as/os trabalhadoras/es foram se liberando de parcelas do tempo de trabalho. Contudo, continuaram a produzir, em um tempo menor e em ritmos mais acelerados, a mesma produção de outrora. Desse modo, o sonho de emancipação, disposição e força para desenvolver atividades para sua sobrevivência física e sociocultural no tempo livre cai por terra, como destaca Sarah Bacal (2003), sobrando apenas a exaustão.

De outra parte, vez que houve a liberação de parte do tempo que, na visão capitalista, deveria ser dedicada ao trabalho, a própria sociedade de consumo procurou tirar proveito desse tempo livre, transformando-o em algo rentável e economicamente viável, instituindo várias formas de ocupação desse tempo no cotidiano dos indivíduos, escamoteando a expropriação do mesmo, como forma compensatória do tempo dedicado ao trabalho, como explica Jurgen Harbermas (1982).

A sociedade contemporânea reificou no indivíduo a ideia de que ele precisa compensar o seu corpo com lazer, entretenimento, sociabilidades, devido ao tempo despendido no trabalho, alterando o seu comportamento, incorporando em sua experiência cotidiana do tempo, práticas compensatórias em relação ao labor.

Numa análise mais ampla, nos termos de Erich Weber (1969), os indivíduos se comportam no tempo livre como se estivessem compensando a si mesmos, a sua família, aos amigos, dos tempos em que estiveram ausentes enquanto trabalhavam. Com esse comportamento, buscam no lazer, tanto o de livre escolha quanto aquele induzido e proporcionado pela indústria cultural, na família, nas festas, nos jogos, nos entretenimentos, nos esportes, dentre outras

atividades, uma compensação psíquica para as tensões, cansaço, estresse, tédio e demais consequências próprias de seu trabalho principal.

Em consonância à concepção do autor, Christopher Lash (1991) ressalta que a promessa de que as satisfações privadas das/os trabalhadoras/es compensarão a invasão do trabalho em sua vida cotidiana, tem constituído na atualidade apenas uma ilusão, porque, em geral, a vida dos indivíduos tem sido preenchida cada dia mais com mais trabalho, na busca incessante por mais rendimentos para suprimir suas necessidades reais ou criadas pela mídia, pelo mercado, pela sedução consumista, inclusive as de lazer e de entretenimento. Além disso, a indústria cultural solapa o compromisso de compensação, ao organizar o lazer enquanto indústria.

Também na análise de Jurgen Habermas (1987), a redução dos tempos de trabalho durante a semana, os feriados, a extensão das férias, não é suficiente para proporcionar tempos livres, nos quais a satisfação pessoal, a livre escolha de atividades de lazer e de autodesenvolvimento dos indivíduos estejam em primeiro lugar. Inclusive porque o sistema que promete compensação dos tempos dedicados ao trabalho é o mesmo que dirige as ações estratégicas de poder. É o mesmo que aguça as necessidades, os desejos de consumo dos indivíduos, induzindo-os a trabalharem cada vez mais para sobreviverem e para terem acesso aos recursos e bens culturais fabricados e manipulados pela indústria cultural. Trata-se de trocas simbólicas, são parcelas de tempo livre trocadas por tempos mais curtos de trabalho, porém em ritmos mais acelerados de produção. Liberam-se horas para o lazer, o entretenimento, a família, mas os indivíduos pagam caro por esses tempos liberados, justificando sempre a necessidade de serem compensados pelos tempos dedicados ao trabalho.

No caso do magistério de Educação Básica no Brasil, esta ampliação das horas de trabalho nas escolas torna-se mais grave, por várias razões, entre elas: porque é uma categoria profissional com níveis salariais pífios; porque é uma categoria social predominantemente feminina, para a qual apelos estéticos, de aparência física e outros semelhantes são muito presentes; pelas possibilidades de as/os docentes dobrarem suas turmas, seus turnos, seus cargos nas escolas, como uma forma efetiva de elevação de seus rendimentos mensais.

Por essas vias, o que parece compensação nada mais é do que uma estratégia, de modo que os indivíduos, em seus tempos livres, possam restaurar as forças para o trabalho, utilizando os serviços dos *negócios do tempo livre* para esse fim, ao mesmo tempo em que contribuem para o crescimento da indústria cultural. Desse modo, a compensação é uma ilusão, na verdade há um processo de indução ao mercado de lazer.

Jurgen Habermas (1987) ressalta, ainda, que o comportamento dos indivíduos em relação aos tempos de trabalho e aos tempos livres altera quando o mundo da vida e os sistemas de ação estratégica de poder e moeda também são alterados. Desse modo, e retomando a formulação de Theodor Adorno (2009), tudo dependerá fundamentalmente da situação geral da sociedade. Isso significa que o tempo livre, como parte dos tempos sociais, é uma construção humana, sociocultural, e cada época o constrói de forma diferente. No século XXI, por exemplo, há novas formas de comportamento no tempo livre, derivadas do avanço da internet, dos jogos eletrônicos, da expansão dos negócios do lazer. Ainda assim, pode-se observar a permanência de lutas de diversos segmentos de trabalhadoras/es pela diminuição da jornada de trabalho e aumento do tempo livre, inclusive da categoria docente.

Dessa maneira, no contexto da educação, as/os trabalhadoras/es docentes vivem imersos em trabalhos sem fim. Além de trabalhar na escola, levam trabalhos para casa, assumem o trabalho doméstico, especialmente as mulheres, e muitas/os delas/es ainda fazem trabalhos extras para complementar a renda familiar. Desse modo, seus tempos livres são lotados de trabalhos, como vimos no capítulo anterior. Se na vida de outros profissionais, que deixam o trabalho nas instituições onde atuam, a compensação é ilusória, na experiência dos tempos cotidianos docentes essa situação é mais grave ainda, pois professoras e professores vivem reclamando da escassez de tempo, vivem tempos imprensados sob o signo do relógio, o qual, na expressão de Inês Teixeira (1998), delimita as alternâncias, as durações, as cadências das interações e rituais, perpassando e compassando a cotidianidade das/dos docentes. Mesmo assim, entre um trabalho e outro, nos tempos livres que sobram, as/os docentes buscam compensar os seus tempos de trabalho, através do lazer e de outras práticas culturais, estando também, elas e eles, submetidos aos processos de apropriação desses tempos pela indústria cultural, o mercado e os negócios do tempo livre e do lazer, pontuados acima.

Neste capítulo, esses tempos/períodos serão discutidos, no intuito de problematizar o que Joffre Dumazedier (1994) chamou de forma compensatória do tempo livre, que envolvem principalmente os tempos do lazer. Para tanto, agrupamos a análise em três planos intimamente articulados, porém apresentados separadamente, apenas para efeito de análise. São eles: a dimensão da sociabilidade – presencial e virtual; a dimensão das práticas culturais; e a dimensão de outras atividades de lazer. Por certo que a convivência, as interações, a sociabilidade está presente em todas as três dimensões. De igual forma, as práticas culturais podem se constituir como atividades de lazer.

4.1. Sociabilidades

Em virtude da ampliação e intensificação dos tempos de trabalho remunerado e não remunerado, entre outros aspectos, os encontros, as visitas a casa, os passeios por praças e ruas foram muito abalados. Para estreitar os vínculos, foram instauradas novas formas de sociabilidade, estratégias humanas para não estar só, para interagir, mesmo a distância, mediadas pelos novos instrumentos tecnológicos.

Os indivíduos contemporâneos se enredam em sociabilidades presenciais e virtuais, dois processos que convivem lado a lado na dinâmica social, sendo negociados e mobilizados concomitantemente, individual e coletivamente. A sociabilidade no espaço virtual permite que o indivíduo veja o mundo pela “janela”, que escolha com quem se relacionar, já que todos se encontram na mesma cidade virtual, sem serem vistos, enquanto a sociabilidade presencial proporciona o contato direto e explícito entre os indivíduos, a convivência face a face.

As sociabilidades são elementos básicos do lazer, assim expressam Norbert Elias e Eric Dunning (1992), pois elas desempenham um papel primordial na interação entre as pessoas que se conhecem, que não se conhecem, mas que, de uma forma ou de outra, trocam experiências e saberes quando estão na companhia uns dos outros, sem qualquer obrigação ou dever, como podemos observar no relato da professora Alice:

Eu mesma, gosto de sair sozinha, às vezes: passear, comer em lugares que nunca estive, fazer novos amigos, gosto disso. Têm momentos que saio com amigos professores e têm momentos que saio com pessoas que não têm nada a ver com a escola, nada a ver com a profissão, pessoas diferentes, que eu acho que fazem uma diferença enorme na vida da gente. Porque são outros diálogos, assim, você não... (pensa) Não é que você não fala de educação, você pode até fazer um comentário, mas quando você está com colegas de trabalho é mais profundo. Com colegas de profissão você tem um debate assim... sempre acaba falando de escola, pelo menos é isso que eu percebo. Já com pessoas que não estão na área, você fala de escola, ou de educação, mas passa, você está sempre falando de outras coisas também, assim... quando você está com outras pessoas você vai falar de música, de filmes, de festas que estão acontecendo, acho que é bom, eu gosto. Outro dia eu fui sozinha para Trancoso, fui para a casa de uma amiga e ela não sai. Eu falei: *“Ah! Eu vou sair!”* Eu gosto, e não vou deixar de ir ao forró, que é uma coisa que eu gosto de fazer, porque eu estou sozinha. Cheguei lá, o forró não estava aberto ainda, aí eu fui para uma barraca de capeta que tinha perto e fiquei lá até o forró abrir, e lá eu conheci uma pessoa, e a gente começou a conversar e tal, e aí já entramos juntos pro forró, e foi aquela conexão. Eu acho que isso também é legal: pessoa diferente, de outro lugar, aí fiz amizade com o barraqueiro, aí pronto. Eu gosto disso, assim, sair sozinha, também porque, sei lá, amplia as possibilidades de conhecer pessoas e lugares (Professora Alice, Grupo Focal nº 07, em 10 de junho de 2013).

A professora Alice nos relata a satisfação que tem em sair, mesmo sozinha, para se divertir e, de repente, conhecer pessoas diferentes, fazer novas amizades, conversar sobre outras coisas fora da sua profissão e da sua experiência cotidiana. Na expressão de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), o comportamento da professora Alice é de suma importância para compreender, a nível de autonomia, de liberdade e de satisfação, que os indivíduos podem construir nos tempos livres, ou seja, não depender dos grupos primários de socialização para poder viver novas experiências, desligar-se das ataduras de algumas esferas da vida para poder vivenciar outras amizades e constituir outros grupos, mesmo que temporários.

Segundo os autores, somente o fato de ir a um bar, restaurante, andar livremente pela cidade, pelo campo, explorar a rua, ir a uma festa, observar as pessoas nas praças, mesmo que não se tenha nenhum conhecimento sobre elas, desempenha um papel importante para o conhecimento de si, para ressignificar os conceitos acerca dos fatos e das pessoas, bem como sentir prazer, ter satisfação em viver aquelas situações de lazer, novas ou antigas. Daí, dentre as atividades de tempo livre, o lazer é aquele que é capaz de transformar o sujeito, não somente relaxar suas tensões, mas também lhe dar estímulo, alegria, excitação.

De qualquer modo, a sociabilidade capacita naturalmente os indivíduos para a convivência em sociedade, trata-se de uma construção social que tem como característica principal o encontro, o estar com outro e para o outro, através de impulsos e propósitos afins. A sociabilidade é resultante das interações sociais, da vida cultural que viabiliza a junção das formas de sociação concretamente existentes; é um jogo no qual se faz de conta que todos são iguais, ao mesmo tempo em que cada indivíduo é reverenciado em particular (George SIMMEL, 2006).

4.1.1 Nos tempos livres, velhos, novos e novíssimos amigos

As/os professoras/es pesquisadas/os valorizam muito as interações, não somente entre as/os velhas/os amigas/os, aquelas/es constituídas na infância, no período da graduação, na escola onde trabalham, mas também entre as/os novas/os amigas/os, as/os recém chegadas/os à escola, na rua onde moram, constituídas/os nos cursos de pós-graduação. Há, também, as/os novíssimas/os amigas/os, apresentadas/os pelos amigas/os mais antigas/os, são as/os recém chegadas/os ao grupo, também aquelas/es que se encontram nas festas, na praia e noutros lugares da cidade, conforme explica o professor Jonas:

Moço, eu gosto muito de conhecer pessoas, olha que eu não saio muito. Eu tenho meus amigos que já faz cinco, dez anos que os conheço, que são como irmãos. Também tem aqueles que os conheci na escola, olha, eu trabalho na mesma escola há dez anos, como não fazer amizade? Ainda tem aqueles que entram e saem da escola, principalmente os contratados, que vão e vem, por causa da situação em que vivem. Além disso, Gigio, ainda tem aqueles que a gente encontra na praia, conversa, troca uma ideia, sabe? Ou na rua, em uma festa, troca telefone, e-mail, procura no facebook; com uns a gente continua a amizade, com outros é só aquele momento, mas que vale muito. É uma satisfação muito grande conhecer o outro, saber do outro, sabe? E tem mais (rsrsrsrsrs), ainda tem uma porrada de gente que vem chegando com esse povo, todo dia eu sou apresentado a novas pessoas, não para nunca, mas é muito prazeroso (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 30 de julho de 2013).

Este relato do colega Jonas, e outros que escutamos, remetem-nos às discussões de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), ao observarem que os indivíduos podem se reunir, sem necessariamente ter qualquer afinidade, pois no momento do encontro o que é mais importante é conhecer uns aos outros, especular sobre os desconhecidos, desfrutar da companhia uns dos outros, ações que elevam o nível do calor emocional. A presença de pessoas conhecidas, menos conhecidas ou desconhecidas, aguça a curiosidade humana, a qual provoca a integração social, de forma divertida, sem obrigações sérias e sem os riscos inerentes a elas.

Segundo tais autores, essas interações são estimuladas, mas não necessariamente serão duráveis, podem acabar no primeiro encontro, como também podem durar anos, como relata o professor Jonas, quando fala dos novíssimos amigos. Também nos encontros, as pessoas podem levar sentimentos da esfera séria da vida, contidos nos tempos de não-lazer, como, por exemplo, a repulsa, o ódio e a amizade, o medo e o riso, a simpatia e a antipatia, a ansiedade, o amor, a paixão, sentimentos e emoções que podem interferir nos processos de sociabilidade. Ao encontrar com pessoas diferentes, o indivíduo pode não se estimular a conhecer o outro. Desse modo, se fecha para qualquer interação, mesmo assistindo de longe as ações, gestos e modos de ser dessas pessoas, que são observadas a distância, como podemos observar nos diálogos a seguir:

Professora Jose: A maioria dos meus amigos são professores, eu não me sinto bem às vezes com os amigos do meu marido, por exemplo, eu não me sinto bem com os amigos dele, não é por nada não, eu não sei o porquê. Eu recebo bem, eu converso tal e tal, mas, os amigos dele, as amigas dele, não são os meus amigos.

Professora Alice: Mais pode se tornar. Eu já sou assim, o que eu não gosto de estar só em ambientes de professor, eu gosto de estar em outros ambientes, pra eu conhecer outras pessoas e falar sobre outras coisas.

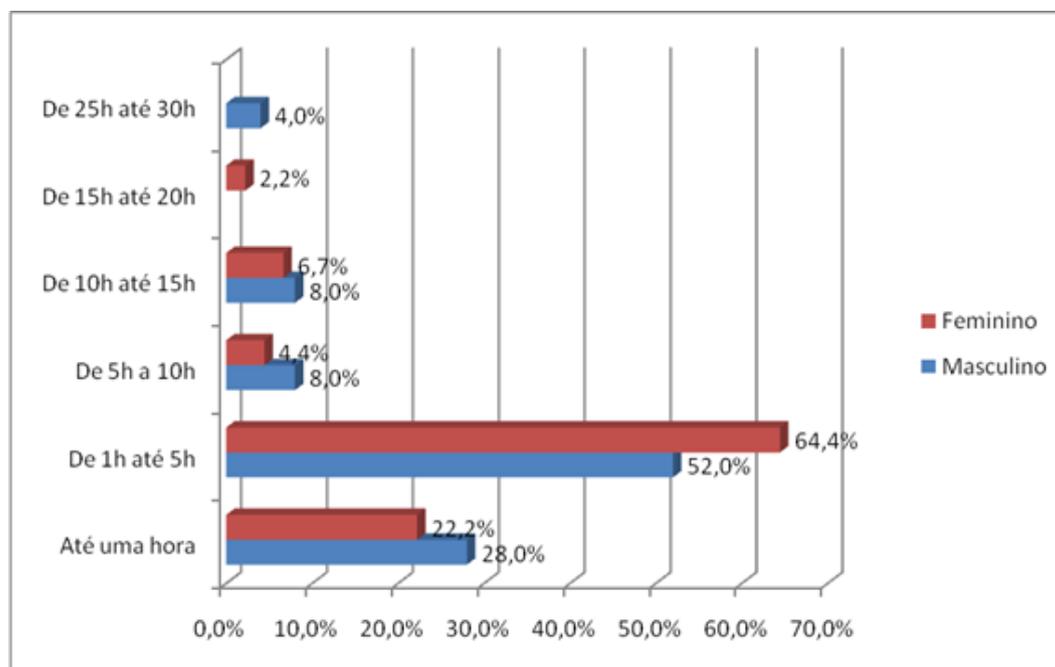
Professora Jose: É, sim, mas... (interrompida por Mary)

Professora Mary: Mas na sua casa você pode receber pessoas que não seja só do seu meio profissional ou do seu vínculo de amizade. Tipo, lá em casa, às vezes rola churrasco, vamos fazer isso aqui na piscina? Vamos. Aí vai o vizinho, vai a namorada do vizinho, vai num sei quem, vai o amigo do meu amigo, são pessoas que não têm nada haver com a educação, né? Agora eu prefiro, eu gosto de curtir esses encontros.

Professora Jose: Eu sei que eu, os meus amigos, a maioria são da educação, não importa se é professor se é secretário, se é cozinheira, se é merendeira, a maioria faz parte da educação, claro que eu tenho outros amigos, claro, né? Mas não tem pra onde correr, maioria são da educação, são da educação! Agora, eu posso até encontrar outras pessoas, trato bem e tudo, como é o caso dos amigos e amigas do meu marido, mas não são meus amigos (Grupo Focal nº4, em 14 de maio de 2013).

Independentemente de como as interações se configuram, a maioria das professoras e professores pesquisadas/os vivem com seus amigos e amigas, constituem novas amizades e novos grupos, como já dissemos. Além disso, mesmo diante a um turbilhão de trabalhos e responsabilidades, conseguem mobilizar estratégias de encontro, seja nos intervalos das aulas, no turno oposto, nos finais de semana. Há sempre uma parcela do tempo livre para as/os amigas/os, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 39: Horas dedicadas aos amigos, semanalmente – por sexo.



Podemos observar no gráfico, que tanto as docentes quanto os docentes, independentemente da sua jornada de trabalho e escassez de tempo, já mencionados neste trabalho, dedicam entre uma e cinco horas por semana aos amigos e amigas, sendo, respectivamente, 86,6% das professoras e 80% dos professores pesquisadas/os.

Vale ressaltar que, os encontros, na maioria das vezes ocorrem nos finais de semana, geralmente nas sextas-feiras, quando os sábados não são letivos, e nos sábados não letivos e domingo durante o dia, pois, como lembra a professora Zilma: *diversão para professor no domingo, só programa em família, ou alguma coisa leve até umas duas horas, porque na segunda cedo tem trabalho logo cedo.*

Dedicar, nesse contexto, significa encontrar para bater papo, passear pela cidade, ir à praia, ao shopping, aos bares, dentre outros lugares nos seus tempos cotidianos. Os encontros ocorrem com mais frequência porque, segundo a professora Jose, o ciclo de amizades docentes geralmente é entre colegas da mesma escola, então é mais fácil para programar alguma coisa juntos, às vezes até sair do trabalho para um bar, um restaurante ou festa. Além dos encontros festivos, também existem os encontros para aconchegar, acalantar em horas difíceis, como demonstra a Professora Alicinha, que saiu do bairro onde mora para outro distrito, para estar com uma amiga e colega de trabalho: *“Na terça, fiz uma visita a uma colega em Arraial, que fez cirurgia e estava carente da minha visita, que na verdade foi muito bom. Ela ficou muito contente, brincamos, rimos, almoçamos juntas, retornei final da tarde”.* (Professora Alicinha, mensagem pela internet, em 16 de janeiro de 2013).

Os encontros com as/os amigas/os muitas vezes não são agendados, são aproveitadas as frações de tempo, que vão sobrando no cotidiano: a liberação de uma aula mais cedo, o final de um encontro pedagógico, o final de tarde de um sábado letivo, conforme podemos observar nos relatos, dentre outros, do professor Jonas e da professora Élide:

Ontem foi um dia muito legal. Eu e alguns colegas saímos da escola e fomos para um barzinho tomar cerveja e conversar. É lógico que não deixamos de falar de escola, acho que qualquer grupo de profissionais, fala do seu trabalho, claro que professor é demais (kkkkkk). Conversamos, rimos, jogamos sinuca. Foi muito divertido (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 06 de maio de 2013).

O meu tempo é assim, não tem como sair, às vezes quando tem encontro do EJA, quando pego carona (companhia) com algumas colegas, aí eu tomo uma cerveja e só. Isso quando tem alguma reunião à noite, às vezes aproveito para sair com colegas (Professora Élide, mensagem pela internet, em 10 de março de 2013).

Podemos observar, também, durante a conversa com as/os docentes pesquisadas/os, que a maioria das/os professoras/es tem os seus vínculos de amizade constituídos entre as/os colegas de trabalho, embora isso não anule a possibilidade de ter outras/os amigas/os fora da profissão. Segundo a professora Jose, isso torna mais fácil a interação entre elas/es, e principalmente é uma forma de aproveitar melhor o tempo, pois no próprio trabalho podem marcar as atividades de lazer, ou sair de lá mesmo, extemporaneamente, sem programar. Outras/os docentes aproveitam o dia ou a noite sozinhas/os ou com amigas/os, mas não deixam de aproveitar os tempos que lhes sobram para se divertir, como é o caso da professora Alice:

Tenho amigos para tudo quanto é tipo de programa, sabe? (kkkkk) Eu me articulo bem em todos os grupos. Durante o dia ou à noite, geralmente têm encontros de amigos, colegas de trabalho: churrasco, outros tipos de encontro, mas em casas (...) Na praia sempre, geralmente no final de semana, no verão bem mais, porque aí, não estou trabalhando, aí fica mais fácil de poder está saindo mais. Durante o ano a frequência é menor. À noite eu vou sempre para o Bombordo, para Estação 22, vou para lambada, eu vou para vários lugares, depende muito com quem estou e qual a direção que vou seguir. Se não tiver alguém, eu vou sozinha. Eu gosto muito de sair. Se não for assim eu não consigo trabalhar (Professora Alice, mensagem pela internet, em 14 de abril de 2013).

A professora Alice, como se pode observar em seu relato, consegue se articular em todos os grupos, seja entre as/os colegas de profissão, seja entre amigas/os de outras áreas, e gosta de conhecer pessoas novas. Além disso, ela tem grupos de amigas/os para fins distintos: aquelas/es que são da noite, outras/os que são da praia, outras/os que são de festa em casa, contudo há sempre uma repetição de uma/um amiga/o ou outra/o, nos grupos. Ela está sempre “colada” nelas/es, pois o lazer está em primeiro lugar em sua vida. Sem os tempos de lazer e diversão, ela não conseguiria trabalhar, reiterando o que ela nos dizia.

4.1.2. Docentes na rede: muito trabalho, pouca diversão

No início da pesquisa de campo percebemos que muitas/os das/dos docentes pesquisadas/os permaneciam *online* na internet, principalmente após as 22h. Muitos chegavam a permanecer até as duas horas da manhã, como foi registrado no diário de campo: “*Há mais de uma semana que estou acompanhado os professores e professoras adicionadas/os ao meu facebook. Geralmente elas/eles entram no facebook e permanecem conectadas/os por até três horas, isso ocorre mais à noite, após as 22h*” (Notas de campo, em 21 de agosto de 2013). Depois de um tempo, quando começamos a fazer as entrevistas e grupos focais, descobrimos

que estar online não significa estar nas redes sociais, jogando, fazendo compras ou outras atividades que podem ser consideradas de lazer. Muitas/os das/os docentes estão na internet a trabalhar, a escolher textos e vídeos para suas aulas, e simultaneamente conversam com colegas, amigos, parentes, dentre outros, através das redes sociais, como o relato da professora Janine ilustra:

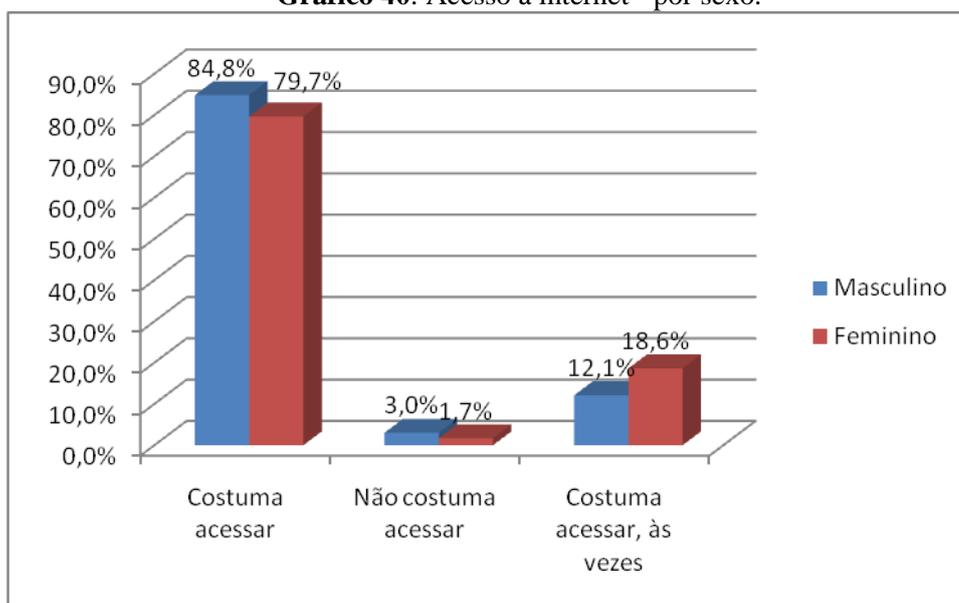
Não tenho tempo. Internet só para trabalho mesmo. Pesquisar, preparar aula, falar com meus irmãos no facebook, mas coisa rápida, dar uma notícia, saber uma notícia e partiu (risos) (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de setembro de 2013).

Os meios de comunicação digitais introduziram em nosso cotidiano formas diferentes de viver os tempos cotidianos e afetaram profundamente a nossa cultura. Imerso no espaço virtual, o indivíduo encontra-se isolado do mundo exterior e constrói para si uma nova linguagem, novos comportamentos, novo tempo, mais efêmero do que nunca. Além disso, o corpo experimenta outra maneira de vivenciar suas percepções, gestos e expressões, o sensorio se reconstrói, correspondendo a uma corporeidade sensivelmente diferente e híbrida. Sendo assim, o tempo é reinventado na era digital (Edmond COUCHOT, 2007).

O tempo virtual alterou a vida humana, modificando relações e práticas culturais. Com isso, toda a ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em sequências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização. Portanto, é simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero. Eterna porque alcança a sequência passada e futura das expressões culturais, e efêmera porque cada organização, cada sequência depende do contexto e do objeto da construção cultural solicitada (Manuel CASTELLS, 1999). Desse modo, é possível afirmar que há instantaneidade temporal sem precedentes aos acontecimentos sociais e expressões culturais nas dinâmicas sociais do presente. A comunicação está mediada por computadores, possibilitando diálogos em tempo real, reunindo pessoas geográfica e fisicamente distantes, com interesses afins, em conversas interativas multilaterais, orais e por escrito. Pessoas constroem amizades e inimizades, relacionamentos amorosos e desafetos, compram e vendem, estudam, leem, trabalham, divertem-se e fazem os outros se divertirem, assistem a filmes, jogam em games, vivem tempos virtuais que são também reais, parte de suas vidas e histórias, de sua sociabilidade e experiências.

No que concerne à ocupação do tempo livre com a internet, indagamos sobre o comportamento das professoras e professores pesquisadas/os, encontrando percentuais equiparados entre homens e mulheres: ambos usam a internet na mesma proporção, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 40: Acesso à internet - por sexo.



Em relação ao que as/os docentes costumam acessar, a pesquisa nos mostra que tanto homens como mulheres costumam realizar atividades diversificadas, entre elas: consultar e-mails; fazer pesquisa, em geral sobre educação; saúde, beleza, religião. Elas e eles também costumam ver as notícias; entrar nas redes sociais; fazer cursos on-line; assistir a filmes; baixar vídeos; acessar sites das disciplinas que ministram; alimentar blogs; ler artigos; fazer compras, dentre outras. Observa-se que há pouca referência a lazer e entretenimento, pois as atividades estão muito mais relacionadas à formação, ao desenvolvimento pessoal e ao trabalho escolar.

Também podemos constatar com a pesquisa que o uso da internet pelas/as professoras/es não é uma regra geral, uma unanimidade, existem professoras e professores que sequer se interessam pela internet, não a utilizam nem para o trabalho nem para o lazer, o equivalente a 3% dos professores e 1,7 das professoras pesquisadas/os.

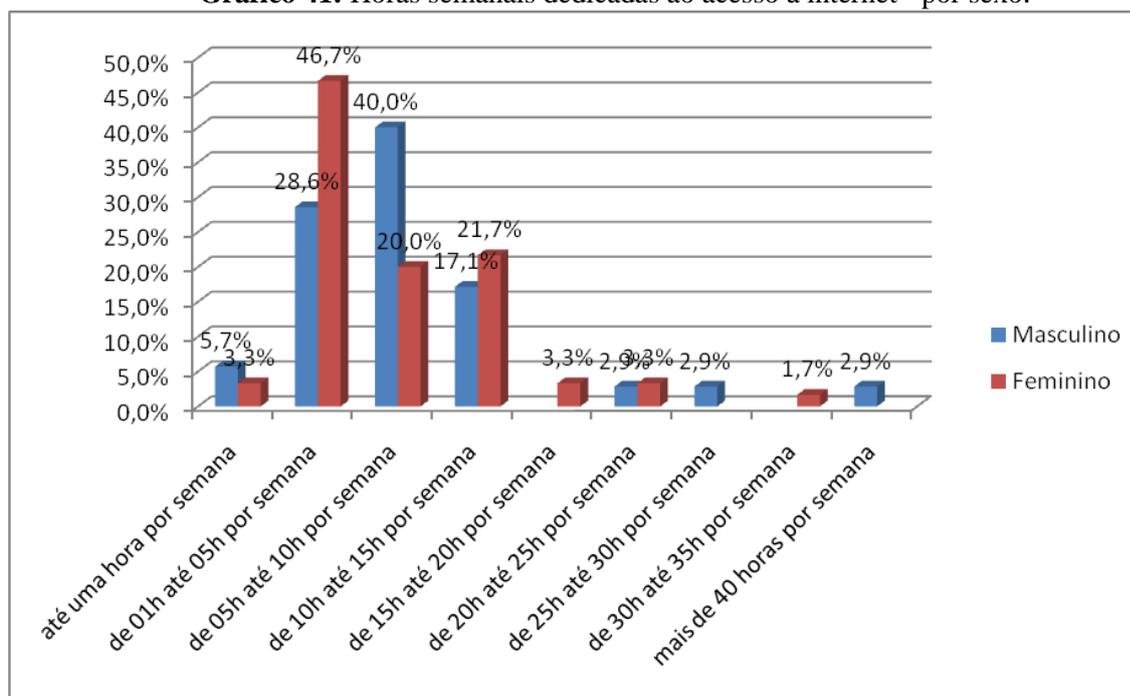
No relato da professora Alice, e outros que escutamos, ela destaca que está sempre na internet de passagem, sem vício, mas por necessidade. Essa relação com a internet nos parece a mais comum entre as/docentes, estar *online* sempre, em cada fração de tempo que sobrar, mas para coisas pontuais e necessárias.

Eu só acesso pra coisas necessárias, não tenho muito esse vício de tá em computador, fico na internet esporadicamente, não é uma coisa assim (pausa). Eu gosto muito de ler jornal, sou viciada nessas coisas de ler jornal, notícias, o que tá acontecendo eu sempre acesso, diariamente, mas eu não fico

muito tempo lá (Professora Alice, Grupo Focal nº. 04, em 14 de maio de 2013).

Em relação à frequência em que as/os docentes pesquisadas/os acessam a internet nos tempos livres, percebemos que, em média, ambos a acessam na mesma proporção, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 41: Horas semanais dedicadas ao acesso à internet - por sexo.



A primeira vista, parece-nos que homens acessam mais que mulheres. Contudo, ao comparar as frequências, constatamos que há uma diferença mínima de 0,1 ponto percentual a mais para os homens. Professoras e professores utilizam a internet todos os dias, mas a intensidade dos usos dos tempos concentra-se nos finais de semana e após a jornada de trabalho da escola e da casa, momento em que há mais tranquilidade, principalmente para pesquisar e preparar as aulas, acessar e-mails, dentre outras atividades que apareceram na pesquisa com maior frequência.

Os tempos na rede são muito significativos, constituídos por tempos de estudo, diversão, distração, risadas, brincadeiras, trabalho, aprendizagens. Também podem significar economia de tempo, pois na rede podem acessar conhecimentos sem ir a bibliotecas, conhecer lugares sem viajar. Entretanto, para muitos o tempo na rede é associado a um tempo de trabalho, enquanto para outros são tempos de liberdade, de relaxamento e despreocupação, segundo Inês Teixeira e Luiz Silva (2008).

Além destes, um outro aspecto deve ser considerado na utilização da internet, pelas/os professoras/es. Na rede de ensino de Porto Seguro, especificamente na Educação Básica, ainda não é comum o preenchimento de diários na rede, contudo há uma série de solicitações de relatórios, fichas, planos que são enviadas por e-mail, como relata o professor Márcio:

(...) Agora mesmo estou com um monte de coisas para enviar para o email da coordenadora: plano de curso, plano de unidade, relação de aluno. E ninguém me libera mais cedo pra fazer essas coisas (Professor Márcio, mensagem pela internet, em 03 de julho de 2013).

Segundo Inês Teixeira e Luiz Silva (2008), quando o/a professor/a utiliza a internet para preparar aula, preencher diários, fazer pesquisas, dentre outras atividades, ele/a está ampliando a sua jornada de trabalho, ele/a trabalha mais horas, retirando da sua rotina os tempos de descanso e lazer, principalmente nos finais de semana.

4.1.3. As redes sociais virtuais como atividade de lazer.

Nos dias de hoje, tal qual acontece com outras categorias de trabalhadoras/es, a sociabilidade das/os professoras/es vai além das interações face a face, embora sua forma virtual seja distinta na experiência dos/as colegas da pesquisa.

A professora Janine, por exemplo, associando essa questão ao seu tempo, relatou:

Não tenho tempo. Rede social? Só para falar com meus irmãos no *facebook*, mas coisa rápida. Dei notícia, soube notícia, partiu (risos) (Entrevista concedida por Janine, em 10 de setembro de 2013).

De um modo geral, nos tempos cotidianos docentes, podemos constatar a relação dos indivíduos na chamada “cidade virtual”, mediados pelo computador, pelo telefone celular, *ipode*, *smartphone*, *tablete* e outros equipamentos eletrônicos. Contudo, muito mais por uma necessidade de contatar familiares distantes, filhas/os que estudam em outras cidades, e/ou conversar com as/os amigas/os, já que os encontros presenciais não são tantos. Desse modo, as redes sociais aproximam mais as/os amigas/os e familiares, pelo menos para deixar e receber notícia e “partir”, como diz a professora Janine, de modo tão fluido e efêmero.

As professoras e professores pesquisadas/os dizem aproveitar as frações de tempo que sobram, geralmente no horário de almoço ou aula vaga, nas escolas que têm *wifi*, para entrar nas redes sociais, principalmente para ficar em contato com as famílias distantes, como é o

caso da professora Élide, que destacou em seu relato: (...) *“Fiquei no facebook para saber as novidades da família que mora no sul”* (Mensagem de Élide, pela internet, em 13 de Janeiro de 2013).

Também tivemos relatos de professoras/es que não têm acesso à informática, e até repudiam o uso desta tecnologia. Quando precisam digitar um trabalho, pagam em uma lanhou-se ou pedem às/aos filhas/os para fazê-lo. O percentual desses sujeitos é equivalente a 22,2% (de ambos os sexos) que não usam ou usam raramente o computador. Do mesmo modo, existem professoras/es que não estão conectadas/os às redes sociais e que não fazem nem questão de acessá-las. Esse é o caso, por exemplo, da professora Nil. Quando solicitamos que falasse sobre seus tempos nas redes sociais, declarou: *“Eu sou anti-isso, nem sei se essa palavra existe (risos)”*. Outras/os docentes preferem outras tecnologias, permanecer com as relações presenciais, como declara a professora Mary, ou ainda aquele que acessa as redes sociais, não para bater papo, como é o caso do professor Adilson:

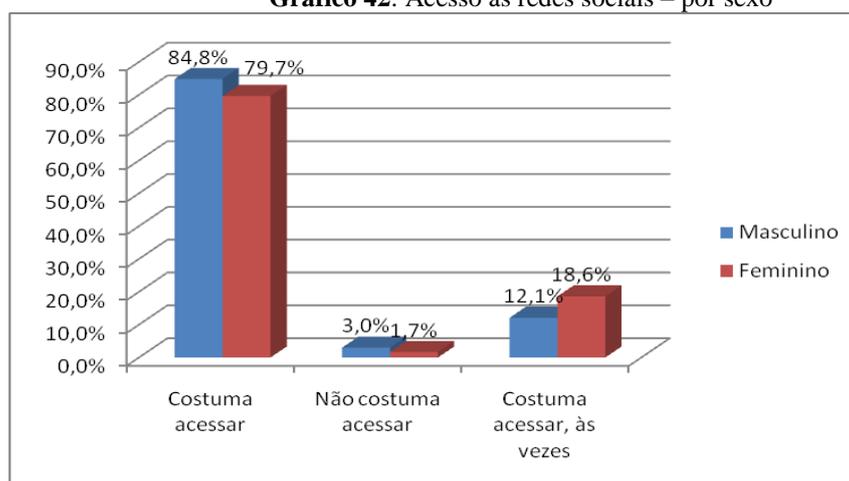
Eu tirei o computador que era do meu quarto e botei no quarto da minha filha, e como eu ainda não mudei a instalação, já que no quarto dela não tem, aí ele fica desligado. Sem falar que tem horas que eu não tenho muita paciência, de tá em rede social, entendeu? Eu gosto de falar, ouvir a voz, negócio de tá digitando (risos) não é comigo não, gosto de ouvir a voz (...) Também, não sinto falta não. Meu negócio é aqui oh, (mostra o celular) celular! Ligar e ouvir (Professora Mary, Grupo Focal nº 4, em 14 de maio de 2013)

Eu não gosto muito de rede social, por causa do bate papo, na realidade eu não gosto de bater papo com ninguém, porque às vezes a pessoa (pausa) sei lá, tem gente que se prolonga muito. Minha conversa é rápida, ou às vezes até eu fico lá, invisível, pra ninguém perceber que eu estou ali. (Professor Adilson, Grupo Focal nº 06, em 30 de maio de 2013).

Embora o processo de inserção nas redes virtuais seja diferenciado entre as/os professoras/es da pesquisa, Manuel Castells (1999) auxilia na compreensão desta nova questão presente nas formas de sociabilidade no mundo contemporâneo, no qual, segundo o autor, as redes representam traduções da organização de nossas sociedades diante da cultura da globalização. Elas são mutantes, abertas, capazes de aumentar infinitamente seu conteúdo, também são capazes de adaptar-se a novas realidades, sempre buscando a sua sobrevivência e o seu equilíbrio. As redes alteraram os processos de sociabilidade quando a internet se converteu em uma alavanca de transição para uma nova forma de sociedade, a sociedade-rede, modificando as formas de estruturação dos grupos sociais.

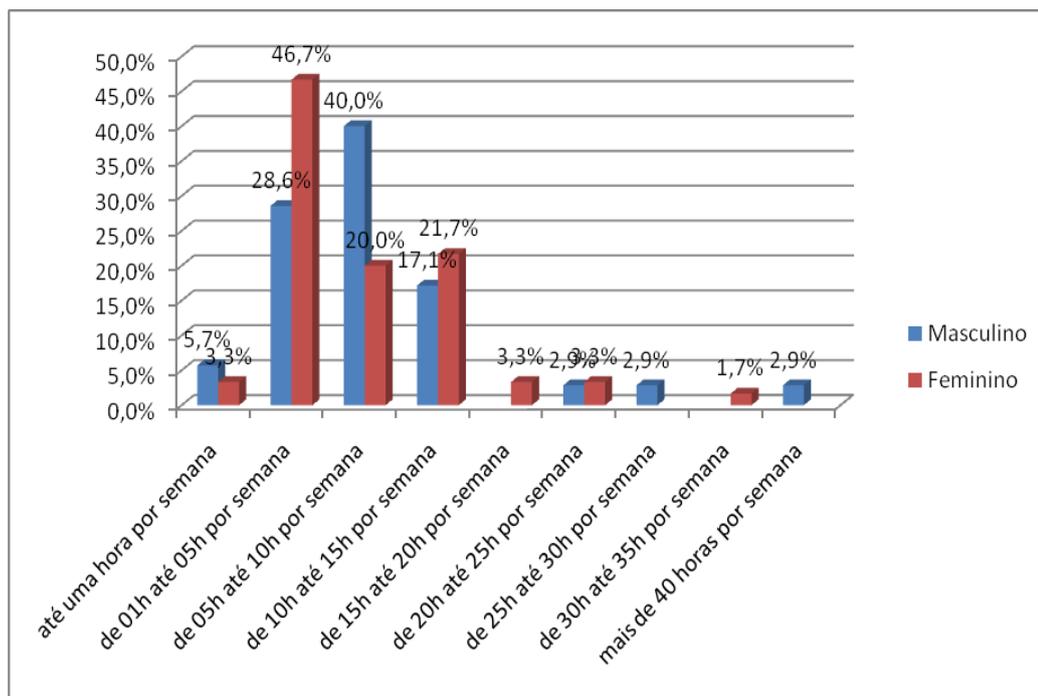
Em relação à inserção das/os docentes nas redes sociais, mais especificamente, constatamos dois fatos importantes: o primeiro é que 56,7% das professoras pesquisadas costumam acessá-las mais eventualmente do que sempre, enquanto 31,7% usam a rede com maior frequência durante a semana. Em relação aos professores, há uma inversão da prática, pois aqueles que costumam acessar sempre equivalem a 43,8%, enquanto os que só acessam eventualmente são o equivalente a 40,6%. Também constatamos, como destacaram os relatos, que 15,6% deles e 11,7% delas não participam das redes sociais, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 42: Acesso às redes sociais – por sexo



Em relação à frequência das/os docentes nas redes sociais, podemos constatar que, mesmo acessando eventualmente, as professoras permanecem mais tempo nessa atividade. Podemos destacar três grupos principais de frequência: o grupo daquelas/es que permanecem por até uma hora por semana, no qual professoras e professores estão equiparadas/os, ou seja, o equivalente a 20% das/os pesquisadas/os; o segundo grupo é composto por aquelas/es que permanecem de 1 a 5 horas por semana, sendo 50% dos docentes e 56,4% das docentes pesquisadas; o terceiro grupo é constituído por aquelas/es que passam de 5 a 10 horas por semana, onde há um crescimento significativo no grupo dos homens (26,7%) em relação às mulheres (7,3%). Além disso, 12,7% das professoras pesquisadas permanecem entre 10 e 15 horas semanais, e 3,6% delas permanecem entre 20 e 30 horas semanais, conforme o gráfico a seguir:

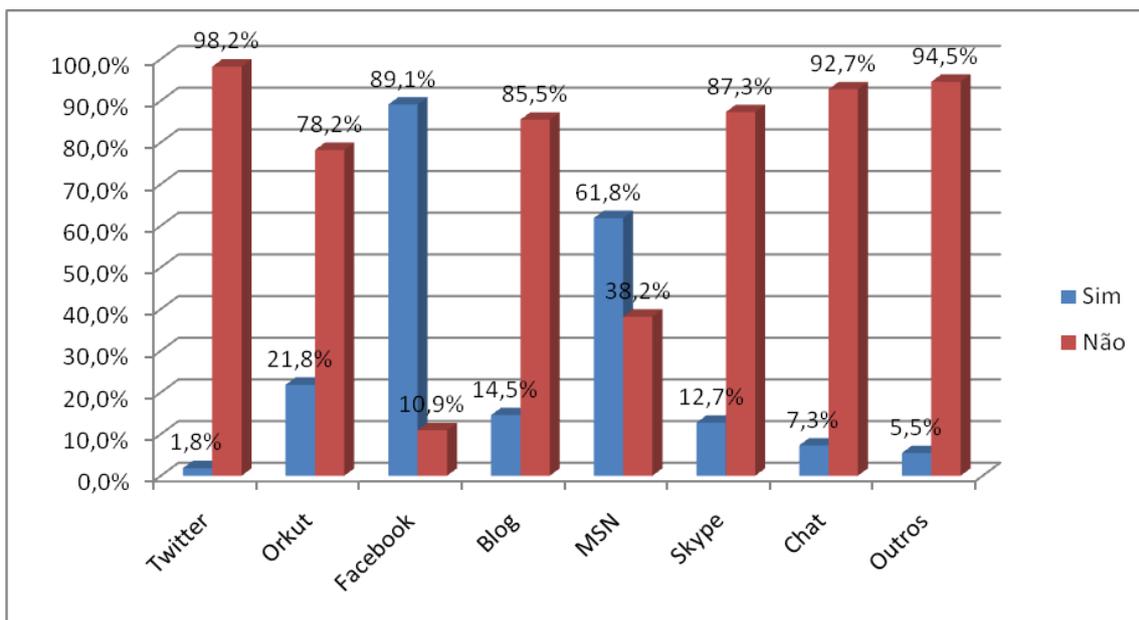
Gráfico 43: Frequência com que participam das redes sociais – por sexo.



Vale ressaltar que os tempos nas redes sociais não são lineares, são tempos cortados, fragmentados, ou seja, são uma soma aproximada das frações de tempos, distribuídas desde o acordar até a hora de dormir. Deve-se destacar, ainda, que professoras e professores fazem duas, três ou mais atividades ao mesmo tempo. Desse modo, é comum que estejam fazendo planos de aula, assistindo à TV, ouvindo música e acessando às redes sociais ao mesmo tempo, em um processo simultâneo. Deixam o seu *facebook* aberto, para ler os *post* no mural, ver fotos e vídeos, postar alguma novidade e até desabafar: “*hoje o dia foi pesado, partiu... vou dormir*, conforme palavras de uma professora.

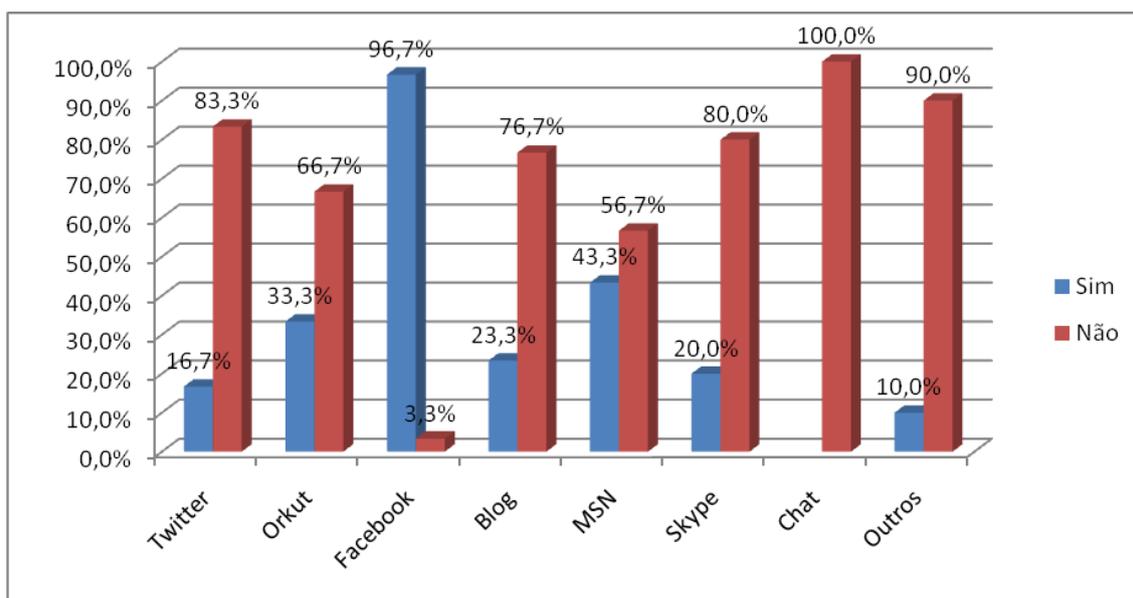
Quanto às redes mais acessadas pelas professoras, podemos destacar em ordem crescente, dentre as que foram mais citadas pelas docentes pesquisadas, o facebook (89,1%), MSN (61,8%), Orkut (21,8%), seguidas das demais: skype, chat, twitter, dentre outras, conforme ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 44: Redes sociais mais acessadas pelas professoras – por sexo



Em relação às escolhas das redes sociais pelos professores, dentre as que foram mais citadas, em ordem crescente, são: a opção pelo facebook (96,6%), MSN (43,3%), orkut (33,3%), blog (23,3%), seguidas das demais: skype, twitter dentre outras, conforme ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 45: Redes sociais mais acessadas pelos professores – por sexo



Observando os resultados, tanto dos professores quanto das professoras, podemos inferir que, mesmo com a hegemonia do facebook, as redes novas e anteriores coexistem entre

as/os docentes e ainda são muito utilizadas por elas/es. Também podemos verificar que os homens acessam mais redes do que as mulheres, mesmo porque o seu tempo livre não é tão expropriado como o tempo delas.

De um modo geral, a função da internet e das redes sociais nos tempos cotidianos docentes é muito distinta. Para alguns constitui tempos de trabalho, para outros, de lazer, ainda para alguns as duas coisas, sendo que a experiência das mulheres é marcada muito mais por trabalho do que entretenimento, como podemos observar nos relatos das/os docentes pesquisadas/os.

Segundo o professor Adilson (Grupo Focal nº 6, 2013), por exemplo, na internet ele gosta, quase sempre, de ficar off line, postando as fotografias que ele mesmo faz de diversos pontos da cidade, em um site que ele construiu especialmente para isso, além de postar os seus desenhos feitos à mão e escaneados ou desenhados por ele, no próprio computador. Em relação às redes sociais, Adilson falou que as frequenta muito pouco, somente quando alguém deixa recado no *in box*, dizendo que deseja falar com ele on line, e marca um horário para o encontro virtual, isso se for uma pessoa interessante e para uma conversa interessante. A maior parte do seu tempo livre, segundo o professor, ele fica na rede, cuidando da sua arte e/ou preparando aulas: escolhendo textos, assistindo a filmes que possam ser usados como suportes pedagógicos na sala de aula, fazendo cursos *on line*, dentre outras atividades.

Diferentemente dele, a professora Ana (Grupo Focal nº 2, 2013) conta que só possui facebook, porque sua filha abriu uma conta. Segundo ela, não se identifica muito com as redes sociais. Quando chega a entrar no facebook é pra ver se tem alguém com quem precisa falar on-line, ou para deixar um recado. Mesmo assim, isso só ocorre quando não tem bônus ou créditos pra ligar. Na verdade, a função da internet para a professora é para saber das notícias ou fazer alguma pesquisa voltada para a área de trabalho na escola.

Já a professora Lúcia (Grupo Focal nº 5, 2013), relata que acessa as redes sociais e o endereço eletrônico, porque faz um curso de mestrado, e o material todo vem através da internet, sendo assim a principal função é estudar, buscar textos. Ela declara que gosta muito de conversar com suas/seus amigas/os pelo facebook e também com a sua família. Segundo ela, hoje em dia é mais fácil falar com alguém pelo face do que presencial, pois ninguém tem tempo, desse modo as redes sociais ajudam muito nesse sentido.

As professoras Maria (Grupo Focal nº 3, 2013), Lucy (Grupo Focal nº 3, 2013), Dulce (Grupo Focal nº 6, 2013) e outras mais, usam a rede para conversar com amigas/os e familiares, mas isso ocorre, quase sempre, enquanto estão pesquisando algum conteúdo para a sala de aula. Desse modo, ficam sempre divididas entre uma coisa e outra. Além disso, não demo-

ra muito tempo, apenas acessa o que interessa, verifica se tem algum recado, confere a caixa de e-mails e permanece online não mais que 30 minutos.

Nos tempos livres do professor Victor, ele costuma participar das redes mais no período de férias, recessos e feriados. Segundo ele, já participou muito de redes sociais, principalmente debatendo temas. Já o professor Kleber, acessa constantemente, quando pode, quando tem tempo. Por exemplo, no dia da AC, enquanto ele está fazendo as tarefas da escola. Participar das redes para ele é uma forma de reencontrar colegas que muitas vezes só são vistas/os nas reuniões. Segundo ele, às vezes até acontecem situações nas quais a pessoa pode tomar até um susto: fica tempos sem ver a pessoa, sem conversar, de repente está postado no face que está doente, morreu ou coisa parecida.

Encontramos, ainda, na experiência relatada por uma professora e um professor, uma especificidade da rede: namorar, como narrado no diálogo a seguir:

Professora Maria: Também uso para namorar, quando meu amor está distante, ou não pode vir em casa.

Professor Adilson: Mas também, todo dia?(risos)

Professora Dulce: É, isso também, assim, essa experiência também é muito boa, né?

Professora Maria: Agora que eu tenho um namorado carnal, né? (risos). Mas de vez em quando o namoro virtual é bom.

Pesquisador: Como é esse namoro virtual, esse encontro pela internet? Conta pra gente.

Professora Maria: Olha, a diferença é que você não está com a pessoa do seu lado, mas é bom. Se traduz em palavras, um fala de um lado, outro fala do outro. Não precisa estar muito longe, às vezes no mesmo bairro, mas não teve tempo de se encontrar, aí se encontra na net (Grupo Focal nº 6, em 06 de maio de 2013).

A professora Anita relata que uma das funções da rede, para ela, é se encontrar com o namorado, mesmo quando não está tão distante, quando se encontra no mesmo bairro, impedido, por algum motivo, de ir visitá-la. A falta de tempo para o encontro é resolvida através da internet, como também confirma o professor Jonas:

Hoje eu passei o dia inteiro em casa. Geralmente todos os domingos são assim. Amanhã preciso trabalhar bem cedo, então o domingo é mais leve. Aproveitei para pesquisar umas coisas na internet, planejar umas aulas e também namorar (kkkkkk). Lógico, ninguém é de ferro. Minha namorada mora aqui em Porto mesmo, só que ela mora no centro e eu aqui no bairro, no Baianão. Então a gente fica namorando pela internet, pelo skype, sabe? Assim, dá pra matar a saudade, a gente se ver no skype, conversa pelo face, é muito bom. Quando a gente fica muito tempo sem se ver, porque ela trabalha na saúde e aí as nossas folgas nem sempre coincidem, então a gente aproveita

qualquer tempinho, pelo celular, pela internet, eu sei que nessa brincadeira já estamos caminhando para cinco anos de namoro. Outro dia estava contando isso pra um colega e ele disse: “*Rapaz, como é que você aguenta? Não é a mesma coisa!*” Aí eu disse que ele estava enganado, porque o negócio é bom demais, dá pra rolar até sexo kkkkkkkkkkkk. Desculpe tá falando essas besteiras, é para espalhar, mas é verdade. Um abraço, Gigio. (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 15 de setembro de 2013).

Às vezes nos falta tempo, não apenas para um encontro amoroso presencial, mas também para outras atividades dos tempos livres, como as de lazer e práticas culturais, para as quais às vezes falta também o dinheiro, assunto visível no relato abaixo:

A diversão de professor é um pouco complicada, às vezes nos falta tempo, e outras vezes falta dinheiro, porque diversão sem dinheiro tá difícil na sociedade de hoje. Mesmo assim, busco aproveitar cada momento com a família e amigos... Agora, nas férias fica mais fácil de ir ao encontro dos amigos. Quando estou na lida da profissão, meu tempo fica mais curto, porém, aproveito os finais de semana e feriados, ou no horário oposto do trabalho. A diversão se apresenta para mim, algo maravilhoso, pois alegra minha vida, estar com pessoas que te fazem bem é importante para o coração. (Professora Vânia, mensagem pela internet, em 02 de fevereiro de 2013).

Esse relato, dentre outros, ilustra o que discutimos com Theodor Adorno (2009) Jürgen Habermas (1982) e Erich Weber (1969) até o momento, no sentido de que existe um conjunto de atividades de tempo livre, especialmente de lazer. Contudo, elas são vendidas, viraram negócio, foram mercantilizadas, causando assim a expropriação desse tempo, como já vimos antes. Isso fica evidente na formulação de uma professora: “*para se ter diversão é preciso ter tempo e dinheiro*”.

Outra questão importante no relato da professora Vânia, registrado acima, é a relação entre trabalho e diversão, também já discutida pelos autores citados. Segundo Vânia, nos períodos letivos os tempos de lazer ficam mais curtos, contudo, nos finais de semana, feriados e turnos opostos ao trabalho, ela faz de tudo para aproveitar, para se divertir. Vale ressaltar que nem todas/os as/as docentes têm esse direito, que parece se transformar em privilégio, principalmente porque em Porto Seguro a maioria dos sábados do ano é letivo, existe um número representativo de extensão de carga horária para 60h semanais, como visto anteriormente. Desse modo, os sábados que sobram, o domingo, os feriados e turno oposto, são ocupados com os trabalhos domésticos, o cuidado de si e de outros, o trabalho da docência, que é realizado em casa, dentre outras tarefas que se transformaram em rotina.

A professora Vânia encerra esse seu relato, falando da sua alegria e satisfação nos momentos de lazer. Mesmo sendo tempos curtos, alegram a vida. Essa declaração e as outras

relatadas pela professora nos remetem a Norbert Elias e Eric Dunning (1992), quando afirmam que na modernidade, onde as formas de controle externas e internas são cada vez mais permanentes e extensíveis a tudo, a satisfação através do lazer é de suma importância para o bem estar dos indivíduos e da sociedade. Desse modo, ele não pode ser visto apenas como um acessório do trabalho, mas uma porção do tempo livre que é ocupada com entretenimento, diversão, viagens, passeios, roda de conversa, dentre outras ocupações escolhidas pelos indivíduos, mesmo que para isso tenha que pagar por essas ocupações. E a escolha, por sua vez, acontece porque alguém indicou ou porque eles acham tais ações agradáveis para si mesmos. Dessa maneira, segundo os autores, dentro dos limites sociais, ao escolherem as atividades de lazer os indivíduos levam em consideração o seu próprio prazer, sua própria satisfação.

4.2. Lazer e outras práticas culturais

Durante muito tempo, de acordo a tradição, o trabalho foi classificado como superior, como um dever moral com um fim em si mesmo, enquanto o lazer fora classificado vulgarmente como preguiça, como destacam Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Havia, pois, uma distinção equivocada entre trabalho e lazer, conceitos totalmente distorcidos por uma concepção de juízo e valor. Por esse e outros motivos, na atualidade existe a noção de que o lazer pode ser explicado como atividade complementar ao trabalho, merecendo discussão e análise específicas.

Neste momento, é importante retomar uma distinção clara, tal qual os autores formulam, entre tempo livre e lazer. O primeiro é todo o tempo liberado das ocupações de trabalho profissional, ou do trabalho produtivo. Trata-se de um conjunto de atividades similares ou diferentes, sobrepostas ou separadas, individuais ou coletivas, as quais representam categorias diferentes. O segundo é uma das muitas atividades que fazem parte do tempo livre, a sua principal função é o relaxamento das tensões desagradáveis e a produção de tensões agradáveis, tanto em relação ao trabalho, quanto às relações amorosas, familiares, da rotina do dia a dia, dentre outros, ou são realizadas simplesmente por prazer, satisfação pessoal. Podemos então inferir, a partir da concepção de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), que todas as atividades de lazer, sem distinção, são atividades do tempo livre, contudo nem todas as atividades de tempo livre são atividades de lazer.

Nos tempos cotidianos docentes, podemos observar nos relatos das/dos docentes pesquisados/as, que o lazer aparece como uma forma de revigorar a energia para o trabalho, além

de ser um meio de satisfazer-se, ter prazer, como destacam as professoras Mary e Telma e o professor Márcio.

(...) nossa! Eu tô estressada de tanto trabalho de escola, ahhh! (risos). Eu preciso sair para espaiar. (Professora Mary, Grupo Focal nº 04, em 14 de maio de 2013).

(...) ainda bem que chegou o recesso, mesmo sendo um tempo curto vou poder sair me divertir, me desligar do trabalho por um tempo, aliviar um pouco, né? Porque a jornada é pesada. Vou aproveitar para ir à praia (se fizer sol, kkkk), curtir um pouco a família para eliminar o estresse. Coisa que durante o trabalho é impossível (Mensagem de Márcio, pela internet, no dia 20 de julho de 2013).

Olha, lazer pra mim é necessidade, sabe? Num tem aquele momento em que você não suporta mais filho, marido, casa, trabalho e quer fugir das responsabilidades? É nesse momento que eu quero viajar, sair de casa, ir pra praia. Mas aí... (pausa) falta dinheiro, tem as responsabilidades, então eu me contento com aquilo que tá ao meu alcance: um programa de TV, uma pizza com a família, entendeu? Agora, pra mim, lazer é uma necessidade humana (Entrevista concedida pela professora Telma, no dia 20 de outubro de 2013).

Podemos observar nos relatos das/os docentes, mais uma vez, a concepção de lazer como atividade do tempo livre vinculado ao trabalho, seja para o relaxamento e/ou para a satisfação pessoal e prazer. É importante ressaltar que os relatos foram escritos em períodos letivos diferentes, ou seja, no mês de maio a professora Mary diz que está estressada por causa do trabalho da escola, por isso precisa sair para espaiar. Em julho, o professor Márcio diz que precisa se desligar do trabalho, eliminar o estresse. A professora Telma, no mês de outubro, diz estar em um momento de não suportar nem mesmo os filhos e marido, quiçá o trabalho. Os relatos demonstram o quanto o trabalho está presente na vida dos/das docentes e como está instituída a exaustão em seu corpo, em qualquer época do ano, embora em certas ocasiões seja ainda mais difícil, como nos períodos de entrega de diários, de correção de avaliações e outros. Diferentemente, os períodos após os recessos, são mais leves, porque é possível que eles e elas estejam mais descansados.

A professora Telma sublinha que, nesses momentos de tensão, o seu desejo seria viajar, sair de casa, ir à praia, contudo as responsabilidades, dentre elas o próprio trabalho, os filhos, marido e outras, somadas à falta de dinheiro, suspendem seus sonhos, sua necessidade, o que comprova que não basta escolher as atividades de lazer, como diz Norbert Elias (1992): é necessário também possuir recursos para acessá-las. Diante da frustração de não poder fazer

o que deseja, a professora faz aquilo que está ao seu alcance, ou seja, vê um programa de TV, come uma pizza com a família ou algo que seja possível e viável.

Contentar-se com as sobras nada mais é do que uma assunção dos padrões do mercado, ou seja, há atividades de lazer para todas as classes, contudo desiguais e excludentes: enquanto uns viajam para o exterior, outros não conhecem nem o próprio estado; enquanto uns participam de almoços e jantares em restaurantes, outros fazem churrasco em família; enquanto uns vão ao cinema, outros veem filmes no DVD. Isso comprova que existem linhas abissais entre o lazer das classes populares e o lazer das elites.

De qualquer modo, as práticas de lazer, na sociedade atual, mesmo sendo mercantilizadas, transformadas em negócios, reportando às iniciativas comerciais, não comerciais ou públicas, introduziram mudanças nas práticas de tempo livre dos indivíduos, independente das classes sociais a que pertencem. Nesse contexto, podemos dizer que o lazer é uma das atividades do tempo livre mais almejado pelos indivíduos, porque é o modo mais completo de satisfazer a si mesmo pelo corpo, tendo sentimentos agradáveis, criatividade, imaginação, como ressalta Joffre Dumazedier (1994).

Detalhando um pouco mais, o autor conceitua lazer como

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se, ou ainda desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (p. 34).

Sendo assim, incluem-se nas práticas de lazer não somente as visitas a parques, museus, monumentos e equipamentos antigos, mas também os passeios, a televisão, as viagens, as novas práticas do corpo: a ginástica, a dança, as lutas, dentre outras, além de tudo que é lucrativo ou não, interessado e desinteressado. Tais atividades e congêneres são escolhidas pelos indivíduos fora das suas obrigações profissionais, conforme explica Joffre Dumazedier (1994).

O lazer, segundo o autor, é um tempo de expressão de si mesmo, quer seja individual ou em grupo. Também é a emergência, continua ele, de práticas sociais cada vez mais variadas, sedutoras e ambíguas, que exercem grande influência na vida cotidiana. Podemos também afirmar que o lazer é uma forma nova de afirmação de si mesmo, do sujeito social em relação ao trabalho e a outras instituições de base nos seus espaços de vivência.

O relato do Professor Daniel demonstra um pouco dessa discussão de Joffre Dumazedier (1994), ou seja, um indivíduo construtor e dono do seu próprio tempo, que busca a satisfa-

ção, despreocupado com o relógio e o calendário, que, como diz o professor, “faz o que der na cabeça”. Do mesmo modo, o lazer também apresenta ambiguidades, uma liberdade de escolha e um tempo liberado que tem limite, que nem sempre se aparta totalmente de preocupações e responsabilidades, nas quais podemos inferir que estejam o trabalho principal, a família e as convenções reificadas socialmente:

(...) esse tempo é meu e eu faço dele o que eu quero, o que me der na cabeça eu faço, dentro de minhas responsabilidades, é claro! (...) Então eu não costumo trabalhar esse tempo em forma de calendário não, tomo cerveja com meus colegas, moderadamente, mas eu tomo. Vou pra rua, quando tem uma festa à noite, eu vou, se eu tiver a fim. Também eu curto tudo, menos drogas, né? (...) É isso. E às vezes eu resolvo ficar em casa (Grupo Focal nº 02 – realizado em 06 de maio de 2013, relato do professor Daniel).

Em relação à função das práticas de lazer na vida dos indivíduos, Jofre Dumazedier (2004) destaca quatro, dentre outras: A primeira é permitir todas as formas possíveis de expressão individual e coletiva de si e para si, o prazer. Sendo assim, os indivíduos necessitam desligar-se temporariamente da tutela cotidiana das instituições às quais estão ligados pelo nascimento, não para romper, mas para se liberar periodicamente da sua rotina, valorizar temporariamente uma individualidade mais liberada. A segunda é proporcionar ao indivíduo momentos de entretenimento, recreação e diversão, ou seja, a evasão da vida cotidiana, da repetitividade das atividades obrigatórias do trabalho profissional, da casa, das responsabilidades diárias. Já a terceira é permitir uma maior participação social, com liberdade de escolha, desinteressada, do corpo, da sensibilidade e da razão. Por fim, a quarta função é possibilitar a integração voluntária a agrupamentos recreativos, culturais e sociais. Além dessas funções, o autor destaca que os tempos de lazer proporcionam a aprendizagem, aquisição e integração, pois mobilizam uma diversidade de conhecimentos, modelos e valores da cultura, enquanto tempo de fruição.

4.2.1. A expectativa televisiva

A televisão tem ocupado uma parcela significativa do tempo livre dos indivíduos, atualmente está presente em 97% dos lares brasileiros³¹. Mesmo com a inserção da internet no cotidiano dos atores, assistir TV ainda é uma prática de lazer muito usual, muitas vezes ao mesmo tempo em que navegam na internet.

Nos tempos cotidianos, assistir televisão cumpre várias funções, como se observa no relato da professora Janine:

(...) o que eu mais faço no meu “tempo livre”, entre aspas, mas pode colocar as aspas bem grandes (risos) é assistir TV. Não que eu só goste de assistir TV, não é isso. Eu bem que gostaria de ir ao centro, de ver outras coisas, mas como? Se eu sair, a casa para, o trabalho não rende. Então, a TV, ela me descansa, eu não preciso sair de casa, eu ligo ela na sala e continuo fazendo meu trabalho, seja o da escola ou o doméstico, quando alguma coisa me chama a atenção eu paro e olho, depois volto a trabalhar. A gente aprende a trabalhar em casa com a TV ligada. Além disso, a TV é uma companhia, sabia? Às vezes ligo a TV na sala e vou fazer alguma coisa no quarto, dá uma sensação que tem alguém em casa conversando. Estranho, não? (risos) (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de dezembro de 2013).

Para Janine, e por suposto, para milhares de sujeitos, são várias as funções da televisão em suas casas, em suas vidas: descansar sem sair de casa; proporcionar a continuidade do trabalho, uma vez que o aparelho fica ligado na sala, e ela continua a trabalhar, seja com tarefas da escola ou da casa; informar, pois mesmo trabalhando, quando passa algo que lhe chama a atenção, ela para e ouve e/ou assiste, a depender de em que lugar da casa esteja. Além disso, a professora diz que lhe faz companhia, pois ela tem a sensação de que tem alguém em casa. No entanto, ressalta que ela gosta de outras coisas que são mais difíceis de poder fazer, enquanto a televisão está ali ao lado, basta apertar um botão.

Esse tipo de interação, na concepção de John Thompson (1995), é a *quase-interação mediada*, ou seja, um tipo de relação criada pelos meios de comunicação de massa, onde não há uma ligação direta entre os emissores e receptores das mensagens, por isso ele denomina de *quase-interação*. Segundo o autor, nesse tipo de interação os indivíduos assistem à programação do seu gosto, ou aquela considerada agradável naquele momento, ou ainda a que lhe chama a atenção por algum aspecto. Discutem, tecem comentários, mesmo que estejam

³¹Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística - IBOPE, em setembro de 2013, para compor a mostra de comemoração dos 70 anos da televisão brasileira.

sozinhos, dirigindo-se ao aparelho de televisão. Contudo, é claro, este não lhes responde, por esse motivo essa interação não é dialógica, mas monológica.

Passando à perspectiva de gênero, o comportamento de homens e mulheres frente à televisão é bastante distinto. A professora Telma nos conta que nas horas vagas ela costuma ver televisão, contudo sem uma programação pontual, pois está sempre a fazer outra coisa enquanto a TV está ligada. Como ela mesma diz, liga a TV e deixa passar, enquanto o seu marido senta confortavelmente no sofá e assiste literalmente toda a programação televisiva. Desse modo, mesmo quando o entretenimento é no interior do lar, a mulher é prejudicada, a suspensão do seu tempo livre ocorre frequentemente, por causa das responsabilidades que lhe foram impostas historicamente, como podemos observar nos relatos da referida professora e do professor Jonas, dentre outros:

(...) nas horas vagas eu vejo TV, só que não é sentar para assistir um programa inteiro, isso é muito raro. Eu ligo a TV e deixo passar, de vez em quando eu dou uma olhadinha, presto atenção em alguma coisa, sabe? Meu marido não, ele senta, se espalha no sofá e toma conta do controle remoto, enquanto isso eu estou no trabalho da casa, é cuidando de menino, e sentada à mesa preparando aula, fazendo tudo ao mesmo tempo. Ele também é professor, mas a responsabilidade dele é somente com o trabalho da escola, às vezes faz o trabalho da casa, algumas coisas, principalmente cozinhar no final de semana. Mas ele tem um tempo mais livre do que eu. Briga é no dia de jogo, você não tem ideia do que sejam as minhas quartas-feiras, a minha vontade é só voltar pra casa depois do jogo, é um saco ter que suportar quase duas horas daquele negócio (Entrevista concedida pela professora Telma, em 10 de dezembro de 2013).

Uma das coisas que eu mais gosto de fazer é ver televisão. Vejo tudo também, de desenho animado aos programas de madrugada. Isso no dia que tenho uma folguinha, o que não ocorre sempre. Agora sagrado é o futebol de quarta-feira, aí seja em casa ou no bar, não tem jeito. O problema é que tenho aula logo cedo na quinta, aí complica um pouco, não dá pra dar uma esticada depois do jogo. Dizem que TV deixa a pessoa alienada, mas eu não concordo não, acho que depende da pessoa (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 12 de setembro de 2013).

A TV, como instrumento de lazer, para a professora Telma, não é a sua primeira escolha, a sua atenção está voltada para o trabalho da casa, da escola, para o cuidado das/os filhas/os, de vez em quando ela para e “dá uma olhadinha”. Já no cotidiano do seu esposo, também professor, é atividade principal, pois existe um ritual específico e exclusivo: ele se espalha no sofá, se apropria do controle remoto e assiste à programação desejada. Além disso, compromete todas as quartas-feiras com as partidas de futebol, e sua mulher fica sem opção, como ela mesma declara: *“a minha vontade é só voltar pra casa depois do jogo, é um saco ter que suportar quase duas horas daquele negócio”*.

A relação entre a professora Telma e seu esposo evidencia que a desigualdade entre homens e mulheres não está somente nas relações de trabalho, mas também nos tempos livres, especialmente no que diz respeito às atividades de lazer, pois os homens têm sempre mais condições e tempos para diversão do que as mulheres. E em relação a assistir TV, podemos perceber a disposição do professor Jonas, quando declara que, quando pode, assiste a tudo, além de ter uma programação específica para os dias da semana, como é o caso do futebol. Por fim, questiona o poder de alienação proporcionado pela programação televisiva.

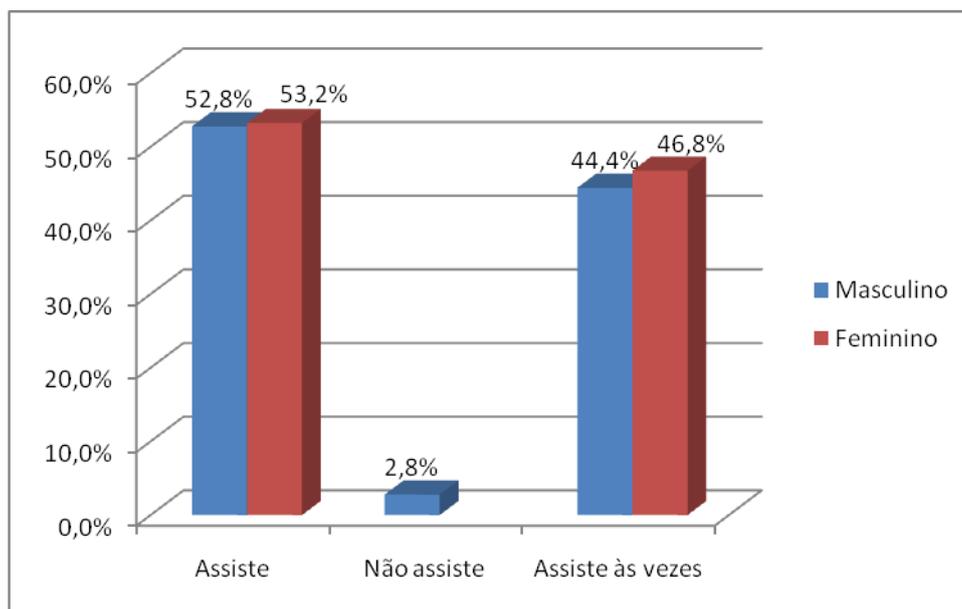
A televisão tem a função de diversão, informação, formação cultural, mas também de deformação em relação à consciência dos indivíduos, segundo Theodor Adorno (2009). O autor ressalta que isso não significa que devemos viver sem a televisão, mas que se faz necessário um olhar crítico diante da programação televisiva, ou seja, ver TV sem deixar se iludir, se persuadir e se subordinar às ideologias divulgadas. Para isso seria também necessário ensinar aos indivíduos a ver TV e a problematizar os seus programas. É certo que a TV contribui, de sobremaneira, para a condução equivocada da consciência dos espectadores, um problema quase irreversível, pois o uso em grande escala da televisão em todo o mundo vem aumentando paulatinamente, mesmo com o advento de outros meios tecnológicos de informação e entretenimento.

De uma parte, o espectador pode pensar de forma crítica os conceitos e informação divulgados, no intuito de adquirir um juízo independente e autônomo acerca da programação e da ideologia presentes na TV. Por outro lado, esta pode se consistir, pela sua existência, no único conteúdo da consciência, devido a sua fartura de programação, que crescentemente tem ocultado a realidade, ideologizado e espetacularizado a vida, reinventado as relações afetivas: amizade, amor, paixão, dentre outras, sem falar na imposição de valores, como se fossem dogmas positivos, ressalta Theodor Adorno (2009).

A televisão encontra-se nos tempos cotidianos docentes como uma das atividades de tempo livre mais recorrentes, contudo essa prática muitas vezes está vinculada à realização de outra atividade, principalmente pelas mulheres: elas assistem TV enquanto fazem as atividades domésticas, enquanto corrigem provas, dentre outras situações. É a experiência da simultaneidade de tempos: elas fazem uma coisa e outra.

Ainda no que se refere à expectativa televisão, constatamos na pesquisa que 98% dos sujeitos pesquisados, de ambos os sexos, assistem sempre ou às vezes. Também há 2,8% dos homens que não assistem a TV, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 46: Expectação televisiva - por sexo.



A pesquisa revela que tanto as professoras quanto os professores pesquisados/os costumam assistir à programação televisiva de forma quantitativamente equânime. Contudo, como já vimos nos relatos de alguns professores e professoras, as mulheres assistem TV geralmente vinculada a uma, duas ou mais atividades, enquanto os homens, em sua maioria, ficam vendo TV, exclusivamente. Dentre as/os pesquisadas/os, nenhuma mulher disse não assistir TV. Já entre os homens, 2,8% deles não assistem à televisão.

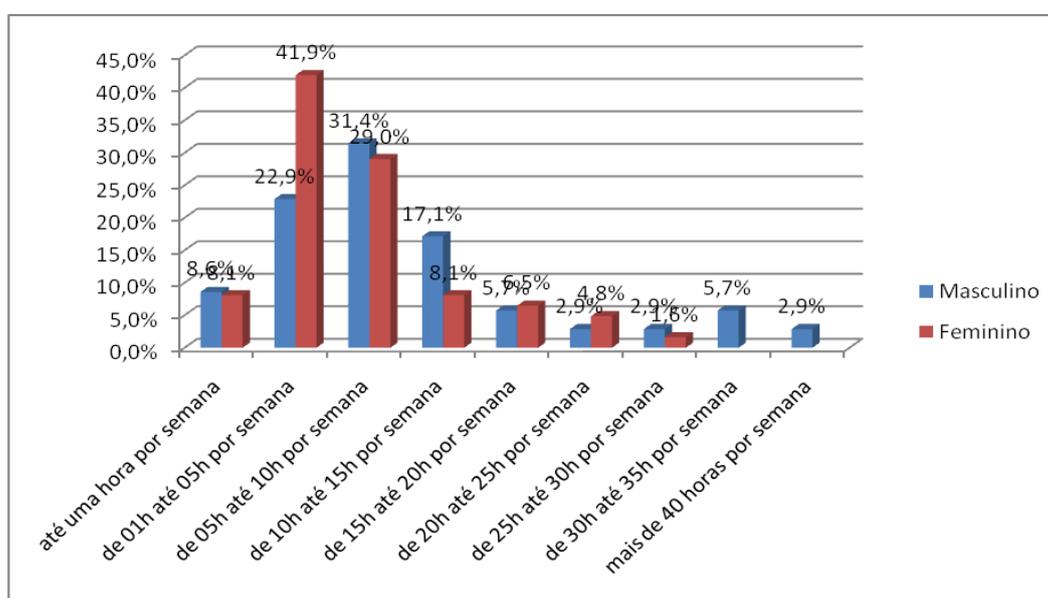
Em relação aos programas que costumam assistir, as respostas foram muito distintas: novelas, filmes, jornais, programas de reportagens e revistas eletrônicas, programas de auditório (Programa Mais Você, Balanço Geral, Casos de Família, Caldeirão do Huck, Domingão do Faustão, Esquentando, Raul Gil, Sílvio Santos e congêneres). Podemos observar, nas opções das/dos docentes pesquisadas/os, uma preponderância de programas da TV aberta, enquanto não houve nenhuma referência a programas da TV fechada. Há também uma escolha entre programas mais diários, noturnos e de finais de semana, exceto o Mais Você, que é um programa diário matutino, o qual foi citado por docentes que trabalham à tarde e à noite.

Durante a aplicação dos questionários, ouvimos relatos interessantes sobre essa prática de lazer. Um dos docentes disse que costuma ligar a TV para dormir, ou seja, às vezes chega cansado, liga o aparelho, programa para desligar e nem consegue assistir a um programa inteiro, dorme geralmente nos primeiros 30 minutos. Para outra, a TV é uma espécie de companhia; outros afirmam que da TV prioriza programas pontuais, já com horários definidos, pois

reconhecem uma pobreza na programação, especialmente nos finais de semana. Dessa maneira, além de estar muito presente nos tempos cotidianos das/os professoras/es da pesquisa, a função da TV na vida das/dos docentes pesquisadas/os é bastante diversa, como já vimos anteriormente nos relatos apresentados.

Ainda no que diz respeito à frequência em que assistem à programação televisiva, podemos perceber que ambos os sexos assistem à TV praticamente todos os dias, pelo menos alguns minutos por dia, como ilustra o gráfico a seguir:

Gráfico 47: Horas semanais dedicadas à expectativa televisiva - por sexo.



Podemos observar no gráfico que as professoras pesquisadas dedicam mais horas à expectativa televisiva do que os professores. Contudo, vale ressaltar, como já foi relatado por muitas professoras, que a TV fica ligada enquanto elas fazem o trabalho da casa: cozinham, lavam, limpam e assistem fragmentos da programação que está no ar. Poucas são as vezes que elas se sentam exclusivamente para assistir a algo. Ao contrário dos homens, que possuem programação específica para assistir durante a semana: os programas esportivos, jornais, novelas, programas de auditório, dentre outros citados por eles.

4.2.2. Práticas de leitura: trabalho, entretenimento, prazer, ausência

Devido à quantidade de aula para preparar, à ampliação das jornadas de muitas/os professoras e professores da Educação Básica e ao cansaço promovido pela intensificação do

trabalho na escola e fora dela, a leitura é mais uma obrigação do que uma satisfação na experiência dos tempos cotidianos docentes, como ressalta o professor Márcio. Ler também é trabalho, quando esse ato de ler se constitui condição *sine qua non* para o exercício da docência. Márcio narra:

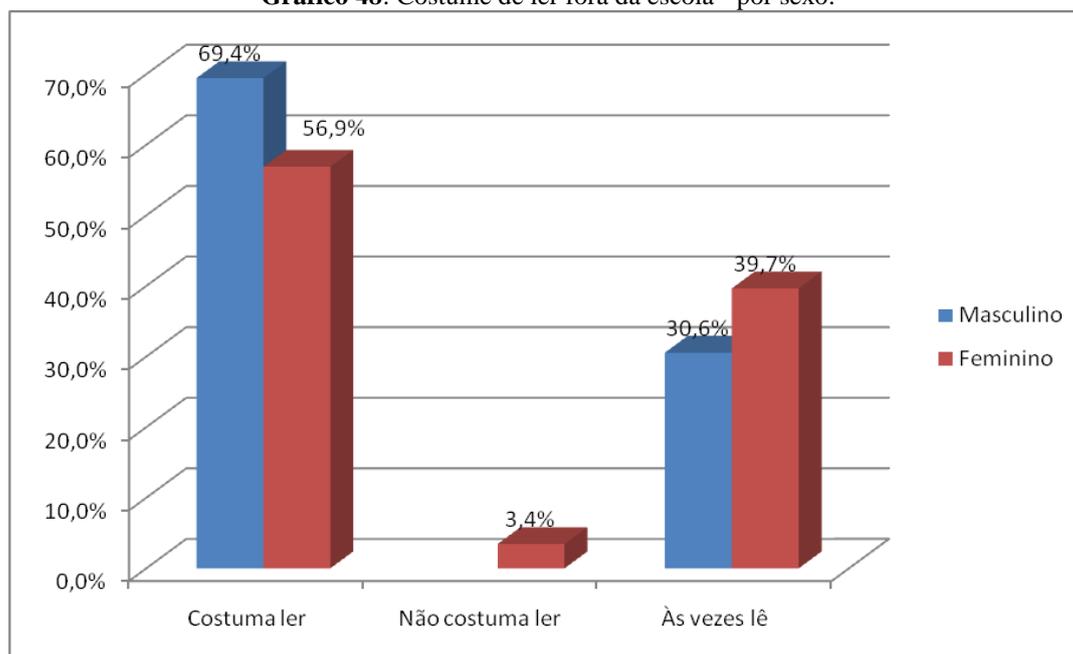
Eu não tenho tempo pra ler nada. Eu não sei nem quando foi que eu li um romance, uma poesia, sabe? Mas veja só, como é que eu vou ler se eu tenho que preparar aula para oito turmas do município e quatro do estado? É humanamente impossível, só dá pra ler os assuntos da disciplina mesmo. Não que eu queira, a nossa profissão exige leitura, mas a gente fica bitolado só na leitura da nossa matéria e isso é péssimo (Professor Márcio, mensagem pela internet, em 10 de agosto de 2013).

E da mesma forma que concerne a outras atividades, também no aspecto da prática de leitura, o grupo de professoras/es não é homogêneo. Existem comportamentos diferentes em relação à ocupação do tempo livre com leitura.

Quando falávamos sobre as atividades de lazer, o professor Xavier, quando participava do Grupo Focal, surpreendeu às/aos professoras e professores presentes com a seguinte declaração: “*No meu tempo livre, a leitura é minha diversão*”. Para além da declaração, o professor completou que se diverte enquanto lê. Não somente romance, poesia, contos lhe dão prazer, mas também as leituras para sua formação em Matemática, as leituras para preparar suas aulas, construir os recursos didáticos que costuma usar na sala de aula e mais. Segundo o professor, ele ocupa boa parte do seu tempo livre com leituras diversas. O relato do professor Xavier nos faz lembrar Theodor Adorno (2009), quando diz que, no tempo livre, o indivíduo deve escolher fazer aquilo que lhe satisfaça plenamente, sem a pressão e controle exógeno. Desse modo, não importa se as leituras vão ser aproveitadas no trabalho principal, nos cursos de formação, o que importa é que os sujeitos não estão sendo obrigados a fazer aquilo, não irão prestar conta do que leem.

No que diz respeito ao hábito de ler das professoras e professores pesquisadas/os, a pesquisa revelou que os homens ocupam mais os seus tempos livres com leitura que as mulheres, ou seja, enquanto todos os professores pesquisados leem ou às vezes leem em seus tempos livres, 3,4% das professoras pesquisadas não conseguem ler em seus tempos livres fora da escola, conforme ilustra o gráfico:

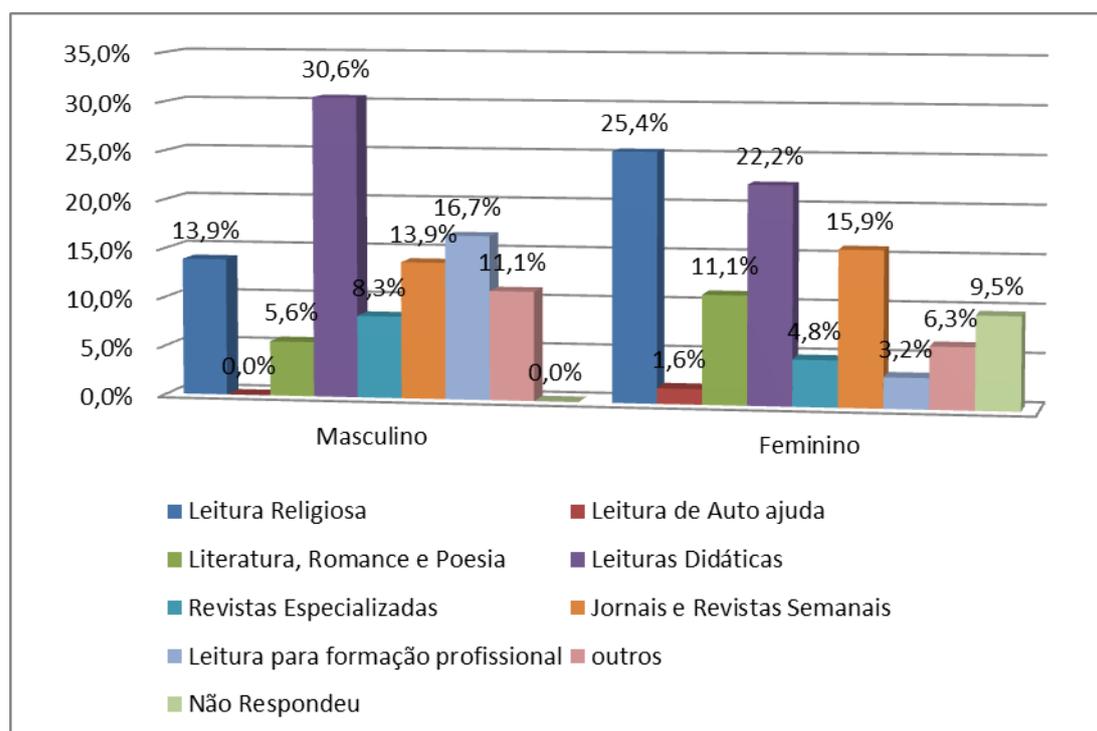
Gráfico 48: Costume de ler fora da escola - por sexo.



A pesquisa evidencia que os homens leem mais do que as mulheres, e as razões não deixam de ser as mesmas já discutidas ao longo desta tese, isto é, enquanto as mulheres, em sua maioria, estão ocupadas com o trabalho da casa, a maioria dos homens, por sua vez, mesmo que desenvolvam qualquer tarefa doméstica, encontra-se livre para atividades mais compensativas, dentre elas a leitura. As mulheres são mais vulneráveis e submetidas à pressão do tempo, sua rítmica no cotidiano familiar não é apenas uma questão de volume de horas para as tarefas, mas de relações, expectativas, envolvimento a serem apreendidos em seu contexto social, cobranças por parte dos membros da família e de si mesmas. Desse modo, o trabalho reprodutivo ocupa o seu tempo livre de tal forma, que sobra apenas uma pequena porção de tempo para todas as outras coisas.

Perguntados sobre os gêneros de leitura mais apreciados, escolhidos pelos sujeitos pesquisados ou impostos a eles, as/os colegas citaram: a bíblia, revistas e livros religiosos, livros de autoajuda, textos para formação acadêmico-profissional, jornais e revistas em geral, livros didáticos, livros diversos. Além desses, também foram citados livros para concurso, de receitas, sobre informática, hipertextos, dentre outros. Desse modo, constatamos com a pesquisa que as leituras realizadas pelas professoras e professores pesquisadas/os estão voltadas muito mais para sua formação profissional, para a preparação das suas aulas, para a informação acerca de acontecimentos nacionais e regionais, para a fundamentação religiosa, do que para o entretenimento, conforme gráfico a seguir:

Gráfico 49: Gêneros de leitura apreciados – por sexo



Podemos observar no gráfico que os docentes pesquisados têm uma tendência maior a fazer leituras didáticas, para formação acadêmico profissional. Também leem jornais e revistas semanais, que empatam em percentual com leituras religiosas. Já as docentes pesquisadas tendem a fazer em primeiro lugar leituras religiosas, depois leituras didáticas, seguidas de jornais e revistas e literatura, especialmente romances.

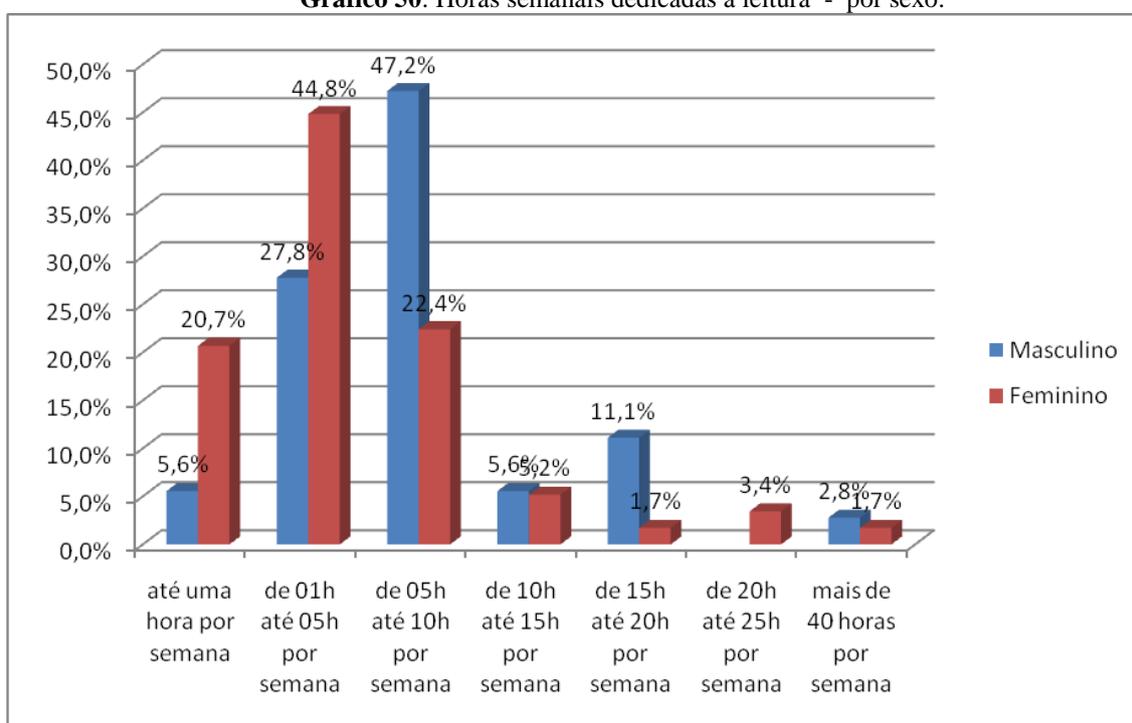
Não podemos deixar de ressaltar que a quantidade de atividades que essas/es docentes levam da escola para casa, bem como as fichas, relatórios e demais instrumentos de burocratização herdados da tradição escolar, fazem com que professoras e professores, especialmente da Educação Básica, fiquem restritos em leituras, como acrescentou o professor Márcio, em seu relato. Ademais, por trabalhar 40 ou 60 horas semanais na escola, afora os trabalhos da casa, é humanamente impossível dedicar-se a leituras desvinculadas do trabalho.

Afora esse aspecto, há processos e mesmo estruturas sociais mais gerais que auxiliam na compreensão das práticas culturais das/dos professoras/es, a saber: as políticas públicas de cultura, de leitura, historicamente ausentes no Brasil; os baixos índices de analfabetismo no país, com a alfabetização das mulheres se dando depois e em menor quantidade do que a dos homens; os períodos de tempo dedicados a assistir televisão, e outros fatores que configuram

os índices de leitura que encontramos, mesmo em se tratando de um grupo de trabalhadoras/es da cultura, as/os docentes.

Em se tratando da frequência em que essa prática de leitura ocorre nos tempos livres das professoras e professores pesquisadas/os, constatamos que, de um modo geral, 5,6% dos homens e 20,7% das mulheres pesquisadas leem menos de uma hora por semana. Já a maioria das docentes (67%) e dos docentes (75%) leem entre 01 e 10 horas por semana, sendo que os homens apresentam uma diferença de 08 pontos percentuais entre homens e mulheres. As/os demais costumam ler mais que 10 horas, em média, por semana, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 50: Horas semanais dedicadas à leitura - por sexo.



4.2.3. Prática de assistir a filmes: *A gente assiste filme em casa e leva as crianças ao cinema*

Assistir a filmes é uma das atividades mais comuns entre as/os docentes pesquisadas/os, contudo isso ocorre mais em casa, seja através da programação televisiva ou do DVD. Ir ao cinema é um programa não tão comum entre as professoras e professores pesquisadas/os, pois além da dificuldade de deslocamento até o centro da cidade, levando em consideração que a maioria delas/les mora nos bairros e distritos, os filmes não agradam muito. Desse

modo, ir ao cinema é uma programação para as primeiras sessões, ou seja, para levar as crianças para comer pipoca e assistir aos filmes infantis, como ressalta a professora Janine:

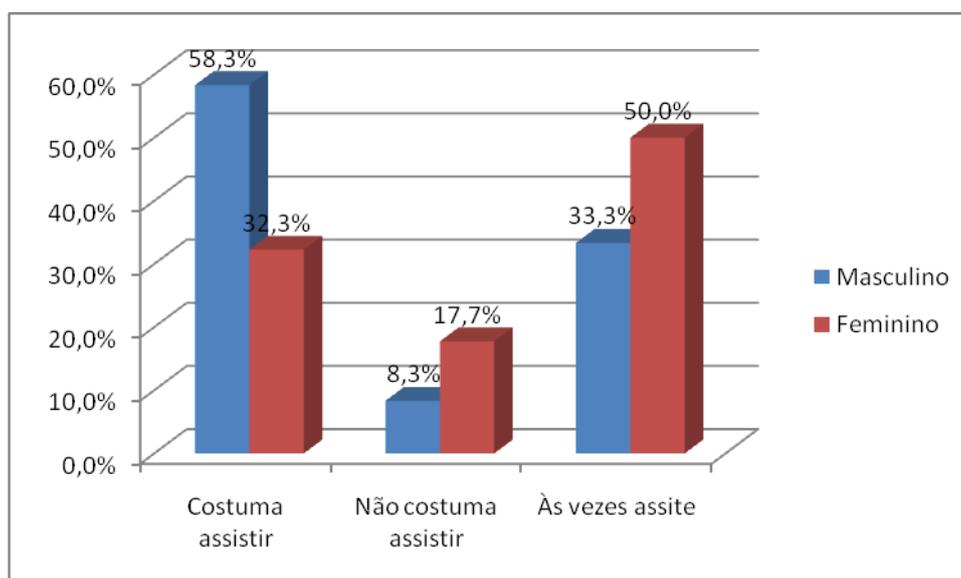
Outro dia eu falava com uma colega: antes a gente reclamava, porque aqui não tinha cinema, agora tem cinema e a gente não vai. Daqui a pouco vão tirar a sala daqui. E mais, a gente reclama porque só tem filme pra criança, ué, mas se o publico maior é o infantil? A gente assiste aos filmes em casa e leva as crianças ao cinema. (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de setembro de 2013).

Há também docentes entre as/os pesquisadas/os que programam pelo menos um dia no mês para ir ao cinema, assim como para assistir a um filme em casa, como é o caso do professor Flávio e outros mais:

(...) vou com minha esposa, a gente vai ao cinema quando tem um filme novo, a gente vai uma vez no mês, e a diversão da gente é mais nós dois em casa mesmo. A gente loca um filme, assiste a um filme, aí depois a gente sai e vai à casa dos parentes, vai à casa de um amigo, vai à casa de outro, mas nada de uma coisa agendada pra acontecer (Professor Flavio, Grupo Focal nº 01, 30 de abril de 2013).

Em relação à ocupação do tempo livre com filmes, podemos observar no gráfico abaixo que as/os docentes costumam assistir a filmes, entretanto esta é uma prática mais dos homens que das mulheres, pois quando se trata de assistir com maior frequência, o percentual de professores é maior do que o de professoras, conforme demonstrado no gráfico abaixo:

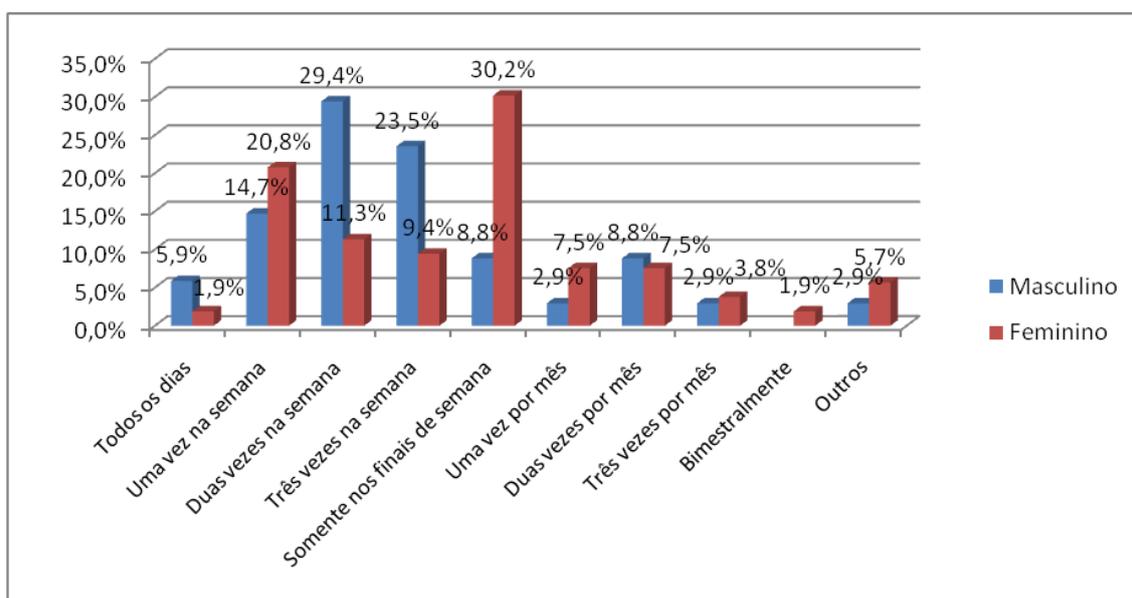
Gráfico 51: Costume de assistir a filmes - por sexo.



Em outras palavras, a pesquisa revela que, dentre as/os professoras/es pesquisadas/os, 91,6% dos homens costumam assistir a filmes nos seus tempos livres, enquanto 82% das mulheres têm a mesma prática. Mesmo sendo uma atividade que se desenvolve, muitas vezes, no interior da casa, a mulher é privada desse direito, devido aos trabalhos para reprodução social e atividades relacionadas à docência, que ela desenvolve fora da escola. Tal fato tornou-se mais evidente quando analisamos o percentual daqueles que não assistem a filmes, nem no cinema, nem em casa, o equivalente a 8,3% dos professores e 17,7% das professoras pesquisadas.

Em relação à frequência com que essa prática ocorre, constatamos que há uma variabilidade na ocupação dos tempos livres com os filmes, sendo que os professores os assistem mais vezes por semana do que as professoras, as quais, geralmente, dedicam a essa prática mais nos finais de semana.

Gráfico 52: Horas dedicadas para assistir a filmes - por sexo.

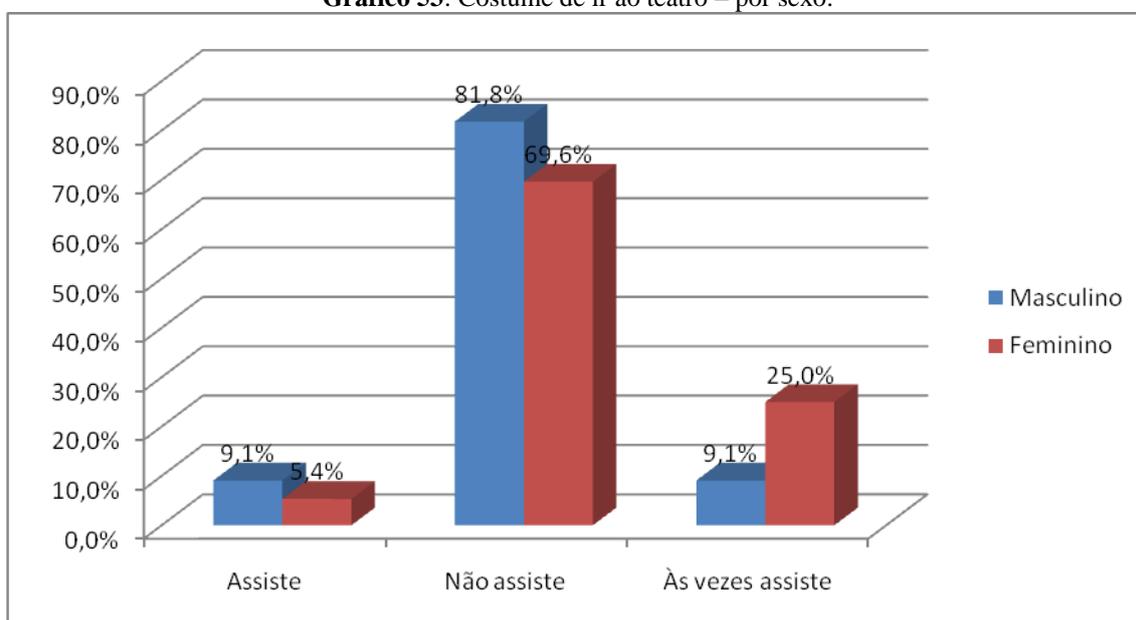


Podemos observar que há uma distribuição desigual entre as/os docentes, sendo que as professoras pesquisadas assistem aos filmes duas ou três vezes na semana e nos finais de semana, enquanto os professores assistem com mais frequência. Detalhando mais, durante a semana os homens assistem mais a filmes do que as mulheres, nos finais de semana elas assistem mais do que eles. Quando a frequência alterna para uma vez no mês ou bimestralmente, as mulheres superam os percentuais masculinos.

4.2.4. Frequência ao teatro

O teatro é uma atividade mais rara ou menos escolhida para o lazer do grupo de docentes da pesquisa, inclusive porque a maioria delas/es mora na periferia, distante do centro cerca de seis quilômetros. Além disso, a programação dos espetáculos geralmente é planejada para o meio da semana, porque depende da agenda das companhias de teatro ou da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Assim, a participação das professoras e professores nos espetáculos, de um modo geral, é muito baixa, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 53: Costume de ir ao teatro – por sexo.



Somente 18,2% do grupo de professores pesquisado assistem com frequência e/ou esporadicamente aos espetáculos teatrais, enquanto 30,4% das professoras o fazem, ainda que precisem conciliar essa atividade aos diversos trabalhos que desenvolvem em casa. Constatase, também, um percentual altíssimo de docentes que não frequenta teatro, o equivalente a 81,8% dos homens e 69,6% das mulheres pesquisados/as. Há, ainda, o caso específico do professor Jonas, como ele mesmo relata, provocando surpresa em seus colegas. Ele diz:

(...) Me falaram que está em cartaz uma peça de teatro, uma comédia de um grupo de Salvador no teatro de Porto Seguro. Ai eu perguntei: *Onde fica o teatro de Porto Seguro?* Meus colegas deram risadas, mas na verdade, eu não sabia que o teatro era no Centro de Cultura, sempre chamo aquilo lá de auditório do Centro de Cultura, nem me liguei. Também, eu moro aqui em cima, trabalho aqui em cima, sou vou ao centro a negócio, nunca iria saber

desse teatro (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 10 de agosto de 2013).

Também merece destaque o relato do professor Adilson, que mesmo morando distante da casa de espetáculo, tem conhecimento da programação cultural do Centro de Cultura. Contudo, o cansaço, as responsabilidades em preparar as aulas para o próximo turno de trabalho, não propiciam aos/às docentes condições físicas e psíquicas para irem aos espetáculos cênicos. Ele narra:

(...) preciso ir mais ao Centro de Cultura, no Centro de Cultura eu fui somente algumas vezes ver uma exposição de arte que teve. Agora, assim, questão de teatro, que eu gosto de teatro, mas praticamente eu nunca assisti nada de teatro no Centro de Cultura. (...) Então o Centro de Cultura de Porto Seguro é um espaço que... é um espaço interessante. Quem gosta de balé, faz balé; quem gosta de capoeira, faz capoeira, se você gosta de fotografia, você faz o curso de fotografia. Aí tem os espetáculos que você paga bem baratinho, mas mesmo assim eu não tenho conseguido ir ao Centro de Cultura, porque às vezes é à noite, é um pouco cansativo, às vezes você já tá cansado, mesmo sendo final de semana (Professor Adilson, Grupo Focal nº. 06, em 30 de maio de 2013).

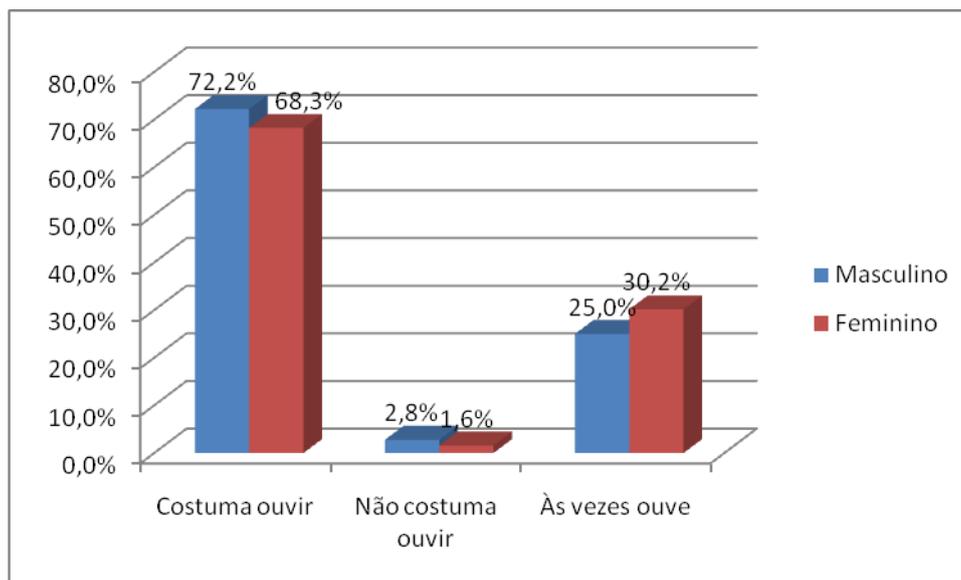
Essa ausência das professoras e professores nos espetáculos de teatro, advém de alguns motivos, apresentados por elas/es: primeiro, pela distância entre a casa de shows, que está no centro da cidade, e a periferia e distritos, onde mora a maioria das/dos docentes pesquisados; segundo, porque não se desenvolveu o gosto pelas artes cênicas, a inserção do teatro na cidade é muito nova; terceiro, por falta de divulgação da programação em toda a cidade. Por fim, porque os espetáculos ocorrem de segunda a sábado, período em que mais se concentram as atividades docentes na escola e em casa.

4.2.5. A música

Ouvir música nos tempos livres é uma prática recorrente das professoras e professores pesquisadas/os. Alguns têm um gosto específico, outros ouvem todos os estilos musicais, como afirma o professor Daniel. O importante é que a maioria ouve algum tipo de música durante o dia.

Em relação ao percentual das/os docentes que costumam ouvir música nos tempos livres, o gráfico a seguir contém indicativos:

Gráfico 54: Costume de ouvir música – por sexo



Estes índices revelam que somente 2,8% dos docentes e 1,6% das docentes pesquisados/as não costuma ouvir música nos tempos livres, havendo um equilíbrio entre os percentuais entre homens e mulheres nesse quesito, diferentemente de outros. Este dado pode ser explicado, possivelmente, pelo fato de que no tempo em que ficam em casa, fazendo o trabalho doméstico, planejamento ou cuidando de si e de outros, as professoras costumam deixar a TV ligada numa programação do seu gosto ou com shows em DVD ou CDs, com suas músicas favoritas. Ou então, como diz a professora Janine, uma canção que combine com o momento:

Ah, eu gosto de ouvir música. Ouço demais! Ouço mais quando estou fazendo os trabalhos de casa, aí eu coloco um DVD pra passar, sabe? Um show de axé, de pagode, que é pra eu entrar no clima. Aí eu vou limpando no ritmo da música. Quando eu vou estudar, planejar, dormir, aí eu gosto de uma musiquinha mais leve, mais baixa, mais suave. Aí, quando eu tiro pra comer algo, pode tocar tudo porque eu não me importo (risos) (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de setembro de 2013).

Eu ouço música todos os dias. Acho que eu não vivo sem a música. Quando eu estou trabalhando em casa, corrigindo provas ou preparando aulas, eu gosto de ouvir música clássica; se eu estou fazendo os afazeres domésticos, aí eu sempre boto uma música mais agitadinha. Agora se eu estou tensa, nervosa, aí eu ouço música religiosa. Ah, eu me sinto muito bem (Luz, notas de campo, 06 de junho de 2013).

As professoras Janine e Luz têm modos de apreciar a música muito semelhantes, mas os gostos musicais são diferentes. Ambas ouvem música quando trabalham, contudo a profes-

sora Luz ouve musica religiosa quando está tensa, nervosa, e música clássica para trabalhar. Desse modo, a música, nos relatos dos sujeitos, tem função diferente na vida de cada um, bem como cada momento pede um tipo de música diferente, como ressalta as professoras Janine e Luz.

As professoras Flávia e Alice corroboram o pensamento das professoras citadas acima, e revelam outras funções da música em suas vidas:

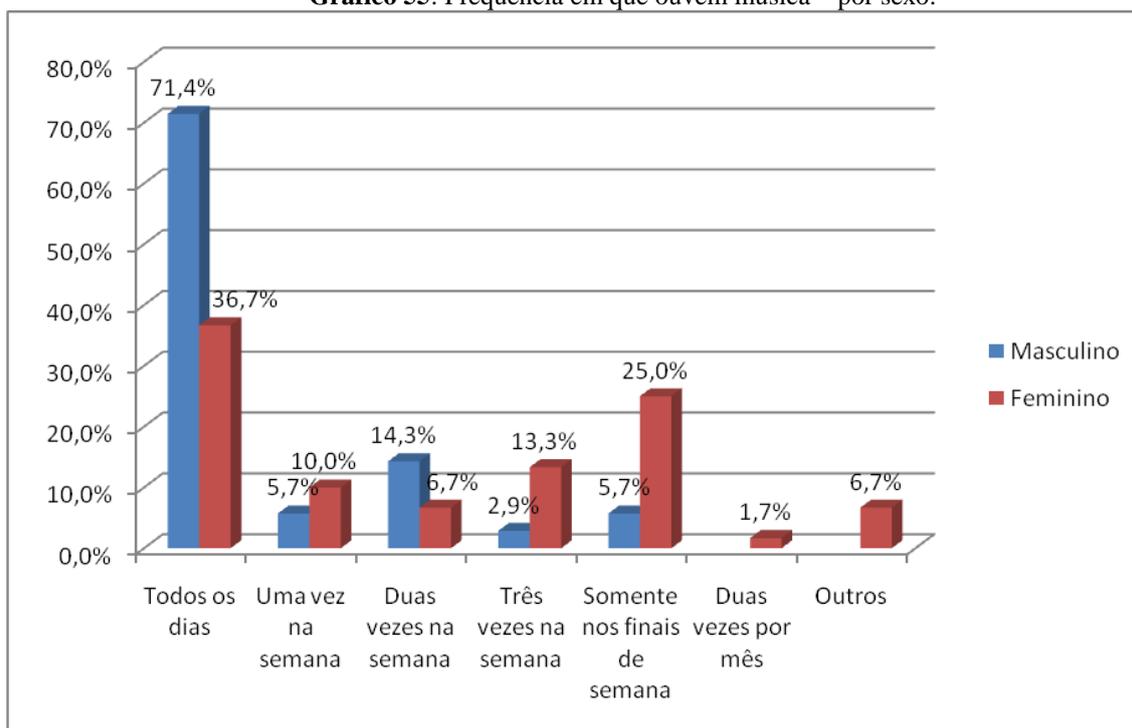
Para me divertir eu gosto de dançar. Sempre que posso vou ao Bombordo, a show ou algum barzinho que tenha música, é claro para descontrair tomando uma gelada. Amo ouvir uma boa música. A música melhora o meu humor (Professora Flávia, mensagem pela internet, em 07 de fevereiro de 2013).

(...) Bem, fui para casa de uma amiga ouvir música e tomar uma gelada, com um novo amigo e, no cardápio, feijoada e risoto de frango. Conversamos até as 4 da manhã e depois fui para casa dormir. No sábado fui para casa de um amigo conversar e comer pizza, ouvindo música, é claro! (kkkkkkkkk !!!!!) (Professora Alice, mensagem pela internet, em 25 de março de 2013).

Podemos observar que as professoras Alice e Flavia gostam de música para dançar e para ouvir sossegadamente, nos bares de Porto Seguro, onde geralmente ocorrem shows de artistas locais com violão, sax, voz e percussão. Ouvir música em casa de amigos, enquanto prepara jantar ou almoço, também é um relato comum entre as/os pesquisadas/os, como destaca a professora Alice. A principal função da música para as professoras é espairecer, melhorar o humor, sentir-se bem.

Quanto à frequência em que as professoras e professores ouvem música, constatamos que há uma disparidade entre as práticas dos homens e das mulheres pesquisados/as, pois enquanto mais de 70% dos docentes ouvem música todos os dias, apenas 36% das docentes têm a mesma prática. Nos finais de semana, a frequência das mulheres aumenta, pois enquanto 5,7% deles ouvem música, 25% delas o fazem.

Gráfico 55: Frequência em que ouvem música – por sexo.



Os relatos das professoras, sobre suas práticas musicais, nos revelaram que elas ouvem música muito mais quando estão trabalhando em casa do que por apreciação. Esse fato está associado ao aumento da frequência no final de semana, já que nesses tempos se intensificam o trabalho da casa e da escola. As docentes ouvem música e fazem outra atividade, simultaneamente, nunca ligam o aparelho e sentam para ouvir música, especificamente: ouvem música e lavam ou passam roupa, fazem o almoço, cuidam das crianças, fazem exercícios físicos, dentre outros. Essa prática constitui uma estratégia para, em uma mesma fração de tempo, fazer duas coisas, já que vivenciam tempos escassos, fluidos e, sobretudo, tempos concomitantes.

Além das músicas escolhidas pelas professoras e professores pesquisadas/os, cotidianamente, tanto no centro da cidade como na periferia, as/os docentes são praticamente obrigadas/os a ouvirem estilos musicais massificados, tanto nos bares quanto em algumas barracas de praia, ritmos considerados apropriados para dançar, já com coreografias específicas, como comentam as professoras Dulce e Anita e o professor Adilson:

Professor Adilson: (...) A gente cansa de ouvir essas músicas cinquenta, trezentas vezes por dia, então... (Anita interrompe)

Professora Anita: Axé?

Professor Adilson: Quando é axé ainda vai, e quando é aquelas lá... As outras: batidão do arrocha, pegadinha, sei lá o quê. Eu que moro ali em frente a

um bar, ao lado da casa da sua irmã, tem dia ali que você ouve a mesma música trezentas vezes.

Professora Dulce: No nosso bairro, né? Não tem assim, um lugar interessante pra gente ir, levar a família, só esses bares que, como o colega falou, tocam essas músicas que cansam o ouvido mesmo, né?

Professora Anita: Que você tá cansado de ouvir, né?

Professora Dulce: É.

Professor Adilson: Pode ser interessante pro turista, né? Tudo é festa. E depois ele ainda generaliza: “*Na Bahia só ouve isso, só tem isso.*” Eu prefiro lugares mais sossegados, tem uns cantos que tocam MPB na praia, aí toca aquelas músicas mais sossegadas (**Grupo Focal n.º 06, em 30 de maio de 2013**).

Do mesmo modo que a música entra na casa das professoras e professores pesquisadas/os com a função de aliviar, melhorar o humor, divertir, descansar, dentre outras, como visto nos relatos das/os docentes, ela pode, também, cansar os ouvidos. A repetição das músicas que têm no máximo três frases que se repetem por mais de três minutos, é desagradável para alguns e agradável para outros. Embora não se possa generalizar, pois em Porto Seguro também há lugares em que se pode ouvir outros estilos musicais, as músicas que mais tocam são aquelas que favorecem a coreografia, porque têm um público que gosta de dançar, que chega à cidade à procura dessas músicas, quiçá não se interessando pela letra, mas pelo ritmo.

4.2.6. Ir à praia: “*só com tempo financeiro*”

Porto Seguro é uma das cidades mais privilegiadas da Bahia. São aproximadamente 90 quilômetros de praias de águas azul-esverdeadas, limpas, calmas. Além dessa extensão, segue até Santa Cruz Cabrália, com aproximadamente 25 quilômetros de praias, que são visitadas durante o ano inteiro, por diversas pessoas do Brasil e do mundo. As praias contam com barracas de pequeno e grande porte, compostas por bares, restaurantes e infraestrutura adequada para os visitantes. Tendo um manancial desse à disposição, imagina-se que os seus moradores desfrutam diariamente desse potencial, contudo não é o que ocorre nos tempos cotidianos docentes, como declara a professora Lucy. Para ir à praia precisa-se de dinheiro, não só para o deslocamento, mas principalmente para o consumo, pois do mesmo modo que tem uma infraestrutura invejável, também tem custos altíssimos para utilizá-la, considerando os níveis salariais dos professores da Educação Básica.

Ir à praia, para os indivíduos que moram no litoral, deveria ser uma das atividades mais banais na experiência dos seus tempos cotidianos, pois a própria natureza já oferece tudo que é possível para esse passeio, como sol e sombra, areia e água em abundância. Desse modo, caberia aos atores apenas se queimar naturalmente ao sol. Contudo, na expressão de The-

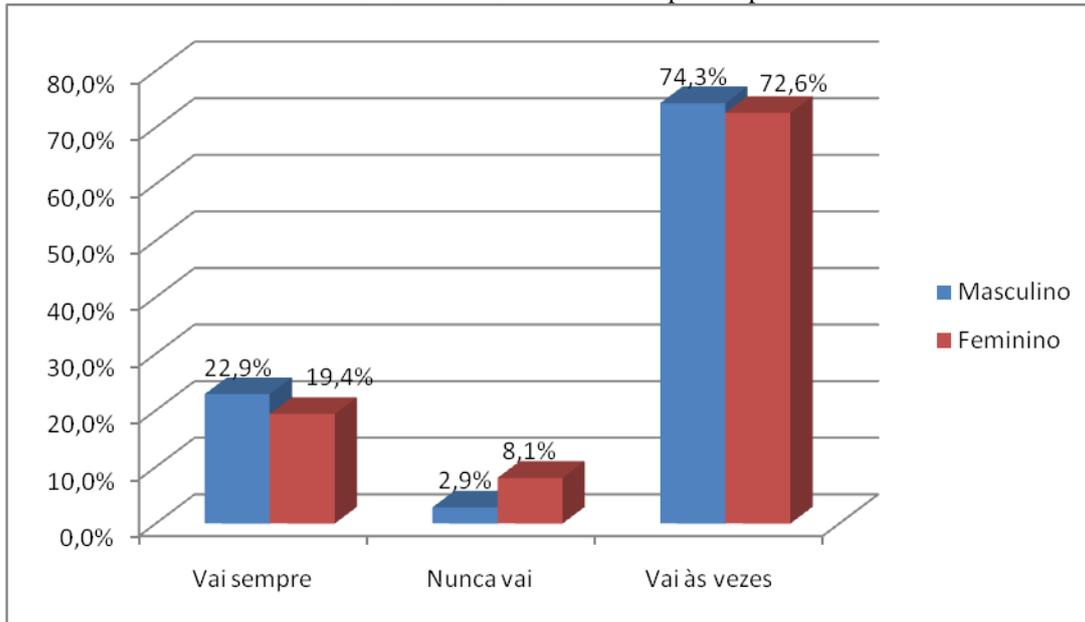
odor Adorno (2009), queimar ao sol se transformou em um fetiche, ou seja, na consciência das pessoas não basta apenas ir à praia, mas usar a estrutura dos negócios de lazer. Não queimar a pele, naturalmente, como os nativos, mas bronzear-se com produtos da indústria de cosméticos, aqueles que aparecem em propagandas avassaladoras como imprescindíveis em um dia na praia.

O autor salienta, ainda, que retornar de férias e/ou de um final de semana sem estar com a pele bronzeada, pode ser a causa de espanto para os indivíduos que esperam o retorno, ou seja, ainda temos de conviver com controles sociais suplementares. Sem falar que o caráter fetichista da mercadoria faz com que o bronzeado torne-se um fim em si mesmo, ao ponto dos indivíduos não irem à praia com o tempo frio ou nublado. É necessário um tempo específico para a praia, que favoreça o bronzeado, vez que o mercado atribuiu à pele bronzeada, um motivo para o flerte, um atrativo erótico. Desse modo, praia sem bronzeamento não é praia, para a maioria da população.

Além do favorecimento da indústria de cosméticos, também aumentou o faturamento das empresas de alimentos e bebidas. No caso de Porto Seguro, espalharam-se pelas praias, especialmente no litoral norte, uma extensão de barracas que são verdadeiros centros de lazer, compostas por bares, restaurantes, pistas de dança, nas mais comuns e, também, heliporto, aeroclubes, quadras de futsal, tênis e demais atrativos de lazer, naquelas mais sofisticadas. Quanto mais sofisticada for a barraca, mais cara é a permanência no lugar. Sendo assim, “o tempo financeiro”, no dizer da professora Lucy, é imprescindível.

Nesse contexto, o maior centro de lazer e de ocupação do tempo livre em Porto Seguro é a praia, contudo ela não está tão disponível para os moradores da cidade, como deveria estar. Perguntamos às professoras e professores pesquisadas/os se tinham costume de ir à praia, e obtivemos as respostas registradas no gráfico a seguir:

Gráfico 56: Costume de ir à praia – por sexo



A partir da leitura do gráfico acima, pode-se concluir que as professoras e os professores pesquisadas/os, mesmo tendo a sua disposição mais de 80 km de extensão de praia que rodeia a cidade, não costumam ir à praia sempre, mas eventualmente. As mulheres, professoras, devido a um conjunto de fatores, vão menos à praia dos que os homens. Elas têm escassez de tempo para o lazer, pois trabalham efetivamente de segunda a sábado, em dois ou três turnos na escola, e ainda assumem, praticamente sozinhas, o trabalho da casa. O segundo fator seria o preço que se paga pelo lazer na orla, o qual é exorbitante frente a seus salários. Levando em consideração que mais de 80% das professoras têm filhas/os, o valor da permanência na praia seria muito alto para elas. O terceiro fator explicativo é que, no período de férias, quando elas dispõem de tempo livre do trabalho remunerado e um pouco de “tempo financeiro”, devido ao recebimento de férias e décimo terceiro salário, a cidade está sempre cheia e com preços mais elevados, conforme relatam a professora Telma e o professor Adilson:

As praias de Porto são lindas, mas não são para os nativos e moradores. Às vezes eu me empolgo toda para ir à praia, aí eu paro para fazer as contas: somos três pessoas, eu e minhas duas filhas; só de passagem ida e volta, aí vão R\$ 15,00. Lá, se formos almoçar, serão no mínimo entre R\$ 45,00 e R\$ 60,00. Aí vem um picolé, um doce, um queijo assado, um refrigerante, umas cervejas, que ninguém é de ferro, a conta vai para aproximadamente R\$ 100,00. Isso não cabe no meu orçamento, já pensou se eu repito um programa desses, duas, três vezes no mês? (Entrevista concedida pela professora Telma, 20 de outubro de 2013).

Eu gosto muito de ir à praia, eu não passo um mês sem ir à praia, eu gosto de ir à praia pra andar, passear, conversar. Barraca ultimamente eu não tenho ido mais não. Pra você ficar em barraca, você gasta muito dinheiro, você não vai pra não gastar ali, numa sentada R\$ 150, então se você gosta muito de ir à praia, você vai quatro vezes ao mês, você tá... você tá frito, né? É que eu gosto muito de ir à praia, né? (Professor Adilson, Grupo Focal nº 06, em 30 de maio de 2013).

É possível supor que estes e outros motivos apresentados no relato, justifiquem o fato de que dentre as/os docentes pesquisadas/os, há aquelas/es que não vão à praia, um percentual equivalente a 8,1% das mulheres e 2,9% dos homens pesquisados/as, que permanecem em casa ou fazem outras atividades de tempo livre. Trata-se de percentuais pequenos, mínimos para o caso das/os professoras/es, mas que ainda assim têm uma expressão, considerando que Porto Seguro é uma das regiões litorâneas de referência no Brasil. Viver no litoral pode ser um dos maiores desejos dos indivíduos, mas viver no litoral não significa aproveitar o litoral, como expressa o professor Edy: “*o incrível é que a gente tem uma praia aqui do lado, e no meu caso, às vezes eu vou uma, duas vezes por ano. É incrível, né?*” (Professor Edy, Grupo Focal nº 01, 30 de abril de 2013).

Do mesmo modo, a professora Anita, por exemplo, reflete sobre sua situação, em relação à praia, percebe o quanto não aproveita as belezas naturais que são visitadas por pessoas do Brasil inteiro, enquanto ela mora ao lado. Mais uma vez retoma o testemunho de tantas/os outras/os docentes: *às vezes tem tempo mas não tem dinheiro; outras vezes tem dinheiro mas não tem tempo*, sem falar na chuva e em outros problemas:

(...) eu passo dois, três meses sem ir à praia, aí eu falo: Meu Deus do céu! Pessoas do mundo inteiro vêm pra Porto Seguro, por causa dessas belezas naturais, e eu não vou. Às vezes no verão eu vou mais, às vezes até sozinha, coloco um livro na mochila, na bolsa e me mando pra praia (...). Eu gostaria de ir mais, mas, só que às vezes, a gente tem tempo e não tem dinheiro, e às vezes a gente tem dinheiro, mas não tem tempo, ou tá chovendo, não dá pra ir, tem outros problemas, então, eu não vou mais por causa disso (Professora Anita, Grupo Focal nº. 06, em 30 de maio de 2013).

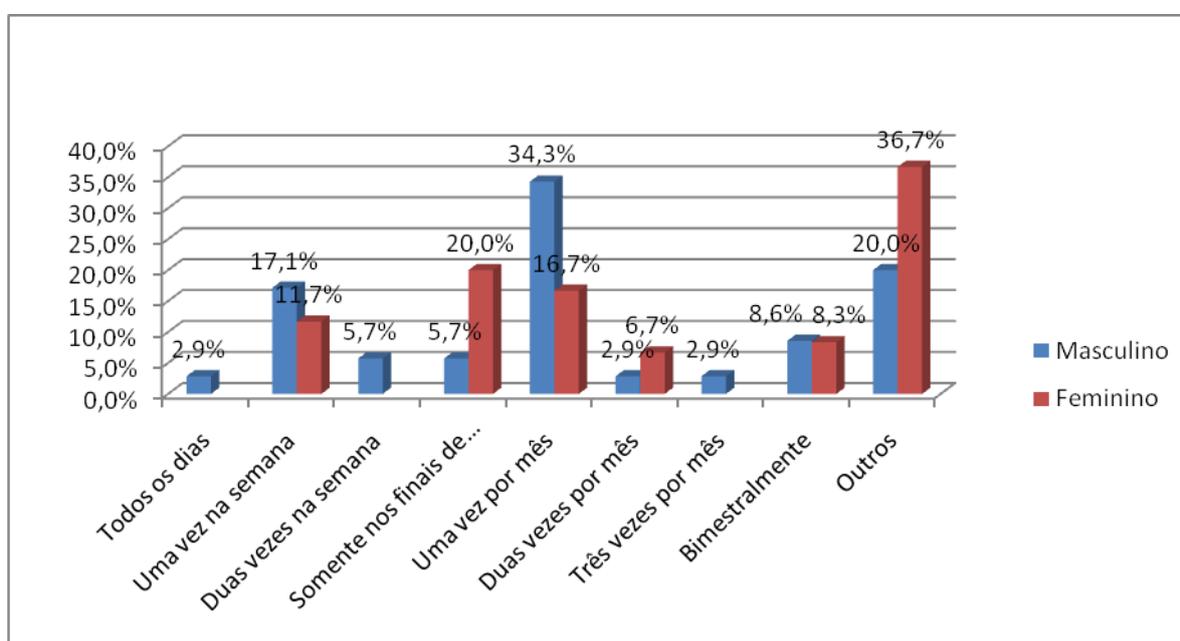
O custo alto é o principal fator que afasta as/os docentes da praia, depois disso também vem o cansaço, o trabalho na escola, de segunda a sábado, o trabalho da casa e o trabalho escolar que é desenvolvido fora da escola. Tudo isso diminui a disposição para que as/docentes possam se deslocar de suas casas para a praia, como explica o professor Márcio:

Hoje eu acordei pensando em ir a praia está um domingo lindo, mas estou muito cansado, trabalhar 60 horas não é brincadeira, além disso, amanhã tem aula cedo e praia é quebradeira, no final da tarde a gente chega em casa feliz,

mas com o corpo todo quebrado. Eu não tenho ânimo para sair domingo, por isso, na segunda a gente chega na escola parecendo que um trator passou por cima da gente (Professor Márcio, mensagem pela internet, em 11 de agosto de 2013)

Quanto à frequência em que as professoras e professores pesquisados/os costumam ir à praia, constatamos que há uma diferença significativa entre homens e mulheres. Como quase todas as outras atividades de lazer, os homens vão com mais frequência, tendo até aqueles que vão todos os dias, os quais supomos que sejam os que moram na orla, o equivalente a 2,9 % dos docentes pesquisados, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 57: Frequência à praia - por sexo



As mulheres vão à praia com mais frequência nos finais de semana, geralmente uma vez por mês, como revela a resposta atribuída por 34% das professoras pesquisadas. Já 36% delas apresentaram outros intervalos ou períodos de frequência à praia: “*passo mais de seis meses sem ir à praia*”; “*só vou à praia no período de férias*”; “*ia mais à praia quando não morava em Porto Seguro*”; “*vou à praia quando os meus parentes vem me visitar*”; “*não sobra tempo nem dinheiro para ir à praia*”, dentre outras especificações. De outra parte, algumas mulheres vão à praia mais por exigência das/os filhas/os, é uma atividades de lazer induzida pela necessidade de estar com os filhos em um momento de descontração, que acaba sendo um momento de preocupação e trabalho, como diz a professora Janine:

Olha, vou à praia com as meninas, uma vez ou outra. Elas cobram, elas pedem pra ir, aí não tem jeito, tenho que levar, mas não é sempre. A gente não

vai à praia, a gente leva as crianças à praia. E aí, fica lá sentada na beira da praia, gritando: “*Aí não, volta!*”. Fica no raso. “*Olha, tô vendo você daqui. Oh menina, chega de água!*” Então, Gigio, isso não é lazer, é trabalho (risos) (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de setembro de 2013).

Um dos diálogos ricos sobre as praias de Porto Seguro e sua visitação pelas/os professoras e professores pesquisadas/os, dentre outros, foi no grupo focal realizado com as professoras Anita, Dulce e o professor Adilson, pois as professoras conseguem fazer uma viagem pelas praias de Porto Seguro, mesmo sem conhecê-las, guiadas pelo professor Adilson, o qual confessou que assim que pediu demissão do turno da escola particular, resolveu conhecer as praias da cidade, depois de mais de sete anos morando ali. Vejamos o diálogo a seguir:

Professor Adilson: Eu trabalhava 60 horas, aí eu me desentendi na escola particular e pedi demissão de 20 horas. Então eu resolvi que iria conhecer as praias de Porto Seguro, fiz um roteiro, primeiro a orla do sul: Arraial, que eu já conhecia. Aí, fui a Taípe, Espelho e Caraíva.

Professora Anita: Uma coisa que eu fico analisando é o seguinte, eu moro em Porto Seguro há (pausa) hoje faz treze anos, eu nunca fui à Praia do Espelho, eu já fui ao Recife de Fora uma vez, assim (pausa) Coroa Alta eu fui uma vez de cortesia, a gente não tem condições de conhecer os espaços turísticos que tem em Porto Seguro, porque o nosso poder aquisitivo, é pouco. Entendeu? Então a gente não tem condições. Deveria, pra nós que moramos aqui, ter uma diferença de preço, por exemplo, eu nunca fui naquele Parque Aquático.

Professor Adilson: Pois é, por isso que eu fui sozinho, se fosse para levar mulher e filho não iria nunca. Além disso, ela é professora também, trabalha 60 horas e ainda tem o trabalho da casa.

Professora Anita: Meus filhos já foram, porque a tia é policial, ela que levou eles uma vez, há muito tempo. Eu sei que eles gostam disso, mas eu não tenho condições de pegar meus filhos, hoje genro, neto e tudo, que hoje meu genro tá desempregado, trabalhou até o mês passado, pra falar assim: “*Vamos lá pra praia tal!*”. Não tenho condições. A gente não conhece não é porque quer, é o poder aquisitivo que ainda é pouco, pra que você possa desfrutar, né?

Professor Adilson: Eu fui à Praia do Espelho, por exemplo, foi R\$40 por pessoa para chegar lá, porque era baixa temporada, só que você ainda tem que pagar mais R\$40 lá na barraca de consumação. Então, só uma pessoa vai gastar no mínimo R\$ 80, né? Aí você põe quatro ou cinco pessoas, tem que ter pelo menos uns R\$ 500.

Professora Anita: Sem contar o que você vai gastar pra chegar lá embaixo, precisa se deslocar daqui do bairro até o centro e depois pagar a travessia de balsa.

Professor Adilson: Tem uma lotação lá embaixo, você compra a passagem, e eles levam por R\$40. Ai, o restante é com você, a consumação mesmo é mais R\$40, como eu disse, aí qualquer coisinha que você compra lá é R\$ 7,8,10. É muito caro!

Professora Dulce: Esse é o consumo mínimo na barraca?

Professor Adilson: Isso mesmo.

Professora Dulce: Eles cobram o mesmo valor do turista, que já é uma exploração.

Professor Adilson: Agora, nas praias do Arraial D'ajuda tem como você ir de ônibus, são mais baratas, tem a praia de Mucugê, que fica perto do centro, aí você pode seguir andando para Pitinga, essas duas praias você faz em um dia. Agora Taípe fica mais afastada, é melhor ir de carro, por fora.

Professora Dulce: Tem tantos lugares bonitos em Porto Seguro que eu não conheço, nunca fui.

Professor Adilson: Ah, agora Caraíva! Você precisam ir à Caraíva. É uma vila separada por um rio, de um lado Nova Caraíva, do outro Caraíva Velha. É um paraíso, uma travessia de rio a canoa, a paisagem bem bucólica, não tem estrutura de barraca como tem aqui em Porto Seguro, nem essa muvuca, esse barulho infernal em nossos ouvidos, ali dá pra esquecer de tudo.

Professora Dulce: Caraíva! Pois é, tem praias lindas aqui em Porto Seguro que eu não conheço.

Professor Adilson: Olha, a Praia do Espelho mesmo é muito linda.

Professora Anita: Como eu falei, o nosso poder aquisitivo, né? Não dá conta de conhecer. A gente tem o feriado de três dias, cadê o dinheiro? Não temos. Então a gente passa, por conhecer lugares bonitos, por falta de condição mesmo. É assim, quando temos tempo, não temos dinheiro.

Professor Adilson: Agora, Caraíva, se você for de ônibus é baratinho, você vai pagar R\$15 da passagem, você passa um tempo dentro do ônibus, umas 4h, mas a paisagem que você vê vale a pena, aí você sai umas sete da manhã, quando for umas 16 horas você volta. Lá você vai pagar uns R\$5 pra atravessar de canoa, aquela jangadinha lá que o cara leva, os barquinhos, e vai consumir na praia em barracas montáveis, todos os dias eles armam e desarmam. Então Caraíva é um lugar fácil de você ir, mas tem outros que não.

Professora Anita: Mas não é assim também tão fácil, porque tem o horário do ônibus que se você perder, não tem outro, né? Além disso, você vai chegar lá às 11h e voltar às quatro? Só cansada.

Professor Adilson: Mas lá você encontra, se você não quiser dormir naquelas pousadas lá de nome, você encontra uns apartamentozinhos baratinhos, bem baratinhos.

Professora Anita: Eu fui a Caraíva, porque quando eu era secretária do sindicato nós fomos fazer uma reunião nas escolas de lá, aí eu fui, né? Pelo sindicato, mas se não fosse isso, até hoje eu não conheceria Caraíva. Mesmo assim, não posso dizer que conheço Caraíva, conheço a escola do lado de lá e do lado de cá (risos)

Professor Adilson: Eu tenho vontade de ir a Corumbau, que é um lugar bem pertinho, mas no momento não tenho condições.

Professora Dulce: É, meu amigo, pra você é mais fácil. É homem. Queria ver se você fosse mulher, tivesse casa, filhos, pra cuidar, se você faria isso tudo.

Todos: Risos

(Grupo Focal nº. 06, em 30 de maio de 2013).

Para conhecer as praias de Porto Seguro, o professor Adilson aproveitou o momento em que ficou livre de 20 horas de trabalho. Além disso, deixou mulher e filhos para trás. Como eles mesmos encerram o diálogo, seria muito mais difícil se ele fosse mulher, devido às demandas para além do trabalho principal, as quais suspendem os tempos livres, abarrotando-lhes de trabalhos sem fim, como já vimos no capítulo cinco.

Alguns outros aspectos são também importantes nesse diálogo, uns já apresentados pelas/os docentes pesquisadas/os, em relação ao lazer na praia, outros novos e pertinentes. Um dos aspectos mais recorrentes são os altíssimos valores cobrados dos moradores, para que estes tenham acesso às atividades de lazer. Há uma discrepância muito grande entre o que se ganha e o que se gasta nessas atividades.

Outro aspecto abordado pela professora Anita é que não há política nenhuma que favoreça o acesso das/dos docentes e demais moradores das classes populares às praias mais distantes de Porto Seguro. Isso só tem ocorrido eventualmente, através de cortesia e influência social, como cita o exemplo das/os suas/seus filhos, que conseguiram ir ao Parque Aquático, um dos maiores da América Latina, devido à influência da tia, que é policial. Podemos perceber, também, o total desconhecimento das duas professoras, em relação às praias do lugar onde moram, bem como a vontade de conhecê-las, ou a revolta por não conhecê-las, em duas expressões fortes. A primeira da professora Dulce: *“pois é, tem praias lindas aqui em Porto Seguro que eu não conheço”*; e a segunda, o desabafo da professora Anita: *“a gente tem o feriado de três dias, cadê o dinheiro? Não temos. Então a gente passa por conhecer lugares bonitos, por falta de condição mesmo. É assim, quando temos tempo, não temos dinheiro”*.

Os relatos das professoras deixam evidente que não se trata apenas da falta de tempo livre, da simultaneidade das atividades cotidianas, da falta de disposição decorrente do excesso de trabalho, mas também das péssimas condições de remuneração docente, que não lhes garantem aproveitar as praias, que talvez não sejam tão caras, são professoras e professores que ganham muito pouco, o suficiente para sobreviver, fazendo um malabarismo financeiro a cada mês.

Este é o quadro revelado nesses relatos e dados: essas/es professoras/as que contribuem com o seu trabalho, a cada dia, para aquela região, não podem se apropriar dela, ficam excluídos do que ali existe de beleza natural. Ficam exilados em seus próprios territórios.

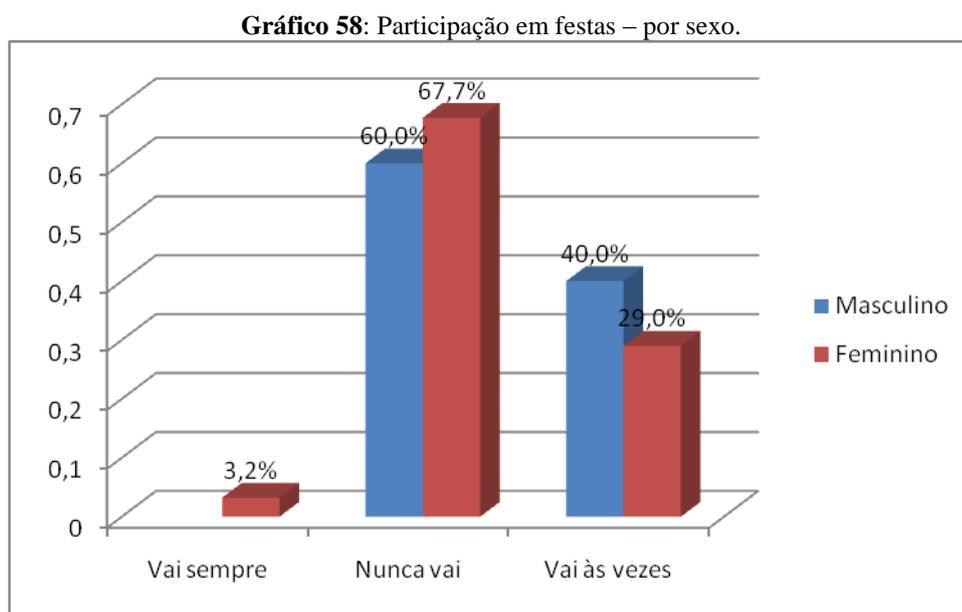
4.2.7. As festas

Porto Seguro é uma das cidades baianas mais conhecidas em relação a festas. De segunda a domingo tem uma festa acontecendo em um determinado lugar da cidade. Além disso, a lambada na praça, as boates, os bares que funcionam 24h e programações semelhantes, completam os atrativos noturnos. Diante dessa variedade de opções, parece difícil resistir. Contudo, nos tempos cotidianos docentes, nem todas/os as/os professoras e professores aproveitam essas baladas, tanto pelo cansaço da labuta diária, quanto pelo valor que se paga em

cada festa. Desse modo, muitas/os docentes preferem fazer as suas festas com amigas/os, em suas casas. A professora Vânia, por exemplo, salienta que mesmo Porto Seguro sendo uma festa, ela prefere fazer as festas em sua casa, e relata como estas têm sido, como são as farras (palavra usada por alguns/as docentes), que são muito mais no interior das casas do que fora delas:

(...) Sair pra festa fora é muito complicado, a cidade tá muito perigosa, não é mais como naqueles tempos que você saia e tudo era muito tranquilo. Além disso, o valor das festas é muito caro pra gente que ganha pouco, então, dizem que Porto Seguro é uma festa, mas minha festa é lá em casa (kkkk) (Professora Vânia, mensagem pela internet, em 10 de março de 2013).

Em relação a participar ou não das festas em Porto Seguro, podemos observar no gráfico a seguir, que a maioria dos sujeitos pesquisados, de ambos os sexos (mais de 60%), nunca vai às festas:



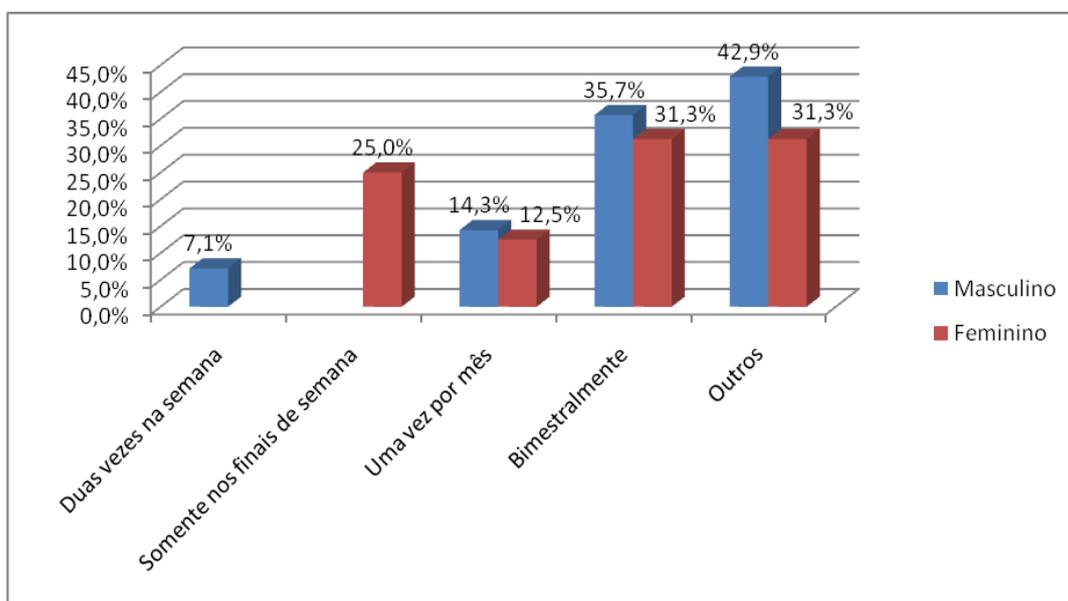
Em contrapartida, mesmo que eventualmente, os homens (40%) vão mais às festas do que as mulheres (29%). E somente uma parcela pequena, dentre as professoras pesquisadas (3,2%), costuma frequentar sempre as festas.

Além dos motivos já apresentados pela professora Vânia, para não participar das festas, podemos também acrescentar que elas acontecem todos os dias da semana, assim a frequência das/os docentes a essas festas dificultaria o cumprimento dos horários de seus traba-

lhos na escola e fora dela. Ademais, devido aos valores que são cobrados nas festas, que variam entre 20 e 50 reais, haveria um déficit significativo no salário das professoras e professores. E ainda, as festas são direcionadas aos turistas que visitam a cidade, com músicas, cardápios e atrações específicas para os visitantes, as quais não agradam muito às/aos docentes.

Quanto à frequência das/os docentes que responderam que costumam frequentar sempre ou eventualmente as festas, podemos observar no gráfico abaixo o quanto a participação das professoras pesquisadas é significativa, contudo em intervalos também significativos: somente nos finais de semana, uma vez no mês, pelo menos a cada dois meses, dentre outros. E quando viajam, somente participam das festas juninas e de final de ano, e no período de recesso e férias:

Gráfico 59: Frequência nas festas – por sexo



Não podemos deixar de destacar que, dentre as professoras pesquisadas, há uma quantidade significativa de mulheres solteiras, o que nos leva a supor que sejam essas que integram o grupo de docentes que frequentam as festas, sem isolar, é claro, a possibilidade das mulheres casadas também as frequentarem.

Já dentre os professores pesquisados, existem aqueles que vão a festas pelo menos duas vezes na semana (25%). A maior parte deles vai bimestralmente às festas, ou como as docentes, quando viajam, nas festas juninas e de final de ano, e no período de recesso e férias. Também quando recebem visitas em suas casas, pois são solicitadas/os a mostrarem as atrações da cidade, conforme podemos observar no relato de Anita:

(...) agora festas, festa é o que o colega já falou, a maioria das festas as músicas, não são músicas assim do meu interesse. Eu tô doida que chegue o São João, que parece que vai ter forró aqui, que uma coisa que eu gosto é de forró. A não ser quando chega alguém em casa, aí sou obrigada a mostrar a cidade (Professora Anita, Grupo Focal nº. 06, em 30 de maio de 2013).

Outra informação importante é que muitas/os das/os professoras/es pesquisadas/os desviam das festas que acontecem nos roteiros turísticos e vão para outras festas promovidas mais para moradores, a não ser quando são festas populares, nas quais moradores e turistas se encontram no mesmo espaço: a praça, a rua. Mesmo porque, os lugares onde ocorrem as festas direcionadas aos turistas ficam sempre na orla ou em uma ilha fluvial próxima à travessia de Porto para Arraial. A professora Anita faz essa distinção entre estar em um lugar destinado ao turista e outro que é para o morador, no relato a seguir:

(...) quando eu posso, eu gosto de ir ao Clube da Amizade, porque lá é seresta (...). No Bombordo, ultimamente, eu já não vou. Eu ia mais ao Bombordo porque minha amiga gosta muito de lá, mas eu já não gosto muito, porque é muito cheio, são muitos turistas, são outros tipos de pessoas que frequentam lá. Eu prefiro o Clube da Amizade, porque são pessoas da minha faixa etária, que gostam das mesmas músicas que eu gosto, que dançam as mesmas coisas que eu danço, então eu me sinto segura. Na maioria das vezes, as festas no Clube da Amizade ocorrem duas, três vezes no mês. Geralmente, só aos sábados, que é o dia em que o professor pode ir, né? Que domingo não tem como, segunda-feira a gente trabalha (risos). Assim mesmo, no sábado, depois do trabalho, depois das 22h (risos). O tal sábado letivo... (Professora Anita, Grupo Focal nº. 06, em 30 de maio de 2013).

Em relação às festas tradicionais que ocorrem em Porto Seguro, que podemos dizer que é o ponto de encontros de professoras e professores, destacamos duas, dentre outras: a festa de Nossa Senhora da Pena, padroeira da cidade, que ocorre no dia 08 de setembro, e a festa de Nossa Senhora D'ajuda, padroeira do Arraial D'ajuda, no dia 15 de agosto. A participação das/dos docentes nessas festas é possível, porque nessas datas as escolas param, pois são feriados municipais. A primeira, inclusive, se alonga mais um pouco, porque é logo depois de um feriado nacional. Desse modo, as/os docentes têm mais tempo para se divertir e encontrar amigos/as, como ressalta o professor Jonas:

Aproveitei que hoje não é sábado letivo, porque é feriado da independência e fui pra festa da Santa, na cidade histórica. Parece que era encontro pedagógico, porque encontrei por lá mais da metade dos professores da Rede, até os crentes estavam lá fazendo compras, enquanto eu e outros, do mundo, estávamos era tomando todas (kkkkkk). A festa estava animada, o problema foi na hora de vir embora, pois os ônibus voltam cheios demais. Ainda bem que eu

consegui uma carona pra voltar. (Mensagem de Jonas, pela internet, em 07 de setembro de 2013)³²

Outra festa de tradição, fora do roteiro religioso, é o carnaval, principalmente por causa do bloco dos profissionais da educação, que vai à rua todo sábado de carnaval, há mais de 14 anos. É uma das atividades escolhidas pela professora Élide, segundo seu próprio relato: “*Gosto muito de ir ao carnaval, fui alguns dias, participei do bloco da APLB, q já é tradição.*” (Professora Élide, mensagem pela internet, em 10 de março de 2013). É um momento de total descontração, momento em que as pessoas se encontram para extravasar suas tensões, festejar a vida, nos tempos de férias, sem pensar nas obrigatoriedades do trabalho.

Também ocorrem constantemente as festas nos bairros. Eventualmente, bandas tocam nas praças, ou então alguns bares promovem shows ao vivo, com músicas dançantes, mais regionais. Inclusive tem participação maciça da juventude, nessas festas. Além disso, é o ponto de encontro das/os alunas/os fora da escola, como relata a professora Joana:

As festas que acontecem na rua, lá no Baianão, no Campinho, são festas que tem muito jovem, sabe? Você encontra pessoas de 30, 40 anos. A não ser, é a meninada descendo até embaixo. Tem outra coisa, é o lugar onde a gente encontra nossos alunos. Outro dia, fui a uma festa dessas com uma amiga, e de minuto em minuto aparecia um: “*Professora, você aqui?*” “*Professora, que tomar alguma coisa?*” É uma festa! Tem professor que se importa em estar no mesmo lugar que os alunos, eu não vejo problema nenhum, desde que eles me respeitem e eu os respeite (Professora Joana, Grupo Focal nº 7, em 10 de junho de 2013).

Deve-se considerar, ainda, que existem professoras/es que não frequentam as festas de rua, pois não se sentem seguras/os, devido aos índices altíssimos de violência da cidade, como vimos anteriormente. Sem falar na programação das festas, como relatam o professor Adilson e a professora Anita:

³²A festa de Nossa Senhora da Pena se configura como um caleidoscópio cultural. Lá se encontram nativos, moradores, turistas, shows de bandas regionais, shows gospel, apresentação de artistas de rua, sem falar na feira, montada do início ao fim da cidade histórica, com produtos de praticamente todo o nordeste: comidas, bebidas, confecções, artesanatos, além dos produtos eletrônicos, parque de diversão, dentre outros. A cidade histórica se transforma em um shopping a céu aberto. Já a festa de Nossa Senhora D’ajuda, ocorre no distrito do Arraial, e também recebe visitantes do Brasil inteiro, devido à crença em uma fonte de água milagrosa, que brota no tabuleiro principal do distrito. A festa tem a mesma configuração da festa da Pena, contudo a feira que se forma na praça principal é de artesanato. Ambas têm formato do novenário da Igreja Católica, iniciando sempre oito dias antes da data principal. Há docentes que optam em participar de uma festa ou de outra, contudo a maioria delas/es participa das duas.

Geralmente você vai numa festa e vai tocar uma música que você não gosta, um ritmo que você não gosta, a não ser que você vá em um barzinho, em algum lugar que toque uma música que você goste. Na realidade é bem difícil você sair em Porto Seguro, eu sei que pra arrumar um ambiente bom é difícil. Festa mesmo é diversão, é um pouco difícil, pelo menos eu não gosto muito, né? (Professor Adilson, Grupo Focal nº. 06, em 30 de maio de 2013).

(...) eu não gosto de ir a uma festa de rua, porque eu não me sinto segura, tá lá no meio do povo, eu tô olhando pra um canto, eu tô olhando pra outro, de repente vem um doido com uma garrafa na minha cabeça, de repente vem um tiro, eu tenho medo de tomar um murro, então eu sou muito medrosa, eu prefiro festa em um ambiente onde eu me sinta segura. Então aqui em Porto Seguro são poucos os ambientes assim, né? Pra nos dar essa segurança. (Professora Anita, Grupo Focal nº. 06, em 30 de maio de 2013).

As festas mais comuns entre as/os docentes pesquisados/as são em casa, na casa de colegas de trabalho e amigas/os e/ou em família. Ao invés de frequentar festas, ir à praia com mais frequência ou a bares e restaurantes da cidade, muitas/os delas/es transformam suas salas, quintais, lajes, em espaços de lazer, conforme declaram as professoras Lúcia, Vania e Mary:

Ultimamente não estou fazendo muita coisa pra me divertir, quase não estou saindo. Às vezes convido alguns amigos ou meus irmãos para fazermos uma farrinha em casa, sem falar que fica bem mais barato (Professora Lúcia, mensagem pela internet, em 06 de fevereiro de 2013).

Organizei uma farrinha do aniversário do meu irmão, pensa que farra gostosa! Faltou você pra tomar uma cervejinha bem geladinha com ele e amigos. Eu e meu amor só no vinho, foi uma delícia! Hoje o dia está chuvoso, mesmo assim, pretendo encontrar-me com amigas para farreamos e aproveitar as férias com muita alegria na casa delas, e aproveitar o tempo que é o grande aliado da nossa vida (Professora Vânia, mensagem pela internet, em 16 de fevereiro de 2013).

Agora, eu prefiro, eu gosto de curtir, esses encontros em casa ou em casa de amigos. Sei lá, eu me sinto mais à vontade, sair é bom, mas nem sempre você tá num ambiente legal, você vai, lógico que você sair, você vai a outros lugares, não é sempre nessa rotina. Eu acho gostoso, eu acho massa quando a gente tá ali: "*Oh, bora na casa de fulano, bora fazer isso, bora fazer aquilo, bora na casa de beltrano!*", tipo aquela carne do sol, que nós fizemos lá em casa, não foi tão legal ali? Não tinha só pessoas da educação, tinha outras pessoas. (Professora Mary, Grupo Focal nº. 04, em 14 de maio de 2013).

Além destes relatos, a professora Lúcia contou-nos que os encontros em casa, para farrear com amigos e amigas, é um programa mais barato do que sair para a rua. Além disso, é um momento de confraternização, pois é possível juntar amigas/os, familiares, vizinhos, em um mesmo encontro. Já a professora Vânia relata outra situação, as comemorações de aniversários

sário de parentes, em casa, que se transformam em uma festa em família. Contudo, também não lança fora a ideia de farras na casa de amigas/os. Segundo a professora, já existe até um combinado entre elas: cada final de semana acontece uma farra na casa de uma amiga diferente, ou seja, cada uma deve oferecer a sua casa uma vez no mês, para ser o espaço doméstico de lazer.

4.2.8. O “*baba*” como atividade de lazer

Rapaz, todo bom baiano tem que ser bom de *baba*. Quando você chama “*bora pro baba*”, não tem namoro, não tem ocupação, preocupação que não fique pra trás, partiu (Professor Márcio, mensagem pela internet, 11 de setembro de 2013).

Na Bahia, *baba* é o nome de uma partida de futebol entre amigos, conhecidos e desconhecidos, sem muitas regras definidas, na qual os próprios jogadores instituem as normas, através do consenso, muitas vezes após muita discussão, que mais parece uma briga. Não há uma preocupação com o local do *baba*, que pode ser na rua, no campo, na quadra, em um terreno baldio, o importante é brincar. Do mesmo modo, não se exige uniforme, calçado, muito menos se faz necessário que as equipes já estejam formadas, elas podem ser constituídas na hora do jogo, entre os presentes, através de escolha e aceite do jogador. Mas também através do zero ou um, par ou ímpar, para que os líderes da equipe possam chamar um dos presentes, um de cada vez, para que não haja risco de uma equipe ficar mais forte ou mais fraca do que a outra.

O *baba* não tem tempo determinado para terminar, depende muito da quantidade de equipes formadas, bem como da regra criada pelos jogadores, podendo sua duração ter como referência o tempo cronológico ou a quantidade de gols estabelecida. O objetivo principal do *baba* é a brincadeira, uma distração. Durante a partida vale quase tudo: há gritos, palavras de baixo calão, brigas, abraços, risos. E, no final, resenhas, confraternização, como explica o professor John:

Hoje no *baba*, especificamente, havia professores e outros funcionários da escola. Chegamos à quadra por volta das 8h00, conversamos sobre a política e a educação local, fizemos resenhas, falamos sobre futebol e fomos pro jogo. Ficamos lá por mais de duas horas. Eu participo de outro *baba* com rapazes da igreja e amigos que frequentam nossos cultos ou que estão “afastados” da igreja. Mas não fui à semana passada. Nesse, os encontros são semanais: 3ª e 5ª, das 17h40m às 19h00m (...) Sinto-me muito bem, é medicinal, desestressa, é muito cansativo, mas incrivelmente revigorante. É um momen-

to de reencontros também, pois alguns de nós só nos encontramos no *baba*, pelo fato de congregarmos em bairros diferentes. Fazemos amizades e às vezes brigamos também (KKKKKKKKKK). Mas tudo acaba ficando lá mesmo, inclusive as mágoas (Professor John, mensagem pela internet, em 20 de janeiro de 2013).

Podemos observar no relato de John, que o *baba* agrega pessoas de diferentes lugares, religiões, profissões, pois o que importa é o encontro, a brincadeira. Outro fator importante é a forma como ele classifica o *baba*, como algo “medicinal”, “desestressante”, e mesmo exigindo muito esforço físico do jogador, segundo o professor é revigorante. Tanto o é, que eles marcam *baba* às cinco horas da manhã, para começar a trabalhar às 7h30. Segundo eles, o corpo fica leve.

O *baba* é uma prática de lazer quase que exclusividade dos homens, podemos até encontrar *baba* mulheres, mas somente entre as adolescentes, na rua. Desse modo, entre os professores, homens, há um pouco de organização, inclusive algumas equipes já estão formadas, contudo não somente com os docentes, mas também com outros funcionários da escola, conforme explicam os professores Xavier, Jorge, Edy e Flavio, no diálogo a seguir:

Professor Jorge: É (pausa) na verdade os *babas* só ocorrem quando Edy está à frente, quando ele organiza. Quando Edy não tá organizando, as pessoas também não dão credibilidade, quando é outra pessoa que organiza não é a mesma coisa. Mas quando Edy vem, traz a bola, pega logo o dinheiro, aí a coisa acontece.

Professor Xavier: Essa parte é a principal.

Pesquisador: Esse dinheiro que você fala é pra que mesmo?

Professor Jorge: O dinheiro é pra fazer a confraternização depois do *baba*. Comprar carne pra assar, refrigerante pra quem não bebe, cerveja pra quem bebe, aí, depois do *baba*, a gente fica aqui, comendo, bebendo e batendo a resenha do jogo. Edy organiza mesmo, ele tá sempre à frente, mas não é todo sábado, a gente não joga direto.

Professor Flavio: Ah, na realidade a proposta seria que jogássemos todo sábado, porque nós temos assim, uma correria da questão do trabalho, e o tempo livre geralmente que a gente tem, é nesses encontros no sábado. Então a proposta inicial era fazer todo sábado um encontro só de professores. Por conta da carga horária que a gente tem, não tem tempo pra ir pra academia, brincar um *baba* em outros locais, aí a gente se concentra aqui na escola mesmo, fora do horário de trabalho, pra se divertir, é que a maioria trabalha aqui, mas tem outras pessoas que vem de outras escolas, (interrompido por Xavier)

Professor Xavier: Geralmente nos sábados letivos, né? Porque a gente aproveita, fica trabalhando até um período, em reunião até umas duas horas da tarde, e a gente vai pra quadra depois disso, pra tirar o estresse, né?

Professor Edy: E a partida com a turma da Secretaria de Educação, não foi isso? Em um domingo.

Professor Xavier: Falta o placar.

Professor Edy: O placar (risos) vai ficar sem sair aí na entrevista, mas assim, foi um momento de confraternização. A gente partiu também pra outros

segmentos da escola, eles montaram um time para jogar contra nós, professores, também com o pessoal da Secretaria de Educação.

Pesquisador: E qual o tempo de duração, do *baba*, do encontro, de um modo geral?

Professor Edy: De 2h a 4h. 2h o *baba*, normalmente começa às 10h e termina ao meio dia, e depois de meio dia até às 14h, a gente fica conversando sobre o *baba* e sobre outras coisas que ocorrem na escola e na vida da gente.

Professor Jorge: Aí a gente toma um refrigerante, bebe uma cervejinha, quem bebe, que não é o meu caso, tomo um refrigerante porque sou evangélico.

Professor Xavier: Uma carne assada.

Professor Jorge: Uma carne assada, uma resenhazinha, e aí (interrompido por Xavier).

Professor Xavier: Aí vai cada um para sua casa.

Professor Jorge: Porque na segunda-feira cedo tem que tá de volta ao trabalho. O legal do *baba* é que envolve o pessoal de apoio da escola, que são funcionários também: os porteiros, os seguranças, os vigilantes, os inspetores de classe, e quando a gente joga fora, contra outros funcionários públicos, eles vão conosco.

Professor Edy: Outra coisa bacana, é que nossos alunos também participam, ou eles jogam contra a gente ou no mesmo time. Então tem também essa troca de experiência de você tá ali brincando com o seu aluno, e seu aluno tá brincando com você. Então também acontece muito de completar o time com alunos da escola, só que hoje foi um jogo diferente, que foi um clássico, né? (risos) Eram vigilantes contra professores, mas tinha muitos alunos participando.

Pesquisador: Como vocês se sentem nessas horas do *baba*?

Professor Edy: Naquelas duas horas ali de esporte você se sente maravilhado, de tá fazendo um gol, de dá um passe, de brincar com o colega, então é o momento que você age como jogador de futebol, né?

Professor Jorge: E, eu vou classificar como um encontro assim muito bom, Edy já acrescentou que é maravilhoso e é mesmo, até mesmo porque a gente não tem a oportunidade de estar em outro local, fazendo esse entrosamento com os colegas. E aqui não, a gente brinca, um faz resenha do outro, participa, dá risada junto, se estressa junto, mas assim, é uma coisa gostosa, não é uma coisa ruim pra gente, são muito bons esses encontros.

Professor Edy: Não tem briga, né?

Professor Jorge: Não tem briga, quando tem briga a gente para o jogo.

Professor Flávio: O pessoal é de respeito, rola uma discussão, mas é normal.

Professor Jorge: Porque o futebol é de contato, então o contato ali com o colega, um acaba se estressando, né? E faz parte do *baba*, faz parte da brincadeira, e depois tá todo mundo alterado e o próprio que se sentiu ofendido também faz resenha da situação ali, Então acaba ficando tudo tranquilo, tudo em paz.

Professor Xavier: Quando eu venho pra aqui eu já libero um pouco do estresse, eu venho aqui e eu já me sinto bem por estar com os colegas, talvez não com todos, mas com alguns colegas, e isso é bom, até mesmo pelas conversas, além do *baba*, né? Isso faz parte.

Professor Edy: E também faz novos amigos.

Professor Xavier: Novos conhecidos, né?

Professor Flávio: Também é a gente que acaba fazendo uma colaboração, um dá dez, o outro dá dez, pra ir custeando as despesas do evento.

Professor Jorge: E o responsável sempre é Edy, é o cara que faz toda organização, chama a galera, foi como foi dito no início, quando ele não faz, ge-

almente não existe *baba*, o *baba* não acontece porque ninguém tem a mesma articulação que ele, né? Isso é legal, isso é bom.

Professor Flavio: Tem o fato também da pessoa não dar o dinheiro, contudo a pessoa não deixa de participar, a pessoa diz que não tem, a pessoa participa de qualquer maneira, porque falam assim: “*Ah! só participa quem dá o dinheiro, mas se não tiver, não seja por isso!*” Participa, se alimenta, normal, bebe e é isso, é melhor não dá o dinheiro e ter o *baba* do que barrar o cara e não ter com quem jogar.

Todos: (Risos)

O diálogo dos professores, sobre o *baba*, evidencia que essa atividade de lazer produz no indivíduo uma sensação de prazer, satisfação e contentamento. Traduz-se em horas de movimento corporal, de expressão de sentimento acerca do jogo e dos seus pares. Quase tudo é dito no jogo: elogios, reclamações, mágoas, insatisfações. Além disso, também há descontração e confraternização entre os participantes, depois do jogo. As funções do *baba*, para os docentes, são várias, dentre elas, na expressão do professor Xavier, “*o baba libera o estresse*”, é um momento em que o indivíduo não pensa em outra coisa: trabalho, família, problemas. O foco é a bola, o jogo, as ações dos colegas em jogo. Outra função do *baba* é aumentar o círculo de amizades, tem sempre gente diferente em cada encontro: alunos, vizinhos, funcionários e professores de outras escolas.

Por fim, todo *baba* é uma farra: churrasco, bebidas, um som tocado no micro system e até mesmo no celular, em volume baixo, porque o que está em primeiro lugar, na hora da confraternização, é o bate-papo. São tempos de resenhas, ou seja, falar dos deslizes, das expressões dos colegas, das chateações, mágoas. Também são tempos de abraços e agradecimentos, de dar risadas de si mesmo e dos outros, de falar expressivamente mais alto do que outro, e ao mesmo tempo, como no *baba*, a resenha não tem regra, não obedece às convenções sociais, é livre. Na experiência daqueles trabalhadores da escola e dos professores, em especial, o *baba* tem também uma característica singular: pode ser uma ocasião para aproximá-los de seus jovens alunos, em outros tipos de atividade, que não a sala de aula, na qual são outros os aprendizados e a natureza do encontro. Inclusive aprendizados da conversa, da brincadeira, da solidariedade com os que não poderiam participar do *baba*, porque não tem dinheiro cobrado para as pequenas necessidades nele envolvidas.

4.3. **Entre mulheres e homens:** quem pode se divertir mais?

Sempre no final de cada Grupo Focal, abríamos um espaço para que as/os docentes pudessem fazer perguntas uns aos outros, algo sobre seus tempos livres fora da escola. Sendo

assim, a professora Lucy fez uma pergunta de grande relevância aos seus pares, sobre as diferenças de usos do tempo para diversão entre professoras e professores. A partir do diálogo entre as/os docentes, podemos observar questões fundamentais que circunscrevem a configuração dos tempos livres, em especial as atividades de lazer.

Professora Lucy: Você disse que nesse finalzinho, a gente podia fazer pergunta, então eu tenho uma: Será quem consegue aproveitar melhor os tempos fora da escola, os homens ou as mulheres? Professores ou professoras?

Pesquisador: Boa questão.

Professor Kleber: Eu acho que professores.

Professor Victor: Eu acho que depende (risos).

Professor Kleber: Eu acho que são os homens, sabe por quê? Porque assim, a não ser aquele professor que mora sozinho, que é o meu caso, mas eu acho que o homem em si, ele não se preocupa muito com as condições da casa: se a casa está arrumada, se está suja, se tem prato para lavar, menino pra cuidar, toda uma situação que vai prendendo a mulher em casa. As questões da casa recaem mais em cima da mulher, quando não tem mulher cai em cima de você mesmo. Lá em casa, por exemplo, a mulher vai de 15 em 15 dias faz uma faxina geral, se você me perguntar se nesses 15 dias eu consigo não varrer, eu vou dizer que é mentira, mas como na minha casa não vai ninguém, porque eu passo o dia todo fora mesmo, eu faço o básico do básico. Mas eu fico imaginando as minhas amigas, assim, como é que elas conseguem administrar a vida de comida, roupa, filho, salão, tudo... Então, acho que hoje, se olhar por esse lado, do tempo, o homem se diverte mais, né?

Professor Victor: Eu não consigo identificar isso, porque eu acho que depende da mulher ser solteira ou não. Eu tive uma experiência numa sexta passada, um convite de duas professoras, na sexta à noite, pra eu levá-las pra uma festa. Então elas se arrumaram lá na escola mesmo, entraram no banheiro depois da aula e saíram de lá toda produzida, cheirosa, já dizendo: "V'umbora?" Então eu acho que depende da forma de vida que leva, assim, se é casada ou se é solteira, de onde se encontram e quais as prioridades. Eu acho que a mulher não é mais aquele símbolo de décadas atrás, que era a dona de casa, acho que mesmo algumas casadas encontram tempo pra se divertir e sair com amigas, né?

Professora Lucy: Como eu não trabalho à noite, o que aparece, e se me avisar com antecedência, eu dou um jeito e faço questão de estar, né? Eu faço questão de estar, pode ser um chá de bebê, eu faço questão de estar, porque é um momento que eu vou tá com as minhas amigas pra me divertir, pra rir. Então, aí é que vou. É assim. Olha que eu sou casada, tenho filhos, tenho as obrigações da igreja, deixo minhas coisas da escola tudo em dia, mas preciso me divertir, ver pessoas (interrompida por Kleber).

Professor Kleber (interrupção): Sair da rotina. E com certeza, mesmo pensando assim, você não se diverte como certos homens que não têm tanta responsabilidade assim.

Professora Lucy: Isso mesmo. Por isso eu discordo em parte de Victor, porque apesar de tanta mudança, a mulher ainda tem menos tempo que o homem. O homem aproveita mais o seu tempo, o professor aproveita melhor que a professora, por questões muito claras: a casa, o filho, o próprio marido, as compras, a gente sempre está mais atenta em questão de filhos e de casa do que os homens, mas eu procuro aproveitar sempre que posso, se me avisar com antecedência: vai ter uma reuniãozinha, aniversário no meio de se-

mana à noite, me programo direitinho e estou lá amiga: chá de bebê, chá de panela, oh maravilha! Eu tô lá. Procuo aproveitar tudo que aparece.

Professora Maria: Eu também ainda acho que, apesar de tantas mudanças, a mulher, no cotidiano e tal, a mulher, ela trabalha muito mais em casa, muito mais fora da escola. Eu falo por mim, se eu chego da escola e vejo que a casa está suja, eu joga o material pra lá e vou limpar a casa, eu não consigo ficar com a casa suja. Aí eu penso: “*tenho que fazer a unha, então tenho que deixar tudo em ordem em casa pra que eu possa fazer a unha*”, porque eu levo umas 2 horas pra fazer a unha. E seu não fizer as coisas antes, vou ficar me cobrando, vou ficar preocupada em alguém chegar e dizer: “*a unha tá linda, mas a casa tá suja.*” Então quando você coloca todo esse tempo, pra analisar, né? Você acaba que percebendo que pra você cuidar do corpo tem que ser às pressas, imagine se divertir! Aí chega um momento em que você acaba desistindo de se divertir, que você já está tão cansada, no meu caso, né? Olha, lavo roupa, passo roupa, limpo casa, faço o almoço, cuido da minha filha, tem que fazer o cabelo, fazer a unha, pra depois poder sair. Tudo isso feito em feriado, sábado não letivo e domingo, então às vezes, você faz a unha e não faz o cabelo, aí desiste de sair, não é? Então são essas as questões, mas se eu fosse homem, não teria essas preocupações, porque tudo tá bom, tudo tá limpo, a prioridade é a diversão. Se for casado, tem a mulher para fazer as coisas. Se for solteiro, come qualquer coisa, almoça em um restaurante e aí vai sobrando tempo, enquanto o meu falta.

A análise dos tempos livres numa perspectiva de gênero merece uma atenção especial, principalmente no que se refere às atividades de lazer, pois há linhas abissais que separam a experiência dos homens e das mulheres. A própria caracterização das atividades de lazer é dicotômica, ou seja, enquanto os homens ocupam mais os seus tempos livres com as atividades externas da casa (*baba*, conversas com os amigos, passeios, viagens, jogos em geral, praia, dentre outros), as mulheres os ocupam com trabalho doméstico, cuidado dos filhos, programas televisivos, filmes em DVD, churrasco em família. Isto não significa que os homens não fazem essas atividades, contudo não são as únicas, e as fazem não apenas com menor frequência, mas também como menos preocupação, sem culpa ou cobranças, entre outros aspectos que os levam a exercerem mais o direito ao tempo livre, do descanso, do lazer, do que suas colegas professoras, suas amigas e suas esposas, ainda que entre elas o volume e a frequência dessas tarefas se diferenciem, sobretudo quando são mães e donas de casa ou não.

4.4. **Sentimentos quanto aos tempos do lazer:** satisfação, insatisfação, falta/ausência

O lazer constitui-se a atividade de tempo livre mais rara na experiência dos tempos cotidianos docentes, mesmo porque, sozinho, ele não é capaz de compensar os tempos despendidos no trabalho em jornadas sem fim, tanto em casa, quanto na escola. Esta deve ser a razão pela qual Norbert Elias e Eric Dunnig (1992) afirmam que o lazer não pode ser entendido

como um meio de recuperar a fadiga e as tensões do trabalho, haja vista que estas são tantas, e a forma de regeneração é uma em cada indivíduo, que muitas vezes, ao invés de procurar ler, assistir à televisão, a um filme, ir a uma partida de futebol, jogar ou ficar na internet, para muitas pessoas seria melhor algumas horas de sono. Desse modo, procurariam uma cama, não um atrativo de lazer.

Segundo tais autores, ninguém pode inferir qual é a espécie de fadiga e tensão que o trabalho produz em cada indivíduo, do mesmo modo que ninguém pode dizer quais atividades de lazer podem proporcionar relaxamento ou tédio. Desse modo, a ideia de que a função do lazer é complementar o trabalho e que as práticas de lazer podem proporcionar aos indivíduos um melhor dia laboral precisa ser verificada, pois varia de pessoa para pessoa, de atividade para atividade, bem como do tempo ou períodos despendidos para essas atividades.

No caso das/dos docentes pesquisadas/os, há constantemente uma cooptação dos seus tempos livres, especialmente das atividades de lazer, primeiro por causa da escassez de tempo, devido à centralidade dos tempos de trabalho em casa e na escola, segundo pela falta de dinheiro para custeá-las, como podemos observar a seguir:

É, são coisas assim, divertimento é bem raro, né? É mais dentro de casa mesmo, trabalho, realizando as atividades do trabalho em casa, que o professor leva muito trabalho, mas divertimento é bem pouco. (Professor Flavio, Grupo Focal nº 01, em 30 de abril de 2013).

Praticamente, eu posso dizer que essa palavra LAZER (com ênfase), quase não faz parte da minha vida. É... por eu ter que trabalhar dois turnos, 40 horas, né? Então o tempo que eu tenho, é direcionado aos afazeres domésticos, não tem ninguém dentro da minha casa pra desenvolver esses trabalhos. Então eu tenho que lavar, passar, cozinhar, fazer todos esses afazeres e ainda dar conta das atividades de escola das minhas filhas, é... verificar, né? (...) Então... normalmente, o lazer que eu tenho é, de vez em quando, encontrar com alguns membros da minha família, e a gente comer uma carniinha assada, ou ir à praia passar no máximo duas horas lá, quando isso acontece, depois voltar pra casa, pra poder fazer tudo novamente (Professora Ana, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

Minha semana se resumiu praticamente em ficar em casa fazendo afazeres domésticos. Não fui ao centro da cidade, por incrível que possa parecer. Primeiro porque estou sem dinheiro não posso me deslocar, passear. Faço o que tenho que fazer, assisto um pouco de TV, fico no computador, ansiosa para que possa sair alguma definição sobre o pagamento. Nem parece que estou de férias. Minha saúde mental não está nada boa, pois não tenho sono à noite e quando consigo dormir, acordo 6h da manhã e fico enrolando, fico atrapalhada com as coisas que tenho que fazer (Professora Élide, mensagem pela internet, em 20 de fevereiro de 2013).

Hoje eu acordei pensando na minha vida. Não tenho saído pra lugar nenhum, não vou nem a praia que é ali. Festa a noite já tem mais de ano, aliás é de

ano em ano mesmo, réveillon e são João, e só (...) O máximo que eu faço quando eu chego em casa é ligar a TV, assistir um pouquinho e dormir (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 27 de agosto de 2013).

Esses relatos evidenciam que as/os docentes vivem entre o trabalho na escola, o trabalho da escola e o trabalho da casa. O que sobra para o lazer é muito pouco, por isso o professor Flávio ressalta que o lazer, na experiência dos tempos cotidianos docentes, é muito raro, o divertimento é pouco. De outra parte, a exclamação da professora Ana, “*a palavra lazer não existe em minha vida!*”, está carregada de sentidos, ou seja, ela não pode chamar de lazer as duas horas de praia ou de churrasco, em casa, com a família, porque são insuficientes diante das 40h de trabalho escolar, mais a concentração de trabalho da escola, em casa, e do trabalho doméstico. Seguindo com sua narrativa, Ana fala que se sente frustrada por trabalhar tanto e não ter tempo para “*aproveitar melhor a vida*”, muito menos para “*conhecer a cidade onde mora há mais de 15 anos*”.

Já a professora Élide aponta um elemento imprescindível para se obter lazer: o dinheiro. Diante da falta de dinheiro para pelo menos ir ao centro da cidade, lugar onde se concentra a maior parte dos atrativos de lazer, a professora sente-se agoniada, ansiosa, preocupada em tempos de férias,³³ em especial devido à falta de pagamento das/dos docentes, ocorrida na transição do governo municipal. Vale ressaltar que o excesso de trabalho, as preocupações com as coisas da esfera da vida, afetaram a saúde mental da professora, que passou a ter insônia, a sofrer, a viver esperando mudança a cada dia, casmurra no interior da casa, solitariamente.

Por fim, o professor Jonas já acorda pensando na vida, especialmente na sua falta de tempo, no esgotamento do seu corpo, na falta de disposição para fazer outras atividades que não sejam para o descanso. Como entretenimento, tanto para ele quanto para outros, sobra o lazer doméstico: a TV, o computador, a internet, os encontros familiares, dentre outras atividades que acontecem no interior da casa.

Além desses, há outros relatos marcantes, quais sejam o da professora Élide: “(...) *atualmente não me sinto a vontade para sair e me divertir. Meu divertimento mesmo é ir à escola conversar c colegas e alunos e só*” (Mensagem pela internet, em 1º de março de 2013); o da professora Lúcia: “*Sinceramente, acho que fico mais feliz na escola, fora dela me sinto*

³³Segundo os sujeitos pesquisados, as férias de 2013 foram umas das piores na vida das/os docentes, pois, com a transição de governo, o prefeito anterior deixou salários atrasados, décimo terceiro e férias sem pagar, além de gratificações referente à mudança de nível e outros benefícios da carreira, sem prazo para acrescentar aos rendimentos docentes, o ano letivo já iniciou com assembleias frequentes, paralisações e com grandes possibilidades de deflagrar uma greve, contudo, em abril do mesmo ano, foi realizado um acordo com o executivo.

muito só, gosto de pessoas, do contato com elas, fico muito só em casa e isso me deixa triste, não gosto muito de ficar só". (Mensagem pela internet, em 25 de abril de 2013); e o relato do professor Daniel, que completa esses sentimentos das/os docentes, quanto a seus tempos cotidianos e tempos livres: *"pra mim não existe felicidade somente fora da escola, eu só estou bem, só estou feliz quando as coisas na escola também vão bem, não dá pra separar"* (Grupo Focal nº 2, em 06 de maio de 2013).

Os relatos fazem refletir sobre algumas questões muito relevantes, não somente acerca dos tempos dessas/es professoras e professores fora da escola, como também acerca da condição docente e suas temporalidades, pois mesmo esses indivíduos tendo seus tempos livres expropriados, em relação aos seus tempos de trabalho, tempos vendidos e comprados por um valor baixíssimo, submetidos ao processo de precarização da docência, de desvalorização profissional, e mesmo sendo geralmente tratados sem o devido respeito pelos governos e seus gestores, há docentes que declaram que sua diversão é a escola, que sua felicidade está nela, e que fora, se sentem sós e tristes.

Desse modo, constatamos o quanto esses indivíduos estão vinculados à escola e aos seus sujeitos, como parte da sua experiência humana, algo instaurado no corpo, no pensamento, no sentimento, nas emoções, como sua extensão, por um lado. Por outro, pela exaustão implicada em suas jornadas e condições laborais de trabalho, as férias são também tempos especiais, desejados, de alegrias.

De outra parte, mesmo nos poucos tempos que sobram para o lazer, que são insuficientes para compensar as excessivas jornadas de trabalho, muitas/os das/os docentes pesquisadas/os se sentem aliviadas/os, satisfeitas/os com as atividades de lazer que desenvolvem sozinhas ou em grupo. Em relação a esses tempos de lazer, as professoras Maria, Dulce, e o professor Adilson falam dos seus sentimentos no diálogo a seguir:

Professor Adilson: Eu, quando vou à praia, quando eu vou à praia que eu caio naquela água salgada, que vejo que não tenho compromisso no outro dia (risos) é muito bom.

Professora Maria: O verão, né? No verão você fica mais alegre, também né? Tá de férias da escola, aí é muito bom, você descansa.

Professora Dulce: As férias também, nas férias eu me sinto muito bem.

Professora Maria: É, as férias, né? Quando você está com os amigos, né? Conversando, esquecendo um pouco do seu mundinho.

Professora Dulce: Dos problemas da vida, né?

Professor Adilson: Os parentes chegam, né? Vêm os parentes, os amigos.

Professora Maria: Tomar uma cervejinha, né?

Professor Adilson: É, é bem alegre.

(Grupo Focal nº. 06, em 30 de maio de 2013)

Ficar à espera das férias, do saudoso verão, tempos em que, como expressa o professor Adilson, as/os docentes podem se jogar nas águas salgadas sem se preocupar com compromisso no outro dia, deixar de viver o dia de amanhã no dia anterior, como ele mesmo disse em relatos anteriores, tudo fica mais alegre. Conforme a professora Dulce, férias são tempos de descansos merecidos, conquistados. Tempos de conversar mais com as/os amigas/os, saindo do seu mundinho, que se subentende que são a escola e a casa. Tempos de esquecer os problemas, receber amigas/os e parentes em casa, tomar cerveja, ficar mais alegre.

O professor Daniel também declarou que nos poucos tempos livres que tem, independentemente das férias, já que trabalha 60h, ele prioriza a família e as/os amigas/os, momentos em que também se sente feliz:

(...) quando eu tô no bar com meus amigos tomando uma cervejinha, o momentinho é bom demais, é gostoso. Eu acho que se a gente não viver isso fora da escola, você acaba morrendo, dando um infarto no coração, porque as dificuldades são imensas, educar não é pra qualquer um (Professor Daniel, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

O encontro com as/os amigos e a farra são elementos fulcrais, na concepção do professor, para que possa viver melhor, senão o infarto é certo, já que educar, completa o professor, não é para qualquer pessoa. Por isso é importante que haja momentos bons, agradáveis e prazerosos, conforme podemos observar no relato do professor, bem como a sua satisfação em relação ao momento vivido.

Outros relatos em relação aos tempos de lazer também demonstram que muitas/os docentes aproveitam as frações de tempo que sobram, por menor que sejam, para jogar ou acessar a internet na hora do almoço, para visitar amigas/os que moram próximo à escola, entre um turno e outro, para ir a um bar ou a casa de amigas/os no final de um sábado letivo ou turno de trabalho, para comer, beber e conversar, como declara a professora Alice: *“Eu não posso dizer que as atividades da escola me impedem de me divertir. Elas são um saco, mas mesmo assim eu me desligo totalmente delas. Eu me divirto sempre, tanto durante o dia, quanto durante a noite”*. Ou, como declara a professora Mary: *“eu preciso sair, me divertir, tomar uma cerveja com os amigos, porque eu não quero ficar como alguns colegas, tomando tarja preta”*. Contudo, nem todas/os as/os docentes conseguem articular os tempos de trabalho com os tempos de lazer.

De outra parte, também encontramos entre as/os docentes pesquisadas/os, aquelas/es que transgridem as normas para viverem atividades de lazer, para espairer, aliviar as tensões do trabalho na escola, como relata o professor Jonas:

Hoje eu chutei o pau da barraca e não fui pra escola. Aproveitei que fiquei em casa e fui pra praia, fiquei lá tomando um vento na cara, tomando uma água de coco, só não deu pra tomar uma cerveja, porque a noite eu já estava mais descansado ai eu fui pra escola municipal. Depois me bateu um arrependimento. Pensei logos nos alunos, muitos vem de tão longe! Vão e vem do Baianão andando até a escola. Nem desculpa eu arrumei, só disse que eu estava cansado. Trabalhar 80h não é fácil! (kkkkkkk) (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 27 de agosto de 2013)

A transgressão não pode ser analisada pela óptica da irresponsabilidade ou do rompimento com um estatuto estabelecido. Em relação ao contexto das professoras e dos professores, é uma necessidade, comparada àquelas de cunho biológico, contudo é social. Todo indivíduo precisa de lazer, pois este, para além fato de que lazer realimenta o corpo para continuar a trabalhar, como advertem Norbert Elias e Eric Dunning (1992), é uma necessidade humana, é uma expressão de si, é um meio de liberar tensões agradáveis e desagradáveis, é a inspiração do viver melhor, mesmo tendo se transformado em um negócio.

A ação de “*chutar o pau da barraca*” e não ir à aula, ficar em casa ou buscar uma praia, um vento na cara, pode ter sido a pior tomada de decisão do Professor Jonas, do ponto de vista da culpa que nele gerou, conforme explica Andy Hargreaves (1998). Há um processo de cobrança e controle que o sujeito exerce sobre si mesmo. No caso do professor Jonas, ocorre o arrependimento, o pensamento que voa até os alunos que se deslocam das suas casas. Contudo, do ponto de vista da sua necessidade humana, de trabalhador que dedica 80 horas semanais ao trabalho, foi uma válvula de escape, foi uma ação forçada pela tensão vivida em seu corpo. Se isso não acontecesse, as consequências poderiam ser piores. Se houvesse uma valorização melhor da profissão, se recebesse salários dignos, não precisaria trabalhar quatro jornadas, do mesmo modo que, se não reduzir o tempo de trabalho docente em sala de aula, muitas transgressões estão por vir, como também adoecimento, tédio e indisposição, essa é a interpretação que as/os docentes fazem, mesmo sendo apaixonadas/os pela profissão. Afora isso, qual será a qualidade das relações e do trabalho de professores e professoras com as crianças, adolescentes, jovens e adultos, quando a docência se torna uma condição de exaustão do corpo e da mente, do físico e do psíquico?

Eu queria que a gente tivesse mais dinheiro, pra suprir essas necessidades que as vezes a gente tem, como, por exemplo pra conhecer até nossa própria cidade, que a gente não tem, né? Que tivesse tempo, pra gente se sentir ser humano, porque às vezes eu fico pensando, é... Se eu parar um turno de trabalhar, eu vou viver como? Né? Então se viesse essa valorização que tanto a gente espera, né? Se visse esse respeito, se fosse obedecido todos os nossos direitos eu acho que seria bem melhor (Professor Kleber, Grupo Focal nº 03, em 08 de maio de 2013).

Eu gosto da minha profissão, se fosse pra escolher, escolheria ser professora de novo, mas assim com relação ao tempo não, com relação ao meu tempo, eu gostaria sim, de ter mais tempo pra mim, pra minha família e com certeza esse tempo só seria possível com a valorização do professor, porque eu poderia trabalhar menos horas, então eu seria mais valorizada, teria um tempo mais saudável, um tempo de lazer, um tempo pra me divertir, para outros afazeres, do que somente viver para o trabalho (Professora Lucy, Grupo Focal nº 3, em 08 de maio de 2013).

Às vezes eu fico me perguntando: “*Meu Deus...*” pelas dificuldades que acontecem na sala de aula, pela forma como o trabalho ocupa todo o meu tempo, aí eu fico falando com Deus: “*Eu tenho que ter outra profissão...*” Aí vem a reflexão: “*Você vai fazer o quê?*” (ela mesma responde: nada) “*Você só sabe ensinar.*” E é o que eu gosto de fazer, apesar das dificuldades (...) (Professora Maria, Grupo Focal nº 3, em 08 de maio de 2013).

As cenas, os cenários e os enredos dos tempos cotidianos dessas/es e milhares de professoras/es da Educação Básica no Brasil – na escola e fora dela –, só poderiam conduzir a tais sentimentos: de dúvida em torno da continuidade na própria profissão; de gosto e alegria com o fazer docente, mas ao mesmo tempo de cansaço, “*pela forma como o trabalho ocupa todo o seu tempo*”; do desejo ainda existente de um tempo saudável, “*um tempo para a gente se sentir mais humano*”. E as/os próprias/os colegas sabem disso: tudo passa pela desvalorização material das/os professoras/es, inegavelmente. Uma dramática situação, na qual professoras e professores, mulheres e homens, docentes da Educação Básica estão envolvidas/os, ainda que sobre elas, as professoras, seja maior o peso, a exigência, a dedicação, não sem culpa. Desse modo, as poucas atividades de tempo livre vivenciadas entre os tempos de trabalho, e/ou subtraídas desses, seja pela transgressão das normas, do controle dos gestores, bem como dos tempos de estudos e preparação, não compensam de forma nenhuma os tempos dedicados ao trabalho, pelo contrário, é uma ilusão, como disse Jurgen Habermas (1982), pois são desproporcionais, ou seja, há sempre mais trabalho do que diversão, conversas livres com amigos e familiares, viagens, dentre outras práticas culturais, mesmo porque, além da escassez de tempo para essas atividades, há também a escassez de recursos financeiros para custeá-las, considerando que o lazer, em geral, tornou-se um grande negócio do tempo livre. No capítulo

a seguir, discutiremos como o excesso de trabalho e falta de tempo livre atingem o corpo, causando-lhe sequelas, muitas vezes, irreparáveis.

CAPÍTULO 5

NAS FACES DO CORPO:

A ESCASSEZ DO TEMPO LIVRE E SUAS CONSEQUENCIAS

Quando se fala em tempo livre, pensa-se imediatamente e, sobretudo, em atividades que possam recuperar as energias corporais, eliminar os efeitos do cansaço, evitar o estado de exaustão, repor forças gastas, restabelecer as potencialidades antes do esforço e da tensão, elementos absolutamente necessários e pressupostos básicos para a regeneração do corpo. Contudo, quando o tempo livre torna-se escasso, as condições de regeneração das energias também são mínimas, conforme declara Erich Weber (1969).

Na concepção do autor, durante muito tempo essa função regeneradora do tempo livre esteve limitada apenas a restabelecer as energias para o trabalho. Entretanto, devido à sobrecarga de tarefas e de preocupações em relação ao mesmo, ela não é suficiente para que o indivíduo possa trabalhar sem adoecimento, estresse e fadiga, pois as energias do seu corpo podem se encontrar no limite, devido a um crescente processo de esgotamento físico e mental.

Na função regeneradora incluem-se o descanso, o sono, a alimentação adequada, os cuidados e tratamento do corpo, atividades prazerosas de escolha do indivíduo, trabalhos sem a obrigação exógena, sem o controle interno e externo – o nada fazer –, o passear livremente pela cidade, campo, dentre outras práticas humanas. Contudo, na contemporaneidade, com a expropriação do tempo livre, resultante das novas configurações do mundo do trabalho, cada vez mais competitivo nos marcos capitalistas, a sobrecarga de trabalho produtivo e reprodutivo, de um lado, é um fato generalizado. De outro, é crescente o mercado de atividades de lazer, induzido pela indústria do turismo, do entretenimento e da cultura, de um modo geral, processos que reconfiguram a função regeneradora do tempo livre, a qual fica reduzida a um processo mercadológico e excludente.

Nesse quadro, para a/o trabalhador/a sobram pouco tempo livre e poucas opções de atividades, a maioria delas acontece no interior da casa, não sendo suficientes para dirimir as frustrações no campo profissional e pessoal, as tensões. Também não são suficientes para prevenir doenças e outros pequenos males, na expressão de Alberto Melucci (2004), imbricados na experiência cotidiana, fatores que têm conduzido o indivíduo à fadiga e ao adoecimento crônico. O corpo encontra-se sobrecarregado de tal forma, que o tempo livre que lhe sobra

não lhe traz alívio e regeneração das energias, conforme Erich Weber (1969). Vê-se um corpo exaurido e usurpado de si mesmo, a vida nele deve ser revigorada, para que seja vivida.

Essa exaustão e sofreguidão do corpo decorrem porque ele é um vetor concreto, real e semântico, através do qual se constrói a relação do indivíduo com o mundo. O corpo é o lugar e o tempo, nos quais a existência toma forma, nele se inscrevem práticas culturais e sociais de um determinado grupo, do seu trabalho, das suas perspectivas, mas também dos seus sentimentos, gestos, da aparência, das técnicas e da relação com a dor, o alívio, o sofrimento, a insatisfação e a satisfação, conforme explica David Le Breton (2012). Os corpos, em suas tantas faces, são o *locus* da alegria e da dor, da memória e do devir, dos horizontes de possíveis, como também dos limites. Os corpos comportam, suportam, transportam os fluxos da vida, do movimento, as noções e referentes temporais.

No campo da educação e na condição docente, especificamente, são claras, do ponto de vista de Inês Teixeira (2001), as implicações dos tempos do corpo na experiência cotidiana das/dos docentes, em suas interações intersubjetivas com os demais sujeitos sociais da escola, no exercício da profissão e do trabalho docente, nas interações intergeracionais presentes nos territórios e temporalidades escolares.

Ao longo desta pesquisa vimos o corpo, suas tantas faces, gestualidades, expressões, as vivências e sentimentos que trazem consigo – suas marcas – no grupo de professoras e professores que dela participaram. E ainda, vimos como a problemática da corporeidade docente se constitui e se apresenta no que concerne à função regeneradora dos tempos livres, na expressão de Erich Weber (1969).

O corpo, para as/os docentes pesquisadas/os, é instrumento de trabalho, é ele que suporta as exigências, o controle, a intensificação, as dores, as alegrias, o labor do dia a dia na sala de aula e na escola (sobretudo em se tratando da educação presencial), dentre outras responsabilidades da vida. Os corpos também individualizam, identificam e distinguem os indivíduos: as/os professoras/es não são iguais, se particularizam, são de gerações diferentes, possuem distintos tempos de experiência, vivem em função do tempo cronológico e linear, simbolicamente representados nos calendários, nos tempos de aula, na divisão das unidades, do ano letivo, dentre outros, o que faz do corpo, na expressão de Inês Teixeira (2001), uma realidade temporal que se movimenta, se altera, transita e finda. Instala-se na corporeidade “a noção do fluxo, do fluir, dos ritmos, da duração, da sequência, constitutivos da humana experiência cotidiana do tempo” (p. 209). Os corpos estão nos seus ritmos próprios, internos e sob a pressão das rítmicas externas, localizando-se nas cadências dos calendários, dos horários, das agendas e, ao mesmo tempo, nas cadências dos eventos fundamentais da nossa existência: o

nascimento, as passagens de um ciclo vital para outro, o trabalho, a sexualidade, o desejo, o amor, a saúde, a doença, dentre outras dimensões das temporalidades humanas, conforme ressalta Alberto Melucci (2004).

Visto de outro plano, no grupo das/os professoras/es pesquisadas/os, o corpo é sua carta de apresentação, mostra e se expressa de formas diferentes, em múltiplas faces, a depender das interações sociais, do espaço e do tempo. São corpos que festejam; que se produzem com adereços e pinturas; que se modulam em centros de estéticas, em academias; que seguem a moda, um pouco mais, um pouco menos; que têm um estilo próprio ou mais comum; que se destacam, que se mostram e que se escondem; que guardam em si dimensões orgânico-biológicas, socioculturais e históricas, em sua farta polissemia.

Desta forma, segundo David Le Breton (2012, p. 111), todas as ações tecidas nas malhas da experiência cotidiana, “sejam as mais fúteis, até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade”, porque, antes de tudo, existir significa mover-se no espaço e no tempo. Existir é transformar o meio em que se vive, construindo fazeres e saberes distintos, nas tramas familiares, profissionais, afetivas, dentre outras, nos espaços públicos e privados, que vão gradativamente fazendo do mundo uma construída extensão das práticas e experiências coletivas e individuais, que principiam na presença corpórea, em suas diversas formas: presenciais, à distância, virtuais.

5.1. Tempos de corpos que não cessam

As idas e vindas entre escolas e casa, três ou quatro vezes por dia, a movimentação entre uma turma e outra e a permanência, de pé, na sala de aula, a posição desconfortante ao escrever no quadro, durante horas seguidas, a tensão vivida no ambiente escolar, na convivência diária com pessoas distintas, que não se escolheram mutuamente, e muito mais, têm deixado professoras e professores cada vez mais fatigados, como se o corpo não respondesse aos comandos da mente, mesmo porque esta se encontra igualmente cansada.

Esta exaustão do corpo, o esgotamento, é decorrente de três fatores, dentre outros: da ampliação das jornadas de trabalho, da intensificação dos ritmos cotidianos laborais e da escassez de tempo livre, inscritos nas preocupações e tensões que os atravessam. Em relação às jornadas docentes em Porto Seguro, a pesquisa revelou que, na rede de ensino desse município, somente 5% das/os docentes pesquisadas/os possuem carga horária equivalente a 20 horas semanais, seguidos de 65% com carga de 40h semanais, 17% com carga horária equivalente a 60 horas semanais e 2% com carga horária de 80 horas semanais.

Os dois primeiros fatores têm sido amplamente estudados na contemporaneidade, inclusive nas pesquisas relacionadas às políticas educacionais e trabalho docente, a exemplo das investigações de Michael Apple (1992), Andy Hargreaves (1998), dentre outras. Trata-se, aqui, de dois conceitos inter-relacionais, entretanto diferentes. Por ampliação das jornadas entende-se o fato de os indivíduos, no caso professoras e professores, serem levados a aumentar seus períodos laborais, acrescentando mais horas de trabalho às suas jornadas cotidianas, buscando aumentar os seus rendimentos, seja assumindo mais turmas, escolas e aulas na rede de ensino nas quais se encontram, seja em redes diferentes. Quanto à intensificação dos ritmos de trabalho, refere-se à sobrecarga de atividades a serem executadas em cadências mais aceleradas e densas, em durações predefinidas, cadências mais intensas, nas quais se faz mais coisas ao mesmo tempo. A intensificação dos ritmos, portanto, não está relacionada somente ao aumento de tempo/ trabalho, mas também à diversificação e ao volume das tarefas assumidas pelas/os docentes, à rítmica em que essas tarefas são desenvolvidas, às exigências e controle para o seu cumprimento em prazos menores e rígidos.

A energia que é despendida pelas/os trabalhadoras/es nessa atividade concreta, no mesmo período de tempo, mobiliza ou requer mais capacidade física, cognitiva e emotiva do indivíduo, com o objetivo de elevar quantitativamente os resultados em ritmos mais acelerados, o que dele exige polivalência, versatilidade e flexibilidade para produzir mais em pouco tempo, conforme declaram Sadi Dal Rosso (2008), Andy Hargreaves (1998), Michael Apple (1992), dentre outros. Qual seja, realizar as tarefas com mais rapidez, mais concentração, mais fixação e dedicação à atividade.

Os dois fenômenos parecem encurtar o tempo, contudo essa sensação de escassez dá-se devido à multiplicidade de tarefas, trabalhos, responsabilidades assumidas na experiência dos tempos cotidianos. Além disso, as possibilidades que são oferecidas na contemporaneidade, na compreensão de Alberto Melucci (2004), excedem amplamente aquilo que podemos viver nos tempos que temos concretamente e produzem a escassez, na expressão de Erich Weber (1969).

Em linhas gerais, o processo de ampliação das jornadas se dá unicamente pela necessidade de sobrevivência, todavia é ambivalente: de um lado, trabalha-se mais para ganhar mais e viver melhor, de outro, esgota-se as energias do corpo de tal modo, que falta no indivíduo, gradativamente, a disposição para regenerar-se, mobilizar-se para vivenciar outras práticas culturais dentro e fora do espaço privado. Tratando-se das professoras, o processo de ampliação das jornadas de trabalho principal soma-se ao trabalho doméstico, cuja maior parcela de responsabilidade recai sobre elas, triplicando, quaduplicando suas jornadas de um modo

geral, situação que explica porque essas mulheres são vítimas de adoecimento e afastamento do trabalho, mais do que os homens.

No caso das/dos docentes pesquisadas/os, o processo de desvalorização profissional, principalmente do ponto de vista econômico, inviabiliza economicamente sua subsistência, sua ascensão social, e restringe o acesso ao lazer e outras práticas culturais, fatores que obrigam as professoras e os professores da Educação Básica, em Porto Seguro, a ampliar as suas jornadas, na tentativa de ganhar mais e viver melhor, contudo sem levar em consideração as possíveis consequências dessas “escolhas” para seu corpo.

Nesse contexto, levando em consideração a função do corpo no trabalho docente, na concepção de Carlos Herold Júnior (2006), é possível vislumbrar a corporeidade sob duas perspectivas, indissociáveis e relacionais: a primeira refere-se à figura do corpo como produtor de energia, ou seja, enquanto força de trabalho, porque é aquele que produz, executa a ação, tanto fora quanto dentro da escola. A segunda é a figura do corpo como base de uma cognição ativa para resolver problemas, isto é, o corpo que se preocupa, que pensa, faz reflexões, que leva consigo as tensões do trabalho para todos os lugares³⁴. Na docência, um corpo que se ocupa e se preocupa, que sofre com as dificuldades daquele por quem o/a professor/a se sente responsável, posto que se trata de uma profissão genuinamente relacional, em que as gerações adultas se envolvem com os dramas, com as alegrias e dificuldades das novas gerações que devem acolher no mundo, auxiliando-as nos processos de sua formação e construção cidadã.

³⁴David Le Breton (2003, p. 31) ressalta que “o corpo nas sociedades tradicionais, de composição holista, comunitária, nas quais o indivíduo é indiscernível, o corpo não é o objeto de uma cisão, e o homem está misturado ao cosmo, à natureza, à comunidade”, ou seja, nessas comunidades, a representação de corpo é da própria pessoa, de fato. Já “no seio das sociedades ocidentais, testemunha-se uma trama social na qual o homem é separado do cosmo, separado dos outros e separado de si mesmo. Fator de individuação no plano social, no plano das representações, o corpo é dissociado do sujeito e percebido com um de seus atributos. As sociedades ocidentais fizeram do corpo um ter, mais do que uma estirpe identificadora” (p. 33). Desse modo, “o corpo da modernidade é aquele que resulta do recuo das tradições populares e do advento do individualismo ocidental, marca a fronteira entre um indivíduo e outro, o encerramento do sujeito em si mesmo” (p. 33). Sendo assim, o corpo é uma construção social, cultural e discursiva. Em se tratando da relação corpo e trabalho, é importante ressaltar, ainda, a reflexão de Nízia Vilhaça e Fred Gois (1998). Segundo a autora e o autor, “na era industrial, o corpo era manipulado como instrumento de produção, lugar de disciplina e controle. Na sociedade pós-industrial, caracterizada pela difusão do saber e da informação, por uma tecnologia que ultrapassa a ciência e a máquina para tornar-se social e organizacional, repensa-se esse controle. O corpo dominado é apenas do trabalhador? O novo espectro global de fluxos, redes e imagens é destinado a controlar, sobretudo, o cidadão consumidor através da produção incessante de serviços e desejos. O que se percebe é que uma leitura do corpo como construção narcísico-hedonista, disciplinado pelas regras da estetização geral da sociedade pós-industrial, pode incidir numa versão redutora do papel do corpo” (p. 30). De outra parte, continuam: “também a erosão do capitalismo competitivo, baseado na força de trabalho disciplinado, aliado ao crescimento da indústria de serviços, de certa maneira, modifica a estrutura de classe trabalhadora, enfatizando, como estilo de vida, o consumo e lazer” (39). Sendo assim, na modernidade atual, “o corpo entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido” (Paulo VAZ, 1999, p. 162).

Os processos de ampliação e de intensificação das jornadas de trabalho alteram a relação do indivíduo com o corpo, que é social e culturalmente construído, na expressão de David Le Breton (2010) e de outros autores. E como fenômeno social e cultural, objeto de representação e imaginário, o corpo é submetido na experiência cotidiana, a um conjunto de técnicas³⁵: de gestualidades, etiqueta corporal, de expressão dos sentimentos, de percepções sensoriais, de inscrições corporais, das ditas corretas e incorretas condutas corporais, bem como as técnicas para desenvolver o seu trabalho, as atividades laborais, especificamente. Sendo assim, o corpo vai se adequando às novas configurações de trabalho, de acordo com as necessidades do indivíduo, sendo que, nos dias atuais, torna-se mais intenso e frequente um processo de desgaste e esgotamento físico e mental, claramente visível entre as/os professoras/es investigadas/os, entre outros segmentos do magistério.

Tivemos a oportunidade de conversar com docentes que tiveram de ampliar as suas jornadas de trabalho por motivos diversos. Em seus relatos, podemos verificar como essa ampliação tem prejudicado a sua vida pessoal, porque tem estafado o seu corpo, como também prejudica a qualidade de seus trabalhos com os estudantes. Além disso, as/os professoras/es ficam impossibilitadas/os de viverem muitas histórias e experiências que extrapolam o trabalho:

Eu trabalho 60 horas, porque com 20 ou com 40 eu não sobreviveria. Sem falar que tenho as bugigangas que eu vendo, que ajudam muito. Olha que, em vista do que ganhávamos, graças à pressão e luta do sindicato nos últimos 10 anos, tem melhorado pra caramba. Mas o que são (pausa) pra você, eu posso falar, o que são R\$ 4.323,00 para uma família com três pessoas? Isso nos três turnos! Tudo bem, parece muito. Oh! São quase sete salários mínimos! Que seja! Aí, vai somando aí: escola particular das filhas, aluguel, alimentação, passagem, gás, energia, roupa, uma pessoa para tomar conta das filhas depois que chega da escola, imposto de renda retido na fonte, essa miséria! Plano de saúde, senão a gente morre, etc. etc. etc. No final não sobra nada. E se eu trabalhasse 20 horas? E se fosse 40 horas? Se eu já vivo endividada assim, imagine se fosse diferente. Alguns colegas dizem assim: “*Menina, porque você não deixa 20 horas pra cuidar das suas filhas?*” Aí eu respondo: “Menina, e se eu deixar 20 horas, quem vai pagar a escola delas?” Não é fácil trabalhar 60 horas, porque não são 60 horas, são 120 horas. Não posso esquecer dos sábados, domingos e madrugadas que passo fazendo atividade da escola e fazendo trabalho doméstico: adiantar almoço, café da manhã, preparar os uniformes, ensinar dever a menino, porque é tanto dever que não acaba mais. Pra minha “sorte” (ironia), uma está em uma série e a mais velha em outra, então é dose dupla. Outra coisa, eu não vou mentir pra você, quando eu chego no terceiro turno, depois de passar por mais de oito

³⁵As técnicas corporais foram estudadas e apresentadas nos anos 1950, por Marcel Maus, em um trabalho intitulado *Introduction à l'oeuvre. SociologieetAnthropologie*. Nessa obra, o autor argumenta que as técnicas corporais são ensinadas e apreendidas pelos indivíduos, através das interações sociais, entre outros aspectos significativos de sua análise.

salas de aula, eu não sou mais a mesma. Eu tô arriada. A gente trabalha 60 horas porque precisa, mas é um sacrifício e um... (pensa) sei lá, é um prejuízo enorme para o aluno, principalmente o da noite, que se encontra nas mesmas condições que a gente: acabou de sair do trabalho, tá cansado, e a gente também. “Fazer o quê? Se o piso nacional, que é o mínimo, eles estão negando, quando vão valorizar a nossa profissão como deveria?” (Entrevista concedida por Janine, em 10 de setembro de 2013).

(...) falar do meu tempo fora da escola se constitui um grande desafio, porque ele é muito escasso. Eu trabalho 60 horas, sendo 40 horas pelo município de Porto Seguro e 20 horas pelo Estado da Bahia. Em 40 horas sou professor, e em 20 horas exerço a função de diretor. Pra minha sorte isso ocorre na mesma escola, pois aqui em Vera Cruz a escola estadual funciona no turno noturno, no prédio do município. A minha desvantagem é que eu trabalho há aproximadamente 30 km da minha casa, que fica em outra cidade, em Eunápolis. Então, eu venho pela manhã para a escola e retorno meio dia, depois retorno às 17 horas, só para estar com meus filhos e minha esposa. Eu vivo na escola de segunda a sexta e em alguns sábados. Nos sábados que não são letivos, nos domingos e feriados, eu privilegio a minha família (...) (Professor Silvio, Grupo Focal nº 05, em 20 de maio de 2013).

Trabalho 60 horas há 14 anos, sempre num ritmo muito intenso de trabalho. Nesses 14 anos, raros são os momentos de descanso e lazer. Quando faço uma retrospectiva da minha vida, só consigo visualizar noites em claro, para dar conta da quantidade de textos para corrigir, estudos para realizar, aulas para preparar. Se minha vida fosse um filme, 90% das cenas estariam relacionadas ao trabalho. Às vezes, sinto inveja de outras mulheres trabalhadoras, como as garis, as vendedoras ambulantes, as merendeiras e tantas outras que escolheram uma profissão diferente da minha. Ao olhá-las, penso: “*Elas vão chegar a casa, tomar um banho e descansar*”. Sei que levam uma vida até mais dura que a minha, mas pelo menos têm algo que eu não tenho: possibilidade de dormir 8 horas, coisa que raramente faço. Trabalhar 60 horas não é uma escolha, é uma necessidade. (...) Fui assumindo responsabilidades, principalmente aquelas relacionadas à minha mãe (...) Me casei, e a responsabilidade mais que triplicou. Já não tinha mais compromisso apenas com minha mãe, mas também com a minha casa, já que me tornei provedora, mesmo contra a minha vontade. Hoje, lido com essa situação com naturalidade, entendo que meu parceiro também é um trabalhador, já que realiza as tarefas de casa, administra minha vida financeira com responsabilidade e muita honestidade, educa nosso filho, cuidando da sua saúde e vida escolar, além de se preocupar com minha saúde, alimentação, felicidade. Todavia, nos primeiros anos de casados os conflitos brotavam a cada dia. Em um ano pedi a separação 10 vezes, diversas vezes pedi desculpas e voltei atrás, tantas e tantas vezes meu parceiro me entendia. Chegou um momento que ele nem levava em consideração mais o que eu dizia. Entendia que aquilo tudo tinha um nome: estresse (Professora Luz, mensagem pela internet, em 10 de novembro de 2013).

(...) trabalhar 80 horas é abdicar de família, vida social e lazer. É você viver em função da escola, sabe? Porque eu posso dizer que não tenho tempo mais pra nada em minha vida. Eu não vou dizer que é uma opção, que é um desejo trabalhar 80 horas. Primeiro, eu trabalho porque não conseguiria pagar as

minhas contas só com quarenta horas. Além disso, por causa da falta de professor de Matemática, as escolas só faltam adular para você pegar aulas, não querem nem saber da sua condição de saúde, se você vai ter pique pra assumir tanta aula. Antes era pior, hoje até que tem mais professores nessa área, devido aos cursos à distância que chegaram a Porto. O maior problema é que, chega um momento que o meu rendimento cai muito, mesmo, dormindo um pouco mais, não saindo de jeito nenhum, tentando descansar ao máximo. A sensação é que eu estou sempre cansado, tem dia que eu fico a flor da pele, peço até desculpas aos meninos, porque eles não têm culpas dos meus problemas (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 03 de setembro de 2013).

Os relatos dos sujeitos pesquisados se completam entre si, não somente porque tratam da ampliação da jornada e das suas consequências, mas também porque elucidam questões de suma importância para se compreender. A primeira se remete aos impactos que essa ampliação dos tempos laborais causa em suas vidas pessoais, profissionais, em seus tempos de vida privada. A segunda questão suscita a reflexão acerca da condição do corpo no trabalho docente, levado à exaustão, pela necessidade de sobrevivência, que envolve a própria necessidade de consumo.

Nestas situações, o corpo se configura meramente como suporte para alimentar a vida econômica das famílias dos sujeitos pesquisados, os quais se servem dele para obter mais rendimentos mensais, esquecendo-se de que ele não é uma máquina, não é uma entidade inerte, não é apenas a base de funcionamento dos órgãos humanos, mas uma entidade física e ao mesmo tempo um sistema de ação, um modo de práxis que se apropria da substância da vida, traduzindo-a para os outros, pois é instrumento de comunicação, entre outros, de suas possibilidades e funções. (Anthony GIDDENS (2002); Davi LE BRETON (2012); Alberto MELUCCI (2004)).

Podemos observar, nos relatos das/os professoras/es, a necessidade de trabalhar muito para garantir a subsistência da família. Não se trata de um trabalho em excesso para a luxúria, para uma vida mais fácil: *“Eu trabalho 60 horas porque com 20 ou com 40 eu não sobreviveria”*; *“Trabalhar 60 horas não é uma escolha, é uma necessidade”*; *“Eu não vou dizer que é uma opção, que é um desejo trabalhar 80 horas (...) eu trabalho porque não conseguiria pagar as minhas contas só com quarenta horas”*. Em nenhum momento os sujeitos declaram que trabalham muito porque querem fazer uma reserva de dinheiro, porque querem viajar, conhecer outros lugares, ou trabalhar muito agora, para depois descansar. Não se trata de uma ambição, de um desejo, mas de necessidades básicas, fundamentais para a sobrevivência, as quais foram elencadas por elas e eles no decorrer das suas falas: garantir escola, segurança, alimentação, saúde, moradia e condições mínimas de conforto para suas famílias, mesmo mo-

rando em um país que garante em sua Constituição, saúde e educação como direito de todos e dever do Estado, dentre outras garantias. Em tudo isso fica cada vez mais claro que este excessivo ritmo e extensão de jornadas é diretamente derivado dos pífios índices de salário do magistério da Educação Básica no país, e o município de Porto Seguro não foge à regra.

Seguindo em seu relato, a professora Janine observa que não mantém as filhas na escola pública, não por causa dos colegas, porque geralmente são os mesmos que estão nas escolas particulares, mas por causa da garantia mínima dos 200 dias letivos, já que na pública não se tem nem 160 dias de efetivo trabalho escolar, sem falar das condições de ensino e de aprendizagem. Estamos diante de docentes que não conseguiriam, segundo eles, manter a família se não tivessem ampliado a sua carga horária, não esquecendo que a professora Janine, dentre outras/as, ainda mantém uma atividade paralela complementar de renda.

O problema é muito maior do que se imagina, pois deixar parte dessa carga horária irá comprometer a sobrevivência da família, e na concepção de muitas/os professoras/es, é melhor sacrificar-se em trabalhos sem fim e ter a família razoavelmente bem, do que trabalhar menos e ficar com o corpo descansado, mas o cérebro pesado de preocupações. Desse modo, somente a valorização por meio de condições de trabalho e remuneração condigna possibilitariam mudanças neste quadro. E o problema não é simples e não termina aqui, tal como a professora Janine destaca, quando interroga: *“Se o piso nacional que é o mínimo, eles estão negando, quando vão valorizar a nossa profissão como deveria?”*

Enquanto essa sonhada valorização não acontece, não por falta do enfrentamento, da luta e da ação sindical em Porto Seguro, como também foi ressaltado pela colega Janine, as/os professoras/es seguem trabalhando muito para ganhar um pouco mais. Seguem deslocando-se de cidade para cidade, como o professor Sílvio, todos os dias, quatro vezes ao dia, somente pelo prazer de almoçar com a família, assistindo as/os filhas/os crescerem com o mínimo de conforto. Ou, como no caso de Janine, buscando uma escola que garanta pelo menos os dias letivos para o sucesso nos níveis posteriores. Por fim, no caso da professora Luz, garantir, sozinha, enquanto provedora da casa, a subsistência da sua família, mesmo que tenha que enfrentar problemas conjugais, talvez por acreditar que o papel que agora desempenha não é dela, mas do homem, ou não é dela sozinha, deveria ser compartilhado. Ela mesma reflete sobre essa situação e assume o importante papel do seu esposo em casa. Tem-se, neste caso, uma inversão de papéis, e não um compartilhamento de responsabilidades e funções, como desejado. Ademais, essa situação se impõe como uma contingência, e não como uma escolha da professora.

Esses cenários, cenas e enredos contêm, ainda, um outro problema a considerar: a crescente escassez de tempo livre, constituindo-se um paradoxo. As/os professoras/es convivem, de um lado, com o excesso de trabalho, como disse a professora Luz, a qual afirma que, se sua vida fosse um filme, 90% das cenas seriam de trabalho. A colega chega a sentir certa inveja de outras profissionais que podem deixar seus postos de trabalho, desvinculam-se dele. Ainda que tenham trabalhos difíceis, podem ir para casa dormir 08 horas por dia, prática quase impossível na vida de uma/um docente que trabalha 60 ou 80 horas. Na outra face do paradoxo, as/os docentes convivem com a falta de tempos livres, ou seja, vivem pouco com suas famílias, abdicam do lazer e de outras práticas culturais. Os poucos períodos que lhes sobram é para dormir, descansar, regenerar as forças para seguir trabalhando, ainda com corpos cansados, exauridos, tensos. E mesmo naqueles casos em que é possível não fazer as tarefas da casa e do cuidado com os filhos, em que procuram fazer atividades de lazer e outras práticas culturais, não conseguem descansar, porque não se desvinculam do seu trabalho. A esse respeito, Erich Weber (1969) argumenta que o indivíduo não consegue restabelecer efetivamente sua energia, porque não se trata apenas de um cansaço físico, mas também mental, os quais produzem sequelas e enfermidades.

A escassez de tempo, por sua vez, na expressão de Alberto Melucci (2004), “está associada à necessidade de escolha e de renúncia, parece estar na base de muitas incertezas e transtornos da vida cotidiana”. Os indivíduos estão sempre buscando respostas para as complexidades que exercem em suas vidas, seja através das buscas incessantes para ter um poder aquisitivo que possa acompanhar a produção da indústria cultural, de lazer, de consumo, dentre outras, seja para viverem uma vida economicamente equilibrada, sem preocupações, no intuito de descansar, regenerar as energias e continuar a trabalhar, na tentativa de ajustar o potencial do seu corpo às exigências do trabalho. Mas isso não é simples, e muitas vezes enfrentam o fracasso e verdadeiras patologias, porque não conseguem agarrar tudo aquilo que pretendem galgar, devido os seus limites pessoais, seus vínculos sociais e sua trajetória de vida. Seus corpos não cessam, como os relatos das/os professoras/es pesquisadas/os ilustram, fazendo a sobrecarga de trabalho sobre o corpo: *“depois de passar por mais de oito salas de aula, eu não sou mais a mesma, eu tô arriada; nesses 14 anos, raros são os momentos de descanso e lazer; a sensação é que eu estou sempre cansada.”*

Nos dias de hoje, na experiência dos tempos cotidianos destes docentes, ainda estão fortemente reificados os traços de uma cultura na qual o corpo é somente um instrumento para o trabalho e atividade física, como algo separado da mente ou como se o próprio sujeito fosse o corpo, esquecendo-se que ele habita no corpo e/ou está condenado a viver nele. Na formula-

ção de Anthony Giddens (2002), consciente ou inconscientemente, o indivíduo vivenciará sensações de bem-estar, de prazer, mas também de dor, doenças e tensões.

Na experiência cotidiana dos tempos docentes, a sensação de estafa, as dores musculares, o cansaço físico e mental parecem fazer parte da vida das/dos docentes, tal como observamos nesses relatos das professoras Élide e Vivi:

Sinto que estou cansada mentalmente, não consigo ter animo para pegar um livro e ler (Professora Élide, mensagem pela internet, em 17 de janeiro de 2013).

Tem dias que eu gostaria de virar dia e noite dormindo, o meu corpo só pede cama. O cansaço da semana eu sinto todo no domingo, mesmo assim não posso dormir, pois tem uma casa para cuidar e planos e atividades para elaborar, corrigir (...) (Professora Vivi, mensagem pela internet, em 17 de maio de 2013).

O cansaço físico, o mental, a falta de ânimo para fazer uma atividade cultural, bem como o esgotamento do corpo frente às exigências do trabalho da casa e da escola, invadem o espaço-tempo privado das/dos docentes, como ressaltam as professoras. Provam que o trabalho docente consome tanto uma grande energia mental (cerebral) quanto física. E isso desencadeia o esgotamento corporal, que é provocado de forma sutil, invisível e lenta, sem que o indivíduo perceba, em contextos e situações nas quais, conforme Erich Weber (1969), o corpo vai sendo moldado pelo próprio indivíduo e pelas suas interações socioculturais, nem sempre voluntárias, com o propósito de adaptar-se às novas configurações da vida cotidiana, seja no que concerne ao trabalho, seja quanto ao lazer e a outras práticas culturais que acontecem nos tempos cotidianos e ao longo da existência humana, através dos processos de socialização e sociabilidade.

Os relatos das professoras também nos permitem visualizar, de um lado, que a fadiga é decorrente do acúmulo de trabalho durante a semana, sobrando apenas o domingo para descansar. Entretanto, para algumas e alguns docentes, este é um dia de trabalho pior do que os outros, pois as tarefas da casa se concentram nesses períodos, dito livres, visto que ao longo da semana não há tempo para realizá-las. Sendo assim, a regeneração do corpo geralmente não ocorre, protela-se para um futuro cada vez mais incerto. De outro lado, o cansaço mental também é decorrente das preocupações incessantes com o trabalho da escola, com os alunos, com as exigências da gestão escolar, dos sistemas de ensino e suas respectivas tensões e conflitos, problemas que reverberam nos tempos docentes fora da escola. Por isso e mais, pode-se inferir que as/os docentes vivem e trabalham sob um estado de tensão e pressão constantes.

Passando para outro plano da exposição, além dos conflitos e tensões oriundos do ambiente escolar e próprios das suas preocupações, a sensação de cansaço é constante, com poucas rupturas e muitas continuidades. Muitas/os professoras e professores afirmaram que iniciam o ano letivo, a semana, o período de recesso, dentre outros tempos, com a mesma sensação, como se não houvesse uma interrupção dos tempos de trabalho. De fato, elas/eles continuam no interior das suas casas, acrescidas/os dos trabalhos da casa, conforme observam Joice, Lívia e Jonas:

Estou realmente cansada. Quer saber mais? Estou cansada só em pensar em retornar à sala de aula. E olha que eu adoro estar com meus alunos na sala de aula! (Professora Joice, mensagem pela internet, em 21 de janeiro de 2013).

Só que o ano mal começou e eu já estou cansada, sabe? Mas não é só por causa da escola, até que a aula não me cansa, às vezes me estressa. O que mais me cansa é depois de oito horas de trabalho na escola eu ter que voltar para casa para lavar, cozinhar, limpar, ufa! E, além disso, ainda tem aula para preparar, atividade para corrigir, não é fácil. Pensa aí: tem dias que meu corpo não aguenta, aí começam as dores (Professora Lívia, mensagem pela internet, em 20 de março de 2013).

Entrei no período de recesso, mas ainda continuo cansado. O meu corpo só pede cama, estou esgotado. Tenho a sensação que vou retornar para o trabalho ainda com o corpo cansado (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 22 de julho de 2013).

Esses relatos são complementados pelo depoimento da professora Vivi, a qual nos conta que durante o ano letivo o cansaço vai acumulando de tal forma, que há dias que até a voz das pessoas irrita. A gargalhada, os gritos, TV ou música em volume alto, tudo parece incomodar. Segundo a professora, *“um domingo é pouco para regenerar as energias, mesmo porque nele também está incluso o trabalho doméstico”*. Ela salienta, também, que quando chega o mês de outubro, *“Você não anda, arrasta; você não consegue ler, pensar, se divertir, porque o corpo não aguenta mais, pede cama. E o pior: tem dias que você deita e não consegue dormir”*.

É importante considerar que essa sensação de cansaço, de desgaste emocional e físico, na experiência cotidiana dos tempos docentes, também as/os têm desviado de muitas atividades de regeneração do corpo, conforme constatamos no depoimento da professora Luz: *“É incrível, moro numa cidade com praias lindas, mas só de pensar em tomar um ônibus para ir até lá, o cansaço se intensifica, e eu desisto”*. Este tipo de situação, essa sensação da profes-

sora Luz ocorre porque, muitas vezes, o tempo de regeneração é muito curto, e a atividade desejada ou proposta requer deslocamento, desempenho físico, custo alto, fatores que contribuem para a desistência, bem como para a produção de mais cansaço, conforme análise de Erich Weber (1969). Assim, passar alguns minutos à espera de um ônibus coletivo, passar horas dentro dele para ir a uma praia, permanecer por um tempo no local cuidando das crianças, retornar e fazer todo o percurso de volta, são atividades que, ao invés de regenerar o corpo, cansam-no ainda mais, como declara Maria:

Geralmente, no final de semana, eu dou prioridade pra descanso, se eu tenho uma folga é pra descansar ou sair e voltar cansada? (...) Eu prefiro ficar em casa descansando (...) (Professora Maria, Grupo Focal nº. 03, em 08 de maio de 2013).

Inspirando-nos em N Robert Elias e Eric Dunning (1992), podemos dizer que o lazer não é o responsável pela regeneração, mas um dos componentes que podem ajudar em sua efetivação, por causa da sensação de prazer proporcionada no momento da ação, sem levar em conta os processos anteriores e posteriores. Desse modo, não podemos relacioná-lo ao trabalho, como se fosse responsável direto pela reabilitação do sujeito. Muitas vezes até o sono e o descanso corporal são insuficientes, conforme sinaliza o professor Jonas:

(...) Ontem quando eu cheguei a casa eu dormi das dez até hoje ao meio dia, preciso de energia para a batalha de amanhã. O pior é que ainda estou com sono! (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 08 de setembro 2013).

Neste seu relato, o professor Jonas diz permanecer em casa, dormir mais de 12 horas, e mesmo assim ainda acorda com a sensação de que precisa dormir mais, de que necessita descansar. Desse modo, mesmo optando em dormir, fazer uma atividade compensativa, no caso do lazer, ficando em casa sem nada fazer, o corpo continua cansado, devido à justaposição e sobreposição de atividades sobre ele, além das obrigações e preocupações cotidianas que também podem suspender a forma regeneradora, comprometendo o descanso do sujeito, principalmente seu sono, conforme Erich Weber (1969).

5.2. Tempos de um corpo presente/ausente

Os efeitos do trabalho sobre o corpo merecem cuidadosa análise, além do exposto acima. Ainda conforme Alberto Melucci (2004), o cansaço pode ser mental, mas é o corpo que sinaliza. Nesse sentido, como vimos em algumas falas das/os professoras/es, transcritas aci-

ma, a própria indisposição para fazer uma atividade que poderia ser regenerativa das energias corpóreas é um sinal de que o corpo tem sido moldado tão unicamente para técnicas em relação ao trabalho, que se encontra esgotado, fatigado. Na expressão de David Le Breton (2012), não produz sentido em relação às coisas que o cercam, torna-se presente-ausente. Sendo assim, o corpo está presente na experiência do indivíduo, mas está ausente na sua consciência, ele só percebe o corpo no momento em que este cessa de cumprir algumas das suas funções habituais, quando a rotina da vida cotidiana desaparece ou quando se rompe “*o silêncio dos órgãos*” (p. 196).

No transcurso dos tempos cotidianos dos indivíduos, o corpo é presente quando esvanece, sendo suporte inevitável, a carne do ser-no-mundo do homem e da mulher, que ao se manifestar induz o sujeito a tomar consciência de si. De outra parte, se faz ausente na consciência dos homens e das mulheres, quando eles/elas têm saúde, regeneração, prazer, satisfação, como se sua ausência definisse saúde e bem estar. Isso ocorre porque, historicamente, o lugar do corpo sempre foi o do silêncio, da descrição, do apagamento, bem como um esconderijo de ritos e símbolos, conforme Davi Le Breton (2012).

Nos tempos das/dos professoras/es, fora da escola, teoricamente tempos livres docentes, a presença do corpo é uma constante, porque traduz com toda evidência, dor e fadiga, impossibilidade física de cumprir suas ações e sensações/sentimentos outros, decorrentes da escassez de tempo livre e do excesso de trabalho, como visto anteriormente. De outra parte, se os tempos livres não forem suficientes para restabelecer as energias, os indivíduos buscarão cada vez mais outras formas de regeneração, sejam naturais, químicas, utilização de drogas e tratamento intensivo, psicológicas, religiosas, dentre outras, conforme ressalta Erich Weber (1969).

Jonas, Luz e Livia ilustram a discussão apresentada pelo autor, ao declararem em seus relatos, que ingerem remédios para o descanso físico e mental, ou fazem terapia para diminuir as tensões constituídas na vida cotidiana e nas interações sociais.

(...) Parece que eu levei uma surra, sabe? Tenho tomado relaxante muscular direto, mas parece que água! (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 22 de julho de 2013).

(...) não sei se meu cérebro dará conta de relatar tudo, mesmo tendo sido alimentado com Ômega3. Pois é, uma colega me disse que isso é ótimo para quem está com a sensação de que o cérebro está cansado, com pouca concentração. E não é que funciona? Pelo menos consegui corrigir as 300 páginas de textos e fazer os diversos relatórios (...) sem desmaiar de tanto cansaço (Professora Luz, mensagem pela internet, em 09 de abril de 2013).

(...) Já faz um ano que eu estou fazendo terapia, iniciei tomando remédios de tarja preta, agora já são mais leves. Já passei dias e dias sem dormir, vigiando, qualquer barulho era uma confusão na minha cabeça (Professora Lívia, mensagem pela internet, em 02 de abril de 2013).

Inicialmente, a tendência de alguns colegas foi ignorar os sinais do corpo, tomar um medicamento por conta própria ou indicado por alguém que tenha passado pelo mesmo problema. Todavia, as condições laborais exaustivas de seus trabalhos, a pressão interna e externa à escola, a desvalorização profissional, dentre outros fatores, vão se intensificando e manifestam no corpo um conjunto de males. Estes podem aparecer sob a forma de incômodos e desconfortos físicos e psicológicos, muitas vezes julgados como sem importância, como também de dores musculares, doenças cardíacas, estresse, depressão e esquizofrenia, respostas do corpo à falta de tempo e à ameaça de perder possibilidades, conforme Alberto Melucci (2004) salienta, e como se vê nos relatos abaixo:

Minha saúde mental não está nada boa, pois não tenho sono à noite e quando consigo dormir acordo 6h da manhã e fico enrolando, fico atrapalhada com as coisas, que tenho que fazer (...) Sinto que estou cansada mentalmente, não consigo ter ânimo para pegar um livro e ler, tenho que ir à secretaria de educação e não consigo olhar pras pessoas que estão lá, de tão brava que estou. Não consigo ter e ser uma pessoa como as outras, que não estão nem aí para o que está acontecendo. Sinceramente, sinceramente estou enojada, decepcionada (Mensagem de Élide, pela internet, março de 2013).

Estou vivendo um quadro de depressão. Eu sei quando a doença se manifesta em mim, já me conheço, me afasto de todos, fico muito irritada e sem paciência. Minha vida é assim, já me acostumei. Tem altos e baixos, procuro não demonstrar aos colegas, porque como não é uma doença física, as pessoas não acreditam que estamos sofrendo. Meu médico não me afasta das aulas porque acha pior eu ficar em casa, uma vez que não tenho outra atividade. E eu, como terapeuta ocupacional, concordo com ele. Mas eu, ser humano que sofre com isso, discordo porque não tenho vontade de me relacionar com ninguém, de ter contato com ninguém. Por mim, ficaria sempre em casa, não tenho ânimo para nada. Além disso, tenho uma compulsão que é de comprar, mesmo não necessitando, principalmente de roupas, vou lá e compro (Mensagem de Élide, pela internet, abril de 2013).

Mal iniciou o ano e eu já estou cansado (...) Estou com sérios problemas de saúde: hipertensão, bursite, rouquidão constante e outras coisinhas mais, são as heranças da profissão (...). Vou tentar pedir uma licença, nunca me senti tão pra baixo, como eu me sinto agora. (Professor Márcio, mensagem pela internet, 18 de maio de 2013)

Além de outros aqui trazidos, são contundentes esses relatos das/os professoras e professores, sobre seus corpos, sobre o sofrimento de seus corpos. Na pesquisa, assim como outros estudos sobre professoras/es evidenciam, constatamos que o corpo das/os docentes pesquisadas/os manifestam patologias frequentes. No período da coleta de dados, mais de 10% das/dos docentes da rede de ensino de Porto Seguro encontravam-se afastadas/os da sala de aula, ou em processo de readaptação laboral. As duas mensagens da professora Élide, registradas acima, uma de março, outra de abril de 2013, demonstram como a depressão se instala em seu corpo: a falta de ânimo, a vontade de não ver ninguém, a insônia, a irritação, a impaciência, a solidão e outros indicativos.

Acerca da depressão, Alberto Melucci (2004) apresenta três características, dentre outras. A primeira é o modo pelo qual os indivíduos deixam que o passado, as preocupações constituídas nele, se alastrem sobre o presente e o encharquem até anular o futuro. O hoje é sempre alimentado com as ações do ontem, não há novidades, perspectivas, evolução, mudança. Para o autor, a depressão é esse inundar do passado, porque o indivíduo não se sente capaz de gerir os ritmos do futuro e a sua extensão. O passado passa a ser um ancoradouro, um porto, uma prisão, onde o indivíduo ruma os seus fracassos, a sua impotência e se afasta das interações sociais. A segunda característica é ignorar o presente e tudo que está contido nele. O mundo perde o sentido, porque o corpo deixa de ser o eixo que o articula no mundo. Há vontade de ficar só, falta de disposição para sair, para embelezar, para viver. O indivíduo passa imobilizado, suspenso das relações sociais. Muitas vezes o corpo encontra-se ali, o pensamento não. “*Vivencia-se a experiência do tédio, dos pensamentos sem pensamentos, desejos sem desejos*”, na expressão de Alberto Melucci (2004, p. 97). Por fim, a depressão também decorre do modo como perseguimos aquilo que almejamos e que desejamos consumir, pessoas que queremos conviver. Segundo o autor, isto decorre de uma *Síndrome de Don Juan*, uma sensação que obriga o indivíduo a perseguir toda possibilidade que é apresentada. Contudo, como as possibilidades são múltiplas, mal ele toca em uma, outras o chamam, daí a vontade de comprar, de ter, de consumir, que se manifesta em muitos atores. Todavia, assegura o autor, em cada indivíduo ela se apresenta com diferentes intensidades.

Embora o trabalho incida sobre corpos individuais, o labor e a labuta estão sempre socialmente inscritos, trata-se de processos sociais, ainda que estes apareçam como adoecimentos individuais. Mesmo considerando que os indivíduos são singulares e que também fabricam os processos e dinâmicas sociais, ninguém escapa às condições históricas. Sendo assim, a experiência de mal estar e adoecimento dos corpos, presente nos tempos cotidianos de professoras/as nos dias atuais, tal como de colegas do grupo investigado, são resultados das

mudanças que ocorreram e vêm ocorrendo na educação e no trabalho docente, nos últimos trinta anos.

As reformas propostas pelo sistema de ensino, no intuito de democratizar o acesso da população à escola, de mudar os paradigmas em relação aos modos de ensinar e aprender e de alcançar os índices de desenvolvimento da educação dos países desenvolvidos, exigiram de professoras e professores uma mudança significativa do seu trabalho e função na escola. No momento atual, a sua tarefa não se reduz apenas ao domínio cognitivo, mas também se pede que elas/es sejam facilitadoras/es da aprendizagem, organizadoras/es do trabalho pedagógico, cuidem do equilíbrio psicológico e afetivo dos/as discentes, da integração social, da educação sexual, da preparação para o mundo do trabalho, para o exercício da cidadania, dentre outros, conforme explica José Manuel Esteves (1999a). Ainda que tais funções nunca tenham sido desvinculadas da docência, hoje elas se tornam mais visíveis e presentes, em virtude de várias circunstâncias. Paralelamente, vimos mudanças e reformas dos sistemas, dos currículos e da escola, ao lado de continuidades destes, que não foram acompanhadas de mudanças necessárias na formação fragmentada dos docentes.

Os *novos discentes* que adentram no espaço escolar, exercitando um direito de cidadania (usurpado por décadas e décadas) das classes populares no Brasil, trouxeram novos desafios para a escola, especialmente no que se refere à diversidade cultural e origens de classe de seu público que agora se alarga. Esses *novos discentes*, reiterando a expressão de Emílio Fanfani (2004), trazem realidades sociais, culturais e econômicas novas e distintas, saberes e *habitus*, demandas alheias ao que a escola oferece usualmente. Ademais, ainda conforme Emílio Fanfani (2004) há novas configurações e dinâmicas familiares, há novas agências e instituições de socialização, a exemplo da mídia e da internet, que dividem com a escola a socialização das novas gerações nas sociedades contemporâneas.

Paralelamente às novas exigências sobre a docência, as condições de trabalho das/os professoras/es continuaram totalmente precárias, a arquitetura escolar apresenta estruturas decadentes, há a sobreposição de tarefas docentes num tempo mínimo de trabalho, dentre outros fatores que desencadearam um choque das/os docentes com essa nova realidade, a qual tem resultado tempos de adoecimento e mal-estar docentes.

Quanto ao mal-estar docente, segundo José Manuel Esteves (1999b), entende-se como o sentimento perante as circunstâncias extemporâneas que obrigam as/os docentes a fazerem mal o seu trabalho, tendo que suportar a crítica generalizada, bem como buscar incessantemente acompanhar as mudanças, procurando múltiplas alternativas. O autor ressalta, ainda, que o mal estar é um fenômeno que envolve aspectos interiores, como os psicológicos,

e exteriores ao sujeito, como os sociológicos. Nestes se incluem demandas sociais, fatores profissionais, a problemática das relações intersubjetivas entre docentes e discentes, pois ensinar não é uma tarefa neutra, é uma atividade relacional, com alto envolvimento humano, que principia nos corpos que se encontram em interações face a face, corpos que se localizam em distintas temporalidades geracionais e ciclos de vida, conforme Inês Teixeira (1998)

Esse conjunto de desafios e outros elevam as tensões que constituem as salas de aulas e as escolas nos dias atuais, causam desajustes, incertezas, dúvidas, os quais as/os docentes precisam enfrentar a cada dia. Sendo assim, professoras e professores reagem com sentimentos e emoções negativas, insatisfação, ansiedade, esgotamento, tédio, estresse, depreciação do eu e autoculpabilização, reações neuróticas, depressão e outros males identificados nas pesquisas de José Manuel Esteves (1999a; 1999b). Tais tendências e problemas têm contribuído para um ciclo degenerativo do desempenho docente e dos corpos das/as professoras/es, como se observa nos relatos dos docentes da pesquisa. Também não se pode perder de vista, que os tempos do trabalho na escola invadem os tempos privados dos docentes em seus períodos fora da escola, os quais são carregados de tarefas domésticas, de responsabilidades com filhos e outras, discutidas no capítulo anterior.

Os efeitos contínuos e de caráter negativo, oriundos de um trabalho sem fim, de corpos que não cessam, podem levar do mal-estar ao adoecimento. Elas e eles, as/os docentes, passam a conviver com dores, com o sofrimento, o desconforto e outros males, consequências do estado de mal-estar com o qual convivem diariamente, conforme observamos no depoimento de Lúcia:

(...) Quando chego a casa nem sinto mais o meu corpo. Chego morta de cansada, com muita dor de cabeça, não tenho ânimo para nada. Não consigo sequer ler, produzir algo, nem pensar; não consigo raciocinar direito. Se eu sentar ou deitar no sofá, acabo dormindo. Meu marido já me deu um apelido: "*Maria das Dores*". Todos os dias reclamo de uma dorzinha. Outro fato é que meu corpo já tá dando pane, o ano de 2012 fui a vários médicos, dentre eles um ortopedista, pois senti muitas dores musculares. Fiz fisioterapia por um mês, por conta da tensão muscular e a fonoaudióloga disse que contraí dois calos nas cordas vocais. Fiz 02 seções de fonoaudiologia, ainda faltam 4, mas tinha tempo nem pedi afastamento, o tratamento não resolveu. Continuo sentido dor de garganta, mas agora nas férias quase não sinto dor, nem no corpo, nem na cabeça. O médico me disse que sinto estas dores quando me estresso muito (Professora Lucia, mensagem pela internet, em 20 de Janeiro de 2013).

“*Maria das Dores*”. Foi assim que o marido da professora Lúcia a apelidou, devido às dores constantes que sente. Confrontada com a falta de tempo, a professora resiste às dores

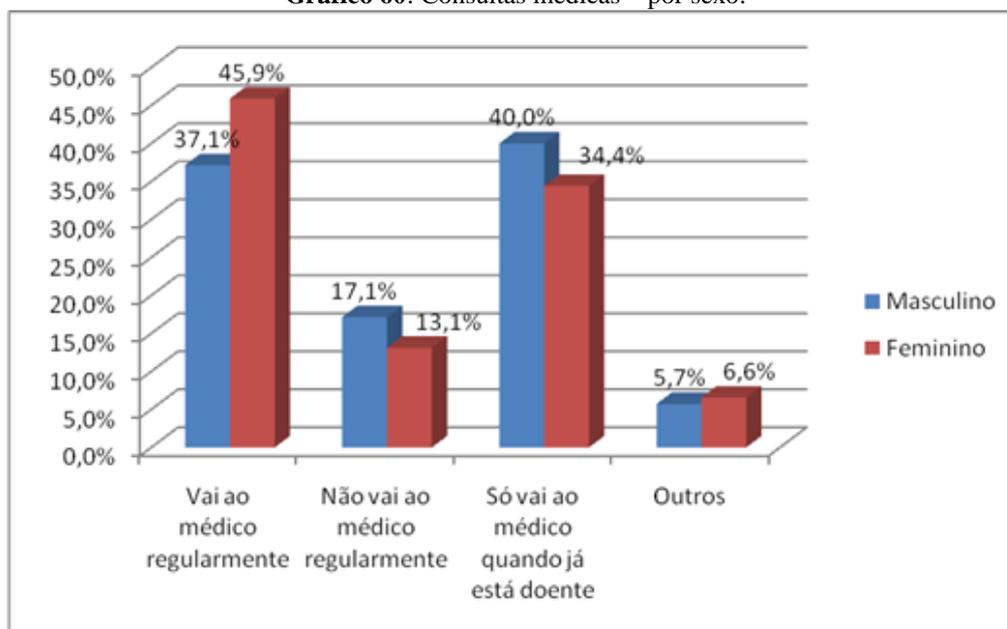
corporais e, em última instância, procura os especialistas, contudo falta-lhe tempo novamente para dar continuidade ao tratamento, como ela mesma diz no segmento do seu relato: “*Ainda não tem médicos em Porto Seguro, atendendo 24h, somente em caráter de urgência, não para exames rotineiros*”. Como a professora Lúcia, há centenas de docentes que vivem limitadas/os em suas atividades, em suas vidas, estas restritas ao trabalho principal (a docência na escola), ao trabalho invisível (doméstico), e algumas às atividades para a complementação da renda, que estafam os corpos. Não raro, restritas ainda mais, pois não havendo tempo para se precaverem quanto às situações mais complicadas, relativas à saúde dos corpos, elas e eles se encontram com as enfermidades, aos sinais do esgotamento e exaustão dos corpos. Dores que não são apenas das Marias, mas dos Jonas, dos Márcios, de colegas que vimos e ouvimos. Dores não apenas do corpo físico, mas também da alma. Dores que, quando muitas e frequentes, podem fragilizar a convivência dos casais, dos grupos familiares, podendo levar a dores dos amores, das relações amorosas que ficam também prejudicadas pelo excesso dos tempos de trabalho, que convivem com a escassez dos tempos livres.

5.3. Tempos de cuidado e tratamento do adoecimento dos corpos

Nas rotinas do tempo livre das/os professoras/es pesquisadas/os, constatamos que buscam, de uma parte, trabalhar muito, fazer a provisão das suas próprias necessidades biológicas, acompanhar os familiares, educar e cuidar das crianças, e nem sempre “sobra tempo” para outras práticas, inclusive dos cuidados médicos, pois em sua experiência cotidiana vivem driblando o relógio para conseguir articular todas as suas atividades nas horas do dia.

Complementando os aspectos da corporeidade, relativos aos tempos de regeneração, quanto às consultas médicas, observamos que as/os docentes pesquisadas/os costumam procurar os serviços de saúde somente em casos de urgência e emergência, dado expresso nos 34,4% de professoras e 40,0% de professores que só consultam o médico quando já estão doentes. Isso ocorre, na maioria das vezes, porque é necessário tempo para marcar os exames, esperar por eles e, depois, para fazê-los. Também constatamos que a frequência nos serviços de saúde é uma prática mais das professoras (45,9%) do que dos professores (37,1%), como indicado no gráfico a seguir:

Gráfico 60: Consultas médicas – por sexo.



A pesquisa também revela que há docentes que não consultam um médico, nem regularmente, nem quando estão doentes, o equivalente a 17,1% dos homens e 13,1% das mulheres pesquisadas. Isso significa que vivenciam em plena ausência do corpo, ou seja, como assinala David Le Breton (2012), enquanto o corpo não manifesta nenhum sinal de dor, desconforto e sofreguidão, os indivíduos não se atentam à prevenção e aguardam que seja rompido o “silêncio dos órgãos”, o que constitui um grande perigo para a saúde, sobretudo com o avanço da faixa etária.

Em relação aos sujeitos que optaram em responder a opção “outros”, justificaram que aproveitam o período de férias e de recesso escolar para fazer todos os exames necessários, tanto cuidar de si quanto de toda a família. Dentre outros relatos, destacamos o da professora Lucy:

Depois do que eu passei (pausa). Eu tive um problema serio de saúde há um ano atrás, um ano e dois meses atrás eu passei a me cuidar melhor. Agora eu estou mais atenta, procuro fazer as consultas periódicas, os exames. Tive que tomar um susto primeiro, mais de um ano pra cá, tenho levado mais a sério a saúde. (...) Eu procuro fazer assim, nas férias, em janeiro, eu faço todos os exames, meus e da família toda. Em julho, novamente, são os dois períodos que eu utilizo pra estar fazendo exame (Professora Lucy, Grupo Focal nº 03, em 08 de maio de 2013).

As/os professoras/es pesquisadas/os também declararam que têm muitas dificuldades para fazer consultas médicas frequentemente, principalmente os homens. No caso do profes-

sor Kleber, na maioria das vezes só vai aos especialistas em saúde por insistência da mãe ou quando o corpo pede socorro. Já a professora Maria, foi necessário levar um susto para tomar as providências cabíveis:

Essa questão de saúde, eu sou igual a meninote, né? Só me cuido quando vou pra casa da minha mãe. Nesses 15 dias de julho, eu tomo remédio de verme, não sei o que, teretetê. Vou ao médico por insistência dela e das minhas irmãs. Questão de saúde mesmo eu tenho que melhorar muito, nesses cuidados, né? (Professor Kleber, Grupo Focal nº 03, em 08 de maio de 2013).

Eu também tive que tomar um susto, pra me preocupar com minha saúde porque eu não me preocupava, aí eu tive que tomar um susto pra que eu pudesse ir ao médico com frequência (Professora Maria, Grupo Focal nº 03, em 08 de maio de 2013).³⁶

O caso da professora Maria, que ficou na iminência de perder a visão, devido a esses adiamentos de exames médicos, pode diferir do caso de muitas/os outras/os docentes, na especificidade do problema, mas se iguala no sentido de que várias/os professoras/es não dispõem de tempo livre nem mesmo para cuidarem de si, condição *sine qua non* para existir. Muitas/as são as/os docentes que sofrem uma série de sintomas e acreditam que estes vão passar, ou classificam tudo como estresse, sem tomar consciência de que problemas maiores podem ser deflagrados. Existem aquelas/es que até conseguem ir ao médico e diagnosticar o problema, como foi o caso da professora Maria, porque aproveitam para marcar consultas

³⁶Alguns dias depois do encontro do Grupo Focal, recebi um e-mail da professora Maria, que me contou qual foi o susto a que se refere no relato, que a fez ficar mais atenta à saúde. Segundo a professora, ela sempre usou óculos, contudo a sua preocupação era apenas ir ao oftalmologista para trocá-los. Com o passar do tempo ela começou a sentir que as imagens estavam ficando cinza, de vez em quando enxergava muito pouco. No entanto, achava que não era tão sério, tinha outras coisas para se preocupar: problemas de saúde da mãe, da tia, de irmãs, pessoas que sempre tiveram a sua casa como suporte para se tratarem. Quanto mais o tempo passava, mais ela sentia os olhos. Na escola, trabalhando 40h semanais, manhã e tarde, sentia que as letras dançavam nos livros, ler à distância era uma grande dificuldade. A culpa sempre era dos óculos, precisava voltar para substituí-los, mas nunca tinha tempo, sempre aparecia uma coisa para impedir a sua consulta. Muito responsável com seu trabalho, não queria de forma alguma faltar para fazer as consultas. Uma vez no oftalmologista, nessas consultas para troca de lentes, o especialista disse que ela precisava ficar atenta, porque estava com glaucoma. Ela foi para casa, usou os colírios receitados e continuou a trabalhar, cuidar da casa, da filha. Um ano depois o corpo estava enviando mais sinais: ao tapar um dos olhos, apenas via uma penumbra em sua frente, começou a não enxergar de um lado, via apenas vestígios. Só então procurou um especialista e descobriu que estava em um nível avançado de glaucoma. Depois da cirurgia, hoje ela enxerga apenas 80% do olho direito e perdeu totalmente a visão do olho esquerdo. Continua a trabalhar, porque a escola é um dos lugares onde mais gosta de estar, ensina porque tem paixão pelo magistério, mas de agora em diante, depois do susto que tomou, vai ficar mais atenta ao seu corpo, antes mesmo dele dar os sinais.

médicas nos entretornos, na hora do almoço e nas “janelas³⁷” entre uma aula e outra. Entretanto, protelam o tratamento porque não é possível fazê-lo com frequência, andam imprensados entre os tempos do trabalho, da escola e da casa. Cuidar de si e da saúde tem se constituído um desafio na vida desses indivíduos, uma ação imprescindível que fica sempre em último plano, como podemos observar nos relatos da professora Luz e professor Jonas:

(...) recebi o diagnóstico de artrose e a notícia de que a mesma não tem cura. Presente da profissão, fazer o quê? Agora é fisioterapia até não acabar mais, o que eu detesto fazer, sem falar que eu não tenho tempo para isso (Professora Luz, mensagem pela internet, em 18 de agosto de 2013)

Já faz mais de uma semana que eu vivo preocupado, com a minha saúde. Tenho estado com pressão alta, direto. Eu estou dando aula, mas a cabeça tá em outro canto, pensando em exames, pensando se vale a pena trabalhar tanto assim (...) (Professor Jonas, mensagem pela internet em 17 de Julho de 2013).

O processo de adoecimento pode ser resultado da rotina vivida por professoras e professores no interior das escolas, que é atravessada por diversos fatores, dentre eles as péssimas condições de trabalho, a impotência diante do insucesso e modos de agir dos alunos e das alunas, baixos salários e consequentemente a ampliação e intensificação das jornadas, acrescida da falta de reconhecimento social, da escassez de tempo para o lazer e para o cuidado de si, dentre outros aspectos, como muitas/os pesquisadoras/es, já identificaram (Jose Manuel ESTEVES, 1999a, 1999b; Dalila, OLIVEIRA, 2004, 2010).

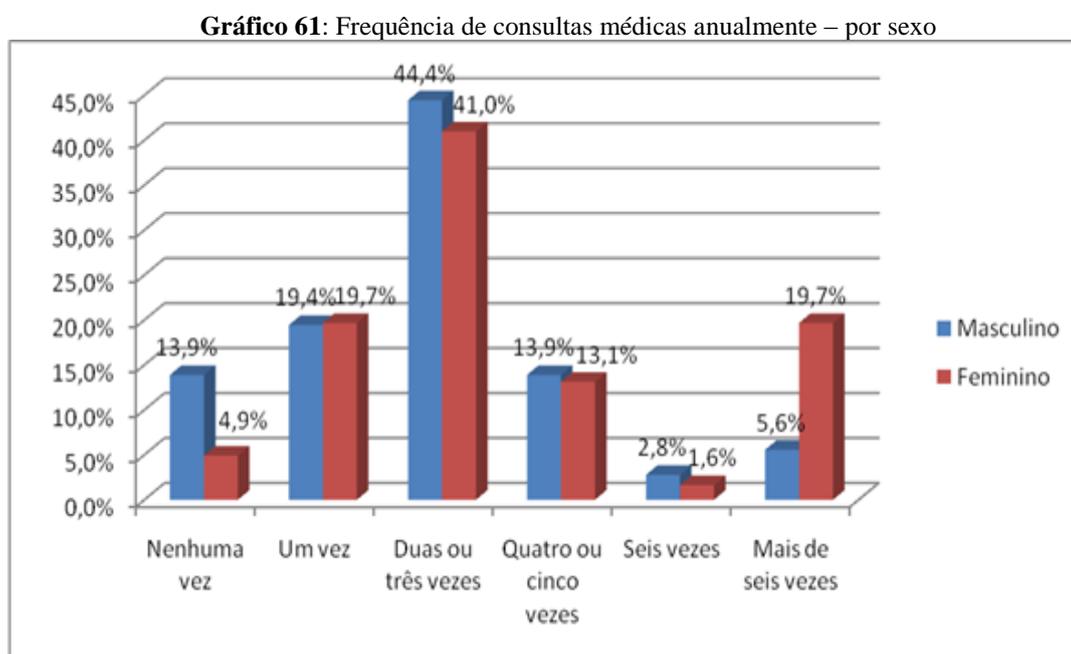
Além da falta de tempo, outro aspecto se destaca no âmbito dos cuidados daquele grupo com sua saúde: a situação atual dos serviços de saúde em Porto Seguro. Devido às demandas, nos hospitais públicos há mais atenção para as emergências do que para a prevenção. Esta fica a cargo dos Postos de Saúde da Família – PSF, onde são feitos exames de rotina e marcados os exames especializados. Tal situação traz alguns empecilhos que dificultam a frequência das/dos docentes nesses postos: primeiro é que seu horário de funcionamento é o mesmo das escolas; além disso, para conseguir uma ficha para um exame de rotina, é necessário acordar na madrugada, sempre às 05h da manhã, quando já existem pessoas na fila, para um atendimento que se inicia geralmente às 08 horas; por fim, para fazer um exame especializado demora-se em média 90 dias, após a realização da consulta. Sendo assim, poucos/as docentes

³⁷ Janela é a forma como professoras e professores nomeiam a aula vaga, o intervalo entre uma aula e outra, que ocorre na distribuição dos horários no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), períodos nos quais ficam fora da sala de aula, mas na escola, pois não é possível sair dali, visto que terão aula em seguida.

têm acesso à saúde pública, não por uma opção, mas por falta de uma política de saúde pública para todos, aliada à escassez de tempo, situação não só de Porto Seguro, mas de muitas cidades brasileiras. A alternativa para muitas e muitos tem sido os Planos Privados de Saúde, como declara a professora Lívia:

Hoje não fui à escola porque não estou me sentindo bem, além de problemas na voz, tenho sentido muitas dores de estômago. Na semana passada fui ao médico, primeiro esperei quase quatro horas esperando uma ficha, pois cheguei às 04h30 da manhã lá no posto de saúde do bairro e as fichas começaram a ser distribuídas às 07 para o médico começar a atender às 08h. Então eu precisava ser a primeira atendida para de lá ir pra escola. Eu estou tomando os remédios que o médico receitou, mas a dor não passa, ele pediu uma endoscopia, mas só tem vaga para fazer o exame daqui a 90 dias, acho que vai ser o jeito desembolsar 200 reais para fazer particular. Eu pensei em fazer o plano pelo convenio que a uma operadora particular tem com a APLB, mas tá todo mundo reclamando que os exames especializados demoram do mesmo jeito que no serviço publico. É, meu amigo, saúde aqui é um problema, não é solução (Professora Lívia, mensagem pela internet, em 12 de abril de 2014).

Em se tratando da frequência em que as consultas médicas ocorrem, de um modo geral 54,1% das professoras e 63% dos professores costumam consultar o médico entre duas e quatro vezes ao ano, conforme o gráfico a seguir:

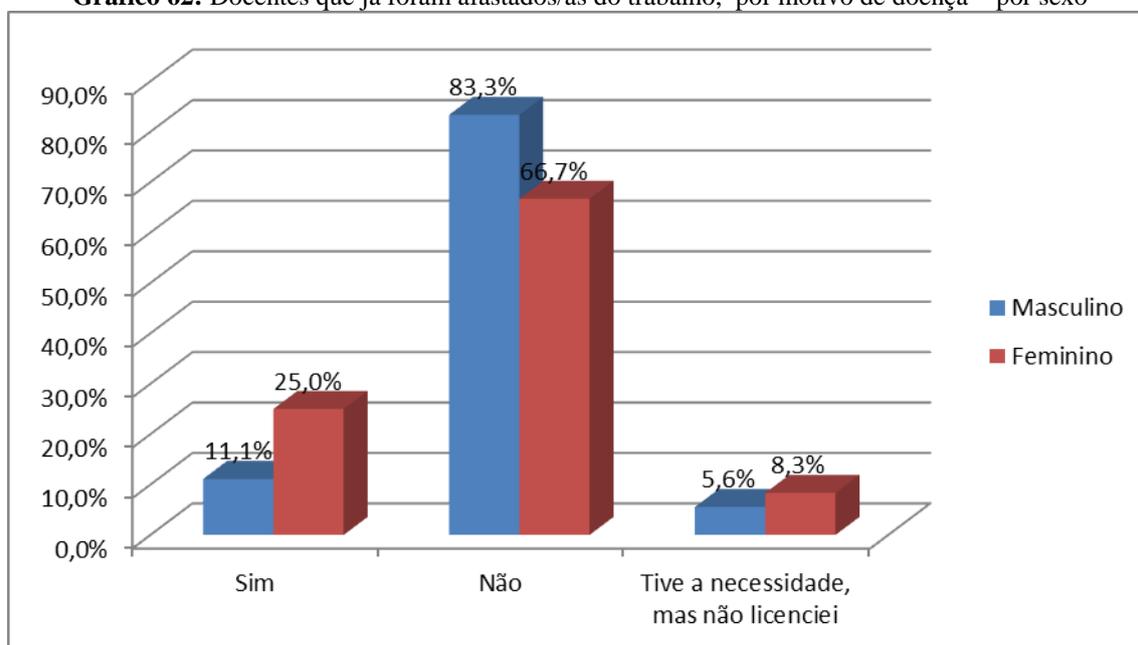


Uma informação que nos chamou a atenção é que existem professores (13,9%) e professoras (4,9%), entre os/as pesquisados/as, que não procuram o médico em nenhuma das

hipóteses apresentadas. Também a pesquisa evidencia que as mulheres costumam fazer exames com mais frequência do que os homens, o que confirma as pesquisas nacionais. Segundo Romeu GOMES e outros (2007), essa não é uma realidade somente dos professores, mas dos indivíduos do sexo masculino, em sua maioria. Conforme o autor, nas últimas décadas, mais de 80% deles não procuram fazer consultas regularmente, exceto quando já não aguentam mais e são levados por familiares, ao hospital.

A situação vivida pelas professoras e professores pesquisadas/os demonstra o quanto algumas/alguns delas/es estão cansadas/os ou com sérios problemas de saúde: alto nível de estresse, depressão, problemas cardíacos, dentre outros³⁸. Constatamos que, dentre os sujeitos pesquisados, 11,1% dos homens e 25% das mulheres já ficaram afastados/as da escola, sendo beneficiários/as do INSS, conforme explicita o gráfico a seguir:

Gráfico 62: Docentes que já foram afastados/as do trabalho, por motivo de doença – por sexo



Essa diferença não quer dizer que os homens se afastam menos do trabalho do que as mulheres. Significa, como também evidenciou a pesquisa de Manuel Esteves (1999), que eles procuram menos os serviços de saúde do que elas, muitas vezes nem sequer identificam a doença, como também confirma a pesquisa de Romeu GOMES e outros (2007), citada anteriormente.

Também, dentre os sujeitos pesquisados, encontramos docentes que, embora vivam em condições vulneráveis de saúde, não conseguiram licença e continuaram a trabalhar, devi-

³⁸No ano de 2013 houve dois casos de óbitos de docentes na rede regular de ensino: duas professoras (causa morte: AVC) e um professor (infarto). Inclusive, o professor era sujeito dessa pesquisa.

do à situação menos agravante, todavia apresentam uma sequência de atestados durante todo o ano letivo. Outras professoras (8,3%) e professores (5,6%) declaram que tiveram necessidade de licenciar-se do trabalho, mas não conseguiram ou preferiram continuar a trabalhar, devido às condições em que se encontram os indivíduos afastados do trabalho, os quais vivenciam situações de muito desconforto, tanto junto aos colegas, quanto ao sistema de ensino. Segundo elas/eles, ao serem afastadas/os da sua função, iniciam um tratamento moroso, além das perdas salariais, pois o que é pago pelo INSS é inferior ao salário recebido mensalmente, através da Prefeitura Municipal, conforme explica Lívia:

(...) Há um ano e meio eu tive um problema sério de saúde, sentia medo de tudo e de todos, até mesmo das pessoas lá de casa. O médico disse que é uma síndrome que se chama pânico. Eu ia para escola e lá, parecia que alguém segurava minhas pernas na cadeira, porque eu não tinha forças para levantar, quando eu não consegui nem entrar na escola. Já faz um ano que eu estou fazendo terapia, iniciei tomando remédios de tarja preta, agora já são mais leves. Já passei dias e dias sem dormir, vigiando, qualquer barulho, era uma confusão na minha cabeça. Cheguei a ficar de licença por mais de seis meses, o que não desejo a ninguém, pois é uma situação muito desgastante. Os colegas te olham como se você estivesse inventando uma doença, sem falar no salário que diminui muito em relação ao que costumava receber mensalmente. Aí eu preferi voltar pra escola, estou 20h em sala de aula e 20h como auxiliar de coordenação. Se eu me arrumar, por exemplo, e ir pra escola, sempre ouço uma gracinha: “Está muito bonita para quem está doente!” (Professora Lívia, mensagem pela internet, em 02 de abril de 2013).

Para muitas/os professoras/es o tempo fora da escola é dedicado aos hospitais, às consultas e aos medicamentos. O tratamento é lento, e como disse a professora Lívia, noutro relato, em se tratando da síndrome do pânico, em seu caso específico, “*é uma doença que não tem feridas externas, para que as pessoas vejam e acreditem no estado da doença, as marcas são profundas e internas*”. São dores e sofrimento sentidos somente pelo próprio indivíduo que as tem no corpo e na alma. Talvez isso explique a interpretação equivocada das/os colegas, quanto ao estado da professora, por ser uma doença que não é externa, mas interna.

Ainda sobre a relação de professoras e professores com a doença dos colegas de trabalho, a professora Ângela nos disse que o mais triste é a incompreensão. Segundo ela, já ouviu muita coisa de colegas e gestores, inclusive que ela “*estava precisando de um macho, ou que estava com treta*”. Além disso, uma colega afirmou que ela não estava depressiva, porque andava muito arrumada. Também já foi chamada pela diretoria da escola, para ouvir o diretor dizer que não receberia mais os seus atestados da clínica particular, porque as pessoas estavam dizendo que ela estava pagando por eles. Segundo a professora, muitas vezes é a própria

escola que piora o quadro da depressão, o processo que seria de reabilitação se transforma em martírio, sofrimento.

Diante da vasta literatura publicada acerca da temática, bem como do número expressivo de docentes nessa situação, essa violência simbólica, sob a forma de “gracinha”, como assim denomina a professora, já não devia existir. Principalmente porque se trata de uma categoria da qual se espera conduta ética, uma categoria profissional que lida diariamente com o conhecimento, que tem um elevado nível de instrução frente ao restante da população e que se encarrega da formação das nossas crianças, adolescentes e jovens.

A professora Élide também passa por situação semelhante à de Livia e de Ângela. Está recém-separada do seu marido, cuida sozinha de dois filhos adolescentes e tem enfrentado nos últimos anos um quadro de depressão. Ela nos relatou quão difícil é conciliar o tratamento, os trabalhos da escola e da casa. Segundo ela, está há mais de um ano com quadro depressivo e vem fazendo tratamento de saúde semanalmente, com psicólogos e psiquiatras, além de tomar remédios para controlar a ansiedade e diminuir a insônia. Continua trabalhando na escola, com uma jornada de 40 horas semanais. Trabalha com adolescentes, à tarde, e jovens e adultos, no noturno. Na concepção da professora, foram os problemas da escola, somados àqueles da sua vida pessoal, que desencadearam o quadro atual em que ela se encontra. A solidão é constante, pois seus familiares moram noutro estado, em Porto Seguro ela só conta com a companhia e apoio dos filhos e dos poucos amigos que possui. Para piorar a sua situação, a prefeitura deixou de pagar o décimo terceiro no final do ano de 2012, além de negar outras garantias conquistadas pela categoria, devido à mudança de gestão, fato que afetou ainda mais a sua situação: perdeu a vontade de viver, de se divertir, de trabalhar. Muitas vezes, segundo a professora, os dias, as horas passam, sem que ela se dê conta de que estão passando. A única coisa que ainda a deixa de pé, é saber que tem dois filhos para tomar conta.

O adoecimento faz com que os tempos cotidianos se resumam apenas em trabalho, casa e tratamento. Perguntamos como a professora se sentia, e ela disse que se sentia abandonada, primeiro porque não há uma preocupação do poder público municipal em acompanhar pessoas que se encontrem no mesmo quadro em que ela se encontra. Além disso, licenciar é um caminho árduo e traz prejuízos financeiros, sem falar nos estigmas que tem que enfrentar na escola, na secretaria de educação e entre os colegas, que esquecem que podem vir a sentir na pele, situações semelhantes. De outra parte, os dias parecem que estão amarrados, eles não passam. As horas, principalmente as noturnas, parecem durar eternidades. Ela relatou que em alguns momentos vai à praia com os filhos, mas é um programa sem sentido, silencioso e até irritante, às vezes.

5.4. Formas ativas e passivas de regeneração do corpo

É imprescindível ao indivíduo, tomar consciência de que uma vida saudável exige mudança rítmica de tensão e distensão, cansaço e regeneração, vigília e sono, alimentação, prevenção e outros métodos que devem ser colocados em prática na experiência cotidiana. Quando se perde esse ritmo, aparecem manifestações no corpo, dentre elas diminuição da produtividade, transtornos na saúde, tanto corporal quanto psíquica, ou seja, quando o cansaço não é compensado, o corpo inteiro sofre prejuízos, conforme Erich Weber (1969).

Ainda de acordo com o autor, a forma regeneradora do tempo livre pode ser ativa, ou seja, em forma de jogos, excursões, pescarias, trabalhos nas plantações da casa, bem como todas as atividades de lazer, de entretenimento, de atividades manuais e inúmeras outras. Também pode ser passiva, ou seja, preponderantemente através do sono e repouso, quando não depende de esforço nenhum do indivíduo. Quanto ao cansaço, para Erich Weber (1969), representa uma diminuição reversível da capacidade funcional do corpo, como consequência de uma atividade. Ele é fisiológico, mas é também um estado psicológico sentido subjetivamente, que só pode ser eliminado através do descanso. Este, em sua forma de regeneração corporal, de recuperação das forças, de harmonização, ocorre distintamente em cada indivíduo, porque não depende apenas da sua capacidade fisiológica, mas também psicológica. Desse modo, os indivíduos podem ter a sua disposição um conjunto de atividades e suportes que podem proporcionar o seu descanso, entretanto, se tiverem preocupações ou qualquer outra perturbação psíquica, não conseguirão descansar. Sendo assim, não basta ter o tempo livre, é preciso ter harmonia e equilíbrio entre as dimensões fisiológicas e psicológicas, além de levar em consideração o lugar e o tempo, os quais devem ser apropriados para o relaxamento corporal.

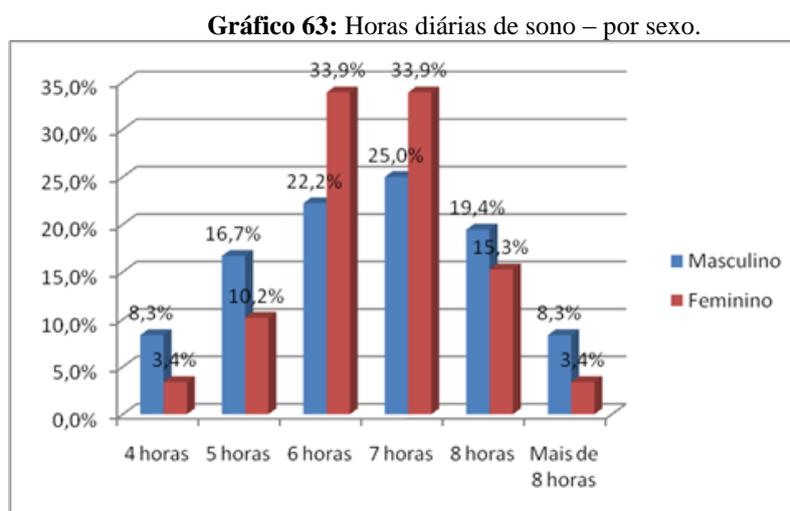
Colocado nesses termos, os dados e relatos que ouvimos das/dos professoras/es investigadas/os levam-nos a compreender com facilidade, o fato de as/os professoras/es da Educação Básica serem hoje um dos segmentos dos trabalhadores com maior índice de adoecimento e de absenteísmo, nesse último caso, na rede pública de ensino. No sistema particular, tem-se o seu oposto, qual seja, o presentismo docente, caracterizado pela presença à escola, mesmo estando enferma/o, geralmente movida/o ou sustentada/o por medicamentos. Em outros termos, na docência, como vimos no capítulo anterior, há uma jornada e ritmo de trabalho sem fim, que leva à exaustão dos corpos, permanentemente demandados e devendo estar mobili-

zados intelectual, psíquica, física e emocionalmente entre uma aula e outra, uma turma e outra, uma e outra escola.

De qualquer modo, e essa é uma condição para que se mantenham vivos, nos tempos cotidianos docentes fora da escola, ditos tempos livres, o grupo de docentes investigadas/os tem alguns períodos que se destinam à genuína reparação de seus corpos, o tempo livre em sua forma ou comportamento regenerativo, apresentado a seguir em sua forma passiva e, posteriormente, sob a forma ativa, conforme as expressões de Eric Weber (1969).

5.4.1. Tempos de descanso e sono

Em relação ao tempo dedicado ao repouso diário, através do sono, constatamos que, em meio a tanto trabalho, poucas/os docentes conseguem dormir oito horas por dia, o mínimo que se espera, segundo orientação médica, sendo apenas 19,4% dos professores e 15,3% das professoras pesquisados/as, como podemos observar no gráfico a seguir:



Contatamos também que existem professoras e professores que dormem muito pouco, ou seja, 25% das mulheres e 13,6% dos homens pesquisadas/os dormem entre quatro e cinco horas por dia. Muitos professores declaram que dormem tarde, porque aproveitam para ver algum programa de TV, acessar alguma coisa na internet e até mesmo revisar alguma coisa da aula do dia seguinte, enquanto as professoras utilizam o turno da noite para fazerem o trabalho da casa e da escola, até mesmo aquelas que trabalham 60 horas, no intuito de não acumularem tarefas para o dia seguinte, mesmo quando exauridas das lidas, das labutas do dia. Outras/os professoras/es preferem chegar a casa, dormir e acordar mais cedo.

Dentre os sujeitos pesquisados, 33% das mulheres costumam dormir em média seis e sete horas por dia, enquanto aproximadamente 24% dos homens têm a mesma prática. Somente o equivalente a 3,4% das docentes e 8,3% dos docentes pesquisadas/os conseguem dormir mais de oito horas por dia. Em relação ao que se espera que um indivíduo durma regularmente por dia, as mulheres encontram-se em desvantagem.

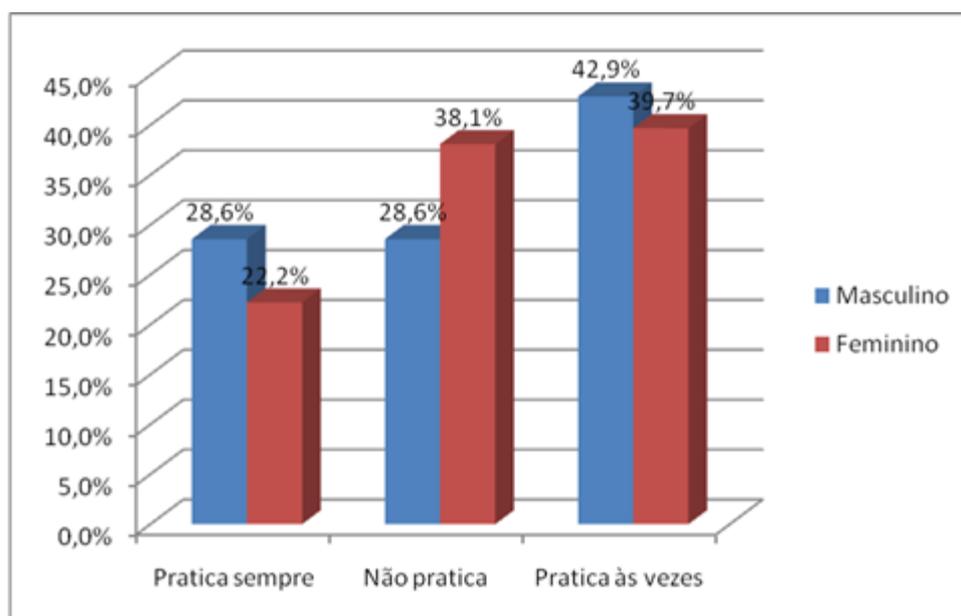
Em relação a esses tempos livres regenerativos passivos, a situação das/os professoras/es é também problemática, sobretudo porque períodos que seriam de sono e descanso são roubados por atividades tantas – de escola, de casa –, que os colocam em vigília. Daí a sensação de um constante cansaço, como visto em alguns de seus relatos anteriores. A esse respeito, retomando a discussão de Erich Weber (1969), deve-se considerar que o cansaço corporal afeta primeiramente o sistema muscular e nervoso, simultaneamente ou em seguida aos impulsos psíquicos. Por isso, segundo o autor, há uma sensação de monotonia e de saturação. Esse cansaço decorre, como vimos anteriormente, do esforço exagerado, da intensificação do trabalho que paralisa, sobretudo, as energias e a disposição do indivíduo.

Nesse sentido, a falta de descanso e sono causa o esgotamento, a exaustão do corpo. E mesmo que o indivíduo queira reprimir esse esgotamento de modo artificial, através de remédios e suportes afins, pouco a pouco a exaustão retorna, muitas vezes com mais força, o que pode causar o colapso e o esvanecimento do corpo. Sendo assim, a regeneração das forças no tempo livre preserva os indivíduos do desassossego, da insônia, das enfermidades em geral.

5.4.2. Tempos de atividades físicas

Em relação às atividades físicas, a pesquisa evidencia que os professores – 71,5% – costumam praticar atividades físicas sempre ou algumas vezes, enquanto 61,9% de professoras tem a mesma prática. Embora a pesquisa tenha mostrado uma crescente preocupação de ambos com o corpo, ainda há um número significativo de docentes que não fazem nenhuma atividade física. Neste caso, também um número maior de mulheres não o faz, isto é, 38,1% de professoras para 28,6% de professores.

Gráfico 64: Prática de atividades físicas – por sexo.



As preocupações com a saúde e a prevenção de doenças, segundo Davi Le Breton (2012), têm mobilizado os indivíduos a tomarem consciência de que é necessário ficarem mais atentos ao corpo, a sua alimentação, ao seu ritmo de vida, dentre outras questões, induzindo os atores à busca de uma atividade física regular. No entanto, não são suficientes para se compreender o que tem motivado tais comportamentos. É preciso considerar outros fatores, que incidem também sobre o professorado, nesta questão, dentre os quais destacam-se a espetacularização das relações sociais e do corpo feito imagem; as relações sociais baseadas na aparência das pessoas, que devem obedecer a certos padrões estéticos, como o padrão jovem, referência para a ideia de um corpo belo, de uma bela imagem, que está associada, por sua vez, a outros fatores. Dentre estes, os apelos mercadológicos relativos ao corpo e à beleza, aos quais os indivíduos estão frequentemente submetidos.

Permanentemente divulgados, transmitidos, assentados pela mídia, tais apelos têm mobilizado os indivíduos a se preocuparem cada vez mais com sua aparência e condição corporal, preocupações que nem sempre se associam apenas à saúde e à qualidade de vida. Além disso, os padrões estéticos que vão sendo impostos, numa verdadeira ditadura do corpo, induzem os atores não apenas à busca de uma atividade física regular, como também os conduzem à compra excessiva, ao impulso consumista de aquisição de objetos que, para eles, representam um corpo jovem, belo. Objetos que se associam a imagens de pessoas felizes, bem sucedidas, realizadas, reconhecidas, imagens que atravessam as relações sociais em

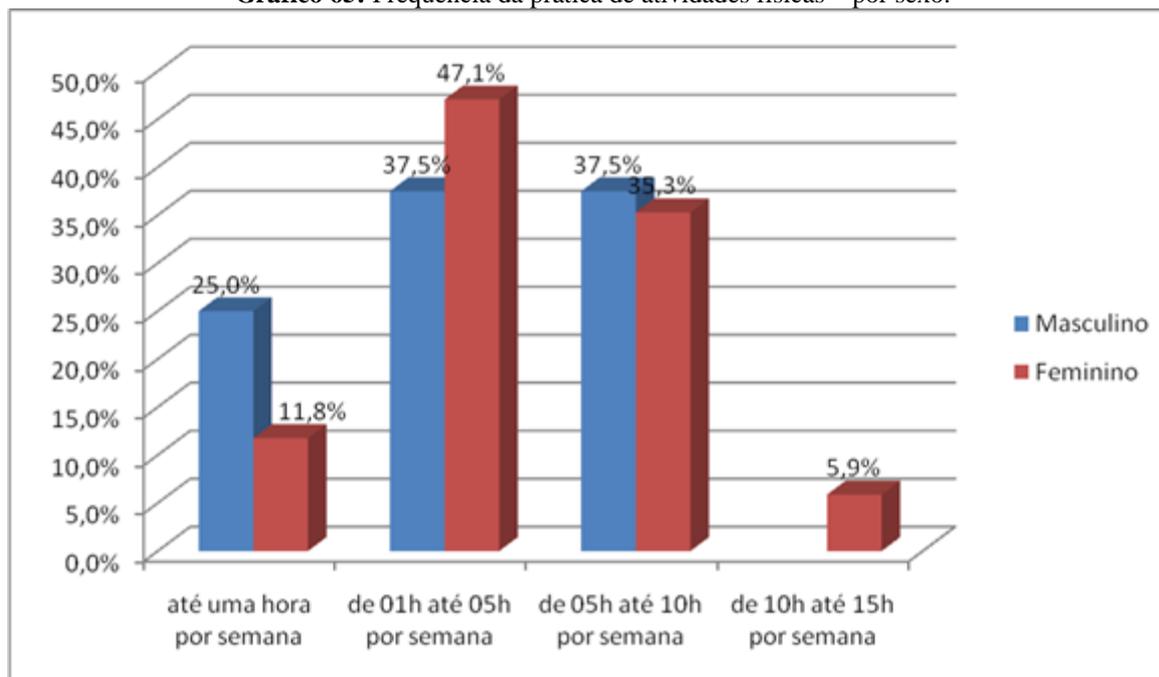
tempos de espetacularização da vida, do mundo, dos corpos. Assim sendo, o carro novo, a casa exuberante, o computador ou celular de última geração representam muito mais do que um objeto de necessidade, pois podem se constituir como marcas de distinção e expressões de um certo consumismo que leva a compras e mais compras, para as quais são necessários rendimentos, saldos bancários e um patamar financeiro adequado.

Todavia, diante dos ritmos da vida e do trabalho, para muitas/os professoras/es, como para outros segmentos profissionais, fica cada vez mais difícil obter tempo disponível para frequentar academia ou para dedicar-se a alguma atividade física. Por isso os centros destinados a essas atividades passaram a funcionar 18 horas por dia, a fim de proporcionar aos indivíduos as condições de acesso. Há, ainda, uma política de urbanização de praças de algumas cidades, com faixas para caminhadas e instrumentos para atividades físicas, também para facilitar a realização das referidas atividades.

Quanto aos lugares onde essa prática das atividades físicas ocorre, nos tempos cotidianos das professoras e professores pesquisadas/os, 39,5% das mulheres e 23,2% dos homens declaram frequentar academia sempre ou às vezes. Isso significa que professoras frequentam mais a academia do que professores. Outros não frequentam a academia, mas fazem atividades físicas em casa, qual seja, 13,2% das professoras e 18,5% dos professores pesquisadas/os. Fazer as atividades em casa, segundo os sujeitos, é uma forma de evitar os deslocamentos até as academias, realizar as atividades em qualquer fração de tempo, sem horários fixos determinados, sem falar na comodidade de estar em casa. Para isso, elas/es contam praticamente com uma academia pessoal em suas casas, possuindo instrumentos como: esteira, simulador de caminhada, plataformas, cordas, piscinas, pesos e aparelhos, barras, halteres, bicicletas, elípticos, dentre outros. Cada indivíduo possui, em média, um ou dois instrumentos desses em sua casa.

Quanto à frequência da prática da atividade física, seja na academia ou em casa, podemos observar no gráfico a seguir, que há uma variabilidade quanto aos tempos dedicados a essa atividade, pois os sujeitos aproveitam os tempos livres das aulas, dos trabalhos domésticos e de outras ocupações. Como as academias em Porto Seguro geralmente funcionam 18 horas por dia, sem intervalo, e o mensalista pode utilizar dos seus serviços em qualquer horário do dia, fica mais fácil para praticar as atividades físicas.

Gráfico 65: Frequência da prática de atividades físicas – por sexo.



Independente da escassez de tempo, a pesquisa evidencia que as mulheres dedicam uma boa parcela dos seus tempos livres às atividades físicas, regularmente. Mesmo fazendo mil coisas ao mesmo tempo, elas constroem tempos variados para frequentar a academia ou realizar as atividades em casa. Sobre as opções de práticas de atividades físicas, as mulheres preferem fazer caminhada, ciclismo, musculação e aeróbica. Já os homens preferem jogar futebol, fazer caminhada, praticar ciclismo, fazer corrida, jogar futsal e fazer musculação.

A prática mais comum entre ambos os sexos é a caminhada. Elas e eles levantam mais cedo e/ou aproveitam a brisa do entardecer para caminhar às margens da rodovia, nos bairros, ou à beira mar. Aproximadamente 70% das/os docentes pesquisados, dentre os que fazem atividades físicas, fazem caminhada. Curiosamente, acompanhei uma delas. A caminhada, além de ser uma atividade para o corpo, também é uma diversão, pois geralmente elas acontecem em grupo, que varia entre três e cinco pessoas. Enquanto caminham, elas conversam, contam casos, piadas, as notícias da cidade, os roteiros das novelas, conteúdos recorrentes. Ocorrem geralmente entre 5h e 6h30 e 17h30 e 18h30. Alguns grupos fazem caminhada todos os dias; outros, duas ou três vezes por semana (Notas de campo, outubro de 2013).

Outra atividade física que encontramos entre os docentes foi a capoeira, uma prática centenária na Bahia, mas que em Porto Seguro teve muito mais visibilidade turística, como forma de apresentação artística para os visitantes. Somente nos últimos dez anos, as

academias incluíram essa prática em seu currículo, oferecendo-a às/aos docentes e demais clientes, conforme explicam professor Kaká e professora Alice:

(...) eu tinha uns dez anos quando junto com os colegas íamos até uma praça, em Niterói, onde acontecia toda sexta uma roda de rua. Ficávamos olhando e imitando no gramado ao lado, era massa! Depois disso comecei a praticá-la. (...) O mundo valoriza a Capoeira, mas nós brasileiros nem tanto. Eu não consigo fugir dela, seu som me remete a uma memória ancestral, não sei explicar, é sobrenatural (Professor Kaká, mensagem pela internet, em 16 de janeiro de 2013).

Falar de capoeira é mágico, sempre tive vontade de fazer, mas não tinha coragem. Meus filhos já praticavam e com certeza minha motivação veio principalmente deles, faltava apenas uma atitude. Então, em junho de 2012 comecei a praticar e percebi o quanto este esporte é completo, pois tem história, arte, dança, luta, música, África e Brasil. Faço capoeira 3 vezes por semana, uma hora e meia por dia e me sinto maravilhosamente bem. (...) Existe uma energia positiva durante as rodas que não dá para explicar, você sente. Pretendo continuar praticando por toda minha vida (...) (Professora Alice, mensagem pela internet, em 16 de janeiro de 2013).

Reiterando o dito, e professoras/es não fogem a essa regra, as atividades físicas têm sido procuradas pelos indivíduos, não somente por causa da preocupação com a saúde, segundo David Lebreton (2012), mas também como estética, própria da contemporaneidade, ou seja, uma ideologia do corpo, na expressão do autor, referenciada pela mídia, por modelos de corpos considerados “perfeitos”, construídos de acordo um padrão internacional. Essa busca pela beleza corporal é fruto de um trabalho sobre si mesmo, da busca de uma personalização, da valorização indumentária, de atitudes e signos físicos, como declara a professora Flávia: (...) *amo malhar, me sentir bem, mais disposta e ainda por cima ficar com o corpo malhado, com tudo no lugar* (Mensagem pela internet, em 03 de fevereiro de 2013). Nesse sentido, o corpo se transforma em um objeto privilegiado, por isso se desenvolveu nesses últimos tempos um crescente mercado em torno dos cosméticos, dos cuidados estéticos, das salas de ginásticas, dos tratamentos de emagrecimento, da manutenção da forma, do bem estar, dentre outros que professoras e professores costumam também frequentar.

5.5. Tempos do corpo na casa, tempos do embelezamento

Na experiência cotidiana o corpo se apresenta sob múltiplas faces, dentre elas podemos destacar, de um lado, aquela diluída na banalidade dos dias, despojada, entregue às coisas

simples da vida e da casa – o corpo na esfera privada. De outro lado, as faces do corpo que não apenas são produzidas no trabalho, mas que se produzem, que se arrumam, se ajustam, se enfeitam para trabalhar, o corpo que transita, que vai e vem para a escola. Um corpo que, rotineiramente, passa pelos mesmos lugares, todos os dias, e é reconhecido pelo papel que exerce – professor/a. Há também outras faces do corpo, como aquele que se produz para outros tantos ambientes dos tempos cotidianos docentes: para a partilha religiosa com seus pares, para uma festa e outras ocasiões especiais. Um corpo que vai se fazendo e se mostrando, que ostenta roupas e adereços de acordo ao tempo ou estação, diferente em cada encontro. Um corpo que esconde algumas partes e que mostra outras, que está na rua, que está nas feiras, nas lojas, que se exhibe e se libera, é o corpo na esfera pública.

A casa deveria ser o lugar de maior descontração, de relaxamento e de regeneração do corpo para professoras e professores, mas para as/os professoras/es pesquisadas/os, ela é invadida por um turbilhão de trabalhos escolares, materiais didáticos e preocupações que se remetem a todo instante à escola, aos trabalhos domésticos acumulados ou distribuídos em períodos diários, para que não se acumulem. Contrariamente, mesmo estando em casa, a condição corporal é de cansaço, mesmo que os trajes do corpo possam ser mais informais, mais leves, conforme esses relatos das professoras Ana e Telma:

Quando eu chego a casa às vezes eu me sinto aliviada, às vezes dá vontade de voltar, porque quando eu chego à casa é que eu vejo o tanto de coisa que eu tenho que dar conta, aí eu penso: “Na escola seria diferente.” E às vezes digo assim: “Ai ufa! Mais um dia vencido, consegui cumprir a etapa!” Dá certo alívio né? (Professora Ana, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

Quando eu estou em casa, gosto de ficar à vontade, tiro a roupa de professora e coloco uma roupa bem leve, gosto de ficar descalça, porque ficar calçada mais de 12 horas por dia é um sofrimento. E aí, não consigo parar para descansar, porque vou assumir o trabalho doméstico: lavar, passar, cozinhar, aí, lá pras tantas, quando o corpo já não aguenta mais, como alguma coisa e vou dormir. No final de semana, depois que tudo tá arrumadinho, aí eu gosto de curtir minha casa. Aliás, final de semana, não, domingo. Esse é o único dia que eu tenho para “descansar” (Entrevista concedida pela professora Janine, em 20 de outubro de 2013).

A casa é o lugar que, ao mesmo tempo em que traz alívio ao corpo, também traz preocupações e fadiga. Na primeira situação, por causa da sensação de concluir uma jornada de trabalho, de poder relaxar fora da escola, enquanto a segunda deve-se à necessidade e certeza de que continuará trabalhando. A casa não significa o direito ao descanso merecido. São con-

figurações de trabalho diferentes, porque na escola o trabalho é sempre relacional, de convívios múltiplos, com pessoas que não se escolheram mutuamente, como também nela estão as exigências intelectuais e emocionais características do trabalho docente e das responsabilidades, tensões e conflitos neles presentes, havendo menores exigências de força física. Na casa, ao contrário, os movimentos de varrer, lavar, escovar, arrumar, subir e descer, carregar peso de um lugar para outro, exigem força e habilidade, completando o cansaço físico do corpo, ou extrapolando as suas condições físicas e psicológicas. As mulheres, por seu turno, são as que mais sofrem com essa realidade, porque em casa a intensificação continua, através da realização de trabalhos diversos em tempos concomitantes.

Ainda quanto às faces do corpo, como este se apresenta, se mostra ou se exhibe em uma e outra situação, quando a professora Telma usa a expressão “*tiro a roupa de professora e coloco uma roupa bem leve*”, fica claro que há uma indumentária própria para a profissão docente, um jeito de se vestir, de falar, de gesticular, modulado no corpo há séculos, desde quando a mulher se tornou professora. Sendo assim, Telma reclamou, em outras partes de seu relato, do calçado que aperta os pés por 12 horas, indo e vindo, seja de casa para a escola, de escola para escola e na própria sala de aula. Tirar a roupa de professora também pode significar deixar um papel para cumprir outro, já que em seguida ela ressalta que vai trabalhar na casa, por isso precisa de roupas mais leves. Ademais, ao trocarem suas roupas, adequando-se às distintas situações, não quer dizer que as/os docentes mudem suas preocupações ou as eliminem. Como sabemos, preocupações, sentimentos, ideias, sensações, se expressam nos corpos, nas indumentárias e nos adornos, mas não são eliminadas quando os indivíduos substituem uns por outros signos corporais. Mas ainda assim, os períodos da vida privada, em suas casas, podem representar ocasiões nas quais, a começar pela apresentação exterior de seus corpos, as/os docentes ficam mais livres, mais à vontade, podendo se desvincular de tudo, conforme a expressão do professor Daniel, abaixo.

Outras/os professoras/es querem chegar em casa, relaxar o corpo, dormir, descansar, regenerar as energias, usar a primeira roupa que aparecer no armário, sem preocupações externas, bem como aproveitar para tomar sol, ao mesmo tempo em que lava roupa, como podemos observar nos relatos da Professora Joice e Professor Daniel:

Eu gosto muito de ficar em casa, receber as pessoas em casa. Primeiro, porque aqui eu fico a vontade, se eu quiser ficar descalça eu fico, se eu quiser ficar de canga, eu fico; se me der vontade de ficar de biquíni na hora de lavar roupa, eu fico, então, é o lugar que eu mais sinto a vontade (Professora Joice, mensagem pela internet, em 10 de março de 2013).

(...) eu vejo como um descanso mental e físico, pelo fato de trabalhar três turnos. O cansaço mental, porque quando você trabalha com responsabilidade você cansa. Eu chego a casa não faço muita coisa, eu descanso. Fico totalmente à vontade em casa, coloco uma bermuda, e me jogo, me desvinculo de tudo (Professor Daniel, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

Voltando à condição corporal para o trabalho na escola, constatamos que há uma preocupação em produzir o corpo para o trabalho, para sentir-se bonita, ir ao salão e voltar de lá produzida, para ser elogiada. Dentre as mulheres pesquisadas, encontramos vários relatos sobre o embelezamento do corpo, seja para se sentir bem, pelo prazer de chegar à escola bem arrumada, seja pela preocupação com o que os outros vão falar, como observamos nos relatos das professoras Ana e Janine:

(...) Acho que é satisfação pessoal, para ir trabalhar. Mas é assim sabe, é tão bom quando a gente pisa o pé na escola que do porteiro até o último dos últimos alunos, até os que não são meus alunos, falam: “*Oh, Professora, como você tá bonita hoje!*” Aí eu falo: “*Só hoje?*” (risos) Então isso, né? Levanta a gente, a autoestima. É... outros dizem: “*O que você fez que você tá emagrecendo?*” Que você tá isso, que você tá aquilo. Então eles percebem essas coisas. E a gente percebe que dentro da nossa profissão, isso... Eu acredito que tá se perdendo, as pessoas estão perdendo a vontade de ir ao salão, é você pode... não quero falar mal dos colegas, mas a gente percebe no nosso, na nossa vivência que tem pessoas que parece que sai lá do fundo da casa delas, do jeito lá que estava lavando pratos ou fazendo qualquer outro afazer e ela vai pra escola, né? Pro local de trabalho dela, então eu tenho essa preocupação de deixar a Ana doméstica em casa e chegar a Ana professora na escola (Professora Ana, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

(...) eu não vou trabalhar sem meu batom, sem arrumar meu cabelo, sem um bom perfume, um bom creme, entendeu, Gigio? Porque meu corpo é meu cartão (risos). Eu trabalho com gente, e você sabe como é gente, os meninos olham, já pensou: “*Professora, essa blusa é a mesma que a senhora estava segunda? Professora, seu cabelo tá grande demais!*” Eles olham tudo! Ah, outra coisa, às vezes, deixe eu falar, não é nem por causa dos meninos, não. É por causa dos colegas, são os que mais olham. “*Olha pra essa professora, tá parecendo uma doida!*” (risos) (Entrevista concedida pela Professora Janine, em 10 de setembro de 2013).

Em relação aos cuidados com o corpo, sobre minha unha, tem que fazer sempre, tenho que ir sempre perfumada pra escola, não sou muito de usar maquiagem, mas eu sempre procuro ir perfumada, cheirosinha, porque se um aluno, principalmente no meu caso, que eu trabalho com ciências, imagine aí se eu vou totalmente descuidada e tem um aluno que vai de qualquer forma. Como que eu vou conversar com esse aluno, sobre saúde e outras coisas? Então é essencial que a gente se cuide, não temos tanto tempo assim pra cuidar, nós não temos, mas sempre que surge um tempinho, é pouco, mas... (Professora Maria, Grupo Focal nº 03, em 08 de maio de 2013).

Tanto a professora Ana quanto a professora Janine produzem o seu corpo para o trabalho. Além disso, na sua concepção, professoras e professores precisam dar exemplo, vestir-se bem, estar sempre cheirosas/os, de cabelos e unhas arrumados, porque, de um modo ou de outro, “são exemplos”. As professoras rememoram os tempos em que a mulher se tornou professora, e seu corpo, segundo Guacira Louro (1999), fora educado para esse papel. Segundo a autora, uma das funções da Escola Normal, naquela época, era moldar o corpo da professora, o qual deveria ter características tipicamente femininas: paciência, minuciosidade, afetividade, bom gosto ao vestir, higiene, boa conduta, dentre outras técnicas que eram ensinadas às futuras professoras, que deveriam ser mulheres dotas em conhecimento e valores, pois seriam exemplos para os demais. Desse modo, ser professora requer uma configuração corporal diferente. Talvez por isso a professora Ana diga com clareza, fazendo a distinção: “*a Ana doméstica fica em casa e a Ana professora vai para escola.*”

Sobre essas questões, os tempos pretéritos, quando eram aluna e aluno, são lembrados pela professora Ana e pelo professor Daniel, trazendo seus olhares de alunos sobre seus antigos mestres, para explicar que ela e ele também observavam seus/suas professore/as:

(...) eu lembro que, quando eu estudava, eu observava a unha da minha professora e era sempre um esmalte clarinho assim, bonitinho, funda a unha. Então eu achava bonito, e assim o jeito de pegar no giz, né? Que na época era giz, hoje eu pego assim no piloto, do mesmo jeito (Professora Ana, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

(...) Eu me lembro que eu observava muito, eu tinha uma professora muito chique, e eu observava a mulher de cima embaixo. (...) A professora era muito chique (Professor Daniel, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

Já outras/os docentes não têm essa preocupação, mesmo porque, segundo elas/es, o tempo que lhes sobra é tão curto que não dá para ir a salão de beleza, nem ao menos cuidar de si, em casa. Sendo assim, costumam fazer o básico e necessário, como podemos observar no diálogo abaixo:

Professor Sílvio: Tempo pra mim? Pra cuidar de mim? De beleza, não, não tenho.

Professora Lúcia: Olha o meu cabelo como ta! Eu tô com meu cabelo sem trato nenhum, por falta de tempo.

Professora Lúcia: Não tem tempo não. Oh, o coitado do meu cabelo. Eu sei que muitas mulheres priorizam isso, mas não é o meu caso.

Professor Sílvio: Na hora que eu tô tomando banho eu olho no espelho e vejo a barba enorme. Aí é a hora que eu vou ao salão cortar o cabelo, tirar a barba, porque não dá pra deixar mais a barba, a barba grande tem que cuidar (risos). Já chego no salão dizendo que tenho que sair rápido pra dar aula.

Professora Lúcia: Eu nem isso, eu não faço mais cabelo. Eu aderi logo ao cacho, lavo meu cabelo todo dia, passo creminho, amarro ele, e tá bom. (Grupo Focal nº 05, em 20 de maio de 2013).

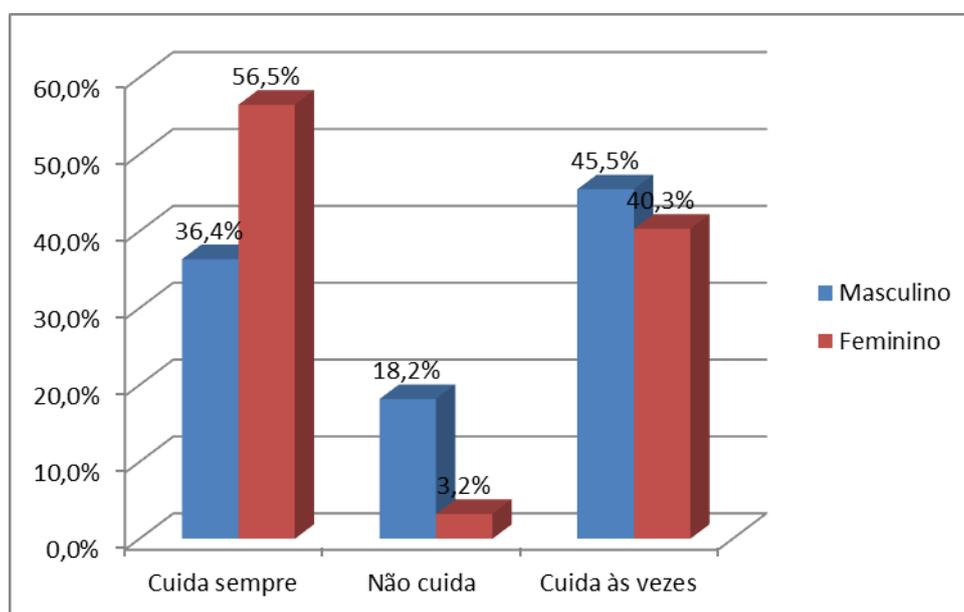
Os excertos a seguir também destacam a diferença entre professoras e professores, em relação ao cuidado do corpo e com a beleza. Enquanto para a maioria das mulheres é uma condição primordial, para os homens se traduz apenas em cuidados básicos: fazer a barba, o cabelo, vestir qualquer roupa, desde que esteja limpa, principalmente em Porto Seguro, onde não há uma preocupação com tipos de roupas para cada ocasião, característica forte das cidades litorâneas, como se pode observar no relato do professor Daniel e da professora Claudia:

Eu não sou muito vaidoso em questão de saúde não, ou... em questão do corpo, a beleza do corpo. Passo um perfuminho, tomo um banho com sabonete e passo um perfuminho e tá bom demais, não tenho esse negócio de beleza. Então, eu sou muito relaxado, principalmente pra ir pra escola, porque eu ia de bermuda, depois eu falei: “*É, rapaz, tem que ter uma postura mais... um jeito de professor, eu tô muito relaxado!*” E, às vezes, a gente relaxa mesmo, mas eu nunca tive, nunca fui apegado a isso. É... se eu puder entrar numa festa de sandália eu vou, e eu tô nem aí. Eu não ligo muito pro que o povo fala não (Professor Daniel, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

Pois eu todo sábado à tarde vou cuidar do cabelo, fazer unha. É o tempo que eu tenho pra mim é esse, no sábado à tarde, faço cabelo, faço unha, depilação, tudo bem rapidinho. Não abro mão disso. Se for letivo, quando eu saio da escola, às 17h, então já fica marcado, vou pro salão a partir das 17h. Se eu não tiver trabalhando, é mais cedo (Professora Claudia, Grupo Focal nº 05, em 20 de maio de 2013).

Em relação aos cuidados com o corpo, tanto em casa quanto no salão, ou seja, os cuidados em relação a cabelo, pele, depilação, dentre outros, a pesquisa revela que as mulheres (56,5%) cuidam muito mais de si do que os homens (36,4%). Os demais cuidam eventualmente ou não cuidam de forma alguma, o equivalente a 18,2% dos homens e 3,2% das mulheres pesquisados/as. Constata-se, também, índices elevados relativos aos que o fazem, “às vezes”. Sendo assim, somando-se os que sempre se cuidam e os que o fazem mais raramente, são bem mais elevados os índices dos que se cuidam, de uma forma ou de outra, do que os índices, seja de mulheres ou homens, que disseram que não se cuidam menos, conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 66: Cuidados com o corpo em casa e/ou no salão – por sexo



Mesmo com a escassez de tempo livre na experiência cotidiana das professoras, quando o assunto é salão de beleza e cuidar do corpo, a maioria delas reage como a professora Janine: *“para o salão de beleza eu invento um tempo”*. Esse tempo inventado, criado pelos humanos, na expressão de Norbert Elias (1998), seja para o trabalho, para a diversão, para o próprio corpo, é um tempo espremido de outros tempos, já separado, durante todo o ano, como as professoras Lucy e Claudia falaram, narrando que quando o sábado é letivo, vão ao salão depois da aula, e caso não o seja, vão depois do almoço. Trata-se de um tempo agendado para depois das ocupações do trabalho principal e da casa, que estão sempre em primeiro lugar, como explica a professora Lucy:

A questão de cuidar de mim mesmo, eu tenho um tempinho depois da aula: agenda, cuidar de cabelo, unha, porque eu não abro mão da minha vaidade, de jeito nenhum! Até pro meus alunos também, tem que tá com boa aparência em sala de aula, têm que estar bem, tem que tá com uma boa aparência em sala de aula, e se eu não tiver arrumada, eu já fico triste. Então eu tenho que arrumar um tempo pra cuidar de mim, pra me sentir bonita, pra me sentir feliz, pra que eu possa transmitir isso no local de trabalho, a gente tem que tá se sentindo bem. (Professora Lucy, Grupo Focal N° 03, em 08 de maio).

A beleza é importante porque, segundo as mulheres pesquisadas, deixa o corpo leve, faz bem. Para a professora Ana, estando mais bonita e arrumada, ela se sente bem e realizada, tanto é que ela só tem tempo no domingo, mas como o salão não abre, pede para marcar um horário na segunda, e então tem que correr, pois usa o horário escolar da AC para isso. Assim,

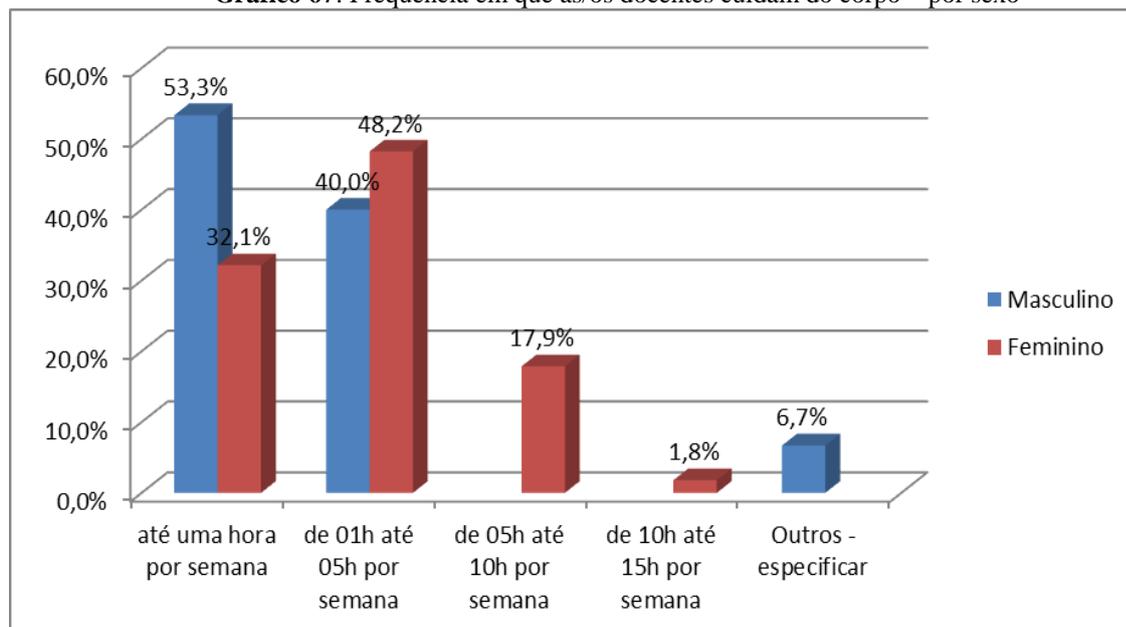
a parcela de tempo que ela usaria em casa, para fazer a correção de atividades e elaboração de planos, vai para o salão, transfere as atividades docentes para a madrugada, mas fica “*bonita e satisfeita*”, como ela mesma diz.

Em relação à frequência com que as/os docentes cuidam de si, tanto em casa quanto no salão de beleza, podemos observar que 32,1% das mulheres pesquisadas usam até uma hora, enquanto 48,2% usam de 1 a 5 horas semanais para o cuidado do corpo. Mas também constatamos que existem professoras que usam entre 5 e 10 horas semanais para o cuidado do corpo, 17,9% das respondentes. Os percentuais apresentados não trazem em si as estratégias utilizadas pelas mulheres, para cuidar do corpo em tempos escassos. Vale ressaltar que essas professoras visitam salões apenas para fazer procedimentos que não conseguem fazer em casa, no interior das suas residências, pois muitas mulheres já possuem uma série de aparatos para fazer a manutenção dos tratamentos que iniciam no salão: escovas, pranchas, alicates, ceras de depilação dentre outros. Esses cuidados, em geral, também são realizados simultâneos a outras atividades: fazem as unhas enquanto assistem TV; aguardam o tempo de hidratação do cabelo enquanto corrigem atividades escolares, dentre outras, conforme explica a professora Lívia:

Toda semana eu vou ao salão, mas para fazer o cabelo. Ai tenho que agendar sempre com antecedência, mesmo assim, chegando lá ainda espero um pouco. Eu gasto em média 2 a 3 horas por semana no salão, porque eu faço hidratação, ai tem que esperar uns 30 minutos, depois, ela lava o meu cabelo e começa a dar escova, ai vão mais uns 45 minutos. Por isso muita coisa eu faço em casa mesmo, senão não dar tempo, por exemplo, unha eu faço em casa, a não ser quando tem um evento importante ai eu faço fora; depilação eu mesmo faço, porque eu tenho quase tudo em casa, aliás, eu sozinha não, acho que quase todas as mulheres tem uma prancha, um secador, escovas, os cremes de hidratação, em fim, quase um salão de beleza em casa. É porque cada dia a gente faz uma coisinha, não dá para parar e fazer tudo de vez (Professora Lívia, mensagem pela internet, em 12 de abril de 2013)

De outra parte, mais da metade dos professores pesquisados somente usam até uma hora por semana para o cuidado de si, contudo há também um grupo significativo preocupado com os cuidados do corpo, o equivalente a 40%, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 67: Frequência em que as/os docentes cuidam do corpo – por sexo



Em relação ao que fazem no salão, os homens responderam que geralmente fazem a barba, cortam o cabelo, fazem as unhas e, um ou outro, as sobrancelhas, enquanto as mulheres cuidam da pele, do cabelo, fazem sobrancelhas, depilação em geral, as unhas, dentre outros serviços, como explica Ana:

(...) de quinze em quinze dias eu tenho que fazer minhas unhas, uma depilação, arrumar os cabelos, pintar os cabelos, passar até um batonzinho, porque se chego até na escola sem um batom, os meninos perguntam. Então, é assim... É (pausa) malhar, pelo menos tento, né? (Professora Ana, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

Geralmente, a frequência ao salão é realizada nos finais de semana, ou durante a semana, no turno oposto ao da escola, para quem não trabalha nos turnos matutino e vespertino, quando os salões de beleza estão em seus horários de atendimento. Como a frequência se dá sempre em um mesmo salão, há uma organização através de agendamento, para não chocar com os horários do trabalho da escola. É algo que faz parte da rotina, como assegura Flávia: *“Faz parte da minha rotina todos os sábados à tarde fazer unha e escovar o cabelo”* (Professora Flávia, Mensagem pela internet, em 03 de fevereiro de 2013).

De outra parte, a frequência ao salão tem um investimento, muitas vezes chega a mais de 10% do que recebem mensalmente as professoras, principalmente aquelas que têm filhas, as quais também utilizam esses serviços com a mesma regularidade:

Às vezes o salário não sobra nem pra pagar academia, mas tem que fazer um esforço e colocar como prioridade, e (pausa) é mais isso mesmo (Professora Ana, Grupo Focal nº 02, em 06 de maio de 2013).

(...) A gente já vive uma vida tão sofrida, uma profissão tão desvalorizada, já pensou, se a gente não se cuidar? É lógico que eu tenho consciência de que esse dinheiro me faz falta, é (pausa) se eu for colocar na ponta do lápis eu gasto uns R\$300,00 por mês, porque é cabelo, unha, pê, pê, pê, todo final de semana. Isso sem falar que, como eu já disse, eu não compro perfume, batom, etc., porque recebo pela minha comissão. Aliás, compro, né, porque não vem de graça. Então, né, eu já vivo na escola mesmo, o dia todo, se eu não me arrumar para ir para a escola, vou me arrumar para ir pra onde? (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de setembro de 2013).

Os depoimentos das professoras Ana e Janine demonstram como os tempos de embelezamento são importantes para as professoras. Como diz a professora Ana, é preciso fazer um esforço, é uma prioridade. Em outro depoimento, ela afirma que quando sai do salão vai para casa realizada, com a autoestima lá em cima. Outro aspecto relevante é a condição de se arrumar, de se embelezar para ir à escola, por causa das preocupações dos alunos/as, dos seus elogios.

Os relatos, sobretudo das professoras, deixam claro que o cuidado do corpo não é somente necessário, mas também faz parte de suas preocupações, não só pela saúde que pode representar, visto que a estética é uma preocupação. Como seus corpos se apresentam para os meninos e meninas da escola, para seus colegas, tudo isso está presente no pensamento das professoras, em maior medida do que dos homens, por uma questão até mesmo histórica. Embora esteja havendo mudanças nessa direção, a beleza tem sido considerada uma qualidade e exigência para as mulheres, de forma mais acentuada do que para os homens. Mesmo que essas questões estejam se alterando nos dias atuais, sob a égide da sociedade do espetáculo e da imposição de padrões estéticos, pela mídia e pelo mercado, passando a endereçar-se e a interessar também aos homens, para a mulher ainda permanece maior as exigências estéticas, de beleza e padronização dos corpos, como também sua exposição e exploração.

5.6. Tempos de um corpo em festa: o carnaval

Há que destacar, ainda, em se tratando de Porto Seguro, Bahia, uma das localidades brasileiras onde o carnaval é mais tradicional e concorrido, um dos raros momentos em que professoras e professores conseguem se desvincular um pouco da profissão: o carnaval. A professora Lívia relata:

Está quase na hora. Eu vou botar meu bloco na rua! Quando o bloco passar só vai dar eu na avenida. Eu fico esperando o ano inteiro, quando termina o carnaval eu já fico pensando no próximo. Uma das coisas que eu mais gosto é que no carnaval você se veste como deseja, a gente até esquece por algumas horas que é professora, aí quando você tá bem distraída, aparece um aluno: “*E aí, professora!*” É muito divertido, falo com eles e a festa continua. (Professora Lívia, mensagem pela internet, em 05 de fevereiro de 2013).

Nesta festa, principalmente nos blocos da comunidade, que geralmente saem pelas ruas antes das atrações principais começarem a se apresentar, encontra-se o bloco das professoras e professores, do Sindicato das Trabalhadoras e Trabalhadores da Educação. Há mais de dez anos, professoras e professores da rede municipal de ensino de Porto Seguro desfilam no sábado de carnaval, em bloco próprio, além de participarem de blocos populares que desfilam em outros dias da semana, como, por exemplo, o Bloco das Baguncetes, composto por homens que se vestem de mulheres. O bloco mais frequentado é do da APLB-Sindicato. Segundo as/os colegas pesquisadas/os, este é o momento de maior desprendimento, relaxamento e regeneração do corpo. O bloco reúne docentes de níveis de ensino, de titulações, de escolas e distritos diferentes. É o encontro mais festivo do ano, quando se pode observar o que Davi Le Breton (2012, p. 45) indicava, no sentido de que, “no carnaval os corpos se misturam, indistintamente, participam de um mesmo estado da comunidade levado a sua incandência”.

No carnaval, professoras e professores se desvinculam das exigências do trabalho, dos compromissos, das preocupações. O cansaço agora é outro, muito diferente do corpo levado à exaustão, no dia a dia do trabalho, na escola e em casa: “é uma dor que vale a pena”, conforme a professora Lívia. Ou o cansaço é substituído pela alegria que passeia pela avenida, sem pensar que no outro dia tem aula, mesmo porque o carnaval acontece nas férias. Independente de ser em fevereiro ou março, geralmente o calendário escolar só reinicia depois do carnaval³⁹, evento que tem um dia marcado para as/os docentes irem para a rua. Não para paralisarem suas atividades escolares, para lutar pela valorização do trabalho docente, como de costume, mas para festejar a vida, como relata a professora Lívia:

(...) Eu estou me preparando para participar do Bloco da APLB, é um bloco bem legal, sabe. Já faz uns seis anos que eu saio no bloco todo ano. Olha é a melhor diversão pra mim, se não for a única. Lá se encontra os professores e suas famílias, porque vc pode levar seus familiares, namorado, marido, mulher, além de ser bem acessível. Eu me sinto realizada, sabe. Pra mim é como se eu fosse em um spa, porque depois as pernas doem de tanto dançar,

³⁹No período de férias escolares, em Porto Seguro, são criados empregos temporários que ocupam adolescentes e jovens por aproximadamente três meses, findando no carnaval. Desse modo, quando as aulas iniciam antes do carnaval, a frequência escolar é muito baixa.

mas é uma dor que vale a pena, porque o corpo fica leve, relaxado. É muito bom vc ficar um pouco desligada da escola, porque o trabalho esta cada dia mais estressante, não que eu não goste de ensinar, tô doida pra ver meus alunos, mas eu preciso viver esse momento porque é muito raro, geralmente quando eu desfilo na rua são nas passeatas da APLB. kkkk (Professora Livia, mensagem pela internet, em 05 de fevereiro de 2013).

A professora Livia compara a participação no bloco a um SPA, onde seu corpo relaxa, a ponto de compensar as dores nas pernas, de subir e descer a avenida, de correr atrás do trio elétrico, sem se importar que é professora e com as normas sociais. Na formulação de Davi Le Breton (2012, p.46), no tempo do carnaval “o sério da vida voa em estilhaços, os prazeres do carnaval celebram o fato de existirem, de viverem juntos, diferentes, e até mesmo desiguais, ao mesmo tempo frágeis e fortes, felizes e tristes, comovidos e frívolos, mortais e imortais, no mesmo espaço social” (p. 46). O tempo de carnaval, segundo o autor, suspende provisoriamente os usos costumeiros e busca novos fôlegos, libera pulsões reprimidas e abre outros tempos no tempo dos homens e das mulheres e dos espaços e lugares em que vivem.

CAPÍTULO 6

TEMPOS FORA DA ESCOLA/TEMPOS LIVRES DOCENTES: TENSÕES E DESAFIOS

As temporalidades cotidianas de professoras e professores fora da escola são marcadas por um forte desequilíbrio. Convive-se lado a lado com o excesso de tempos para o trabalho e a escassez de tempos para vivenciar as atividades do que convencionalmente chamamos de tempos livres. Sendo assim, a articulação temporal das diferentes esferas que configuram a vida das/os docentes representa um grande desafio. Na compreensão de Danilo Martuccelli e Kathya Araujo (2012), esse fenômeno está fortemente associado à hegemonia absoluta de *trabalhos sem fim*, expressão criada por esse autor e autora, conforme notificamos, para designar as obrigações impostas aos indivíduos, sejam elas relacionadas à profissão, sejam relacionadas ao cotidiano dos mesmos.

Se analisarmos a problemática do que convencionalmente chamamos de tempos livres em relação ao trabalho, por exemplo, constataremos que as frações de tempo que foram liberadas do trabalho são resultado de uma movimentação coletiva para desfrute individual, um novo tempo social, um tempo para si mesmo. Contudo, assistimos posteriormente a ocupação de maior parte desses tempos liberados com negócios da indústria cultural e de lazer, com mais trabalho, bem como a limitação dos indivíduos em escolher o que deseja fazer do seu tempo. Desse modo, os domínios temporais são resultados, às vezes, de políticas públicas, lutas sociais, transformações culturais e aspirações individuais, conforme Danilo Martuccelli e Kathya Araujo (2012).

Nesse contexto, os indivíduos estão submetidos permanentemente a enfrentar problemas sociais, vivenciais, existenciais ou pessoais, circunscritos em um conjunto de grandes desafios estruturais, particularmente significativos, seja nos processos de sociabilidades, na vida profissional e em quaisquer outros domínios temporais da vida social, conforme nos assegura Danilo Martuccelli (2007; 2012).

Esses desafios são inseparáveis da dimensão narrativa do indivíduo, pois pressupõem a percepção da sua experiência social por ele mesmo, quando busca o entendimento da sua vida e se vê obrigado a submeter-se a um conjunto de problemas específicos, inserido em uma estrutura narrativa, tal como se observa nas entrevistas e conversas entre as/os professoras/es da pesquisa. Dessa maneira, é necessário identificar pelo menos um número reduzido e significa-

tivo de desafios a que os indivíduos estão submetidos, mapeá-los e estudá-los minuciosamente. Às vezes, uns mais privilegiados do que outros, ou mais relativos, “mas em todos os casos, os desafios estruturais têm uma forma específica e distintiva para cada sociedade”, conforme Danilo Martucceli (2007, p.111).

O autor enfatiza, ainda, que o indivíduo estará sempre pronto para dar respostas a tais desafios, enfrentando seus problemas. Não basta percebê-los, é preciso ter capacidade para enfrentá-los, sendo que, diante deles, os atores podem ter êxito ou fracassar, pois uns têm sempre mais chances do que os outros, ou seja, há um jogo diferencial vinculado às distintas características sociais dos indivíduos, em termos de classe, gênero, idade, estado de saúde, recursos materiais e simbólicos, dentre outros (Danilo MARTUCCELLI e Kathya ARAUJO, 2012).

No decorrer desta pesquisa, através da análise dos relatos das/os professoras/es, destacamos alguns desafios circunscritos na configuração dos seus tempos cotidianos fora da escola, teoricamente seus tempos livres, os quais estão, de alguma forma, vinculados aos tempos de trabalho e demais obrigações cotidianas, que discutiremos a seguir.

6.1. Desafio de conciliar excessivos tempos de trabalho e de escasso lazer

A centralidade do trabalho nos tempos cotidianos docentes não é uma realidade somente de Porto Seguro, mas do Brasil, como aponta a pesquisa realizada pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (2014)⁴⁰. Este estudo constatou que as/os professoras/es brasileiras/os, especialmente de escolas de ensino fundamental, usam dos seus tempos cotidianos, 25 horas por semana, em média, só com as aulas.

No contexto desta pesquisa, as professoras e professores pesquisadas/os trabalham, em média, aproximadamente 28 horas por semana, em sala de aula, ou seja, 3 horas acima da média nacional⁴¹.

⁴⁰Os dados foram obtidos junto a mais de 14 mil professoras/es brasileiras/os e cerca de mil diretoras/es de 1070 escolas públicas e privadas de todos os estados do País. As/os docentes e dirigentes responderam aos questionários da pesquisa, de forma sigilosa, entre os meses de setembro a novembro de 2012. Cada questionário tinha cerca de 40 perguntas. Participaram da pesquisa junto com o [Brasil](#), países ricos e integrantes da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), bem como outras nações emergentes e países menos desenvolvidos. O objetivo da pesquisa foi preencher lacunas de informação importantes para a comparação internacional dos sistemas de ensino. O resultado da pesquisa do Programa Talis foi divulgado no dia 15 de junho de 2014.

⁴¹ É importante ressaltar que docentes que possuem jornada de 40 horas semanais trabalham 28 horas em sala de aula, e 12 horas são dedicadas ao trabalho extraescolar, o que chamamos reserva técnica, e os professores con-

Ademais, não se trata apenas do trabalho principal e assalariado, adiciona-se a este, o trabalho da casa, de responsabilidade geralmente feminina, os trabalhos para complementar a renda, as obrigações religiosas, trabalhos voluntários, associativismos, dentre outros, sendo que as professoras têm seus tempos mais sobrecarregados de trabalho do que os professores pesquisados.

Nos tempos cotidianos docentes, conciliar trabalho e lazer é um grande desafio. De um lado, por causa da centralidade do trabalho em suas vidas, como já vimos. De outro, porque lhes faltam os recursos financeiros necessários para custear as atividades de lazer, as quais têm sido cotidianamente transformadas em um negócio rentável e promissor, especialmente em Porto Seguro, que é um dos cenários de entretenimento nacional. Ademais, quando lhes sobram o que convencionalmente chamamos de tempos livres e os recursos financeiros, falta-lhes disposição, o corpo exaurido do trabalho pede para descansar.

Isso não significa que essas/es profissionais não vivenciam as atividades de lazer e de outras práticas culturais, essas ocorrem esporadicamente, através de estratégias e suportes mobilizados, no intuito de garantir a esses sujeitos o mínimo de satisfação, prazer e descontração. Os homens, por sua vez, conseguem vivenciar tempos de lazer e entretenimento mais do que as mulheres, uma vez que estas, além do trabalho produtivo, também são responsáveis diretas pelo trabalho doméstico, pelo cuidado das/dos filhas/os e de parentes próximos, estando muito mais no interior da casa do que no seu exterior, o que justifica suas experiências de cansaço, desgastes e adoecimento, muitas vezes não compreendidas pelo sistema de ensino.

Na concepção de Elsie Fanger (2006), muitos aportes teóricos, ao pensarem a liberação do tempo do trabalho para constituir o que convencionalmente chamam de tempos livres, zelaram pelas relações de produção e descuidaram das relações de reprodução, as quais couberam sempre às famílias, que definiam as relações familiares, sociais e de gênero, desde muito cedo. Assim, foram perpetuando definições de tempo livre adequadas para o feminino e para o masculino, e sustentando as desigualdades entre homens e mulheres, por isso o conceito de tempo livre se dá em oposição aos tempos de trabalho remunerado, excluindo as obrigações cotidianas.

Pensar as temporalidades da mulher fora da escola, segundo a autora, principalmente do que diz respeito ao tempo livre, é pensar em sua carência e escassez. Geralmente ele é ocupado por tempos de trabalhos, pelo cuidado do outro, pelas obrigações da casa, pois se espera que a mulher viva para o outro, tenha mais permissividade, negue a si mesma pela famí-

vencionalmente chamam de AC - atividade complementar ou atividade de coordenação. O tempo para reserva técnica é retirado do tempo de trabalho (30% desse).

lia, pelo/a companheiro/a, pelas/os filhas/os, renuncie o seu tempo em favor de outros, como relatou a professora Jose, que além de cuidar da sua casa, também cuida da sua mãe idosa, todos os dias. De igual forma, a professora Luz, que se preocupa constantemente com a mãe, o pai, irmãs e irmãos, e ainda a professora Alicinha, que faz vigília na fila de uma escola para conseguir uma matrícula para um filho adolescente, dentre outras tantas histórias:

Eu tenho que levantar, antes das 6h da manhã, graças a Deus que minha mãe mora quase em frente da minha casa, mas eu tenho que levantar antes das 6h, aí eu tomo banho, faço café, aí vou lá pra a casa da minha mãe, dar o remédio dela, aferir a pressão dela e dar o remédio da pressão, preparar o cafezinho dela, ela tem 89 anos, né? Dou o cafezinho dela, pra depois pegar o coletivo pra ir trabalhar, ou então meu marido vem me trazer, porque às vezes ele me traz e às vezes não, nem sempre, né? Mas é assim a minha vida, todos os dias (Professora Jose, Grupo Focal nº 04, em 14 de maio de 2013).

Na segunda dormi na fila do Colégio Y, para garantir uma vaga para matricular minha filha no Ensino Médio. Fiquei lá até 10h (Professora Alicinha, mensagem pela internet, em 04 de março de 2013).

Num final de semana fui visitar minha mãe (...). Eu a encontrei sentindo dores, oriundas de uma inflamação nas articulações, diagnosticada mais tarde como bursite. Resultado disso tudo, correria com médicos, tratamentos, fisioterapia, microcirurgia. O lado bom foi que ela passou o natal conosco, coisa que não estava em seus planos (Professora Luz, mensagem pela internet, em 27 de dezembro de 2013).

(...) Ultimamente eu não tô tendo muito lazer, porque eu estou me dedicando muito a estar com meu filho, e às vezes, quando eu tenho um lazer, na maioria das vezes é só quando eu posso sair com ele, quando eu posso levá-lo (Professora Anita, Grupo Focal Nº. 06, em 30 de maio de 2013).

A elasticidade e disponibilidade laboral são marcas dos tempos cotidianos das professoras, contudo elas não deixam de tecer, mesmo em meio à escassez de tempos livres, outros tempos para cuidar das/os filhas/os, mães e pais. Seja em um tempo tomado do descanso, no final de semana, na madrugada, frações de tempo entre um turno e outro de trabalho, como também tempos tomados do que seria do lazer e de outras práticas culturais. Desse modo, o tempo livre, como se denominou convencionalmente, é quase inexistente na vida das professoras pesquisadas, somente uma parte dele lhes sobra, aquela que se refere às atividades do cuidado, dos trabalhos domésticos, dos lazers e atividades culturais simultâneas a essas atividades citadas. Essa disposição de cuidar, orientar, ouvir, servir, advém da infância das meninas. Assim também a sua capacidade de ser referência e sua faculdade de debruçar-se sem-

pre em benefício dos outros foram inculcadas, ensinadas, foram fabricadas historicamente, através dos processos de socialização, conforme explica Simone De Beauvoir (2006).

De um modo geral, no que diz respeito às professoras, o trabalho ocupa o tempo que devia ser livre. Enquanto os professores, em geral, trabalham fora e descansam ou se divertem quando estão em casa, quando não saem com os amigos para espairar, as mulheres vão para a escola trabalhar e voltam para casa, a fim de fazer o mesmo, como podemos observar nos relatos abaixo:

Minha vida está um malabarismo. Trabalho na escola, trabalho em casa, e é só trabalho e trabalho. Um dos motivos das brigas com meu ex-atual esposo é que ele trabalha 40 horas na escola e eu trabalho 60 horas, contudo, chega o final de semana ele vai assistir televisão, vai pro baba com os colegas, vai beber, enquanto eu vou pra pia, pra faxina etc. Ele faz o mínimo dentro de casa, então eu não acho justo. Além disso, eu ainda tenho atividades das crianças para ensinar. Agora que cada um está em sua casa, quando as crianças vão pra casa dele vão com atividade e tudo, o trabalho em casa é o mesmo, mas pelo menos não fico com raiva porque eu estou trabalhando e ele está curtindo (Professora Livia, mensagem pela internet, em 22 de março de 2013).

(...) eu não suporto fazer trabalho doméstico. Faço porque é minha obrigação, mas também se aparecer um aparelho hoje que lave e enxugue panela, tô comprando. Comprando tudo quanto é eletrodoméstico, porque me ajuda demais. Então, é assim, deixo a roupa batendo na máquina, o forno de micro-ondas descongelando alguma coisa, ou esquentando um chocolate pro café da manhã, já tiro da geladeira as porções separadas para cada dia, etc. Também, no dia que é para preparar tudo isso varo a madrugada, mas compensa, porque eu fico uns três a quatro dias para preparar de novo. Assim, arroz eu faço sempre. Mas não é fácil. Meu marido, coitado, não sabe fritar um ovo. Aí eu que faço tudo, em tempo recorde. Aí ele liga a tv, fica ali assistindo, esperando o rango, de vez em quando eu dou uma olhadinha, paro para ver alguma coisa, ouvir uma música até terminar tudo, pôr a mesa, almoçar, lavar prato e começar tudo de novo (Entrevista concedida pela professora Telma, em 20 de outubro de 2013).

Vida de professora é um malabarismo, ou seja, é preciso ter habilidades para fazer várias coisas ao mesmo tempo, também significa equilibrar com destreza as atividades e os tempos disponíveis para sua efetivação. Por isso Andy Hargreaves (1998) afirma que as temporalidades femininas geralmente são policrônicas, as mulheres conseguem fazer muitas coisas ao mesmo tempo: trabalham fora de casa, em casa, são vendedoras ambulantes, dentre outras.

Na medida em que são tomadas do exterior para se sustentar e sustentar a outros, independente da sua vontade, elas produzem, na expressão de Danilo Martuccelli (2002), uma *bulimia de atividades*: sobrecarregam-se de afazeres: lavar, passar, cuidar, plantar, cuidar de

animais, fazer os trabalhos da docência, cuidar das/dos filhas/os, dentre outros tantos que ocorrem ao mesmo tempo e no mesmo espaço, geralmente em casa, mas que se arrojam ainda mais, quando se adicionam aos trabalhos fora da casa. Para dar conta de tudo que lhe é exigido por parte dos outros, a mulher manipula vários suportes ao mesmo tempo, como ressalta a professora Telma: a máquina de lavar, o fogão, o forno de micro-ondas, suportes sem os quais, segundo a professora, ela não pode viver. Outras professoras também afirmaram que, mesmo dedicando todo o seu tempo, não daria conta dos trabalhos domésticos e das demais obrigações, se não fossem esses equipamentos.

Realizar várias tarefas ao mesmo tempo torna-se uma necessidade e uma estratégia das professoras.⁴² Desde muito cedo as meninas são iniciadas no trabalho doméstico, crescem assistindo a sua mãe e irmãs mais velhas reproduzindo as obrigações cotidianas, as quais são reificadas nos indivíduos, imprimindo características singulares de ritmos e rotinas heterogêneas, que dão a impressão de que estão “ganhando” tempo, contudo estão contribuindo para um processo de exaustão corporal. Outro aspecto importante do relato das professoras é a aquisição de suportes materiais para que o trabalho se desenvolva com mais celeridade, seja a máquina de lavar, o forno de micro-ondas e outros equipamentos tecnológicos que são utilizados cotidianamente por elas em suas casas. Afinal de contas, tudo acontece, como diz a professora Telma, em tempo recorde.

Também podemos observar nos relatos das professoras Lívia e Telma dois comportamentos diferentes em relação às desigualdades de gênero diante do trabalho doméstico. Para a primeira professora, a falta de compartilhamento do trabalho doméstico foi um dos motivos para brigas entre o casal. Já a segunda afirma que, ao chegar do trabalho, continua a trabalhar, enquanto o companheiro assiste à TV. Conformada com a situação, a professora ainda tem pesar: “*coitado, não sabe fritar um ovo*”.

Segundo Eric Weber (1969), os afazeres da casa são trabalhos de todos, pois homens, crianças e mulheres precisam deles para sobreviver. Assim, não devem estar somente sob a responsabilidade da mulher, embora algumas delas, conformadas com a invisibilidade das desigualdades de gênero, contribuam para a perpetuação dessas práticas, aceitando os trabalhos domésticos e a administração da casa como se fossem realmente da sua responsabilidade, mesmo quando é o companheiro que os faz, como relata a professora Luz: “*meu marido cuida da casa, do nosso filho e organiza as coisas para as quais não tenho tempo, como pagamento*

⁴² Conforme Pierre Bourdieu (2004), isso é uma prática social incorporada que pode naturalizar e/ou legitimar uma ação existente, bem como resistir, desobedecer à regra para atingir uma determinada ação. A estratégia é

de contas, problemas em banco”. Ou seja, ela não faz o trabalho doméstico, devido à escassez do seu tempo. Se assim não o fosse, ela seria a principal responsável por esse labor.

A divisão sexual do trabalho, fora e dentro de casa, as relações de autoridade e domínio na família, bem como as práticas culturais construídas historicamente configuram e reconfiguram as práticas de tempo livre. Por exemplo, mesmo cansadas, exauridas dos trabalhos reprodutivos, as mulheres cumprem com as obrigações cotidianas da casa, porque está inculcado em sua consciência que é de sua responsabilidade, conforme explica Elsie Fanger (2006). Além disso, se o companheiro faz os trabalhos domésticos na ausência da mulher, quando ela está presente ele abdica desses trabalhos, mesmo quando está desempregado, como relata a professora Telma: “*Atualmente o meu marido está desempregado. Aí ele fica em casa, ajuda a limpar a casa, fica com as crianças. Também quando eu chego ele não faz mais nada, senta lá e só fica pedindo*” (Entrevista concedida pela professora Telma, em 20 de outubro de 2013).

Enquanto os professores, homens, geralmente usam os turnos dos dias, e, especialmente, os finais de semana para se divertirem e realizarem atividades de tempo livre, as professoras retiram dos seus tempos de trabalho frações de tempo para ficarem mais livres. São períodos interstícios, aqueles entre um trabalho e outro, ou, então, tempos de atividades sobrepostas: assistem TV e corrigem atividades das/dos discentes; cozinham e orientam as crianças ao mesmo tempo e assim sucessivamente. São tempos fraturados e incompletos, tem sempre alguma coisa por fazer, conforme relatam as professoras Janine e Lívia:

Então nessa vida corrida da gente, é... você vai aprendendo a fazer duas três coisas ao mesmo tempo, você aprende a aguçar o seu ouvido para ouvir o que passa na televisão, enquanto tá fazendo o trabalho da casa, é assim. Porque eu não tenho tempo de sentar e ver TV, ou sentar para assistir a um filme. Na verdade, poucas vezes assisto a um filme inteiro, eu acho que é por isso que a gente se acostuma com novela, porque se você perde um capítulo você pode continuar assistindo. Já o filme, imagine que você precisa correr para ver um filho que está brincando na porta de casa? Imagine se você precisa bater a roupa no tanquinho. Já a novela, você já decora as vozes dos personagens até de longe, você sabe quem é que está falando (risos). Eu também não tenho tempo para lazer fora de casa, o trabalho não deixa. A não ser que eu falte aula, ou deixe as coisas em casa sem fazer. Outro dia fiz isso e me arrependi. Em um sábado não letivo, umas amigas passaram aqui para irmos pra praia e voltar na segunda porque era feriadão. Menino, me animei toda pra ir, então deixei faxina, deixei planejamento, deixei tudo. Foi um final de semana maravilhoso, mas quando eu voltei pra casa, só faltei morrer de tanto trabalhar, foi a tarde e a noite da segunda-feira inteira e ainda ficou coisa pra fazer, acredita? Ai você desorganiza a sua rotina toda, e pra com-

produto do senso prático, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais.

pletar eu ainda fico me culpando, dizendo: eu não devia ter ido (Entrevista concedida por Janine, em 10 de dezembro de 2013).

Hoje eu estou numa correria danada. Acordei cedo para lavar roupa antes de ir pra escola, deixei no varal e fui dar aula, voltei pra casa ao meio dia, terminei o almoço, li um texto de uma pós-graduação que eu estou fazendo, deixei os pratos na pia e fui pra escola de novo, pra de lá, como só tenho aula até às 16 horas ir para a autoescola e depois a academia (Professora Lívia, mensagem pela internet em 29 de maio de 2013).

Assim são as temporalidades das professoras pesquisadas: aceleradas, multifacetadas. São vários papéis desempenhados por um mesmo corpo, são vários tempos dentro dos mesmos períodos, horas e frações delas, forjando o grande desafio de seus tempos cotidianos: conciliar esses tempos. E, para tanto, elas adotam estratégias, não raro problemáticas, como no relata a professora Janine que, para ter momentos de lazer, adotou a estratégia de deixar o trabalho da casa e da docência sem fazer. Contudo, ao retornar para casa, os trabalhos esperam no mesmo lugar. Sendo assim, a sensação de descanso se transforma em culpa, além de dobrar o esforço para deixar tudo pronto antes de voltar para o labor. E essa não é uma realidade apenas da professora Janine, mas de muitas outras mulheres, como podemos observar abaixo:

Professora Claudia: O meu maior desafio é chegar à casa cansada e fazer as atividades domésticas, isso pra mim é uma prova de fogo (risos). Eu não sou muito dotada (risos). (...) e aí, pra mim, realmente é muito complicado administrar esse tempo fazendo as atividades domésticas: limpar a casa, lavar louça, fazer almoço e, além disso, estudar, planejar, trabalhar na escola.

Professora Nil: É o pior, pra mim o pior é isso aí, o almoço, a casa, aquele trabalho que se repete o tempo inteiro. Nossa, é tenso. Sem falar que você precisa correr pra dar conta de tudo, porque tem filho, no meu caso tem neto, tem marido, tudo querendo alguma coisa. Olha, final de semana eu canso mais do que descanso.

Professora Claudia: Então, o resto eu consigo administrar, conciliar, mas as atividades de casa, é um sacrifício! Eu daria aula dia e noite, mas não queria fazer as atividades de casa.

Professora Lúcia: Ultimamente o meu maior desafio tá sendo os estudos, que eu chego cansada, me dá uma preguiça! Mas eu me sinto culpada, assim, se eu parar pra descansar, depois eu fico assim (pausa) com a minha consciência pesada. Meu Deus! Eu perdi um tempo à toa, né? Então, ultimamente tá sendo pesado, eu estou escrevendo minha dissertação, aí tem as coisas da casa para fazer, tem o trabalho da escola, é um problema sério. Gente! Produzir não é fácil (Grupo Focal nº 5, em 20 de maio de 2013)

Nesse processo de conciliar os tempos, as professoras vivem fortes tensões, ora agradáveis, ora desagradáveis, conforme explicam Norbert Eliza e Eric Dunning (1992). As ten-

sões são ingredientes da vida dos indivíduos. As agradáveis são oriundas das experiências emocionais, das visitas repentinas de pessoas queridas, de ver algo que deu certo, da alegria em conhecer e conviver com certas pessoas, das expectativas acerca de alguma coisa, dos encontros e despedidas. Já as desagradáveis são resultantes das perturbações, da sensação de impotência, de exaustão, de escassez de alguma coisa. De qualquer forma, as tensões podem levar a sofrimentos e dificuldades psíquicas, emocionais, e ao adoecimento dos corpos, quando em desmedida ou outras situações. O relato abaixo ilustra tais considerações:

Professora Alice: se tem uma coisa que me deixa tensa, assim quando tem alguém em casa adoentado: filho tá doente, minha mãe apresenta assim, essa coisa de doença dá uma desequilibrada, assim em casa ou até mesmo no trabalho um colega, um aluno, eu acho que a gente fica assim, isso mexe com a gente, saúde, né? Eu acho que mexe muito, você fica tensa, não fica legal, você que saber, você quer ver a melhora, você quer ver acontecer.

Professora Mary: Aquela vez que a gente foi ao hospital, que a menina teve uma convulsão e a gente não tinha resposta se a menina tava viva ou se tava morta, o pai não sabia dizer, chegou mal no hospital e subi, fiquei lá angustiada, acompanhando, sem saber a situação da menina porque os exames não diziam nada, ninguém falava nada, ninguém dava uma informação. Ave Maria, foi um momento assim bem tenso.

Professora Alice: Eu acho essa coisa do estar bem, em relação à saúde, eu acho que existe tensão, seja com você, quando não tá legal, seja um amigo ou alguma pessoa da família.

Professora Mary: Acho que fico tensa também (pensativa) deixa eu ficar pensando mais um pouquinho (risos). Eu fico tensa quando eu chego a casa e (pausa) tem momentos que eu chego a casa já tensa do dia, do trabalho, quando tá muito agitado na escola, que eu chego em casa que eu vejo que minha filha não fez nada, não ajudou em nada, aí eu fico numa tensão doida, mas aí é aquela coisa do organismo, tomo banho, relaxo, não é coisa assim de ter que tomar um remédio, ter que ah! Se espantar. Tudo passa normal, na hora, e falo logo, panco logo a situação e descabelo e acabou.

Professora Jose: Eu fico tensa, sempre quando eu tenho que fazer alguma apresentação de algum trabalho, ou quando acontece alguma coisa com a saúde, claro, né? Quando estou esperando o resultado de alguma coisa, na escola e tal, mas quando tem que fazer alguma apresentação, alguma coisa, ui, (risos) a tensão aumenta.

Professora Alice: Acho que a tensão está associada à preocupação.

Professora Mary: Exatamente, quando você tá ali naquela tensão, poxa é de doer (risos).

Professora Jose: Acho que tem a ver com ansiedade (risos).

Professora Alice: Ah! aí quando a tensão passa, eu tiro o “n” e fica tesão (risos)

Todas (risos).

Professora Jose: É, ansiedade, você fica naquela expectativa, a tensão também tem a ver com expectativa, sei lá, preocupação, espera de alguma coisa.

Professora Alice: Preocupação. Acho que está associada a essas palavras, expectativa, preocupação, ansiedade.

Professora Jose: Mas é mais preocupação, será que vai dar certo, será que não vai? Como é que vai ser, e tal? O corpo muda totalmente nesse caso. Isso pra mim é a tensão (Grupo Focal, nº 04, em 14 de maio de 2014)

Quanto aos professores, homens, as preocupações com a conciliação dos tempos cotidianos são outras, e podem estar combinadas com a questão financeira: conciliar os tempos de trabalho de uma escola e outra; conciliar esses mesmos tempos com os tempos das/os filhas/os, com o lazer, o entretenimento, o futebol, com as práticas religiosas, dentre outras, como nos relatos abaixo:

Pra mim é a questão financeira, né? Essa é difícil! A gente tem que tá balanceando, ficar oscilando de um lado pro outro, na busca de equilíbrio, que é muito difícil, apesar do salário não ser tão ruim, mas também não é tão bom. Outro desafio é conviver com os dilemas familiares, porque a gente fica muito tempo fora da ligação com a família, e eu, como tenho filhos que tem entre os dezenove e os três anos de idade, então eu enfrento os conflitos (...) (Professor Sílvio, Grupo Focal nº 5, em 20 de maio de 2013).

Hoje penso que manter a minha vida pessoal organizada como eu gostaria é uma prova de fogo. Estou falando de *check up* médico ou mesmo de lazer com a família (...). O meu maior desafio hoje é organizar a minha vida, separar o tempo do trabalho do tempo da minha família. É ter tempo pelo menos para ver o mar uma vez na semana (Professor Jaime, mensagem pela internet, em 07 de maio de 2013).

A questão do tempo é muito relativa. Geralmente o sábado é todo dedicado à prática religiosa. Quando não estamos em reunião ou encontros em algum templo, procuramos ler, estudar algum material, literaturas que ajudam a aprimorar o trabalho do líder. Comumente somos convocados a treinamentos: seminários, oficinas, simpósios, congressos etc. Além disso, ajudo a minha esposa em casa no que posso, participo de evento, bato um baba com os colegas de trabalho ou com os irmãos da igreja. É difícil conciliar tudo, principalmente porque eu tenho jornada de 60 horas semanais na escola (Professor John, mensagem pela internet, em 18 de março de 2013).

Esses relatos dos professores evidenciam que eles também sofrem com a escassez de tempo, contudo não é similar à condição em que vivem as professoras. Há uma preocupação intensa por parte de professoras e professores em relação às/aos filhas/os e a família em geral, ou seja, sobrar tempo para a família é um desafio, é uma dificuldade para ambos. A diferença é que os tempos que sobram para as mulheres, que são liberados dos tempos de trabalho, são ocupados por mais trabalho, enquanto os homens ocupam esses tempos livres com atividades religiosas, com diversão entre amigos, atividades intelectuais e outras similares. Deve-se destacar, no entanto, que não se trata apenas de diferentes formas de ocupação do tempo livre, mas de formas desiguais, uma vez que as mulheres são excluídas, em suas próprias casas, de

vivenciem atividades de tempos livres com as/os suas/seus próprias/os filhas/os, porque estão subsumidas pelo trabalho da casa, da docência, pelas práticas familiares, além de carregarem consigo a culpa do que consideram mal feito e do que ficou sem fazer.

Observa-se, ainda, muitas vezes, tanto entre professoras quanto professores, que elas e eles precisaram transgredir as normas convencionalmente impostas pelo sistema educacional, para vivenciem as atividades de tempo livre, porque seus corpos não aguentavam mais, ou simplesmente porque passaram a sentir um tédio ou outras insatisfações em relação ao trabalho, como a de repetir todas as coisas rotineiramente: preparar a aula, realizá-la, corrigir as atividades, pesquisar. Assim sendo, como afirma David Lebreton (2012), o corpo torna-se não apenas presente, mas o corpo fala, sinaliza, reclama na dor, no adoecimento.

Ainda quanto à transgressão, embora possa ser consciente, em algumas situações, em outras é uma estratégia inconsciente, uma ação não planejada para passar além do limite, violar uma regra. No caso das/dos professoras/es pesquisadas/os, trata-se de uma ação para conseguirem viver o tempo livre, realizando atividades necessárias ao seu restabelecimento físico, mental e emocional. Os relatos abaixo vão demonstrar algumas transgressões para a vivência de atividades de tempos livres diferentes, as quais quebram as rotinas das suas temporalidades sociais, às vezes de maneira notória e aberta, outras vezes de forma silenciosa e invisível:

Nesta semana, pela primeira vez, faltei a uma reunião importante (...) para ouvir meu filho cantar, na escola, a música “Carinhoso”, em minha homenagem (Professora Luz, mensagem pela internet, em 10 de dezembro de 2013).

Nossa! Tá puxado demais, além disso, é aniversário da minha filha e ela está pedindo para que eu a leve ao cinema, só que a noite eu tenho aula, tou vendo que vou ter que faltar, não vai ter outro jeito (Professora Livia, mensagem pela internet, em 29 de maio de 2013).

Notamos nos relatos das professoras que, para desfrutar de tempos de lazer, assistir a eventos de filhas/os, bem como festejar seus aniversários, faz-se necessário, muitas vezes, burlar as normas, transgredi-las. Tal fato ocorre, não por irresponsabilidade, mas porque professoras e professores vivem com seus tempos totalmente tomados pelo trabalho, pelas obrigações cotidianas. Ainda podemos verificar nos relatos das/dos docentes que, quando isso ocorre, elas/eles se sentem culpadas/os, refletem sobre a situação das/os alunas/os da escola.

Ouvimos também das/os professoras/es pesquisadas/os que se sentem acorrentadas/os aos trabalhos. De um lado, a dois três turnos de trabalho escolar; de outro, aos trabalhos que são realizados em casa. Desse modo, ficam impedidos de vivenciem os seus tempos livres de forma prazerosa e para sua satisfação.

Observa-se, ainda, que diante da escassez de tempo, a estratégia mobilizada pelos sujeitos foi reinventar algumas práticas de lazer. Por exemplo, a domesticalização do lazer, ou seja, programar atividades em suas próprias casas e em casas de amigas/os; preparar churrascos nos finais de semana; almoços ou jantares entre amigas/os e familiares; assistir a filmes no DVD, dentre outras. Outra estratégia é promover encontros extemporâneos entre amigas/os ao sair da escola, como disse o professor Jonas: *“se deixa ir a casa para retornar, o cansaço ou os trabalhos de casa não deixam voltar”*. E mais uma estratégia, como relatou a professora Élide, é aproveitar os encontros pedagógicos que ocorrem geralmente em sábados letivos para, depois deles, sair com amigos, visitar bares, andar pelo calçadão, dentre outras ações.

Em resumo, pode-se afirmar que, de uma forma ou de outra, os tempos cotidianos das/os professoras/es são devorados pelo trabalho, especialmente os tempos das mulheres.

6.2. Desafio de conciliar tempos de trabalho e tempos de família

A família é o grupo que recebe os indivíduos no mundo, que lhes ensina a própria noção de tempo e suas respectivas rítmicas e durações. Um grupo familiar se constitui, quando algumas pessoas, independente de sexo, decidem conviver juntas, assumindo compromissos, responsabilidades, compartilhando sonhos. Trata-se de uma ligação duradoura, mas passível de interrupções e mudanças; incluindo-se nesse elo e convivência, o cuidado entre os adultos e desses para com as novas gerações de crianças e jovens que adentram nesses grupos.

As famílias das/dos professoras/es pesquisadas/os têm configurações plurais. São casais que vivem com e sem filhas/os, docentes que vivem com amigas/os, bem como aquelas/es que vivem sozinhas ou somente com as/os filhas/os. As/os docentes vivem ligadas/os às suas famílias, estabelecem um compromisso selado institucionalmente, partilham interesses diversos, promovem a acumulação de bens materiais e a proteção mútua, conforme explica Danilo Martucceli (2012). O grupo familiar é um suporte imprescindível na vida das/dos professoras/es, ele as/os sustenta em suas trajetórias humanas e auxilia no cuidado das/os filhas/os. Ouvimos muitos relatos que trouxeram à cena as casas das mães, as sogras, as tias, que cuidam de muitas/os de seus filhos/as enquanto as docentes trabalham, ou quando precisam espalhar um pouco, se desvincular do turbilhão de atividades que desenvolvem. Também são os familiares que ouvem suas histórias, que aconselham, mas também chamam a atenção, reclamam, brigam, conforme os relatos a seguir:

A família, pra mim, é tudo, tudo (pausa); meu porto seguro é a minha família, qualquer tempinho, qualquer tempinho de respirar, eu tô na casa dos meus pais, que é perto da minha casa, o que facilita, né? Essa minha interação com eles. Não tem um só um dia que eu passo sem ir lá, já acordo e tomo café lá mesmo (Professora Claudia, Grupo Focal nº 5, em 20 de maio de 2013).

A minha família é muito importante. Eu considero como família não apenas o meu esposo, mas os meus irmãos. Assim, como eu não tenho pai e mãe mais, eles são o porto seguro, quando eu preciso é quem eu recorro, é quem eu peço socorro. E eles estão sempre ali pra me ajudar, então eu não (pausa), eu acho que eu sou uma das irmãs assim mais presente, eles me chamam até de chata, às vezes, porque eu procuro me intrometer em tudo, interferir em tudo, questionar tudo e gosto muito disso. Ultimamente eu não tô frequentando muito, mas pelo menos nos finais de semana eu procuro visitar todo mundo direitinho, que mora em Eunápolis. Meu irmão que mora em Pindorama, quase sempre ele vai visitar, ele vai a Eunápolis, ele dá uma passadinha lá em casa, então eu tô sempre ligada, e é muito importante esse aconchego com a família, dá segurança (Professora Lúcia, Grupo Focal nº 5, em 20 de maio de 2013).

(...) eu vivo pela minha família. Tanto a minha constituída, como a dos meus pais e irmãos, principalmente que meus pais estão velhinhos, então agora é hora de cuidarmos deles. Então, qualquer tempinho que me sobra eu vou visitá-los. Já a minha família aqui, minhas filhas principalmente, eu sinto que devo um tempo maior pra elas, sabe. Porque sempre quando estou em casa eu estou trabalhando, fazendo alguma coisa. Mas é assim, em caso de doença, de alguma coisa que acontece com elas ou com meus pais, eu largo tudo e vou, nem peço permissão, apenas comunico. Família pra mim está em primeiro lugar (Entrevista concedida pela professora Telma, em 20 de outubro de 2013)

A família também é uma preocupação cotidiana. Professoras e professores trabalham para sustentá-la, vivem pelos seus filhos e filhas. Todo esforço nos tempos cotidianos é pela família, para protegê-la, para satisfazer as necessidades dos seus membros. Por ela as/os docentes ampliam a sua jornada, para aumentar os seus rendimentos e proporcionar uma melhor qualidade de vida, como acentua a professora Telma:

Olha, minha família é tudo pra mim. Eu trabalho por ela. Eu luto muito, trabalho três turnos, me viro daqui e dali para não ver as minhas filhas passando necessidade, sabe? Tem dia que eu penso: “*Vou deixar um turno, aí penso de novo: e se eu deixar e faltar alguma coisa para minhas filhas? Eu não vou me perdoar.*” (Entrevista concedida pela professora Telma, em 20 de outubro de 2013).

Nos “tempos da família” convivemos com laços consanguíneos – indivíduos nascidos dos mesmos corpos – e com aqueles escolhidos – indivíduos que encontramos em nossas tra-

jetórias humanas. Estamos ligados por razões econômicas, de propriedade e partilha de bens, por vínculos psíquicos e de sentimentos, conforme Inês Teixeira (1998).

Estar com a família é uma prioridade para professoras e professores pesquisadas/os. Dentre as menções de ocupação dos tempos livres, essa prática foi citada 236 vezes, no decorrer da semana, e 177 vezes, nos finais de semana. Isto é, 24,6% das ocupações de tempo livre das professoras e 18,5%, dos professores, envolvem as atividades com a família. Todavia, devido às especificidades dos grupos familiares, as relações entre gerações, as configurações das famílias das/os docentes, o tempo dedicado, na concepção dos sujeitos pesquisados, ainda é muito pouco. Em termos axiológicos, na expressão de Danilo Martuccelli e Kathya Araujo (2012), o tempo para a família tem uma prioridade normativa sobre o trabalho, por isso, mesmo na escassez, há a dedicação de um montante de horas a ela, mesmo que para isso seja necessário faltar ao trabalho, transgredir as normas, como sublinha a professora Telma. Em alguns casos, especialmente de doença, a falta ao trabalho é de praxe, não se trata de pedir autorização para isso, mas apenas comunicar a falta.

Nos tempos das famílias também existem conflitos, brigas, desentendimentos passageiros ou duradouros. Entretanto, mesmo em meio às tensões, há uma preocupação com o outro, afeto, reciprocidade, por isso as professoras e os professores desejam mais tempo para estarem com suas famílias. Mesmo porque, não são somente as famílias constituídas por elas/es, mas também a sua família biológica e a rede de familiares ligada a ela, como os tios, primos, sobrinhos. Há, por parte das/dos docentes pesquisadas/os, uma preocupação em reunir os familiares pelo menos uma vez na semana. A professora Luz, por exemplo, relatou que, numa determinada época, para que os encontros fossem mais frequentes, já que são seis docentes em sua casa, e todas/os trabalham muito e sofrem com a escassez de tempo, decidiram que cada irmão receberia, uma vez no mês, todos os familiares num encontro festivo, onde irmãos, sobrinhos, cunhados, se encontravam para conversar, dar risadas, contar histórias e compartilhar alegrias, tristezas, sofrimento e sonhos.

A escassez de tempo para viver com a família é um grande desafio na vida das/dos docentes, com fortes implicações. Muitas/os se entristecem por não estarem presentes nos momentos de doença e de dor das pessoas que amam, também nos momentos de alegria, como aniversários, casamentos, encontros. Outras/os sofrem por não terem tempo de ouvir os desabafos daquelas/es que estão angustiadas/os com alguma coisa, por não conseguirem horas mais longas para visitar entes queridos, por não encontrarem tempo para brincar com as/os filhas/os e dar atenção especial à/ao companheira/o, porque não têm tempo para estarem mais

perto dos pais, dos irmãos e irmãs, dividindo não apenas as dificuldades, mas as alegrias da vida.

Este quadro foi bem ilustrado na narrativa da professora Luz, pois devido as suas ocupações com o trabalho remunerado e com a sobrecarga de atividades que traz para casa em seus tempos cotidianos, ela fica tensionada, pois sente diante dela o desafio de desejar e sentir necessidade de conviver com seu grupo familiar, mas ao mesmo tempo lhe faltam dias e horas para isso. Ela relata:

Vivo com a falta de tempo para estar com meus irmãos e irmãs, para desabafar e ouvir desabafos, para ouvir e dar conselhos, para confortar e ser confortada. A falta de tempo para demonstrar, e até dizer, o quanto amo a todos. A falta de tempo para visitar meu pai, tomar café com ele, ouvir um pouco sobre como está sua vida agora. Falta de tempo para aproveitar os últimos anos do meu pai e da minha mãe, de forma mais intensa. Falta tempo, também, para viver meu casamento como ele deve ser vivido, para sentir o quanto sou amada, para demonstrar o meu amor, tempo para brincar com meu filho, para tomar sorvete de chocolate com ele, enfim, se eu escrevesse um livro, ainda não seria suficiente para mostrar o quanto o tempo me desafia a todo instante, o quanto sua fugacidade é cruel (Mensagem de Luz, pela internet, julho de 2013).

De outra parte, as professoras convivem com as cobranças diárias dos seus filhos e filhas e dos seus companheiros. Elas entram e saem de casa, estão o tempo inteiro com livros nas mãos ou sentadas em frente ao computador. Uma das professoras relatou que a sensação de dar atenção ao marido, com a mesa cheia de trabalho, é horrível, é uma obrigação, não um prazer. A conversa não rende, não tem assunto, porque a preocupação é dar conta das pautas, dos planos, dos projetos e outras tarefas docentes ali à espera, como ela mesma narra abaixo:

Olha, construir um tempo só pra gente é muito difícil, porque o que sobra tem que repartir para os trabalhos domésticos, para o trabalho da escola e para a família. No meu caso, que sou casada com um eletricista, ele não entende quando estou no computador fazendo alguma coisa, aí ele pergunta: “*Tá fazendo o quê?*” Aí eu digo: “*Estou trabalhando*”. Aí passa 20 minutos e ele pergunta novamente, eu respondo. Aí ele diz: “*Você só trabalha e estuda é?*” Aí eu saio do computador e digo: “*Então vamos assistir a um filme*”. Ele se anima e coloca um filme péssimo. Pra fazer a vontade, passo o olho no filme e vou fazer alguma coisa da casa, tomar uma cerveja com ele, aí ele muda do filme pra música, aí pra ele está ótimo, só que pra mim é uma obrigação. (Entrevista concedida pela professora Janine, em 20 de outubro de 2013).

As diferenças entre os casais no interior das famílias são um atenuante para a incompreensão, por parte da companheira ou companheiro, dos tempos chapados de assuntos da escola, de trabalhos da escola. Parece que não há outro conteúdo, a escola adentra a família e

não separa tempos de filhas/os, tempos do casal e tempos de lazer. As/os próprias/os docentes, muitas vezes, ficam exaustas/os de tanto falar em escola, fato que é muito bem retratado na fala de Luz: “Às vezes agradeço por meus pais serem analfabetos, assim não conversamos sobre educação, dificuldades de aprendizagem, dentre outros assuntos do gênero”. Contudo, os desabafos funcionam como válvula de escape, é preciso falar de escola, dos alunos, do trabalho, para descarregar a tensão, segundo a professora Janine. Ela se sente aliviada quando conversa com as colegas ou com amigos, principalmente porque cada pessoa tem um ponto de vista diferente das coisas, e isso pode ajudá-la a compreender melhor o seu trabalho.

A escassez de tempo para as famílias atinge diretamente as filhas e filhos, as/os quais, desde pequenas/os, ouvem sempre que a mãe e/ou o pai estão trabalhando, crescem assistindo à mãe trabalhando à mesa com seus papéis, fazendo o trabalho da casa. E, ainda, cuidando das próprias crianças, correndo de casa para a escola e da escola para casa, sem saber que, de forma invisível e inconsciente, está reificando suas concepções acerca da sua ocupação, do trabalho, das interações que mantém com elas e eles, como ocorreu com a professora Lívia:

Hoje eu estava trabalhando na mesa, fazendo planejamento e aconteceu uma coisa interessante, chegou alguém chamando no portão ai minha filha atendeu e disse que eu estava ocupada, eu estava trabalhando. Fiquei pensando naquilo, quantos finais de semana passo em casa, elas sentadas assistindo TV ou brincando e eu à mesa, o dia inteiro, quando elas me chamam sempre respondo: “*Mamãe está trabalhando!*” (Professora Lívia, mensagem pela internet em 30 de junho de 2013).

A impregnação dos ritmos do trabalho nos ritmos da família produz fronteiras quase inexistentes, os compassos familiares se cruzam e interpenetram com os do labor, reduzem o descanso, misturam-se à convivência, à sociabilidade, redefinindo os tempos docentes, conforme Inês Teixeira (1999). A professora Alice também relata que os seus tempos para a família também são escassos, geralmente suficientes apenas para diálogos rápidos nos finais dos turnos de trabalho e nos finais de semana. São tempos fluidos e sempre concomitantes a outros tempos, conforme relata a seguir:

(...) Eu gostaria de ter mais tempo, pra minha família. Se eu não trabalhasse 40h eu acho que seria mais legal, pra ter mais tempo com a família, pra trocar ideia e tal, porque assim, são em momentos curtos assim: final de tarde, quando chega, ou mais no final de semana, mas é assim aquele diálogo mais rápido. E, às vezes, você percebe que as pessoas da sua casa, elas te cobram, essa presença maior, minha mãe sente falta, às vezes, mais meu filho menor, também o maior às vezes quer conversar alguma coisa então, assim, se você tem mais tempo, você tem uma qualidade maior nas relações. Até de envol-

vimento, assim, não que não seja (pensativa), mas pra estar sabendo mais o que está se passando com o outro, essa coisa de o quê que está acontecendo com outro, então eu acho que eu sinto falta desse tempo maior com a família (Professora Alice, Grupo Focal nº 4, em 14 de maio de 2013).

Como a professora Alice, outras/os professoras/es também relataram que o trabalho rouba os tempos da família, e vivem lutando para dedicar mais tempo para as/os filhas/os, para as/os companheiras/os e para outros familiares, os quais têm exigido cotidianamente a presença das/os docentes, bem como sua participação nos eventos familiares e nas diversões e entretenimentos coletivos.

E a que se deve essa importância da família, ou quais suas funções para os sujeitos? Entre outros elementos a considerar, segundo Cristina Vieira e Ana Relvas (2003), duas são as funções das famílias na vida dos indivíduos: a primeira é assegurar sua continuidade ao longo das gerações, e a segunda é fazer a sua articulação com a sociedade, promover o equilíbrio entre estar bem consigo mesmo e com os outros, nas dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais.

As autoras também ressaltam que, na atualidade, manter o equilíbrio entre os tempos da família e os tempos do trabalho se constitui um grande desafio, porque são contextos da vida das/dos docentes que ocupam grande parte dos tempos, bem como consomem grande parte da sua energia. Esses dois domínios nem sempre são compatíveis, havendo continuamente, conflitos e tensões instalados entre ambos. Segundo as autoras, as/os docentes são agentes duplos, vivem correndo entre um domínio e outro, roubam tempos de um para o outro, no entanto sofrem ao pensar que os tempos dedicados são poucos diante das exigências dos familiares e da sua própria exigência. Os tempos de trabalho e os tempos das famílias interagem entre si, devido à dupla pertença das/os docentes. Elas/es trazem os tempos das famílias para os tempos do trabalho e regressam para casa com os bolsos cheios desses últimos.

As autoras afirmam, ainda, que a sobrecarga de trabalho contribui decisivamente para os conflitos e disruptividade na estrutura familiar, pois as/os docentes não se desligam efetivamente do trabalho, e ao chegarem a casa, especialmente no caso das mulheres, ainda têm as obrigações cotidianas domésticas. Assim, em seus tempos cotidianos, as/os professoras/es são privadas/os de desfrutarem de atividades prazerosas em família, pois uns e outros vivem e sentem-se controladas/os pelos tempos de trabalho. Ficam subsumidos aos compromissos de tempo e energia exigidos pela docência, pelas obrigações domésticas que tencionam, desafi-

am, quando não impedem a participação de professoras e professores no âmbito das atividades familiares, sociais, culturais e políticas fora da escola.

De outra parte, também encontramos o desafio de viver com famílias ausentes, por causa da distância. Nesse caso há um forte sentimento de saudade dos seus familiares. Constatamos na pesquisa, que muitas/os das/os professoras/es pesquisadas/os vieram para Porto Seguro, de outras cidades e estados, deixando suas famílias para trás. Atualmente, somente se veem no período de férias de final de ano, com intervalos de um, dois, três e até cinco anos de um contato para o outro. Dentre as/os docentes, houve aquelas/es que já constituíram famílias, outras/os vivem sozinhas/os ou dividem apartamento com amigas/os, conforme relatam abaixo:

Meus familiares não são daqui. São de Itabuna, todos moram lá, inclusive o pai das minhas filhas. Então eu só vou lá muito esporadicamente, é... pra mim isso é um dos maiores desafios da minha vida, viver longe da minha família, sabe? Eu vim pra cá assim que separei, porque um amigo já morava aqui, disse que precisava de professor, isso em 1994, aí eu vim. Só vim porque precisava de emprego, pra você ter uma ideia nem Porto Seguro eu conhecia. Aí, eles ficaram lá, vejo praticamente de ano em ano. É duro você viver em um lugar praticamente sozinha. Atualmente tem uma tia que mora aqui, mas não é a mesma coisa, sabe? É um vazio enorme, tem dias que choro pra caramba com saudade da minha mãe. A gente se fala por telefone, mas não é a mesma coisa. Aqui sou eu e minhas filhas. Às vezes meus colegas chegam à escola falando das farras em família, nos domingos ou feriados. Ah, aquilo me dá uma inveja sem tamanho (Entrevista concedida pela professora Janine, em 10 de setembro de 2013)

(...) minha família, incluindo meu filho de 19 anos que foi embora aos 16 anos em busca de trabalho e estudo e hoje trabalha e faz engenharia civil, minha mãe, irmãos, cunhado(a)s, sobrinhos, primos, etc. moram em Goiânia. Nos vemos no período de férias escolares, (...) reservo o 13º para isso, passagens e despesas. O sentimento de rever os familiares é muito gratificante (...) esse ano devido ao não pagamento do décimo, meus familiares vieram em Porto Seguro me visitar e curtir as praias. Já faz 13 anos que estou em Porto Seguro, no início foi difícil ficar longe, mas com o passar do tempo acostumamos mais com a distância (Professora Zilma, mensagem pela internet, em 23 de janeiro de 2013).

A minha família não é de Porto Seguro. Na verdade nem eu. Meus parentes todos moram em São Paulo. Eu sou natural de Itabuna, mas fomos para São Paulo na época da crise do cacau, meus pais e meus dois irmãos ficaram lá, eu voltei porque não me adaptei. É um desafio muito grande viver em Porto Seguro sem a minha família. Às vezes olho para os quatro cantos e não vejo ninguém para me apoiar, sabe? Para me ouvir, até mesmo para brigar (kkkkk). Eu mantenho contato com eles por telefone, por e-mail, converso com meu irmão pelo skype, mas não é sempre, eles também vivem correndo como eu, cada um em sua profissão. Além disso, não é a mesma coisa de dar e receber um abraço, de estar perto (...) Ainda bem que fiz muita amizade aqui, tem o pessoal da escola, os meus colegas e meus alunos para atenuar

essa falta (Professor Jonas, mensagem pela internet, em 29 de agosto de 2013)

É muito difícil viver distante da família, sem ter colo, abraços, compreensão e até mesmo brigas. Falar com minha família por telefone (pois infelizmente moro longe deles) me faz feliz e me deixa bem. Aqui só conto com meu marido. Meu marido é um suporte importante para mim, nessa cidade que não tenho mais ninguém a não ser ele e meu filho (Professora Kelle, mensagem pela internet, em 01 de fevereiro de 2013).

Devido ao rápido crescimento da rede de ensino no final dos anos 1990, o número de docentes que havia em Porto Seguro era inferior à demanda, então houve a necessidade de colocar em jornais regionais o chamado de professoras e professores para atuarem no magistério público. Desse modo, foram atraídas/os profissionais de outras cidades da Bahia e de outros estados. Esses indivíduos deixaram suas famílias para trabalharem na rede municipal e estadual de ensino, na cidade muitos constituíram suas famílias, outros vivem sozinhos ou com colegas de profissão e/ou amigas/os. A aproximação entre as/os docentes e os seus familiares é realizada através da tecnologia, suportes que atenuam a saudade e a falta. Os encontros entre eles são reservados apenas para os períodos das férias escolares, quando os seus tempos realmente ficam mais liberados dos trabalhos.

Enquanto os encontros não acontecem, professoras e professores sofrem com a falta, invejam as narrativas daqueles que vivem com suas famílias, que têm o privilégio de tê-las por perto, mesmo dedicando pouco tempo. Como disse a professora Élide, cuja família de origem é do Rio Grande do Sul, só em saber que a família está por perto, mesmo que não encontre os familiares, a pessoa já se sente confortada. Contudo, quando está muito distante, vive-se com uma sensação de que não tem com quem contar. E em alguns casos, uma nova família vai sendo criada, com os laços entre os colegas de trabalho.

De uma forma ou de outra, há uma tensão estabelecida, seja por causa da falta de tempo ideal, na concepção dos sujeitos, para as suas famílias, seja por causa da distancia delas. Praticamente o trabalho absorve todo o tempo disponível. Pode-se dizer que há um conflito social e moral entre os domínios do trabalho e da família. De um lado, por causa da necessidade econômica inevitável, os sujeitos precisam dispor de muito tempo para o trabalho e se dedicar intensamente a ele; de outro lado, há uma pressão familiar, que lhe pede maior dedicação, causando uma frustração pessoal, o desejo contínuo de ter mais tempo para a família, na expressão de Danilo Martuccelli e Kathya Araujo (2012).

Segundo os autores, a tensão entre essas duas esferas se expressa, principalmente, devido à quantidade de horas dedicadas ao trabalho, que desestabilizam os laços familiares e

produzem mal estar entre os casais, pais/mães e filhas/os. A superdedicação ao trabalho, tanto ao profissional quanto àqueles referentes às obrigações cotidianas, produz desequilíbrio e tensões nos tempos cotidianos docentes, pois são poucos tempos livres para muitas responsabilidades, impactando de forma significativa os vínculos entre as famílias de origem e as constituídas pelas/os professoras/es.

6.3. Desafio de conciliar tempos de trabalho e tempos de estudos

Uma das maiores preocupações das/dos docentes de Porto Seguro é com a qualificação profissional, dita formação de professores. Primeiro, porque ela proporciona um aumento significativo dos salários, conforme definido no plano de carreira. Segundo, pela satisfação e realização pessoal. Atualmente muitas/os docentes encontram-se matriculadas/os em programas de pós-graduação, lato e stricto sensu, porém não são liberadas/os do trabalho para estudar, principalmente porque a maioria dos cursos ocorre na cidade ou em períodos de férias. Há, ainda, aquelas/es que fazem mestrado em outros países, variando as modalidades que podem ser presenciais ou a distância, como podemos observar nos relatos abaixo:

(...) Olha, minha vida fora da escola se resume em família e estudo. Eu trabalho 40 horas no município e estou fazendo o curso de Matemática pela Plataforma Freire. Então, eu preciso estar fazendo os trabalhos da escola e da faculdade, aí não sobra tempo pra mais nada. A partir desse mês comecei a trabalhar na escola do estado mais 20h, então agora é que eu não vou ter tempo mesmo. (Professor Xavier, Grupo Focal nº 1, em 30 de abril de 2013).

A minha formação em Geografia pela Plataforma Freire é cansativa. Assim, cansativa em termos de estudo, porque é puxado, e a gente passa o dia todo numa sala de aula estudando (...) É raro um dia que você chega e não tem uma atividade pra fazer no outro dia, então é cansativo, e o que mais dá força pra gente tá nesse curso, ainda, (...) é justamente o vínculo de amizade que nós fizemos. Então, o vínculo de amizade que nós fizemos dentro da turma, é o que mais motiva estarmos nesse curso, porque é cansativo, puxa muito e depois de três anos, quase quatro anos, já nesse curso, eu acho que essa Plataforma Freire já surrou da gente, já tirou tudo aquilo que a gente tinha que dá (...) Eu estou me sentindo cansado, que chega no quinto dia em diante, pra eu levantar dá trabalho. Inclusive, anteontem, na hora que celular despertou, às 6h, eu coloquei em soneca, e quando despertou de novo, eu soneca e (risos) na terceira vez eu falei: "*É, não tem jeito, eu tenho que levantar*", (risos). Então é (pausa) é cansativo, muito cansativo (Entrevista concedida pelo professor Sérgio, em 06 de outubro de 2013).

A situação dos professores Xavier e Sérgio são similares. No entanto, levando em consideração as características dos dois, elas se tornam diferentes. O professor Xavier tem formação em Letras e sempre deu aula de Matemática, já o professor Sérgio iniciou o curso de Biologia, mas sempre deu aula de Geografia. Desencantados com os cursos de formação inicial, ambos matricularam-se nos cursos de formação emergencial do Ministério da Educação, através da Plataforma Freire. Tais cursos são realizados durante uma semana por mês, de segunda a domingo, independente de feriados, férias ou recesso escolar. São 10 horas de aula por dia, além dos trabalhos, leituras e discussões em grupo, que são realizados nos interstícios. No período do curso os professores são liberados das suas aulas. No caso do professor Xavier, ele possui carga horária de 60 horas semanais e mora na periferia de Porto Seguro. Como o curso ocorre em Eunápolis, cidade vizinha, todos os dias o professor percorre em média 120 km para estudar. Já o professor Sergio, mora e trabalha no campo, no distrito de Caraíva. Lá ele trabalha 40h semanais, e devido a distancia, se mantém na casa de familiares, em cidade próxima a Eunápolis. Assim, cerca de 80 km diários são percorridos pelo professor, todos os dias. O desafio em conciliar os tempos de estudo com os demais tempos, para esses professores, é desgastante, cansativo, porque, concomitantemente às obrigações do trabalho na escola, eles precisam preparar os trabalhos das disciplinas cursadas na semana de curso anterior (os trabalhos da escola juntam-se aos trabalhos da formação). E, depois dos períodos do curso, como as suas turmas ficaram sem aula ou com substitutos, os trabalhos dobram neste retorno às aulas, segundo seus relatos. Desse modo, os tempos de estudo e de trabalho são intensos, enquanto os tempos de lazer são raros, escassos.

Outra experiência de formação profissional nos tempos livres é a das professoras Lúcia e Alba, que usam o recesso de julho e as férias de janeiro para fazerem um curso de mestrado em Assunção, Paraguai, conforme relatam:

(...) Eu também vivo praticamente para a escola e para os estudos. Eu trabalho 40h, além disso faço um curso de mestrado em Assunção, Paraguai, onde passo as férias de julho e de janeiro estudando. Aí já viu, não sobra tempo pra quase nada, né? (Professora Lucia, Grupo Focal nº 05 em 20 de maio de 2013).

Estou trabalhando somente 20h. As outras 20 fui liberada para estudos e elaboração da dissertação. Mas mesmo com esse tempo estou um pouco afastada da família, antes do mestrado tinha mais contato com todos, ia na casa dos meus irmãos que moram aqui em Eunápolis quase todos os dias. Agora, passo às pressas na casa deles nos finais de semana, mas a visita é rápida. (...) Esse tempo de formação, de conclusão do mestrado é muito importante, sei que é um sacrifício, mas no final vai valer a pena (...) Saudade de ti, Bjs. (Professora Lucia, mensagem pela internet, em 12 de Março de 2013).

Estou em Assunção fazendo as aulas do mestrado. O tempo dentro da Universidade é muito longo. Saio às 07h30 do hotel e chego às 19h30. Todas as vezes que chego a Assunção fico chateada, porque não me dediquei ao espanhol enquanto estava no Brasil. Tenho que ler tudo em espanhol e comprar, pagar, etc, etc. Nessa hora, você sente falta. Por isso, é muito legal poder ficar no país. Uma experiência incrível. Hoje, o que mais reclamo ainda é da comida. Consigo detestar, pois é muito ruim. Estou muito focada naquilo que quero. Esse tempo que estou vivendo aqui, se tornou um tempo que eu estava precisando dedicar a mim, meus projetos, minha carreira e não estava conseguindo fazer isso em Porto Seguro. A maior dificuldade que tenho hoje é de estar longe da minha família. Sinto muita falta de estar com eles. Passamos os dias contando os dias para voltar. Todos ficam assim. Mas preciso acreditar na ideia de que esse é um sacrifício necessário. Estou perdendo as férias que tanto estava precisando, fazendo coisa séria. Essa é a sensação. Mas, acredito de verdade que o sacrifício vale à pena. Em relação ao curso, aos poucos vamos conversando com o coordenador Juan. Estivemos aqui, no ano passado, para 20 dias de aula também. Agora é o segundo módulo. Em relação aos finais de semana, temos aula também no sábado ou domingo. A universidade é quem decide. A rotina de horários é diária. Durante esse período, acontecem muitos cursos e seminários. Bjs. (Professora Alba, mensagem pela internet, em 15 de janeiro de 2013).

A saída do Brasil, para estudar, nos períodos de recesso e férias, além de ser um desafio por causa das diferenças culturais, de idioma e outros, também tem um forte impacto nos tempos da vida, do corpo dessas professoras, porque elas abdicam dos seus tempos de férias para se dedicarem intensivamente aos estudos, retornando para o trabalho sem regenerar as forças e energias corporais para trabalhar.

A partir de 2012, com a aprovação da Lei 422 e 423/2012, que institui o Estatuto e Plano de Carreira das/os Profissionais da Educação, as/os docentes matriculadas/os em instituições reconhecidas podem requerer sua licença remunerada para estudos. Contudo, podemos observar no relato da professora Lucia, que a sua liberação foi somente de 20 horas, para escrever a dissertação. Desse modo, as duas professoras conciliam os tempos de trabalho e estudo. Por outro lado, estudar em outro país possibilita o conhecimento de outras culturas, bem como aproveitar os momentos de folga dos estudos para se divertir um pouco, senão a tensão poderia ser muito pior, conforme explica a professora Alba:

Aqui é um lugar tranquilo e dessa vez nos sentimos mais a vontade, até mesmo em relação à língua. Aos poucos vamos nos aproximando mais dessa gente, e o que parecia um bicho de sete cabeças, diminui de tamanho...rsr... (...) Então, na última sexta-feira, decidi acordar mais cedo e fazer ginástica na academia do hotel e à tarde, ao chegar da universidade fui para a piscina. No dia seguinte, decidi que parte do dinheiro que trouxe seria destinado ao pagamento de massagens no SPA do hotel. Estou me sentindo ótima. Estava tão cansada da loucura do final de ano em Porto Seguro, estou vivendo aqui dias mais tranquilos. Estou realmente cuidando de mim. (...) Às sextas-

feiras, sempre vou às boates. Aproveito para encontrar a galera do curso, beber e dançar um pouco (...) Aproveito apenas os finais de semana para conhecer a capital, mas não é muito (...) Não dedico muito tempo para a rua e ficamos nos barzinhos ou olhando coisas, produtos. Às vezes dormindo o dia todo também. Como anoitece por volta de 20h30, ainda temos tempo de fazer algumas coisas. Nesse momento, estou tendo aula de estatística e o professor já anunciou que sairemos hoje por volta das 20h00. Muito assunto e pouco tempo. Não dá para aproveitar muito, ter muito lazer. Não tem tempo e, além disso, é muito quente o que causa certa estafa. Como a noite tem vento, aproveitamos para sentar nos restaurante e tomar cerveja, que por sinal é a mais gelada que já bebi em toda a minha vida. Bjs. (Professora Alba, mensagem pela internet, em 15 de janeiro de 2013).

6.4. Desafio de adequar tempos livres e “tempos financeiros”⁴³

Outro desafio nos tempos cotidianos docentes é conciliar as necessidades aos rendimentos que recebem. A isso a professora Lucy chamou de “*tempo financeiro*”, ou seja, a falta de recursos financeiros para custear as atividades de tempo livre destinadas ao lazer e outras práticas culturais, bem como as necessidades básicas cotidianas.

Segundo a professora, as/os docentes trabalham muito e ganham pouco, rendimentos que não são suficientes nem para as necessidades básicas. Isso ocorre porque, além do baixo salário da docência, que atualmente chega não mais que aproximadamente R\$ 3.500,00, para um professor com licenciatura plena em início de carreira, com jornada de 40 horas semanais, as famílias das/os professoras/es pesquisadas/os convivem com dois fenômenos que contribuem fortemente para a sensação de que os rendimentos estão encurtando ou são incompatíveis às necessidades.

O primeiro fenômeno, segundo Lina Coelho (2004), são as rupturas conjugais, ou seja, as situações nas quais somente um adulto, em geral a professora, assume todas as responsabilidades da casa: dentre outras o aluguel, compras em geral, escola e demais necessidade das/os filhas/os. Desse modo, os rendimentos tornam-se praticamente incompatíveis, assim as professoras têm a impressão de que eles estão sendo lesados, comparados a outras famílias que possuem dois adultos se responsabilizando pelas despesas em geral. Entre os sujeitos pesquisados, 53,2% das professoras são as principais responsáveis pelas despesas da casa, em geral, um dos motivos para que elas ampliem a carga horária para 60 horas semanais e ainda desenvolvam uma atividade de renda familiar complementar.

⁴³Esta expressão não se encontra em nossas referências teóricas, nem a criamos. Ela é uma expressão da professora Lucy, que a formulou em um dos diálogos dos grupos focais.

O segundo fenômeno é a situação funcional dos cônjuges das professoras. Geralmente, quando não são professores, trabalham em funções menos valorizadas, recebendo salários inferiores aos das docentes, quando não fazem bico ou estão desempregados, sobrecarregando as mulheres das responsabilidades financeiras em suas casas, impedindo-as de prover tempos para o cuidado de si mesmas, para o lazer e entretenimento, devido às extensas jornadas de trabalho reprodutivo a que se submetem, para garantir as necessidades básicas da família.

Além desses, há outros elementos a considerar, dentre eles o fato de que a origem de classe de grande parte do magistério público no Brasil está declinando nas hierarquias econômicas. O magistério, na rede pública de ensino da Educação Básica, em especial, recebe profissionais oriundos das classes populares, em grande medida e de um modo geral. Outro aspecto a considerar é a ausência de políticas públicas e de um Estado que garanta efetivamente os direitos sociais à população. Sendo assim, a questão da moradia, da saúde, da educação, vai sendo cada vez mais privatizada, o que eleva significativamente as despesas dos familiares. Também não se pode esquecer que professoras e professores, como todos os indivíduos, estão expostos aos apelos consumistas da mídia, da indústria cultural, da cultura do corpo sob a hegemonia de determinados padrões estéticos e aspectos semelhantes, que interferem na expectativa de consumo e de compra dos cidadãos e consumidores, dentre os quais estão as/os trabalhadoras/es da educação.

Neste quadro, a tensão e o desafio dos “tempos financeiros” se instalam, devendo ser considerados, ainda, outros de seus aspectos e fatores constitutivos. A esse respeito, segundo Lina Coelho (2004), criar as/os filhas/os não requer somente investimento em dinheiro, mas também tempos de afeto, aconselhamento, descontração e outros que são exigidos das mulheres, como se fossem responsabilidade somente delas. Contudo, elas não dispõem desses tempos nem para elas mesmas. Além disso, somente 41% das professoras pesquisadas declararam que sua renda é secundária, complementa a renda do esposo. De outra parte, além de suprirem as necessidades da sua família, muitas professoras contribuem mensalmente com as suas famílias de origem, pagando as despesas de planos de saúde dos pais, auxiliando no pagamento de cursos de graduação de irmãos, dentre outros, como relata a professora Lívia:

Olha Gigio, quando chega o final do mês é preciso eu fazer uma mágica com o meu dinheiro, porque são muitos compromissos, não que ganhe mal, poderia ser melhor, mas são muitos compromissos. Tem as despesas da casa, principalmente aluguel que em Porto Seguro é muito caro, tem as meninas (escola, lanche, roupas, calçado) o pai ajuda, mas você sabe que a responsabilidade acaba recaindo sobre a mulher. Então é muita coisa, além disso, agora estou pagando a mensalidade do curso superior da minha irmã e preciso

ajudar a minha mãe que vive muito doente (Professora Livia, mensagem pela internet, em 30 de junho de 2013).

Somente depois de cumprir com todas as responsabilidades da casa, pensa-se em lazer, contudo essa atividade de tempo livre em Porto Seguro é muito cara. A falta de recursos financeiros para se ter acesso aos centros de lazer e entretenimentos da cidade faz com que professoras e professores se sintam excluídos, segundo o professor Vitor. É como se a cidade não fosse para elas e eles, pois passam meses sem ir à praia, bem como não conhecem a cidade por completo. Professoras e professores afirmam que a questão do tempo pode até ser contornada, pelo menos no entendimento do professor Márcio:

Tempo eu acredito que a gente arruma, quando é prioridade, a gente arruma, o pior é que a gente acaba entrando numa rotina, e acaba não aproveitando muito. Na vida de professor, tem preocupação demais, tem muito serviço, não dá para sair, além disso, quando vc tem tempo não tem dinheiro, quando tem dinheiro não tem tempo (Professor Márcio, mensagem pela internet, em 12 de julho de 2013).

Na ausência de políticas e sistemas públicos efetivos de cultura e de lazer, a questão financeira é condição primeira para se ter acesso aos centros de lazer em Porto Seguro, mesmo nas praias que são áreas públicas. Para superar esse impasse, as diversões ocorrem, geralmente, no interior das famílias, na casa de amigas/os e em bares, nos próprios bairros onde moram. As opções de lazer são poucas e rotineiras: dentre outras, assistir à TV, ouvir música, fazer churrasco entre amigas/os, bem como outras atividades que não comprometam os rendimentos mensais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, compreender as configurações dos tempos livres de professoras e professores fora da escola constituiu-se um grande desafio, porque buscávamos atividades de tempo livre que proporcionassem aos sujeitos pesquisados, descontração, sociabilidades, relaxamento, lazer, dentre outras práticas culturais, no entanto encontramos tempos abarrotados de trabalho, de sofrimento do corpo, devido às obrigações cotidianas assumidas por elas e eles. De outra parte, há linhas abissais que separam as práticas de tempos livres entre homens e mulheres: de um lado estão os professores que aproveitam os tempos livres para o relaxamento e a descontração, mesmo sobressaindo as práticas de lazer doméstico e nos entornos da casa; de outro se encontram as mulheres liberadas das suas atividades profissionais, mas dedicadas ao trabalho da casa, à prole, às/aos companheiras/os, bem como ao trabalho residual da escola, aguçando também na docência as desigualdades, a exclusão e perpetuação da visão andrógena em relação à mulher. Desse modo, concluímos que nas temporalidades docentes fora da escola, professoras e professores vivenciam contínuos desequilíbrios temporais marcados pela escassez de tempos livres e excessos de obrigações cotidianas, atravessados por tensões, desafios e conflitos.

Constatamos que, o que convencionalmente chamamos de tempos livres, foi reduzido, nos tempos cotidianos docentes, em resíduos, sobras, restos temporais nos quais não cabem as obrigações cotidianas, quiçá atividades de lazer e de outras práticas culturais que propiciem a regeneração do corpo, a satisfação pessoal, o autodesenvolvimento e o prazer. Desse modo, os tempos para si mesma/o são quase inexistentes.

Os principais fatores da suspensão dos tempos livres são a baixa remuneração e a desvalorização, as quais se arrastam há décadas. Professoras e professores tendem a preencher os seus tempos que seriam livres, ampliando suas jornadas com outras atividades remuneradas, para sustentar as suas necessidades humanas. Constatamos que, na maior parte das famílias, há apenas um adulto que se responsabiliza pelas despesas da casa, geralmente a mulher, especialmente por causa das rupturas conjugais e/ou desemprego e subemprego dos seus cônjuges. Conseqüentemente, a ampliação das jornadas provoca a intensificação dos ritmos de trabalho, e a necessidade de tempos de preparação aumenta consideravelmente. Além disso, com o excesso de turmas e discentes, a produção de atividades multiplica-se e adentra os espaços privados das/dos docentes, ocupa seus curtos tempos que seriam livres, expropriam os tempos

que seriam das famílias e de si mesmas/os, tencionando-as/os, preocupando-as/os, estressando-as/os, não raro deixando-as/os infelizes.

Como o trabalho profissional e particular invade a casa, as obrigações domésticas se acumulam e se sobrepõem. Além disso, foram e são impostas às mulheres, historicamente, resguardando aos homens apenas o trabalho produtivo, produzindo desigualdades de gêneros em relação à realização do trabalho que é imprescindível a todos da casa, contudo recai somente sobre as professoras. Realizar os trabalhos domésticos nos interstícios dos turnos de trabalho, nas altas horas da noite, nos finais de semana e feriados, é uma ação naturalizada, como se esta fosse inerente a sua condição humana.

Em relação à suspensão dos tempos livres, verificamos que há, entre os sujeitos pesquisados, estratégias de resistência, bem como transgressão dos tempos de trabalho para vivência de outros tempos, como, por exemplo: manutenção de relacionamento em casas separadas, devido aos conflitos referentes especialmente a não divisão do trabalho doméstico; evasão do trabalho para vivência de atividades de lazer, de relaxamento e regeneração do corpo; reestruturação dos modos de avaliação, para diminuir o montante de atividades de alunos; utilização da reserva técnica na escola, para realização dos trabalhos escolares ou para tratamento da saúde, resolver assuntos particulares e para o embelezamento do corpo; resistência em levar trabalhos da docência para casa; escapar de uma reunião, dentre outros.

As consequências do trabalho sem fim ficam inscritas no corpo das/os professoras/es, impossibilitando-lhes de se regenerarem para continuar trabalhando, bem como viver atividades de lazer e de outras práticas culturais, negando-lhes assim as funções de recriação de energias laborais e de compensação do desgaste físico e mental, provocado pelas obrigações cotidianas, reificando o trabalho como categoria central na vida das/dos docentes, e o desgaste corporal como algo não compensável, devido às tarefas ininterruptas da vida social.

Ademais, essas consequências sobre o corpo são irreparáveis, pois são muitos tempos de trabalho e poucos tempos de relaxamento e regeneração em sua trajetória profissional e humana. O adoecimento, o cansaço físico e mental, o tédio e a depressão, dentre outros males estão circunscritos na corporeidade docente. Os corpos das professoras e professores são as próprias narrativas da sua condição humana: de um lado, cansados e exauridos do trabalho, concentrados e dedicados em suas obrigações cotidianas, preocupados e tensos, exigidos, desgastados, desprotegidos e doentes; de outro, em tempos interstícios, alegres, embelezados, descontraídos, apaixonados pela profissão, resilientes, sustentados pelos sonhos e utopia de novas e possíveis temporalidades que virão.

Nos interstícios dos tempos de trabalho localizam-se as atividades de tempo livre que sobram, que restam, que se realizam em tempos concomitantes, em frações de tempos raros e efêmeros. Essas atividades, em geral, são realizadas no interior da casa, como, por exemplo, assistir à TV, ver um filme no DVD, fazer um churrasco com familiares e amigos, dentre outras, que denominamos de domesticização do lazer, as quais ocorrem, em geral, nos finais de semana e em feriados. A maioria dessas atividades, nos tempos cotidianos docentes, é constituída por rotinas já definidas, tanto no decorrer da semana, quanto nos finais dela, impondo aos indivíduos um grau bastante elevado de regularidade das suas ações, ou seja, os professores, em geral, jogam futebol, assistem TV e filmes em DVD, conversam com amigas/os, visitam bares esporadicamente, programam churrasco, almoço e jantar entre familiares e amigas/os e de vez em quando vão à praia e festas. Já as professoras, em geral, assistem TV e filmes em DVD, conversam com amigas/os, programam churrasco, almoço e jantar entre familiares e amigas/os e de vez em quando vão à praia e festas, mas as atividades de lazer, além de ocorrerem em casa, são simultâneas ao trabalho doméstico: ouvem música e limpam a casa, assistem a programas televisivos e fazem o almoço e cuidam de filhas/os, dentre outros.

Desse modo, os tempos cotidianos dos professores são bem menos pesados e intensos do que aqueles experienciados pelas professoras, pois eles se preocupam exclusivamente com o trabalho da docência. Mesmo ampliando suas jornadas para 60 horas semanais, ainda lhes sobram tempos residuais para o lazer, enquanto as mulheres estão subsumidas pelas obrigações da casa, pelo cuidado de outras pessoas, lhes sobrando apenas tempos fraturados de lazer, que as deixam reclusas em suas casas.

Não podemos deixar de ressaltar que a quantidade de atividades mencionadas pelos sujeitos, e realizadas por eles, nos tempos chamados livres, é exorbitante. Isso significa que nos tempos cotidianos docentes suas atividades são simultâneas, sobrepostas, concatenadas, impressadas em frações mínimas de tempos liberados das obrigações profissionais.

Dentre as queixas de falta de tempo, aqueles dedicados para a família têm destaque especial. Geralmente os sujeitos referem-se à falta de tempo para os familiares, bem como a culpa em relação à qualidade e quantidade dos tempos dedicados a eles. São tempos que se resumem em cuidar, suprir as necessidades, com poucas doses de afeto, excessos de cobranças, especialmente em relação à prole. São tempos de passagens, são contatos em trânsito entre a escola e a casa.

Não podemos deixar de ressaltar que as atividades do chamado tempo livre, bem como a disposição das/os docentes são amplas, considerando que o seu espaço de vivência é centro

de lazer a céu aberto, contudo são limitadas, devido à falta de recursos financeiros para custeá-las, a escassez de tempo para vivenciá-las, a distinção em seus desfrutes, ou seja, estão muito mais para os visitantes do que para os moradores, dentre outras ambivalências imbricadas nas temporalidades cotidianas docentes.

De outro modo, não há liberdade para usar e distribuir tempos, mas para escolher, no conjunto do espectro das atividades de tempo livre, as que por ventura se adequem aos seus tempos disponíveis e as suas condições financeiras, pois na contemporaneidade os negócios de lazer são inquestionáveis, constituíram-se como grandes empresas de produção de riquezas. Além disso, a indústria cultural produz, em alta escala, equipamentos para entretenimento na casa, contribuindo para a reclusão, especialmente das classes populares, que na maioria das vezes não dispõem de condições financeiras para desfrutar do lazer em viagens nacionais e internacionais, visitas a parques temáticos, frequência em espetáculos e shows, dentre outros.

No contexto da educação esta pesquisa é pioneira, na qual buscamos mostrar, de forma ampla e panorâmica, a configuração dos tempos cotidianos docentes, especialmente aqueles que convencionalmente chamamos de tempos livres, priorizando seus fazeres, viveres, refletindo sobre as tensões, conflitos e desafios inerentes a sua vida social. Assim, a imersão na problemática da pesquisa está longe de ser concluída, e algumas questões ainda nos inquietam. Dentre elas destacamos:

A noção de tempo livre é uma categoria política carregada de sentidos, não se trata apenas da discussão binária tempos liberados versus tempos de trabalho. Nas fronteiras invisíveis desses dois tempos sociais, repousam relações de gênero, de geração, de classe. Em relação a esta última, nos referimos à distinção realizada pelos negócios de lazer, que ocupam e mercantilizam os tempos livres, considerando os rendimentos, as potencialidades e as disposições dos grupos sociais, além do processo silencioso da expropriação e cooptação dos tempos livres.

Os desequilíbrios temporais e a luta diária em conciliar os tempos cotidianos docentes constituem-se em uma das provas existenciais, a qual merece um amplo estudo e investigação, os quais não foram possíveis de realizarmos nessa etapa, pois somente através do mapeamento dessa e demais provas envolvendo esses desequilíbrios é que poderemos compreender não somente aspectos da vida pessoal docente, como também as vicissitudes e consequentemente os impactos nos tempos escolares.

Também nos parece relevante, estudos sobre os processos de subjetivação em relação às temporalidades docentes, ou seja, investigar que tempos precisam ser abandonados e/ou recriados e quais outros pedem passagem nas temporalidades docentes. Do mesmo modo,

investigar qual poder têm professoras e professores para produzir outros tempos e colocá-los em circulação na vida social, além de compreender as reações causadas em cada sujeito, após vivência de tempos escassos, de expropriação, de exaustão corporal, bem como depois de atividades que promovam a satisfação pessoal e o prazer.

De outra parte, faz-se necessário uma ampla discussão sobre os tempos livres, tanto em relação ao trabalho quanto em outros domínios dos tempos sociais, no intuito de se construir bases conceituais que também alcancem discussões sobre os tempos livres de docentes aposentadas/os, daqueles/las afastadas/os do trabalho, por adoecimento e mal estar, de discentes trabalhadoras/es, desempregadas/os, bem como aquelas/es privadas/os da liberdade, que atualmente estudam em presídios, dentre outros sujeitos que não estão vinculados ao trabalho, mas são sujeitos potencias de uma pesquisa sobre a temática em questão.

Por fim, a pesquisa nos convida à reflexividade sobre a escassez de tempos livres na experiência cotidiana das professoras e professores, fenômeno que tem consequentemente afetado o corpo, o desempenho no trabalho e a sua condição humana, no intuito de suscitar discussões e embasar ações direcionadas a uma nova configuração dos tempos de trabalho docente, com a diminuição dos tempos de aula, aumento significativo dos tempos de preparação e aumento progressivo dos tempos livres, para que professoras e professores possam escolher, fora da escola, atividades de lazer e outras práticas culturais que possibilitem a regeneração do seu corpo, após a jornada de trabalho.

De outra parte, também é importante refletir e intentar pela maximização da capacidade das mulheres professoras em conciliar seus tempos cotidianos, inclusive com tempos liberados do trabalho diferente entre homens e mulheres, já que estas possuem sempre uma jornada a mais de trabalho em casa.

As histórias relatadas pelas professoras e professores dessa pesquisa, sem exceção, foram profundamente importantes para a composição desse trabalho. Assim também, os sujeitos que as narraram, as escreveram em seus tempos interstícios, confiaram-nos a construção de outras histórias, tecidas e compartilhadas entre nós e eles. Parafraseando Milan Kundera, as personagens desse trabalho, suas ações, seus encantamentos e desencantamentos, são as nossas próprias possibilidades, são espelhos da nossa própria história. É o que faz com que gostemos igualmente de todas elas e também com que todas elas nos assustem igualmente um pouco, porque todas, sem exceção, atravessaram uma fronteira que nós também contornamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, nº. 113, p. 51-64, julho/2001.
- APPLE, Michael. **Ensino e Trabalho Feminino**: uma análise comparativa da história e ideologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 64, p. 14-23, Fev. de 1998.
- _____. **Trabalho Docente e Textos**: economia política das relações de classe e de gênero na educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ARAUJO, Emília. **Os tempos sociais e o mundo contemporâneo**. Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade – Universidade do Minho, 2010.
- _____. e DUQUE, Eduardo. **A espera e os estudos sociais do tempo e sociedade**. Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade – Universidade do Minho, 2012.
- ARAUJO, Cristina. Um Porto Seguro para os próximos 500 anos. **Bahia Análise & Dados**. Salvador, v15, nº. 2-3, p. 323-332, set/dez. 2005.
- ARAUJO, Marlene de. **Faces do corpo na condição docente**: um estudo exploratório. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004 (Dissertação).
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- _____. **Mestre educador, trabalhador**: organização do trabalho e profissionalização. Tese (livre docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 1985.
- AQUINO, Cássio Adriano Braz e MARTINS, José Clerton de. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-Estar e Subjetividade** – Fortaleza, V. VII, nº. 2, set/2007.
- AVILA, Maria Betânia. Divisões e tensões em torno do tempo do trabalho doméstico no cotidiano. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. 1ª impressão. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, 2010, p. 67-76.
- BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.
- BAHIA – Boletim Informativo da BAHIATURSA, maio de 2013.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais** (Coleção Pesquisa Qualitativa). Porto Alegre: Artmed, 2009.

BEAVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Lisboa: Quetzal Editores, 2006.

BOGDAN, R.C. e BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1980.

BOURDIEU, Pierre. In: NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) Pierre Bourdieu. **Escritos em Educação**. Petrópolis: Vozes1998.

BRUSCHINI, Cristina e AMADO Tina. Estudos sobre a mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo. Nº 64, p. 04 – 13. Fevereiro de 1988.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero?** Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano V. 1. Artes de Fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COELHO, Lina. **Mulheres, família e mercado de trabalho**: que desafios à regulação das economias pós-industriais? Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004 (Disponível em www.ces.uc.pt/publicações. Acesso em 20/05/2014).

COELHO, Thiago Coelho. Walter da Silveira e o clube de cinema da Bahia. **Revista de História**, vol. 02, nº. 02, p. 71-92, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**: uma análise de gênero, classe e profissionalismo no trabalho de professoras e professores de classes populares. Porto Alegre: Sulina 1995.

COUCHOT, Edmond. Reinventar o tempo na era do digital. INTERIN. Edição nº 4. Dezembro de 2007. Disponível em: <www.utp.br/interin/revista_interin.htm>. Acesso em 22 de junho de 2013.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

DESLAURIERS, Jean-Pierre e KÉRISIT, Michéle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DRUCK, Graça. Flexibilização e precarização: formas contemporâneas de dominação do trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, n. 37, p. 11-22, jul/dez. 2002.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

_____. Trabajo e Recreación In. Friedmann, y P Naville (eds) Tratado de Sociología del Trabajo, Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1978.

_____. Sociologia Empirica do Lazer. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIAS, Nibert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ELIAS, Nibert e DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESTEVES, José Manuel. **Profesores en conflicto**. Madri: Narcea, 1999a.

_____. Mudanças sociais e funções docentes. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1999b.

FANFANI, Emílio Tenti. **La escuela y la cuestión social: ensayos de Sociología de la Educación**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XIX, 2004.

FANGER, Elsie Mc Phail. **Voy atropelando tempos: género y tiempo libre**. México: Casa abierta ao tempo – Universidade Autônoma Metropolitana, 2006.

FILHO, Ubaldo. **Cidades com potencial turístico na Bahia**. Salvador, Editora da Bahia, 1976.

FONTANA, Romeu. **Porto Seguro: Memória Fotográfica**. Salvador. Edbahia, 2000.

_____. **Porto Seguro: aqui começou o Brasil**. Salvador: Agora, 2001.

FONTOURA, Natália e outros. Pesquisas de uso do tempo no Brasil: contribuições para a formulação de políticas de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal. **Revista Econômica**, Rio de Janeiro, v.12, n1, p. 11-46, junho de 2010.

FRAGO, António Viñao. Tiempo, historia y educación. **Revista Complutense de Educación**, vol. 5(2), p. 9-45, 1994.

FRIEDMANN, George. **Os lazeres e a insatisfação do trabalho: o trabalho em migalhas**. SP: Perspectivas, 1972.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, Liber Livro, 2012.

_____. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

GATTI, Bernadete e BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

GENTILLI, Pablo. A Falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo. Petropolis: Vozes, 1999.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A Consequência da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital**. São Paulo. Estação das letras e cores, 2007.

GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina e sexualidade do homem**: proposta para uma discussão. Ciências e Saúde Coletiva, vol. 8, nº 3, Rio de Janeiro, 2007.

GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. Trad. Ana Montoia. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. La conquête de L'autonomie. **Autogestions**. Paris, n. 8-9, p. 187-203, printemps, 1982.

_____. Adeus ao Proletariado: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HALL, E. T. **The Dance of Life**. New York. Anchor Press/Doubleday, 1984.

HARBERMAS, Jurgen. Notas sociológicas sobre la relación entre el trabajo el ocio. In: **Razón Concreta**. Bonn, G. Funks. Trad. Juan Carlos Mairão. Centro de Investigaciones sociológica da Universidad Autônoma de Barcelona. (mimeo), 1982.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalidad social. Tomo I. Madrid: Taurus, 1987.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**: crítica de la razón funcionalista. Tomo II. Madrid: Taurus, 1987.

_____. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo, Boitempo, 1984.

HARGREAVES, Andy. **Os professores em tempos de mudança**. Alfragide - Portugal: McGraw-Hill, 1998.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HEROLD JUNIOR, Carlos. **As relações entre corpo e trabalho**: contribuições críticas a educação. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

HIRATA, Helena. **Organização, Trabalho e Gênero**. São Paulo: Senac, 2008.

HUSTI, Aniko. Del tempo escolar uniforme a la planificación móvel del tiempo. **Revista de Educación**, n. 298, p. 271-305, 1992.

IANNI, Otávio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. As formas sociais do tempo. **Revista de Antropologia**, vol. 37, p. 57-82, 1994.

LASCH, Christopher. **Refúgio num momento sem coração. A família**: santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEFEBVRE, Henri e RÉGULIER, Catherine. El proyecto ritmoanalítico. In: TORRE, Ramon Ramos (Org.) **Tiempo y sociedad**. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média**: tempo, trabalho e cultura no ocidente.- Trad.: Maria Helena de Costa Dias- Lisboa: Editorial Estampa, 1996

LELIS, Isabel. O trabalho docente na escola de massa: desafios e perspectivas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, nº 29, jan/abr. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sérgio Ricardo; SHIRATORI, Ludmila. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres tem condições iguais? **Insper**. São Paulo: IBMEC, 2008.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: Eduel, 2003, p. 11-25.

MARCUSE, Herbert. **Ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história da modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTUCCELLI, Danilo. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires: Losada, 2002.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo**: La sociedad a escala Del individuo. Santiago – Chile: LOM Ediciones, 2007.

MARTUCCELLI, Danilo e ARAUJO, Kathya. **Desafíos comunes**: retrato de la sociedade chilena y sus individuos. Santiago: LOM ediciones, 2012.

MAYA, Paulo Valério Ribeiro. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. In: JACKUES, M. G. C, et al. (Org.) **Relações sociais e ética**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, 2004.

MILL, Daniel Ribeiro Silva. **Educação à distância e trabalho docente virtual**: sobre tecnologias, espaços, tempos, coletividades e relações de sexo na idade média. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MINAYO, Maria Célia de Souza. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Editora Hucitec, 2010.

_____. O Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, Nº. 9, 239-262, jul/set, 2004.

MUNNÉ, Frederic. **Psicosociología del tiempo libre**: um enfoque crítico. México: Trilhas, 1999.

NOVOA, António. **Le temps des professeurs**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

_____. Para um estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**, nº 4, 1991.

OLIVEIRA, Dalila. Os trabalhadores da educação e a construção da política da profissão docente no Brasil. **Educar em Revista, especial 1**, p. 17-35, 2010.

_____. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 25, nº. 89, p.1127-1144, set/dez, 2004.

_____. **As reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ORTIZ, Renato. Da modernidade incompleta à modernidade-mundo. **Idéias**, 5 (2)/5 (1): 145-172, 1999.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

POMIAN, Krzysztof. **El orden del tiempo**. Gijón: Júcar, 1990.

PORTO, Camba Marques. Os afazeres domésticos, trabalho doméstico remunerado e a proteção do Estado democrático de direito. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. 1ª impressão. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, 2010, p. 77-88.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Por um modelo brasileiro de modernidade**. Correio Brasiliense, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Sociedade**, Porto Alegre, n. 20, v. 2, jul./dez. 1995, p. 71-100.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no lóp da montanha-russa**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SIMMEL, George. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

_____. A sociabilidade. In: **Questões fundamentais da sociologia: individuo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOARES, Cristiane e SABOIA, Ana Lúcia. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional de Domicílios de 2001 a 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Por entre planos, fio e tempos: a pesquisa em Sociologia da Educação. In: ZAGO, Nadir e outras. **Itinerários de pesquisa: perspectiva qualitativa em sociologia da educação**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2011.

_____ e SILVA, Geovani de Jesus. Isto e Aquilo: sentimentos do tempo de professores/as In: MARQUES, Luciana Pacheco et all (Org). **Tempos: movimentos experienciados**. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2012.

_____. Urdiduras do tempo, viscos da vida narrativas de mulheres professoras. **VII Seminário do Redestrado: novas regulações na América Latina**. Buenos Ares, 2008.

_____ e SILVA, Luiz. Tempos docentes na internet: frequência, usos e significados. **Revista Extra-Classe**, nº. 1, V. 2, agosto/2008.

_____. Por entre planos, fios e tempos: a pesquisa em Sociologia da Educação. In: **Itinerários de Pesquisa: perspectivas em sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Tempos enredados: teias da condição professor**. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

_____. O tempo no registro da experiência. **Caderno de Ciências Sociais**. Belo Horizonte, v.6, nº 9 p. 43-53, ago. 1999.

TEDESCO, Juan Carlos e FANFANI, Emilio Tenti. Novos docentes e novos alunos. In: **Ofício de professor na América Latina e Caribe**. Brasília: Fundação Víctor Civita/UNESCO, 2004. p. 67-80.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Tradición, revuelta y consciência de classe**. Barcelona: Critica, 1984.

_____. **Tradicion, Revolta y Conciencia de Classe**. Grijaldo: Barcelona, 1967.

THOMPSON, John B. **The media and modernity**: a social teory of the media. Cambridge: Poliry, 1995.

TORNS, Tereza. El tempo de trabajo de la mujeres: entre la invisibilidade y la necessidade. In: CARRASCO, M. Cristina. **Tiempos, trabajos y gênero**. Barcelona: Publicacions e Ediciones UB, 2002, p. 133-147.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Claudia Pereira. **Ser-tão baiano**: a baianidade e a sertanidade no jogo identitário da cultura baiana. Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (disponível em www.enecult.ufba.br/ivenecult - acesso em 2008).

VAZ, Paulo. **Forum Media**. Viseu. V. 1 nº. 1, p. 101 – 111, 1998.

VIEIRA, Cristina e RELVAS, A. **A(s) vida(s) do professor**: escola e família. Coimbra: Quarteto Editora, 2003.

VILHAÇA, Nizia; FRED Gois. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

WEBER, Erich. **El problema del tempo livre**. Madrid: Editora Nacional, 1969.

ANEXO I
Distribuição dos Sujeitos da Pesquisa por Instrumento
de Investigação (Sexo Feminino)

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL
PESQUISA:**

Tempos cotidianos de professores e professoras fora da escola: outras histórias

**Distribuição dos Sujeitos da Pesquisa por Instrumento de Investigação
(Sexo Feminino).**

Nome	Idade	Sexo	C/H Docente	Cor/Raça	Nível/Modalidade de Ensino				Instrumentos de Pesquisa			
					E.I	EF1	EF2	EM	Q	E	CI	GF
Alice	36	F	40	Branca	X				X		X	X
Alicinha	47	F	40	Negra		X					X	
Jocélia	45	F	40	Negra	X	X					X	
Ana	32	F	40	Negra			X				X	X
Claudia	30	F	40	Branca		X						X
Nil	48	F	40	Negra			X					X
Alba	38	F	40	Negra			X				X	
Élida	45	F	40	Branca			X				X	
Flávia	37	F	40	Branca	X	X					X	
Lúcia	35	F	40	Parda			X				X	X
Luz	43	F	60	Negra							X	
Maria	36	F	40	Parda			X		X			X
Lucy	34	F	40	Parda		x						x
Joyce	53	F	40	Parda		x					x	
Mary	43	F	40	Parda	X							X
Jose	46	F	40	Negra		X						X
Dulce	48	F	40	Preta			X					X
Jamine	36	F	60	Negra			X	X	X			
Telma	34	F	60	Negra			X	X	X			
Anita	47	F	40	Negra			X					X
Lívia	37	F	60	Branca			X	X			X	
Kelle	35	F	60	Branca			X	X			X	
Vânia	43	F	40	Negra		X					X	
Sil	45	F	40	Preta			X				X	
Jaqueline	32	F	40	Preta			X				X	X
Vivi	32	F	40	Negra				X			X	
Joana	42	F	40	Negra			X					X
Zilma	43	F	40	Branca			X				X	
Marcela	33	F	60	Preta			X	X		X		
Irene	57	F	40	Negra			X			X		
Cecília	56	F	40	Preta						X		

ANEXO II
Distribuição dos Sujeitos da Pesquisa por Instrumento
de Investigação (Sexo Masculino).

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL
PESQUISA:

Tempos cotidianos de professores e professoras fora da escola: outras histórias

Distribuição dos Sujeitos da Pesquisa por Instrumento de Investigação
(Sexo Masculino).

Nome	Idade	Sexo	C/H Docente	Cor/Raça	Nível/Modalidade de Ensino				Instrumentos de Pesquisa			
					E.I	EF1	EF2	EM	Q	E	CI	GF
Jonas	42	M	80	Negra			X	X			X	
Márcio	40	M	60	Branca			X	X			X	
Jorge	28	M	80	Preta		X		X	X			X
Xavier	50	M	60	Preta			X	X	X			X
Jaime	41	M	40	Preta		X					X	
Silvio	48	M	60	Negra			X	X				X
Kaká	42	M	40	Branca			X				X	
Flávio	26	M	40	Preta			X		X			X
John	38	M	60	Preta			X	X			X	
Edy	40	M	40	Preta			X					X
Naldo	33	M	40	Preta			X			X		
Tárcio	28	M	40	Branca			X			X		
Daniel	38	M	70	Preta			X		X			x
Kleber	33	M	40	Preta			X					X
Victor	28	M	60	Negra			X	X	X			X
Adilson	41	M	60	Negra			X		X			X
Sérgio	26	M	40	Negra		X	X			X		X

ANEXO III
Instrumento da Pesquisa - Questionário

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL
PESQUISA:
TEMPOS COTIDIANOS DE PROFESSORES E PROFESSORAS FORA DA
ESCOLA: OUTROS TEMPOS, MUITAS HISTÓRIAS.**

PREZADO/A COLEGA,

Convido-lhe a participar, como colaborador/a voluntário/a, na pesquisa da minha tese de doutoramento, intitulada **Tempos cotidianos de professores e professoras fora da escola: outros tempos, muitas histórias**, sob a orientação da Dra. Inês Teixeira, que pretende analisar e discutir as configurações da experiência do tempo extraescolar de professores e professoras da Educação Básica de Porto Seguro. Esse questionário consiste na primeira parte da pesquisa e tem por finalidade investigar os usos e distribuição dos tempos de professores e professoras fora da escola. A sua participação será de suma importância, pois, apesar de não obter benefícios diretos, você contribuirá para a compreensão do problema estudado e para a produção de conhecimento científico sobre os professores, as professoras e suas vidas. Como responsável por este estudo, comprometo-me em manter sigilo de todos os seus dados pessoais, bem como das informações coletadas no questionário.

Desde já, agradeço a sua valiosa participação, comprometendo-me em compartilhar com você os resultados da pesquisa, tanto durante a realização da pesquisa, caso seja do seu interesse, quanto após a conclusão da mesma, quando farei a apresentação pública aos colaboradores, colaboradoras e demais pessoas interessadas. Qualquer dúvida quanto às questões do questionário ou outras informações sobre o trabalho, não hesitem em perguntar, pois estou à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Um grande abraço do seu colega,



(73) 9973-1933 – geovanideporto@yahoo.com.br

QUESTIONÁRIO

PARTE I – VISÃO GERAL DA ROTINA FORA DA ESCOLA

NOME (OPCIONAL) _____ DATA ____/____/____

1. Caro/a Colega, tomando como base a rotina de uma semana qualquer fora da escola, me conte o que você faz fora da escola nos dias da semana abaixo:

SEGUNDA-FEIRA

TERÇA-FEIRA

QUARTA-FEIRA

QUINTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA

SÁBADO

DOMINGO

2. Agora que você descreveu o que costuma fazer nos seus tempos cotidianos fora da escola, em cada dia da semana, analise o que descreveu e informe abaixo quais as atividades mais recorrentes, ou seja, de um modo geral o que você costuma mais fazer?

3. Se você pudesse mudar os usos e a distribuição dos seus tempos cotidianos fora da escola, o que e como você faria?

4. Conte-me como você se sente nos seus tempos cotidianos fora da escola. Por que se sente assim?

PARTE 2 - TEMPOS COM TRABALHO DE PROFESSOR/A FORA DA ESCOLA

2.1. Quanto ao TRABALHO DE PROFESSOR/A FORA DA ESCOLA, você:

- a) faz b) não faz c) às vezes faz d) muito raramente faz

(SE RESPONDEU NÃO REALIZA, SIGA PARA A QUESTÃO 3)

2.1.1. Se a sua resposta foi FAZ, ÀS VEZES FAZ ou MUITO RARAMENTE FAZ, diga-me que trabalhos/tarefas de professor/a e da docência são realizados por você fora da escola.

2.1.2. Quantas horas, em média, você dedica às tarefas de professor/a fora da escola por semana?

- a) até uma hora por semana
b) de 01h até 05h por semana
c) de 05h até 10h por semana
d) de 10h até 15h por semana
e) de 15h até 20h por semana
f) de 20h até 25h por semana
g) de 25h até 30h por semana
h) de 30h até 35h por semana
i) de 35 até 40h por semana
j) mais de 40 horas por semana

2.1.2. Você recebe ajuda de alguém nas tarefas de professor/a fora da escola?

- a) Sim b) às vezes c) não

2.1.3. SE você respondeu SIM ou ÀS VEZES, informe abaixo quem o auxilia nessas tarefas.

PARTE 3. TEMPOS PARA O CUIDADO COM OS FILHOS/AS

3. Você tem filhos? a) Sim b) Não

(SE NÃO TIVER FILHOS/AS, PASSE PARA A QUESTÃO 4).

3.1. Informe o sexo e idade dos filhos/as, do mais velho para o mais novo.

Filho	2.2.1. Idade	2.2.2. Sexo	Filho	2.1.1. Idade	2.1.2. Sexo
1º			4º		
2º			5º		
3º			6º		

3.1.1. Os seus/suas filhos/as moram com você? a) Sim b) Em alguns períodos c) Não

3.1.2. Se você respondeu NÃO ou EM ALGUNS PERÍODOS, com quem os seus filhos e/ou as suas filhas moram?

(SE SEUS/AS FILHOS/AS NÃO MORAM COM VOCÊ, SIGA PARA A QUESTÃO 4)

3.1.3. Quando você vai trabalhar, com quem ficam os seus filhos e/ou as suas filhas menores?

Filhos/as	Turnos		
	Manhã	Tarde	Noite
1º			
2º			
3º			
4º			
5º			
6º			

3.1.4. Quantas horas por semana, aproximadamente, você dedica aos/as filhos/as?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

3.1.5. Escreva abaixo quais os cuidados, atividades culturais, de lazer, religiosas dentre outras que você costuma fazer com seus filhos e/ou filhas fora da escola.

3.1.6. Você conta com a ajuda de alguém para cuidar dos seus filhos e/ou das suas filhas?

- a) () Sim b) () Não c) () Às vezes

3.1.7. Se você respondeu SIM ou ÀS VEZES, de quem você costuma receber ajuda para cuidar dos seus filhos e/ou das suas filhas?

Como você se sente em relação aos tempos dedicados aos/as seus/suas filhos/as?

PARTE 4 - TEMPOS COM TRABALHO DOMÉSTICO

4.1. Em relação aos TRABALHOS DOMÉSTICOS:

- a) () é você que sempre os faz b) () não é você quem os faz c) () você os faz às vezes

4.1.1. Se não é você quem faz os trabalhos domésticos, quem os faz?

(SE NÃO É VOCÊ QUEM FAZ OS TRABALHOS DOMÉSTICOS, SIGA PARA A QUESTÃO 5)

4.1.2. Quantas horas por semana, aproximadamente, você dedica às atividades domésticas?

- a) () até uma hora por semana
b) () de 01h até 05h por semana
c) () de 05h até 10h por semana
d) () de 10h até 15h por semana
e) () de 15h até 20h por semana
f) () de 20h até 25h por semana
g) () de 25h até 30h por semana
h) () de 30h até 35h por semana
i) () de 35 até 40h por semana
j) () mais de 40 horas por semana

4.1.3. Você conta com a ajuda de alguém para realizar as atividades domésticas?

- a) () Sim b) () Não c) () Às vezes

4.1.4. Se você respondeu SIM ou ÀS VEZES, de quem você costuma receber ajuda para fazer os trabalhos domésticos?

4.1.5. Pense nos trabalhos domésticos que você costuma fazer em sua casa e, em seguida, cite-os abaixo:

4.1.6. Como você se sente nesses tempos dedicados aos trabalhos domésticos?

PARTE 5 - TEMPOS PARA RELIGIÕES, LAZER, PRÁTICAS CULTURAIS E ESPORTES

5.1. Em relação a alguma/s RELIGIÃO/ÕES você:

- a) () pratica b) () não pratica c) () pratica às vezes

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO PRÁTICA, SIGA PARA A QUESTÃO 5.2)

5.1.1. Se você respondeu PRÁTICA ou PRÁTICA ÀS VEZES, Escreva abaixo qual/is a/s religião/ões que você pratica ou já praticou e há quanto tempo.

Religião/ões	Há quanto tempo você pratica essa/as religião/ões?

5.1.2. Quantas horas por semana, aproximadamente, você dedica à prática religiosa?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

5.2. Quanto a assistir TV fora da escola, você: a) () assiste b) () não assiste c) () assiste às vezes

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO ASSISTE, SIGA PARA A QUESTÃO 5.3)

5.2.1. Se a sua resposta foi ASSISTE ou ASSISTE ÀS VEZES, quais os programas a que você costuma assistir?

5.2.2. Quantas horas por semana, aproximadamente, você assiste à programação de TV?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

5.3. Quanto ao uso do COMPUTADOR fora da escola, você: a) () usa b) () não usa c) () às vezes usa

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO USA, SIGA PARA A QUESTÃO 5.4)

5.3.1. Se a resposta foi USA ou ÀS VEZES USA, o que você costuma fazer quando usa o computador?

5.3.2. Quantas horas por semana, aproximadamente, você se dedica ao uso do computador, exceto internet?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

5.4. Em relação à INTERNET você:

- a) () costuma acessar b) () não costuma acessar c) () costuma acessar, às vezes

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO COSTUMA ACESSAR, SIGA PARA A QUESTÃO 5.5)

5.4.1. Se a resposta foi COSTUMA ACESSAR ou COSTUMA ACESSAR, ÀS VEZES, o que você faz na internet?

5.4.2. Quantas horas por semana, aproximadamente, você dedica para acessar a internet?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

5.4.3. Em relação às redes sociais na internet, você:

- a) () participa sempre b) () não participa c) () participa às vezes

(SE A SUA RESPOSTA FOI NÃO PARTICIPA, SIGA PARA A QUESTÃO 5.5)

5.4.4. Se você respondeu PARTICIPA SEMPRE ou PARTICIPA ÀS VEZES, marque abaixo quais as redes sociais virtuais que você mais tem acesso.

- | | |
|------------------|----------------------------------|
| a) () Twitter | f) () Skype |
| b) () Orkut | g) () Chat |
| c) () face book | h) () Outros(especificar) _____ |
| d) () blog | |
| e) () MSN | |

5.4.5. Quantas horas por semana, aproximadamente, você se dedica as redes sociais citadas acima?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

5.5. Em relação à LEITURA fora da escola, você: a) () costuma ler b) () não costuma ler c) () às vezes lê

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO COSTUMA LER, SIGA PARA A QUESTÃO 5.6)

5.5.1. Se a sua resposta foi COSTUMA LER ou ÀS VEZES LÊ, o que você lê fora da escola?

5.5.2. Em geral, quantas horas por semana, aproximadamente, você dedica à leitura?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

5.6. Em relação à prática de ASSISTIR A FILMES você:

- a) () costuma assistir b) () não costuma assistir c) () às vezes assiste

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO COSTUMA ASSISTIR, SIGA PARA A QUESTÃO 5.7)

5.6.1. Com que frequência você costuma assistir a filmes fora da escola?

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| a) () todos os dias | g) () duas vezes por mês |
| b) () uma vez na semana | h) () três vezes por mês |
| c) () duas vezes na semana | i) () bimestralmente |
| d) () três vezes na semana | j) () Outros (especificar) |
| e) () somente nos finais de semana | _____ |
| f) () uma vez por mês | _____ |

5.7. Em relação a assistir espetáculos no TEATRO, você: a) () assiste b) () não assiste c) () às vezes assiste

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO ASSISTE, SIGA PARA A QUESTÃO 5.8)

5.7.1. Com que frequência você costuma ir ao teatro?

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| a) () todos os dias | h) () três vezes por mês |
| b) () uma vez na semana | i) () bimestralmente |
| c) () duas vezes na semana | j) () Outros (especificar) |
| d) () três vezes na semana | _____ |
| e) () somente nos finais de semana | _____ |
| f) () uma vez por mês | |
| g) () duas vezes por mês | |

5.8. Quanto ao gosto de OUVIR MÚSICA, você:

- () costuma ouvir b) () não costuma ouvir c) () às vezes ouve

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO COSTUMA OUVIR, SIGA PARA A QUESTÃO 5.9)

5.8.1. Se você respondeu COSTUMA OUVIR ou ÀS VEZES OUVIR, que tipo de música você costuma ouvir?

5.8.2. Com qual frequência você costuma ouvir música fora da escola?

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| a) () todos os dias | g) () duas vezes por mês |
| b) () uma vez na semana | h) () três vezes por mês |
| c) () duas vezes na semana | i) () bimestralmente |
| d) () três vezes na semana | j) () Outros (especificar) |
| e) () somente nos finais de semana | _____ |
| f) () uma vez por mês | _____ |

5.9. Em relação à ida à PRAIA, você: a) () vai sempre b) () nunca vai c) vai às vezes

(SE VOCÊ RESPONDEU NUNCA VAI, SIGA PARA A QUESTÃO 5.10)

5.9.1. Se você VAI SEMPRE ou VAI ÀS VEZES, com que frequência você costuma ir à praia?

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| a) () todos os dias | g) () duas vezes por mês |
| b) () uma vez na semana | h) () três vezes por mês |
| c) () duas vezes na semana | i) () bimestralmente |
| d) () três vezes na semana | j) () Outros (especificar) |
| e) () somente nos finais de semana | _____ |
| f) () uma vez por mês | _____ |

5.10. A cidade de Porto Seguro é conhecida mundialmente, por causa da sua beleza natural, valor histórico, também pelas FESTAS que ocorrem nas casas de shows, todos os dias da semana. Em relação a essas festas, você:

- a) () vai sempre b) () nunca vai c) vai às vezes

(SE VOCÊ RESPONDEU NUNCA VAI, SIGA PARA A QUESTÃO 5.11)

5.10.1. Se você VAI SEMPRE ou VAI ÀS VEZES, com que frequência você costuma ir a essas festas?

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| a) () todos os dias | g) () duas vezes por mês |
| b) () uma vez na semana | h) () três vezes por mês |
| c) () duas vezes na semana | i) () bimestralmente |
| d) () três vezes na semana | j) () Outros (especificar) |
| e) () somente nos finais de semana | _____ |
| f) () uma vez por mês | _____ |

5.10.2. Em relação a festas em outros lugares, você:

- a) () participa sempre b) () não participa c) () participa às vezes

5.10.3 Com que frequência você costuma se divertir fora de Porto Seguro?

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| a) () todos os dias | h) () três vezes por mês |
| b) () uma vez na semana | i) () bimestralmente |
| c) () duas vezes na semana | j) () somente nas férias |
| d) () três vezes na semana | l) () Outros (especificar) |
| e) () somente nos finais de semana | _____ |
| f) () uma vez por mês | _____ |
| g) () duas vezes por mês | _____ |

5.11. Em relação a TRABALHOS MANUAIS, ARTESANATO E SIMILARES, você:

- a) () faz sempre b) () não faz c) () faz às vezes

(SE VOCÊ RESPONDEU NÃO COSTUMA FAZER, SIGA PARA A QUESTÃO 5.12)

5.11.1. Se você respondeu que FAZ SEMPRE, ou FAZ ÀS VEZES, escreva abaixo quais os trabalhos manuais, artesanatos e similares você costuma fazer.

5.11.2. Com que frequência você costuma fazer as atividades citadas acima?

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| a) () todos os dias | g) () duas vezes por mês |
| b) () uma vez na semana | h) () três vezes por mês |
| c) () duas vezes na semana | i) () bimestralmente |
| d) () três vezes na semana | j) () Outros (especificar) |
| e) () somente nos finais de semana | _____ |
| f) () uma vez por mês | _____ |

5.12. De um modo geral, o que você faz para se divertir em seus tempos cotidianos fora da escola?

5.13. Conte-me como você se sente nesses seus tempos de diversão fora da escola.

PARTE 6 - TEMPOS COM CUIDADO COM O CORPO E A SAÚDE

6.1. Em relação à prática de ATIVIDADES FÍSICAS, você:

- a) () pratica sempre b) () não pratica c) () pratica às vezes

(SE A SUA RESPOSTA FOI NÃO PRÁTICA, SIGA PARA A QUESTÃO 6.3.)

6.1.1. Se a sua resposta foi PRÁTICA ou PRÁTICA ÀS VEZES, quantas horas, aproximadamente, você dedica a essa atividade por semana?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

6.1.2. Se você respondeu que PRATICA SEMPRE ou PRATICA ÀS VEZES, escreva abaixo quais as atividades físicas individuais que você faz com mais frequência.

6.1.3. Em relação às ATIVIDADES FÍSICAS NA ACADEMIA, você:

- a) () faz sempre b) () não faz c) () faz às vezes d) () não faz na academia, mas faz em casa

6.1.4. Se você respondeu FAZ SEMPRE ou FAZ ÀS VEZES, quantas horas por semana, aproximadamente, você dedica a atividades físicas na academia?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

6.1.5. Se você respondeu NÃO FAZ NA ACADEMIA, MAS FAZ EM CASA, quantas horas por semana, aproximadamente, você dedica a atividades físicas em casa?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

6.1.6. Quanto aos equipamentos necessários para fazer atividades físicas em casa, você:

- a) () possui b) () não possui

6.1.7. Se você respondeu POSSUI, quais instrumentos para atividades físicas você tem em sua casa?

6.2. Em relação à PRÁTICA DE ESPORTES COLETIVOS, você:

- a) () pratica sempre b) () não pratica c) () pratica às vezes

(SE A SUA RESPOSTA FOI NÃO PRATICA, SIGA PARA A QUESTÃO 6.3)

6.2.1. Se a sua resposta foi PRATICA ou PRATICA ÀS VEZES, quantas horas, aproximadamente, você dedica a essa atividade por semana?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

6.2.2. Escreva abaixo quais os esportes que você pratica com mais frequência.

6.3. Quanto aos cuidados com o corpo, referentes à estética/beleza, você:

a) () cuida sempre b) () não cuida c) () cuida às vezes

(SE A SUA RESPOSTA FOI NÃO CUIDA, SIGA PARA A QUESTÃO 6.4)

6.3.1. Se você respondeu CUIDA SEMPRE ou CUIDA ÀS VEZES, onde cuida da beleza?

6.3.2. Quantas horas por semana, aproximadamente, você dedica ao cuidado, ao embelezamento do corpo?

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | l) () Outros (especificar) _____ |
| e) () de 15h até 20h por semana | |
| f) () de 20h até 25h por semana | |
| g) () de 25h até 30h por semana | |

6.4. Em relação aos CUIDADOS COM A SAÚDE, você:

- a) () vai ao médico regularmente
b) () não vai ao médico regularmente
c) () só vai ao médico quando já está doente
d) () outros (especificar) _____

6.4.1. Durante o ano de 2012, você foi ao médico:

- | | |
|---------------------------|------------------------------|
| a) () nenhuma vez | d) () quatro ou cinco vezes |
| b) () uma vez | e) () seis vezes |
| c) () duas ou três vezes | f) () mais de seis vezes |

6.4.2. Você já se licenciou do trabalho escolar por motivo de doença?

- a) () Sim b) () Não c) () Tive a necessidade, mas não licenciei
Motivo: _____

6.4.2.1. Se a resposta foi SIM, por quanto tempo? _____

6.4.2.2. Ficou beneficiado/a pelo INSS? a) () Sim b) () Não

6.4.2.3. Se a sua resposta foi SIM, me conte como você se sentiu nos tempos em que foi beneficiário/a do INSS.

6.4.2.4. Em relação a FAZER TERAPIA, você?

- a) () não faço b) () faz sempre c) () faz às vezes d) () não faz, mas precisa
e) () já fez

7.2. Em relação às práticas sexuais, você:

- a) () pratica sempre b) () não pratica c) pratica às vezes

7.3. Em relação aos grupos de convivência relacionados abaixo, informe no quadro abaixo quantas horas, aproximadamente, você dedica a cada uma deles:

Ord.	Grupos	Horas/média por semana										
		Nenhuma	até uma hora	de 01h até 05h	de 05h até 10h	de 10h até 15h	de 15h até 20h	de 20h até 25h	de 25h até 30h	de 30h até 35h	de 35 até 40h	mais de 40h.
a)	Familiares											
b)	Internautas (face, twitter, dentre outros)											
c)	Religiosos											
d)	Amigos											
e)	Colegas de trabalho (fora da escola)											
f)	Vizinhos											
g)	Associativos (sindicatos, associações, partidos políticos, outros)											
h)	Clubes ou grupos esportivos											
i)	Outros (especificar)											

7.4. Em relação ao deslocamento casa-escola, escola-escola, escola-casa, quantas horas em média, você dedica a essa atividade por dia?

7.4.1. Como você costuma se locomover de casa para a escola, da escola para escola e da escola para casa?

7.5. Em seus tempos cotidianos você costuma fazer duas ou mais coisas ao mesmo tempo?
Se a sua resposta for positiva, quais as atividades que você costuma fazer ao mesmo tempo?

7.6. Você costuma ficar, em algum período de tempo, sem fazer nada, liberado/a das obrigações do trabalho durante a semana?
a) () Sim, sempre b) () Não, nunca c) Às vezes d) () Muito Raramente

7.6.1. Se você respondeu SIM, ÀS VEZES ou MUITO RARAMENTE, quanto tempo por semana, em média, você consegue ficar assim:

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| a) () até uma hora por semana | f) () de 20h até 25h por semana |
| b) () de 01h até 05h por semana | g) () de 25h até 30h por semana |
| c) () de 05h até 10h por semana | h) () de 30h até 35h por semana |
| d) () de 10h até 15h por semana | i) () de 35 até 40h por semana |
| e) () de 15h até 20h por semana | j) () mais de 40 horas por semana |

7.6.2. Como você se sente nesses tempos citados acima?

PARTE 9 – IDENTIFICAÇÃO

9.1. Bairro _____

9.2. Sexo: a) () masculino b) () feminino

9.3. Cor: a) () branca b) () parda c) () preta d) () amarela e) () indígena

9.4. Idade/Faixa etária

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| a) () menos de 21 anos | f) () de 41 a 45 anos |
| b) () de 21 a 25 anos | g) () de 46 a 50 anos |
| c) () de 26 a 30 anos | h) () de 51 a 55 anos |
| d) () de 31 a 35 anos | i) () de 56 a 60 anos |
| e) () de 36 a 40 anos | j) () mais de 60 anos |

9.5. Com quem você mora:

- a) () sozinho/a
b) () com meu pai, minha mãe e meus/minhas irmãos/as
c) () com meu/minha filho/a (filhos/filhas)
d) () com meu/minha companheiro/a e com meu/minha filho/a (filhos/filhas)
e) () somente eu e meu/minha companheiro/a
f) () outros parentes (especificar) _____
g) () com uma/um amigo/a (amigos/as)
h) () outros - (especificar) _____

9.6.5. Quantas horas, em média, você dedica às tarefas de renda complementar por semana?

- a) () até uma hora por semana
 b) () de 01h até 05h por semana
 c) () de 05h até 10h por semana
 d) () de 10h até 15h por semana
 e) () de 15h até 20h por semana
 f) () de 20h até 25h por semana
 g) () de 25h até 30h por semana
 h) () de 30h até 35h por semana
 i) () de 35 até 40h por semana
 j) () mais de 40 horas por semana

9.7. Formação acadêmico-profissional (se houver mais de um curso, favor informar todos).

Níveis	Cursos	Instituição de Origem	Ano de Conclusão	Situação atual no curso *		
				EC	C	T
1. Ensino Médio						
2. Ensino Superior: Graduação						
3. Ensino Superior: Pós-graduação	Lato Sensu - Especialização					
	Stricto Sensu – Mestrado					
	Stricto Sensu - Doutorado					

***Legenda: EC= Em curso C = Concluído T- Trancado**

9.8. USOS E DISTRIBUIÇÃO DOS TEMPOS COM TRABALHO ESCOLAR

9.8.1. Há quanto tempo você trabalha como professor/a? _____

9.8.2. Quais as disciplinas/componentes curriculares que você leciona? _____

9.8.3. Preencha o quadro abaixo informando a sua situação atual de trabalho no magistério

Informe nessa coluna a/s escola/s em que você trabalha Em cada turno abaixo:	A escola pertence à rede...			Qual o nível e/ou modalidade em que trabalha?				Onde está localizada a Escola ? (Cidade e Bairro/Centro/Distrito)	Qual o tempo de Trabalho na escola (total de anos e meses)	Qual o seu vínculo funcional ?			Quais os dias da semana em que você trabalha nessa escola?					Qual o cargo/ função que você ocupa?			Qual a carga horária de trabalho docente?							
	Estadual	Municipal	Privada	Educação Infantil	Ensino Fundamental I	Ensino Fundamental II	Ensino Médio			Ensino Superior	Concursado	Contratado	Outros: especificar embaixo da tabela **	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Professor/a	Coordenador/a Pedagógico/a	Secretário/a	Diretor/a ou Vice-Diretor	Número de Turmas	Quant. de horas em Sala de aula por semana	Quant. de horas se AC - Atividades Complementares – por semana	Carga horária total (soma de horas de sala de aula com as de AC).	
MAT.																												
VESP																												
NOT.																												

